

FAUNA AMEAÇADA
DE EXTINGUIÇÃO NO
ESTADO DE SÃO PAULO

VERTEBRADOS

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE
FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLÓGICO DE SÃO PAULO

FAUNA AMEAÇADA
DE **EXTINÇÃO** NO
ESTADO DE SÃO PAULO

VERTEBRADOS

coordenação geral

Paulo Magalhães Bressan
Maria Cecília Martins Kierulff
Angélica Midori Sugieda

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE
FUNDAÇÃO PARQUE ZOOLÓGICO DE SÃO PAULO

São Paulo
2009

FAUNA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO VERTEBRADOS

Design gráfico
Griphos Comunicação & Design
www.griphos.art.br

Confecção dos mapas
Ciro Koiti Matsukuma e Sérgio Camargos Borgo

Revisão
Newton Mizuho Miura e Hilda Araújo

CTP, Impressão e Acabamento
Imprensa Oficial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FAUNA AMEAÇADA DE EXTINÇÃO NO ESTADO DE SÃO PAULO: VERTEBRADOS / coordenação geral: Paulo Magalhães Bressan, Maria Cecília Martins Kierulff, Angélica Midori Sugieda. -- São Paulo: Fundação Parque Zoológico de São Paulo: Secretaria do Meio Ambiente, 2009.

Vários colaboradores
Bibliografia
ISBN 978-85-63001-00-9

1. Espécies em extinção 2. Vertebrados - São Paulo (SP) I. Bressan, Paulo Magalhães. II. Kierulff, Maria Cecilia Martins. III. Sugieda, Angélica Midori.

09-08895

CDD-596

Índices para catálogo sistemático:
1. São Paulo : Vertebrados : Espécies em extinção : Zoologia 596

Compromisso com a fauna

São Paulo inovou, em 1998, ao publicar pela primeira vez a lista das espécies ameaçadas de extinção no Estado. Agora, passada uma década, o Estado atualiza a lista e investe como nunca na proteção de sua fauna silvestre. Adota, desta vez, a metodologia internacional de avaliação, possibilitando realizar comparativos com as demais regiões do mundo. Mais, compromete-se o governo, por meio da Secretaria do Meio Ambiente, a realizar a atualização da lista a cada quatro anos.

Listas de espécies ameaçadas representam importante instrumento para a conservação da fauna, pois a partir da identificação das espécies ameaçadas e das ameaças é possível propor medidas que revertam o processo de declínio e extinção das espécies. Estas publicações também auxiliam na tomada de decisões sobre o licenciamento de empreendimentos, ajudando na definição de áreas e habitats prioritários para a conservação. Estratégias de conservação da fauna e de educação ambiental ficam mais bem alicerçadas a partir da lista das espécies ameaçadas.

As principais novidades da lista atual compreendem, primeiro, o elevado número de espécies do Cerrado ameaçadas de extinção, devido ao estado de destruição e fragmentação do bioma no Estado de São Paulo; segundo, o expressivo número de espécies classificadas como Dados Deficientes (DD) – 161 espécies muito pouco pesquisadas e sobre as quais não existem informações suficientes; e, terceiro, a divulgação, pela primeira vez, da lista de espécies marinhas ameaçadas no Estado.

Agora publicada essa nova lista, precisamos nos apoiar em dois pilares complementares: o da fiscalização e o da pesquisa ambiental. Vem aí muito trabalho para garantir que estas espécies ameaçadas permaneçam coexistindo conosco, bem como outras não passem a integrar esse preocupante “livro vermelho”. Os animais merecem o respeito da civilização humana.

Xico Graziano

Secretário de Estado do Meio Ambiente

Apresentação

Ecom imensa satisfação que a Fundação Parque Zoológico de São Paulo (FPZSP) apresenta esta edição revisada e atualizada da lista da fauna ameaçada do Estado de São Paulo. Esta publicação condensa as mais recentes informações sobre a atual situação das espécies de vertebrados que ocorrem nos diversos ecossistemas presentes em nosso Estado. A seriedade na condução de todas as etapas percorridas ao longo deste trabalho nos permite afirmar que ele resultou em um retrato fiel da nossa realidade faunística. Uma realidade inquietante, que nos convida a todos, entidades públicas e privadas, estudantes e pesquisadores, formadores de opinião e cidadãos em geral, a refletir sobre as reais implicações dos dados aqui apresentados e buscar soluções efetivas para a conservação da nossa biodiversidade.

Esta atualização foi realizada sob a coordenação geral da Fundação Parque Zoológico de São Paulo, que em 2005 passou a presidir o Programa de Proteção à Fauna Silvestre (PPFS), no âmbito da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (SMA), à qual a FPZSP está vinculada. A partir de 2007, o PPFS veio a integrar a lista dos programas prioritários da atual gestão da Secretaria, sob a denominação de Projeto Ambiental Estratégico da Fauna Silvestre, cujos principais objetivos são a normatização da proteção da fauna silvestre; a instalação de locais de recebimento de animais silvestres capturados; e o combate ao comércio ilegal de animais silvestres.

O processo de atualização da lista das espécies ameaçadas do Estado foi concluído com a publicação do Decreto nº 53.494, de 2 de outubro de 2008, que constitui um instrumento de caráter científico e legal por meio do qual são traçadas as políticas públicas de preservação ambiental, entre muitos outros desdobramentos.

Para esse trabalho, a FPZSP contou com apoio incondicional de seu Conselho Superior, e a indispensável colaboração de diversas instituições ligadas à SMA, como o Instituto Florestal e a Fundação Florestal, institutos de pesquisa e museus ligados às mais importantes universidades no Estado, como USP, UNESP, ESALQ, UFSCar, entre outras entidades. Os créditos relativos a todas as colaborações, incluindo os nomes dos pesquisadores especialistas que participaram dos trabalhos, seja como coordenadores dos grupos temáticos de discussão, seja como autores, compilando as preciosas informações que constam das fichas de cada espécie, estão todos devidamente registrados nos seis capítulos que compõem esta publicação: Aves, Mamíferos, Répteis, Anfíbios, Peixes Continentais e Peixes Marinhos.

É importante esclarecer que, pelas dificuldades e complexidade do tema, a lista da fauna das espécies de invertebrados ameaçadas de extinção encontra-se ainda em fase de elaboração e será publicada como um anexo ao decreto de outubro de 2008.

Vale ressaltar também que a presente lista não é mera compilação de dados. O processo demandou várias etapas de trabalho, que envolveram desde uma ampla consulta a especialistas por meio de questionários até uma série de reuniões nas quais os integrantes dos seis grupos temáticos analisaram e discutiram exaustivamente os dados coletados até chegar a um consenso sobre a atual situação de cada táxon. A metodologia empregada no processo, bem como créditos para os coordenadores e demais participantes dos grupos temáticos, podem ser consultados no capítulo “Métodos”. A todos que participaram desta importante tarefa, dirigimos os nossos sinceros agradecimentos.

Estamos certos de que esta publicação trará grandes contribuições para a conservação da fauna. Além de valioso instrumento para a tomada de decisões no âmbito governamental, os dados aqui apresentados serão de grande ajuda para estudantes, pesquisadores e entidades ligadas à conservação. Sob esse enfoque, vale destacar alguns fatos apontados na síntese desta publicação. Embora o número de táxons avaliados na atual lista seja superior ao da lista anterior, de 1998, mostrando que um grande número de novas espécies foi estudado ao longo dos últimos dez anos, existe ainda um número considerável de táxons sobre os quais não há informações suficientes para avaliar seu estado de conservação. Do total de 2.583 táxons avaliados, 161 (6%) apresentaram dados insuficientes. Esta é uma informação relevante para os institutos de pesquisa, que podem então direcionar seus esforços a fim de preencher essa lacuna.

Não cabe aqui uma longa discussão sobre os dados apurados nesta lista. Mas não podemos deixar de chamar a atenção para o fato de que 17% das espécies de vertebrados conhecidas para o Estado de São Paulo, isto é, 436 espécies e subespécies, correm o risco de desaparecer em pouco tempo se nada for feito.

Comprovar essa dura realidade, embora nos cause comoção, é certamente o maior mérito deste trabalho, porque significa que demos o primeiro passo para reverter o curso dos acontecimentos. Com esta publicação, iniciamos um novo ciclo de atualizações periódicas da lista das espécies ameaçadas do Estado de São Paulo, de modo a fornecer os melhores subsídios para que os mais diversos setores da sociedade possam fazer a sua parte na grande tarefa que temos pela frente.

Paulo Magalhães Bressan

Diretor Presidente da Fundação Parque Zoológico de São Paulo

Coordenador Geral do projeto de atualização da Lista das Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas de Extinção do Estado de São Paulo, Resolução SMA nº 32, de 26/04/08 - referente ao Projeto Ambiental Estratégico e Decreto nº 53.494 de 02/10/2008.

Coordenador Geral do Livro “Fauna Ameaçada de Extinção no Estado de São Paulo – Vertebrados”

Agradecimentos

Agradecemos às instituições que participaram ativamente deste projeto:

Fundação Parque Zoológico de São Paulo (FPZSP)

Pela cessão dos técnicos que atuaram na Coordenação Geral, representando o PPFS e como elo entre este e os demais coordenadores envolvidos no processo e na Coordenação Executiva – responsável por toda a logística do projeto:

Coordenação Geral

Paulo Magalhães Bressan – Diretor Presidente

Maria Cecília Martins Kierulff – Assessora da Diretoria

Coordenação Executiva

Maria Luiza Gonçalves

Cátia de Paula Dejuste

Marina Galvão Bueno

Fundação para Conservação e Produção Florestal do Estado de São Paulo

Pela cessão do técnico que atuou na Coordenação Geral: Angélica Midori Sugieda

Instituto Florestal

Pela cessão dos técnicos que produziram os mapas: Ciro Koiti Matsukuma (Pesquisador Científico) e Sérgio Camargos Borgo (Agente de Apoio à Pesquisa).

Gabinete da Secretaria do Meio Ambiente

Pela coordenação e elo entre a Coordenação Geral e a SMA: Roberta Buendia Sabbagh

Aos coordenadores dos grupos temáticos e às Instituições que cada um representa

Por todo empenho no processo:

Aves: Luís Fábio Silveira (USP)

Anfíbios: Paulo Christiano de Anchietta Garcia (USP)

Ricardo Sawaya (Instituto Butantan)

Mamíferos: Alexandre Reis Percequillo (Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz" - USP/Piracicaba)

Peixes de água doce / Continentais: Osvaldo Takeshi Oyakawa (Museu de Zoologia - USP)

Peixes marinhos: Carmen Lucia Del Biando Rossi Wongtschowski (Instituto Oceanográfico - USP)

André M. Vaz-dos-Santos (Instituto Oceanográfico - USP)

Répteis: Otávio Augusto Vuolo Marques (Instituto Butantan)

e a todos os pesquisadores que participaram das consultas amplas e das reuniões temáticas.

A todos os pesquisadores

Ao irem além de suas atividades de pesquisa para registrar fotograficamente e catalogar muitas espécies, com o objetivo de tornar este livro o mais completo possível.

Lista de autores

Alexandre R. Percequillo

Departamento de Ciências Biológicas, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, SP.

Alexandre Uezu

Instituto de Pesquisas Ecológicas – IPÊ, Nazaré Paulista, SP.

Alexandre Vogliotti

Departamento de Zootecnia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Jaboticabal, SP.

Alexandre W.S. Hilsdorf

Núcleo Integrado de Biotecnologia, Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, SP.

Alexander Z. Antunes

Divisão de Dasonomia, Instituto Florestal do Estado de São Paulo, São Paulo, SP.

Ana Paula Carmignotto

Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, SP.

Andre de Luca

Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil - SAVE Brasil, São Paulo, SP.

André M. Vaz-dos-Santos

Curso de Ciências Biológicas, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP.

Angélica M. Sugieda

Gerência de Desenvolvimento Sustentável, Diretoria de Assistência Técnica, Fundação Florestal, São Paulo, SP.

Antônio Olinto Ávila-da-Silva

Centro Avançado de Pesquisa Tecnológica do Agronegócio do Pescado Marinho, Instituto de Pesca - SAA/APTA, Santos, SP.

Bárbara M. Tomotami

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Beatriz M. Beisiegel

Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Atibaia, SP.

Bianca M. Berneck

Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Bruna B. Brancalion

Departamento de Ciências Biológicas, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, SP.

Carla S. Pavanelli

Nupélia (Núcleo de Pesquisa em Limnologia, Ictiologia e Aquicultura), Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR.

Carlos O.A. Gussoni

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Carmen Lúcia D. B. Rossi-Wongtschowski

Laboratório de Ictiofauna, Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Célio F. B. Haddad

Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Cinthia A. Brasileiro

Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Cláudia T. Shaalmann

Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais (DEPRN), Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo, SP.

Cristiano C. Nogueira

Conservação Internacional, Brasília, DF.

Cynthia P. A. Prado

Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Jaboticabal, SP.

Dalton T. B. Nielsen

Autônomo.

Daniela L. Ingui

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Denise C. Rossa-Feres

Departamento de Zoologia e Botânica, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, SP.

Edison Barbieri

Divisão de Maricultura, Instituto de Pesca - SAA/APTA, Cananeia, SP.

Elisandra A. Chiquito

Programa de Pós-graduação Interunidades - Ecologia Aplicada, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, SP.

Erika Hingst-Zaher

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Érika Machado

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Fábio S. R. Amaral

Departamento de Genética e Biologia Evolutiva, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Fábio Schunck

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Fausto P. Campos

Assessoria Técnica da Divisão de Reservas e Parques Estaduais, Instituto Florestal do Estado de São Paulo, São Paulo, SP.

Fernanda C. Azevedo

Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, Instituto Chico Mendes, Atibaia, SP.

Flávio B. Molina

Universidade Ibirapuera, São Paulo, SP.

Flávio C.T. Lima

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Francisco L. Franco

Laboratório de Herpetologia, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Francisco Langeani

Laboratório de Ictiologia, Departamento de Zoologia e Botânica, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP.

Frederico G. Lemos

Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Atibaia, SP.

Gilson E. Jack-Ximenes

Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, BA.

Gisele Levy

Departamento de Ecologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Guilherme R. R. Brito

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Gustavo S. Cabanne

Departamento de Biologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Hebert Ferrarelli

Laboratório de Ecologia e Evolução, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Hussam E. Zaher

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Itamar A. Martins

Departamento de Biologia, Universidade de Taubaté, Taubaté, SP.

Jorge Jim

Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Botucatu, SP.

José Carlos Motta-Junior

Departamento de Ecologia Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

José Lima de Figueiredo

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

José Maurício B. Duarte

Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos, Departamento de Zootecnia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Jaboticabal, SP.

Luis Felipe Toledo

Museu de Zoologia Prof. Dr. Adão José Cardoso, Universidade Estadual de Campinas, SP.

Luís Fábio Silveira

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP e Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, SP.

Luiz Fernando A. Figueiredo

Centro de Estudos Ornitológicos, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Magno V. Segalla

Laboratório de Herpetologia, Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, PR.

Marcio Martins

Departamento de Ecologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Marcio Port-Carvalho

Divisão de Florestas e Estações Experimentais, Instituto Florestal do Estado de São Paulo, São Paulo, SP.

Marco Antonio M. Granzinolli

Departamento de Ecologia Geral, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Marco Antonio Rego

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Marcus R. da Costa

Centro Universitário Módulo, São Paulo, SP.

Maria Cecília M. Kierulff

Fundação Parque Zoológico de São Paulo, São Paulo, SP.

Marina Somenzari

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Mario de Vivo

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Mario M. Rollo Jr

Campus Experimental do Litoral Paulista, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Vicente, SP.

Michel Miretzki

Autônomo.

Mieko Kanegae

Departamento de Ecologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Miguel T. U. Rodrigues

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Naércio A. Menezes

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Natália F. Rossi

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Olívia G. S. Araújo

Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Oscar A. Shibatta

Departamento de Biologia Animal e Vegetal da Universidade Estadual de Londrina, PR.

Osvaldo T. Oyakawa

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Otávio A. V. Marques

Laboratório de Ecologia e Evolução, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Patrícia Lopes

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Paulo C. A. Garcia

Departamento de Zoologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, SP.

Pedro F. Develey

Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil - SAVE Brasil, São Paulo, SP.

Renata Pardini

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Renato Gregorin

Departamento de Biologia, Universidade Federal de Lavras, Lavras, MG.

Renato S. Bérnuls

Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Ricardo J. Sawaya

Laboratório de Ecologia e Evolução, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Rodrigo L. Moura

Programa Marinho, Instituto Conservation International do Brasil, Caravelas, BA.

Rogério C. Paula

Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Atibaia, SP.

Rogério V. Rossi

Departamento de Biologia e Zoologia, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, MT.

Ronaldo G. Morato

Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Atibaia, SP.

Tatiana Neves

Projeto Albatroz, Santos, SP.

Valdir A. Taddei

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, SP.

Valdir J. Germano

Laboratório de Herpetologia, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Vanessa K. Verdaé

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Sumário

Introdução	17
Métodos.....	21
Mamíferos.....	31
Tabelas.....	37
Fichas.....	41
Aves	87
Tabelas.....	93
Fichas.....	101
Répteis.....	285
Tabelas.....	289
Fichas.....	291
Anfíbios.....	329
Tabelas.....	333
Fichas.....	335
Peixes de Água Doce.....	349
Tabelas.....	353
Fichas.....	357
Peixes Marinhos	425
Tabelas.....	435
Fichas.....	439
Síntese	569
Anexo 1 – Questionário para a Consulta Ampla	577
Anexo 2 – Lista dos consultores que responderam à Consulta Ampla	583
Anexo 3 – Lista de participantes das reuniões temáticas	589
Anexo 4 – Diário Oficial do Estado de São Paulo - Decreto Nº 53.494/08.....	593
Anexo 5 – Lista de Mamíferos do Estado de São Paulo	599
Anexo 6 – Lista de Aves do Estado de São Paulo	607
Anexo 7 – Lista de Répteis do Estado de São Paulo.....	625
Anexo 8 – Lista de Anfíbios do Estado de São Paulo.....	631
Anexo 9 – Lista de Peixes de Água Doce do Estado de São Paulo.....	637

Introdução

Angélica Midori Sugieda
Claudia Terdman Schaalmann

A preservação da biodiversidade é um dos mais relevantes dilemas e desafios da sociedade humana moderna. Nas últimas décadas, as mudanças climáticas globais, a utilização desenfreada dos recursos naturais e a degradação acentuada dos ecossistemas contribuíram, de forma decisiva, para a deterioração das condições gerais do meio ambiente (São Paulo, 2005).

Há anos se debate o estabelecimento de um programa de proteção à fauna no âmbito da Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (SMA), pois a retirada da fauna silvestre do seu ambiente natural e a destinação desses animais apreendidos pelos órgãos fiscalizadores são problemas cruciais a serem resolvidos (São Paulo, 1999).

Sendo assim, no início de 2000, a SMA lançou o Programa de Proteção à Fauna Silvestre do Estado de São Paulo (PPFS), por meio da Resolução SMA 08 (25/4/2000), indicando um grupo gestor coordenado pela Fundação para a Conservação e Produção Florestal do Estado de São Paulo (Fundação Florestal – FF) e composto por integrantes da Coordenadoria de Informações Técnicas, Documentação e Pesquisa Ambiental (CINP); Instituto Florestal (IF); Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais (DEPRN/CPRN); Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental (CETESB) e Polícia Florestal e de Mananciais. Os primeiros objetivos definidos por esse grupo foram elaborar e estruturar o PPFS; implantar o Projeto do Centro de Manejo, Reabilitação e Triagem de Animais Silvestres – CEMAS no Parque Estadual Albert Löfgren e propor ações complementares para atendimento e integração dos serviços de normatização, fiscalização e manejo da fauna silvestre no Estado de São Paulo.

No final de 2004, a Fundação Parque Zoológico de São Paulo (FPZSP) passou a ser vinculada à SMA, por meio do Decreto Estadual Nº 49.098 (3/11/2004); e, em 2005, a coordenação do PPFS e a gestão do CEMAS foram transferidas à FPZSP (Resolução SMA 03, de 7/1/2005). Desde então, o grupo gestor passou a ser formado por membros da FF, do IF, do DEPRN e da Polícia Militar Ambiental (PolAmb), além da FPZSP. A coordenação pela FPZSP representa o PPFS perante o Gabinete do Secretário do Meio Ambiente e tem a sua rotina de trabalho estabelecida no regimento interno, aprovado e publicado por meio da Resolução SMA 53, de 18 de dezembro de 2006. Atualmente, o programa tem por objetivos a conservação da diversidade do patrimônio genético e a proteção da integridade da fauna silvestre do Estado de São Paulo, os quais poderão ser alcançados por meio de várias ações, como a atualização da lista de

fauna ameaçada do Estado de São Paulo.

Em 2007, o Secretário do Meio Ambiente instituiu 21 Projetos Ambientais Estratégicos que traçam diretrizes para sua atuação frente às diferentes pastas e órgãos vinculados à Secretaria (Resolução SMA 21, de 16 de maio de 2007). Essas ações ambientais têm como diretrizes as mudanças climáticas e os reflexos do aquecimento global; o desenvolvimento sustentável e a gestão eficiente, com resultados e transparência. O PPFS foi então incorporado como um desses projetos e passou a ser chamado Projeto Ambiental Estratégico Fauna Silvestre, com os seguintes objetivos: normatização da proteção da fauna silvestre; instalação de locais de recebimento de animais silvestres capturados; e combate ao comércio ilegal de animais silvestres.

O Brasil é considerado, atualmente, o país que concentra a maior biodiversidade do planeta (Mittermeir *et al*, 1997). Uma das expressões dessa grande biodiversidade é a sua rica e exuberante fauna, constituída de mais de 100 mil espécies, entre mamíferos, aves, anfíbios, peixes, répteis, insetos e outros invertebrados (Machado *et al*, 2005). Em uma recente análise sobre a biodiversidade, Lewinsohn e Prado (2002) estimaram que entre 10% e 20% de toda a diversidade conhecida no planeta (180 a 220 mil espécies) está no Brasil, apesar de apenas 10% ser conhecida.

Com a perda da biodiversidade, estima-se que, em poucas décadas, diversas espécies poderão desaparecer por completo, sobretudo as endêmicas, isto é, aquelas que só existem em determinados ambientes aos quais estão bem adaptadas. A extinção de espécies configura um dos problemas ambientais mais dramáticos deste início de século. A população humana tem crescido exponencialmente há 500 anos, e não coincidentemente a grande destruição de habitats e o forte impulso para a extinção de muitas espécies têm ocorrido nos últimos 150 anos. Atualmente, as florestas tropicais estão desaparecendo a uma taxa anual de 13 milhões de hectares (FAO, 2005), dando lugar a plantações, áreas de pastagens, rodovias, hidrelétricas, áreas urbanas e outros empreendimentos decorrentes da pressão humana que transformam as grandes áreas de florestas contínuas em fragmentos de diversos tamanhos e graus de isolamento.

Mais que nunca, precisamos conhecer a biodiversidade existente, identificar os principais fatores que a ameaçam e estabelecer prioridades de ação. Nesse contexto, as listas de espécies ameaçadas, elaboradas

com rigor científico e oficialmente reconhecidas, constituem instrumentos poderosos para orientar e aglutinar os esforços conservacionistas, dando-lhes maior racionalidade e eficácia.

O Brasil elaborou sua primeira lista de fauna ameaçada em 1973 (Portaria nº 3.481 – DN/73), citando 86 espécies. Em 1989, a lista foi atualizada pela Portaria IBAMA nº 1.522, de 19/12/1989, na qual foram classificadas 207 espécies sob algum grau de ameaça e mais sete espécies provavelmente extintas em nosso país. Em 2003, o Ministério do Meio Ambiente, por meio da Instrução Normativa nº 3, revisou a lista vermelha de espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção, chegando a 627 táxons sob algum grau de ameaça e mais nove classificados como extintos ou extintos na natureza (Machado *et al*, 2005). Tal lista tem o intuito de servir como um instrumento de conservação da biodiversidade do governo brasileiro, onde são apontadas as espécies que, de alguma forma, estão ameaçadas quanto à sua existência, constituindo, ainda, elemento de referência na aplicação da Lei de Crimes Ambientais.

A primeira lista estadual de fauna ameaçada no Brasil foi publicada no Paraná em 17 de fevereiro de 1995 (Lei nº 11.067/95). No mesmo ano, a Fundação Biodiversitas, atendendo à solicitação do Instituto Estadual de Florestas de Minas Gerais, elaborou a lista mineira (Deliberação COPAM 041/95).

Em fevereiro de 1998, o Estado de São Paulo acatou a recomendação de especialistas reunidos na Universidade Federal de São Carlos e declarou como ameaçadas de extinção ou como provavelmente ameaçadas as espécies da fauna silvestre listadas nos anexos do Decreto nº 42.838/98. O Estado do Rio de Janeiro homologou sua lista no mesmo ano, mediante a Portaria SEMA nº 1, de 4 de junho de 1998.

As listas estaduais, além de incorporar as características peculiares de cada estado, têm o mérito de envolver de forma definitiva a ação do governo estadual no processo de conservação dos recursos naturais, que, assim, pode instituir instrumentos de controle, fiscalização e proteção mais eficazes desses recursos. A necessidade de atualização das listas já publicadas demonstra a rapidez com que a dinâmica das populações da fauna silvestre está sendo alterada, em vista dos crescentes e constantes processos antrópicos de degradação ambiental – destruição de ecossistemas, mudanças climáticas, urbanização, introdução de espécies exóticas invasoras, dentre outros.

Esta publicação apresenta as 436 espécies ameaçadas ou quase ameaçadas de extinção e as espécies de peixes colapsadas, sobre-explotadas e ameaçadas de sobre-exploração no Estado de São Paulo, oficializadas por meio do Decreto Estadual nº 53.494, de 2 de outubro de 2008. O objetivo é divulgar quais são as principais causas dessas ameaças e trazer informações que contribuam para a formulação de projetos e programas específicos voltados para a conservação dessas espécies. Apresenta também as espécies com dados insuficientes para uma avaliação segura do seu *status* de conservação, sugerindo a necessidade de maior investimento em pesquisa sobre esses animais pelas instituições científicas e agências de fomento.

Referências Bibliográficas

- FAO, 2005. Global Forest Resource Assessment 2005. Rome – Italy, Food and Agriculture Organization of the United Nations, n.p.
- Lewinsohn, T. M. & Prado, P.I., 2002. Biodiversidade Brasileira: Síntese do Estado Atual do Conhecimento. Editora Contexto, São Paulo, SP. 176 pp.
- Machado, A. B. M.; Martins, C. S. & Drummond, G. M., 2005. Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção: Incluindo as Espécies Quase Ameaçadas e Deficientes em Dados. Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 160p.
- Mittermeier, R. A.; Robles-Gil, P. & Mittermeier, C., 1997. Megadiversity: Earth's Biologically Wealthiest Nations. Agrupación Sierra Madre, México: CEMEX. 501 pp.
- São Paulo (Estado), 1998. Decreto Estadual Nº 42.838 de 4 de fevereiro de 1998. Declara as Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas de Extinção e as Provavelmente Ameaçadas de Extinção no Estado de São Paulo e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, seção 1, 108 (25).
- São Paulo (Estado), 1999. Secretaria do Meio Ambiente. Seminário de Recepção e Destinação de Animais Silvestres – Relatório. São Paulo: Série Relatórios Ambientais. 88p.
- São Paulo (Estado), 2000. Secretaria do Meio Ambiente. Resolução SMA 8 de 25 de abril de 2000. Institui no âmbito desta Secretaria o Programa de Proteção à Fauna Silvestre do Estado de São Paulo, a ser desenvolvido junto à vinculada Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, seção 1, 110 (78).
- São Paulo (Estado), 2004. Decreto Estadual Nº 49.095 de 3 de novembro de 2004. Altera a vinculação da Fundação Parque Zoológico de São Paulo e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, seção 1, 114 (207).

São Paulo (Estado), 2005. Secretaria do Meio Ambiente. Programa de Proteção à Fauna Silvestre do Estado de São Paulo – Memórias dos Trabalhos. São Paulo: Documento técnico não publicado.

São Paulo (Estado), 2005. Secretaria do Meio Ambiente. Resolução SMA 03 de 7 de janeiro de 2005. Altera a Resolução SMA 8 de 25 de abril de 2000 e dá outras providências. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, seção 1, 115 (5).

São Paulo (Estado), 2006. Secretaria do Meio Ambiente. Resolução SMA 53 de 18 de dezembro de 2006. Aprovar o Regimento Interno do Programa de Proteção à Fauna Silvestre do Estado de São Paulo. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, seção 1, 116 (239).

São Paulo (Estado), 2007. Secretaria do Meio Ambiente. Resolução SMA 21 de 16 de maio de 2007. Dispõe sobre a instituição dos Projetos Ambientais Estratégicos da Secretaria do Meio Ambiente. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, seção 1, 117 (92).

São Paulo (Estado), 2008. Decreto Estadual Nº 53.494 de 2 de outubro de 2008. Declara as Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas, as Quase Ameaçadas, as Colapsadas, as Sobre-exploatadas, as Ameaçadas de Sobre-exploitação e com dados insuficientes para avaliação no Estado de São Paulo e dá providências correlatas. Diário Oficial do Estado de São Paulo, São Paulo, seção 1, 118 (187).

MÉTODOS

Autor

Maria Cecília Martins Kierulff

Processo operacional

A primeira lista da fauna ameaçada de São Paulo foi publicada em 1998 (Decreto nº 42.838) e deveria ser atualizada a cada quatro anos. A atualização da Lista da Fauna de Vertebrados Ameaçados de São Paulo foi definida como ação prioritária para a conservação da fauna do Estado pelo PPFS (Programa de Proteção à Fauna Silvestre de São Paulo da Secretaria do Meio Ambiente), que apresentou uma proposta e coordenou as atividades para a definição da nova lista. A atualização da lista de invertebrados ameaçados de extinção no Estado de São Paulo ainda está sendo preparada e será incluída como um anexo ao decreto. Devido à complexidade e diversidade do grupo de invertebrados, os prazos para a definição dos critérios, consulta ampla e avaliação das categorias de ameaça das espécies de invertebrados foram maiores do que o previsto para os vertebrados. Para não prejudicar a publicação da lista atualizada dos vertebrados ameaçados, ficou decidido que o processo para a elaboração da lista dos táxons ameaçados de vertebrados e invertebrados no Estado de São Paulo seria coordenado separadamente.

O processo de atualização da lista teve início em 10 de março de 2008, quando houve a primeira reunião com os coordenadores temáticos dos grupos de mamíferos, aves, répteis, anfíbios, peixes de água doce e peixes marinhos, e foram decididos critérios, atividades e cronograma. Os especialistas convidados para coordenar cada grupo temático trabalham (ou trabalhavam na época) para instituições de ensino e pesquisa do Estado de São Paulo e foram selecionados devido a sua comprovada experiência em trabalhos de conservação e/ou participação na elaboração de outras listas estaduais e/ou nacional.

As etapas para a definição da Lista de Espécies de Vertebrados Ameaçadas do Estado de São Paulo atualizada incluíram, inicialmente, consulta a pesquisadores de cada grupo animal, que responderam a questionários enviados pela internet (Anexo 1). Essa consulta ampla serviu para a atualização das informações e avaliação do estado atual de conservação das espécies de vertebrados que ocorrem em São Paulo. Para a elaboração da relação de espécies candidatas à lista da fauna ameaçada, foram enviadas, junto com o questionário, a lista anterior de São Paulo, publicada em 1998 (Decreto nº 42.838) (São Paulo, 1998), a lista global das espécies ameaçadas (IUCN, 2008), a lista brasileira de 2003 (Machado et al., 2008) e as listas mais recentes das espécies ameaçadas nos estados de Minas Gerais (Biodiversitas, 2007), Rio de Janeiro (Bergallo

et al., 2000) e Paraná (Mikich & Bérnuls, 2004). No total foram enviados 262 questionários para pesquisadores envolvidos com vertebrados no Estado de São Paulo, assim divididos: 111 para mamíferos, 41 em aves, 27 para répteis, 36 para anfíbios, 16 para peixes de água doce e 31 para peixes marinhos. Os pesquisadores que responderam os questionários estão listados no Anexo 2.

Após o prazo para recebimento dos questionários respondidos, foram organizadas reuniões com no máximo dez especialistas de cada área, que avaliaram o estado de conservação de cada táxon que ocorre em São Paulo. Os participantes dessas reuniões foram aqueles que mais contribuíram com a consulta ampla, conheciam mais a fauna geral do Estado de São Paulo e/ou poderiam contribuir por seu conhecimento da fauna em biomas específicos e experiência em outras listas de espécies ameaçadas. Entre 30 de julho a 13 de agosto de 2008 foram organizadas separadamente as reuniões temáticas, com duração de dois a três dias cada. Mais de 60 pesquisadores de várias instituições participaram (Anexo 3), discutiram os resultados da consulta ampla e definiram o estado de ameaça de cada táxon. O resultado final foi encaminhado à Secretaria do Meio Ambiente e o decreto com a Lista das Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas de São Paulo foi publicado em 2 de outubro de 2008 (Decreto nº 53.494) (Anexo 4).

As atividades e a logística para as reuniões de preparação da lista foram coordenadas pela Fundação Parque Zoológico de São Paulo (FPZSP), a cargo de Paulo Magalhães Bressan (FPZSP), Maria Cecília Martins Kieuluff (FPZSP) e Angélica Midori Sugieda (Fundação Florestal), com coordenação executiva de Maria Luiza Gonçalves, Cátia de Paula Dejuste e Marina Galvão Bueno (FPZSP).

Os coordenadores de cada grupo temático, que gerenciaram as consultas e reuniões para a definição da lista, foram: para mamíferos, Alexandre dos Reis Percequillo (USP/ESALQ); para aves, Luís Fábio Silveira (USP/IB); para répteis, Otávio Augusto Vuolo Marques (Instituto Butantan); para anfíbios, Paulo Christiano Anchietta Garcia (USP/MZ) e Ricardo Janinni Sawaya (Instituto Butantan); para peixes continentais, Osvaldo Takeshi Oyakawa (USP/MZ); e para peixes marinhos, Carmen Lúcia Del Bianco Rossi e André Vaz dos Santos (USP/IO).

Sistema de avaliação

A atualização da Lista das Espécies de Vertebrados Ameaçados no

Estado de São Paulo foi feita a partir das categorias (Fig. 1 e 2) e dos critérios propostos pela versão 3.1 da IUCN (2001), sem qualquer modificação. Esse sistema foi empregado na redefinição da Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção (Machado et al., 2005; Machado et al. 2008) e nas listas recentes dos estados de Paraná, Minas Gerais, Espírito Santo e Pará. O emprego de um mesmo sistema em diferentes listas permite comparações e o uso de parâmetros iguais para a categorização das espécies, bem como tratamento equivalente nas diferentes legislações estaduais.

Além disso, para a avaliação do estado de conservação da fauna de vertebrados do Estado de São Paulo, foram usadas as adaptações regionais das categorias e critérios conforme proposto por Gardenfors et al. (2001). A avaliação das populações regionais das espécies permitiu um *upgrade* ou *downgrade* das categorias em relação às listas brasileira ou global. Dessa maneira, alguns táxons avaliados nacionalmente, que não correm risco de extinção, podem estar ameaçados de extinção no Estado de São Paulo devido a problemas regionais, ou algumas espécies extintas regionalmente, podem ainda ser encontradas em outros estados.

Segundo a IUCN (2001), os táxons são avaliados e classificados de acordo com os tipos de ameaças sofridas e do percentual de perda da população dentro de um período de tempo definido, e são feitas análises de declínio populacional (no passado, no presente ou em projeções para o futuro), das causas desse declínio (destruição ou degradação do habitat; espécies invasoras, patógenos, poluição etc.), do tamanho da distribuição geográfica atual e área de ocorrência da espécie, do tamanho atual de cada população da espécie,

do estado de fragmentação das populações e, quando existem informações suficientes, são também considerados os resultados de análises de viabilidade populacional (PVA) (Fig. 3).

Para a apresentação das categorias foram usadas abreviaturas referentes aos nomes em inglês, para padronização com as listas mundial, brasileira e de outros estados. Dentro das categorias de ameaça, as espécies que correm um risco maior de extinção são classificadas como “Criticamente em Perigo” (CR), seguidas pelas categorias “Em Perigo” (EN) e “Vulnerável”, em graus decrescentes de risco de extinção (Fig. 2). As principais diferenças entre as categorias de ameaça são: a proporção da população que já desapareceu ou pode vir a desaparecer dentro de um intervalo de tempo, e que pode variar de 90% até 30%; uma área de distribuição com tamanho entre 100 e 20.000 km² (extensão de ocorrência); uma área total de ocupação pela espécie variando entre 10 a 2.000 km²; o número total de indivíduos na natureza aptos a reproduzir, que pode variar de menos de 250 em apenas uma população, até 10.000 distribuídos em 10 populações (Fig. 3). Assim, se o número total de indivíduos de uma espécie sofreu 90% ou mais de redução no passado, presente ou futuro, e se as informações foram baseadas nas premissas listadas no “Critério A1” da IUCN (2001), a espécie é avaliada como

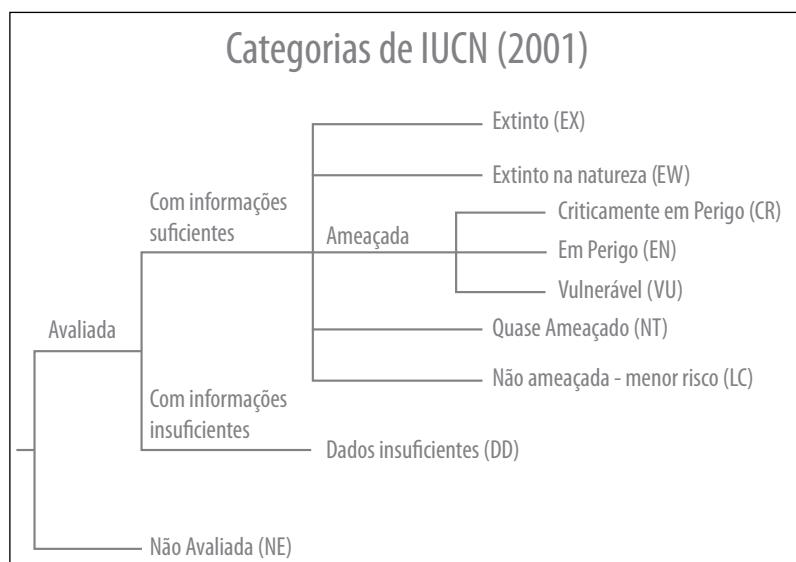


Figura 1.
Categorias da IUCN (2001) versão 3.1 usadas para a avaliação das espécies.
Modificado a partir de IUCN (2001).

“Criticamente em Perigo”; se sofreu redução entre 90 e 70%, é classificada como “Em Perigo”; e assim sucessivamente para cada um dos critérios descritos pela IUCN (2001). Os critérios usados para classificar uma espécie dentro de cada categoria de ameaça devem ser citados. Por exemplo, usando o mesmo exemplo acima, uma espécie considerada Criticamente em Perigo porque sua população sofreu uma redução de mais de 90%

Extinto (EX) – Um táxon está Extinto quando não há dúvida de que o último indivíduo morreu na natureza. Presume-se que um táxon esteja Extinto quando inventários exaustivos em seu habitat conhecido e/ou esperado e em períodos apropriados (diurno, sazonal, anual) ao longo de toda a sua distribuição histórica não registraram nenhum indivíduo. Os inventários devem ser feitos em uma escala de tempo apropriada ao ciclo e à forma de vida do táxon.

Regionalmente Extinto (RE) – Um táxon está Regionalmente Extinto quando não há dúvida de que o último indivíduo morreu na natureza, dentro da região avaliada, no caso, no estado de São Paulo. Presume-se que um táxon esteja Regionalmente Extinto quando inventários exaustivos ao longo de sua distribuição histórica, dentro da região avaliada, não registraram nenhum indivíduo.

Extinto na Natureza (EW) – Um táxon está extinto na Natureza quando se sabe que ele existe somente em cultivo, cativeiro ou em populações inseridas na natureza em áreas completamente distintas de sua distribuição original.

Criticamente em Perigo (CR) – Um táxon está Criticamente em Perigo quando existem evidências para enquadrá-lo em qualquer dos critérios A a E (Fig. 3) para Criticamente em Perigo e enfrenta um risco extremamente alto de extinção na natureza.

Em Perigo (EN) – Um táxon está Em Perigo quando existem evidências para enquadrá-lo em qualquer dos critérios A a E (Fig. 3) para Em Perigo e enfrenta um risco muito alto de extinção na natureza.

Vulnerável (VU) – Um táxon está Vulnerável quando existem evidências para enquadrá-lo em qualquer dos critérios A a E (Fig. 3) para Vulnerável e enfrenta um risco alto de extinção na natureza.

Quase Ameaçado (NT) – Um táxon está Quase Ameaçado quando sua avaliação não o qualifica para as categorias Criticamente em Perigo, Em Perigo e Vulnerável, mas indica que está em vias de entrar para uma dessas categorias em um futuro próximo.

De Menor Risco (LC) (Não ameaçado) – Um táxon é considerado como de Menor Risco (Least Concern) quando sua avaliação não o qualifica para as categorias Criticamente em Perigo, Em Perigo e Vulnerável ou Quase Ameaçado. Nesta categoria estão incluídos os táxons de distribuição ampla e abundante.

Dados Deficientes (DD) – Um táxon qualifica-se como Deficiente em Dados quando as informações existentes sobre ele são inadequadas para se fazer uma avaliação sobre seu risco de extinção. Um táxon nessa categoria pode ser bem estudado e sua biologia conhecida, mas faltam informações apropriadas sobre sua abundância e/ou distribuição geográfica. A categoria DD não é uma categoria de ameaça e a colocação de um táxon nessa categoria indica que mais informações são necessárias sobre ele, reconhecendo-se a possibilidade de futuras pesquisas mostrarem que o táxon se enquadra em alguma das categorias de ameaça.

Não Avaliado (NE) – Um táxon é Não Avaliado quanto ele não foi avaliado quanto aos critérios de ameaça e não se enquadra na categoria DD.

Colapsados (CO) - Táxons (de peixes marinhos) cuja exploração foi tão intensa que reduziu a um nível crítico a biomassa, o potencial de reprodução e as capturas, comprometendo severamente sua eventual recuperação.

Sobrexploitados (SO) – Táxons (de peixes marinhos) (a) cuja exploração foi tão intensa que reduziu significativamente a biomassa, o potencial de reprodução e as capturas ou (b) aqueles cujo habitat foi tão intensamente degradado que reduziu sua presença a poucas localidades, em ambos os casos (a e b) podendo colapsar caso um monitoramento e medidas de gestão não sejam efetivamente implementados.

Ameaçadas de Sobrexploatação (AS) – Táxons (de peixes marinhos) cuja redução da biomassa ou do potencial de reprodução ou das capturas ou da área de ocorrência é evidente, requerendo monitoramento e medidas de gestão.

Figura 2 – Definição das categorias de classificação das espécies. Com exceção das categorias usadas para os peixes marinhos, todas as outras foram definidas em IUCN (2001). Modificado a partir de Machado et al. (2005).

Critérios A-E	Criticamente em Perigo	Em Perigo	Vulnerável
A. População em declínio	Declínio medido ao longo de 10 anos ou 3 gerações, considerando o mais longo.		
A1	>90%	>70%	>50%
A2, A3, A4	>80%	>50%	>30%
A1. Redução da população observada, estimada, inferida ou suspeita, no passado (nos últimos 10 anos ou 3 gerações, o que for mais longo), e as causas da redução são reversíveis E conhecidas E cessaram baseado em:			
a) observação direta; b) índice de abundância apropriado para o táxon; c) redução na área de ocupação, na extensão da ocorrência, e/ou qualidade do habitat; d) níveis reais ou potenciais de exploração; e) efeitos da introdução de taxa, hibridação, patógenos, poluentes, competidores ou parasitas.			
A2. Redução da população observada, estimada, inferida ou suspeita, no passado (nos últimos 10 anos ou 3 gerações, o mais longo), onde as causas da redução não cessaram OU não são conhecidas OU podem ser irreversíveis, baseados qualquer um dos itens (a) até (e) de A1.			
A3. Redução de população projetada ou suspeita para os próximos 10 anos ou 3 gerações, o que for mais longo (até um máximo de 100 anos), baseado em qualquer um dos itens (a) até (e) de A1.			
A4. Redução da população observada, estimada, inferida ou suspeita ao longo de 10 anos ou 3 gerações, o que for mais longo (até um máximo de 100 anos no futuro), onde o período de tempo inclui tanto o passado quanto o futuro, e onde as causas da redução não cessaram OU não são conhecidas OU podem ser irreversíveis, baseado em qualquer um dos itens a) até (e) de A1.			
B. Distribuição geográfica na forma de B1 (extensão da ocorrência) OU B2 (área de ocupação) ou ambos			
B1. Extensão da ocorrência	<100 km ²	<5.000 km ²	<20.000 km ²
B2. ou área de ocupação	<10 km ²	<500 km ²	<2.000 km ²
e + 2 dos seguintes itens de (a) até (c):			
a) severamente fragmentado	= 1	= 2-5	= 6-10
b) redução contínua na (i) extensão da ocorrência; (ii) área de ocupação; (iii) área, extensão e/ou qualidade do habitat; (iv) número de localidades ou subpopulações; e (v) número de indivíduos maduros.			
c) flutuações extremas na (i) extensão da ocorrência; (ii) área de ocupação; (iii) número de localidades ou subpopulações; e (iv) número de indivíduos maduros.			
C. População de tamanho reduzido e em declínio			
Número de indivíduos maduros			
e C1 ou C2	<250	<2.500	<10.000
C1. Um declínio populacional contínuo estimado de pelo menos (até o máximo de 100 anos)	25% em 3 anos ou uma geração (considerar o mais longo).	20% em 5 anos ou 2 gerações (considerar o mais longo).	10% em 10 anos ou 3 gerações (considerar o mais longo).
C2. Um declínio populacional contínuo e (a) e/ou (b)			
ai) número de indivíduos maduros na maior subpopulação	<50	<250	<1.000
aii) ou % de indivíduos em uma subpopulação	90-95%	95-100%	100%
b) flutuações extremas no número de indivíduos maduros.			
D. População muito pequena ou restrita			
1) Número de indivíduos maduros	<50	<250	<1.000
ou 2) Área de ocupação restrita	na	na	<20 km ² ou número de locais ≤ 5
E. Análise Quantitativa			
Indicação de probabilidade de extinção na natureza de pelo menos	50% em 10 anos ou 3 gerações (máximo de 100 anos)	20% em 20 anos ou 5 gerações (máximo de 100 anos)	10% em 100 anos

Figura 3. Sumário das categorias e critérios da IUCN (2001) versão 3.1. Modificado de Machado et al. (2005).

nos últimos 10 anos devido à redução de sua área de ocorrência, deve ser classificada como CR A1c.

Além disso, as espécies que ainda não estão ameaçadas, mas que se nada for feito e as ameaças persistirem podem vir a ser consideradas em risco de extinção em futuro próximo, foram classificadas como “Quase Ameaçadas” (NT = Near Threatened) (Fig.1 e 2); espécies sobre as quais não existem informações suficientes para avaliar seu estado atual de conservação, como aquelas com registros únicos duvidosos ou com problemas taxonômicos, foram incluídas na categoria “Dados Deficientes” (DD); espécies comprovadamente extintas no Estado de São Paulo foram categorizadas como Regionalmente Extintas (RE); e táxons introduzidos ou *vagrants* (que apenas passam pelo território do Estado de São Paulo e, durante essa passagem, não dependem de qualquer recurso para alimentação ou reprodução), não foram avaliadas (NE = Not Evaluated).

Na lista atual os peixes marinhos foram classificados de acordo com sua área de ocorrência e exploração (recursos de interesse socioeconômico) (ver Capítulo Peixes Marinhos). Posteriormente será proposta uma solução com recomendações específicas para a conservação/recuperação dessas espécies.

A lista das espécies de vertebrados Ameaçados de Extinção no Estado de São Paulo incluídos nas três categorias: Criticamente Em Perigo (CR), Em Perigo (EN) e Vulnerável (VU); a lista dos peixes marinhos ameaçados e incluídos nas categorias Colapsados (CO), Sobreexplotado (SO) e Ameaçados de Sobreexplotação (AS); a lista das espécies Quase Ameaçadas (NT) e com Dados Deficientes (DD) foram publicadas no dia 2 de outubro de 2008, Decreto nº 53.494 (Anexo 4).

Comparação com a primeira lista da fauna ameaçada de São Paulo

Para a elaboração da primeira lista da fauna ameaçada de São Paulo (Decreto nº 42.838, de 1998), a avaliação do grau de ameaça das espécies foi baseada em um sistema de notas de 0 a 3, de acordo com características como o tamanho da área de distribuição da espécie, alterações ambientais, plasticidade, tamanho populacional e variação da população, e a soma de todas as notas indicava a categoria de ameaça; não se usou proporções ou tamanhos pré-determinados como descrito nos critérios da versão 3.1 da IUCN (2001).

Na lista de 1998 algumas espécies foram classificadas como “Provavelmente Extintas” (PE), o que hoje seria equivalente à categoria Regio-

nalmente Extinto (RE) – apesar de que as exigências e o esforço de procura para considerar uma espécie extinta atualmente são muito maiores (IUCN, 2001). Outra diferença na apresentação dos dados diz respeito às abreviaturas usadas para as categorias, e na lista anterior foram usadas abreviaturas a partir dos nomes das categorias em português. Ainda, na lista de 1998, quando os “dados disponíveis foram insuficientes para se chegar a uma conclusão”, as espécies foram consideradas presumivelmente ameaçadas de extinção e incluídas na categoria Provavelmente Ameaçada (PA). Na atualização da lista de São Paulo, e de acordo com os novos critérios da IUCN, as espécies sobre as quais não existem informações suficientes foram classificadas como Dados Deficientes (DD), pois a falta de informações sobre um táxon não o coloca necessariamente como ameaçado.

A lista atual de espécies ameaçadas no Estado de São Paulo não pode ser comparada à lista de 1998, pois a versão anterior não seguiu os critérios da IUCN, que foram publicados apenas em 2001. Assim, os métodos usados tanto para a avaliação quanto para a classificação das espécies foram diferentes. Por isso não é correto estabelecer paralelos entre as duas listas em afirmações sobre “aumento” ou “diminuição” do número de espécies ameaçadas, de 1998 para hoje.

Organização do livro

O livro da Fauna de Vertebrados Ameaçados de São Paulo foi dividido em nove capítulos: introdução geral, métodos, síntese da situação atual de conservação da fauna de vertebrados em São Paulo e um capítulo para cada grupo de vertebrados. No início do livro foi incluída, também, uma lista de todos os autores com suas respectivas instituições.

Para vários grupos, os especialistas que participaram das reuniões para a definição das espécies ameaçadas de São Paulo também auxiliaram no levantamento e compilação das informações e na redação dos textos dos capítulos e das fichas de cada espécie, sendo assim incluídos como coautores. Nesse caso, para a citação de qualquer informação do capítulo todos os autores incluídos no início devem ser citados. Para os trabalhos de outros grupos foram convidados especialistas além dos que participaram do processo de definição da lista; nestes casos, a introdução do capítulo e cada táxon possui uma ficha com autores distintos, que devem ser referidos quando as informações contidas na respectiva ficha forem citadas.

Cada capítulo inclui introdução descrevendo a situação geral de conservação das espécies de cada grupo no Estado de São Paulo, tabelas com as espécies ameaçadas (CR, EN, VU e RE), Quase Ameaçadas (NT) e com Dados Deficientes (DD), e fichas com informações gerais sobre cada espécie ameaçada (Figura 4).

As espécies não incluídas nas tabelas não foram avaliadas ou foram classificadas como De Menor Risco (LC = Least Concern). No final do livro (Anexos 05 a 10) são apresentadas listas gerais relacionando todos os táxons de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes de água doce com ocorrência comprovada para o Estado de São Paulo. Foram incluídas

<p>Nome da espécie, autor(es) da espécie e ano que a espécie foi descrita.</p> <p>Ordem, Família.</p> <p>Categoria de ameaça proposta de acordo com a IUCN (2001) e critérios usados.</p> <p>Justificativa para o uso dos critérios.</p> <p>Categorias de ameaça nas quais a espécie foi classificada na Lista global de espécies ameaçadas (IUCN 2008); na lista nacional, na lista de espécies ameaçadas de SP (1998) e nas listas mais recentes dos estados que fazem divisa com São Paulo: Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná.</p>	<p><i>Cycloramphus faustoi</i> Brasileiro, Haddad, Sawaya & Sazima, 2007</p> <p>Anura, Cycloramphidae</p> <p>Nome vernacular Rã-achatada-de-Alcatrazes-de-Fausto.</p> <p>Categoria proposta para São Paulo CR B1abiii+2abiii.</p> <p>Justificativa Ocorre em área restrita ($1,35 \text{ km}^2$). O habitat original foi reduzido em função dos exercícios de tiro efetuados pela Marinha, que ocasionam incêndios na ilha.</p> <p>Situação em outras listas IUCN (2008): CR; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.</p> <p>Distribuição e habitat Restrita à Ilha dos Alcatrazes, possivelmente em uma única área reduzida de vale, no Saco do Funil, em floresta ombrófila densa.</p> <p>Presença em unidades de conservação Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.</p> <p>Mapa da distribuição conhecida (registros históricos e atuais) da espécie.</p>	<p>Biologia da espécie Encontrada em leito seco de riacho, formado por rochas grandes, em pequeno vale, no qual a água escorre durante a estação chuvosa (Brasileiro et al., 2007a). Machos e fêmeas podem ser encontrados sobre as rochas, expostos, ou em frestas úmidas de rochas, onde depositam seus ovos e se escondem quando perturbados (Brasileiro et al., 2007a; R. J. Sawaya, obs. pess.). Foi encontrada ativa nos meses de março, agosto e setembro, e a atividade de vocalização de cinco machos em frestas de rochas foi registrada em uma noite de agosto, após uma tarde chuvosa; na mesma noite uma fêmea foi observada protegendo um ninho com 31 ovos, depositados em uma fresta de rocha (Brasileiro et al., 2007). Parece ser uma espécie rara na ilha, com no máximo 11 indivíduos observados em uma noite (Brasileiro et al., 2007a).</p> <p>Ameaças Bombardeios no habitat realizados periodicamente pela Marinha do Brasil.</p> <p>Medidas para conservação Suspensão dos tiros efetuados pela Marinha e manejo das áreas destruídas pelos bombardeios e incêndios para acelerar a regeneração da mata original.</p> <p>FOTOGRAFIA: RJ Sawaya</p>
--	---	--

Figura 4. Informações apresentadas nas fichas das espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes de água doce ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo.

também espécies exóticas introduzidas – espécies que originalmente não ocorriam no estado, mas foram introduzidas accidental ou intencionalmente e, atualmente, encontram-se estabelecidas em São Paulo. Essas espécies podem competir, introduzir doenças etc., representando potenciais ameaças à fauna nativa.

Alguns autores que contribuíram para a elaboração das listas gerais de vertebrados ocorrentes em São Paulo não participaram da redação dos capítulos de ameaçados e vice-versa. Portanto, cada lista deve ser citada separadamente e com seus devidos autores.

Devido às particularidades do grupo e às dificuldades para definir os limites da área de ocorrência de várias espécies, o capítulo de peixes marinhos seguiu um modelo diferente e não foram incluídos mapas de distribuição (Capítulo Peixes Marinhos). Além disso, não foi possível elaborar uma lista geral das espécies de peixes marinhos que ocorrem no Estado de São Paulo.

Referências bibliográficas

- Bergallo, H.G.; Rocha, C.F.D.& Alves, M.A.S.; Van Sluys, M. (orgs.). 2000. A Fauna Ameaçada de Extinção do Estado do Rio de Janeiro. Ed. UERJ. 168 p.
- Gärdenfors, U.; Hilton-Taylor, C.; Mace, G.M. & Rodrigues, J.P. 2001. The application of IUCN red list criteria at regional levels. *Conservation Biology* 15(5):1206-1212.
- Machado, A.B.M., Martins, C.S. & Drummond, G.M. 2005. Lista da fauna brasileira ameaçada de extinção: incluindo as espécies quase ameaçadas e deficientes em dados – Belo Horizonte: Fundação Biodiversitas, 160p.
- Machado, A.B.M.; Drummond G.M. & Paglia, A.P. (ed.). 2008. Livro Vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. MMA, Brasília, DF. Fundação Biodiversitas, 1420 p. (<http://www.mma.gov.br/port/sbf/fauna/index.html>)
- Mikich, S.B. & Bérnilds, R.S. (ed.). 2004. Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná. Instituto Ambiental do Paraná / Mater Natura, Curitiba, PA. (<http://celepar7.pr.gov.br/livrovermelho/>)
- IUCN - International Union for Conservation of Nature and Natural Resources. 2001. IUCN Red List Categories and Criteria: Version 3.1. IUCN Species Survival Commission. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK. ii + 30 pp.
- IUCN - International Union for Conservation of Nature and Natural Resources. 2008. The IUCN Red List of Threatened Species. <http://www.iucnredlist.org/> Consulta feita em 13 de fevereiro de 2009.
- São Paulo. 2008. Fauna Ameaçada do Estado de São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente, São Paulo. CETESB. 60 p.



MAMÍFEROS

Agradecimentos

Em primeiro lugar, eu gostaria de agradecer aos responsáveis por esta iniciativa pelo convite para participar e coordenar o grupo temático dos mamíferos. Também gostaria de agradecer àqueles que contribuíram de forma significativa com a elaboração da lista e de seus desdobramentos, dedicando seu tempo e compartilhando seu conhecimento conosco, por meio dos dados disponibilizados durante a consulta ampla e o *workshop*: Alexandre Vogliotti, Ana Paula Carmignotto, Beatriz Beisiegel, Cecília Kierulff, José Maurício Barbanti Duarte, Flávia Miranda, Márcio Port Carvalho, Mário Rollo, Michel Miretzki, Renata Pardini, Rogério Cunha de Paula, Ronaldo Gonçalves Morato e Yuri Leite. Foi fundamental para o desenvolvimento dos trabalhos a participação de Bruna Bassi Brancalion e Elisandra de Almeida Chiquito, estagiárias do Laboratório de Mamíferos da ESALQ/USP. Gostaria de manifestar minha gratidão à Ana Paula Carmignotto e Renata Pardini, pela leitura crítica do texto: sua avaliação criteriosa foi importante paraclarear alguns aspectos nebulosos do texto; os eventuais erros que permaneceram são de minha responsabilidade. Por fim, agradeço a Beatriz Beisiegel, Ricardo Boulhosa, Frederico Gemesio Lemos, Rogério Cunha, José Maurício Barbanti, Flávia Miranda, Miguel Rico, Paula Hanna Valdujo, Ana Paula Carmignotto, Angélica Midori, Karla Monteiro, Alexandre Nascimento, Maurício Talebi e Marcos Rossi pelo esforço para conseguir as fotos e a todos que tão gentilmente cederam fotos para o capítulo.

Introdução

Alexandre Reis Percequillo

Maria Cecília Martins Kierulff

Os mamíferos são um dos grupos mais carismáticos de vertebrados viventes, em decorrência de sua notável diversidade morfológica, ecológica e comportamental (Rose, 2006). São animais altamente especializados, que exibem intrincadas relações e interações com o ambiente em que vivem e com outras espécies animais e vegetais nas diversas comunidades em que ocorrem ao redor do globo, das zonas árticas às florestas tropicais, passando por áreas desérticas e regiões pantanosas (Wilson *et al.*, 1996). Também são animais de grande complexidade reprodutiva, produzindo, de forma geral, um número reduzido de filhotes e investindo uma grande quantidade de energia em sua gestação e criação. Em suma, são animais com biologia semelhante à dos humanos, a espécie de mamífero dominante no planeta. E por esta razão, encontram-se seriamente ameaçados ao redor do globo.

São conhecidas, atualmente, cerca de 5.400 espécies de mamíferos no mundo (Wilson & Reeder, 2005), mas este número vem aumentando ano a ano com a descrição de novas espécies descobertas em inventários de áreas pouco conhecidas ou nas gavetas dos museus. As ordens mais diversas tanto global quanto regionalmente (em níveis globais e regionais), são Rodentia e Chiroptera, que juntas abrigam cerca de 3.400 espécies, aproximadamente 62% da riqueza total da classe Mammalia. No Brasil, estima-se que existam aproximadamente 652 espécies (Wilson & Reeder, 2005; Reis *et al.* 2006), pertencentes a 11 ordens, o que representa em torno de 14% da diversidade global.

No Estado de São Paulo, existe uma estimativa da presença de cerca de 220 espécies (Anexo 5), o que representa 36% da diversidade nacional, com representantes de todas as ordens de mamíferos presentes no Brasil. Esta lista dos mamíferos do Estado de São Paulo foi elaborada a partir de espécimes depositados em coleções científicas. De um modo geral, todas as espécies incluídas na presente lista são atestadas por espécimes depositados nessas coleções, em especial na coleção do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP). A nomenclatura seguiu, em geral, Wilson & Reeder (2005), exceto nos casos em que discordamos com base em dados do grupo de autores ainda não publicados ou quando há literatura taxonômica mais recente. Nesses casos, empregamos Voss *et al.* (2005) para *Cryptonanus*; Gregorin (2006) para *Alouatta*; Silva Júnior (2001) para *Cebus*; Vivo (dados não publicados) para *Guerlinguetus*; Weksler *et al.* (2006) para *Cerradomys*, *Euryoryzomys*, *Hylaeamys* e *Sooretamys*; Oliveira (1998) para *Oxymycterus*; lack-Ximenes (1999)

para *Dasyprocta*; e Bezerra (2002) para *Clyomys*.

Considerando-se o habitat onde ocorrem no Estado de São Paulo, aproximadamente 190 espécies são terrestres e ao redor de 30 espécies são marinhas, com representantes das ordens Cetacea e Carnivora (das famílias Otaridae e Phocidae). Contudo, é importante salientar que muitas das espécies marinhas (47%) são visitantes ocasionais, com registros pontuais e esporádicos na costa do Estado – por essa razão esses táxons, como por exemplo, os cetáceos *Feresa attenuata*, *Lisodelphis peronii*, *Kogia breviceps*, *Berardius arnuxii*, e o elefante-marinho *Mirounga leonina*, não foram considerados na elaboração da lista de espécies ameaçadas.

Considerando as espécies terrestres, existem elementos faunísticos associados às diferentes formações fitofisionômicas encontradas no Estado de São Paulo. Existem espécies que exibem maior afinidade com áreas mais úmidas da porção leste do Estado, que são recobertas por florestas perenifólias situadas nas planícies arenosas e das encostas da Serra do Mar, no Planalto Atlântico e na vertente leste da Serra da Mantiqueira: este é o caso de alguns roedores cricetídeos da subfamília Sigmodontinae (por exemplo, dos gêneros *Euryoryzomys*, *Thaptomys*, *Phaenomys*, *Delomys*, *Abrawayaomys*, entre outros), de alguns marsupiais (como algumas espécies dos gêneros *Monodelphis* e *Marmosops*, e a cílica *Metachirus nudicaudatus*), e de alguns primatas (como *Brachyteles arachnoides* e *Alouatta clamitans*). Há também espécies mais intimamente associadas às áreas mais secas do interior, que são recobertas por formas vegetacionais que variam desde tipos mais florestados, como as florestas semideciduais, até as formações abertas, como as mais variadas fisionomias do Cerrado: este é o caso de alguns marsupiais (gêneros *Thylamys* e *Lutreolina*), de alguns roedores (gêneros *Cerradomys*, *Calomys*, *Clyomys*) e de alguns mamíferos de médio e grande porte, como o lobo-guará (*Chrysocyon brachyurus*), o tatu-peba (*Euphractus sexcinctus*), e o bugio (*Alouatta caraya*). Existem ainda espécies associadas às várzeas e planícies de inundação de rios, como o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*). Finalmente, existem espécies que não apresentam uma dependência em relação ao tipo de formação vegetacional e ocupam de forma homogênea tanto áreas mais abertas quanto áreas de floresta, como alguns mamíferos de médio a grande porte, entre eles a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), a paca (*Cuniculus paca*), os porcos-do-mato (*Tayassu pecari* e *Pecari tajacu*) e vários carnívoros, como a onça-parda (*Puma concolor*), o cachorro-do-mato (*Cerdocyon thous*), e o coati (*Nasua nasua*), entre outras espécies.

Com base nos critérios da IUCN (2001), que envolvem distribuição geográfica e parâmetros populacionais, os quais são desconhecidos para a vasta maioria das espécies de mamíferos brasileiros, foram reconhecidas 38 espécies ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo (17% das espécies reconhecidas para o Estado; Tabela 1): nove espécies tiveram seu estado de ameaça classificado como “Criticamente em Perigo (CR)”, seis espécies foram identificadas como “Em Perigo (EN)” e as 23 espécies restantes foram classificadas no menor grau de ameaça, “Vulnerável (VU)”. Para boa parte das espécies, os critérios utilizados na identificação das ameaças estão relacionados a suspeitas de redução nas populações decorrentes de “redução na área de ocupação, na extensão de ocorrência e/ou qualidade do habitat”; ou a distribuição geográfica limitada ou restrita a áreas de grande fragmentação.

Além das espécies ameaçadas, foram identificadas 58 espécies (Tabela 3) para as quais o conhecimento científico disponível é tão limitado que não foi possível atribuir a estas uma categoria de ameaça, e assim foram classificadas como “Deficientes de Dados (DD)”. A falta de conhecimento sobre suas distribuições (atuais ou históricas), suas ocorrências no Estado de São Paulo e problemas de definição taxonômica foram os principais fatores que impediram a avaliação dessas espécies. Nesta categoria foram incluídas espécies que não são usualmente capturadas ou são raramente capturadas ou observadas em inventários ou estudos ecológicos de curta e longa duração. Muitas delas constam de menos de uma dezena de espécimes presentes em coleções científicas, provenientes de poucas localidades. Todas essas espécies são conhecidas apenas por informações pontuais e anedóticas, no que diz respeito a parâmetros de sua biologia. Por conseguinte, esse estado de conhecimento é preocupante, porque muitas dessas espécies podem estar sofrendo algum grau de ameaça sem nenhum tipo de proteção que é conferido às espécies ameaçadas, mesmo que esta proteção seja mais conceitual que pragmática. É imperativo que o conhecimento sobre as espécies DD aumente exponencialmente, com incentivo e subsídios de órgãos governamentais e não-governamentais, com o propósito de preenchermos uma importante lacuna no conhecimento da nossa diversidade e dos padrões ecológicos associados a essas espécies.

Também foram inseridas 22 espécies (Tabela 2) na categoria “Quase Ameaçadas (NT)”; as espécies contempladas nesta categoria apresentam redução de população estimada ou distribuição geográfica limitada

(em extensão de ocorrência ou área de ocupação), mas não dentro dos limites e valores estabelecidos pelos outros critérios de ameaça utilizados neste estudo. Todavia, é importante que essas espécies sejam monitoradas e protegidas para que não venham a entrar na lista das espécies ameaçadas no futuro.

De forma geral, os mamíferos terrestres considerados ameaçados são aqueles de médio e grande porte, como o tatu-canastra (*Priodontes maximus*) e o tamanduá-bandeira (*Myrmecophaga tridactyla*), os primatas (*Leontopithecus caissara*, *L. chrysopygus*, *Callithrix aurita*, *Alouatta caraya*, *Brachyteles arachnoides*), os felinos (*Leopardus pardalis*, *L. wiedii*, *L. tigrinus*, *Panthera onca*, *Puma concolor*), os canídeos (*Lycalopex vetulus*, *Chrysocyon brachyurus*), a ariranha (*Pteronura brasiliensis*; espécie para a qual não são conhecidos registros científicos recentes em São Paulo, apenas registros anedóticos, e que está presumivelmente extinta no Estado), os cervídeos (*Mazama americana*, *M. bororo*, *M. nana*, *Ozotocerus bezoarticus*, *Blastocerus dichotomus*), o queixada (*Tayassu pecari*) e a anta (*Tapirus terrestris*). Estas representam 58% de todas as espécies ameaçadas e 63% das espécies terrestres do Estado de São Paulo. Embora pertençam a linhagens evolutivas distintas na Classe Mammalia e apresentem características ecológicas e comportamentais bastante distintas, as espécies acima listadas apresentam em comum alguns aspectos biológicos: exibem áreas de vida relativamente extensas, podendo ocorrer em uma ampla variedade de habitat, desde que estes se encontrem em bom estado de conservação e apresentem alguma continuidade; são sensíveis à perturbação ambiental e à pressão de caça; e são especialistas de habitat ou guilda trófica. Como o Estado de São Paulo encontra-se recoberto por uma porção mínima de sua cobertura vegetacional original (seja de floresta perenifólia, floresta semideciduosa ou Cerrado, que representam as principais fitofisionomias do Estado), e este processo de perda de habitat natural, juntamente com uma pressão contínua de caça e alteração da estrutura dos remanescentes de vegetação nativa, vem se acumulando ao longo dos últimos dois séculos, estas espécies mais exigentes são as mais afetadas.

Considerando as espécies ameaçadas de pequeno porte, temos três espécies de marsupiais, seis espécies de roedores e quatro espécies de morcegos. Para os pequenos mamíferos não voadores foram utilizados dados de abundância das espécies que habitam a Floresta Atlântica (Pardini & Umetsu, 2006; Umetsu & Pardini, 2007; Bueno, 2008), os quais

mostram declínio para as espécies como *Monodelphis iheringi*, *Marmosops paulensis*, *Thaptomys nigrita* e *Euryoryzomys russatus* em áreas fragmentadas. Para as formas de Cerrado, foram considerados dados de distribuição geográfica e abundância em algumas áreas do Estado (Carmignotto, 2005); estes resultados mostram que as espécies de Cerrado (*Thylamys velutinus*, *Cerradomys scotti* e *Pseudoryzomys simplex*) têm uma distribuição pontual e restrita, além de baixa abundância nas áreas amostradas. As espécies de morcegos consideradas ameaçadas foram assim definidas por critérios de suspeita de redução populacional em consequência de alterações na qualidade do habitat; são espécies pouco abundantes naturalmente e que vêm sendo afetadas pela supressão de cobertura vegetal nativa.

Em se tratando de uma associação entre fitofisionomia e espécies ameaçadas, podemos chamar a atenção para as espécies de Cerrado, que representam aproximadamente 26% da lista de espécies ameaçadas, considerando pequenos, médios e grandes mamíferos. Esses números são sintomáticos do estado de conservação do Cerrado, e agravados pelo fato de existir um número reduzido de unidades de conservação nesse bioma e, além disso, de tamanho pequeno, insuficiente para manter populações viáveis da maioria das espécies ameaçadas (Rodrigues & Bononi, 2008).

Finalmente, as espécies de cetáceos incluídas na presente lista representam duas espécies oceânicas e uma espécie costeira. As duas espécies oceânicas são espécies que possuem valor comercial e apresentam populações pequenas em níveis globais devido à pressão de caça/exploração comercial. Já a espécie costeira, *Pontoporia blainvilliei*, encontra-se ameaçada por causa de alterações significativas nos ambientes costeiros e da pesca acidental.

Um sério problema que tem ameaçado os mamíferos, principalmente em âmbito regional, é a soltura de espécies alóctones. Com o bem-intencionado propósito de “salvar” os animais confiscados do tráfico ou

de apreensões, bem como aqueles mantidos em instituições como CETAS ou na casa das pessoas como animais de estimação, os mantenedores legais ou não desses animais têm soltado espécies em locais onde elas nunca ocorreram, ameaçando de extinção a fauna nativa, resultante da competição por recursos ou de eventuais alterações no patrimônio genético. Atualmente essa introdução de espécies exóticas é um dos maiores problemas para a conservação dos primatas e de outras espécies de mamíferos. Um dos casos que mais chama a atenção está acontecendo com os saguis em São Paulo: *Callithrix jacchus*, sagui-de-tufos-brancos, que ocorre no Nordeste do Brasil, foi introduzido nas áreas de ocorrência das duas espécies nativas de *Callithrix*, e indivíduos de *Callithrix penicillata*, sagui-de-tufos-pretos, que ocorre no Cerrado, foram soltos em florestas ocupadas por *C. aurita* (ameaçado e endêmico da Mata Atlântica). Esses diferentes saguis hibridam e ocupam o espaço das espécies nativas, ameaçando ainda mais a conservação de *C. aurita* e de *C. penicillata* no Estado. Outros exemplos de espécies exóticas de mamíferos introduzidas no Estado de São Paulo são os ratos domésticos (*Rattus spp.*), a lebre (*Lepus europaeus*) e o javali (*Sus scrofa*).

Nesse sentido, o presente documento tem o papel de alertar a comunidade como um todo, que envolve a academia, os órgãos de gestão e fiscalização ambiental, os formadores de opinião e tomadores de decisão, e o público leigo, do perigo em que a fauna de mamíferos do Estado de São Paulo se encontra no início do século XXI. Esse perigo é decorrente de falta de conhecimento das espécies (diversidade, distribuição geográfica, história natural e ecologia), do crescimento desordenado da população humana (que compete por recursos com a fauna) e da falta de planejamento e de políticas públicas que possibilitem a convivência harmônica entre esses dois universos. Depende de todos nós o esforço para alterar esta tendência e possibilitar às gerações futuras a convivência com a extraordinária diversidade presente no Estado de São Paulo e no Brasil. ■

Tabelas de Mamíferos

Tabela 1. Mamíferos ameaçados de extinção no Estado de São Paulo

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular	Categoria
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Marmosops paulensis</i> (Tate, 1931)	cuíca	VU
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Monodelphis iheringi</i> (Thomas, 1888)	catita	VU
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Thylamys velutinus</i> (Wagner, 1842)	catita	VU
Cingulata	Dasyproctidae	<i>Priodontes maximus</i> (Kerr, 1792)	tatu-canastra	CR
Pilosa	Myrmecophagidae	<i>Myrmecophaga tridactyla</i> Linnaeus, 1758	tamanduá-bandeira	VU
Primates	Cebidae	<i>Callithrix aurita</i> (É. Geoffroy, 1812)	sagui-da-serra-escuro	VU
Primates	Cebidae	<i>Leontopithecus caissara</i> Lorini & Persson, 1990	mico-leão-de-cara-preta	CR
Primates	Cebidae	<i>Leontopithecus chrysopygus</i> (Mikan, 1823)	mico-leão-preto	EN
Primates	Atelidae	<i>Alouatta caraya</i> (Humboldt, 1812)	bugio-preto	VU
Primates	Atelidae	<i>Brachyteles arachnoides</i> (É. Geoffroy, 1806)	mono-carvoeiro	EN
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Diaemus youngi</i> (Jentink, 1893)	morcego-vampiro	VU
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Diphylla ecaudata</i> Spix, 1823	morcego-vampiro	VU
Chiroptera	Thyropteridae	<i>Thyroptera tricolor</i> Spix, 1823	morcego	VU
Chiroptera	Natalidae	<i>Natalus stramineus</i> Gray, 1838	morcego	VU
Carnivora	Felidae	<i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758)	jaguatirica	VU
Carnivora	Felidae	<i>Leopardus tigrinus</i> (Schreber, 1775)	gato-do-mato-pequeno	VU
Carnivora	Felidae	<i>Leopardus wiedii</i> (Schinz, 1821)	gato-maracajá	EN
Carnivora	Felidae	<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	onça-parda	VU
Carnivora	Felidae	<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	onça-pintada	CR
Carnivora	Canidae	<i>Chrysocyon brachyurus</i> (Illiger, 1815)	lobo-guará	VU
Carnivora	Canidae	<i>Lycalopex vetulus</i> (Lund, 1842)	raposinha-do-campo	VU
Carnivora	Mustelidae	<i>Pteronura brasiliensis</i> (Gmelin, 1788)	ariranha	CR
Perissodactyla	Tapiridae	<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	anta	VU
Artiodactyla	Tayassuidae	<i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795)	queixada	EN
Artiodactyla	Cervidae	<i>Blastocerus dichotomus</i> (Illiger, 1815)	cervo-do-pantanal	CR
Artiodactyla	Cervidae	<i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777)	veado-mateiro	VU
Artiodactyla	Cervidae	<i>Mazama bororo</i> Duarte, 1996	veado-mateiro-pequeno	VU
Artiodactyla	Cervidae	<i>Mazama nana</i> (Hensel, 1872)	veado-mão-curta	CR
Artiodactyla	Cervidae	<i>Ozotoceros bezoarticus</i> (Linnaeus, 1758)	veado-campeiro	CR
Cetacea	Balaenopteridae	<i>Balaenoptera musculus</i> (Linnaeus, 1758)	baleia-azul	CR
Cetacea	Balaenopteridae	<i>Balaenoptera physalus</i> (Linnaeus, 1758)	baleia-fin	CR
Cetacea	Pontoporiidae	<i>Pontoporia blainvilliei</i> (Gervais & d'Orbigny, 1844)	toninha	EN
Rodentia	Cricetidae	<i>Cerradomys scotti</i> (Langguth & Bonvicino, 2002)	rato-do-mato	VU
Rodentia	Cricetidae	<i>Euryoryzomys russatus</i> (Wagner, 1848)	rato-do-mato	VU
Rodentia	Cricetidae	<i>Phaenomys ferrugineus</i> (Thomas, 1894)	rato-do-mato	VU
Rodentia	Cricetidae	<i>Pseudoryzomys simplex</i> (Winge, 1887)	rato-do-mato	VU
Rodentia	Cricetidae	<i>Thaptomys nigrita</i> (Lichtenstein, 1829)	rato-do-mato	VU
Rodentia	Cricetidae	<i>Phyllomys thomasi</i> (Ihering, 1871)	rato-do-mato	EN

Tabela 2. Mamíferos Quase Ameaçados (NT) no Estado de São Paulo.

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Caluromys lanatus</i> (Olfers, 1818)	cuíca-lanosa
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Chironectes minimus</i> (Zimmermann, 1780)	cuíca-d'água
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Gracilinanus agilis</i> (Burmeister, 1854)	cuíca
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Marmosops incanus</i> (Lund, 1840)	cuíca
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Metachirus nudicaudatus</i> (É. Geoffroy, 1803)	cuíca-quatro-olhos
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Monodelphis americana</i> (Müller, 1776)	catita
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Monodelphis scalops</i> (Thomas, 1888)	catita
Primates	Cebidae	<i>Cebus nigritus</i> (Goldfuss, 1809)	macaco-prego
Primates	Pitheciidae	<i>Callicebus nigrifrons</i> (Spix, 1823)	sauá
Primates	Atelidae	<i>Alouatta clamitans</i> (Cabrera, 1940)	bugio-ruivo
Chiroptera	Furipteridae	<i>Furipterus horrens</i> (F. Cuvier, 1828)	morcego
Carnivora	Mustelidae	<i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818)	lontra
Artiodactyla	Tayassuidae	<i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	cateto
Cetacea	Delphinidae	<i>Sotalia guianensis</i> (van Bénéden, 1864)	boto-cinza
Rodentia	Cricetidae	<i>Abrawayaomys ruschii</i> Cunha & Cruz, 1979	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Akodon serrensis</i> Thomas, 1902	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Bucepattersonius soricinus</i> Hershkovitz, 1998	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Delomys dorsalis</i> (Hensel, 1873)	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Delomys sublineatus</i> (Thomas, 1903)	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Rhipidomys mastacalis</i> (Lund, 1840)	rato-do-mato
Rodentia	Cuniculidae	<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1758)	paca
Rodentia	Dasyproctidae	<i>Dasyprocta aguti</i> (Linnaeus, 1766)	cutia

Tabela 3. Mamíferos Deficientes em Dados (DD) no Estado de São Paulo.

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular
Didelphimorphia	Didelphidae	<i>Monodelphis theresa</i> Thomas, 1921	catita
Cingulata	Dasypodidae	<i>Cabassous tatouay</i> (Desmarest, 1804)	tatu-do-rabo-mole-grande
Primates	Cebidae	<i>Cebus libidinosus</i> Spix, 1823	macaco-prego
Chiroptera	Emballonuridae	<i>Diclidurus scutatus</i> Peters, 1869	morcego
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Glyphonycteris sylvestris</i> Thomas, 1896	morcego
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Lampronycteris brachyotis</i> (Dobson, 1879)	morcego
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Macrophyllum macrophyllum</i> (Schinz, 1821)	morcego
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Micronycteris brosseti</i> Simmons & Voss, 1998	morcego
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Phylloderma stenops</i> Peters, 1865	morcego
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Chiroderma villosum</i> Peters, 1860	morcego
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Platyrrhinus recifinus</i> (Thomas, 1901)	morcego

Tabela 3. Mamíferos Deficientes em Dados (DD) no Estado de São Paulo. (CONTINUAÇÃO)

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular
Chiroptera	Phyllostomidae	<i>Uroderma bilobatum</i> Peters, 1866	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Cynomops planirostris</i> (Peters, 1866)	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Eumops auripendulus</i> (Shaw, 1800)	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Eumops bonariensis</i> (Peters, 1874)	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Eumops glaucinus</i> (Wagner, 1843)	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Eumops hansae</i> Sanborn, 1932	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Eumops perotis</i> (Schinz, 1821)	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Molossops neglectus</i> Williams & Genoways, 1980	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Molossops temminckii</i> (Burmeister, 1854)	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Nyctinomops aurispinosus</i> (Peale, 1848)	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Nyctinomops laticaudatus</i> (É. Geoffroy, 1805)	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Nyctinomops macrotis</i> (Gray, 1840)	morcego
Chiroptera	Molossidae	<i>Promops nasutus</i> (Spix, 1823)	morcego
Chiroptera	Vespertilionidae	<i>Lasiurus ebenus</i> Fazzolari-Côrrea, 1994	morcego
Chiroptera	Vespertilionidae	<i>Rhogeessa hussoni</i> Genoways & Baker, 1996	morcego
Chiroptera	Vespertilionidae	<i>Myotis albescens</i> (É. Geoffroy, 1806)	morcego
Chiroptera	Vespertilionidae	<i>Myotis levis</i> (I. Geoffroy, 1824)	morcego
Carnivora	Canidae	<i>Speothos venaticus</i> (Lund, 1842)	cachorro-vinagre
Carnivora	Felidae	<i>Leopardus colocolo</i> (Molina, 1782)	gato-palheiro
Carnivora	Mustelidae	<i>Galictis cuja</i> (Molina, 1782)	furão
Carnivora	Mephitidae	<i>Conepatus semistriatus</i> (Boddaert, 1785)	jaritataca
Cetacea	Balaenidae	<i>Eubalaena australis</i> (Desmoulins, 1822)	baleia-franca-do-sul
Cetacea	Balaenopteridae	<i>Balaenoptera acutorostrata</i> Lacépède, 1804	baleia-minke
Cetacea	Balaenopteridae	<i>Balaenoptera edeni</i> Anderson, 1879	baleia-de-bryde
Cetacea	Balaenopteridae	<i>Megaptera novaeangliae</i> (Borowski, 1781)	baleia-jubarte
Cetacea	Delphinidae	<i>Delphinus capensis</i> (Gray, 1828)	golfinho-comum-de-bico-longo
Cetacea	Delphinidae	<i>Orcinus orca</i> (Linnaeus, 1758)	orca
Cetacea	Delphinidae	<i>Stenella frontalis</i> (G. Cuvier, 1829)	golfinho-pintado-do-atlântico
Cetacea	Delphinidae	<i>Steno bredanensis</i> (G. Cuvier in Lesson, 1828)	golfinho-de-dentes-rugosos
Cetacea	Delphinidae	<i>Tursiops truncatus</i> (Montagu, 1821)	golfinho-nariz-de-garrafa
Cetacea	Physeteridae	<i>Physeter macrocephalus</i> (Linnaeus, 1758)	cachalote
Rodentia	Cricetidae	<i>Akodon paranaensis</i> Christoff, Fagundes, Sbalqueiro, Mattevi & Yonenaga-Yassuda, 2000	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Akodon reigi</i> González, Langguth & Oliveira, 1998	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Akodon sanctipaulensis</i> Hershkovitz, 1990	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Blarinomys breviceps</i> (Winge, 1887)	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Brucepattersonius igniventris</i> Hershkovitz, 1998	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Holochilus brasiliensis</i> (Desmarest, 1819)	rato-do-mato

Tabela 3. Mamíferos Deficientes em Dados (DD) no Estado de São Paulo. (CONTINUAÇÃO)

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular
Rodentia	Cricetidae	<i>Juliomys ossitenuis</i> Costa, Pavan, Leite & Fagundes, 2007	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Oecomys catherinae</i> Thomas, 1909	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Oligoryzomys fornesi</i> (Massoia, 1973)	rato-do-mato
Rodentia	Cricetidae	<i>Rhagomys rufescens</i> (Thomas, 1886)	rato-do-mato
Rodentia	Echimyidae	<i>Clyomys laticeps</i> (Thomas, 1909)	rato
Rodentia	Echimyidae	<i>Phyllomys kerri</i> (Moojen, 1950)	rato-de-espinho-arborícola
Rodentia	Echimyidae	<i>Phyllomys medius</i> (Thomas, 1909)	rato-de-espinho-arborícola
Rodentia	Echimyidae	<i>Euryzygomatomys spinosus</i> (G. Fischer, 1814)	rato
Rodentia	Echimyidae	<i>Kannabateomys amblyonyx</i> (Wagner, 1845)	rato-de-bambu
Rodentia	Echimyidae	<i>Trinomys dimidiatus</i> (Günther, 1877)	rato-de-espinho



Marmosops paulensis (Tate, 1931) Didelphimorphia, Didelphidae

Nome vernacular

Cuíca.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2bc.

Justificativa

Ocorre em áreas de floresta primária e secundária restritas a uma faixa de altitude acima de 800 metros (Vivo & Gregorin 2001; Vieira & Monteiro-Filho 2003). Além de distribuição geográfica restrita, esta espécie é fortemente afetada pelo desmatamento e fragmentação das florestas montanas, tendo sido registrada apenas em áreas de mata contínua (Bueno 2008).

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Endêmica da porção sudeste da Mata Atlântica, restrita a áreas de florestas montanas acima de 800 metros de altitude, ao longo de uma pequena faixa nas encostas montanhosas dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná (Mustrangi & Patton 1997; Rossi *et al.* 2006; Gardner 2007).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Serra do Mar, Estação Biológica de Boraceia.

Biologia da espécie

Espécie de pequeno porte, com comprimento total entre 243 e 365 mm, comprimento da cauda entre 145 e 212 mm e massa corporal entre 16 e 70 g (Mustrangi & Patton 1997; Rossi *et al.* 2006). Caracteriza-se por apresentar anéis bem definidos e de coloração escura ao redor dos olhos, dorso cinza-avermelhado, ventre creme ou branco homogêneo, cauda marrom-acinzentada na porção proximal e sem pigmentação na porção distal; não possui marsúpio (Rossi *et al.* 2006). Apresenta hábito noturno e explora tanto o solo quanto o sub-bosque (Vieira 2006; Leiner & Silva

2007a). Percorre uma área diária em torno de 0,40 ha e alimenta-se de insetos, aracnídeos, gastrópodes, frutas, flores e pequenos vertebrados; é mais frugívora do que se acreditava e atua como importante dispersora de plantas pioneiros, como as espécies do gênero *Piper* (Leiner & Silva 2007a, b). Reproduzem-se uma única vez, durante os meses de setembro a março (Leiner *et al.* 2008).

Ameaças

No Estado de São Paulo restam apenas 10,4% de remanescentes de floresta ombrófila densa montana (Instituto Florestal 2005). Além disso, aproximadamente 83% dos remanescentes de Mata Atlântica correspondem a fragmentos com até 50 ha de área (Ribeiro *et al.*, 2009), onde aparentemente a espécie não ocorre ou é bastante rara.

Medidas para a conservação

Proteger e fiscalizar as áreas contínuas de floresta ombrófila densa montana onde a espécie é encontrada. Proteger os remanescentes menores onde a espécie eventualmente ocorre, visto que sua presença é indicadora de comunidades pouco alteradas. Levantar mais informações a respeito da distribuição geográfica da espécie em termos dos tipos de florestas e faixas altitudinais preferenciais e de sua história natural, para possibilitar a implantação de planos de manejo adequados para sua conservação.

AUTORES: Ana Paula Carmignotto, Renata Pardini

FOTOGRAFIA: Thomas Puettker



Monodelphis iheringi (Thomas, 1888)

Didelphimorphia, Didelphidae



Nome vernacular

Catita.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2bc.

Justificativa

Espécie endêmica da Mata Atlântica, habita áreas de floresta primária e secundária. Esta espécie é fortemente afetada pelo desmatamento e fragmentação, tendo sido registrada apenas em áreas de mata contínua (Bueno 2008).

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Distribui-se na região sul e sudeste do Brasil, ocorrendo em áreas de floresta primária e secundária do Espírito Santo até o Rio Grande do Sul (Brown, 2004; Rossi et al. 2006; Gardner, 2007).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual do Jaceguava, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Ecológica do Bananal, Estação Biológica de Boraceia e Reserva Biológica de Paranapiacaba.

Biologia da espécie

Espécie de pequeno porte, com comprimento total em torno de 87 mm e comprimento da cauda em torno de 47 mm (Eisenberg & Redford, 1999; Rossi et al. 2006). Apresenta dorso de coloração marrom ornamentado com três faixas longitudinais de coloração escura, das quais a faixa central estende-se do focinho à base da cauda e as laterais estendem-se dos ombros à base da cauda. O ventre é marrom-claro, e a cauda, não preênsil, é marrom-escura na porção dorsal e mais clara na porção ventral, sendo recoberta por pelos diminutos em toda a sua extensão; não possui marsúpio (Rossi et al. 2006). Possui hábito terrestre (Vieira, 2006).

e foi classificada como insetívora-onívora (Fonseca et al. 1996), entretanto, faltam informações a respeito da ecologia desta espécie (Rossi et al. 2006).

Ameaças

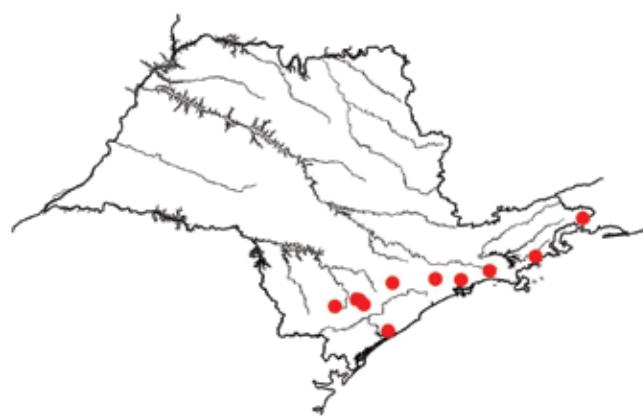
No Estado de São Paulo restam apenas 12% de remanescentes de Mata Atlântica (SOS Mata Atlântica e INPE 2008). Além disso, aproximadamente 83% dos remanescentes de Mata Atlântica correspondem a fragmentos com até 50 ha de área (Ribeiro et al., 2009), onde aparentemente a espécie não ocorre ou é bastante rara.

Medidas para a conservação

Proteger e fiscalizar as áreas contínuas de mata onde a espécie é encontrada. Proteger os remanescentes menores onde a espécie eventualmente ocorre, visto que sua presença é indicadora de comunidades pouco alteradas. Levantar mais informações a respeito da distribuição geográfica da espécie em termos dos tipos de florestas e faixas altitudinais preferenciais e de sua história natural, para possibilitar a implantação de planos de manejo adequados para sua conservação.

AUTORES: Ana Paula Carmignotto, Renata Pardini

FOTOGRAFIA: Thomas Puettker





Thylamys velutinus (Wagner, 1842)

Didelphimorphia, Didelphidae

Nome vernacular

Catita.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1; B2abiii.

Justificativa

O Estado de São Paulo é o limite setentrional de distribuição desta espécie, onde é conhecida em apenas duas localidades, na FLONA de Ipanema, Iperó, SP, e Cachoeira de Emas, Pirassununga, SP, em ambiente com vegetação de Cerrado. Este tipo de formação foi praticamente extirpado do Estado, não sendo encontrados registros recentes desta espécie em São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Distribui-se em áreas de Cerrado no interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais, no sudeste do Brasil, e também na região do planalto Central, em áreas de Cerrado no Distrito Federal e em Goiás. Habita áreas de campo e de cerrado *sensu stricto* (Carmignotto & Monfort 2006, Palma & Vieira 2006).

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Animal de pequeno porte com comprimento total entre 79 e 110 mm, comprimento da cauda entre 65 e 91 mm e peso entre 13 e 36 g (Carmignotto & Monfort, 2006). Apresenta um anel estreito e de coloração escura ao redor dos olhos e uma faixa de pelos escuros que se estende do dorso até quase a ponta do focinho; o dorso é marrom-acinzentado, o ventre é branco-acinzentado, e a cauda, não preênsil, é grossa devido ao acúmulo de gordura, curta e recoberta de pelos diminutos; suas patas são pequenas; não possui marsúpio (Rossi *et al.* 2006). Animal noturno,

terrestre, insetívoro-onívoro, sendo a maior parte de sua dieta (75,4%) constituída de material animal (Vieira & Palma, 1996; Vieira, 2006). A densidade populacional no Distrito Federal variou entre 0,41 e 0,55 indivíduos/há, e a área de vida, entre 1,70 e 2,28 ha (Vieira & Palma, 1996).

Ameaças

Grandes pastagens e monoculturas descaracterizaram e fragmentaram severamente o habitat desta espécie. Restam poucos remanescentes de Cerrado no Estado de São Paulo, apenas 0,96% de sua área original (São Paulo, 1998), a qual está representada, em sua maioria (ca. 70%), por fragmentos com menos de 10 ha (São Paulo, 1997).

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de Cerrado; levantamento de informações sobre a história natural da espécie e a busca de novos pontos de ocorrência no Estado.

AUTOR: Ana Paula Carmignotto

FOTOGRAFIA: Paula Hanna Valdujo



Priodontes maximus (Kerr, 1792)

Cingulata, Dasypodidae



Nome vernacular

Tatu-canastra.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2c.

Justificativa

Essa é uma espécie típica de Cerrado, um dos ambientes mais afetados pela atividade antrópica no Estado de São Paulo. Dessa forma, estima-se que as populações do estado venham sofrendo reduções drásticas em tamanho nos últimos anos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): PE; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): CP; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre a leste dos Andes, da Venezuela até a Guiana Francesa, Colômbia, Equador, Peru, Bolívia, norte da Argentina, Paraguai e Brasil, nos biomas Amazônia, Cerrado, Pantanal e Mata Atlântica (Fonseca *et al.* 1996; Medri *et al.* 2006; Gardner, 2007).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em UCs de São Paulo.

Biologia da espécie

É o maior tatu existente, podendo atingir até 1,5 m de comprimento total e 30 kg. Alimenta-se principalmente de cupins e formigas, por meio da escavação dos ninhos desses insetos, porém, outros alimentos foram registrados, como matéria vegetal, outros invertebrados e carniça. É uma espécie noturna, altamente fossorial; as tocas tendem a ser agrupadas e frequentemente ao redor de cupinzeiros. Associa-se a ambientes florestais, xerófilos, savânicos e planícies de inundação. A área de vida é de aproximadamente 726,5 ha (Medri *et al.* 2006). Essa espécie atinge a maturidade sexual aos 12 meses, em média, tendo um tempo de vida de 12 a 15 anos, o período de gestação é de quatro meses, gerando um ou dois filhotes (Gardner, 2007).

Ameaças

Supressão e alteração de habitat e caça, pois é amplamente utilizado como alimento.

Medidas para a conservação

São necessários inventários, prioritariamente em remanescentes de Cerrado, que objetivem confirmar a presença atual da espécie em São Paulo, uma vez que não existem registros confiáveis há décadas. Além da proteção do habitat natural, por meio da criação de unidades de conservação, e obtenção de dados básicos da biologia e ecologia da espécie.

AUTORES: Elisandra Almeida Chiquito, Márcio Port Carvalho, Alexandre Reis Percequillo.

FOTOGRAFIA: Flávia Miranda





Myrmecophaga tridactyla (Linnaeus, 1758) Pilosa, Myrmecophagidae

Nome vernacular

Tamanduá-bandeira.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2c.

Justificativa

Estimativas sugerem declínios populacionais no Estado em decorrência de predação (ataques por cães domésticos), alteração do habitat (supressão de vegetação nativa e fogo em áreas agropastoris, como no manejo da cana-de-açúcar) e atropelamento. Estudos em Unidades de Conservação no Estado (Estação Ecológica de Angatuba e Parque Estadual Furnas do Bom Jesus) indicam baixos índices de abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): EP; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Ocorre desde a Guatemala e Belize até o Uruguai, abrangendo a face oriental do Peru e da Bolívia, a porção norte da Argentina, Guianas, Suriname, Venezuela, Colômbia, Brasil e Paraguai. No Brasil apresenta registros em todos os biomas, porém está associada a florestas de terras baixas e ambientes savânicos (Medri *et al.* 2006; Gardner, 2007).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Angatuba, Estação Ecológica de Jataí, Estação Ecológica de Paranapanema, Parque Estadual Furnas do Bom Jesus, Parque Estadual do Morro do Diabo, Parque Estadual de Vassununga (Gleba Pé do Gigante), Parque Estadual de Porto Ferreira, Parque Estadual Carlos Botelho (provavelmente migrando de áreas da região de Pilar do Sul-SP).

Biologia da espécie

É o maior representante da família Myrmecophagidae, podendo atingir 2,1 m de comprimento total e peso de 45 kg. Terrestres, com hábitos diurnos e noturnos, habitam variadas fitofisionomias, desde formações florestais até campos. A dieta é constituída basicamente de formigas e cupins, porém há registros de coleópteros e abelhas. A área de vida pode chegar a 1.190 ha (Medri & Mourão, 2005). A gestação tem duração aproximada de 190 dias, nascendo um único filhote, e o período entre gestações é de nove meses em média.

Ameaças

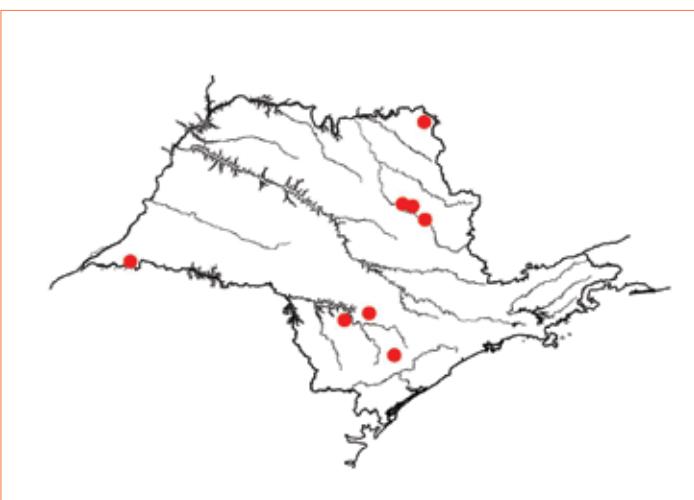
Deterioração e redução de habitat (Fonseca *et al.* 1999), incêndios florestais, caça e atropelamento (Medri *et al.* 2006).

Medidas para a conservação

Proteção do habitat natural, com a criação de unidades de conservação, e obtenção de dados básicos da biologia, ecologia e saúde da espécie. A prevenção de atropelamentos é fundamental, por meio de sinalização adequada e programas de educação ambiental.

AUTORES: Elisandra Almeida Chiquito, Alexandre Reis Percequillo

FOTOGRAFIA: Frederico Gemesio Lemos



***Callithrix aurita* (É. Geoffroy, 1812)**

Primates, Cebidae



Nome vernacular

Sagui-da-serra-escuro.

Categoria proposta para São Paulo

VU A4ce.

Justificativa

As principais causas do declínio são a perda e a fragmentação de habitat e a introdução de espécies exóticas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Endêmico da Mata Atlântica das regiões serranas entre 500 e 1.200 m nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo (Vivo, 1991; Rylands, 1994).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica do Bananal, Estação Ecológica de Itapeti, Parque Estadual da Cantareira, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Nacional Serra da Bocaina, Reserva Florestal do Morro Grande.

Biologia da espécie

Os saguis-da-serra-escuros, como todos os calitriquídeos, são pequenos, dão à luz filhotes gêmeos, possuem garras em todos os dedos exceto no hálux e não têm o terceiro dente molar (Hershkovitz, 1977; Sussman & Kinzey, 1984). Vivem em grupos com até 12 indivíduos em matas primárias e secundárias, sendo inclusive encontrados com frequência em ambientes alterados, como bordas de mata e bambuzais (Corrêa, 1995; Brandão, 1999). Possuem dieta generalista composta basicamente de insetos, frutos e gomas (Martins & Setz, 1999) e área de vida que pode chegar a no máximo 35 ha (Ferrari et al. 1996).

Ameaças

Destrução do habitat natural pela agricultura (Brandão & Develey, 1998); ocorrência próxima a centros urbanos, tornando as populações vulneráveis principalmente a empreendimentos como barragens, rodovias, condomínios particulares, pedreiras etc.; *Callithrix jacchus*, sagui do Nordeste do Brasil, e *Callithrix penicillata*, mico-estrela típico do Cerrado, têm sido soltos (introduzidos) nas áreas de ocorrência de *C. aurita*, ameaçando a espécie no Estado de São Paulo.

Medidas para a conservação

Levantamentos para a criação de novas UCs; fiscalização mais efetiva nas UCs e para evitar desmatamentos irregulares; estudos sobre ecologia, comportamento e demográficos; diagnóstico dos danos causados pela introdução de outras espécies de saguis para avaliar e propor estratégias de manejo; campanhas de educação e informação para criadores comerciais e particulares, treinamento e capacitação de agentes responsáveis pelo combate ao tráfico de animais silvestres, para evitar a soltura de espécies invasoras.

AUTORES: Márcio Port Carvalho, Maria Cecília Martins Kierulff

FOTOGRAFIA: Alcides Pissinatti





Leontopithecus caissara
Lorini & Persson, 1990
Primates, Cebidae

Nome vernacular

Mico-leão-de-cara-preta.

Categoria proposta para São Paulo

CR C2aii;D.

Justificativa

O número total de exemplares da espécie é menor do que 500 indivíduos distribuídos em áreas muito restritas na divisa dos estados de São Paulo e Paraná.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2003): CR; São Paulo (1998): CP; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Ocorre na planície litorânea em altitudes até 50 m e habita restingas, caxetais e taboais na floresta ombrófila densa aluvial e de terras baixas. Está restrita a uma área de 300 km², incluindo a ilha de Superagui e áreas continentais adjacentes nos estados do Paraná (Guaraqueçaba) e São Paulo (Cananéia) (Persson & Lorini, 1993; Holst *et al.* 2006; Ludwig *et al.* 2008).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Lagamar de Cananéia.

Biologia da espécie

Vive em grupos familiares com cinco indivíduos em média, normalmente formados pelo casal e seus filhotes, podendo utilizar uma área de vida de até 3,21 km², a maior em comparação com seus congêneres. Dieta composta de frutos, fungos, néctar, insetos e pequenos vertebrados (Kierulff *et al.* 2002). Usa ocos de árvores, emaranhados de cipós e bromélias como abrigo durante a noite (IPE, 2008).

Ameaças

As maiores ameaças são a exploração ilegal, irregular e predatória de palmito e caixeta, a caça e a captura de animais, e a destruição e degradação do habitat por desmatamento, turismo sem planejamento e especulação imobiliária. Além disso, o isolamento de populações muito pequenas pode levar esses animais à extinção devido a problemas genéticos e demográficos.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde existem micos-leões-da-cara-preta e fiscalização contra desmatamento e caça. Aumento do número de indivíduos na natureza com a expansão das florestas nas áreas adjacentes onde a espécie ocorre por meio da revegetação e restauração do habitat e do manejo das populações com migração controlada de indivíduos e translocações. Implantação de programas de educação ambiental e de extensão comunitária, visando a conscientização socioambiental e geração de alternativas de renda, reduzindo a pressão das populações locais sobre os recursos naturais na região.

AUTORES: Maria Cecília Martins Kierulff, Márcio Port Carvalho

FOTOGRAFIA: Tom Svensson



Leontopithecus chrysopygus (Mikan, 1823)

Primates, Cebidae



Nome vernacular

Mico-leão-preto.

Categoria proposta para São Paulo

EN C1.

Justificativa

População total menor do que dois mil indivíduos distribuídos em várias populações isoladas, a maioria pequena demais para garantir a sobrevivência da espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2003): CR; São Paulo (1998): CP; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Endêmico da porção planáltica de Mata Atlântica do oeste e sudoeste do Estado de São Paulo, limitada a norte pelo rio Tietê, a oeste pelo Paraná, a leste pela Serra de Paranapiacaba e a sul pela Bacia do Paranapanema, em fragmentos de floresta estacional semidecidual (Ludwig *et al.* 2008). A espécie está extinta na maior parte de sua ocorrência original (Röhe *et al.* 2003; Holst *et al.* 2006).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo, Estação Ecológica de Caetetus, Estação Ecológica de Angatuba, Estação Ecológica Mico-Leão-Preto, Estação Experimental de Buri.

Biologia da espécie

Vive em grupos familiares com dois a 11 indivíduos. Geralmente apenas um casal reproduz, embora sejam comuns grupos com múltiplas fêmeas e dois ou mais machos adultos (Baker *et al.* 2002). Os grupos defendem uma área de vida com média de 1,38 km² e usam ocos de árvores para dormir (Valladares-Pádua, 1993). Dieta composta de frutos, néctar, insetos e pequenos vertebrados; durante a estação seca, aumenta o consumo de exudatos (Kierulff *et al.* 2002). Reprodução sazonal com nascimentos ocorrendo principalmente de setembro a fevereiro (Ludwig *et al.* 2008).

Ameaças

As maiores ameaças são a fragmentação de habitat e o isolamento de populações muito pequenas. A única população viável ocorre no Parque Estadual do Morro do Diabo, e qualquer catástrofe local pode causar a extinção da espécie (Holst *et al.* 2006). As outras populações têm tamanho estimado entre 11 e 134 indivíduos e podem se extinguir em curto prazo sem proteção e manejo adequados.

Medidas para a conservação

As populações isoladas devem ser manejadas como uma única, com migração controlada de indivíduos. Implantação de corredores ligando as populações; áreas de florestas onde já existem micos-leões-pretos expandidas por meio da revegetação e restauração do habitat. Aumento do número de indivíduos na natureza por reintroduções e translocações. Ações de educação ambiental e de envolvimento comunitário.

AUTORES: Maria Cecília Martins Kierulff, Márcio Port Carvalho

FOTOGRAFIA: Thomas Betersen





Alouatta caraya (Humboldt, 1812)

Primates, Atelidae

Nome vernacular

Bugio-preto.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2c.

Justificativa

As populações remanescentes estão restritas a fragmentos de Cerrado pequenos e degradados, que vêm sofrendo intensa redução desde o final do século XIX (São Paulo, 1998).

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): LC; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): NT; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Regiões norte e noroeste do Estado. A espécie normalmente ocorre associada aos cerradões densos e matas ciliares (Talamoni *et al.* 2000; Dornelles, 2001), podendo também ser encontrada em florestas semi-deciduas no oeste de São Paulo (Gregorin, 2006).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Paulo de Faria, Estação Ecológica de Jataí, Estação Experimental de Luiz Antônio e Parque Estadual Vassununga (Gleba Pé-de-Gigante).

Biologia da espécie

Apresenta dicromatismo sexual na pelagem, com o macho adulto negro e a fêmea castanho-amarelado claro; machos maiores do que fêmeas.

Os jovens de ambos os sexos têm coloração semelhante à das fêmeas adultas. O osso hióide é bastante desenvolvido, formando uma caixa de ressonância que produz o ronco ou rugido característico das espécies do gênero. Vivem em grupos familiares polígnicos, em geral com dois a oito indivíduos, podendo chegar a 21, que são normalmente formados por um macho adulto dominante e até três fêmeas adultas com suas crias e juvenis (Gregorin *et al.* 2008). Em geral não existe sazonalidade reprodutiva, mas pode haver concentração de nascimentos em determinada época do ano. Sua dieta é composta de folhas novas e velhas, flores, brotos e frutos, e proteína animal quando se alimenta de itens infestados por artrópodes (Gregorin *et al.* 2008).

Ameaças

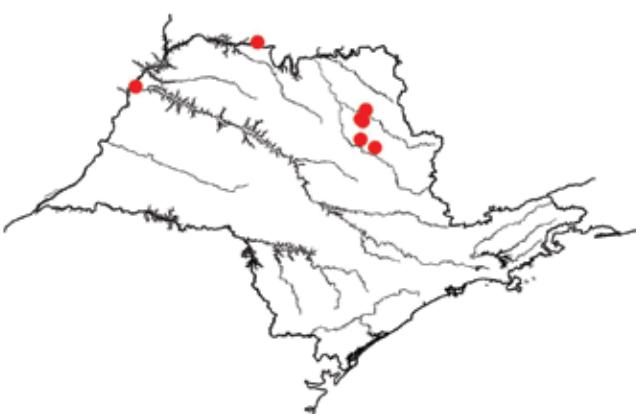
A maior ameaça para a conservação da espécie é a destruição e a fragmentação de seu habitat, uma vez que resta apenas 1% de cobertura vegetal natural do Cerrado paulista (São Paulo, 2005).

Medidas para a conservação

Levantamento das populações remanescentes e desenvolvimento de estudos sobre a ecologia e o comportamento da espécie; ampliação, recuperação, proteção e conexão das áreas com populações de bugio-preto.

AUTORES: Maria Cecília Martins Kierulff, Márcio Port Carvalho

FOTOGRAFIAS: Angélica Midori e Ricardo Boulhosa



Brachyteles arachnoides (É. Geoffroy, 1806)

Primates, Atelidae



Nomes vernaculares

Mono-carvoeiro; muriqui-do-sul.

Categoria proposta para São Paulo

EN A4b;E.

Justificativa

Destrução, fragmentação e degradação do habitat, baixa densidade populacional e caça (Strier, 1997; Talebi & Soares, 2005).

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2003): EN; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): CR; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Áreas primárias de floresta ombrófila densa, do sul da Bahia ao norte do Paraná; em São Paulo, restrito às serras do Mar, Mantiqueira e Paranaíba, com limite oeste na fazenda Barreiro Rico, no município de Anhembi, na confluência com rio Piracicaba.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Turístico Alto do Ribeira (PETAR), Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual de Jacupiranga, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Nacional Serra da Bocaina.

Biologia da espécie

Maior primata das Américas, chega a 15 kg, 80 cm de corpo e até 80 cm de cauda (Nishimura *et al.* 1988). Possui cauda preênsil, que funciona como um quinto membro, auxiliando na alimentação e locomoção. Vive em grandes grupos, com dezenas de indivíduos que se dividem em sub-

grupos para forragear. Exigente quanto à qualidade do habitat, apresenta dieta composta de frutos, folhas novas, brotos e flores (Strier, 1991). Os comportamentos sociais e reprodutivos são complexos e as fêmeas copulam com vários machos sem qualquer reação de agressividade (Strier, 1996). No Estado de São Paulo é encontrado em poucas localidades, onde ainda restam florestas maduras e preservadas. Considerados pela UNESCO como indicador de qualidade ambiental e espécie símbolo da Reserva da Biosfera da Mata Atlântica.

Ameaças

As principais ameaças ao mono-carvoeiro são a perda e degradação do habitat, caça e extração ilegal de palmito juçara, inclusive em UCs. Além disso, não existe um programa para a manutenção da espécie em cativeiro.

Medidas para a conservação

Fiscalização mais efetiva nos remanescentes onde a espécie ocorre, principalmente nas UCs e entorno; inventários para a criação de novas UCs; ações de educação ambiental e de envolvimento comunitário e programas de renda alternativa para palmiteiros, como capacitação de guias de ecoturismo e produção de artesanato; pesquisas de longo prazo sobre a biologia da espécie; programas de manejo e conservação.

AUTORES: Márcio Port Carvalho, Maria Cecília Martins Kierulff

FOTOGRAFIA: Maurício Talebi - Associação Pro-Muriqui



Nomes vernaculares

Morcego, morcego-hematófago.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2c.

Justificativa

Baixa densidade por toda sua área de ocorrência; suas populações são alvo indiferenciado do controle sobre o morcego-hematófago comum (*Desmodus rotundus*); apenas quatro localidades com registro da espécie, e assim como *D. ecaudata*, o maior número de registros ocorre na região de cavernas no sudeste de São Paulo, que, apesar de relativamente bem preservada, sofre intensa pressão imobiliária e mineradora; populações potencialmente em declínio.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Espécie de ampla distribuição na região neotropical, ocorrendo desde o norte do México até o sul do Brasil, no Estado do Paraná (Uieda & Chaves, 2005). No Brasil já foi encontrada no Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal, Caatinga, Floresta Amazônica, além de ambientes antropizados associados a estes biomas (Gardner, 2007).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR).

Biologia da espécie

É a maior espécie de morcego hematófago, com o comprimento da cabeça e corpo variando entre 8 e 8,5 cm, envergadura de 40 cm e peso médio de 35 g. Alimenta-se exclusivamente de sangue, preferencialmente o de aves, mas é mais flexível, incluindo o consumo de mamíferos. Abriga-se em ocos de árvores, o que o diferencia de *D. ecaudata*. Podem viver solitários ou em pequenos grupos (seis a 30 indivíduos), e ocasionalmente em grupos grandes entre 30 e cem indivíduos. Os aspectos reprodutivos ainda não foram estudados adequadamente; aparentemente é uma es-

pécie monotoca, como a grande maioria dos morcegos e, também, poliestra. Apresenta comportamento de domínio-hierarquia com *displays* e padrões não registrados em outros morcegos. Longevidade desconhecida na natureza, mas duas fêmeas foram mantidas por seis anos em cativeiro. Não são conhecidos danos econômicos causados por *Diaemus* e, ainda que já tenha sido detectado o vírus da raiva nesta espécie, não são conhecidos casos de contaminação humana (Nowak, 1991; Eisenberg & Redford, 1999; Reis *et al.* 2007).

Ameaças

Redução de habitat, depredação do ambiente cavernícola pelo turismo e pela mineração; combate indiscriminado a morcegos, por serem potenciais transmissores da raiva; dados biológicos insuficientes para traçar planos de conservação.

Medidas para a conservação

Restrição ao turismo em cavernas; restrições à mineração em áreas onde a espécie foi encontrada; qualificação adequada dos agentes responsáveis pelo monitoramento e controle da raiva em animais silvestres; levantamento de informações sobre a história natural da espécie; e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Michel Miretzki



Diphylla ecaudata Spix, 1823

Chiroptera, Phyllostomidae

Nomes vernaculares

Morcego, morcego-hematófago.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2c.

Justificativa

Baixa densidade por toda sua área de ocorrência; suas populações são alvo indiferenciado do controle sobre o morcego-hematófago comum (*Desmodus rotundus*); o maior número de registros em São Paulo ocorre na região de cavernas no sudeste do Estado, que, apesar de ser relativamente bem preservada, sofre intensa pressão imobiliária e mineradora; populações potencialmente em declínio.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): DD; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Espécie de ampla distribuição, ocorrendo desde o sul dos Estados Unidos (Texas) até o sul do Brasil (Santa Catarina). No Brasil já foi encontrada no Cerrado, Mata Atlântica, Pantanal, Caatinga, Floresta Amazônica e também em ambientes antropizados associados a estes biomas (Gardner, 2007). As capturas da espécie são mais comuns em cavernas.

Presença em unidades de conservação

Parque Estatual Turístico do Alto Ribeira (PETAR), Parque Estadual Intervales.

Biologia da espécie

É a menor das três espécies de morcegos hematófagos. O comprimento total (cabeça e corpo) varia entre 6,5 e 9 cm, com envergadura alcançando os 30 cm e peso médio de 28 g. Alimenta-se exclusivamente de sangue, preferencialmente o de aves com o hábito de se empoleirar, sendo a espécie hematófaga com maior restrição alimentar; contudo, já ocorreram registros do consumo de sangue de mamíferos (bovinos e suíños) que precisam ser confirmados. Abriga-se em cavernas, grutas, minas e túneis e, raramente, em ocos de árvores. Podem viver solitários ou em

pequenos grupos (três a 12 indivíduos), e ocasionalmente em grupos grandes de 30 a cem indivíduos. Os aspectos reprodutivos ainda não foram estudados adequadamente. Fêmeas grávidas foram encontradas entre fevereiro e outubro, sendo possível que produza até dois filhotes por ano. A longevidade é desconhecida. Não são conhecidos danos econômicos aos avicultores, e, ainda que já tenha sido detectado o vírus da raiva nesta espécie, não são conhecidos casos de contaminação humana (Nowak, 1991; Eisenberg & Redford, 1999; Reis *et al.* 2007).

Ameaças

Redução de habitat, depredação do ambiente cavernícola pelo turismo e pela mineração, combate indiscriminado a morcegos, por serem potenciais transmissores da raiva; dados biológicos insuficientes para traçar planos de conservação.

Medidas para a conservação

Restrição ao turismo em cavernas; restrições a mineração em áreas onde a espécie foi encontrada; qualificação adequada dos agentes responsáveis pelo monitoramento e controle da raiva em animais silvestres; levantamento de informações sobre a história natural da espécie; e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Michel Miretzki



Nome vernacular

Morcego.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2c.

Justificativa

O registro em São Paulo é o mais meridional da espécie. Além disso, apresenta baixa abundância e densidade por toda sua área de ocorrência, área esta que vem sofrendo acentuada destruição do habitat.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): EP; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Espécie de ampla distribuição na região neotropical, ocorrendo desde o sul do México até o sudeste do Brasil (São Paulo). No Brasil já foi encontrada na Mata Atlântica e Amazônia. Em São Paulo é conhecida de uma localidade (Gardner, 2007).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em UCs de São Paulo.

Biologia da espécie

É um dos menores mamíferos do Brasil, com quatro gramas de massa, 4 cm de cabeça e corpo e 3,2 cm de cauda. Abriga-se em meio a folhagens, no interior da mata, próximo à água e longe da incidência do sol; geralmente em folhas jovens de *Heliconia*. Estes morcegos vivem solitários ou em pequenos grupos, raramente excedendo nove indivíduos, mudando de abrigo com relativa frequência. Seu voo é lento e baixo. Alimenta-se de insetos, especialmente moscas e besouros (Nowak, 1991; Eisenberg & Redford, 1999; Reis *et al.* 2007). O exemplar a que se refere o registro em São Paulo foi descrito como uma nova subespécie, *T. tricolor juquianensis*, por Carlos da Cunha Vieira em 1942, cujo status permanece a ser estabelecido.

Ameaças

Redução de habitat pela depredação do ambiente florestal; dados biológicos insuficientes para traçar planos de conservação.

Medidas para a conservação

Restrição mais intensa da presença humana em áreas onde a espécie foi encontrada; levantamento de informações sobre a história natural da espécie e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Michel Miretzki



Natalus stramineus Gray, 1838

Chiroptera, Natalidae

Nome vernacular

Morcego.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2c.

Justificativa

Baixa densidade por toda sua área de ocorrência; o Estado de São Paulo é o limite meridional de distribuição desta espécie; degradação de abrigos diurnos potenciais, as cavernas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): EP; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Espécie de ampla distribuição na região neotropical, ocorrendo desde o norte do México até o sudeste do Brasil (São Paulo). No Brasil já foi encontrada na Mata Atlântica e Amazônia, Cerrado, Caatinga e Pantanal (Gardner, 2007). Em São Paulo é conhecida de duas cavernas, ambas no município de Iporanga.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (PETAR).

Biologia da espécie

Morcego de porte pequeno, com oito gramas de massa e até 105 mm de comprimento total, com a cauda maior que a cabeça e corpo juntos. Seu voo é lento mas ágil e com capacidade de adejamento. Insetívoro, capturando presas muito pequenas. Abriga-se em cavernas, túneis e construções humanas abandonadas, mostrando baixa tolerância a dessecação. O ciclo reprodutivo é anual, com o nascimento de um filhote, sendo que durante o processo de nascimento ocorre a formação de colônias maternidade com exclusão dos machos. Podem viver solitários ou em grupos com centenas de indivíduos (Nowak, 1991; Eisenberg & Redford, 1999; Reis *et al.*, 2007).

Ameaças

Redução de habitat pela depredação do ambiente cavernícola pelo turismo e pela mineração; combate indiscriminado a morcegos, por serem potenciais transmissores da raiva, haja vista ter sido encontrado em associação a espécies hematófagas; dados biológicos insuficientes para traçar planos de conservação.

Medidas para a conservação

Restrição ao turismo em cavernas; restrições à mineração em áreas onde a espécie foi encontrada; qualificação adequada dos agentes responsáveis pelo monitoramento e controle da raiva em animais silvestres; levantamento de informações sobre a história natural da espécie; e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Michel Miretzki





***Leopardus pardalis* (Linnaeus, 1758)**
Carnivora, Felidae

Nome vernacular

Jaguatirica.

Categoria proposta para São Paulo

VU A4e.

Justificativa

Sendo um predador de topo, a jaguatirica é facilmente afetada por distúrbios que diminuem a disponibilidade de presas; apesar de aparentemente comum, dados populacionais para a espécie são escassos e não existem estudos sobre os impactos das várias ameaças às quais as populações da espécie estão sujeitas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): VU (subespécie *L. p. mitis*); São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Ocorre do sul dos Estados Unidos ao norte da Argentina; utiliza todos os biomas brasileiros, mas principalmente florestas (Oliveira e Cassaro, 2005; Cheida et al. 2006).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual do Rio Turvo, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual do Jurupará, Estação Ecológica de Caetetus, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Solitária, com atividade predominantemente noturna, alimenta-se principalmente de roedores de pequeno porte e outros pequenos vertebrados, mas pode preda também animais maiores, como tatus, cutias, quatis, veados, bugios e muriquis (Oliveira & Cassaro, 2005; Miranda et al. 2005; Cheida et al. 2006; Bianchi & Mendes, 2007). A densidade populacional pode variar de 7,71 a 19,99 indivíduos/100 km² (Crawshaw, 1995; Bitetti et al. 2006) e foram encontradas áreas de uso de 0,76 a 50,9 km², sendo as áreas de uso dos machos maiores do que as das fêmeas (Crawshaw, 1995; Oliveira & Cassaro, 2005; Cheida et al. 2006).

Ameaças

A espécie foi alvo do comércio de peles, sendo intensamente caçada até meados da década de 70. Atualmente é ameaçada pela redução e fragmentação de habitat, com consequente redução da disponibilidade de presas, aumento de conflitos com humanos, atropelamentos e exposição a zoonoses transmitidas por animais domésticos.

Medidas para a conservação

Proteção e conexão de florestas; fiscalização de fatores degradantes da qualidade ambiental das florestas remanescentes, tais como poluição de fontes de água, caça e extração ilegal de palmito.

AUTOR: Beatriz Beisiegel

FOTOGRAFIA: Ricardo Boulhosa



Leopardus tigrinus (Schreber, 1775)

Carnivora, Felidae



Nome vernacular

Gato-do-mato.

Categoria proposta para São Paulo

VU A4e.

Justificativa

Leopardus tigrinus ocorre em diversos tipos de habitat, porém sempre em densidades muito baixas, que são ainda menores quando da presença de populações sintópicas de jaguatirica. A espécie é afetada diretamente ou indiretamente por impactos ligados à perda de habitat natural.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): VU; Rio Grande do Sul (2005): VU.

Distribuição e habitat

Ocorre desde a Costa Rica até a latitude que engloba o norte do Rio Grande Sul e Argentina, aparecendo praticamente em todo o Brasil. Ocupa áreas florestais e abertas de Cerrado e Caatinga, podendo ser visto também em áreas de lavouras quando associadas a ambientes menos degradados (Oliveira & Cassaro 2005; Cheida *et al.* 2006).

Presença em unidades de conservação

Parque Nacional Serra da Bocaina; Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual do Rio Turvo, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual do Jurupará, Parque Estadual de Campos do Jordão, Parque Estadual Furnas do Bom Jesus, Parque Estadual dos Mananciais de Campos do Jordão, Parque Estadual de Vassununga; Estação Ecológica de Itirapina, Estação Ecológica de Jataí, Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, Estação Ecológica de Ribeirão Preto, Estação Ecológica de Santa Bárbara, Estação Ecológica de Santa Maria, Estação Ecológica de São Carlos e Estação Ecológica de Valinhos; Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Solitário, com hábito predominantemente noturno, mas com atividade diurna em alguns locais. Alimenta-se principalmente de roedores de pequeno porte e outros pequenos vertebrados (lagartos, aves). Sua área de uso conhecida varia de 0,9 a 17,4 km² (Oliveira, 1994).

Ameaças

A alteração do habitat é sem dúvida o maior impacto à sua conservação, gerando outros efeitos negativos nas populações, como a redução da disponibilidade de presas, o aumento de conflitos com humanos, além de atropelamentos e exposição a zoonoses transmitidas por animais domésticos.

Medidas para a conservação

Proteção de remanescentes naturais e conexões entre eles, coibição da caça de presas menores (aves principalmente), aplicação de medidas preventivas ou mitigatórias em conflitos envolvendo animais domésticos; monitoramento sanitário da criação doméstica para evitar contaminação por patógenos.

AUTOR: Rogério Cunha de Paula

FOTOGRAFIA: Arquivo Zôo SP





Leopardus wiedii (Schinz, 1821)

Carnivora, Felidae

Nome vernacular

Gato-maracajá.

Categoria proposta para São Paulo

EN A4c.

Justificativa

Leopardus wiedii tem grande associação com ambientes florestais e ocorre sempre em densidades muito baixas. A espécie é afetada diretamente ou indiretamente por impactos ligados à perda de habitat natural, o que no Estado é potencializado pela alta taxa de desmatamento.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Ocorre desde o México até o norte do Uruguai e Argentina. No Brasil está presente praticamente em todo o território, até o norte do Rio Grande do Sul, com exceção da Caatinga. Possui grande associação a habitat florestal, incluindo matas ciliares no Cerrado (Oliveira e Cassaro, 2005; Cheida, et al. 2006).

Presença em unidades de conservação

Parque Nacional Serra da Bocaina; Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual de Campos do Jordão.

Biologia da espécie

Solitário, com hábito predominantemente noturno. Possui grandes adaptações à vida arbórea. Alimenta-se principalmente de pequenos mamíferos, mas também de aves e répteis, além de mamíferos de médio porte. Sua área de uso conhecida varia de 10 a 16 km² (Oliveira, 1994).

Ameaças

A alta taxa de desmatamento é o principal fator associado ao declínio populacional estimado para a espécie. A partir deste, outros impactos podem ocorrer direta ou indiretamente.

Medidas para a conservação

Proteção de remanescentes florestais e viabilização das conexões entre eles, coibição da caça de presas menores.

AUTOR: Rogério Cunha de Paula

FOTOGRAFIA: Glória Jafet - Arquivo Zôo SP



***Puma concolor* (Linnaeus, 1771)**

Carnivora, Felidae



Nomes vernaculares

Onça-parda, suçuarana, onça-canguçu.

Categoria proposta para São Paulo

VU A3b.

Justificativa

Estima-se, por meio de modelos populacionais preliminares, o declínio de populações pequenas e isoladas pela remoção direta de indivíduos maduros devido à perseguição por conflitos e atropelamentos, fatores de alto impacto que são extensamente observados em São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2007): não citada; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Possui a maior distribuição entre os mamíferos das Américas, estendendo-se desde o norte do Canadá até o extremo sul da América do Sul. Pode ser encontrado em todas as regiões brasileiras. No Estado de São Paulo está presente em todo o território, ocorrendo em todos os tipos de habitat, inclusive em áreas antropizadas.

Presença em unidades de conservação

Parque Nacional Serra da Bocaina; Parque Estadual de Campos do Jordão, Parque Estadual dos Mananciais de Campos do Jordão, Parque Estadual de Jacupiranga, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Parque Estadual do Morro do Diabo, Parque Estadual do Jurupará; Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual da Cantareira, Parque Estadual da Serra do Mar, Reserva Ecológica Augusto Ruschi (São José dos Campos), Parque Estadual Furnas de Bom Jesus, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Ecológica de Assis, Estação Ecológica de Bauru, Estação Ecológica de Itirapina, Estação Ecológica de Jataí, Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, Estação Ecológica de Ribeirão Preto.

Biologia da espécie

Felino de grande porte cujo peso, para espécimes que ocorrem no Brasil, pode variar de 25 a 60 kg. Os filhotes nascem com manchas pretas e à medida que se tornam adultos vão ficando com a coloração uniforme, que varia do marrom-avermelhado ao marrom-acinzentado, sendo que a ponta da cauda é preta. Alimenta-se de presas pequenas como tatus, preás, cutias e pacas, e grandes, como capivaras e porcos-do-mato.

Ameaças

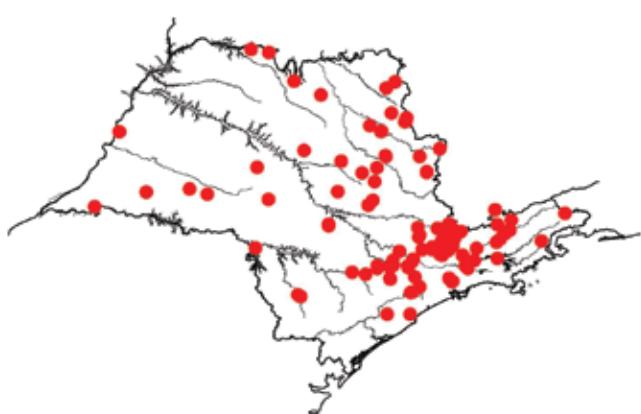
Pastagens, monoculturas e construção de barragens para produção de energia elétrica descaracterizaram e fragmentaram o habitat da espécie. Apesar de apresentar certa plasticidade na ocupação de habitat alterado, isso pode gerar impactos populacionais indiretos. Pelo fato de usar áreas abertas para locomoção, indivíduos têm entrado frequentemente em conflito com populações humanas, sendo capturados ou mortos de forma indiscriminada. O atropelamento de animais representa outra grande ameaça.

Medidas para a conservação

Preservação e proteção de áreas naturais (incluindo coibição da caça) e estabelecimento de métodos para o controle de conflitos e para o aumento da percepção da espécie por proprietários rurais; criação de vias de passagem de fauna em rodovias.

AUTOR: Ronaldo Gonçalves Morato

FOTOGRAFIA: Rogerio Cunha





Panthera onca (Linnaeus, 1758)

Carnivora, Felidae

Nomes vernaculares

Onça-pintada, onça-preta.

Categoria proposta para São Paulo

CR A4bc.

Justificativa

Populações restritas ao leste do Estado, na região da Serra do Mar, Serra de Paranapiacaba e Vale do Ribeira, assim como uma pequena população no oeste de São Paulo, na região do Parque Estadual do Morro do Diabo. As duas grandes regiões são amplamente afetadas pela atividade antrópica e encontram-se fragmentadas. Estimativas correntes sugerem que a população no Estado de São Paulo não exceda 250 indivíduos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): CR; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

A espécie possuía ampla distribuição no continente americano, aparecendo desde o sul dos Estados Unidos até o norte da Argentina. Estima-se que 57% da sua área original de distribuição tenha desaparecido. No Brasil, está presente em todos os ambientes terrestres, porém as populações da Caatinga, do Cerrado e da Mata Atlântica estão pressionadas pelo avanço das atividades antrópicas (Oliveira, 1994; Cheida *et al.* 2006).

Presença em unidades de conservação

Mosaico de Jacupiranga; Parque Estadual Intervales; Parque Estadual Carlos Botelho; Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira; Estação Ecológica Jureia-Itatins; Parque Estadual da Serra do Mar; Estação Ecológica Xitué; Parque Estadual do Morro do Diabo; Parque Nacional Serra da Bocaina.

Biologia da espécie

Seu tamanho varia de 1,10 a 2,41 cm, e o peso corpóreo, de 35 a 130 kg (Crawshaw, 1995; Cheida *et al.* 2006). Apresenta coloração que varia do amarelo-claro ao castanho-ocre, coberta por manchas pretas que formam rosetas, com pintas em seu interior. Indivíduos melânicos também podem ser encontrados e já foram descritos na região do Parque Esta-

dual do Morro do Diabo. A área de vida pode variar de 20 a 160 km², de acordo com o bioma ou, provavelmente, com a disponibilidade de presas. As principais presas da onça-pintada são a capivara (*Hydrochoerus hydrochaeris*), o queixada (*Tayassu pecari*), o cateto (*Tayassu tajacu*) e os veados (do gênero *Mazama* sp) (Oliveira, 1994; Cheida *et al.* 2006).

Ameaças

Pastagens, monoculturas e construção de barragens para produção de energia elétrica descaracterizaram e fragmentaram severamente o habitat desta espécie. Nas áreas restritas em que se encontra atualmente, vive em conflito com as populações humanas, principalmente por atacar rebanhos domésticos e, nesses casos, muitas vezes são mortas pelos proprietários rurais.

Medidas para a conservação

Identificação de remanescentes florestais que possam formar mosaicos de UCs capazes de garantir a sobrevivência em longo termo da espécie, tanto na região da Serra do Mar como no entorno do Parque Estadual do Morro do Diabo; estabelecimento de métodos para o controle de ataques de onças-pintadas aos rebanhos domésticos; e estabelecimento de programas de educação ambiental, enfatizando a importância ecológica da espécie.

AUTOR: Ronaldo Gonçalves Morato

FOTOGRAFIA: Rogerio Cunha



Chrysocyon brachyurus (Illiger, 1815)

Carnivora, Canidae



Nome vernacular

Lobo-guará.

Categoria proposta para São Paulo

VU A3b; E.

Justificativa

Embora seja amplamente distribuída no território nacional, Paula *et al.* (2008) sugerem tendência de redução significativa das populações pequenas e isoladas em prazos de dez a 30 anos, em consequência da retirada de indivíduos maduros. As estimativas estão associadas à redução do habitat favorável, resultando em alta taxa de atropelamentos, maior taxa de contato com cães domésticos e conflitos com proprietários rurais.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Ocorre praticamente em todo o Cerrado e áreas do sul do Brasil. Ainda ocupa extensivamente todo o território estadual, em campos, cerrados, veredas e campos úmidos. Sua plasticidade ao estabelecimento em diversos habitat tem resultado em registros em áreas de intenso uso antrópico, como terras cultivadas e pastagens (Mantovani, 2001; Rodrigues, 2002; R. de Paula, dados não publicados). Essas áreas são utilizadas em proporção menor do que o habitat natural e usualmente apenas quando associadas a locais de qualidade ambiental superior.

Presença em unidades de conservação

Parque Nacional Serra da Bocaina; Parque Estadual do Aguapeí, Parque Estadual ARA, Parque Estadual de Campos do Jordão, Parque Estadual Furnas do Bom Jesus, Parque Estadual dos Mananciais de Campos do Jordão, Parque Estadual do Morro do Diabo, Parque Estadual de Porto Ferreira, Parque Estadual de Vassununga; Estação Ecológica de Assis, Estação Ecológica de Bauru, Estação Ecológica de Caetetus, Estação Ecológica de Ibicatu, Estação Ecológica de Itirapina, Estação Ecológica de Jataí, Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, Estação Ecológica de Ribeirão Preto, Estação Ecológica de Santa Bárbara, Estação Ecológica de Santa Maria,

Estação Ecológica de São Carlos e Estação Ecológica de Valinhos.

Biologia da espécie

É de hábito solitário, formando casais apenas na época reprodutiva. O tamanho da área ocupada por casais é variável ao longo de sua distribuição, dependendo da qualidade do habitat disponível e da disponibilidade alimentar (Dietz, 1984; Silveira, 1999; Rodrigues, 2002; Azevedo, 2008). A dieta é variada e consiste principalmente de frutos e pequenos vertebrados.

Ameaças

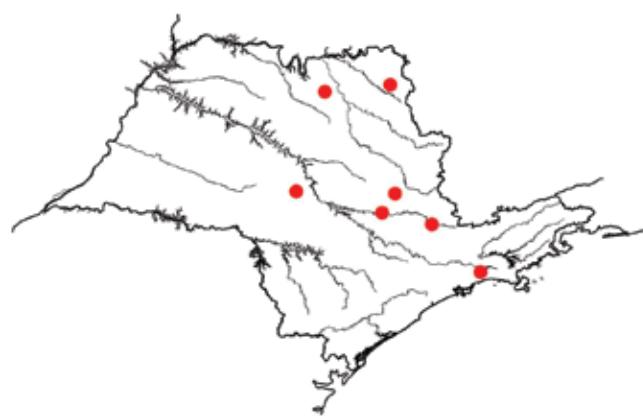
O crescimento desordenado de centros urbanos e consequente perda de habitat tem resultado em processos negativos à conservação da espécie. Verifica-se um grande número de animais vítimas de atropelamentos e a contaminação epidemiológica de patógenos advindos do contato com animais domésticos. Conflitos por predação de aves domésticas têm retido indivíduos das populações em quantidades consideráveis.

Medidas para a conservação

Proteção de áreas naturais, prevenção de atropelamentos, monitoramento sanitário de animais domésticos e orientações sobre as formas de coexistência com a espécie.

AUTOR: Rogério Cunha de Paula

FOTOGRAFIA: Rogerio Cunha





Lycalopex vetulus (Lund, 1842)

Carnivora, Canidae

Nomes vernaculares

Raposinha-do-campo; raposa-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2c.

Justificativa

A espécie é pouco conhecida em São Paulo e nos demais estados onde ocorre, em se tratando do tamanho e da dinâmica populacionais, bem como sobre a conservação. Por outro lado, observa-se um alto número de atropelamentos e conflitos com o ser humano em decorrência do deslocamento de indivíduos do habitat natural degradado pelo desenvolvimento agropecuário.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Endêmica do Cerrado, associada a habitat aberto como campos (Eisenberg & Redford 1999). Confirmada em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e Tocantins (J. Dalponte, não publicado), além do Piauí (Costa & Courtenay, 2003) e Bahia (Juarez & Marinho-Filho, 2002). Apresenta certa tolerância a áreas alteradas, sendo que estas podem ser utilizadas para forrageamento, repouso e reprodução (Courtenay *et al.* 2006; Lemos & Facure, no prelo). Em São Paulo, está mais comumente limitada às áreas de Cerrado e possivelmente áreas abertas resultantes de desmatamentos.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Furnas do Bom Jesus, Parque Estadual do Morro do Diabo, Parque Estadual de Porto Ferreira, Parque Estadual de Vassununga, Estação Ecológica de Bauru, Estação Ecológica de Ibicatu, Estação Ecológica de Itirapina, Estação Ecológica de Jataí, Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, Estação Ecológica de Ribeirão Preto, Estação Ecológica de Santa Bárbara, Estação Ecológica de São Carlos e Estação Ecológica de Valinhos.

Biologia da espécie

Canídeo de pequeno porte (2,5 a 4 kg), de hábito solitário, que se alimenta de cupins, frutos, insetos, aves e mamíferos (Dalponte & Courtenay, 2004). Forma casais na época reprodutiva, que compartilham a mesma área de vida durante esse período (Dalponte & Courtenay 2004; F.L. obs. pes).

Ameaças

Destrução de habitat devido à expansão de fronteiras agrícolas. Atropelamentos em rodovias e ferrovias e perseguição direta pelo homem. Cães domésticos constituem uma ameaça em áreas periurbanas (Dalponte & Courtenay, 2004) e próximas às sedes de fazendas. A contaminação epidemiológica de patógenos advindos de espécies domésticas constitui outra grave ameaça.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat natural e obtenção de dados básicos da biologia, ecologia e saúde da espécie. A prevenção de atropelamentos é fundamental. Controle de populações e da higiene sanitária de cães domésticos em áreas de alto potencial de contato para prevenir a mortalidade de raposas por doenças. Trabalhar com as populações humanas para orientar sobre as formas de diminuir eventuais conflitos.

AUTOR: Frederico Gemesio Lemos, Fernanda Cavalcanti de Azevedo

FOTOGRAFIA: Frederico Gemesio Lemos



***Pteronura brasiliensis* (Gmelin, 1788)**

Carnivora, Mustelidae



Nome vernacular

Ariranha.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2c.

Justificativa

A espécie ocorria no Rio Paraná, mas parece ter desaparecido de todos os seus locais de ocorrência no Estado, não sendo registrada há mais de dez anos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): CP; Minas Gerais (2007): PE; Rio de Janeiro (1998): PE; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

América do Sul, a leste dos Andes e norte da Argentina (Cheida *et al.* 2006). Espécie semiaquática, preferindo rios de água turva e lenta (Duplaix, 1980) e ocorrendo na Amazônia, no Cerrado, no Pantanal e áreas restritas da Mata Atlântica (Carter e Rosas, 1997; Cheida *et al.* 2006).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em UCs de São Paulo.

Biologia da espécie

Espécie semiaquática, a ariranha alimenta-se principalmente de peixes; é diurna e social, vivendo em grupos com até 12 indivíduos que utilizam tocas e latrinas comunitárias; esta espécie possui um rico repertório vocal (Duplaix, 1980; Carter e Rosas, 1997; Rosas *et al.* 2007). Os grupos utilizam territórios que podem ter entre 2,7 e 14,4 km (Pereira, 2004).

Ameaças

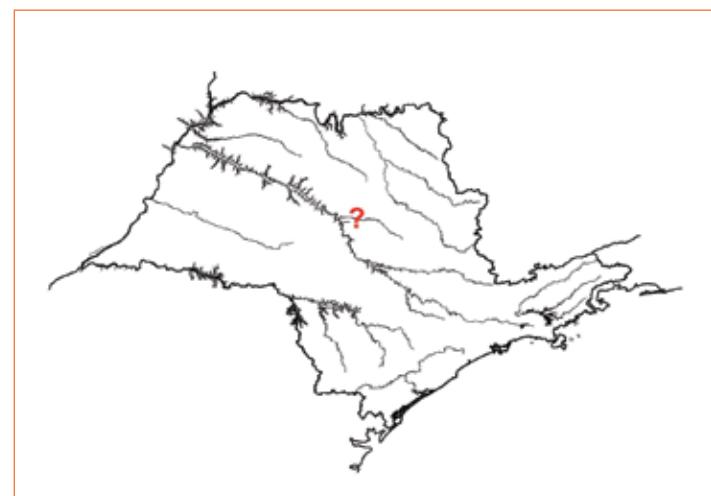
Pressão de caça intensa (Vargas, 2007), pois, sendo uma espécie diurna, social e muito vocal, a ariranha é bastante conspícuia e extremamente suscetível aos caçadores (Duplaix, 1980); à poluição da água (Cheida *et al.* 2006), causando perda de habitat e recursos alimentares para a espécie, com a contaminação por pesticidas e metais pesados (Vargas, 2007); à pesca excessiva, que elimina sua base de presas (Roopsind, 2002); e à destruição de rios para criação de barragens hidrelétricas (Carter e Rosas, 1997), embora a espécie possa ocupar tais reservatórios e suas margens desde que ocorra previamente no rio inundado e que não haja presença humana no local (Rosas *et al.* 2007). Muitas populações da espécie foram eliminadas em decorrência do alto valor de sua pele nas décadas de 1960 e 1970 (Carter & Rosas, 1997).

Medidas para a conservação

Inventários na área primitiva de ocorrência para verificar se existem remanescentes da espécie utilizando indícios (Groenendijk *et al.* 2005) e reprodução de vocalizações (Rosas, 2003); recuperação e proteção do habitat no local de ocorrência, acompanhadas de estudos sobre a ecologia da espécie e recuperação e proteção de áreas contíguas.

AUTOR: Beatriz Beisiegel

FOTOGRAFIA: Miguel Rico





***Tapirus terrestris* (Linnaeus, 1758)**
Perissodactyla, Tapiridae

Nome vernacular

Anta.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2bcde; E.

Justificativa

Populações em declínio devido principalmente à destruição de habitat, caça, atropelamentos e perda de variabilidade genética.

Situação em outras listas

IUCN (2008) VU; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): EP; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Ocorre na Venezuela, Bolívia, Peru, Equador, Guiana Francesa, Suriname, Brasil, Paraguai e norte da Argentina. Normalmente associada à proximidade de cursos d'água e florestas úmidas (Eisenberg & Redford, 1999; Sekiama *et al.* 2006).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Parque Estadual Carlos Botelho, Estação Ecológica Xitué, Parque Estadual do Morro do Diabo, Parque Estadual da Serra do Mar, Estação Ecológica de Assis, Estação Ecológica de Caetetus, Estação Ecológica de Itapeva, Parque Estadual do Jurupará, Mosaico da Jureia, Estação Biológica de Boraceia.

Biologia da espécie

É o maior mamífero neotropical terrestre, com altura que pode atingir 108 cm e peso de até 300 kg. Sua dieta, basicamente herbívora, inclui frutos, ramos e caules tenros, cascas de árvore e plantas aquáticas. Principalmente por sua capacidade de ingerir elevada quantidade de frutos e disseminá-los por grandes distâncias, é considerada importante dispersora de sementes (Bodmer, 1990; Galetti *et al.* 2001). Apresenta hábito solitário e atividade majoritariamente noturna. A gestação é longa, podendo durar de 390 a 400 dias, e o filhote acompanha a mãe até 1 ano de idade. O filhote apresenta um padrão de coloração com listras

dorsais, diferente do adulto, o qual possui coloração uniforme (Eisenberg & Redford, 1999; Sekiama *et al.* 2006).

Ameaças

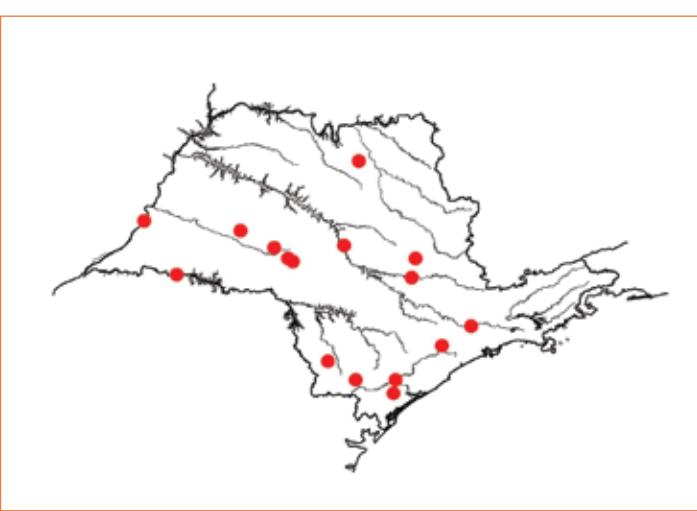
Intensa atividade antrópica (pastagens, monoculturas, atividade imobiliária e construção de barragens para produção de energia elétrica) reduziu drasticamente a área disponível para a espécie, além de ter descaracterizado e fragmentado severamente seu habitat no Estado de São Paulo. Assim como os demais ungulados sofre forte pressão de caça (Bodmer *et al.* 1997) sendo também bastante vulnerável a atropelamentos em rodovias, fatores que dificultam o restabelecimento da população, que além de possuir longo período de gestação gera apenas um único filhote.

Medidas para a conservação

Manutenção dos remanescentes de florestas úmidas; fiscalização efetiva em relação à caça; monitoramento de atropelamentos em rodovias próximas a áreas com florestas e implementação de ações mitigadoras, tais como instalação de placas de sinalização, redutores de velocidade e campanhas de educação ambiental; manutenção de criatórios científicos a fim de suprir um possível declínio populacional e para a manutenção da variabilidade genética; e proteção das localidades onde a espécie é encontrada.

AUTOR: Elisandra Almeida Chiquito, Márcio Port Carvalho, Alexandre Reis Percequillo

FOTOGRAFIA: Ricardo Boulhosa



Tayassu pecari (Link, 1795)

Artiodactyla, Tayassuidae



Nomes vernaculares

Porco-do-mato, queixada, pecari.

Categoria proposta para São Paulo

EN A4cd.

Justificativa

É uma espécie que vem sofrendo significativa redução populacional nos últimos anos, em virtude da redução do número de áreas preservadas no Estado e de atividades de caça.

Situação em outras listas

IUCN (2008) NT; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Ocorre dos Estados Unidos até o norte da Argentina e sul do Brasil, ao leste dos Andes. Está associada a formações abertas úmidas ou florestais, não há registro da espécie na Caatinga, apesar de ter sido registrada em formações áridas na Argentina (Eisenberg & Redford, 1999; Tiepolo & Tomas, 2006).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Parque Estadual Carlos Botelho, Estação Ecológica de Xitué, Parque Estadual do Morro do Diabo, Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

O comprimento total do adulto pode atingir 150 cm e sua coloração varia entre o marrom-escuro e o negro, com uma mancha clara na mandíbula. Secreta um forte odor através de uma glândula dorso-posterior, secreção esta que tem importante função social, uma vez que apresenta comportamento gregário hierarquizado. São onívoros, porém apresentam preferência por uma dieta herbívora. Podem ser ativos durante todo o dia e a noite, mas apresentam preferência pelas primeiras horas da manhã (Eisenberg & Redford, 1999; Tiepolo & Tomas, 2006).

Ameaças

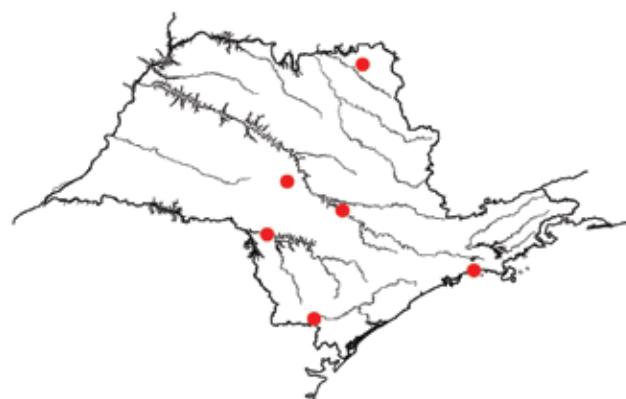
Intensa atividade antrópica (pastagens, monoculturas, atividade imobiliária e construção de barragens para produção de energia elétrica) reduziu drasticamente a área disponível para a espécie, além de ter descaracterizado e fragmentado severamente o habitat, uma vez que esta é uma espécie que forma grupos grandes que apresentam deslocamentos diários e áreas domiciliares muito grandes. Além disso, a espécie sofreu e ainda sofre intensa pressão de caça e pode apresentar problemas sanitários por adquirir doenças transmitidas por ungulados domésticos.

Medidas para a conservação

Proteção intensiva das áreas em que a espécie ocorre; estabelecimento de corredores de vegetação; fiscalização intensiva com relação à caça; vacinação de animais domésticos; levantamento da distribuição geográfica e estudos sobre a história natural da espécie para fomentar o estabelecimento de planos de manejo adequados para sua conservação.

AUTOR: Elisandra Almeida Chiquito, Alexandre Reis Percequillo

FOTOGRAFIA: Beatriz M. Beisiegel





***Blastocerus dichotomus* (Illiger, 1815)**
Artiodactyla, Cervidae

Nome vernacular

Cervo-do-pantanal.

Categoria proposta para São Paulo

CR A4bce.

Justificativa

Originalmente presente em toda a extensão dos rios Tietê, Paraná, Grande e Paranapanema, a espécie foi sistematicamente exterminada pela caça, doenças transmitidas por ungulados domésticos e pela perda de habitat para a agropecuária e, mais recentemente, para as usinas hidrelétricas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): CP; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

As maiores populações da espécie ocorrem no Pantanal e nas várzeas adjacentes aos rios Guaporé, Araguaia e Paraná. Hoje a espécie ocorre naturalmente em apenas duas áreas isoladas do Estado de São Paulo: a foz do Rio Aguapeí e a foz do Rio do Peixe, com uma população aproximada de 200 animais. Uma população de aproximadamente 20 animais ocupa as várzeas adjacentes da Estação Ecológica de Jataí, fruto de um experimento de reintrodução. O cervo-do-pantanal é uma espécie típica de várzea, tendo preferência por áreas com aproximadamente 60 cm de profundidade.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Rio do Peixe, Parque Estadual do Aguapeí, Estação Ecológica de Jataí (população reintroduzida).

Biologia da espécie

É a maior espécie de cervídeo da América do Sul, com machos pesando até 130 kg e fêmeas até 100 kg. Os machos possuem chifres ramificados, chegando com frequência a seis ramos em cada lado. Os chifres são trocados anualmente nos animais mais jovens, mas podem permanecer por mais de três anos em machos mais velhos. Nas várzeas onde habita, come plantas aquáticas e semiaquáticas, sendo raro seu encontro em áreas secas ou matas. Tem certa plasticidade social, sendo encontrado frequentemente sozinho, mas podendo, também, ser visto em pequenos grupos.

Ameaças

Perda de habitat para formação de lagos de hidrelétricas; caça; doenças transmitidas por bovinos.

Medidas para a conservação

Fiscalização; monitoramento intensivo das populações existentes; manutenção de uma população *ex situ*; implementação de programas de reintrodução nas áreas remanescentes de várzea protegidas do Estado; manejo populacional.

AUTOR: José Mauricio Barbanti Duarte, Alexandre Vogliotti

FOTOGRAFIA: José Maurício Barbanti Duarte



Mazama americana (Erxleben, 1777)

Artiodactyla, Cervidae



Nomes vernaculares

Veado-mateiro, veado-pardo.

Categoria proposta para São Paulo

VU A4cd.

Justificativa

Está associado aos poucos fragmentos de floresta estacional semidecídua no Estado de São Paulo. Isso reduz sua distribuição a não mais que três populações com números importantes de indivíduos. Há possibilidade de que a espécie possa estar se refugiando em ambientes de floresta ombrófila densa, onde competiria com *M. bororo*. Recentes estudos citogenéticos e moleculares evidenciam a grande possibilidade de que a população de *M. americana* que ocorre na Bacia do Rio Paraná seja uma espécie distinta das populações amazônicas. Esse fato torna as populações paulistas ainda mais importantes, uma vez que podem constituir as últimas populações de uma espécie que teria somente outras duas populações importantes fora do Estado de São Paulo, no Parque Nacional do Iguaçu, no Paraná, e no Parque Estadual do Turvo, no Rio Grande do Sul.

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; MG (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Distribui-se por quase todas as regiões do país, com exceção do Nordeste. Ocupa florestas em bom estado de conservação, sendo bastante vulnerável aos efeitos antrópicos nesses ambientes. Uma vez que estudos sugerem a existência de um complexo de espécies dentro da que hoje é considerada *M. americana*, há grande possibilidade de que a espécie que ocorre em São Paulo esteja restrita à Mata Atlântica do interior dos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Na região de Cerrado está associada às matas ciliares em bom estado de conservação.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo.

Biologia da espécie

Espécie herbívora, consumindo frutos, folhas, brotos e flores. Possui hábitos essencialmente noturnos e crepusculares, com pico de atividade no terço inicial da noite. Tem hábitos solitários, dificilmente sendo encontrada aos pares. Em cativeiro mantém sua territorialidade, sendo difícil o pareamento fora do período de estro. Possui ciclo estral de 21 dias e gestação média de 221 dias, com nascimento de apenas um filhote, pesando aproximadamente 2 kg. Não possui anestro lactacional, ciclando poucos dias após o parto. Foi estimada uma área de uso de 27,9 hectares para uma fêmea monitorada no Parque Nacional do Iguaçu. A espécie parece ter baixa plasticidade, restringindo-se a áreas de floresta densa com pouca alteração.

Ameaças

Caça, predação por cães domésticos e perda de habitat.

Medidas para a conservação

Fiscalização, pesquisa básica, monitoramento populacional e estabelecimento de uma população *ex situ*.

AUTOR: José Mauricio Barbanti Duarte, Alexandre Vogliotti

FOTOGRAFIA: José Maurício Barbanti Duarte





***Mazama bororo* (Duarte, 1996)**

Artiodactyla, Cervidae

Nomes vernaculares

Veado-mateiro-pequeno, veado-vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

VU C2aii.

Justificativa

A população estimada para o Estado de São Paulo é de cerca de 4.500 animais com todos os indivíduos maduros vivendo em uma única subpopulação. É inferido um declínio populacional contínuo no número de seus indivíduos maduros.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

A distribuição da espécie está restrita aos paralelos 24° e 26° S e aos meridianos 47° e 49° O, sendo uma das menores distribuições geográficas entre os cervídeos no mundo. Em São Paulo, sua extensão de ocorrência é inferior a 16.000 km². A espécie é ecologicamente relacionada à ecorregião das florestas costeiras da Serra do Mar.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Carlos Botelho.

Biologia da espécie

Espécie herbívora. Consome frutos, folhas, brotos e flores. Apresenta um pico reprodutivo entre setembro e fevereiro, produzindo apenas um filhote por gestação. Possui hábitos essencialmente noturnos e crepusculares, com pico de atividade no terço inicial da noite. Utiliza rotas definidas de deslocamento (carreiros e trilhas), sendo frequente o uso de riachos rasos para esse fim. Foram estimadas áreas de uso de 25 e 64 hectares para duas fêmeas monitoradas no Parque Estadual Intervales. A espécie parece possuir baixa plasticidade, sendo dependente de formações florestais em estágios de sucessão primária ou secundária avançada.

Ameaças

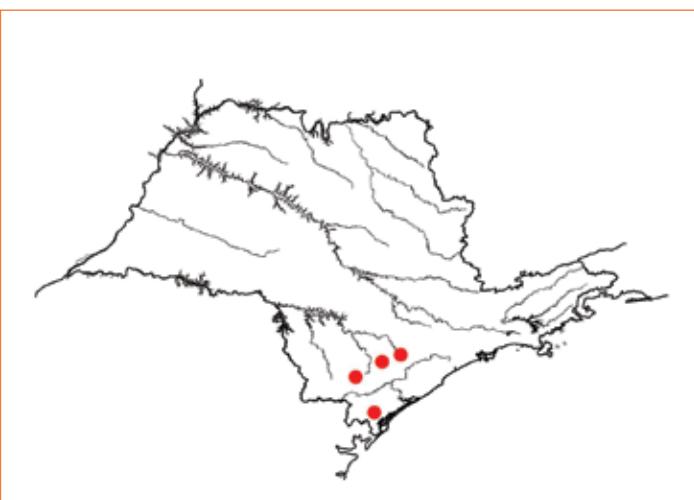
Caça, predação por cães domésticos e perda de habitat.

Medidas para a conservação

Fiscalização, pesquisa básica, monitoramento populacional e estabelecimento de uma população *ex situ*.

AUTOR: José Mauricio Barbanti Duarte, Alexandre Vogliotti

FOTOGRAFIA: José Maurício Barbanti Duarte



***Mazama nana* (Hensel, 1872)**

Artiodactyla, Cervidae



Nomes vernaculares

Veado-mão-curta, veado-poca, veado-bororó.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2c.

Justificativa

Existe apenas um registro histórico da espécie no Estado, no município de Itararé. É possível que a espécie já esteja localmente extinta, mas a inexistência de levantamentos sistemáticos sobre sua ocorrência recomenda sua manutenção na categoria proposta.

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

A espécie ocorre na região sul do Brasil, nordeste da Argentina e leste do Paraguai. No Brasil, ocupa o norte do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, além da porção sul de São Paulo, representada pelo registro histórico da espécie no Estado. Está relacionada principalmente à floresta ombrófila mista e aos seus ecótonos com as formações florestais adjacentes.

Presença em unidades de conservação

Não há registros no Estado.

Biologia da espécie

Preferencialmente noturna e crepuscular, mas com uma parcela importante de atividades diurnas em seu padrão circadiano. Há relatos de nascimentos entre setembro e fevereiro. Não existem estudos específicos sobre sua dieta. É mencionada a preferência por áreas de vegetação densa, com abundante cobertura de bambus e capoeiras de vegetação secundária e áreas montanhosas. Possui plasticidade relativa, ocorrendo em paisagens fragmentadas por atividades agrícolas intensivas.

Ameaças

Perda de habitat, caça, predação por cães e potencial competição interespecífica (*Mazama gouazoubira*).

Medidas para a conservação

Pesquisa básica (levantamentos *in situ*) e monitoramento populacional.

AUTOR: José Mauricio Barbanti Duarte, Alexandre Vogliotti

FOTOGRAFIA: José Maurício Barbanti Duarte





***Ozotoceros bezoarticus* (Linnaeus, 1758)**
Artiodactyla, Cervidae

Nome vernacular

Veadinho-campeiro.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2c.

Justificativa

Originalmente presente em toda a extensão do Cerrado do Estado de São Paulo, atualmente perdeu espaço para a agropecuária, sendo encontrado somente na Estação Ecológica de Santa Bárbara, com efetivos populacionais muito reduzidos. Há inclusive dúvidas sobre sua existência nessa área nos dias de hoje.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): CP; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

A espécie ocupava originalmente toda a extensão do Cerrado brasileiro, desde Rondônia até os Pampas do Rio Grande do Sul. É uma espécie típica de áreas abertas, habitando desde os campos até o cerrado *sensu stricto*. No Estado de São Paulo, ocorria em toda a extensão do Cerrado, mas foi implacavelmente perseguido e seu habitat substituído pelas atividades agropecuárias.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Santa Bárbara (sem confirmação recente de ocorrência).

Biologia da espécie

É uma espécie de porte médio, pesando em torno de 30 kg. Nos machos, os chifres são ramificados, atingindo três pontas de cada lado nos animais adultos. É de hábito diurno, o que, somado ao habitat que ocupa, torna a espécie particularmente fácil de ser visualizada e também caçada. Tem hábitos gregários, com sazonalidade marcada tanto nos nascimentos quanto na troca anual de chifres nos machos. Espécie com baixa plasticidade ecológica, necessitando de ambientes abertos para viver e evitando fortemente os ambientes mais fechados.

Ameaças

Perda de habitat, caça, perda de variabilidade genética, doenças transmitidas por bovinos.

Medidas para a conservação

Fiscalização, monitoramento intensivo das populações existentes, implantação de estudos para verificar a estrutura genética atual da população remanescente no Estado.

AUTOR: José Mauricio Barbanti Duarte, Alexandre Vogliotti

FOTOGRAFIA: José Maurício Barbanti Duarte



Balaenoptera musculus (Linnaeus, 1758)

Cetacea, Balaenopteridae

Nome vernacular

Baleia-azul.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1d; A3c.

Justificativa

É uma espécie com registros em todas as bacias oceânicas, muito embora em nenhuma área seja particularmente abundante. Os registros são muito limitados e ainda menos frequentes em águas tropicais.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2003): EN; São Paulo (1998): não ocorre; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Amplamente disseminada em todas as bacias oceânicas, em ambos os hemisférios, de águas polares e subpolares a águas tropicais e equatoriais. Embora seja uma espécie caracteristicamente migratória, existem registros de indivíduos presentes o ano inteiro em águas tropicais. No Brasil, há registros para os estados da Bahia, Paraíba, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo (Praia Grande, Santos e Ubatuba).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em UCs de São Paulo.

Biologia da espécie

A baleia-azul não é só o maior mamífero, mas também o maior animal que já existiu no planeta em todos os tempos. O maior indivíduo registrado foi uma fêmea de 33,5 m e aproximadamente 200 toneladas. Os animais podem ocorrer em duos fêmea-filhote, sozinhos ou, eventualmente, em pequenos grupos com até cinco indivíduos em áreas de alimentação. Alimentam-se fundamentalmente de crustáceos eufausídeos do macroplâncton (*Euphausia sp.*) e que podem ser consumidos em até 8 toneladas por dia. A gestação dura aproximadamente 12 meses e apenas um filhote é gerado, com intervalo de dois a três anos entre crias. Após oito meses, o filhote pode atingir aproximadamente 15 m.

Ameaças

A espécie foi altamente impactada pela caça com canhão-arpão explosivo e o uso de navios-fábrica em regiões subpolares e polares. A despeito da moratória decretada em 1965, sabe-se que a antiga União Soviética persistiu com o seu programa de caça em regiões antárticas até meados da década de 80 do século passado. Acredita-se que o efetivo populacional global represente 5% do montante estimado para o início do século XX. As pequenas concentrações de indivíduos pedem esforços multinaacionais associados à conservação de ambientes marinhos.

Medidas para a conservação

Criação e implementação de maior número de áreas marinhas protegidas, preferencialmente interligadas em corredores. Já existe proposta para a criação de um santuário para o Atlântico Sul, debatida anualmente por representantes de diferentes países, incluindo o Brasil, nas reuniões da Comissão Baleeira Internacional (CIB-IWC), mas por ora sem sucesso.

AUTOR: Mário Manoel Rollo Júnior





***Balaenoptera physalus* (Linnaeus, 1758)**
Cetacea, Balaenopteridae

Nome vernacular

Baleia-fin.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1d; A3c.

Justificativa

É uma espécie com registros em todas as bacias oceânicas, muito embora em nenhuma área seja particularmente abundante. Os registros são muito limitados e ainda menos frequentes em águas tropicais.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2003): EN; São Paulo (1998): não ocorre; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Amplamente disseminada em todas as bacias oceânicas, em ambos os hemisférios, de águas polares e subpolares até águas tropicais e equatoriais. É uma espécie caracteristicamente migratória, mas as ocorrências de animais vivos são muito maiores em regiões pelágicas. No Brasil, existem registros para os estados da Bahia, Paraíba, Rio de Janeiro e São Paulo (Ilha de São Sebastião e Santos).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em UCs de São Paulo.

Biologia da espécie

A baleia-fin é o segundo maior mamífero existente. A maior já registrada foi uma fêmea de 26,8 m e cerca de 75 toneladas. É a espécie mais gregária dentre os Balaenopteridae, podendo ocorrer em grupos de três a sete indivíduos. Em algumas localidades foram registrados grupos grandes, estimados em até 50 animais. Eventualmente, são observados animais solitários ou em duos fêmea-filhote. As baleias-fin alimentam-se habitualmente de "krill" e outros organismos do macrozooplâncton. Pequenos peixes (principalmente engraulídeos e clupeídeos) e lulas também podem fazer parte da dieta. A gestação dura aproximadamente 12 meses e apenas um filhote é gerado, com intervalo de dois a três anos entre crias. Após oito meses, o filhote pode pesar cerca de 13 toneladas.

Ameaças

Assim como a baleia-azul e a baleia-sei, a baleia-fin foi altamente impactada pela caça com canhão-arpão explosivo e o uso de navios-fábrica em regiões subpolares e polares. A caça comercial da espécie foi totalmente vetada em 1986 por decisão da Comissão Baleeira Internacional (CIB-IWC). Contudo, a Islândia ainda pratica a caça em pequena escala, bem como possivelmente a China e a Coreia do Sul, além de atividades de caça ilegal por baleeiros piratas. As reduzidas concentrações de indivíduos em áreas distintas pedem esforços multinacionais associados à conservação de ambientes marinhos.

Medidas para a conservação

Criação e implementação de maior número de áreas marinhas protegidas, preferencialmente interligadas em corredores. Já existe proposta para a criação de um santuário para o Atlântico Sul, debatida anualmente por representantes de diferentes países, incluindo o Brasil, nas reuniões da Comissão Baleeira Internacional (CIB-IWC), mas por ora sem sucesso.

Nota

São conhecidas apenas duas localidades confirmadas para o Estado, sem precisão de registro.

AUTOR: Mário Manoel Rollo Júnior

FOTOGRAFIA: Marcos Rossi-Santos, Instituto Baleia Jubarte



Pontoporia blainvilliei

(Gervais & D'Orbigny, 1844)

Cetacea, Pontoporiidae

Nome vernacular

Toninha.

Categoria proposta para São Paulo

EN A4ad.

Justificativa

A espécie ocorre em águas sujeitas à intensa ação antrópica e sofre elevados níveis de mortalidade decorrentes de capturas acidentais, principalmente em redes de espera.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2003): EN; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Ocorre em águas costeiras interiores à isóbata de 30 m entre os estados do Espírito Santo (Itaúnas, 18° 25'S, 30° 42'W) e o Golfo Nuevo, Argentina (42° 35'S, 64° 48'W) (Crespo *et al.* 1998, Crespo, 2000).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual da Ilha do Cardoso.

Biologia da espécie

Cetáceo de pequeno porte, a toninha está entre os de menor tamanho da ordem. Diferentes estudos morfométricos indicam a existência de duas populações (estoques), uma menor ao norte e outra maior ao sul, corroborados por diferentes padrões de estabilização da curva de crescimento obtidos pela análise de animais amostrados nos estados de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul (Pinedo *et al.* 1989; Rosas & Monteiro-Filho, 2002; Secchi *et al.* 2002; Barreto & Rosas, 2006). Dados obtidos de animais entre os estados de São Paulo e Paraná sugerem um ciclo reprodutivo de dois anos. O comprimento na maturidade sexual é de 112 a 116 cm para os machos e de 122 e 126 cm para as fêmeas. O comprimento de recém-nascidos foi estimado em 71,2 cm. A maioria dos nascimentos ocorre entre outubro e dezembro. A duração da gestação foi estimada em 10,6 meses, e a duração da lactação, entre 6,2 e 8,5 meses. Crespo (2002) estimou a longevidade de machos em 15 anos e a de fêmeas em 22 anos.

Animais jovens consomem peixes teleósteos de pequeno porte e camarões. Adultos predam teleósteos de maior porte e céfalópodes. Fêmeas adultas possuem dieta similar à de animais jovens (Bassoi, 2005).

Ameaças

As maiores ameaças à sobrevivência da espécie estão relacionadas com os elevados índices de mortalidade associados às capturas em redes de pesca, sendo estas predominantemente redes de espera. Os números provenientes das diferentes estimativas de captura são bastante significativos. Secchi *et al.* (1998) estimaram uma taxa de captura anual de 460 animais pela frota pesqueira do Rio Grande do Sul. Números mais recentes para diferentes áreas de sua distribuição têm variado de 564 a 1889 e são considerados insustentáveis (Ott *et al.* 2002; Secchi *et al.* 2002; Secchi & Wang, 2003).

Medidas para a conservação

Redução do esforço de pesca; modificações nas redes e práticas pesqueiras; criação e implementação de áreas marinhas protegidas; uso de alarmes acústicos em redes; aumento no número de estudos visando estimar a abundância e outros parâmetros populacionais de estoques provenientes de áreas de maior impacto.

AUTOR: Mário Manoel Rollo Júnior



Nome vernacular

Rato-do-mato.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiii.

Justificativa

Há apenas um registro de *C. scotti* no Estado de São Paulo. Dados sugerem que é uma espécie pouco abundante (Carmignotto, 2004) e cujo habitat vem sendo progressivamente substituído por áreas de cultivo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre no Distrito Federal, sul de Goiás, Mato Grosso do Sul, sudeste do Tocantins, sul do Piauí, oeste da Bahia, centro-sul do Mato Grosso, oeste de Minas Gerais e sudeste de Rondônia (Bonvicino *et al.* 2005; Carmignotto, 2004). A espécie foi localizada na divisa de São Paulo com Minas Gerais e em mais uma área (Percequillo *et al.* 2008).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Santa Bárbara.

Biologia da espécie

Cerradomys scotti apresenta tamanho médio do corpo de 125-181 mm e da cauda de 141-198 mm, coloração do dorso variando de castanho-escura a castanho-amarelado, com pelos mais claros nas laterais e limite pouco definido com o ventre, que é esbranquiçado ou amarelado. As patas são longas e estreitas, geralmente recobertas de pelos claros. São animais escansoriais (Alho & Villela, 1984). Possuem quatro pares de mamas (peitoral, pós-axial, abdominal e inguinal). Duas fêmeas foram coletadas em agosto de 1996 com três e quatro embriões (Bonvicino *et al.* 2005). Habitam formações florestadas e abertas da Mata Atlântica, do Cerrado, da Caatinga e do Pantanal. O rato-do-mato é frequentemente observado em “campos sujos”, “campo cerrado” e “cerrado sensu stricto” (Percequillo *et al.* 2008).

Ameaças

Fragmentação ambiental e destruição de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção de seu habitat e o desenvolvimento de pesquisas sobre sua história natural.

AUTOR: Bruna Bassi Brancalion, Alexandre Reis Percequillo



Euryoryzomys russatus (Wagner, 1842)

Mammalia, Cricetidae



Nome vernacular

Rato-do-mato.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2bc.

Justificativa

Endêmico da Mata Atlântica; associado a matas contínuas, onde é uma das espécies dominantes (Pardini & Umetsu, 2006). É fortemente afetado pela perda e fragmentação da floresta, sendo raro em fragmentos (Pardini *et al.* 2005) e ausente em áreas alteradas de origem antropogênica (Umetsu & Pardini, 2007; Umetsu *et al.* 2008) e paisagens com menor quantidade de mata remanescente (Bueno, 2008).

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre no leste do Paraguai e nordeste da Argentina. No Brasil, da Bahia até o Rio Grande do Sul, em matas úmidas associadas às planícies costeiras e Serra do Mar, e nas ilhas costeiras de São Paulo e Rio de Janeiro (Percequillo, 1998, 2003); ocorre do nível do mar até 900 m, mas é mais comum em florestas de baixas altitudes (Vieira & Monteiro-Filho, 2003). Localmente sua distribuição está associada à umidade da serapilheira, ao acúmulo de galhadas e à disponibilidade de artrópodes (Naxara *et al.*, 2009).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual do Jurupará e Estação Ecológica Jureia-Itatins.

Biologia da espécie

Roedor de médio porte (105 a 196 mm de corpo e 40 a 150 g), com orelhas grandes e ovaladas, cauda maior que o corpo e bicolor dorso-ventralmente (Percequillo, 1998). Terrestre, noturno, com pico de atividade no meio da noite (Graipel *et al.* 2003), alimenta-se de frutos/sementes e artrópodes

em proporções semelhantes (Pinotti *et al.* no prelo), sendo importante dispersor de sementes (Vieira *et al.* 2003). Reproduz durante todo o ano, com um pico na estação chuvosa, época com maior disponibilidade de frutos (Bergallo & Magnusson, 1999). Cada fêmea pode gerar seis ninhadas anualmente (Bergallo, 1994). Seus ninhos são ovais, com 10 a 15 cm de largura, formados por folhas secas e gramíneas entrelaçadas, localizados em túneis abaixo ou dentro de galhos em decomposição ou em galerias entre rochas e raízes expostas (Briani *et al.* 2001). Ambos os sexos são territoriais e é monogâmico (Bergallo & Magnusson, 2004). A área de vida é igual para machos e fêmeas, com 0,45 ha em média (Bergallo, 1995).

Ameaças

Em São Paulo restam 12% de remanescentes de Mata Atlântica. Cerca de 83% fragmentos têm até 50 ha de área (Ribeiro *et al.*, 2009), onde aparentemente a espécie não ocorre ou é rara.

Medidas para a conservação

Proteger e fiscalizar as áreas contínuas onde a espécie é encontrada. Proteger os remanescentes menores onde a espécie ocorre, visto que sua presença é indicadora de comunidades pouco alteradas. Detalhar a distribuição da espécie, incluindo tipos de florestas e faixas altitudinais preferenciais, e sua história natural, para possibilitar planos de manejo para sua conservação.

AUTOR: Natália Fernandes Rossi, Renata Pardini

FOTOGRAFIA: Ana Paula Carmignotto



Nome vernacular

Rato-do-mato-ferrugíneo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiii; B2abiii.

Justificativa

A espécie é pouco conhecida e a maioria das informações disponíveis é baseada em raros registros de museu. Apresenta distribuição restrita ao Estado, uma vez que são conhecidos apenas dois espécimes para o Estado de São Paulo, ambos na Serra do Mar, na região de Bananal, Serra da Bocaina, no vale do Paraíba: um obtido na década de 1960 e um na década de 2000. Nessa área, são conspícuas as alterações do habitat.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2003): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): EP; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

É endêmico da Mata Atlântica do sudeste do Brasil, registrado nos estados do Rio de Janeiro e São Paulo (Vaz, 2000; Bonvicino *et al.* 2001; Musser & Carleton, 2005). Dados pretéritos de coleta sugerem que *P. ferrugineus* habita florestas úmidas e densas, ricas em epífitas (Vaz, 2000). Dados de capturas recentes indicam que é uma espécie tolerante à perturbação ambiental, tendo sido capturada em vegetação herbácea, em áreas de atividade agropastoril. Registros confiáveis sugerem que é uma espécie montana, ocorrendo de 900 a 1.100 metros de altitude.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica do Bananal.

Biologia da espécie

Pouco se conhece acerca da biologia ou história natural desta espécie. É um roedor de pequeno porte, com pelagem dorsal alaranjada, superfície ventral branco-amarelada e pelos completamente brancos até a base. O comprimento da cabeça e corpo dos adultos varia de 120 a 160 mm, e a cauda, de 187 a 220 mm (Vaz, 2000). A morfologia dos pés e vibrissas sugere que é uma espécie arborícola (Emmons & Feer, 1997).

Ameaças

Alteração e supressão de habitat, bem como fragmentação.

Medidas para a conservação

Recomenda-se a proteção das áreas de ocorrência de *P. ferrugineus* e o desenvolvimento de pesquisas sobre a distribuição geográfica, preferência de habitat e história natural da espécie.

AUTOR: Bruna Bassi Brancalion, Alexandre Reis Percequillo



Pseudoryzomys simplex (Winge, 1887)

Rodentia, Cricetidae

Nome vernacular

Rato-do-mato.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiii; B2abiii.

Justificativa

Há poucos registros de poucas localidades para esta espécie no Estado de São Paulo. Além disso, ocorre em um habitat pouco comum nos pequenos e alterados remanescentes de Cerrado de São Paulo, os campos úmidos e áreas de vereda.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): PA; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre no leste do Mato Grosso, sul do Tocantins, Goiás, oeste de Minas Gerais, norte de São Paulo, Bahia, Alagoas e Pernambuco, no Paraguai e na Argentina. Está associada a veredas e campos úmidos do Cerrado (Voss & Myers, 1991; Oliveira *et al.* 2006; Bonvicino *et al.* 2008). No nordeste do Brasil, a espécie está associada às áreas de agreste, transição entre a floresta úmida costeira e áreas mais secas de Caatinga. Na Argentina e no Paraguai, *P. simplex* ocorre em áreas pantanosas e úmidas do Chaco Oriental (Voss & Myers, 1991; Pardiñas *et al.* 2004).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Jataí e Parque Estadual de Vassununga (Gleba Pé-de-Gigante).

Biologia da espécie

É um roedor de tamanho médio, que pode atingir 26 cm de comprimento total do corpo, incluindo a cauda. Apresenta hábito terrestre e semiaquático (Oliveira *et al.* 2006; Bonvicino *et al.* 2008). Não são conhecidas informações sobre aspectos reprodutivos e tampouco acerca da dieta de *P. simplex*. No entanto, aparentemente é um especialista de habitat, associado principalmente a áreas de gramíneas, secas, úmidas ou periodicamente inundadas, bem como a áreas marginais de pântanos recobertos por gramíneas.

Ameaças

Substituição de áreas nativas de Cerrado por pastagem e plantações; drenagem e aterramento de campos úmidos por atividade humana, incluindo desde o uso da água para a irrigação até a atividade agropastoril, passando por especulação imobiliária.

Medidas para a conservação

Criação de áreas protegidas no Cerrado que contemplam áreas úmidas; estabelecimento da distribuição geográfica da espécie em termos dos tipos de habitat preferencial, além de estudos sobre história natural e ecologia para possibilitar planos de manejo adequados para sua conservação.

AUTOR: Bruna Bassi Brancalion, Alexandre Reis Percequillo



Nomes vernaculares

Rato-do-mato; rato-do-chão; rato-pitoco.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2bc.

Justificativa

Espécie endêmica do bioma Mata Atlântica fortemente associada a áreas contínuas e maduras (Pardini *et al.* 2005), onde é uma das espécies mais comuns (Pardini & Umetsu 2006). É afetada pela perda e fragmentação da floresta, sendo rara em fragmentos de mata (Pardini *et al.* 2005), não estando presente em áreas alteradas de origem antropogênica (Umetsu & Pardini, 2007) e em paisagens com menor quantidade de mata remanescente (Bueno, 2008). Além disso, é mais comum em matas maduras do que em secundárias ou alteradas (Pardini *et al.* 2005).

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre no sudeste do Brasil desde a Bahia até o Rio Grande do Sul, leste do Paraguai e nordeste da Argentina (Eisenberg & Redford, 1999; Reis *et al.* 2006; Wilson & Reeder, 2005), ocupando as áreas de florestas tropicais úmidas (Eisenberg & Redford, 1999), principalmente em altitudes elevadas (Bonvicino *et al.* 1997; Vieira & Monteiro-Filho, 2003). Localmente sua distribuição está associada a florestas mais maduras (Pardini *et al.* 2005), à umidade da serapilheira, ao acúmulo de galhadas e à disponibilidade de artrópodes (Naxara *et al.*, 2009).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Intervales e Parque Estadual do Jurupará.

Biologia da espécie

Roedor diurno, de pequeno porte (80 a 110 mm de corpo e cerca de 20 g) (Eisenberg & Redford, 1999; Reis *et al.* 2006), com olhos e orelhas peque-

nos, garras bem desenvolvidas e cauda menor que a metade do comprimento do corpo, indicando hábitos terrestres e locomoção sob o folhoso (Reis *et al.* 2006). Sua dieta é composta tanto de materiais vegetais quanto de artrópodes, sendo larvas, formigas e aranhas selecionadas preferencialmente pela espécie (Pinotti *et al.* in press). As fêmeas têm quatro pares de mamas e o número de crias varia de dois a cinco (Moojen, 1952). Aparentemente, o pico reprodutivo ocorre no inverno (Olmos, 1991).

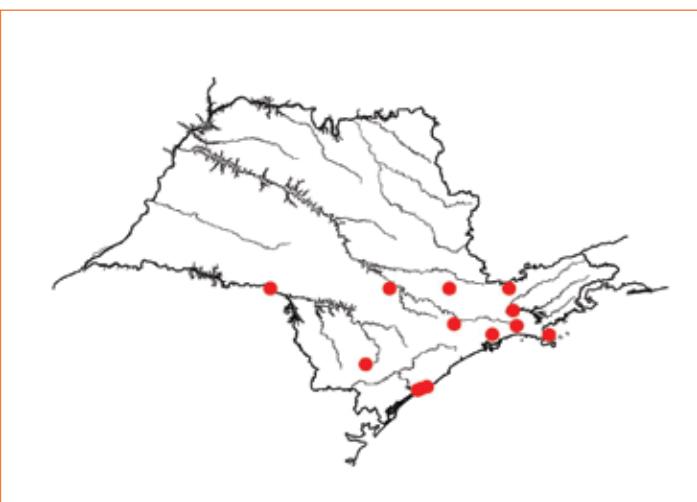
Ameaças

Em São Paulo restam apenas 12% da Mata Atlântica (SOS Mata Atlântica e INPE 2008) e aproximadamente 83% dos remanescentes têm menos que 50 ha de área (Ribeiro *et al.*, 2009), onde aparentemente a espécie não ocorre ou é bastante rara.

Medidas para a conservação

Proteger e fiscalizar as áreas contínuas onde a espécie é encontrada. Proteger os remanescentes menores onde a espécie eventualmente ocorra, visto que sua presença é indicadora de assembleias ou comunidades pouco alteradas. Detalhar a distribuição da espécie em termos dos tipos de florestas e faixas altitudinais preferenciais e sua história natural, para possibilitar planos de manejo adequados para sua conservação.

AUTOR: Natália Fernandes Rossi, Renata Pardini



Phyllomys thomasi (Ihering, 1897)

Rodentia, Echimyidae

Nome vernacular

Cururá, cururuá.

Categoria proposta para São Paulo

B2 abiii.

Justificativa

É uma espécie endêmica da Ilha de São Sebastião e, dessa forma, apresenta distribuição restrita. Não existem estudos acerca da abundância e da dinâmica populacional de *Phyllomys thomasi*, mas a especulação imobiliária na Ilha de São Sebastião tem acarretado maiores taxas de desmatamento e fragmentação do habitat nativo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): EN; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre exclusivamente na Ilha de São Sebastião, São Paulo, originalmente recoberta por vegetação ombrófila densa. A ilha sofreu intenso processo antrópico durante o século XIX até meados do século XX, quando houve declínio da cultura de cana-de-açúcar e expansão das florestas. A maior parte da ilha é recoberta por florestas secundárias maduras, com áreas de mata primária restritas às áreas elevadas e de encostas.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual de Ilhabela.

Biologia da espécie

É a maior espécie do gênero, atingindo 29,9 cm de comprimento total. Como as demais espécies desse gênero, *P. thomasi* é arborícola. Sua dieta é desconhecida, embora análises da morfologia do trato digestório de *Phyllomys pattoni* sugerem um hábito essencialmente herbívoro. Informações diretas sobre a preferência alimentar de *P. thomasi* vêm de dados obtidos em cativeiro: a espécie se alimentou de frutos e rejeitou folhas. Constrói ninhos de folhas entrelaçadas de formato globoso e aparentemente marca suas trilhas com sua glândula peitoral e urina.

Ameaças

A principal ameaça para *P. thomasi* vem de sua restrição geográfica. Circunscrito à ilha de São Sebastião, qualquer fator que altere drasticamente as áreas florestadas da ilha colocaria em risco esta espécie. Foi observado que *P. thomasi* é incomum atualmente em contraste com os relatos do fim do século XIX, quando foi considerado praga das plantações de mandioca. Cabe lembrar que a estratégia reprodutiva dos equimídeos é de uma prole reduzida com maior cuidado parental, o que não favorece grandes populações especialmente em um ambiente restrito como o de uma ilha.

Medidas para a conservação

Tendo em vista que as informações acerca da biologia e da estrutura da população de *P. thomasi* são anedóticas, é fundamental que sejam realizados esforços para avaliar o estado das populações desta espécie. É possível que a recuperação das áreas florestadas em função do estabelecimento do Parque Estadual de Ilhabela favoreça a recuperação das populações de *P. thomasi*.

AUTOR: Gilson Evaristo lack-Ximenes



Referências bibliográficas

- Abril, V.V. & Duarte, J.M.B. 2008. Chromosome polymorphism in the Brazilian dwarf brocket deer, *Mazama nana* (Mammalia, Cervidae). **Genetics and Molecular Biology** **31**:53-57.
- Alarcon, G. & Simões-Lopes, P. 2003. Preserved versus degraded coastal environments: a case study of the neotropical otter in the environmental protection area of Anhatomirim, **Southern Brazil Bulletin of the IUCN Otter Specialist Group** **20**: 7-15.
- Alho, C.J.R. & Villela, O.M.M., 1984. Scansorial ability in *Oryzomys eliurus* and *Oryzomys subflavus* (Rodentia: Cricetidae) from the Cerrado. **Revista Brasileira de Biologia**, **44**: 403-408.
- Andriolo, A.; Piovezan, U.; Paranhos Da Costa, M.J.R.; Laake, J.E. & Duarte, J.M.B. 2001. Estimativa aérea de abundância e distribuição do cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) na bacia do rio Paraná, entre as barragens de Porto Primavera e Jupiá em avaliações pré e pós-enchimento da primeira cota da UHE Sérgio Mota. In: Duarte, J.M.B. **0 Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*) de Porto Primavera:** Resultado de dois anos de pesquisa. CDROM. FUNEP. Jaboticabal, São Paulo.
- Azevedo, F.C. 2008. **Área de Vida e Organização Social de Lobos-Guará (*Chrysocyon brachyurus*) na região do Parque Nacional da Serra da Canastra, Minas Gerais, Brasil.** Dissertação de mestrado. UFMG. Belo Horizonte. 104 p.
- Baker, A.J.; Bales, K. & Dietz, J.M. 2002. Mating System and Group Dynamics in Lion Tamarins. In: D.G. Kleiman & A.B. Rylands (ed.). **Lion Tamarins – biology and conservation** ed. Washington: Smithsonian Institution Press, p. 188-212.
- Barrette, C. 1987. The comparative behavior and ecology of chevrotains, musk deer and morphologically conservative deer. In: Wemmer, C.M. (ed.). **Biology and management of the Cervidae.** Smithsonian Institution Press, Washington, p. 200-213.
- Barreto, A.S. & Rosas, F.C.W. 2006. Comparative growth analysis of two populations of *Pontoporia blainvilieei* on the brazilian coast. **Marine Mammal Science** **22**: 644-653.
- Bassoi, M. 2005. **Feeding ecology of franciscana dolphin, *Pontoporia blainvilieei* (Cetacea: Pontoporiidae), and oceanographic processes on the Southern Brazilian coast.** (Tese de doutorado). Southampton: University of Southampton, 190p.
- Bergallo, H.G. 1994. Ecology of a small mammal community in an Atlantic Forest area in Southeastern Brazil. **Studies on Neotropical Fauna and Environment**. **29**: 197-217.
- Bergallo, H.G. 1995. Comparative life-history characteristics of two species of rats, *Proechimys iheringi* and *Oryzomys intermedius*, in an Atlantic Forest of Brazil. **Mammalia**. **59**: 65-84.
- Bergallo, H.G. & Magnusson, W.E. 1999. Effects of climate and food availability on four rodent species in southeastern Brazil. **Journal of Mammalogy** **80**: 472-486.
- Bergallo, H.G. & Magnusson, W.E. 2004. Factors affecting the use of space by two rodent species in Brazilian Atlantic Forest. **Mammalia** **68**: 121-132.
- Bezerra, A.M.R. 2002. **Variabilidade morfológica e status taxonômico das amostras populacionais do gênero *Clyomys* (Rodentia: Echimyidae).** Dissertação de mestrado. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- Bianchi, R.C. & Mendes, S.L. 2007. Ocelot (*Leopardus pardalis*) Predation on Primates in Caratinga Biological Station, Southeast Brazil. **American Journal of Primatology** **69**: 1173–1178.
- Bitetti, M.S.; Paviolo, A. & De Angelo, C. 2006. Density, hábitat use and activity patterns of ocelots (*Leopardus pardalis*) in the Atlantic Forest of Misiones, Argentina. **Journal of Zoology** **270**: 153-163.
- Bodmer, R.E. 1990. Fruit patch size and frugivory in the lowland tapir (*Tapirus terrestris*). **Journal of Zoology**, **222**: 121-128.
- Bodmer, R.E.; Eisenberg, J.F. & Redford, K.H. 1997. Hunting and the likelihood of extinction of Amazonian Mammals. **Conservation Biology**, **11**: 460-466.
- Bodmer, R.E. 1989. Frugivory in Amazonian Artiodactyla: evidence for the evolution of the ruminant stomach. **Journal of Zoology**, **219**: 457-467.
- Bonvicino, C.R.; Oliveira, J.A & D'Andrea, P.S. 2008. **Guia dos Roedores do Brasil, com chaves para gêneros baseadas em caracteres externos.** Rio de Janeiro: Centro Pan-Americano de Febre Aftosa – OPAS/OMS, 120 p.
- Bonvicino, C.R.; Oliveira, J.A.; D'Andrea, P.S. & Carvalho, R.W. 2001. The endemic Atlantic Forest Rodent *Phaenomys ferrugineus* (Thomas, 1894) (Sigmodontinae): new data on its morphology and karyology. **Boletim do Museu Nacional, n. s.**, **467**: 1-12.
- Bonvicino, C.R.; Langguth, A.; Lindbergh, S.M. & Paula, A.C. 1997. An elevational gradient study of small mammals at Caparaó National Park, South eastern Brazil. **Mammalia** **61**: 547-560.
- Bonvicino, C.R.; Lemos, B. & Weksler, M. 2005. Small mammals of Chapada dos Veadeiros National Park (Cerrado of Central Brazil): ecologic, karyologic and taxonomic considerations. **Brazilian Journal of Biology**, **65**: 395-406.

- Brandão, L.D. 1999. **Distribuição altitudinal e ambiente preferencial de *Callithrix aurita* Humboldt, 1812 (CALLITRICHIDAE, PRIMATES) na Estação Ecológica de Bananal, Serra da Bocaina, São Paulo, Brasil.** Dissertação de mestrado. Instituto de Ciências Biológicas. Universidade de São Paulo, São Paulo, 96p.
- Brandão, L.D. & Develey, P. Distribution and conservation of the buffy-tufted-ear Marmoset, *Callithrix aurita*, in lowland coastal Atlantic Forest, southeast Brazil. **Neotropical Primates**, **6**(3): 86-88.
- Briani, D.C.; Vieira, E.M. & Vieira, M.V. 2001. Nests and nesting sites of Brazilian forest rodents (*Nectomys squamipes* and *Oryzomys intermedius*) as revealed by a spool-and-line device. **Acta Theriologica**, **46**: 331-334.
- Brown, B.E. 2004. Atlas of New World Marsupials. **Fieldiana Zoology, new series**, **102**: 1-308.
- Bueno, A.A. 2008. **Pequenos mamíferos da Mata Atlântica do Planalto Atlântico Paulista: uma avaliação da ameaça de extinção e da resposta a alterações no contexto e tamanho dos remanescentes.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Cabrera, A. 1960. Catalogo de los mamiferos de America del Sur. **Revista Museo Argentino Bernardino Rivadavia** **4**:309-732.
- Carmignotto, A.P. 2005. **Pequenos mamíferos terrestres do Cerrado: padrões faunísticos locais e regionais.** Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Carmignotto, A.P. & Monfort, T. 2006. Taxonomy and distribution of the Brazilian species of *Thylamys* (Didelphimorphia: Didelphidae). **Mammalia**: 126-144.
- Carter, S.K. & Rosas, F. C. W. 1997. Biology and conservation of the Giant Otter *Pteronura brasiliensis* **Mammal Review**, **27**: 1-26.
- Chebez, J.C. 1994. **Los que se van:** especies argentinas en peligro. Editorial Albatros SACI, Buenos Aires. 604p.
- Cheida, C.; Nakano-Oliveira, E.; Fusco-Costa, R.; Rocha-Mendes, F.E. & Quadros, J. 2006. Ordem Carnivora. In: Reis, N.; Peracchi, A.; Pedro, W.A. & Lima, I.P. (eds.) **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Nélio R. Dos Reis.
- Côrrea, H.K.M. 1995. **Ecologia e comportamento alimentar de um grupo de saguis-da-serra-escuro (*Callithrix aurita* É. Geoffroy, 1812) no Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Cunha, São Paulo, Brasil.** Dissertação de mestrado. Instituto de Ciências Biológicas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 79p.
- Costa, C.H.N. & Courtenay, O. 2003. A new record of the hoary fox *Pseudalopex vetulus* in north Brazil. **Mammalia** **67**: 593–594.
- Courtenay, O.; Macdonald, D.W.; Gillingham, S.; Almeida, G. & Dias, R. 2006. First observations on South America's largely insectivorous canid: the hoary fox (*Pseudalopex vetulus*). **Journal of Zoology** **268**:45-54.
- Crawshaw Jr., P.G. 1995. **Comparative Ecology of Ocelot (*Felis pardalis*) and Jaguar (*Panthera onca*) in a Protected Subtropical Forest in Brazil and Argentina.** Tese de doutorado, University of Florida, Gainesville, 190p.
- Crespo E.A. 2002. Franciscana – *Pontoporia blainvilliei*. In: **Encyclopedia of marine mammals** (Perrin W.F., Würsig B., Thewissen J.G.M., eds.) San Diego: Academic Press. p. 482-487.
- Dalponte, J.C. & Courtenay, O. 2004. Hoary fox *Pseudalopex vetulus* (Lund, 1842). P. 72-76 In: **Canids: Foxes, Wolves, Jackals and Dogs** (C. Sillero-Zubiri, M. Hoffmann & D.W. Macdonald, eds.). IUCN/SSC Canid Specialist Group press. Gland, Switzerland and Cambridge, UK.
- Dietz, J.M. 1984. Ecology and Social Organization of the Maned Wolf. **Smithsonian Contrib. Zool.**, **392**:1-51.
- Dietz, J.M. 1985. *Chrysocyon brachyurus*. **Mammalian Species** **234**:1-4.
- Dornelles, S.S. 2001. **Censo e análise de habitat para conservação e manejo de primatas na Estação Ecológica de Jataí e Experimental de Luiz Antônio, SP.** Dissertação de mestrado – UFSCar.
- Duarte, J.M.B. 1996. **Guia de identificação de cervídeos brasileiros.** FUNEP, Jaboticabal, 14p.
- Duarte, J.M.B. 1998. **Análise citogenética e taxonômica do Gênero *Mazama* (Cervidae; Artiodactyla) no Brasil.** Botucatu: Tese de doutorado. Instituto de Biociências.
- Duarte, J.M.B. 2001. **O Cervo-do-Pantanal (*Blastocerus dichotomus*) de Porto Primavera:** Resultado de dois anos de pesquisa. CDROM. FUNEP. Jaboticabal, São Paulo.
- Duarte, J.M.B. & Jorge, W. 2003. Morphologic and cytogenetic description of the small red brocket (*Mazama bororo* Duarte, 1996) in Brazil. **Mammalia** **67**:403-410.
- Duarte, J.M.B. & Merino, M.L. 1997. Taxonomia e Evolução. In: Duarte, J.M.B. **Biologia e conservação de cervídeos sul-americanos: *Blastocerus*, *Ozotoceros* e *Mazama*.** FUNEP, Jaboticabal, p. 1-21.
- Duarte, J.M.B.; Gonzalez, S. & Maldonado, J.E. 2008. The surprising evolutionary history of the South American Deer. **Molecular Phylogenetics and Evolution** **49**: 17-22.
- Duarte, J.M.B.; Ramos, H.G.C.; Torres, H.A. & Lemes, M.R.S. 2003. Efeito da Usina Hidrelétrica de Porto Primavera sobre a mortalidade de cervos-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) em diferentes áreas da bacia. In: II Congresso Brasileiro de Mastozoologia, 2003, Belo Horizonte. **Resumos...** Belo Horizonte: PUC-Minas, p. 282-283.
- Duplaix, N. 1980. Observations on the ecology and behavior of the giant river otter *Pteronura brasiliensis* in Suriname. **Rev. Ecol. (Terre Vie)** **34**: 495-620.
- Eisenberg, J.F. & Redford, K.H. 1999. **Mammals of the Neotropics, the Central Neotropics.** Chicago and London. The University of Chicago Press.
- Emmons, L.H. & Feer, F. 1997. **Neotropical Rainforest Mammals, A Field Guide.** 2º Ed. Chicago, The University of Chicago Press.
- Emmons, L.H.; Leite, Y.R.; Kock, D. & Costa, L.P. 2002. A review of the named forms of *Phyllomys* (Rodentia, Echimyidae), with the description of a new species from coastal Brazil. **American Museum Novitates**, **3380**: 40.

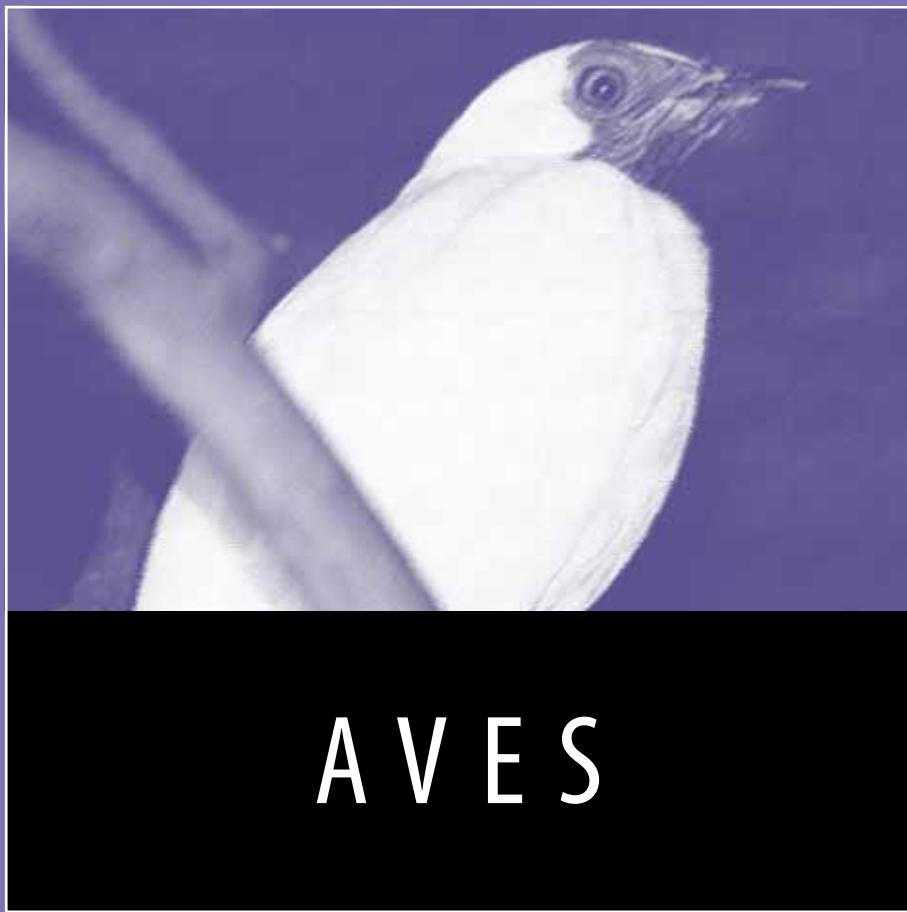
- Ferrari, S.F.; Corrêa, H.K.M. & Coutinho, P.E.G. 1996. Ecology of the "southern" marmosets (*Callithrix aurita* and *Callithrix flaviceps*): how different, how similar? p 157-171. In: Norconk, M.A.; Rosemberg, A.L. & Garber, P.A. (orgs.). **Adaptive Radiations of Neotropical Primates**, New York, USA, Plenum Press.
- Figueira, C.J.M.; Pires, J.S.R.; Andriolo, A.; Costa, M.J.R.P. & Duarte, J.M.B. 2005. Marsh deer (*Blastocerus dichotomus*) reintroduction in the Jataí Ecological Station (Luis Antonio, SP): Spatial preferences. **Brazilian Journal of Biology** **65**: 263-270.
- Fonseca, G.A.B. da, G. Herrmann & Leite Y.L.R.. 1999. Macrogeography of Brazilian mammals. p. 549–563. In: Eisenberg J.F. & Redford, K.H., editors. **Mammals of the Neotropics: the central Neotropics**. Volume 3. Ecuador, Peru, Bolivia, Brazil. Chicago. University of Chicago Press.
- Fonseca, G.A.B.; Hermann G.; Leite Y.L.R.; Mittermeier R.A.; Rylands A.B. & Patton, J.L. 1996. Lista anotada dos mamíferos do Brasil. **Occasional Papers in Conservation Biology**, **4**: 1-38.
- Galetti, M.; Keuroghlian, A.; Hanada, L. & Morato, M. I. 2001. Frugivory and seed dispersal by the lowland tapir (*Tapirus terrestris*) in southeast Brazil. **Biotropica**, **33**(4): 723-726.
- Gardner, A.L. 2007. **Mammals of South America, Volume I. Marsupials, Xenarthrans, Shrews, and Bats**. Chicago and London, University of Chicago Press, xx + 669 pp.
- Gomes, N.F. 1991. **Revisão sistemática do gênero *Monodelphis* (Didelphidae: Marsupialia)**. Dissertação de mestrado. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo.
- González, S.; Maldonado, J.E.; Leonard, J.A.; Vilà, C.; Duarte, J.M.B.; Merino, M.; Brum-Zorrilla, N. & Wayne, R.K. 1998. Conservation genetics of the endangered Pampas deer (*Ozotoceros bezoarticus*). **Molecular Ecology** **7**:47-56.
- Graipel M.E.; Miller, P.R.M. & Glock, L. 2003. Padrão de atividade de *Akodon montensis* e *Oryzomys russatus* na Reserva Volta Velha, Santa Catarina, Sul do Brasil. **Journal of Neotropical Mammalogy** **10**: 255-260.
- Gregorin, R. 2006. Taxonomia e variação geográfica das espécies do gênero *Alouatta* no Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia** **23**:64-144.
- Gregorin, R.; Kugelmeier, T. & Valle, R.R. 2008. Gênero *Alouatta* Lacépède 1799. In: Reis, N.R.; Peracchi, A.L. & Andrade, F.R. (Org). **Primates Brasileiros**. Technical Books Editora, Londrina, p. 187-204.
- Groenendijk, J.; Hajek, F.; Duplaix, N.; Reuther, C.; van Damme, P.; Schenck, P.; Staib, E.; Wallace, R.; Waldemarin, H.; Notin, R.; Marmontel, M.; Rosas, F.; Mattos, G. E.; Evangelista, E.; Utreras, V.; Lasso, G.; Jacques, H.; Matos, K.; Roopsind, I. & Botello, J.C. 2005. Surveying and Monitoring Distribution and Population Trends of the Giant Otter (*Pteronura brasiliensis*). Guidelines for a Standardisation of Survey Methods as recommended by the Giant Otter Section of the IUCN/SSC Otter Specialist Group. **Habitat** **16**: 1-100.
- Hershkovitz, P. 1977. **Living New World Monkeys (Platyrrhini)**, vol. 1. Chicago, University of Chicago Press.
- Holst, B.; Medice, E.P.; Marino-Filho, O.J.; Kleiman, D.; Leus, K.; Pissinatti, A.; Vivekananda, G.; Ballou, J.D.; Traylor-Holzer, K.; Raboy, B.; Passos, F.; Vleeschouwer, K. & Montenegro, M.M. 2006. **Lion Tamarin Population and Habitat Viability Assessment Workshop 2005**, final report. IUCN/SSC Conservation Breeding Specialist Group, Apple Valley, MN. 193 p.
- Iack-Ximenes, G.E. 1999. **Sistemática da Família Dasyprotidae Bonaparte, 1838 (Rodentia, Histicognathi) no Brasil**. Dissertação de mestrado. São Paulo. Universidade de São Paulo. 375 p.
- Ihering, H. 1897. A Ilha de São Sebastião. **Revista do Museu Paulista** **2**: 9–171.
- Instituto Florestal. 2005. **Inventário Florestal da Vegetação Natural do Estado de São Paulo**. Disponível em www.iflorestal.sp.gov.br/sifesp/publicacoes.html. Acesso em 11 nov.2008.
- IPÊ, 2008. <http://www.ipe.org.br>. Acesso em 23 out.2008.
- IUCN 2001. **IUCN Red List Categories and Criteria: Version 3.1**. IUCN Species Survival Commission. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK. ii + 30 p.
- Josef, C.F.; Adriano, L.R.; De Franc, E.J.; Carvalho, G.G.A. & Ferreira, J.R. 2007. Determination of Hg and diet identification in otter (*Lontra longicaudis*) feces, **Environmental Pollution**: doi:10.1016/j.envpol.2007.06.065.
- Juarez, K.M. & Marinho-Filho J. 2002. Diet, hábitat use, and home ranges of sympatric canids in central Brazil. **Journal of Mammalogy** **83**:925-933.
- Kasper, C.B.; Fledens, M. J.; Salvi, M. J. & Grilo, H.C.Z. 2004. Estudo preliminar sobre a ecologia de *Lontra longicaudis* (Olfers) (Carnivora, Mustelidae) no Vale do Taquari, Sul do Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia** **21**: 65-72.
- Kierulff, M.C.M.; Raboy, B.E.; Oliveira, P.P.; Miller, K.; Passos, F.C. & Prado, F. 2002. Behavioral Ecology of Lion Tamarins. In: D.G. Kleiman & A.B. Rylands (ed.). **Lion Tamarins – biology and conservation** ed. Washington : Smithsonian Institution Press, p. 157-187.
- Leiner, N.O. & Silva, W.L. 2007a. Effects of resource availability on the use of space by the mouse opossum *Marmosops paulensis* (Didelphidae) in a montane Atlantic forest area in southeastern Brazil. **Acta Theriologica** **52**: 197-204.
- Leiner, N.O. & Silva, W.L. 2007b. Seasonal variation in the diet of the Brazilian slender opossum (*Marmosops paulensis*) in a montane Atlantic forest area, southeastern Brazil. **Journal of Mammalogy** **88**:158-164.
- Leiner, N.O.; Setz, E.Z.F. & Silva. W.L. 2008. Semelparity and factors affecting the reproductive activity of the Brazilian slender opossum (*Marmosops paulensis*) in southeastern Brazil. **Journal of Mammalogy**, **89**:153-158.
- Leite, Y.L.R. 2001. **Systematics of the Atlantic tree rats, genus *Phyllomys* (Rodentia, Echimyidae) and the evolution of echimyid rodents in South America**. Ph.D. Dissertation. Berkeley, University of California.

- Leite, Y.L.R. 2003. **Evolution and Systematics of the Atlantic tree rats, genus *Phyllomys* (Rodentia, Echimyidae) with description of two new species.** University of California Publications, Zoology 132: 118p. Berkeley, Los Angeles, London. University of California Press.
- Lemos, F.G.; Facure K.G. & Costa, A.N. 2007. Interference competition between the crab-eating fox and the hoary fox. **Canid News 10.3.** Disponível em: www.canids.org/canidnews/10/Competition_between_crab_eating_and_hoary_fox.pdf.
- Ludwig, G.; Kierulff, M.C.M. & Ruiz-Miranda, C.R. 2008. Gênero *Leontopithecus* Lesson 1840. In: Reis, N.R.; Peracchi, A.L. & Andrade F.R.. (Org.). **Primates Brasileiros.** Technical Books Editora, Londrina, p. 97-102.
- Mantovani, J.E. 2001. **Telemetria convencional e via satélite na determinação das áreas de vida de três espécies de carnívoros da região nordeste do Estado de São Paulo.** Tese de doutorado, Universidade Federal de São Carlos, SP. 118 p.
- Marquez, A.; Maldonado, J.E.; Gonzalez, S.; Beccaceci, M.; Garcia, J.E. & Duarte, J.M.B. 2006. Phylogeography and Pleistocene demographic history of the endangered marsh deer (*Blastocerus dichotomus*) from the Rio de La Plata basin. **Conservation genetics 7:** 563-575.
- Martins, M.M. & Setz, E.Z.F. 2000. Diet of buffy tufted-eared marmosets (*Callithrix aurita*) in a forest fragment in southeastern Brazil. **International Journal of Primatology, 21:** 467-476.
- Medri, I.M. & Mourão, G.A. 2005. Home range of giant anteater (*Myrmecophaga tridactyla*) in the Pantanal wet-land. Brazil. **Journal of Zoology, 266:** 365-375.
- Medri, I.M.; Mourão, G. & Rodrigues, F.H.G. 2006. Ordem Xenarthra. In: Reis, N. R.; Peracchi, A.L., Pedro, W.A. & Lima, I.P. **Mamíferos do Brasil.** Londrina: p.71-99.
- Merino, M.L.; Gonzales, S.; Leeuwenberg, F.; Rodrigues, F.H.G.; Pinder, L. & Tomas, W.M. 1997. Veado-campeiro (*Ozotoceros bezoarticus*). In: Duarte, J.M.B. (Ed.). **Biologia e conservação de cervídeos sul-americanos: Blastocerus, Ozotoceros e Mazama.** Jaboticabal: FUNEP, p. 42-58.
- Minas Gerais 2007. **Lista das espécies ameaçadas de extinção da fauna do Estado de Minas Gerais.**
- Miranda, J.M.D.; Bernardi, I.P.; Abreu, C.K. & Passos, F. 2005. Predation on *Alouatta guariba clamitans* Cabrera (Primates, Atelidae) by *Leopardus pardalis* (Linnaeus) (Carnivora, Felidae). **Revista Brasileira de Zoologia 22:** 793-795.
- Moojen, J. 1952. **Os roedores do Brasil.** Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro.
- Musser, G.G. & M.D. Carleton, 2005. Superfamily Muroidea. In: Wilson, D.E. & Reeder, D.A. (eds.), **Mammal species of the world.** A taxonomic and geographic reference. 3º Ed. Washington, D.C., The Johns Hopkins University Press.
- Mustrengi, M.A. & Patton J.L. 1997. Phylogeography and systematics of the slender mouse opossum *Marmosops* (Marsupialia, Didelphidae). University of California Publications, **Zoology, 130:** 1-86.
- Naxara, L., Pinotti, B. T. & Pardini, R. 2009. Seasonal microhabitat selection by terrestrial rodents in an old-growth Atlantic Forest. **Journal of Mammalogy, 90:** 404 - 415.
- Nishimura, A.; Fonseca, G.A.B.; Mittermeier, R.A.; Young, A.L.; Strier, K.B. & Vale, C.M.C. 1988. The Muriqui, genus *Brachyteles*. p 577-610. In: Mittermeier, R.A.; Rylands, A.B.; Coimbra-Filho, A.F. & Fonseca, G.A.B. (Eds.). **Ecology and Behavior of Neotropical Primates**, Vol. 2. Washington, D.C. World Wildlife Fund.
- Nowak, R.M. 1991. **Walker's Mammals of the World.** v. 1. 5ª ed. Baltimore and London. The Johns Hopkins University Press. 568p.
- Oliveira, J.A. 1998. **Morphometric assesment of species groups in the South American rodent genus *Oxymycterus* Sigmodontinae, with taxonomic notes based on the analysis of type material.** PhD Dissertation. Lubbock. Texas Tech University.
- Oliveira, J.A. & Bonvicino, C.R. 2006. Ordem Rodentia. In: Reis, N.R.; Peracchi, A.L., Pedro, W.A. & Lima, I.P. **Mamíferos do Brasil.** Londrina: Nélio R. dos Reis, p.347-406.
- Oliveira, T.G. 1994. **Neotropical Cats:** Ecology and Conservation. EDUFMA, São Luís, MA.
- Oliveira, T.G. & Cassaro, K. 2006. **Guia de campo dos felinos do Brasil.** São Paulo, Instituto Pró-Carnívoros, Fundação Parque Zoológico de São Paulo, Sociedade de Zoológicos do Brasil, Pró-Vida Brasil.
- Olmos, F. 1991. Observations on the behavior and population-dynamics of some Brazilian Altantic Forest rodents. **Mammalia 55:** 555-565.
- Olmos, F. 1996. Missing species in São Sebastião Island, southeastern Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia 39:** 329–349.
- Olmos, F. 1997. The giant Altantic forest tree rat *Nelomys thomasi* (Echimyidae): a Brazilian insular endemic. **Mammalia 61:**130–134.
- Olmos, F. & Martuscelli, P. 1995. Habitat and distribution of the Buffy-tufted-ear marmoset *Callithrix aurita* in São Paulo state, Brazil, with notes on its natural history. **Neotropical Primates, 3(3):** 75-79.
- Ott, P.H.; Secchi, E.R.; Moreno, I.B.; Danilewicz, D.; Crespo, E.A.; Bordino, P.; Ramos, R.; Di Beneditto, A.P.; Bertozi, C.; Bastida, R.; Zanelatto, R.; Perez, J.E. & Kinas, P.G. 2002. Report of the Working Group on Fishery Interactions. **The Latin American Journal of Aquatic Mammals, special issue 1:**55-64
- Palma, A.R.T. & Vieira E.M. 2006. O gênero *Thylamys* no Brasil: história natural e distribuição geográfica. In: Cáceres, N.C.; Emygdio L. & Monteiro-Filho, A. (Org.). **Os Marsupiais do Brasil: Biologia, Ecologia e Evolução.** Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, p. 271-286.
- Pardiñas, U.F.J.; Cirignoli, S. & Galliari, C.A. 2004. Distribution of *Pseudoryzomys simplex* (Rodentia, Cricetidae) in Argentina. **Mastozoologia Neotropical 11:** 105-108.
- Pardini, R. 1996. **Estudo sobre a ecologia da lontra *Lontra longicaudis* no Vale do Alto Rio Ribeira, Iporanga, SP (Carnivora: Mustelidae).** Dissertação de mestrado, Departamento de Zoologia do Instituto de Biociências da USP, São Paulo.

- Pardini, R. 1998. Feeding ecology of the neotropical river otter *Lontra longicaudis* in an Atlantic Forest stream, south-eastern Brazil. *Journal of Zoology (London)* **245**: 385-391.
- Pardini, R. & Trajano, E. 1999. Use of shelters by the neotropical river otter (*Lontra longicaudis*) in an Atlantic Forest stream, southeastern Brazil. *Journal of Mammalogy* **80**: 600-610.
- Pardini, R. & Umetsu, F. 2006. Pequenos mamíferos não-voadores da Reserva Florestal do Morro Grande: distribuição das espécies e da diversidade em uma área de Mata Atlântica. *Biota Neotrópica* **6**. Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v6n2/pt/abstract?article+bn00606022006>.
- Pardini, R.; Souza, S.M.; Braga-Neto, R. & Metzger, J.P. 2005. The role of forest structure, fragment size and corridors in maintaining small mammal abundance and diversity in an Atlantic forest landscape. *Biological Conservation* **124**: 253-266.
- Pardini, R.; Souza, S.M.; Braga-Neto, R. & Metzger, J.P. 2005. The role of forest structure, fragment size and corridors in maintaining small mammal abundance and diversity in an Atlantic forest landscape. *Biological Conservation* **124**: 253-266.
- Paula, R.C.; Medici, P. & Morato, R.G. 2008. *Plano de Ação para a Conservação do Lobo-Guará – Análise de Viabilidade Populacional e de Habitat (PHVA)*. Brasília. Edições IBAMA. 157p.
- Percequillo, A.R. 1998. *Sistemática de Oryzomys Baird, 1858 do Leste do Brasil (Muroidea, Sigmodontinae)*. Dissertação de mestrado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Percequillo, A.R. 2003. *Sistemática de Oryzomys Baird, 1858: definição dos grupos de espécie e revisão taxonômica do grupo albicularis*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Percequillo, A.R.; Hingst-Zaher, E. & Bonvicino, C.R.. 2008. Systematic review of genus *Cerradomys* Weksler, Percequillo and Voss, 2006 (Rodentia: Cricetidae: Sigmodontinae: Oryzomyini), with description of two new species from eastern Brazil. *American Museum Novitates*, **3622**: 1-46.
- Pereira, C.R. 2004. *Desenvolvimento de um programa de monitoramento em longo prazo das ariranhas (Pteronura brasiliensis) no Pantanal brasileiro*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Mato Grosso.
- Pereira, R.J.G.; Duarte, J.M.B. & Negrão, J.A. 2005. Seasonal changes in fecal testosterone concentrations and their relationship to the reproductive behavior, antler cycle and grouping patterns in free-ranging male Pampas deer (*Ozotoceros bezoarticus bezoarticus*). *Theriogenology* **63**: 2113–2125.
- Persson, V.G. & Lorini, M.L.. 1993. Notas sobre o mico-leão-de-cara-preta, *Leontopithecus caissara* Lorini & Persson, 1990, no sul do Brasil (Primates, Callitrichidae). In: M.E. Yamamoto & M.B.C. Souza (ed.). *A Primatologia no Brasil* **4**. Natal: Soc. Bras. Primatol., p. 169-181.
- Pinedo, M.C.; Praderi, R. & Brownell Jr, R.L. 1989. Review of the biology and status of the franciscana *Pontoporia blainvilliei*. In: Perrin, W.F.; Brownell Jr, R.L. & Kaiya, Z. (eds.). *Occasional Papers of the IUCN, Species Survival Commission 3 Gland*: Switzerland. p. 46-51.
- Pinotti, B.T.; Naxara, L. & Pardini R. **In press**. Influence of arthropod availability on the diet and spatial distribution of small mammals in an old-growth Atlantic Forest of Brazil. *Journal of Tropical Ecology*.
- Redford, K.H. & Eisenberg, J.F. 1992. *Mammals of the Neotropics*. The Southern Cone: Chile, Argentina, Uruguay, Paraguay. Chicago. University of Chicago Press. Vol. 2.
- Reis, N.R.; Peracchi, A.L.; Pedro, W.A. & Lima, I.P. 2006. *Mamíferos do Brasil*. Londrina. Universidade Estadual de Londrina.
- Reis, N.R.; Peracchi A.L.; Pedro W.A. & Lima I.P. 2007. *Morcegos do Brasil*. Londrina. Universidade Estadual de Londrina.
- Reis, N.R.; Shibatta, O.A.; Peracchi, A.L.; Pedro W.A. & Lima, I.P. 2006. Sobre os mamíferos do Brasil. In: Reis, N. R.; Peracchi, A.L., Pedro, W.A. & Lima, I.P. *Mamíferos do Brasil*. Londrina: 17-25.
- Ribeiro, M. C.; Metzger, J. P.; Ponzoni, F.; Matersen, A. C. & Hirota, M. 2009. Brazilian Atlantic Forest: How much is left and how the remaining Forest is distributed? Implications for conservation. *Biological Conservation* **142**:1141-1153.
- Rio de Janeiro. 1998. *Lista das espécies ameaçadas de extinção da fauna do Estado do Rio de Janeiro*.
- Rodden, M.; Rodrigues, F. & Bestelmeyer, S. 2004. Maned wolf (*Chrysocyon brachyurus*). 38-44 In: Sillero-Zubiri, C.; Hoffmann, M. & Macdonald, D.W. (eds). 2004. *Canids: Foxes, Wolves, Jackals and Dogs*. Status Survey and Conservation Action Plan. IUCN/SSC Canid Specialist Group. Gland, Switzerland and Cambridge, UK.x+ 430 p.
- Rodrigues, F.H.G. 2002. *Biologia e conservação do lobo-guará na Estação Ecológica de Águas Emendadas, DF*. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas.
- Rodrigues, R.R. & Bononi, V.L.R. 2008. *Diretrizes para conservação e restauração da biodiversidade no Estado de São Paulo*. São Paulo. Instituto de Botânica.
- Röhe, F.; Antunes, A.P.; Tófoli, C.F. 2003. The Discovery of a New Population of Black Lion Tamarins (*Leontopithecus chrysomelas*) in the Serra de Paranapiacaba, São Paulo, Brazil. *Neotropical Primates* **11**(2):75-76.
- Roopsind, I. 2002. *Fish Consumption by Giant Otters (Pteronura brasiliensis) in the North Rupununi Wetlands*. B.Sc. Dissertation, University of Guyana.
- Rosas, F.C.W. 2003. Técnicas de campo que podem ajudar no estudo de populações naturais de ariranhas (*Pteronura brasiliensis*). *Boletim da Sociedade Brasileira de Mastozoologia* **38**: 4.
- Rosas, F.C.W. 2004. Lontra, *Lontra longicaudis* (Carnivora, Mustelidae). In: Cintra, R. (org). *História natural, ecologia e conservação de algumas espécies de plantas e animais da Amazônia*. Manaus: Edua/Inpa/FEPAM.

- Rosas, F.C.W.; Mattos, G.E. & Cabral, M.M.M. 2007. The use of hydroelectric lakes by giant otters *Pteronura brasiliensis*: Balbina lake in central Amazonia, Brazil. **Oryx** **41**: 520-524.
- Rosas, F.C.W.; Monteiro-Filho, E.L.A. & Oliveira, M.R. 2002. Incidental catches of franciscana (*Pontoporia blainvilliei*) on the southern coast of São Paulo state and the coast of Paraná state, Brazil. **The Latin American Journal of Aquatic Mammals** **1**: 161-168.
- Rose, K.D. 2006. **The beginning of the age of mammals**. Baltimore. The Johns Hopkins University Press.
- Rossi, R.V. 2000. **Taxonomia de Mazama Rafinesque, 1817 do Brasil (Artiodactyla, Cervidae)**. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Rossi, R.V.; Bianconi G.V. & Pedro W.A. 2006. Ordem Didelphimorphia. In: Reis, N. R.; Peracchi, A.L., Pedro, W.A. & Lima, I.P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: 1-437.
- Rylands, A.B. 1994. Sagui-da-serra-escuro *Callithrix aurita* (É. Geoffroy, 1812). p. 47-54. In: **Livro vermelho dos mamíferos brasileiros ameaçados de extinção**. Fonseca, G.A.B. (Ed.). Belo Horizonte, MG. Fundação Biodiversitas.
- São Paulo, 1997. **Cerrado**: bases para conservação e uso sustentável das áreas de Cerrado do Estado de São Paulo. Série PROBIO/SP. Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo.
- São Paulo, 1998. **Áreas de domínio do Cerrado no Estado de São Paulo**. Secretaria de Estado do Meio Ambiente, Instituto Florestal, São Paulo.
- São Paulo, 1998. **Lista das espécies ameaçadas de extinção da fauna do Estado de São Paulo**. Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo.
- São Paulo. 2005. **Inventário florestal da vegetação natural do Estado de São Paulo**. Secretaria do Meio Ambiente, Instituto Florestal, São Paulo.
- Secchi, E.R.; Ott, P.H. & Danilewicz, D.S. 2002. Report of the fourth workshop for the coordinated research and conservation of the franciscana dolphin (*Pontoporia blainvilliei*) in the Western South Atlantic. **The Latin American Journal of Aquatic Mammals**, **1**:11-20.
- Secchi E.R.; Wang J.Y.; Murray B.W.; Rocha Campos C.C. & White B.N. 1998. Population differentiation in the franciscana (*Pontoporia blainvilliei*) from two geographic locations in Brazil as determined from mitochondrial DNA control region sequences. **Canadian Journal of Zoology** **76**: 1622 – 1627.
- Sekaima, M.L.; Lima, I.P. & Rocha, V.J. 2006. Ordem Perissodactyla. In: Reis, N. R.; Peracchi, A.L., Pedro, W.A. & Lima, I.P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina, PR.
- Silva Júnior, J.S. 2001. **Especiação nos macacos-prego e caiararas, gênero Cebus Erxleben, 1777 (Primates, Cebidae)**. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. 377 p.
- Silveira, L. 1999. **Ecologia e conservação dos mamíferos carnívoros do Parque Nacional das Emas, Goiás**. Tese de mestrado. Universidade Federal de Goiás, Goiás. 117p.
- SOS Mata Atlântica & INPE. 2008. **Atlas dos remanescentes florestais da Mata Atlântica** – Período 2000-2005. São Paulo. Fundação SOS Mata Atlântica e Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.
- Strier, K.B. 1991. Diet in one group of wooly spider monkey, or Muriquis (*Brachyteles arachnoides*). **American Journal of Primatology**, **23**: 113-126.
- Strier, K.B. 1992. **Faces in the Forest** – the Endangered Muriqui Monkeys of Brazil. Oxford. Oxford University Press.
- Strier, K.B. 1996. Reproductive ecology of female muriquis (*Brachyteles arachnoides*). p 511-532. In: Norconk, M.A.; Rosemberger A.L. & Garber P.A. (Orgs.). **Adaptative Radiations in Neotropical Primates**. New York. Plenum Press.
- Strier, K.B. & Fonseca, G.A.B. 1996-1997. The endangered muriqui in Brazil's Atlantic Forest. **Primate Conservation**, **17**: 131-137.
- Sussman, R.W. & Kinzey, W.G. 1984. The ecological role of callithrichids: a review. **American Journal of Physiology Anthropology**, **64**: 419-449.
- Talamoni, S.A.; Motta-Junior, J.C. & Dias, M.M. 2000. Fauna de mamíferos da Estação Ecológica de Jataí e da Experimental de Luiz Antonio. In: Santos, J.E. & Pires, J.S.R. (Org.). **Estudos Integrados em Ecossistemas** – Estação Ecológica de Jataí (Volume 01). São Carlos-SP. Editora RIMA. 346p.
- Talebi, M. & Soares, P. 2005. Conservation research on the southern muriqui (*Brachyteles arachnoides*) in São Paulo State, Brazil. **Neotropical Primates**, **13** (suppl.): 53-58.
- Tiemann, J.C.H.; Souza, S.L.P.; Rodrigues, A.A.R.; Duarte, J.M.B. & Gennari, S.M. 2005. Environmental effect on the occurrence of anti-Neospora caninum antibodies in pampas-deer (*Ozotoceros bezoarticus*). **Veterinary Parasitology** **134**: 73–76.
- Tiepolo, L.M. & Tomas, W.M. Ordem Artiodactyla. In: Reis, N.R.; Peracchi, A.L.; Pedro, W.A. & Lima, I.P. **Mamíferos do Brasil**. Londrina: Nélio R. dos Reis, 2006, p.283-304.
- Torres, H.A.; Ramos, H.G.C.; Lemes, M.R.S. & Duarte, J.M.B. 2003. Pressão de caça sobre o cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) no entorno da Usina Hidroelétrica Sérgio Motta, Rio Paraná. In: II Congresso Brasileiro de Mastozoologia, Belo Horizonte, **Resumos...** p. 288.
- Tribe, C.J. 1996. **The neotropical rodent genus *Rhipidomys* (Cricetidae, Sigmodontinae) – a taxonomic revision**. PhD Dissertation. University College, London.
- Uieda, W. & Chaves, M.E. 2005. Bats from Botucatu region, state of São Paulo, Southeastern Brazil. **Chiroptera Neotropical** **11** (2): 224-226.
- Umetsu, F. & Pardini, R. 2007. Small mammals in a mosaic of forest remnants and anthropogenic habitats-evaluating matrix quality in an Atlantic forest landscape. **Landscape Ecology**, **22**: 517-530.
- Umetsu, F.; Metzger, J.P. & Pardini, R. 2008. Importance of estimating matrix quality for modeling species distribution in complex tropical landscapes: a test with Atlantic forest small mammals. **Ecography** **31**: 359-370.
- Valladares-Pádua, C. 1993. **The ecology, behavior and conservation of the black lion tamarin (*Leontopithecus chrysomelas*, Mikan 1823)**. Tese de PhD, University of Florida, Gainesville, Flórida.

- Vargas, C.E.R. 2007. Ações de pesquisa e conservação com relação ao estudo de ariranhas *Pteronura brasiliensis* no Brasil. **Relatório Técnico do Workshop**. Manaus: IDSM.
- Vaz, S.M., 2000. Sobre a distribuição geográfica de *Phaenomys ferrugineus* (Thomas) (Rodentia, Muridae). **Revista Brasileira de Zoologia**, **17**: 183-186.
- Vieira, E.M. & Monteiro-Filho, E.L.A. 2003. Vertical stratification of small mammals in the Atlantic rainforest of south-eastern Brazil. **Journal of Tropical Ecology** **19**: 501-507.
- Vieira, E.M. & Palma, A.R.T. 1996. Natural history of *Thylamys velutinus* (Marsupialia, Didelphidae) in Central Brazil. **Mammalia** **60**(3): 481-484.
- Vieira, E.M. 2006. Padrões de uso vertical do habitat por marsupiais brasileiros. In: Nílton C. Cáceres; Emygdio L.A. Monteiro-Filho. (Org.). **Os Marsupiais do Brasil**: Biologia, Ecologia e Evolução. Campo Grande: Editora da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, p. 217-228.
- Vieira, E.M.; Pizo, M.A. & Izar, P. 2003. Fruit and seed exploitation by small rodents of the Brazilian Atlantic forest. **Mammalia**. **67**: 533-539.
- Vivo, M. 1991. **Taxonomia de Callithrix Erxleben, 1777 (Callitrichidae, Primates)**. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 105p.
- Vivo, M. & R. Gregorin. 2001. Mamíferos. In: Leonel, C. (Org.). **Intervalles**. Fundação para a Conservação e a Produção Florestal do Estado de São Paulo, São Paulo.
- Vogliotti, A. 2003. **História natural de Mazama bororo (Artiodactyla; Cervidae) através da etnozoologia, monitoramento fotográfico e rádio-telemetria**. Dissertação de mestrado, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo, Piracicaba.
- Vogliotti, A. & Duarte, J.M.B. **No prelo**. Discovery of the first wild population of the small red brocket deer *Mazama bororo* (Artiodactyla-Cervidae). Mastozoologia Neotropical.
- Voss, R.S. & Myers, P., 1991. *Pseudoryzomys simplex* (Rodentia: Muridae) and the significance of Lund's collections from the caves of Lagoa Santa, Brazil. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, **206**: 415-432.
- Voss, R.S.; Lunde D.P. & Jansa S.A.. 2005. On the contents of *Gracilinanus* Gardner and Creighton, 1989, with the description of a previously unrecognized clade of small didelphid marsupials. **American Museum Novitates**, 3482: 1-34.
- Weber, M. & Gonzalez, S. 2003. Latin American deer diversity and conservation: A review of status and distribution. **Ecoscience**, **10**: 443-454.
- Weksler, M.; Percequillo A.R. & Voss R.S.. 2006. Ten new genera of oryzomyine rodents (Cricetidae: Sigmodontinae). **American Museum Novitates** **3537**: 1-29.
- Wemmer, C. 1998. **Status survey and conservation action plan, Deer**. Gland: IUCN, 106 p.
- Wilson, D.E. & Reeder, D.M. 2005. **Mammal species of the world**. A taxonomic and geographic reference. Baltimore. The Johns Hopkins University Press.
- Wilson, D.E.; Cole, F.R.; Nichols, J.D.; Rudran, R. & Foster, M.S. 1996. **Measuring and Monitoring Biological Diversity**. Standard methods for mammals. Washington, DC. Smithsonian Institution Press.



A V E S

Autores

Luís Fábio Silveira
Giulyana A. Benedicto
Fábio Schunck
Angélica Midori Sugieda

Agradecimentos

Aos colaboradores que apresentaram valiosas sugestões na elaboração da lista de espécies candidatas e aos ornitólogos que participaram das reuniões de discussão da lista final. Ao Instituto de Biociências e ao Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (IBUSP e MZUSP, respectivamente), ao CNPq, Fapesp e Fundação O Boticário, pelo apoio às nossas pesquisas. A Cecília Kierulff e à Fundação Parque Zoológico de São Paulo, pelo convite e apoio durante a elaboração da lista.

Introdução

O táxon Aves é composto por aproximadamente 11 mil espécies, o que corresponde a cerca de 20% de toda a diversidade dos vertebrados atuais, ficando atrás apenas dos peixes ósseos. Entretanto, pesquisas recentes sugerem que esses números estão altamente subestimados, especialmente na região neotropical. Revisões taxonômicas com base em conceitos de espécie mais confiáveis, aliadas ao refinamento dos métodos de análise para se determinar o *status* de muitas populações, e a surpreendente taxa de novas espécies descritas, para um grupo considerado como o mais bem conhecido entre os vertebrados, vêm mudando continuamente o número de espécies de aves conhecidas, especialmente no Brasil (Silveira & Olmos, 2007).

As aves também se distribuem por todos os continentes, embora de maneira irregular. A região neotropical, que se estende do México até o sul da América do Sul, é a região do planeta que congrega o maior número de espécies de aves (aproximadamente 4 mil), encontradas em todos os ambientes disponíveis. O Brasil ocupa uma posição de destaque, com 1.822 espécies registradas em seu território (CBRO, 2008), o que faz do país o segundo com a maior diversidade de espécies de aves no mundo, superado apenas pela Colômbia.

A elaboração de listas de aves para cada estado do Brasil é uma tarefa que ainda está em andamento. Os estados das regiões sul e sudeste, mais explorados e com uma comunidade de ornitólogos profissionais e amadores mais estruturada, saíram na frente. Esses estados contam com listas regionais há algumas décadas, que vêm sendo constantemente atualizadas. As primeiras listas de aves registradas no Estado de São Paulo datam do final do século XIX (Ihering, 1898; 1899) e atualmente o Centro de Estudos Ornitológicos (CEO) vem compilando os novos registros e mantendo atualizada a lista de espécies de aves de São Paulo. Essa ação é o primeiro e fundamental passo para se determinar quais são as espécies cujas populações diminuíram drasticamente nos últimos anos e que precisam de ações urgentes para serem adequadamente conservadas. Isso faz com que a inclusão ou exclusão de determinadas espécies dessas listas seja uma tarefa de grande responsabilidade, pois os efeitos vão além do nosso conhecimento básico sobre distribuição. A identificação de espécies ameaçadas de extinção irá influir diretamente na elaboração de políticas de conservação e no licenciamento de empreendimentos que vão impactar os ambientes onde esses animais ainda sobrevivem.

A presente análise das espécies ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo teve como ponto de partida duas excelentes compilações sobre a avifauna paulista. A primeira foi realizada e é continuamente atualizada pelo Centro de Estudos Ornitológicos (CEO, 2008), que apresenta o primeiro registro e a forma de documentação para cada espécie, e a segunda foi publicada por Willis & Oniki (2003), que ainda traz informações preciosas sobre a distribuição das aves no Estado. As aves, de forma diferente da maioria dos outros vertebrados, podem ter os seus registros aceitos sem a presença de material-testemunho depositado em museus, ou mesmo sem uma fotografia ou gravação que permita uma identificação inequívoca, bastando muitas vezes apenas o relato de uma observação. Essa particularidade faz com que as listas de aves, independentemente do seu nível de abrangência, tenham sempre registros que carecem de uma documentação adequada. Essa falta de documentação pode embutir erros de identificação, cujas consequências podem ser desastrosas.

Em função dessa particularidade do grupo, foram realizadas análises criteriosas sobre as documentações de cada registro e a distribuição das espécies com ocorrência relatada para São Paulo, o que resultou em 789 espécies com informações confiáveis, distribuídas em 25 ordens e 83 famílias (Anexo 6), número este que corresponde a cerca de 45% da avifauna brasileira. Uma enorme porcentagem desta lista (96%) apresenta espécimes depositados em museus e/ou foi repetidamente observada por ornitólogos de forma independente desde o século XIX, o que torna a sua ocorrência inquestionável e também permite uma análise razoavelmente segura das suas tendências populacionais ao longo do tempo. As demais espécies contam apenas com registros visuais, gravações de vozes e fotografias não disponíveis em acervos públicos ou não publicadas no meio científico, o que gera dúvidas sobre a sua ocorrência no Estado. Esse segundo grupo de espécies foi reavaliado pelos membros que elaboraram a lista de espécies de aves ameaçadas de São Paulo e 10 espécies não contaram com registros confiáveis (Anexo 6) e, portanto, não tiveram o seu *status* de conservação analisado. Eventuais novos registros das espécies em questão devem ser documentados e publicados.

O Brasil é um dos países com o maior número de espécies de aves ameaçadas de extinção em todo o mundo, e essa contagem vem aumentando a cada nova avaliação. Atualmente são considerados 160 táxons como nacionalmente ameaçados (MMA, 2003; Silveira & Straube, 2008).

O Estado de São Paulo, infelizmente, acompanha essa tendência. A primeira lista, publicada em 1998 (São Paulo, 1998), apontava 128 espécies ameaçadas de extinção no Estado, e nesta atualização foram categorizadas 171 espécies, correspondendo a aproximadamente 22% da avifauna paulista (Tabela 1). Em conjunto com o pato-mergulhão, *Mergus octosetaceus*, classificado como extinto em São Paulo, essas espécies serão tratadas em detalhes nas próximas páginas.

A análise desta lista indica que 69 espécies (40,3 %) enquadram-se na categoria de *Criticamente ameaçadas de extinção* (CR), ou seja, são espécies em pior situação de conservação e cuja manutenção de populações remanescentes depende de esforços a serem feitos em curto prazo. Mais grave ainda é a constatação de que 53 dessas espécies são endêmicas ou têm parte da sua área de distribuição no Cerrado *latu sensu*, onde se inserem as matas ciliares e campos limpos. A rápida devastação dos campos limpos agravou a situação de espécies pouco conhecidas, como *Geositta poeciloptera*, *Anthus nattereri* e *Coryphaspiza melanotis*, além de várias espécies do gênero *Sporophila* que apresentam comportamento migratório e dependem dessas áreas para sobreviver. Boa parte das espécies desse bioma resiste apenas na Estação Ecológica de Itirapina, uma das unidades de conservação mais importantes para a proteção de aves das áreas abertas em São Paulo. Um número relativamente pequeno de espécies da Mata Atlântica se encontra nessa categoria, onde se destaca a extremamente grave situação do bicudinho-do-brejo-paulista, uma espécie ainda não descrita do gênero *Formicivora* cuja população total não ultrapassa 300 indivíduos que vivem isolados nos brejos da região de Arujá, Salesópolis e Mogi das Cruzes. Esses brejos naturais precisam ser urgentemente conservados, pois, ao contrário das outras espécies ameaçadas em São Paulo, o bicudinho-do-brejo-paulista é endêmico de uma pequena região do Estado, não sendo passível, como acontece com outras espécies na mesma categoria, de recuperar a sua população por meio de processos de recolonização por aves oriundas de outra região ou mesmo de programas de reintrodução. A delicada situação desse novo táxon só pode ser resolvida com a criação de unidades de conservação na sua área de ocorrência.

Outro grande contingente de espécies (40,3%) foi classificado como *Vulnerável* (VU), e nessa categoria encontram-se aves que ocorrem em todos os ambientes do Estado, incluindo também as oceânicas de ocorrência regular. Ao contrário do que observamos nas espécies

classificadas como criticamente ameaçadas, neste grupo encontramos maior quantidade de espécies que ocorrem principalmente na Mata Atlântica, como o pavô, *Pyroderus scutatus*, e o macuco, *Tinamus solitarius*. Esse bioma se encontra em melhor estado de conservação quando comparado com o Cerrado, embora muitas das espécies de aves listadas nesta categoria ainda dependam da conservação e restauração de remanescentes florestais, especialmente daqueles situados em altitudes inferiores a 100 m.

As tabelas 2 e 3 listam as espécies classificadas como *Quase ameaçadas* (NT, ou *near threatened*, em inglês) e aquelas consideradas como *Deficientes em dados* (DD), respectivamente. Tais espécies não serão tratadas em detalhes, mas a sua presença nestas duas listas serve como um duplo sinal de alerta. Espécies listadas como NT ($n = 47$) indicam uma situação delicada, que pode piorar se as ameaças que atuam sobre essas aves não forem reduzidas. Embora abrigue algumas aves migratórias e outras de ocorrência pontual no Estado, uma grande parte das espécies desta lista ocorre principalmente na Mata Atlântica. Para tais espécies, a conservação desse bioma é fundamental para que as populações se recuperem e não integrem a lista de espécies ameaçadas. Um último grupo de espécies ($n = 33$), considerado como *Deficientes em dados*, abriga aquelas aves cuja decisão sobre o *status populacional* não pode ser definido com segurança. Esse conjunto de espécies torna-se ainda mais importante na medida em que devem ser estimulados estudos específicos para se avaliar o estado de conservação das suas populações em São Paulo.

O principal fator de ameaça à avifauna paulista é a degradação das florestas e outros ambientes naturais, seja pela intensa exploração das terras na região central e oeste do Estado para expansão das atividades agrícolas (e. g. cana-de-açúcar) e contaminação dos cursos d'água, seja pela pressão imobiliária nas áreas de floresta de baixada do litoral. O pato-mergulhão, a única espécie considerada extinta no Estado de São Paulo, é um exemplo das consequências dessa destruição ambiental. Em casos mais específicos, algumas espécies como o bicudo, *Sporophila maximiliani*, as araras e os papagaios ainda sofrem com a captura para o comércio ilegal de aves silvestres, e outras como a jacutinga enfrentam o problema da caça, fatores que certamente contribuíram para o atual estado de conservação dessas espécies.

Sendo assim, os poucos remanescentes de formações savânicas do

interior devem ser manejados e preservados rapidamente, preferencialmente em unidades de conservação de uso indireto, enquanto as unidades de conservação já existentes devem fortalecer as ações de proteção e fiscalização, coibindo a caça e a captura de animais para o comércio ilegal. Silva *et al* (2008) definiram uma série de espécies-alvo, muitas das quais ameaçadas de extinção, e, tomando como base o inventário florestal do Estado dividido em 22 UGRHI (Unidade de Gerenciamento de Recursos Hídricos), foram sugeridas áreas e ações mais importantes

para a conservação das aves. Mesmo nas áreas onde as formações vegetais estão bem conservadas (Serra do Mar e de Paranapiacaba), muitas comunidades de aves não guardam mais a sua composição e estruturas originais, e processos ecológicos importantes podem estar comprometidos. Dessa forma, um grande esforço de restauração e conexão dos fragmentos, além da recomposição da fauna por meio de reintroduções que obeçam a critérios internacionalmente aceitos, deve ser tentado. ■

Tabelas de Aves

Tabela 1. Aves ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular	Categoria
Struthioniformes	Rheidae	<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)	ema	CR
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)	macuco	VU
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus undulatus</i> (Temminck, 1815)	jaó	EN
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)	jaó-do-sul	EN
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815)	perdiz	VU
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Nothura minor</i> (Spix, 1825)	codorna-mineira	CR
Tinamiformes	Tinamidae	<i>Taoniscus nanus</i> (Temminck, 1815)	inhambu-carapé	CR
Anseriformes	Anhimidae	<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	anhumá	CR
Anseriformes	Anatidae	<i>Neochen jubata</i> (Spix, 1825)	pato-corredor	CR
Anseriformes	Anatidae	<i>Sarkidiornis sylvicola</i> Ihering & Ihering, 1907	pato-de-crista	EN
Anseriformes	Anatidae	<i>Mergus octosetaceus</i> Vieillot, 1817	pato-mergullhão	RE
Galliformes	Cracidae	<i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825)	aracuã	CR
Galliformes	Cracidae	<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	jacutinga	CR
Galliformes	Cracidae	<i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825	mutum-de-penacho	CR
Procellariiformes	Diomedeidae	<i>Thalassarche chlororhynchos</i> (Gmelin, 1789)	albatroz-de-nariz-amarelo	VU
Procellariiformes	Diomedeidae	<i>Thalassarche melanophrys</i> (Temminck, 1828)	albatroz-de-sobrancelha	VU
Procellariiformes	Diomedeidae	<i>Diomedea exulans</i> Linnaeus, 1758	albatroz-gigante	VU
Procellariiformes	Diomedeidae	<i>Diomedea dabbenena</i> Mathews, 1929	albatroz-de-tristão	EN
Procellariiformes	Procellariidae	<i>Pterodroma incerta</i> (Schlegel, 1863)	grazina-de-barriga-branca	VU
Procellariiformes	Procellariidae	<i>Procellaria aequinoctialis</i> Linnaeus, 1758	pardela-preta	VU
Procellariiformes	Procellariidae	<i>Procellaria conspicillata</i> Gould, 1844	pardela-de-óculos	VU
Ciconiiformes	Ardeidae	<i>Tigrisoma fasciatum</i> (Sach, 1825)	socó-boi-escuro	CR
Ciconiiformes	Ardeidae	<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)	arapapá	EN
Ciconiiformes	Ardeidae	<i>Nyctanassa violacea</i> (Linnaeus, 1758)	savacu-de-coroa	VU
Ciconiiformes	Ardeidae	<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	garça-real	VU
Ciconiiformes	Threskiornithidae	<i>Eudocimus ruber</i> (Linnaeus, 1758)	guará	EN
Ciconiiformes	Ciconiidae	<i>Ciconia maguari</i> (Gmelin, 1789)	maguari	CR
Ciconiiformes	Ciconiidae	<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	tuiuiú	EN
Cathartiformes	Cathartidae	<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	urubu-de-cabeça-amarela	VU
Cathartiformes	Cathartidae	<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	urubu-rei	EN
Falconiformes	Accipitridae	<i>Circus cinereus</i> Vieillot, 1816	gavião-cinza	VU
Falconiformes	Accipitridae	<i>Circus buffoni</i> (Gmelin, 1788)	gavião-do-banhado	CR
Falconiformes	Accipitridae	<i>Leucopernis lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	gavião-pombo-pequeno	VU
Falconiformes	Accipitridae	<i>Leucopernis polionotus</i> (Kaup, 1847)	gavião-pombo-grande	VU
Falconiformes	Accipitridae	<i>Buteogallus aequinoctialis</i> (Gmelin, 1788)	caranguejeiro	CR
Falconiformes	Accipitridae	<i>Harpyhaliaetus coronatus</i> (Vieillot, 1817)	águia-cinzenta	CR
Falconiformes	Accipitridae	<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	gavião-belo	CR

Tabela 1. Aves ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular	Categoria
Falconiformes	Accipitridae	<i>Parabuteo unicinctus</i> (Temminck, 1824)	gavião-asa-de-telha	VU
Falconiformes	Accipitridae	<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)	uiraçu-falso	CR
Falconiformes	Accipitridae	<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-real	CR
Falconiformes	Accipitridae	<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	gavião-pega-macaco	CR
Falconiformes	Accipitridae	<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)	gavião-pato	VU
Falconiformes	Accipitridae	<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)	gavião-de-penacho	CR
Falconiformes	Falconidae	<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)	gralhão	CR
Falconiformes	Falconidae	<i>Falco rufigularis</i> Daudin, 1800	cauré	EN
Gruiformes	Rallidae	<i>Micropygia schomburgkii</i> (Schomburgk, 1848)	maxalalagá	CR
Gruiformes	Rallidae	<i>Laterallus xenopterus</i> Conover, 1934	sanã-de-cara-ruiva	CR
Gruiformes	Rallidae	<i>Gallinula melanops</i> (Vieillot, 1819)	frango-d'água-carijó	VU
Gruiformes	Heliorhithidae	<i>Heliornis fulica</i> (Boddaert, 1783)	picaparra	CR
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	batuíra-de-esporão	CR
Charadriiformes	Haematopodidae	<i>Haematopus palliatus</i> Temminck, 1820	piru-piru	VU
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Numenius borealis</i> (Forster, 1772)	maçarico-esquimó	CR
Charadriiformes	Sternidae	<i>Sternula superciliaris</i> (Vieillot, 1819)	trinta-réis-anão	VU
Charadriiformes	Sternidae	<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	trinta-réis-grande	VU
Charadriiformes	Sternidae	<i>Thalasseus sandvicensis</i> (Latham, 1787)	trinta-réis-de-bando	VU
Charadriiformes	Sternidae	<i>Thalasseus maximus</i> (Boddaert, 1783)	trinta-réis-real	VU
Columbiformes	Columbidae	<i>Columbina minuta</i> (Linnaeus, 1766)	rolinha-de-asa-canela	VU
Columbiformes	Columbidae	<i>Columbina cyanopis</i> (Pelzeln, 1870)	rolinha-do-planalto	CR
Columbiformes	Columbidae	<i>Claravis godeffrida</i> (Temminck, 1811)	pararu-espelho	CR
Columbiformes	Columbidae	<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	pomba-trocal	EN
Columbiformes	Columbidae	<i>Geotrygon violacea</i> (Temminck, 1809)	juriti-vermelha	EN
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	arara-canindé	CR
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859	arara-vermelha-grande	CR
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Orthopsittaca manilata</i> (Boddaert, 1783)	maracanã-do-buriti	CR
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	maracanã-verdeadeira	EN
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	maracanã-pequena	CR
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Touit melanonotus</i> (Wied, 1820)	apuim-de-costas-pretas	VU
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Alipiopsitta xanthops</i> (Spix, 1824)	papagaio-galego	CR
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-de-cara-roxa	EN
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	curica	VU
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	papagaio-moleiro	CR
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	papagaio-de-peito-roxo	EN
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Trichilaria malachitacea</i> (Spix, 1824)	sabiá-cica	VU

Tabela 1. Aves ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular	Categoria
Cuculiformes	Cuculidae	<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	anu-coroca	VU
Cuculiformes	Cuculidae	<i>Dromococcyx phasianellus</i> (Spix, 1824)	peixe-frito-verdadeiro	CR
Strigiformes	Strigidae	<i>Bubo virginianus</i> (Gmelin, 1788)	jacurutu	VU
Strigiformes	Strigidae	<i>Asio flammeus</i> (Pontoppidan, 1763)	mocho-dos-banhados	EN
Caprimulgiformes	Nyctibiidae	<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	mãe-da-lua-gigante	CR
Caprimulgiformes	Nyctibiidae	<i>Nyctibius aethereus</i> (Wied, 1820)	mãe-da-lua-parda	CR
Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Caprimulgus sericocaudatus</i> (Cassin, 1849)	bacurau-rabo-de-seda	CR
Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Caprimulgus maculicaudus</i> (Lawrence, 1862)	bacurau-de-rabo-maculado	VU
Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Eleothreptus anomalus</i> (Gould, 1838)	curiango-do-banhado	CR
Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Eleothreptus candicans</i> (Pelzeln, 1867)	bacurau-de-rabo-branco	CR
Apodiformes	Apodidae	<i>Tachornis squamata</i> (Cassin, 1853)	tesourinha	VU
Apodiformes	Trochilidae	<i>Lophornis magnificus</i> (Vieillot, 1817)	topetinho-vermelho	VU
Apodiformes	Trochilidae	<i>Thalurania furcata</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-tesoura-verde	VU
Apodiformes	Trochilidae	<i>Hylocharis sapphirina</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-safira	VU
Apodiformes	Trochilidae	<i>Polytmus guainumbi</i> (Pallas, 1764)	beija-flor-de-bico-curvo	VU
Apodiformes	Trochilidae	<i>Heliactin bilophus</i> (Temminck, 1820)	chifre-de-ouro	CR
Coraciiformes	Momotidae	<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)	udu-de-coroa-azul	VU
Galbuliformes	Galbulidae	<i>Brachygalba lugubris</i> (Swainson, 1838)	ariramba-preta	CR
Galbuliformes	Galbulidae	<i>Jacamaralcyon tridactyla</i> (Vieillot, 1817)	cuitelão	CR
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Nonnula rubecula</i> (Spix, 1824)	macuru	VU
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)	chora-chuva-preto	CR
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (Pallas, 1782)	urubuzinho	CR
Piciformes	Ramphastidae	<i>Ramphastos vitellinus pintoi</i> Peters, 1945	tucano-de-bico-preto	CR
Piciformes	Ramphastidae	<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	araçari-banana	VU
Piciformes	Ramphastidae	<i>Pteroglossus aracari</i> (Linnaeus, 1758)	araçari-de-bico-branco	CR
Piciformes	Ramphastidae	<i>Pteroglossus castanotis</i> Gould, 1834	araçari-castanho	CR
Piciformes	Picidae	<i>Veniliornis mixtus</i> (Boddaert, 1783)	pica-pau-chorão	CR
Piciformes	Picidae	<i>Dryocopuss galeatus</i> (Temminck, 1822)	pica-pau-de-cara-canela	EN
Piciformes	Picidae	<i>Campephilus melanoleucus</i> (Gmelin, 1788)	pica-pau-de-topete-vermelho	VU
Passeriformes	Melanopareiidae	<i>Melanopareia torquata</i> (Wied, 1831)	tapaculo-de-colarinho	EN
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Biatus nigropectus</i> (Lafresnaye, 1850)	papo-branco	EN
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Myrmotherula minor</i> Salvadori, 1864	choquinha-pequena	VU
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Myrmotherula unicolor</i> (Ménétriès, 1835)	choquinha-cinzenta	VU
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Herpsilochmus longirostris</i> Pelzeln, 1868	chorozinho-de-bico-comprido	EN
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Formicivora melanogaster</i> Pelzeln, 1868	formigueiro-de-barriga-preta	VU
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Formicivora aff. acutirostris</i> (região de Mogi das Cruzes, Salesópolis e Arujá)	bicudinho-do-brejo-paulista	CR

Tabela 1. Aves ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular	Categoria
Passeriformes	Scleruridae	<i>Sclerurus mexicanus</i> Sclater, 1857	vira-folha-de-peito-vermelho	VU
Passeriformes	Scleruridae	<i>Geositta poeciloptera</i> (Wied, 1830)	curriqueiro	CR
Passeriformes	Dendrocolaptidae	<i>Campylorhamphus trochilirostris</i> (Lichtenstein, 1820)	arapaçu-beija-flor	CR
Passeriformes	Furnariidae	<i>Phleocryptes melanops</i> (Vieillot, 1817)	bate-bico	VU
Passeriformes	Furnariidae	<i>Oreophylax moreirae</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)	garrincha-chorona	EN
Passeriformes	Furnariidae	<i>Synallaxis hypospodia</i> Sclater, 1874	joão-grilo	EN
Passeriformes	Furnariidae	<i>Synallaxis scutata</i> Sclater, 1859	estrelinha-preta	EN
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Hemitriccus furcatus</i> (Lafresnaye, 1846)	papa-moscas-estrela	VU
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Myiopagis gaimardii</i> (d'Orbigny, 1839)	maria-pechim	VU
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Elaenia cristata</i> Pelzeln, 1868	guaracava-de-topete-uniforme	EN
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Suiriri suiriri</i> (Vieillot, 1818)	suiriri-cinzento	CR
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Polystictus pectoralis</i> (Vieillot, 1817)	papa-moscas-canela	CR
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Euscarthmus rufomarginatus</i> (Pelzeln, 1868)	maria-corruíra	CR
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Phylloscartes eximus</i> (Temminck, 1822)	barbudinho	VU
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Phylloscartes kronei</i> Willis & Oniki, 1992	maria-da-restinga	VU
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	não-pode-parar	VU
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Sublegatus modestus</i> (Wied, 1831)	guaracava-modesta	EN
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Culicivora caudacuta</i> (Vieillot, 1818)	papa-moscas-do-campo	CR
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Platyrinchus leucoryphus</i> Wied, 1831	patinho-gigante	VU
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	maria-leque	VU
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Alectrurus tricolor</i> (Vieillot, 1816)	galito	CR
Passeriformes	Cotingidae	<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	sabiá-pimenta	CR
Passeriformes	Cotingidae	<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)	araponga	VU
Passeriformes	Cotingidae	<i>Lipaugus lanioides</i> (Lesson, 1844)	tropeiro-da-serra	VU
Passeriformes	Cotingidae	<i>Pyroderus scutatus</i> (Shaw, 1792)	pavó	VU
Passeriformes	Pipridae	<i>Neopelma pallescens</i> (Lafresnaye, 1853)	fruxu-do-cerradão	VU
Passeriformes	Pipridae	<i>Piprites pileata</i> (Temminck, 1822)	caneleirinho-de-chapéu-preto	VU
Passeriformes	Pipridae	<i>Pipra fasciicauda</i> Hellmayr, 1906	uirapuru-laranja	VU
Passeriformes	Tityridae	<i>Laniisoma elegans</i> (Thunberg, 1823)	chibante	VU
Passeriformes	Tityridae	<i>Iodopleura pipra</i> (Lesson, 1831)	anambezinho	EN
Passeriformes	Troglodytidae	<i>Cistothorus platensis</i> (Latham, 1790)	corruíra-do-campo	CR
Passeriformes	Motacillidae	<i>Anthus nattereri</i> Sclater, 1878	caminheiro-grande	CR
Passeriformes	Thraupidae	<i>Schistochlamys melanopsis</i> (Latham, 1790)	sanhaçu-de-coleira	EN
Passeriformes	Thraupidae	<i>Neothraupis fasciata</i> (Lichtenstein, 1823)	cigarra-do-campo	EN
Passeriformes	Thraupidae	<i>Cypsnagra hirundinacea</i> (Lesson, 1831)	bandoleta	EN
Passeriformes	Thraupidae	<i>Eucometis penicillata</i> (Spix, 1825)	pipira-da-taoca	EN

Tabela 1. Aves ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular	Categoria
Passeriformes	Thraupidae	<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	pipira-preta	VU
Passeriformes	Thraupidae	<i>Tangara peruviana</i> (Desmarest, 1806)	saíra-sapucaia	EN
Passeriformes	Thraupidae	<i>Dacnis nigripes</i> Pelzeln, 1856	saí-de-pernas-pretas	VU
Passeriformes	Emberizidae	<i>Donacospiza albifrons</i> (Vieillot, 1817)	tico-tico-do-banhado	VU
Passeriformes	Emberizidae	<i>Poospiza cinerea</i> Bonaparte, 1850	capacetinho-do-oco-do-pau	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Emberizoides ypiranganus</i> Ihering & Ihering, 1907	canário-do-brejo	VU
Passeriformes	Emberizidae	<i>Embernagra platensis</i> (Gmelin, 1789)	sabiá-do-banhado	VU
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	pixoxó	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820)	cigarra-verdadeira	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 1830)	patativa	EN
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila collaris</i> (Boddaert, 1783)	coleiro-do-brejo	VU
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Müller, 1776)	caboclinho	VU
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila pileata</i> (Sclater, 1864)	caboclinho-coroadinho	EN
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila hypoxantha</i> Cabanis, 1851	caboclinho-de-barriga-vermelha	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila ruficollis</i> Cabanis, 1851	caboclinho-de-papo-escuro	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila palustris</i> (Barrows, 1883)	caboclinho-de-papo-branco	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila cinnamomea</i> (Lafresnaye, 1839)	caboclinho-de-chapéu-cinzento	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila melanogaster</i> (Pelzeln, 1870)	caboclinho-de-barriga-preta	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	curiô	VU
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sporophila maximiliani</i> (Cabanis, 1851)	bicudo	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Amaurospiza moesta</i> (Hartlaub, 1853)	negrinho-do-mato	VU
Passeriformes	Emberizidae	<i>Charitospiza eucosma</i> Oberholser, 1905	mineirinho	CR
Passeriformes	Emberizidae	<i>Coryphospiza melanotis</i> (Temminck, 1822)	tico-tico-de-máscara-negra	CR
Passeriformes	Cardinalidae	<i>Saltator atricollis</i> Vieillot, 1817	bico-de-pimenta	VU
Passeriformes	Cardinalidae	<i>Cyanocompsa brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	azulão	VU
Passeriformes	Parulidae	<i>Basileuterus leucophrys</i> Pelzeln, 1868	pula-pula-de-sobrancelha	EN
Passeriformes	Fringillidae	<i>Euphonia chalybea</i> (Mikan, 1825)	cais-cais	VU

Tabela 2. Aves Quase Ameaçadas (NT) no Estado de São Paulo

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular
Anseriformes	Anatidae	<i>Nomonyx dominica</i> (Linnaeus, 1766)	marreca-de-bico-roxo
Galliformes	Cracidae	<i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815	jacupemba
Galliformes	Cracidae	<i>Penelope obscura</i> Temminck, 1815	jacuaçu
Ciconiiformes	Ciconiidae	<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	cabeça-seca
Falconiformes	Accipitridae	<i>Chondrohierax uncinatus</i> (Temminck, 1822)	caracoleiro
Falconiformes	Accipitridae	<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1824)	tauató-pintado
Gruiformes	Rallidae	<i>Fulica armillata</i> Vieillot, 1817	carqueja-de-bico-manchado
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Müller, 1776)	batuiriçu
Charadriiformes	Charadriidae	<i>Pluvialis squatarola</i> (Linnaeus, 1758)	batuiriçu-de-axila-preta
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Bartramia longicauda</i> (Bechstein, 1812)	maçarico-do-campo
Charadriiformes	Sternidae	<i>Sterna hirundinacea</i> Lesson, 1831	trinta-reis-de-bico-vermelho
Psittaciformes	Psittacidae	<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	papagaio-verdadeiro
Caprimulgiformes	Caprimulgidae	<i>Macropsalis forcipata</i> (Nitzsch, 1840)	bacurau-tesoura-gigante
Apodiformes	Apodidae	<i>Cypseloides senex</i> (Temminck, 1826)	taperuçu-velho
Apodiformes	Apodidae	<i>Streptoprocne biscutata</i> (Slater, 1866)	taperuçu-de-coleira-falha
Apodiformes	Trochilidae	<i>Heliothryx auritus</i> (Gmelin, 1788)	beija-flor-de-bochecha-azul
Coraciiformes	Alcedinidae	<i>Chloroceryle aenea</i> (Pallas, 1764)	martinho
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Notharchus swainsoni</i> (Gray, 1846)	macuru-de-barriga-castanha
Galbuliformes	Bucconidae	<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	rapazinho-dos-velhos
Piciformes	Ramphastidae	<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)	araçari-poca
Piciformes	Picidae	<i>Campephilus robustus</i> (Lichtenstein, 1818)	pica-pau-rei
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Thamnophilus torquatus</i> Swainson, 1825	choca-de-asa-vermelha
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Dysithamnus stictothorax</i> (Temminck, 1823)	choquinha-de-peito-pintado
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Drymophila genei</i> (Filippi, 1847)	choquinha-da-serra
Passeriformes	Thamnophilidae	<i>Drymophila ochropyga</i> (Hellmayr, 1906)	choquinha-de-dorso-vermelho
Passeriformes	Rhinocryptidae	<i>Merulaxis ater</i> Lesson, 1830	entufado
Passeriformes	Furnariidae	<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1823	uí-pi
Passeriformes	Furnariidae	<i>Anumbius annumbi</i> (Vieillot, 1817)	cochicho
Passeriformes	Furnariidae	<i>Hylocreptus rectirostris</i> (Wied, 1831)	fura-barreira
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Poecilotriccus latirostris</i> (Pelzeln, 1868)	ferreirinho-de-cara-parda
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Phylloscartes difficilis</i> (Ihering & Ihering, 1907)	estalinho
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Phylloscartes sylviolus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	maria-pequena
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Casiornis rufus</i> (Vieillot, 1816)	caneleiro
Passeriformes	Cotingidae	<i>Phibalura flavirostris</i> Vieillot, 1816	tesourinha-da-mata
Passeriformes	Cotingidae	<i>Tijuca atra</i> Ferrusac, 1829	saudade
Passeriformes	Pipridae	<i>Antilophia galeata</i> (Lichtenstein, 1823)	soldadinho

Tabela 2. Aves Quase Ameaçadas (NT) no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular
Passeriformes	Tityridae	<i>Pachyramphus marginatus</i> (Lichtenstein, 1823)	caneleiro-bordado
Passeriformes	Corvidae	<i>Cyanocorax caeruleus</i> (Vieillot, 1818)	gralha-azul
Passeriformes	Hirundinidae	<i>Progne subis</i> (Linnaeus, 1758)	andorinha-azul
Passeriformes	Polioptilidae	<i>Polioptila lactea</i> Sharpe, 1885	balança-rabo-leitoso
Passeriformes	Motacillidae	<i>Anthus hellmayri</i> Harttert, 1909	caminheiro-de-barriga-acanelada
Passeriformes	Thraupidae	<i>Orchesticus abeillei</i> (Lesson, 1839)	sanhaçu-pardo
Passeriformes	Thraupidae	<i>Cissopis leverianus</i> (Gmelin, 1788)	tietinga
Passeriformes	Emberizidae	<i>Sicalis citrina</i> Pelzeln, 1870	canário-rasteiro
Passeriformes	Cardinalidae	<i>Saltator maxillosus</i> Cabanis, 1851	bico-grosso
Passeriformes	Icteridae	<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	graúna
Passeriformes	Icteridae	<i>Agelasticus cyanopus</i> (Vieillot, 1819)	carretão

Tabela 3. Aves Deficientes em Dados (DD) no estado de São Paulo

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular
Anseriformes	Anhimidae	<i>Chauna torquata</i> (Oken, 1816)	tachã
Anseriformes	Anatidae	<i>Cygnus melanocoryphus</i> (Molina, 1782)	cisne-de-pescoço-preto
Anseriformes	Anatidae	<i>Callonetta leucophrys</i> (Vieillot, 1816)	marreca-de-coleira
Procellariiformes	Diomedeidae	<i>Thalassarche chrysostoma</i> (Forster, 1785)	albatroz-de-cabeça-cinza
Falconiformes	Accipitridae	<i>Pernis apivorus</i> (Linnaeus, 1758)	gavião-de-sobre-branco
Falconiformes	Falconidae	<i>Falco deiroleucus</i> Temminck, 1825	falcão-de-peito-laranja
Gruiformes	Rallidae	<i>Coturnicops notatus</i> (Gould, 1841)	pinto-d'água-carijó
Gruiformes	Rallidae	<i>Aramides mangle</i> (Spix, 1825)	saracura-do-mangue
Gruiformes	Rallidae	<i>Laterallus exilis</i> (Temminck, 1831)	sanã-do-capim
Gruiformes	Rallidae	<i>Neocrex erythrops</i> (Slater, 1867)	turu-turu
Gruiformes	Rallidae	<i>Porphyrio flavirostris</i> (Gmelin, 1789)	frango-d'água-pequeno
Charadriiformes	Scolopacidae	<i>Tryngites subruficollis</i> (Vieillot, 1819)	maçarico-acanelado
Charadriiformes	Rostratulidae	<i>Nycticryphes semicollaris</i> (Vieillot, 1816)	narceja-de-bico-torto
Cuculiformes	Cuculidae	<i>Micrococcyx cinereus</i> (Vieillot, 1817)	papa-lagarta-cinzento
Strigiformes	Strigidae	<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 1790)	murucututu
Strigiformes	Strigidae	<i>Strix huhula</i> Daudin, 1800	coruja-preta
Strigiformes	Strigidae	<i>Aegolius harrisii</i> (Cassin, 1849)	caburé-acanelado
Apodiformes	Apodidae	<i>Cypseloides fumigatus</i> (Streubel, 1848)	taperuçu-preto
Apodiformes	Apodidae	<i>Panyptila cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	andorinhão-estofador
Apodiformes	Trochilidae	<i>Chrysolampis mosquitus</i> (Linnaeus, 1758)	beija-flor-vermelho
Passeriformes	Furnariidae	<i>Schoenopiphylax phryganophilus</i> (Vieillot, 1817)	bichoita
Passeriformes	Furnariidae	<i>Cranioleuca obsoleta</i> (Reichenbach, 1853)	arredio-oliváceo
Passeriformes	Furnariidae	<i>Clibanornis dendrocolaptoides</i> (Pelzeln, 1859)	cisqueiro
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Pseudocolopteryx flaviventris</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	amarelinho-do-junco
Passeriformes	Tyrannidae	<i>Tachuris rubrigastra</i> (Vieillot, 1817)	papa-piri
Passeriformes	Vireonidae	<i>Hylophilus thoracicus</i> Temminck, 1822	vite-vite
Passeriformes	Corvidae	<i>Cyanocorax cyanomelas</i> (Vieillot, 1818)	gralha-do-pantanal
Passeriformes	Thraupidae	<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	saíra-beija-flor
Passeriformes	Emberizidae	<i>Paroaria capitata</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	cavalaria
Passeriformes	Cardinalidae	<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	tempera-viola
Passeriformes	Parulidae	<i>Dendroica cerulea</i> (Wilson, 1810)]	mariquita-azulada
Passeriformes	Icteridae	<i>Procnias solitarius</i> (Vieillot, 1816)	iraúna-de-bico-branco



***Rhea americana* (Linnaeus, 1758)**
Sthruthioniformes, Rheidae

Nomes vernaculares

Ema ou nhandu.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 ac.

Justificativa

Poucas localidades com registros recentes da espécie no Estado (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Ocorre nos biomas Caatinga, Cerrado, Pampa e Pantanal. Ocupa áreas com predomínio de vegetação herbácea, utilizando também ambientes de origem antrópica como pastagens e campos agrícolas. Originalmente sua distribuição geográfica abrangia o sul do Pará, todo o Nordeste e Centro-Oeste, Minas Gerais, São Paulo ao Rio Grande do Sul, Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai (Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Registrada na Estação Ecológica de Santa Bárbara e Estação Ecológica de Itirapina (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Maior ave brasileira, podendo atingir 1,70 m de altura e pesar 34 kg (Sick, 1997). Terrícola, não voadora e diurna. Onívora, alimenta-se de folhas, brotos, frutos, sementes, invertebrados e pequenos vertebrados, incluindo peixes (Azevedo *et al.*, 2007). Polígama, é o macho que faz o ninho, incuba os ovos provenientes de duas ou mais fêmeas e permanece com os filhotes nos primeiros meses de vida (Codenotti & Alvarez, 1997 e 2001; Sick, 1997). O número de ovos pode chegar a 30, o período de incubação dura entre 32 e 40 dias e os filhotes são nidí fugos, abandonando o ninho poucas horas após a eclosão (Codenotti, 1997; Sick, 1997). Machos podem adotar filhotes órfãos, aumentando o tamanho do grupo

sob sua responsabilidade e de maneira indireta reduzindo os riscos de predação dos próprios filhotes (Sick, 1997; Codenotti & Alvarez, 1998). Fora do período de reprodução, os indivíduos se reúnem em grupos, que incluem adultos e jovens de ambos os sexos (Sick, 1997).

Ameaças

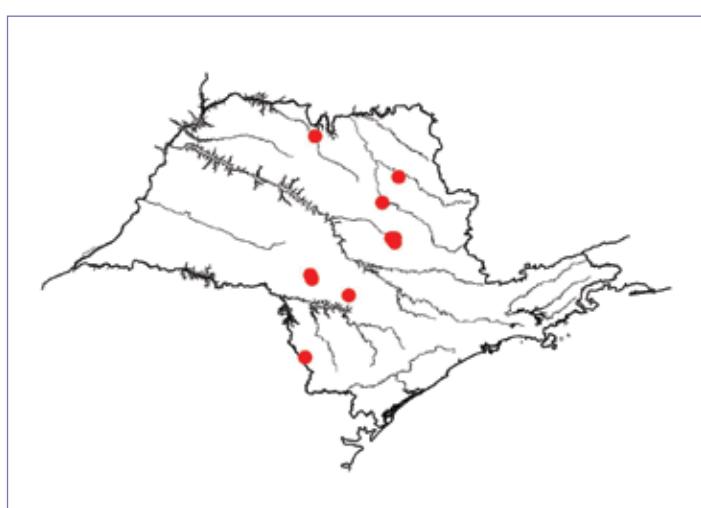
Destrução, fragmentação e degradação de habitat; caça esportiva, para consumo da carne e, no passado, para aproveitamento das penas para a confecção de espanadores (Sick, 1997; Costa & Costa, 2002); coleta dos ovos para o consumo e contaminação com agrotóxicos.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de habitat. Manejo do ambiente visando à conservação de áreas campestres dentro das unidades de proteção integral em que a espécie ocorre, já que estas se encontram invadidas por vegetais exóticos como *Pinus spp.* ou em processo de adensamento, tendendo a dar lugar a formações arborizadas do Cerrado. Fiscalização intensiva para coibir a caça e pesquisa científica para o restabelecimento de populações a partir de indivíduos provenientes do cativeiro.

Autor : Alexander Zamorano Antunes

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Tinamus solitarius (Vieillot, 1819)

Tinamiformes, Tinamidae

Nome vernacular

Macuco.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Dependente de áreas florestadas para sua ocorrência. Alvo de caça esportiva.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Distribui-se na região florestada de Pernambuco ao Rio Grande do Sul. Em Minas Gerais, no alto Rio Doce, no sul de Goiás, sudeste do Mato Grosso. Também no Paraguai e na Argentina (Sick, 1997). Vive em matas (Sick, 1997). Prefere matas quentes e úmidas, tipicamente na Mata Atlântica, matas virgens com pouco sub-bosque (del Hoyo *et al.*, 1992).

Presença em unidades de conservação

Estação Biológica de Boraceia, Parque Estadual Campos do Jordão, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Ilhabela, Floresta Nacional de Ipanema, Estação Experimental de Itapetininga, Parque Estadual Jurupará, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual Intervales, Parque Municipal Nascentes de Paranapiacaba, Parque Estadual Morro do Diabo, Parque Estadual Serra do Mar (Ubatuba), Parque Estadual Carlos Botelho, Mosaico do Jacupiranga.

Biologia da espécie

Frequenta a mata limpa e também áreas acidentadas, como córregos e grutas de difícil acesso (Sick 1997). Alimenta-se andando pelo chão da mata alta, de preferência limpa por baixo, característica das matas primárias (Willis & Oniki 2003). Alimenta-se de sementes (Rutaceae, Euphorbiaceae, Annonaceae), pequenas frutas e matéria vegetal. Também alguma quantidade de insetos e outros vertebrados e ocasionalmente pequenos anfíbios. Procura sementes caídas na serapilheira. Faz o ninho no chão (del Hoyo *et al.*, 1992).

Ameaças

Desapareceu de grande parte do interior do Estado em decorrência do desmatamento e da perseguição pela caça (Willis & Oniki 2003). Desmatamento.

Medidas para a conservação

Preservação das áreas florestadas. Fiscalização da caça.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Nomes vernaculares

Jaó ou macucauá.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abiii, iv.

Justificativa

Espécie cinegética, cuja área de ocorrência no Estado de São Paulo apresenta extensa perda, fragmentação e degradação de habitat florestal.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): CR;

Distribuição e habitat

Ocorre nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Ocupa principalmente as formações florestais ribeirinhas como as matas de várzea e as matas ciliares. Pode ocorrer ainda em florestas semideciduais e deciduais, cerradão, cerrado denso e capoeira alta. Distribuída da Venezuela, Guiana, Colômbia e Peru ao Paraguai e Argentina (Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997). No Brasil, ocorre na Amazônia, Maranhão, Piauí, Bahia, Minas Gerais, Centro-Oeste, São Paulo e Paraná (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Registrado no Parque Estadual Morro do Diabo, Estação Ecológica de Jataí, Estação Ecológica de Paulo de Faria (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede aproximadamente 30 cm de comprimento. Terrestre, diurna, mais facilmente registrada em campo pela voz. Esta é muito característica e pode ser interpretada como um pio melancólico interrogativo "eu sou jaó?" (Sick, 1997). Alimenta-se principalmente de sementes, frutos caídos e invertebrados do solo. Os machos são responsáveis pela incubação dos ovos e criação dos filhotes, provenientes de uma ou mais fêmeas (Sick, 1997).

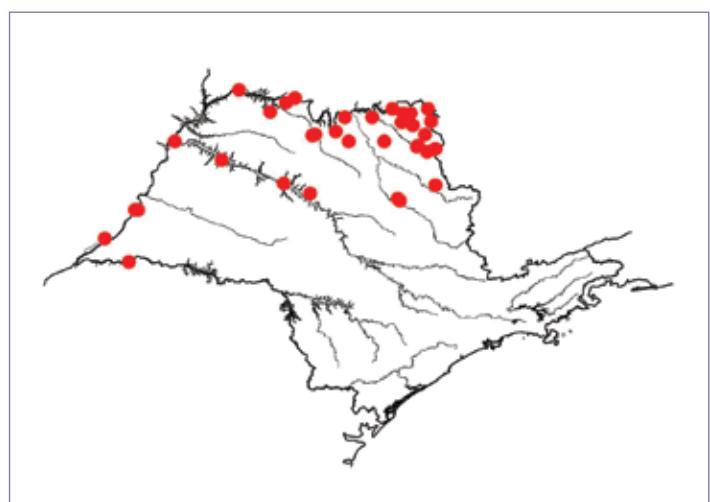
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat; caça para consumo da carne.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração do habitat; fiscalização intensiva para coibir a caça.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Crypturellus noctivagus (Wied, 1820)

Tinamiformes, Tinamidae

Nomes vernaculares

Jaó-do-sul, jaó-do-litoral, juó, zabelê.

Categoria proposta para São Paulo

EN A2cd.

Justificativa

As populações de *C. noctivagus* encontram-se reduzidas nos estados das regiões sul e sudeste do Brasil, sendo, atualmente, registradas em poucas localidades. Além da redução do habitat florestal, as aves sofrem com a caça devido ao seu interesse cinegético (Straube, 1991; del Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997; Bérnails & Mikich, 2004).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): PEx; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

C. noctivagus apresenta ampla distribuição geográfica na Mata Atlântica. A espécie ocorre desde a Mata Atlântica litorânea até as matas de tabuleiro com sub-bosque denso no Nordeste. Também está presente em matas ciliares da Bahia (del Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997; Sigrist, 2006). *C. noctivagus* ocorria originalmente nos seguintes estados: Rio Grande do Sul, Paraná, Santa Catarina, São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. A espécie está provavelmente extinta no Rio de Janeiro e no Rio Grande do Sul.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Serra do Mar, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Mosaico do Jacupiranga, Estação Ecológica Jureia-Itatins e Área de Relevante Interesse Ecológico de Ilha Comprida.

Biologia da espécie

C. noctivagus alimenta-se de frutos, sementes, brotos de plantas e invertebrados. Vive no chão da floresta, sendo que o voo é utilizado apenas como último recurso. Seus ovos apresentam após a postura a coloração azul-clara ou turquesa, mas em poucos dias ficam acinzentados. O macho é o responsável pela incubação e pelo cuidado da prole (del Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997; Bencke *et al.*, 2003; Bérnails & Mikich, 2004).

Ameaças

As principais ameaças são os desmatamentos das florestas e a caça predatória (del Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997).

Medidas para a conservação

Proteção e restauração dos remanescentes florestais, pesquisa científica e controle rigoroso da caça (Straube, 1991). A criação em cativeiro com a finalidade de reintroduzir exemplares em áreas protegidas pode ter um efeito benéfico sobre esta espécie.

AUTOR: Bárbara Mizuno Tomotami



Nomes vernaculares

Perdiz ou perdigão.

Categoria proposta para São Paulo

VU A4c.

Justificativa

Redução acentuada nos registros da espécie para o Estado em tempos recentes, devido à perda de habitat e à caça.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não consta; São Paulo (1998): não consta; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica, Pampa e Pantanal. Ocupa áreas campestres, incluindo campos de altitude e pastagens. Distribuída do sul do Rio Amazonas e Ilha de Marajó ao Rio Grande do Sul, até o Uruguai, Argentina, Paraguai e Bolívia (Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Angatuba, Estação Ecológica dos Caetetus, Estação Ecológica de Itirapina, Estação Ecológica de Jataí, Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, Estação Ecológica de Paulo de Faria, Estação Ecológica de Santa Bárbara, Parque Estadual Aguapeí, Parque Estadual Campos do Jordão e Parque Estadual Morro do Diabo (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede aproximadamente 37 cm de comprimento, pesa em torno de 800 g. Terrestre e diurna. Alimenta-se principalmente de sementes e frutos caídos e invertebrados do solo (Penha, 1995; Sick, 1997). Pode escavar o solo com o bico em busca de raízes e tubérculos, e eventualmente incluir pequenos vertebrados na dieta (Sick, 1997). Os machos são responsáveis pela incubação dos ovos e criação dos filhotes, provenientes de uma ou mais fêmeas (Sick, 1997).

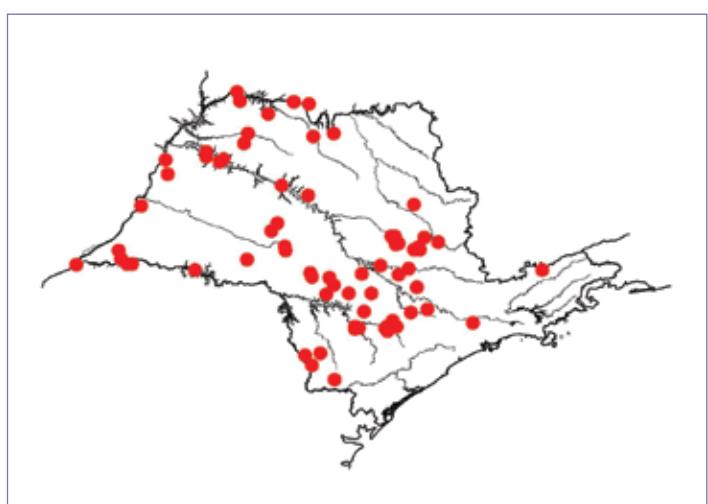
Ameaças

Perda de habitat, caça esportiva e para consumo da carne, principalmente efetuada com o auxílio de cães treinados, e contaminação por agrotóxicos (Sick, 1997; Pinheiro & López, 1999).

Medidas para a conservação

Proteção do habitat; manejo do ambiente visando à conservação de áreas campestres dentro das unidades de proteção integral em que a espécie ocorre, já que estas se encontram invadidas por vegetais exóticos como *Brachiaria* spp. e *Pinus* spp., ou em processo de adensamento, tendendo a dar lugar a formações arborizadas do Cerrado; fiscalização intensiva para coibir a caça.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nothura minor (Spix, 1825)

Tinamiformes, Tinamidae

Nomes vernaculares

Codorna-buraqueira ou codorna-mineira.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1ac, B1 iii,iv.

Justificativa

Espécie conhecida para o Estado ocorrendo em poucas localidades e com registro recente em apenas uma.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre em áreas de campo natural do bioma Cerrado, nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Minas Gerais e São Paulo, no Distrito Federal (Sick, 1997), e no Paraguai (Barnett *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina (Willis & Oniki, 2003). Entretanto, pode estar extinta localmente, já que o último registro confirmado para a área foi obtido em 1990 (Willis, 2004).

Biologia da espécie

Mede 19 cm de comprimento. Terrestre e diurna. Detalhes de sua biologia são desconhecidos, mas, como outras espécies do gênero, sua dieta deve ser baseada em sementes e invertebrados (Sick, 1997).

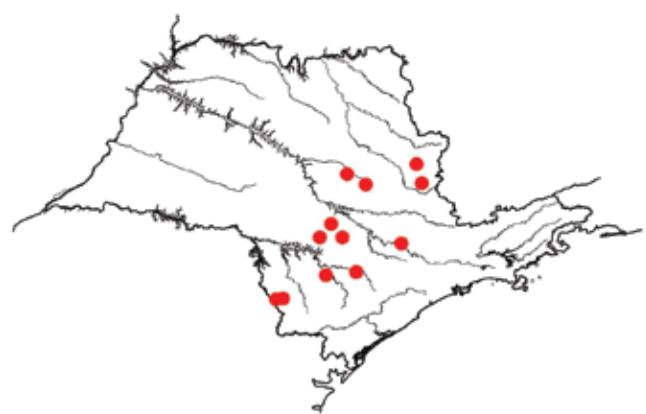
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat e talvez caça.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de habitat; manejo do ambiente visando à conservação de áreas campestres dentro da Estação Ecológica de Itirapina, já que estas se encontram invadidas por vegetais exóticos como *Brachiaria* spp. e *Pinus* spp., ou em processo de adensamento, tendendo a dar lugar a formações arborizadas do Cerrado; fiscalização intensiva para coibir a caça e pesquisa científica visando buscar populações da espécie nas poucas áreas de campo natural remanescentes no Estado.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nome vernacular

Inhambu-carapé.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1ac, B1 iii, iv.

Justificativa

Espécie com um único registro recente para o Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): RE.

Distribuição e habitat

Biomas do Cerrado e Mata Atlântica. Ocorre em formações campestres de Minas Gerais, Goiás, Distrito Federal, Mato Grosso do Sul, São Paulo, Paraná e Paraguai (Sick, 1997; Silveira & Silveira, 1998).

Presença em unidades de conservação

Sem registros em áreas protegidas. Encontrado na Estação Experimental de Itapetininga (Olmos & Martuscelli *apud* Silveira & Silveira, 1998; Willis & Oniki, 2003), onde as áreas de campo natural não estão formalmente protegidas.

Biologia da espécie

Menor representante dos tinamídeos, mede em torno de 13 cm de comprimento (Sick, 1997). Terrestre, pode se refugiar em buracos no solo para escapar de predadores aéreos, como gaviões e falcões (Sick, 1997). Sua dieta consiste, principalmente, de sementes de gramíneas e pequenos invertebrados (Sick, 1997; Silveira & Silveira, 1998). Vocaliza mais ao amanhecer e ao crepúsculo (Silveira & Silveira, 1998). Em cativeiro, a postura total de uma fêmea foi de três ovos (Silveira & Silveira, 1998).

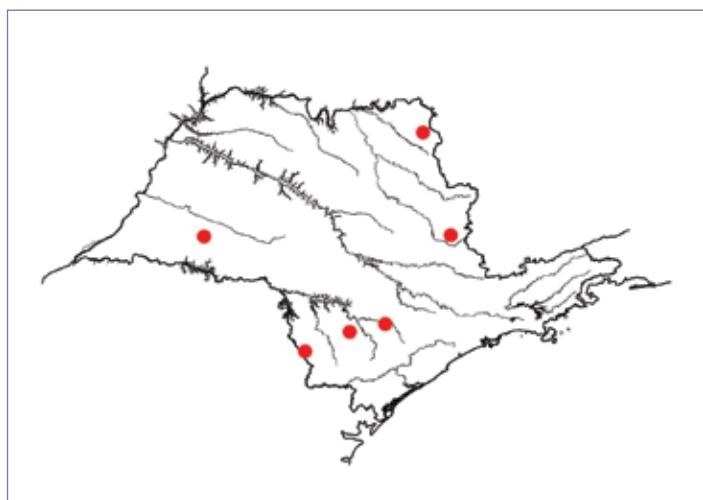
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de habitat; manejo do ambiente visando à conservação de áreas campestres dentro da Estação Experimental de Itapetininga e pesquisa científica com o objetivo de avaliar o status dessa população e buscar outras populações da espécie nas poucas áreas de campo natural remanescentes no Estado.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Anhima cornuta (Linnaeus, 1766)

Anseriformes, Anhimidae

Nome vernacular

Anhuma.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Poucos registros no Estado. Dependente de áreas alagadas, reduzidas pelo processo de antropização da paisagem.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Quase toda a Amazônia, até o interior de grande parte do Brasil, até o Paraná. Também na Bolívia, Colômbia, Equador, Peru, Venezuela e Guianas (Sick, 1997). Habita pântanos, até pequenos brejos e lagoinhas dentro da mata (Sick, 1997). No inverno pode ser encontrada em habitat seco (del Hoyo *et al.*, 1992).

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema, Estação Ecológica de Jataí.

Biologia da espécie

Vivem em casais e grupos familiares, também em bandos pequenos. Podem emigrar quando secam certos braços de rios e lagos que habitam durante as chuvas (Sick, 1997). Comum onde a avifauna aquática é rica, ou seja, distante de locais habitados (Sick, 1997). Alimenta-se de folhas, flores e raízes de plantas aquáticas, principalmente as partes suculentas. Também, em menor proporção, de insetos, que são consumidos principalmente pelos filhotes (del Hoyo *et al.*, 1992). Aparentemente sedentário, faz pequenos movimentos fora da estação reprodutiva, principalmente jovens e indivíduos não reprodutores (del Hoyo *et al.*, 1992).

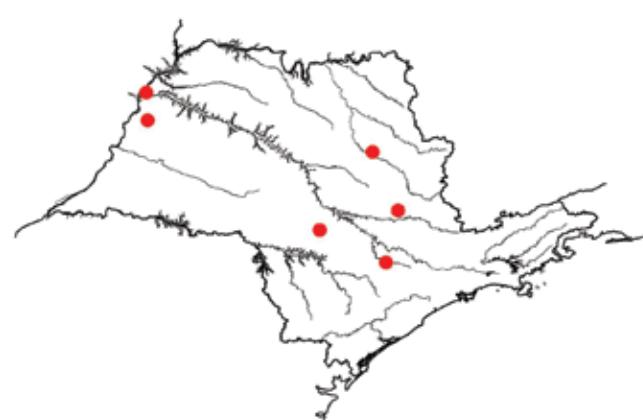
Ameaças

Drenagem de áreas alagadas, com consequente destruição do habitat. Em algumas áreas pode haver caça (del Hoyo *et al.*, 1992).

Medidas para a conservação

Estudos para avaliar populações, ameaças e necessidades imediatas de conservação (del Hoyo *et al.*, 1992). Proteção do habitat de alagados, especialmente nos varjões dos rios.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo





***Neochen jubata* (Spix, 1825)**
Anseriformes, Anatidae

Nome vernacular

Pato-corredor.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

A espécie praticamente desapareceu do Estado devido ao represamento de grande parte dos rios que correm no interior de São Paulo, levando à supressão de praias e grandes extensões de matas ciliares, ambientes-chave para a alimentação e reprodução da espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre a leste dos Andes, desde o norte da América do Sul até o norte da Argentina (Carboneras, 1992). Originalmente encontrado em praticamente todo o Brasil, sendo raro ou ausente ao longo da costa nas regiões Nordeste, Sudeste e Sul. Comumente observado em praias arenosas ao longo de rios de médio e grande porte com mata ciliar bem desenvolvida. Também ocorre em savanas alagadiças e extensos banhados de água doce (Carboneras, 1992).

Presença em unidades de conservação

Sem registros em UCs.

Biologia da espécie

Existem poucas informações sobre a biologia da espécie. Vive geralmente em pequenos grupos ou aos pares, mas existem registros de bandos com até 200 indivíduos. Alimenta-se de vegetais e invertebrados (insetos, vermes e moluscos) (Carboneras, 1992). Nidifica em cavidades naturais em árvores próximas aos rios. A espécie é residente, realizando apenas deslocamentos de curta distância (Carboneras, 1992).

Ameaças

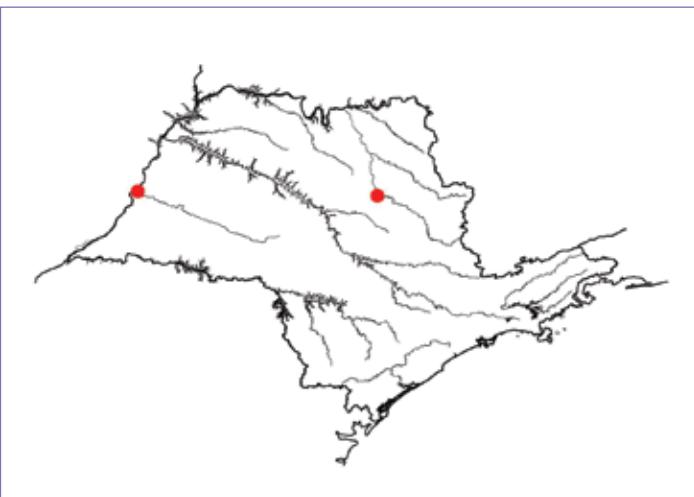
A perda de habitat é a principal fonte de ameaça. O intenso movimento de embarcações pode afastar a espécie. Por causa de seu grande porte, a espécie também é caçada para servir de alimento.

Medidas para a conservação

Preservar os trechos de rios com praias arenosas e matas ciliares no interior do Estado. Fiscalização para evitar a caça e busca de novas áreas de ocorrência com registros recentes no Estado.

AUTORES: Pedro Develey, Andre de Lucca

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Sarkidiornis sylvicola
Ihering & Ihering, 1907
Anseriformes, Anatidae



Nome vernacular

Pato-de-crista.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Poucos registros recentes e ocorrência em poucas unidades de conservação tornam a espécie ameaçada no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Encontrado do Panamá ao norte da Argentina e em todas as regiões do Brasil (Carboneras, 1992; Madge & Burn, 1988; Sick, 1997). Vive próximo aos rios com florestas ciliares, lagos, açudes, banhados em meio a cultivos, margens de canais naturais e represas (Carboneras, 1992; Sick, 1997). Em São Paulo, passou a ser observado em algumas áreas após a formação de grandes represas, como no caso da Fazenda Barreiro Rico, município de Anhembi (Magalhães, 1999).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo; Estação Ecológica de Paulo de Faria; Floresta Estadual de Edmundo Navarro de Andrade.

Biologia da espécie

Vive solitário, aos pares ou em pequenos bandos, podendo eventualmente ser encontrado em grandes concentrações fora do período reprodutivo. Alimenta-se de invertebrados, plantas aquáticas, capim e sementes (Todd, 1996). Constrói o ninho no oco de árvores próximas a corpos d'água ou mesmo no chão, em emaranhados de capim ou entre pedras (Todd, 1996).

Ameaças

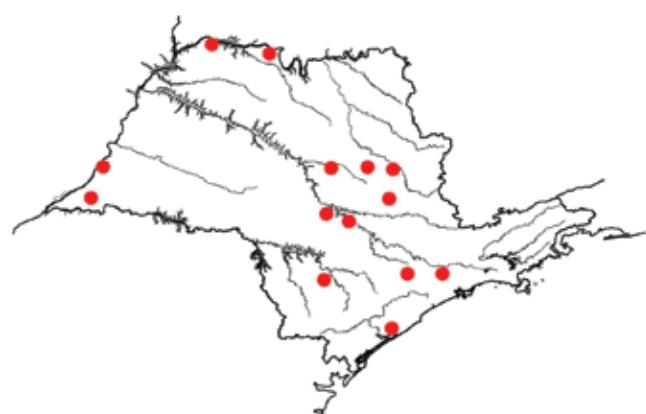
Destrução de matas ciliares, poluição de rios e lagos e uso de pesticidas em lavouras de arroz. Devido ao grande porte, a espécie é perseguida por caçadores para servir como alimento.

Medidas para a conservação

Manutenção e recuperação de matas ciliares ao redor de represas artificiais. Fiscalização para evitar a caça.

AUTORES: Pedro Develey, Andre de Lucca

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Nome vernacular

Pato-mergulhão.

Categoria proposta para São Paulo

RE B1 a.

Justificativa

O único registro desta espécie no Estado baseia-se em uma fêmea coletada por J. Natterer em 15/08/1820 em Itararé e depositada no Museu Britânico. Desde então, não foi mais registrado no Estado. Há um segundo exemplar coletado no rio Paranapanema (Fazenda Caioá), erroneamente citado para São Paulo dado que esta localidade situa-se no Paraná.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2005): CR; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): Extinto; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Ocorre nos biomas Mata Atlântica e Cerrado. Vive em rios limpos e encachoeirados, onde procura por peixes e pequenos invertebrados aquáticos, base da sua alimentação. Sua distribuição original estende-se desde o Estado do Tocantins e Bahia até o Paraguai e Argentina (Misiones), passando por Goiás, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina. Atualmente extinto na maioria das localidades. (Hughes et al., 2006).

Presença em áreas protegidas em São Paulo

Desconhecida.

Biologia da espécie

Vive apenas em rios limpos e encachoeirados. É extremamente territorial e ocorre em baixíssimas densidades. Cada casal ocupa um território extenso, chegando a 10 quilômetros de rio. Passa a maior parte do seu ciclo de vida nos rios, dormindo ou descansando sobre as pedras que afloram do leito. Procura por alimento tanto nas corredeiras quanto nos remansos. Nidifica principalmente em ocos de árvores da mata ciliar, embora ninhos em cavidades rochosas também já tenham sido reportados. Até a década de 1980 era uma das aves menos conhecidas da região Neotró-

pical, mas pesquisas feitas na região da Serra da Canastra (MG) aumentaram significativamente o conhecimento sobre a biologia desta espécie (Hughes et al., 2006).

Ameaças

Degradação do habitat, especialmente com relação à poluição e modificação do regime dos rios por causa de barragens. Sofre também com a destruição das matas ciliares, onde pode nidificar. A caça não parece ser um fator de ameaça importante nesta espécie.

Medidas para a conservação

Pesquisas no rio Paranapanema e tributários em busca de populações ou indivíduos remanescentes. Proteção imediata das áreas onde as aves forem eventualmente encontradas. Restauração da qualidade dos rios, especialmente do Paranapanema, tornando-o habitat novamente disponível para a espécie. Restabelecimento de populações a partir de indivíduos provenientes de programas de criação em cativeiro.

Autor: Luís Fábio Silveira



Ortalis guttata (Spix, 1825)

Galliformes, Cracidae

Nomes vernaculares

Aracuã, aracuã-pintado, aracuã-escamoso.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Espécie poucas vezes registrada para o Estado, sendo que nenhum registro foi documentado. Dois registros realizados por P. Martuscelli para a Ilha do Cardoso em 1989 e dois registros, ambos em 1996, de E.O. Willis para o noroeste do Estado, próximos aos municípios de Nova Granada e Barretos (Willis & Oniki, 2001; Martuscelli & Antonelli, 1992). Desde então, a ave não é mais registrada para o Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

O. guttata apresenta distribuição disjunta por todo o Brasil, presente também na Colômbia, Equador e Bolívia. Amplamente distribuído pela bacia Amazônica. Na Mata Atlântica, ocorre do Rio Grande do Norte até o norte de Minas Gerais e Espírito Santo; e no sul do Brasil, desde o extremo sudeste de São Paulo até o sul do Rio Grande do Sul, ao longo da faixa litorânea. Em São Paulo, possivelmente duas subespécies estão presentes: *O. guttata* remota no noroeste do Estado, ao longo de matas ciliares da bacia do Rio Paraná (Willis & Oniki, 2001), e *O. g. squamata* restrita à faixa litorânea. Assim como outros aracuãs, esta espécie prefere áreas com vegetações mais arbustivas e densas, florestas de crescimento secundário. Na Ilha do Cardoso, um grupo de quatro indivíduos foi observado atravessando uma área de mangue e outro grupo com sete foi observado em uma área de restinga (Martuscelli & Antonelli, 1992).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso.

Biologia da espécie

O. guttata, como outros aracuãs, é altamente sociável. No período reprodutivo, vive em pequenos grupos familiares que defendem assiduamente seu território. Alimentam-se principalmente de frutos, brotos, folhas, além de pequenos invertebrados (del Hoyo, 1994; Sick, 1997; Delacour & Amadon, 2004). Monogâmicos, geram ninhadas com dois a quatro filhotes (del Hoyo, 1994; Sick, 1997). São aves muito vocais, principalmente na época de reprodução (del Hoyo, 1994). Relatos de caçadores apontam para a presença desta espécie no Estado de São Paulo desde o final do século XIX, pelo menos (Ihering, 1898).

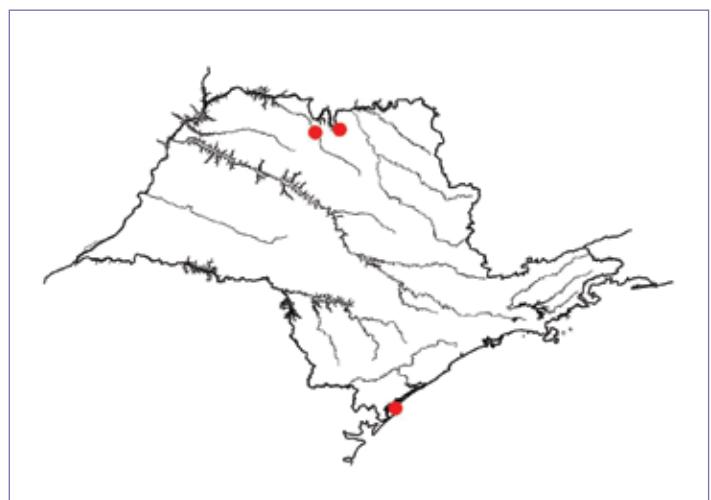
Ameaças

Caça, destruição de habitat e desmatamento.

Medidas para a conservação

Busca por populações em matas ciliares próximas ao Rio Grande e Rio Paraná. Proteção do habitat, pesquisa científica.

AUTOR: Marco Antônio Rego



Nome vernacular

Jacutinga.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2abcd.

Justificativa

São altamente sensíveis à degradação ambiental. A perda de habitat associada à caça são os principais problemas para a conservação da espécie. Além disso, a retirada ilegal de palmito (*Euterpe edulis*) da Mata Atlântica é mais um agravante, já que o fruto dessa palmeira é um dos seus itens alimentares mais importantes.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): PEx; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica, nas copas das matas mais preservadas. Atualmente no Brasil, ocorre apenas em UCs, no Estado de São Paulo, Paraná (Parque Nacional do Iguaçu e Reserva Natural do Salto Morato), Santa Catarina (Parque Estadual da Serra do Tabuleiro) e Rio Grande do Sul, no Parque Estadual Rio do Turvo (Galetti *et al.*, 1997; Straube *et al.*, 2004; Straube & Urben-Filho, 2005; Bencke *et al.*, 2006).

Presença em unidades de conservação

Estação Biológica de Boraceia, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual Turístico do Alto do Ribeira, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Serra do Mar e Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Biologia da espécie

As jacutingas alimentam-se de frutos e bagas, especialmente frutos do palmito *Euterpe edulis* (Galetti *et al.*, 1997). São os únicos Cracidae que realizam migrações, acompanhando a frutificação do palmito. Podem ser vistas em bandos de até 12 indivíduos, porém é comum observar indivíduos solitários (Galetti *et al.*, 1997). Reproduzem-se de agosto a fevereiro e nascem, normalmente, de dois a quatro filhotes (Sick, 1997).

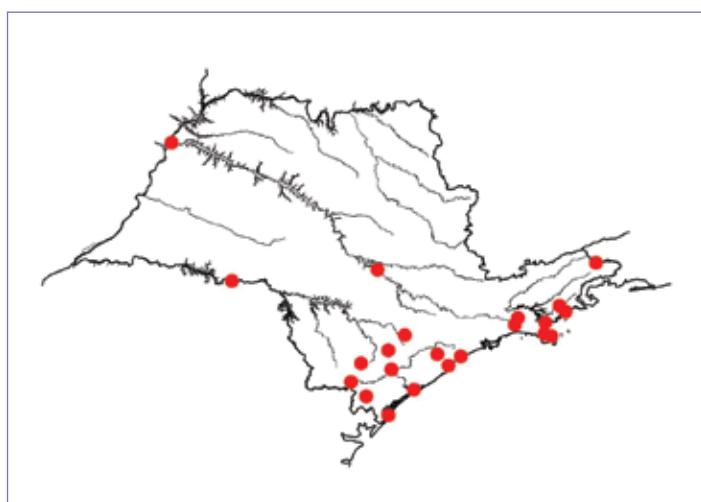
Ameaças

Caça, desmatamento e exploração ilegal de palmito.

Medidas para a conservação

Estudos populacionais e monitoramento em áreas estratégicas; desenvolver medidas para inibir a caça, com o envolvimento de comunidades indígenas na conservação da espécie; reintrodução em áreas protegidas no Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia, onde atualmente está extinta.

AUTOR: Patrícia Lopes



Crax fasciolata Spix, 1825

Galliformes, Cracidae



Nome vernacular

Mutum-de-penacho.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, B1 aiv.

Justificativa

A espécie passou por uma drástica redução da sua área de distribuição, estando praticamente extinta no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

O mutum-de-penacho pode ser encontrado desde os estados do Pará e Maranhão, passando por todo o Brasil central, Minas Gerais, São Paulo e Paraná. Também na Argentina, Paraguai e Bolívia. Habita matas primárias ou secundárias em bom estado de conservação, matas de galeria e cerradão. Eventualmente pode atravessar áreas de campo ou de cerrado stricto sensu.

Presença em unidades de conservação

Provavelmente Estação Ecológica Paulo de Faria.

Biologia da espécie

Vive aos pares ou em pequenos grupos de até quatro aves. Terrícola, sobe às árvores apenas para dormir ou para construir o ninho. Apresenta marcado dimorfismo sexual de plumagem. A fêmea coloca dois ovos brancos, e os filhotes acompanham os pais logo depois de nascer. Frugívoro de grande porte, os maiores exemplares podem pesar mais de 2,5 kg. É discreto e arisco, necessitando de grandes áreas bem preservadas para sobreviver. Muito procurado por caçadores, pode ser considerado um excelente indicador de qualidade de habitat.

Ameaças

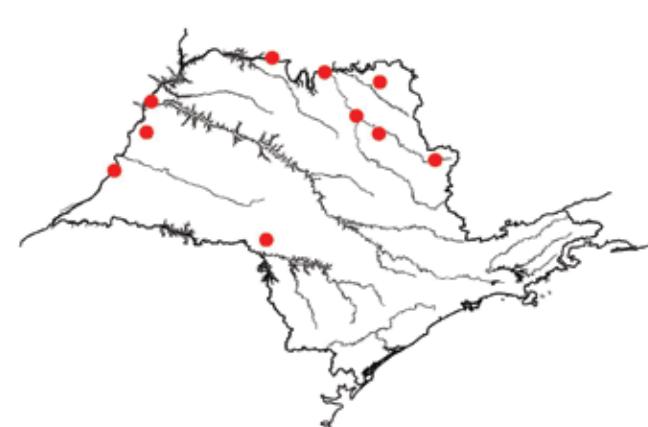
A intensa degradação das matas semidecíduas do interior do Estado aliada à grande procura desta ave como peça de caça são os fatores que levaram a espécie à virtual extinção no Estado de São Paulo.

Medidas para a conservação

Procura por áreas onde possam existir alguns exemplares remanescentes. Proteção dos últimos remanescentes de mata semidecídua do Estado. Criação em cativeiro com vistas a programas de reintrodução na natureza, dado o papel importante que os cracídeos têm na regeneração das florestas.

AUTOR: Luís Fábio Silveira

FOTOGRAFIA: Luís Fábio Silveira



Thalassarche chlororhynchos (Gmelin, 1789)

Procellariiformes, Diomedeidae

Nome vernacular

Albatroz-de-nariz-amarelo-do-atlântico.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2 a, c, d.

Justificativa

Dados demográficos têm sido coletados por 20 anos em duas colônias em Gough e Tristão da Cunha e as populações declinaram 1,1% a 1,2% ao ano. Entretanto, estima-se que as taxas anuais de declínio sejam ainda maiores (Cuthbert et al., 2003). Tais declínios indicam uma redução de 58% ao longo de três gerações da espécie em decorrência da captura pela pesca de espinhel.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Parece preferir águas mais quentes que outros albatrozes. Na América do Sul há poucos registros ao sul da Convergência Subtropical; é comum fora da costa sul e sudeste do Brasil e há vários registros no Nordeste. No sul da África ocorre fora da corrente de Benguela, preferindo águas oceânicas mais quentes. O número de exemplares nessas áreas aumenta durante o inverno, quando as aves deixam as áreas de reprodução. Exemplares anilhados em Gough, Inacessível e Tristão da Cunha são recapturados no sul da África, mas há recapturas em São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, incluindo aves mortas por espinheiros (Olmos, 2002, 2006; Neves et al., 2006; Olmos, 2008).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Marinho da Laje de Santos.

Biologia da espécie

Reproduz na Ilha Gough e em todas as ilhas do arquipélago de Tristão da Cunha e Santa Helena (Reino Unido). Dados indicam um total de 27.500-41.600 pares reprodutores por ano, resultando em 55.000-

83.200 indivíduos maduros (BirdLife Internacional, 2008). Em Tristão da Cunha e Gough, os jovens deixam a colônia do final de abril ao início de maio (Elliott, 1957; Swales, 1965). Reproduzem em ninhos construídos na vegetação, rochas e sob árvores. Os ovos são postos entre setembro e o início de outubro, e os ninheiros deixam o ninho entre o final de março e abril (BirdLife Internacional, 2008). A dieta e ecologia da espécie são mal conhecidas, mas céfalópodes estavam presentes em todos os conteúdos estomacais de exemplares coletados em Gough, e peixes e anfípodos em algumas amostras (Olmos, 2006; Neves et al., 2006).

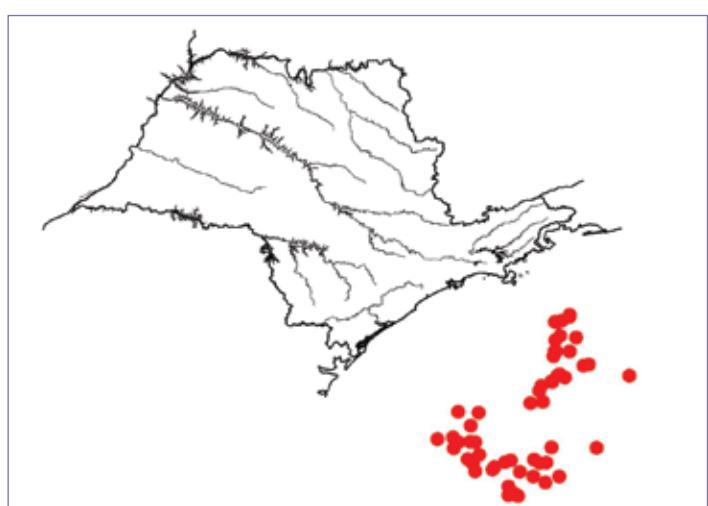
Ameaças

É comumente capturada incidentalmente pela pesca de espinhel. A mortalidade é estimada em pelo menos 900 aves por ano em áreas afastadas da costa ao sul do Brasil, onde é avistada pelas embarcações de pesca (BirdLife Internacional, 2008). Há evidências de que todas as populações diminuíram sensivelmente desde 1980.

Medidas para a conservação

A adoção de medidas mitigadoras é a principal estratégia para reduzir a captura incidental dessa espécie pela frota de espinhel pelágico. Pesquisas científicas e programas de educação ambiental de longo prazo são também importantes.

AUTOR: Tatiana Neves



Thalassarche melanophrys (Temminck, 1828)

Procellariiformes, Diomedeidae

Nome vernacular

Albatroz-de-sobrancelha-negra.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2 a, c, d.

Justificativa

Estima-se que a população das Falklands/Malvinas decresceu entre 468 mil para 382 mil pares apenas nos últimos cinco anos (Huyn, 2002). Acredita-se que a espécie declinará cerca de 65% ao longo de três gerações e como existem poucos locais onde ela está em crescimento populacional espera-se um declínio maior do que 50% ao longo do período. A população declinou em decorrência da captura incidental pela pesca de espinhel.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não corre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Distribui-se ao redor da Antártica, migrando pela costa brasileira para se alimentar principalmente durante o inverno. Após a reprodução deslocam-se para o sul da África, sendo encontradas na região da Corrente de Benguela e Cabo da Boa Esperança (BirdLife International, 2008). Também há várias recapturas na Austrália e Nova Zelândia, sugerindo um deslocamento circumpolar. Aves anilhadas das Malvinas/Falklands têm sido recuperadas ao longo da costa leste sul-americana até o nordeste do Brasil (Maranhão), com o maior número de recapturas ao sul do Rio de Janeiro (Cabo Frio), sugerindo um deslocamento para o Norte e de lá para as águas frias e ricas que se formam sobre a plataforma continental brasileira durante o inverno (Olmos, 2002). Em São Paulo, é encontrada apenas na área marinha da ZEE (Zona Econômica Exclusiva) em frente ao Estado e águas marinhas internacionais, principalmente nos meses frios do outono e inverno.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Marinho da Laje de Santos.

Biologia da espécie

Alimenta-se de peixes, lulas e crustáceos, mas também é atraída por descartes. As maiores populações estão no arquipélago das Falklands/Malvinas, especialmente nas ilhas Steeple Jason e Beauchene (cada uma com mais de 100 mil pares reprodutivos). A incubação é de 68 dias, e os juvenis deixam o ninho após 116-125 dias (meados de março-abril nas Malvinas/Falklands). O ciclo reprodutivo relativamente curto permite reproduzir anualmente (Olmos, 2006; Neves *et al.*, 2006).

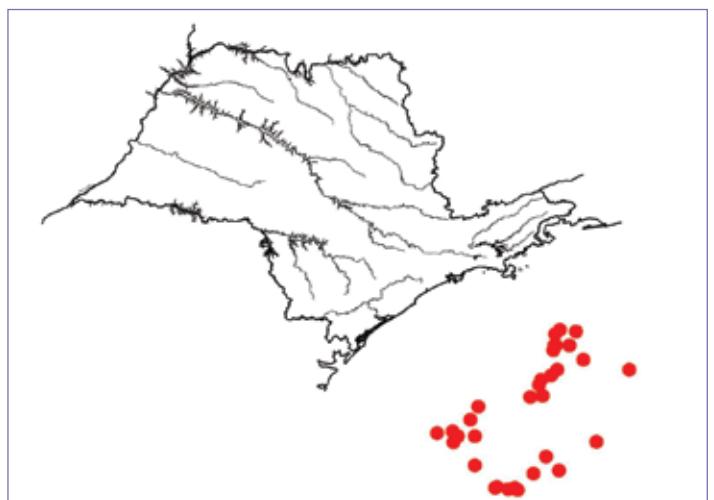
Ameaças

A principal ameaça é a captura incidental pela pesca de espinhel, especialmente no Atlântico sul e ao redor das ilhas Falklands/Malvinas e Geórgias do Sul.

Medidas para a conservação

A adoção de medidas mitigadoras é a principal estratégia para reduzir a captura incidental dessa espécie pela frota de espinhel pelágico. Há também a necessidade da continuidade de pesquisas científicas e programas de educação ambiental.

AUTOR: Tatiana Neves



Nomes vernaculares

Albatroz-gigante, albatroz-errante, albatroz-viajero.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 iv, v.

Justificativa

Na Geórgia do Sul essa espécie sofreu um rápido declínio ao longo das últimas três gerações, ou 70 anos. Nas ilhas Crozet e Kerguelen, a população declinou rapidamente entre os anos de 1970-1986, e então se estabilizou, mas recentemente declinou novamente. O baixo recrutamento de juvenis parece ser a causa desse declínio. Ao todo, esses declínios no passado reduziram rapidamente a população nas últimas três gerações, qualificando a espécie como Vulnerável.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

O albatroz-errante ocorre na maior parte do oceano Austral; do Círculo Polar Antártico até o Trópico de Capricórnio e, ocasionalmente, até mais ao norte, com alguns registros fora da costa da Califórnia e no Atlântico norte. Durante o inverno, a maior parte se concentra ao norte da Convergência Antártica (Tickell & Gilson, 1968; Marchant & Higgins, 1991). Durante a reprodução, a população da Geórgia do Sul alimenta-se sobre a plataforma das ilhas e para oeste, especialmente ao longo do talude e fora da plataforma continental da Patagônia e sul do Brasil (Neves et al., 2006; Olmos, 2006). Fora da época reprodutiva, migram ao redor da Antártica, ocorrendo no sul da América do Sul, próximo ao Uruguai e Rio Grande do Sul. No Estado de São Paulo, é encontrada apenas na área marinha, ZEE (Zona Econômica Exclusiva) em frente ao Estado e águas marinhas internacionais, principalmente nos meses frios do outono e inverno.

Presença em unidades de conservação

Desconhecida.

Biologia da espécie

Diomedea exulans captura presas principalmente na superfície, tendo capacidade limitada de submergir. Come basicamente peixes e lulas, mas também pode se alimentar de crustáceos e descartes de pesca. A predisposição da espécie para consumir presas mortas faz com que se associe a barcos pesqueiros para aproveitar descartes, sendo bastante agressiva ao disputar restos com outras aves. A população total é estimada em 28 mil indivíduos. Machos e fêmeas começam a se reproduzir com cerca de 10 anos. O único filhote leva 40 semanas para deixar o ninho, o que ocorre entre novembro e fevereiro. Essa espécie se reproduz a cada dois anos (Neves et al., 2006; Olmos, 2006).

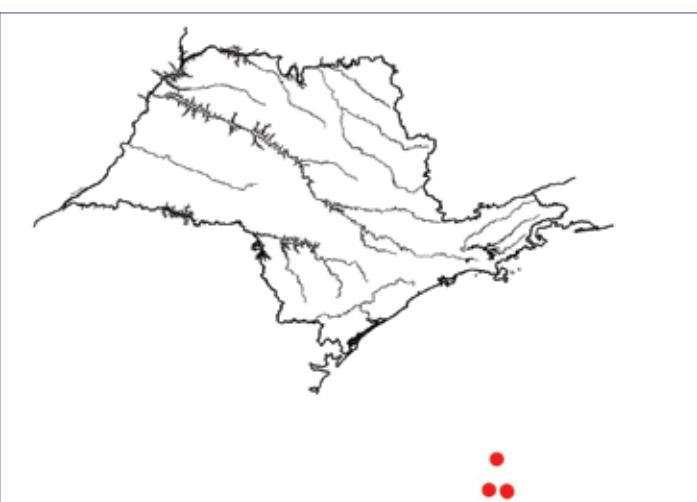
Ameaças

A captura acidental pela pesca de espinhel é a principal ameaça, em decorrência do hábito de seguir embarcações. As populações da Geórgia do Sul são as mais ameaçadas pela pesca no sul do Atlântico e no Indo-Pacífico. A população reprodutiva das ilhas Falklands/Malvinas se extinguiu em 1959 devido à pressão humana (Neves et al., 2006; Olmos, 2006).

Medidas para a conservação

No Brasil, a adoção de medidas mitigadoras é a principal estratégia para reduzir a captura incidental dessa espécie pela frota de espinhel pelágico. Há também a necessidade da continuidade de pesquisas científicas e programas de educação ambiental.

AUTOR: Tatiana Neves



Diomedea dabbenena (Mathews, 1929)

Procellariiformes, Diomedeidae

Nome vernacular

Albatroz-de-tristão.

Categoria proposta para São Paulo

EN A2 a, b.

Justificativa

População reprodutiva extremamente pequena e com projeções de declínio. Modelos populacionais declinaram pelo menos 80% nas últimas três gerações (70 anos).

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Durante a migração, a dispersão varia com o estágio do ciclo reprodutivo. Fora do período de reprodução ocorrem no oceano Atlântico Sul, principalmente na região sul da África e do Brasil (Neves *et al.*, 2000; Olmos *et al.*, 2000); ocasionalmente podem dispersar pelo oceano Índico (Ryan *et al.*, 2001). No Estado de São Paulo, é encontrada apenas na área marinha da ZEE (Zona Econômica Exclusiva) em frente ao Estado e águas marinhas internacionais, principalmente nos meses frios do outono e inverno.

Presença em unidades de conservação

Desconhecida.

Biologia da espécie

Essa espécie se alimenta de céfalópodes e peixes, normalmente seguindo embarcações para se alimentar dos descartes. Reproduz exclusivamente nas ilhas Gough, Tristão da Cunha – provavelmente extinto – e Santa Helena. A população total reprodutiva está entre 9 mil e 15 mil indivíduos (BirdLife Internacional, 2008); o período reprodutivo dessa espécie ocorre a cada dois anos, dura em torno de 340 dias, e os filhotes demoram oito anos em média para atingir a idade reprodutiva. Adultos em período de incubação (70 dias) são encontrados em Gough de janeiro a fevereiro, enquanto filhotes já com o tamanho dos pais estão ali pre-

sentes em setembro, deixando os ninhos entre novembro e dezembro (Olmos *et al.*, 2006; Neves *et al.*, 2006).

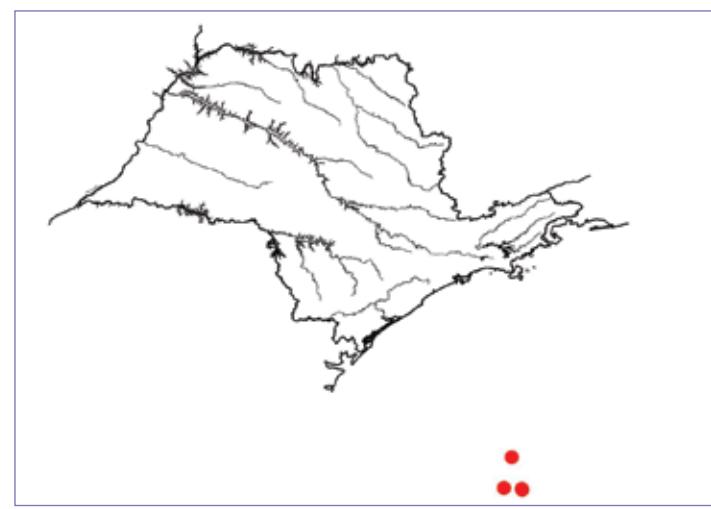
Ameaças

A captura incidental pela pesca de espinhel no oceano Atlântico Sul é a principal ameaça dessa espécie no Brasil. A espécie foi extinta em Tristão da Cunha no início do século XX em virtude da exploração de ovos e filhotes para a alimentação dos habitantes. A exploração humana nas colônias de reprodução, a destruição da vegetação usada na construção de ninhos por porcos introduzidos nas ilhas e a predação dos filhotes por ratos também introduzidos são as ameaças que ocorrem nos locais de nidificação.

Medidas para a conservação

No Brasil, a adoção de medidas mitigadoras é a principal estratégia para reduzir a captura incidental dessa espécie pela frota de espinhel pelágico. Há também a necessidade de dar continuidade a pesquisas científicas e programas de educação ambiental.

AUTOR: Tatiana Neves



Pterodroma incerta (Schlegel, 1863)

Procellariiformes, Procellariidae

Nome vernacular

Grazina-de-barriga-branca.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Possui uma pequena população reprodutora e também há evidências de predação de ninheiros em virtude da introdução de ratos, provocando baixo sucesso reprodutivo e causando o declínio da população. Não tem sido reportada em Tristão da Cunha por 35 anos e foi confirmada como extinta naquela ilha.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Enticott (1991) indica que a espécie é mais abundante a oeste de Tristão da Cunha e Gough, ocorrendo em grandes grupos fora da América do Sul, entre 24 e 50°S ao longo de todo o ano. No Atlântico Sul Oriental ocorre entre 33 e 48°S, principalmente entre julho e novembro. No Índico, a ocorrência é bem mais esporádica. No Brasil, há registros de Alagoas ao Rio Grande do Sul (Lima *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Desconhecida.

Biologia da espécie

Alimenta-se principalmente de lulas, mas pode comer pequenos peixes e crustáceos (Klages & Cooper, 1997). *Pterodroma incerta* se reproduz somente nas ilhas Gough, Tristão da Cunha (Santa Helena, Reino Unido) (BirdLife International, 2008). Nidifica em túneis cavados no solo, entre a vegetação de 50-300 m em Gough e em elevações altas em Tristão da Cunha. A incubação é de cerca de 55 dias, e os filhotes voam com cerca de 138 dias. Quando em terra é completamente noturno (Olmos, 2006; Neves *et al.*, 2006). Não se conhece nenhuma informação sobre idade de primeira reprodução, frequência reprodutiva ou sobrevivência. Embora ocasionalmente acompanhe barcos pesqueiros e apanhe descartes, não há registros de capturas incidentais.

Ameaças

A principal ameaça hoje é a introdução de espécies exóticas nas ilhas de reprodução; no entanto, a população foi fonte de alimento até os anos 40, quando se tornou escassa.

Medidas para a conservação

Erradicação de roedores da Ilha Gough. Minimizar o risco de reintrodução de espécies estabelecidas na Ilha Gough, particularmente qualquer espécie de rato (*Rattus sp.*).

AUTOR: Tatiana Neves



Procellaria aequinoctialis (Linnaeus, 1758)

Procellariiformes, Procellariidae

Nome vernacular

Pardela-preta.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2 a, d.

Justificativa

As altas taxas de mortalidade são atribuídas à captura incidental pela pesca de espinhel. Esse fato, aliado à suscetibilidade, à predação e perda do habitat de reprodução, indica um declínio populacional rápido e substancial.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Dispersam por todos os oceanos do Sul, tendo como zonas de alimentação principais os oceanos Índico e Atlântico. Na costa brasileira, ocorre normalmente até os 20°S. Forma bandos mistos de centenas de indivíduos com *P. conspicillata*, normalmente seguindo barcos de pesca. No Estado de São Paulo, é encontrada apenas na área marinha, ZEE (Zona Econômica Exclusiva) em frente ao Estado e águas marinhas internacionais, principalmente nos meses frios do outono e inverno.

Presença em unidades de conservação

Apesar de não utilizar o território brasileiro para se reproduzir, já foram registrados indivíduos mortos em praias da Estação Ecológica Jureia-Itatins e no Parque Estadual da Ilha do Cardoso (Efe, 2008).

Biologia da espécie

Alimenta-se de cefalópodes, crustáceos e peixes, além de descartes de embarcações pesqueiras. Reproduz-se entre setembro e maio em várias ilhas do Hemisfério Sul. Os primeiros ovos são encontrados após meados de novembro. A população é estimada em 2 mil pares reprodutivos na Geórgia do Sul, mais de 10 mil nas ilhas Crozet, de 100 mil a 300 mil pares na ilha Kerguelen e pelo menos 100 mil na ilha Disappointment (Auckland) e nas Antípodas, Falklands/Malvinas é avaliada entre 1 mil e 5 mil casais.

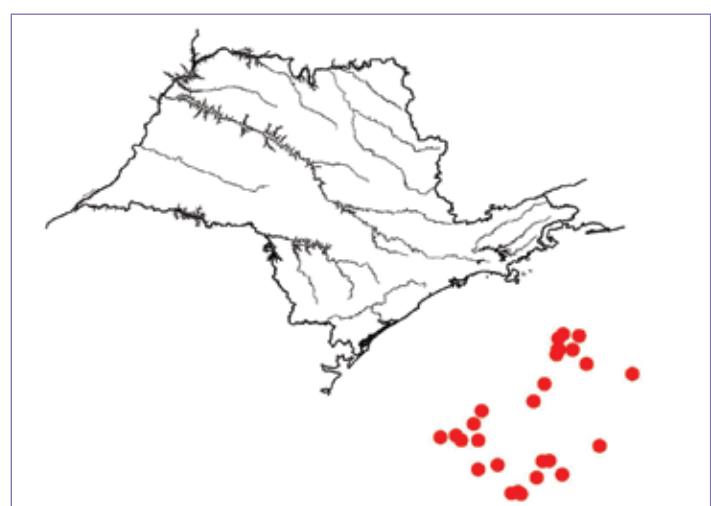
Ameaças

É a ave mais capturada pelos barcos de espinhel pelágico brasileiros. O comitê científico da CCAMLR estima que, apenas na região ao sul da Convergência Antártica, até 138 mil pardelas-pretas foram mortas por barcos espinheiros ilegais nos últimos três anos. Na Geórgia do Sul, onde a população era estimada em 2 milhões de casais na década de 1980, houve um declínio de 28% nos ninhos ocupados entre 1981 e 1998 (Berrow et al., 2000a). Tal fato pode estar associado à grande expansão da população de focas (*Arctocephalus gazelle*) e à introdução de renas (BirdLife International, 2008), que degradam a área de reprodução da espécie. Ratos são predadores significativos em algumas colônias reprodutivas, como nas ilhas Crozet, e gatos predam ninhos na ilha Kerguelen.

Medidas para a conservação

No Brasil, a adoção de medidas mitigadoras é a principal estratégia para reduzir a captura incidental dessa espécie pela frota de espinhel pelágico. Há também a necessidade de dar continuidade a pesquisas científicas e programas de educação ambiental. Eliminação de espécies exóticas nas ilhas de reprodução.

AUTOR: Tatiana Neves



Nome vernacular

Pardela-de-óculos.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2 a, d.

Justificativa

Esta espécie é listada como Vulnerável porque, apesar do aparente aumento da população, um significativo número de aves é capturado incidentalmente pela pesca de espinhel, e em virtude da pequena população reprodutiva, que é altamente suscetível a eventos estocásticos e atividades humanas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2003): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre no oceano Atlântico Sul e no sudoeste do oceano Índico, normalmente entre os paralelos 30°S e 50°S. Comum sobre o talude continental fora da isóbata de 100 m. As águas fora da plataforma brasileira parecem abrigar a maior concentração da espécie fora da área de reprodução, mas também há concentrações menores fora da plataforma continental do sul da África, em águas de maior salinidade, sob influência da Corrente de Agulhas (Camphuysen, 2001).

Presença em unidades de conservação

Desconhecida.

Biologia da espécie

Normalmente acompanha barcos de pesca por longos períodos na tentativa de se alimentar dos descartes ou das iscas. Alimenta-se principalmente de peixes e cefalópodes (Hagen, 1952), e por isso tem uma grande interação com as embarcações pesqueiras, sendo uma das espécies mais capturadas pela pesca de espinhel no Brasil. A única população reprodutiva ocorre na Ilha Inacessível. Em 2004 foram contados entre 11 mil e 12 mil ninhos, e assumindo uma ocupação de 90% dos ninhos, estima-se uma população reprodutiva de 20 mil indivíduos (Ryan *et al.*, 2006).

Essa espécie cava túneis onde constrói o ninho. As posturas são feitas no início de outubro, e a maioria eclode depois de meados de dezembro. Os juvenis deixam a colônia entre março e abril (Olmos, 2006; Neves *et al.*, 2006). O aumento da população deve-se também à erradicação de porcos na Ilha Inacessível. A captura incidental pode afetar mais juvenis do que os adultos, o que não deve refletir na redução da população que atualmente nidifica na ilha.

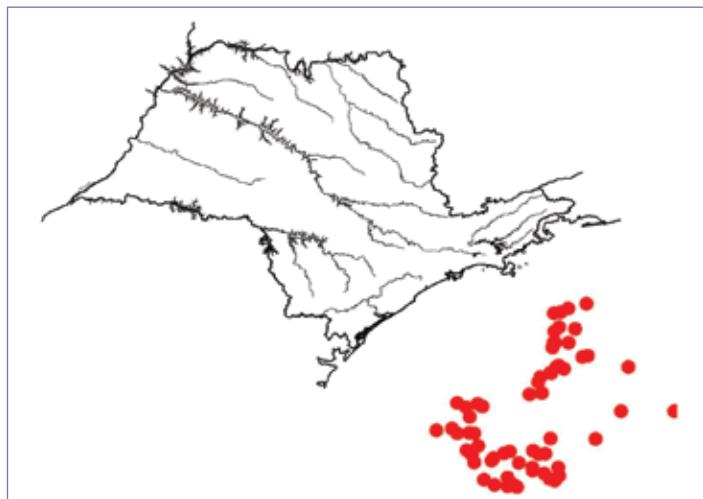
Ameaças

A principal ameaça é a morte accidental nos anzóis da pesca de espinhel; outra ameaça é a introdução de espécies exóticas predadoras no local de reprodução.

Medidas para a conservação

No Brasil, a adoção de medidas mitigadoras é a principal estratégia para reduzir a captura incidental dessa espécie pela frota de espinhel pelágico. Há também a necessidade de dar continuidade a pesquisas científicas e programas de educação ambiental.

AUTOR: Tatiana Neves



Tigrisoma fasciatum (Such, 1825)

Ciconiiformes, Ardeidae

Nome vernacular

Socó-boi-escuro.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Espécie bastante exigente em relação à qualidade do habitat e com poucos registros no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): provavelmente extinta; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Ocorre da Costa Rica ao leste da Venezuela e norte da Bolívia, e do sudeste do Brasil ao norte da Argentina (Martínez-Vilalta & Motis, 1992). Habita rios e córregos de águas limpas e rápidas (normalmente encachoirados e pedregosos) em áreas com florestas bem preservadas e isoladas. Também nas matas ciliares ao longo de rios cristalinos em áreas de cerrado no Brasil central (Martínez-Vilalta & Motis, 1992; Sick, 1997; Straube *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual Intervales.

Biologia da espécie

É uma espécie naturalmente rara e de difícil observação (Sick, 1997). De hábitos solitários, vive ao longo de córregos isolados e no interior da mata, longe da presença humana (Straube *et al.*, 2004). Muito pouco se conhece a respeito de sua biologia reprodutiva e hábitos alimentares; conteúdos estomacais analisados incluem peixes (Loricariidae) e insetos aquáticos (Martínez-Vilalta & Motis, 1992). Aparentemente tem hábitos noturnos (Martínez-Vilalta & Motis, 1992).

Ameaças

Perda do habitat em virtude de desmatamentos e poluição de rios e cursos d'água. Por causa da dependência de rios e córregos encachoeirados, a construção de usinas hidrelétricas também representa um sério impacto negativo à espécie.

Medidas para a conservação

Manutenção de matas ciliares e fiscalização em relação ao saneamento para evitar o despejo de esgoto doméstico e industrial em cursos d'água nas áreas de potencial ocorrência da espécie. Levantamentos para procurar populações do socó-boi-escuro em novas áreas, especialmente ao longo do Parque Estadual da Serra do Mar, que possui vários trechos com o habitat ideal para a presença da espécie.

AUTORES: Pedro Develey, Andre de Lucca



Nome vernacular

Arapapá.

Categoria proposta para São Paulo

EN, A1 a, c.

Justificativa

Registros muito escassos no Estado. Não há registros em unidades de conservação.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Do México à Bolívia e Argentina, quase todo o Brasil, da Amazônia ao Mato Grosso, Goiás, Maranhão, Piauí, Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná. Habita margens de lagos e rios com densa vegetação arbórea, aningais, manguezais (Sick 1997).

Presença em unidades de conservação

Não há registros em áreas protegidas.

Biologia da espécie

Pesca à noite, no crepúsculo, em dias de chuva e excepcionalmente em dias claros. Alimenta-se de anfíbios, peixinhos, crustáceos, insetos, folhas, pequenos mamíferos (Sick 1997). Vive solitário ou em casais e temporariamente em pequenos bandos. Faz ninho sobre a ramagem de mata alagada, gostando da vizinhança de garças e guarás (Sick 1997). Basicamente sedentário (del Hoyo *et al.*, 1992).

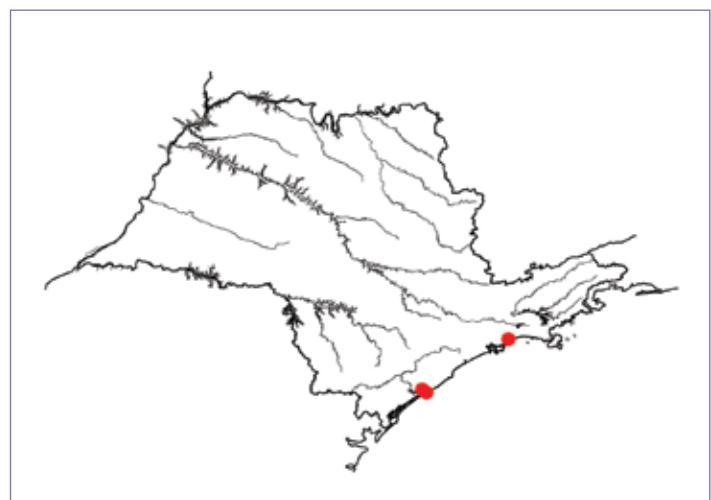
Ameaças

Ocupação das áreas alagadas para atividades agropecuárias e urbanização.

Medidas para a conservação

Preservação de áreas alagadas, especialmente nos varjões dos rios.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



***Nyctanassa violacea* (Linnaeus, 1758)**

Ciconiiformes, Ardeidae

Nomes vernaculares

Savacu-de-coroa, socó-caranguejo.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Apresenta distribuição restrita e pontual nos manguezais do litoral.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Ocorre do litoral dos Estados Unidos ao norte do Peru. No Brasil, ocorre em toda a costa, chegando até o Rio Grande do Sul (del Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997). No Estado de São Paulo, esta espécie está restrita à faixa litorânea, com registros de Ubatuba até a Ilha do Cardoso, sendo encontrada nos manguezais e estuários dos rios do litoral (Willis & Oniki, 2003). Em Cubatão é considerada residente (Olmos & Silva e Silva, 2003).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso e Área de Proteção Ambiental Federal Cananeia-Iguape-Peruíbe.

Biologia da espécie

Vive solitário, aos pares ou mesmo em grupos numerosos. Alimenta-se de caranguejos, invertebrados aquáticos e peixes como o peixe-cobra-do-mar (*Ophichthus gomesii*; Del Hoyo *et al.*, 1992). Pode ser observado alimentando-se durante a noite. Seu ninho é feito de gravetos e galhos e costuma ocupar o alto das árvores do mangue, juntamente com outras espécies. O juvenil desta espécie lembra o savacu (*Nycticorax nycticorax*), que vive no mesmo tipo de ambiente.

Ameaças

Perda de habitat, principalmente as áreas de manguezais localizadas no litoral paulista. Atualmente não existe nenhuma unidade de conservação que proteja de maneira integral os mangues desta região, que estão sendo destruídos pelo desmatamento e pela ocupação urbana ilegal.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de manguezais do litoral paulista; levantamento de informações sobre a história natural desta espécie e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck



Nomes vernaculares

Garça-real ou garça-de-cabeça-preta.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 iii, iv.

Justificativa

Espécie naturalmente rara que habita margens de rios e lagos com mata ciliar bem desenvolvida, ambiente muito alterado por desmatamentos e implantação de barragens de usinas hidrelétricas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Ocorre em todos os biomas brasileiros. Ocupa as margens de rios e lagos florestados e, em áreas litorâneas, trechos de manguezais contíguos à mata. Distribuída do Panamá ao Paraguai e por todo o Brasil, com exceção do Nordeste (Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Jataí, Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade, Parque Estadual do Morro do Diabo e Parque Estadual da Serra do Mar (Picinguaba) (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Espécie semiaquática diurna. Alimenta-se de peixes, anfíbios e invertebrados. Vive solitária ou aos pares (Sick, 1997).

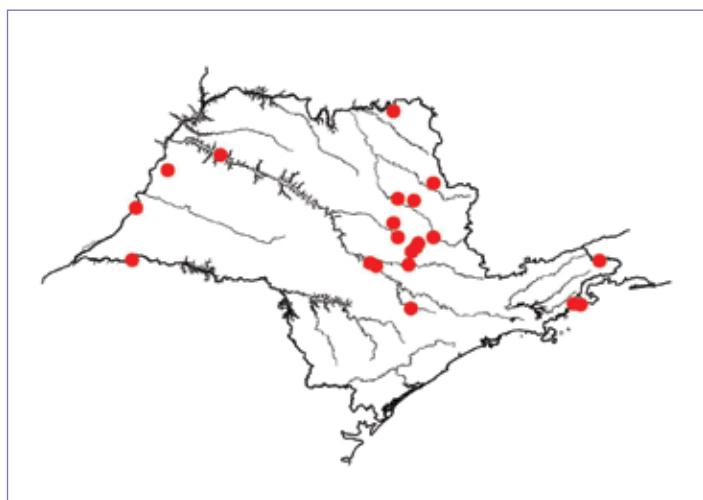
Ameaças

Desmatamento e degradação da mata ciliar, instalação de barragens, poluição e eutrofização de corpos d'água.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das matas ciliares, controle da poluição dos rios e lagos.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Eudocimus ruber (Linnaeus, 1758)

Ciconiiformes, Threskiornithidae

Nomes vernaculares

Guará, guará-vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

EN, B1 a.

Justificativa

Espécie de ocorrência pontual no Estado, restrita à faixa litorânea que liga os manguezais de Santos-Cubatão à região estuarina do norte da Ilha Comprida.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): CR; Paraná (1998): CR.

Distribuição e habitat

O guará é encontrado nos manguezais do norte da América do Norte e no Brasil, onde ocupava naturalmente uma faixa que ia desde o Rio de Janeiro até a Ilha de Santa Catarina (Florianópolis). No Estado de São Paulo está restrita a uma faixa que liga os manguezais de Santos-Cubatão, passando pela região de Itanhaém (Pacífico, 2006) até o norte da Ilha Comprida, onde foi registrada uma colônia reprodutiva. Ocorrências esparsas foram registradas em Iguape, Cananeia e Ilha do Cardoso (Willis & Oniki, 2003; Paludo *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Área de Proteção Ambiental Federal Cananeia-Iguape-Peruíbe, Área de Proteção Ambiental Estadual de Ilha Comprida e Parque Estadual da Ilha do Cardoso. Pode ocorrer na Estação Ecológica Jureia-Itatins, que fica entre as duas principais áreas de ocorrência do litoral.

Biologia da espécie

O guará possui uma plumagem vermelha única. Alimenta-se de invertebrados aquáticos, insetos, caramujos, pequenos peixes e principalmente de caranguejos. Reproduz-se entre setembro e fevereiro, faz seu ninho sobre árvores altas do mangue, ao lado de outras aves aquáticas; os filhotes tornam-se independentes com 40 dias de vida. Reúnem-se em bandos para se alimentar e dormir (Sick, 1997; Olmos & Silva e Silva, 2003; Willis & Oniki, 2003). A população de guarás de Santos-Cubatão foi estimada em 500 aves em 1997 (Olmos & Silva e Silva, 2003) e recentemente foram contabilizadas mais de 700 aves em um dormitório coletivo (Luís Fábio Silveira *com. pess.*).

Ameaças

Perda de habitat pelo desmatamento e ocupação urbana ilegal das áreas de estuários e manguezais. Atualmente não existe nenhuma unidade de conservação que proteja de maneira integral os mangues utilizados por estas aves.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de manguezais do litoral paulista; trabalhos de educação ambiental e conscientização da população local; fiscalização contra caça e destruição dos ninhais; continuidade dos estudos sobre história natural e censo desta população conhecida.

AUTOR: Fabio Schunck



Nomes vernaculares

Maguari, joão-grande.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1 i, iv.

Justificativa

Ocorre em uma área muito restrita do Estado, ao longo dos grandes rios da região oeste e centro-norte.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre em grande parte da América do Sul e em todo o Brasil, sendo mais comum no Pantanal e na Região Sul e menos comum nas regiões central e nordeste (Del Hoyo *et al.*, 1992; Sick, 1997). No Estado de São Paulo é encontrado no centro, centro-norte e oeste paulista, ao longo dos grandes rios como o Paraná, Grande e Tietê, onde está concentrada boa parte dos registros disponíveis (Willis & Oniki, 2003). Utiliza ambientes alagados como banhados, várzeas e brejos do interior do Estado, sendo considerado um visitante dos pantanais do sul e oeste do país (Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Estação Experimental de Recursos Naturais Renováveis da ESALQ/USP (Anhembi). Pode ocorrer na Reserva Florestal do Pontal do Paranapanema.

Biologia da espécie

Cegonha de grande porte (140 cm), alimenta-se de invertebrados aquáticos, crustáceos, cobras aquáticas, peixes e anfíbios (del Hoyo *et al.*, 1992). Diferentemente do tuiuiú (*Jabiru mycteria*), constrói seu ninho a pouca altura do solo, em áreas secas ou alagadas, com talos de plantas aquáticas. A fêmea coloca de dois a quatro ovos. Os filhotes nascem com plumagem branca e vão ficando escuros gradativamente; após três meses já estão iguais aos adultos (Sick, 1997). Na Amazônia esta espécie é considerada ave de caça, assim como o tuiuiú (Sick, 1997).

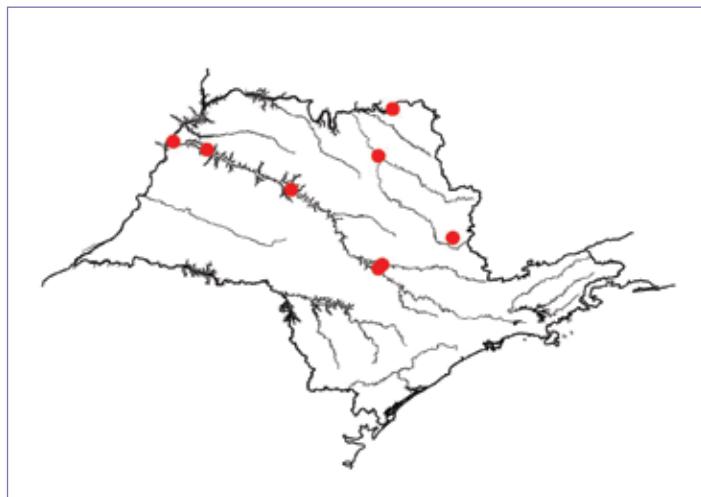
Ameaças

Perda de habitat, principalmente os campos naturais, brejos, várzeas e taboais.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de campos alagados, banhados, brejos e taboais localizados no centro-norte e oeste paulista e ao longo dos grandes rios do Estado, como os rios Grande, Paraná, Tietê e Paranapanema; levantamento de informações sobre a história natural desta espécie e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck



Jabiru mycteria (Lichtenstein, 1819)

Ciconiiformes, Ciconiidae



Nomes vernaculares

Tuiuiú, jaburu, jabiru, jaburu-moleque.

Categoria proposta para São Paulo

EN, B2 ii, iii, iv.

Justificativa

Ocorre em uma área muito restrita do Estado, localizada ao longo dos grandes rios das regiões oeste e central de São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre da América Central ao norte da Argentina, sendo que a maior população é encontrada no Pantanal brasileiro e no Chaco paraguaio (Sick, 1997; del Hoyo *et al.*, 1992). No Estado de São Paulo é encontrado no oeste paulista, ao longo dos grandes rios como o Paraná, o Rio Grande e o Paranapanema. É ocasional nos banhados e represas do interior do Estado, principalmente ao longo do Rio Tietê, onde vem sendo registrado recentemente (Willis & Oniki, 2003; Willis com. pess.). Pode aparecer ocasionalmente em áreas do leste (alto Tietê), como provam os registros feitos nos arredores da cidade de São Paulo (Ihering, 1898; Schunck & Ghetti, 2004) e um registro histórico existente para Cubatão (Olmos & Silva e Silva, 2003).

Presença em unidades de conservação

Reserva Florestal do Pontal do Paranapanema e Parque Ecológico do Guarapiranga.

Biologia da espécie

Cegonha de grande porte, alimenta-se de insetos, caranguejos, caramujos, rãs e peixes, até animais em decomposição (Sick, 1997; Hoyo *et al.*, 1992). Captura suas presas entre a vegetação aquática, onde fica revirando com seu bico avantajado. Nidifica isoladamente, sobre árvores altas e esparsas. Cada casal cria em média dois filhotes por estação reprodutiva (Antas & Nascimento, 1996). Possui uma grande capacidade de voar e se deslocar pelas correntes térmicas. Nidificava em 1984/1985 na fazenda Anhangá no Rio Tietê, no “minipantanal” destruído pela Represa de Pereira Barreto (Três Irmãos) (Willis & Oniki, 2003).

Ameaças

Perda de habitat, principalmente os campos naturais, brejos, várzeas e taboais que estão desaparecendo de maneira acelerada no Estado.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de campos naturais, banhados, brejos e taboais localizados no oeste paulista e ao longo dos grandes rios, como o Rio Grande, Paraná, Tietê e Paranapanema; levantamento de informações sobre a história natural desta espécie e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Nome vernacular

Urubu-de-cabeça-amarela.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiv.

Justificativa

Pouquíssimos registros no Estado: além do exemplar muito antigo presente na série tipo da espécie, coletado por Johann Natterer em Oris-sanga entre os anos de 1822 e 1823, existe o registro feito por Willis & Oniki na segunda metade da década de 1980, numa ilha localizada no Rio Paraná.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

No Brasil ocorre em praticamente todo o território. O urubu-de-cabeça-amarela é mais encontradiço em áreas inundadas ou inundáveis e seus arredores florestados (Sick, 1997; Fergusson-Lees & Christie, 2001). Esforços no sentido de aumentar o número de registros no Estado de São Paulo devem se concentrar na porção oeste deste, junto à drenagem do Rio Paraná (Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Sem registros em unidades de conservação públicas ou privadas.

Biologia da espécie

Como todos os representantes da família Cathartidae, *Cathartes burrovianus* se alimenta preferencialmente de matéria orgânica em decomposição (com preferência por carcaças de peixes, pequenos mamíferos, cobras e outros répteis), mas também pode alimentar-se de matéria orgânica viva (invertebrados e larvas). Vive usualmente solitário ou em pares, sendo grupos pequenos bem raros. Nidificam em ocos de árvores velhas ou touceiras de grama no solo, onde botam dois ovos que eclodem em 40 dias. Os filhotes deixam o ninho em 75 dias. Dados populacionais muito escassos (Fergusson-Lees & Christie, 2001). Apesar de possuir uma área distribucional de aproximadamente 12 milhões de km², quase dois terços desta área consistem de habitat não adequados para a espécie, tornando o entendimento da distribuição e estimativas populacionais muito complicados.

Ameaças

Destrução de habitat, aterramento de áreas alagadas, monoculturas.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas inundáveis, pesquisa científica (basicamente procura por mais registros no Estado).

AUTOR: Guilherme Renzo Rocha Brito



Sarcophamphus papa (Linnaeus, 1758)

Cathartiformes, Cathartidae



Nomes vernaculares

Urubu-rei, corvo branco.

Categoria proposta para São Paulo

EN A1 a, c.

Justificativa

Espécie de porte médio, dependente de locais não perturbados, preferencialmente com a presença de paredões rochosos, distantes de centros urbanos e do aporte de carcaças de tamanho considerável.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não citada;

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa) e Cerrado (cerrado *sensu stricto*, cerradão, matas de galeria). Ocorre em todo o território nacional, mais encontradiço no norte, meio-norte e centro do país; no sul-sudeste possui densidade populacional bem mais baixa.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual do Morro do Diabo, Floresta Nacional de Ipanema, Estação Ecológica dos Caetetus, Estação Ecológica Paulo de Faria, Estação Ecológica de Jataí e Estação Ecológica Jureia-Itatins.

Biologia da espécie

S. papa se alimenta de matéria orgânica em decomposição (geralmente mamíferos de médio a grande porte). Atualmente tende a viver sozinho ou em pares. Em certos locais podem ser vistos grupos de até dez indivíduos, mas registros antigos relatam grupos de mais de 50 indivíduos em uma carcaça. A postura dos ovos ocorre no final da estação chuvosa e começo da seca. Nidificam em cavidades variadas (paredões rochosos, ocos de árvore, troncos caídos). As populações vêm declinando em uma série de localidades. Onde antes era de ocorrência comum, acaba tornando-se raro (Ferguson-Lees; Christie, 2001).

Ameaças

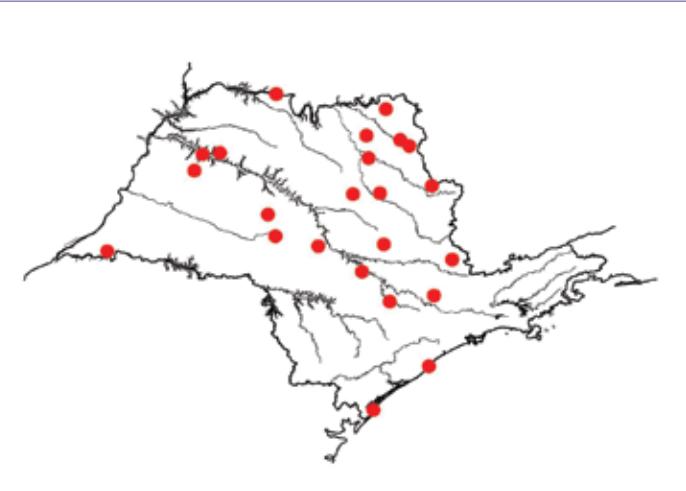
Destrução de habitat, desmatamento, escassez alimentar.

Medidas para a conservação

Proteção e recuperação do habitat.

AUTOR: Guilherme Renzo Rocha Brito

FOTOGRAFIA: Luís Fábio Silveira



Nomes vernaculares

Gavião-cinza, tartaranhão-cinza.

Categoria proposta para São Paulo

VU D2.

Justificativa

Apenas um registro é mencionado para o Estado (Willis & Oniki 2003). Segundo esses autores, a espécie foi observada em algum banhado da região do Vale do Paraíba paulista. São Paulo é área marginal da distribuição da espécie. Adicionalmente, o hábitat utilizado pela espécie tanto no Estado de São Paulo quanto nos estados do sul (área núcleo da distribuição) vem sofrendo rápidas e constantes modificações.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre ao longo dos Andes, principalmente do Equador até a Patagônia. Ao leste das Cordilheiras dos Andes estende sua distribuição pela Bolívia, Paraguai, Uruguai, Argentina e sul do Brasil. Habita pântanos, chacos, estepes, alagadiços, campos e regiões arbustivas, desde o nível do mar até 4.500 m de altitude. A maioria dos autores limita sua distribuição norte (na porção andina-setentrional) ao Estado do Paraná.

Presença em unidades de conservação

Não registrado em unidades de conservação de São Paulo.

Biologia da espécie

C. cinereus se alimenta principalmente de aves, pequenos mamíferos e répteis. A espécie se reproduz de outubro a janeiro, podendo ser colonial. Os ninhos são construídos no chão, frequentemente em áreas úmidas. A ninhada é composta de três ou quatro filhotes. No Brasil, os únicos dados reprodutivos publicados foram coletados no RS, e não existem registros de reprodução em São Paulo. Uma parte da população brasileira deste gavião é residente e outra provavelmente realiza movimentos regionais no inverno.

Ameaças

A espécie é limitada localmente a campos e banhados, o que a torna sensível às atividades que afetam essas áreas. As principais ameaças são a perda de habitat e a destruição e descaracterização específica dos sítios de reprodução.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat. Realizar inventários específicos em habitat potencial onde a espécie possa ocorrer para verificar o verdadeiro status da espécie no Estado.

AUTORES: Gustavo Sebastian Cabanne, Marco A.M. Granzinolli



Circus buffoni Gmelin, 1788

Falconiformes, Accipitridae

Nomes vernaculares

Gavião-do-mangue, tartaranhão-do-brejo.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1c, D2.

Justificativa

Apenas seis registros são conhecidos no Estado ao longo do tempo, sendo metade deles efetuada há mais de 80 anos. Além de ser raro, *C. buffoni* vem sofrendo um aparente declínio populacional ao longo de sua distribuição nos últimos cem anos. Este fato também é observado nos estados do sul do Brasil, que são as regiões que ligam o núcleo da distribuição da espécie ao Estado de São Paulo. A baixa densidade, a ameaça do habitat e a situação periférica no Estado justificam a inclusão da espécie na lista.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): NT; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Não é associada a um bioma particular. Habita pântanos, marismas, juncais, culturas de arroz e pastos. Ocorre desde o norte da Venezuela até o norte da Patagônia, do nível do mar até 1.000 m de altitude. Em São Paulo, este gavião habita banhados do campo cerrado (ex. Oriçanga) ou da costa (ex. Iguape). Provável visitante de inverno.

Presença em unidades de conservação

Sem registros recentes em unidades de conservação.

Biologia da espécie

Alimenta-se de anfíbios, pequenos mamíferos e aves aquáticas. No Hemisfério Sul a espécie se reproduz de setembro a janeiro, podendo ser colonial. Pode fazer ninhos nas mesmas áreas que *C. cinereus*. Os ninhos são construídos no chão, acima de plataformas vegetais, e em alguns casos em terrenos úmidos ou alagados. A ninhada é composta de três ou quatro filhotes, podendo variar em casos extremos de dois a cinco. Não existem registros de reprodução publicados para o Estado de São Paulo, onde é considerado visitante invernal.

Ameaças

A espécie é limitada a rios e banhados, o que a torna sensível às atividades que afetam essas áreas. Como no caso de outras espécies semelhantes (ex. *C. cinereus*), as principais ameaças são a perda de habitat e a destruição e descaracterização específica dos sítios de reprodução. A perseguição direta (caça) também é uma ameaça significativa.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat. Realizar inventários, principalmente nas áreas já conhecidas, para definir a situação populacional da espécie no Estado.

AUTORES: Gustavo Sebastian Cabanne, Marco A. M. Granzinolli



Leucopernis lacernulatus (Temminck, 1827)

Falconiformes, Accipitridae

Nomes vernaculares

Gavião-pombo-pequeno, gavião-pomba.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Ocorrência exclusiva no bioma Mata Atlântica, associada à alta dependência de habitat florestal, em especial em baixas altitudes. No Estado de São Paulo, a especulação imobiliária em regiões costeiras constitui uma das maiores ameaças.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Endemismo da Mata Atlântica brasileira. Ocorre principalmente em floresta ombrófila densa dos estados da Paraíba a Santa Catarina. Habita principalmente matas em baixas altitudes (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra da Cantareira, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual Intervales, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

Pouco se conhece sobre a biologia de *Leucopernis lacernulatus*, e a maioria das informações disponíveis é baseada em encontros episódicos (e.g. Martuscelli, 1996). Dados de conteúdo estomacal e observações de campo sugerem que a dieta inclui insetos, aranhas, moluscos, cobras, aves e mamíferos, embora invertebrados provavelmente predominem. Podem se associar a bandos de macacos, bandos mistos de aves e formigas de correição (Martuscelli, 1996; Thiollay, 1994). Não existem informações sobre comportamento reprodutivo, nidificação e comportamento migratório.

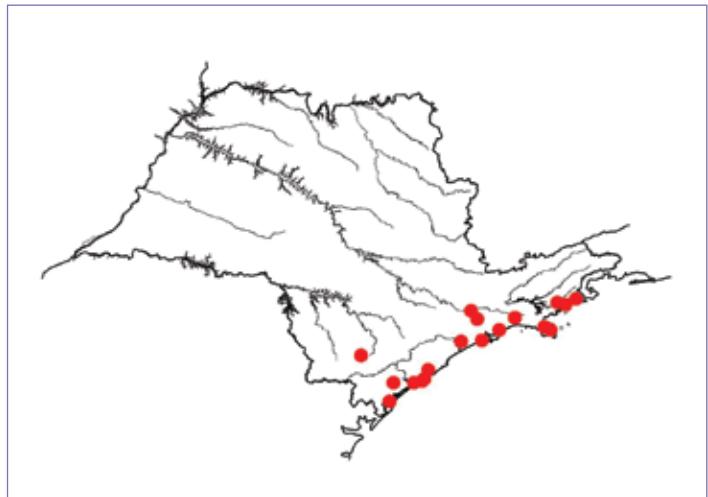
Ameaças

Destrução do habitat (no Estado de São Paulo, em especial por causa da especulação imobiliária), desmatamento, caça.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

AUTOR: Fábio S. Raposo do Amaral



Leucopternis polionotus (Kaup, 1847)

Falconiformes, Accipitridae

Nome vernacular

Gavião-pombo-grande.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

A ocorrência exclusiva no bioma Mata Atlântica associada à alta dependência de habitat florestal torna esta espécie especialmente sensível ao avanço das atividades humanas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Endemismo do bioma Mata Atlântica. Ocorre principalmente em floresta ombrófila densa e mista. No Brasil, ocorre do Estado de Alagoas ao Rio Grande do Sul. Supostamente também ocorre no Paraguai e na Argentina (Misiones), embora os registros argentinos sejam questionados por alguns autores (e. g. Thiollay, 1994). No sudeste do Brasil, ocorre predominantemente em áreas montanhosas (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

De forma similar aos seus congêneres, pouco se conhece sobre a biologia de *Leucopternis polionotus*. Alimenta-se de pequenos mamíferos, répteis e aves (Sick, 1997). Pode capturar aves de maior porte, como *Amazona brasiliensis* e *Penelope obscura* (Martuscelli, 1996). Não existem informações sobre comportamento reprodutivo, nidificação e comportamento migratório.

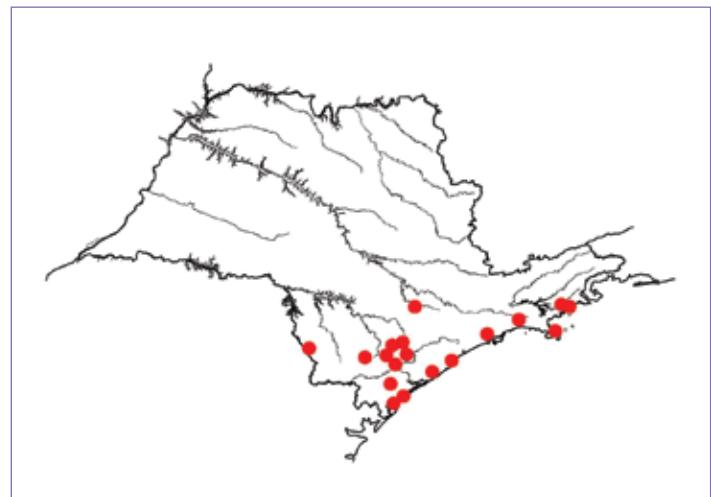
Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, caça.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

AUTOR: Fábio S. Raposo do Amaral



***Buteogallus aequinoctialis* (Gmelin, 1788)**
Falconiformes, Accipitridae

Nomes vernaculares

Caranguejeiro, gavião-caranguejeiro.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1c.

Justificativa

Possui apenas dois registros no Estado, ambos para o extremo sul paulista, Iguapé e Parque Estadual da Ilha do Cardoso. Um terceiro registro é reportado por Uchôa *et al.*, (1998) para o mangue de Cubatão; no entanto, Olmos & Silva e Silva (2001) acreditam que se trata de *Parabuteo unicinctus*. Soma-se à sua raridade a forte pressão antrópica sofrida pelo habitat utilizado pela espécie: o mangue.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (2003): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Espécie restrita à costa da América do Sul, ocorrendo da Venezuela e Guianas até o Paraná. Ocorre quase que exclusivamente no mangue e nos estuários, geralmente até poucos metros acima do nível do mar (Ferguson-Lees & Christie, 2001). No Brasil, ocorre nos mangues do Oiapoque até a região de Paranaguá (Sick, 1997). Os registros para o Estado de São Paulo estão no limite sul da distribuição da espécie.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso.

Biologia da espécie

Como o próprio nome popular sugere, alimenta-se exclusivamente de caranguejos. Caça a partir de poleiros, de onde “mergulha” sobre a presa e a leva para um lugar seco (Ferguson-Lees & Christie, 2001). Vive solitário ou em pares, realiza a postura de até dois ovos e o ninho sempre possui folhas verdes e frescas (Ferguson-Lees & Christie, 2001). O habitat disponível (costa atlântica) originalmente para a espécie era de cerca de 6.000 km². No entanto, com a ocupação da costa, essa área é atualmente bem menor.

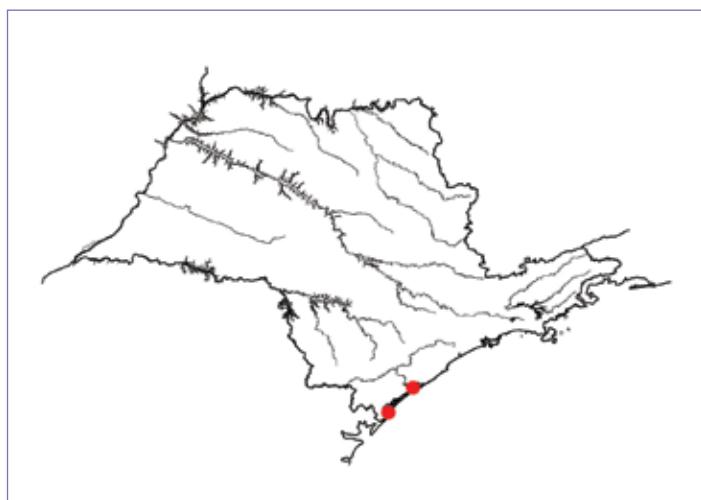
Ameaças

Destrução de habitat, principalmente pela especulação imobiliária. Poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, criação de unidades de conservação em áreas de mangue.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli



Harpyhaliaetus coronatus (Vieillot, 1817)

Falconiformes, Accipitridae

Nome vernacular

Águia-cinzenta.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Ao longo de sua distribuição, possui uma pequena e fragmentada população, que vem diminuindo nas últimas décadas (IUCN 2008). A águia-cinzenta necessita principalmente de extensas áreas naturais abertas e semiabertas, porém, no Estado esse habitat vem se tornando cada vez mais escassos. Nos últimos 30 anos, apenas cinco registros foram feitos para a espécie no Estado (Willis, 2003; Granzinolli *et al.*, 2006), sendo que dois deles, na região de Bananal e no Parque Nacional da Serra da Bocaina, podem ser referentes ao mesmo indivíduo (Collar *et al.*, 1992). Adicionalmente, apenas três registros históricos são conhecidos para o Estado (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CP; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não consta; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Endêmica da porção centro-sul da América do Sul, *H. coronatus* habita principalmente áreas naturais abertas e semiabertas como o Cerrado e o Chaco. No Brasil, também é encontrada na faixa costeira, onde há mosaicos de campos, campos de altitude e áreas florestadas (Albuquerque *et al.*, 2006).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina, Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Biologia da espécie

Vive solitária, em pares e até mesmo em trios familiares (ver Granzinolli *et al.*, 2006). Dados disponíveis sobre a dieta incluem mamíferos (roedores, gambás e tatus), répteis, aves, carniças e até mesmo peixes (Ferguson-Lees & Christie 2001). A espécie aparentemente não reproduz todo ano. O comportamento de cópula foi observado em julho e agosto, e ovos, em outubro. Além disso, o filhote parece permanecer com os pais por um longo período (ver Ferguson-Lees & Christie, 2001; Granzinolli *et al.*, 2006). Estimativas sugerem que a densidade por casal ao longo de sua distribuição é de 6.000 km², 75 x 80 km² (Ferguson-Lees & Christie 2001). Estende sua atividade até o período do crepúsculo. Em 2008 três indivíduos foram observados no município de São José dos Campos, SP (G. Leite *com. pess.*)

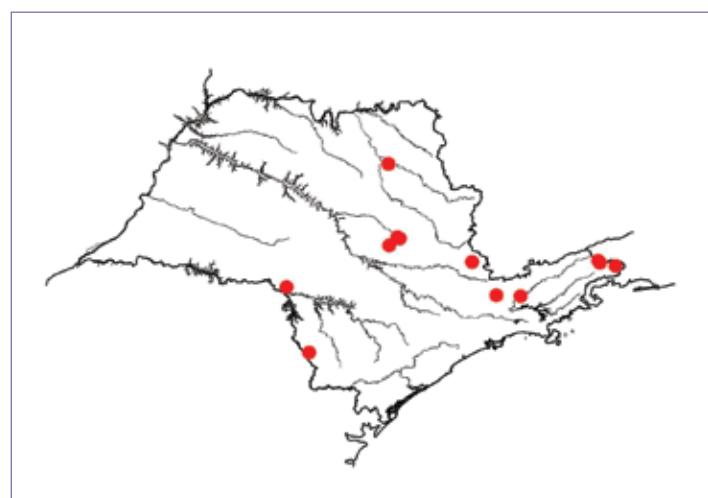
Ameaças

Destrução e fragmentação do habitat, perseguição humana, tráfico de filhotes.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, conscientização da população, fiscalização.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli



Nomes vernaculares

Gavião-belo, gavião-velho.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1c.

Justificativa

Registrado em apenas dez localidades no Estado; esses registros consistem, em sua maioria, na observação de apenas um indivíduo. Além de ser rara no Estado, a espécie depende principalmente de banhados, pântanos e várzeas alagadas. Tais ambientes estão se tornando cada vez mais raros no Estado, pois são substituídos em sua maioria pela expansão das cidades e da agricultura.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre do México até o norte da Argentina, porém, apenas onde há extensos ambientes associados à água, como pântanos, banhados, campos alagados, lagoas e manguezais (Ferguson-Lees & Christie, 2001). No Brasil é mais comum no Pantanal. Em São Paulo, os registros estão associados a lagos, lagoas e braços de rios do interior. Ao longo de sua distribuição é mais comum do nível do mar até 500 m de altitude, no entanto, pode ocorrer esporadicamente entre 500 e 1.500 m (Ferguson-Lees & Christie, 2001).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo e Floresta Estadual Edmundo Navarro de Andrade.

Biologia da espécie

O gavião-belo é mais abundante na América do Sul, e o Pantanal provavelmente concentra a maior população da espécie. Sua dieta é composta principalmente de peixes, moluscos, anfíbios, insetos aquáticos de grande porte e até mesmo aves aquáticas (ver Sick, 1997; Ferguson-Lees & Christie, 2001). Explora principalmente a lâmina d'água com seus pés, que apresentam "espículos" na face inferior, pois não possui plumagem adaptada ao meio aquático. Ao longo do dia despende cerca de 80% do tempo pousado próximo a corpos d'água (Magalhães, 1990). Pode criar até dois filhotes por estação reprodutiva (Ferguson-Lees & Christie, 2001).

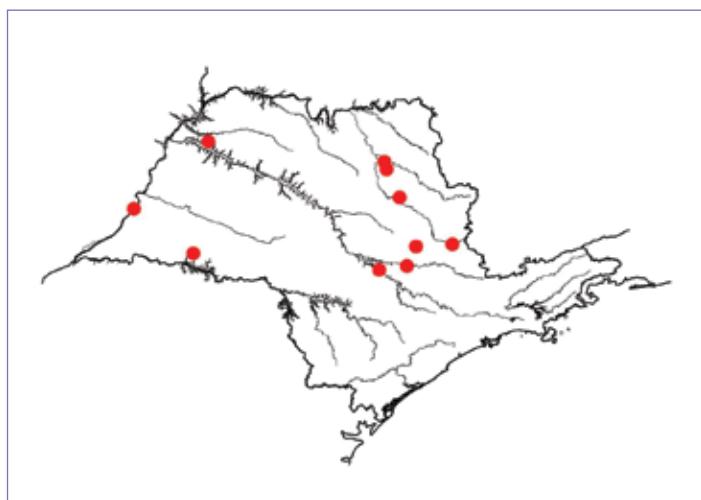
Ameaças

Alteração do habitat, principalmente pela expansão de cidades, agricultura e drenagem das áreas alagadas para diversos fins. Poluição e perseguição humana.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli



Parabuteo unicinctus (Temminck, 1824)

Falconiformes, Accipitridae

Nome vernacular

Gavião-asa-de-telha.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

De 1827 a 1985 a espécie não foi registrada no Estado, chegando a ser considerada extinta por Willis & Oniki (1993). A partir de 1985, registros pontuais foram realizados no Parque Estadual da Cantareira (Graham, 1992), no município de Pontal (Pacheco, 1994), na Baixada Santista (Develey & Argel-Oliveira, 1996; Silva e Silva & Olmos, 1997), em Barretos (Willis & Oniki, 2003) e no município de São Paulo (Almeida, 2007). Espécie rara, com distribuição disjunta e uma única população reprodutiva conhecida no Estado (ver Silva e Silva & Olmos, 1997).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Aparentemente *P. unicinctus* é uma espécie que habita áreas naturais abertas e semiabertas. No entanto, no Brasil a espécie parece estar mais associada aos mosaicos de habitat próximo a corpos d'água, principalmente de manguezais (ver Pacheco, 1994; Silva e Silva & Olmos, 1997, Dantas *et al.*, 2007). Apesar de encontrarmos quatro registros disjuntos em áreas originalmente ocupadas por matas no Estado de São Paulo (ver Willis & Oniki, 2003), não há nenhum indício de que haja populações reprodutivas e de tamanho considerável nessas regiões.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Cantareira.

Biologia da espécie

Na Baixada Santista *P. unicinctus* alimenta-se de roedores, filhotes de aves aquáticas (Silva e Silva & Olmos, 1997) e até mesmo aves aquáticas adultas (Granzinolli *et al.*, 2008). A área de vida requerida é de cerca de 1.400 ha (M. Granzinolli, dados não publicados). Silva e Silva & Olmos (1997) encontraram dois ovos no ninho no mês de julho e também relatam a ajuda do imaturo na reprodução. Um projeto iniciado em 2006 (incluindo marcação e acompanhamento por radiotelemetria) na Baixada Santista vem demonstrando que a população de *P. unicinctus* na região é reduzida, estimada em apenas 13-18 indivíduos (Granzinolli *et al.*, 2008).

Ameaças

Destrução de habitat, perseguição humana, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli



Nomes vernaculares

Uiraçu-falso, águia-de-penacho.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Apenas cinco registros são reportados para o Estado, sendo que quatro destes estão restritos ao extremo sul, na região dos parques estaduais de Jacupiranga e Intervales. O uiraçu-falso se enquadra no grupo das espécies de aves de rapina mais raras e com baixa densidade ao longo de sua distribuição. Depende principalmente de extensas áreas de florestas primárias, as quais vêm sofrendo uma intensa ação antrópica.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): CR; Paraná (2004): RE.

Distribuição e habitat

Espécie estritamente florestal que ocorre no centro-sul da América Central e em grande parte da América do Sul, Venezuela e Guianas, até o extremo norte da Argentina e Santa Catarina (Ferguson-Lees & Christie, 2001). Habita as florestas primárias Amazônica e Atlântica, especialmente do nível do mar até 600 m de altitude. No entanto, vem se tornando cada vez mais rara na Mata Atlântica.

Presença em unidades de conservação

Mosaico do Jacupiranga, Parque Estadual Intervales.

Biologia da espécie

Explora principalmente o dossel das florestas onde captura roedores e marsupiais arborícolas, micos, preguiças, cobras, aves e até mesmo anfíbios dentro de bromélias (Bierregard, 1984; Ferguson-Lees & Christie, 2001). Os poucos dados sugerem que a espécie vive solitária ou em pares e adota o método de caça "senta e espera" (Ferguson-Lees & Christie, 2001). Informações de dois eventos reprodutivos indicam que *M. guianensis* realiza a postura entre fevereiro e março e produz de um a dois filhotes (ver Bierregard, 1984; Whitacre, 2002). Está entre as espécies de aves neotropicais menos conhecidas.

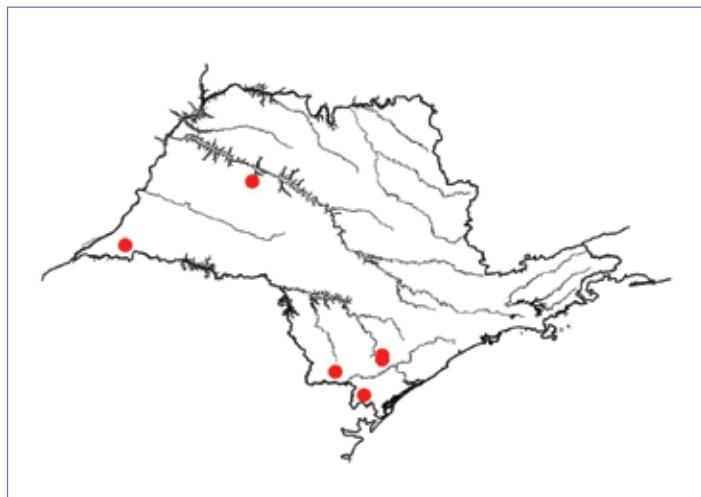
Ameaças

Destrução de habitat, fragmentação de habitat, perseguição humana, tráfico de ovos e filhotes.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, conscientização da população, fiscalização. Incorporação de florestas primárias adjacentes aos Parques de Jacupiranga, Intervales e Carlos Botelho.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli



Harpia harpyja (Linnaeus, 1758)

Falconiformes, Accipitridae

Nomes vernaculares

Gavião-real, uiraçu, uiraçu-verdadeiro, harpia.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Apenas 13 registros são conhecidos para o Estado. Os registros mais recentes indicam que a espécie está restrita aos fragmentos de Mata Atlântica situados em Cananeia e nos Parques Estaduais de Jacupiranga e Intervales (Galetti *et al.*, 1997; Willis & Oniki, 2003). A maior ave de rapina das Américas depende de extensas áreas de florestas primárias e de uma relativa alta densidade de presas de grande tamanho. As atividades de caça sobre as presas do gavião-real e a constante fragmentação florestal vêm contribuindo para o declínio desta rara espécie (Thiollay, 1984).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Ocorre da América Central até o extremo nordeste da Argentina e do Rio Grande do Sul. Espécie florestal que habita principalmente as florestas primárias da Mata Atlântica e da Amazônia, sendo a maior população encontrada neste último bioma. Originalmente ocorria nas formações florestais dos outros biomas brasileiros. Em São Paulo, os últimos registros sugerem que a espécie está restrita ao contínuo florestal do sul do Estado.

Presença em unidades de conservação

Mosaico do Jacupiranga, Parque Estadual Intervales.

Biologia da espécie

A dieta é composta principalmente de mamíferos de médio a grande porte e aves (Sick, 1997; Galletti & Carvalho, 2000). A área de vida requerida por um casal é estimada em mais de 100 km² (Thiollay, 1989), fragmentos de matas de pequeno e médio tamanho, mesmo em bom

estado de conservação, não são capazes de suportar um único casal. Isso justifica o atual (e pequeno) tamanho da população da Mata Atlântica. O ninho é robusto e no período reprodutivo sempre há folhas verdes e algumas sementes. A fêmea geralmente realiza a postura de um ou dois ovos a cada três anos, a incubação dura oito semanas e o filhote permanece com os pais por oito a dez meses (Ferguson-Lees & Christie, 2001). Um dos registros para o litoral sul de São Paulo foi baseado em um par de tarsos de um indivíduo caçado na localidade de Varadoura, Cananeia (ver Galetti *et al.*, 1997). A caça do gavião-real também é uma prática comum no centro-oeste e norte do Brasil (Trinca *et al.*, 2008).

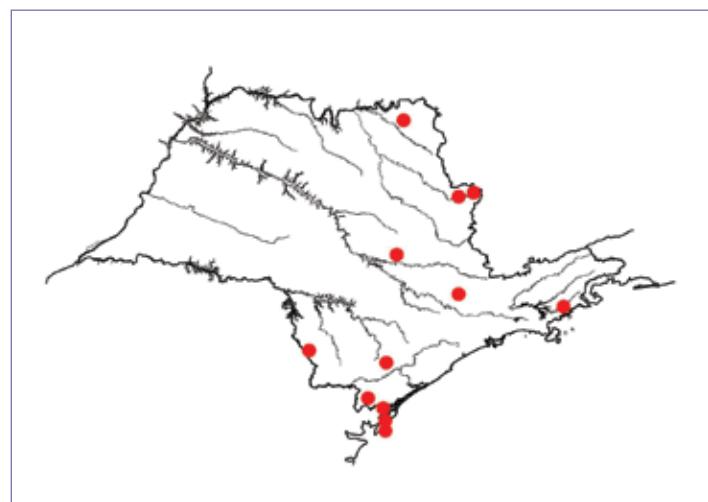
Ameaças

Destrução e fragmentação do habitat, perseguição humana (ex. caça e coleta de penas), tráfico de filhotes.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, fiscalização e educação ambiental. Incorporação de florestas primárias adjacentes aos Parques Estaduais de Jacupiranga, Intervales e Carlos Botelho.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli



Nome vernacular

Gavião-pato.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Apenas dez registros de *S. melanoleucus* são reportados para o Estado. Além de ser uma espécie rara, nos últimos 30 anos a maioria das ocorrências foi efetuada em pontos disjuntos da Mata Atlântica paulista (ver Willis & Oniki, 2003). Mesmo em toda a sua distribuição, o gavião-pato é considerado raro ou incomum (Ferguson-Lees & Christie, 2001).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Apresenta distribuição disjunta em pelo menos cinco blocos, dois na América Central e três na América do Sul (Ferguson-Lees & Christie, 2001). Ocorre em quase todo o Brasil, exceto no centro-oeste do Amazonas, Rondônia, centro-oeste do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Habita as bordas e clareiras das formações das florestas tropicais, sendo geralmente associado a matas de galerias. Também pode ser encontrada em áreas de Cerrado próximas a corpos d'água (Ferguson-Lees & Christie, 2001).

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema, Parque Estadual do Morro do Diabo, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

Vive solitário ou em pares e captura suas presas principalmente a partir de voos planados seguidos de mergulhos e também de poleiros próximos de rios (ver Willis, 1988; Ferguson-Lees & Christie, 2001). O gavião-pato se alimenta de aves (ex. tinamídeos e biguás), anfíbios e répteis. O único ninho encontrado estava a 40 m de altura e possuía um filhote (ver Ferguson-Lees & Christie, 2001). A espécie anteriormente era alocada em um gênero monotípico, *Spizastur*. No entanto, a partir de 2005 os estudos moleculares recomendam a inclusão desta no gênero *Spizaetus*.

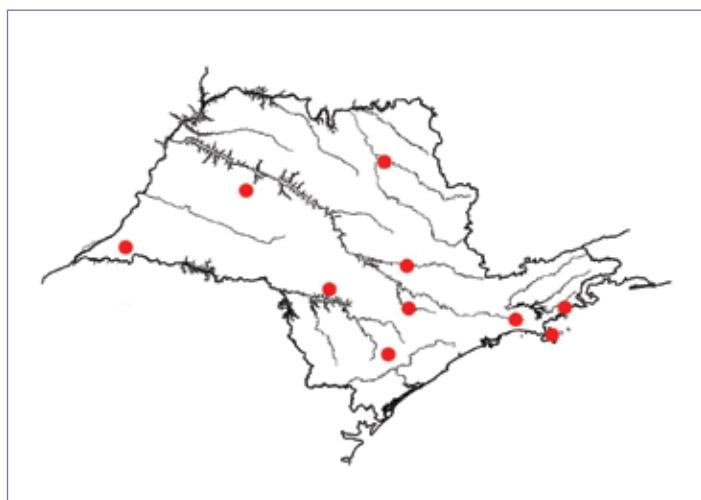
Ameaças

Destrução e fragmentação do habitat, perseguição humana (ex. caça), tráfico de ovos e filhotes.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, incorporação de florestas primárias adjacentes aos Parques Estaduais da Serra do Mar e Carlos Botelho.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli



Spizaetus tyrannus (Wied, 1820)

Falconiformes, Accipitridae



Nomes vernaculares

Gavião-pega-macaco, apacanim.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 biii, iv.

Justificativa

Espécie de topo de cadeia que requer grandes áreas de florestas em bom estado de conservação. A constante fragmentação e redução das áreas de florestas resultam na perda do principal habitat utilizado pela espécie e, assim, na redução da área de ocorrência da mesma. Nos últimos 50 anos a maioria dos registros de *S. tyrannus* ficou restrita principalmente à costa atlântica paulista (ver Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Ocorre do sudeste do México, América Central até o sul do Brasil e nordeste da Argentina. Habita principalmente as formações florestais primárias, mas pode ocorrer em fragmentos de vegetação secundária. No Brasil, os biomas Mata Atlântica e Amazônia parecem ser os mais representativos para a espécie.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Turístico Alto do Ribeira, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual do Morro do Diabo, Floresta Nacional de Ipanema, Área Natural Tombada Horto Florestal e Museu Edmundo Navarro de Andrade.

Biologia da espécie

Vive solitário ou em pares e voa em círculos acima da floresta. A dieta é composta principalmente de aves e mamíferos de médio porte. Lagartos, serpentes e morcegos também constituem itens alimentares (Rangel-Salazar & Enriquez-Rocha, 1997; Sick, 1997; Fergunson-Lees & Christie, 2001). A espécie habita o interior e a borda da floresta, além das margens de rios e clareiras (Fergunson-Lees & Christie, 2001). Postura de um ou dois ovos, e o filhote abandona o ninho por volta de 70 dias (ver Rangel-Salazar & Enriquez-Rocha, 1997; Fergunson-Lees & Christie 2001). A espécie vem sofrendo um considerável declínio no noroeste (México) e no sudeste (sul e sudeste do Brasil) de sua distribuição (ver Fergunson-Lees & Christie, 2001).

Ameaças

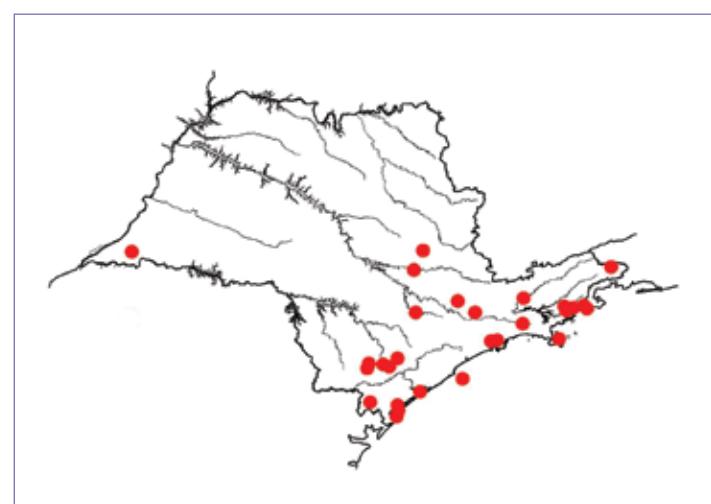
Destrução de habitat, fragmentação de habitat, perseguição humana (ex. caça), tráfico de ovos e filhotes.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, conscientização da população, fiscalização. Incorporação de florestas primárias adjacentes aos Parques Estaduais de Intervales, Turístico do Alto do Ribeira e Serra do Mar.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Nomes vernaculares

Gavião-de-penacho, apacanim.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Nos últimos 45 anos os registros indicam que *S. ornatus* está restrito a seis localidades ao longo da Mata Atlântica paulista (Ilhabela, Estação Ecológica Jureia-Itatins e parques estaduais de Intervales, Turístico do Alto do Ribeira, Ilha do Cardoso e Serra do Mar) (ver Willis & Oniki, 2003; Develey, 2004). Adicionalmente, é uma espécie florestal que necessita de extensas áreas e que vem sofrendo um aparente declínio populacional com a redução e a fragmentação de seu habitat.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Distribui-se do sudeste do México e América Central até o sul do Brasil e o extremo norte da Argentina. Habita as florestas primárias tropicais e subtropicais, principalmente do nível do mar até 1.500 m de altitude. A Floresta Amazônica e a Mata Atlântica são os dois principais biomas utilizados por *S. ornatus* no Brasil.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual do Alto do Ribeira, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual da Serra do Mar, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

A espécie vive solitária ou em pares, sendo mais exigente quanto à qualidade do habitat do que *S. tyrannus* (Ferguson-Lees & Christie, 2001). Pode utilizar a borda da mata, clareiras e as áreas ao longo de rios. Caça principalmente no interior da mata, onde captura aves, mamíferos de médio porte, lagartos e serpentes (Klein *et al.*, 1988). O gavião-de-penacho realiza a postura de um ou dois ovos, e os filhotes abandonam o ninho entre 66 a 93 dias (Ferguson-Lees & Christie, 2001). Aparentemente extinta no oeste do Equador (Ferguson-Lees & Christie, 2001) e com a população em declínio ao longo de toda a sua distribuição.

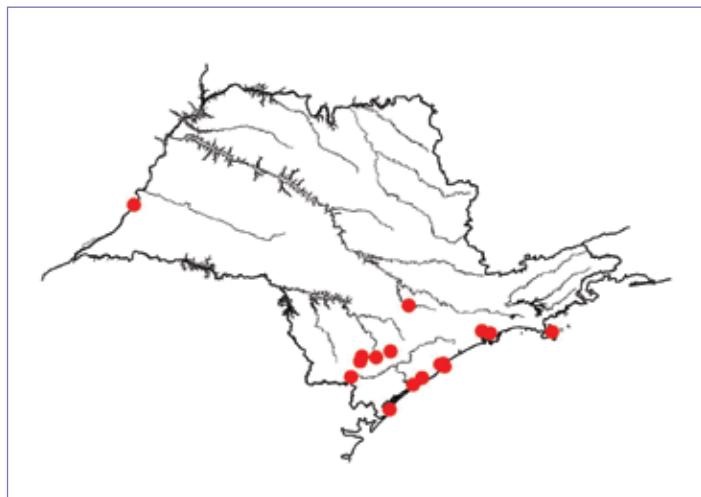
Ameaças

Destrução do habitat, fragmentação de habitat, perseguição humana, tráfico de ovos e filhotes, diminuição das presas provocada pela caça.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, conscientização da população, fiscalização. Incorporação de florestas primárias adjacentes aos parques estaduais de Intervales e Turístico do Alto do Ribeira.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli



Ibycter americanus (Boddaert, 1783)

Falconiformes, Falconidae

Nomes vernaculares

Gralhão, caracará-preto, cã-cã.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Os registros para o Estado são restritos a cinco indivíduos depositados no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo. A espécie é rara ao longo de sua distribuição e, aparentemente, mais rara ainda em São Paulo, limite sul de sua ocorrência. Não há evidências recentes de populações desta espécie no território paulista.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): PE; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): RE.

Distribuição e habitat

Sul do México, América Central e em grande parte da América do Sul. O gralhão habita as formações florestais da Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga, sendo mais encontrado ao longo dos rios, clareiras e bordas de mata bem conservadas (ver Ferguson-Lees & Christie, 2001).

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Espécie essencialmente social que vive em grupos de 3 a 7 indivíduos, podendo chegar a mais de dez indivíduos (ver Ferguson-Lees & Christie, 2001). Diferentemente da maioria dos Falconiformes, fêmea e macho não apresentam dimorfismo sexual em relação ao tamanho (apenas 2-3%). A dieta do gralhão é composta principalmente de vespas, incluindo larvas e ovos. Besouros, abelhas, lagartas e frutos macios (principalmente de palmeiras) também fazem parte da sua alimentação (Whittaker, 1996; Sick, 1997; Thiollay, 1989). A maior população se encontra no norte da América do Sul. Aparentemente não se reproduz anualmente – um grupo estudado por cinco anos reproduziu-se uma única vez (ver Ferguson-Lees & Christie, 2001). A espécie ocorria anteriormente no México e na América Central até por volta de 1950-1960. No entanto, a mesma sofreu um grande declínio e aparentemente foi extinta em grande parte desta região (ver Ferguson-Lees & Christie, 2001).

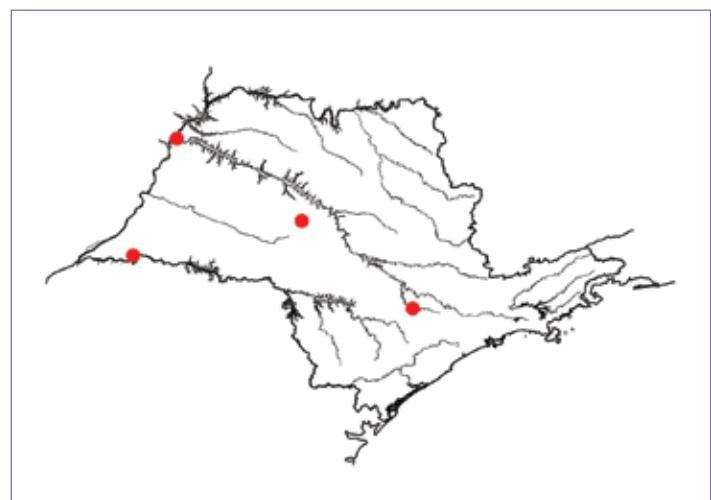
Ameaças

Destrução e fragmentação do habitat, perseguição humana.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

AUTOR: Marco Antonio Monteiro Granzinolli



Nomes vernaculares

Cauré, falcão-morcegueiro.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 abiii,iv.

Justificativa

Está em declínio ao longo de toda a sua distribuição, em virtude principalmente da substituição de seu habitat pela agricultura (Global Raptor Information Network, 2008). Os dados dos últimos 60 anos indicam que a espécie é rara no Estado e está restrita a seis localidades – Teodoro Sampaio, Ouroeste, Tarumã, Itapetininga, Intervales e Carlos Botelho (ver CEO, 2000; Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre no México, na América Central e em grande parte da América do Sul. O cauré distribuiu-se por todo o Brasil, exceção feita aos estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Sick, 1997; Ferguson-Lees & Christie, 2001). Habita as formações florestais neotropicais, sendo frequentemente encontrado nas bordas, clareiras e ao longo dos rios de florestas primárias (Cadê, 1982). Em São Paulo, os registros mais frequentes são para os fragmentos de Mata Atlântica dos Parques Estaduais de Intervales, Carlos Botelho e Morro do Diabo (ver Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Intervales.

Biologia da espécie

Os indivíduos vivem em casais ao longo de todo o ano e têm hábito predominantemente crepuscular (Cadê, 1982). A dieta é composta principalmente de aves, grandes insetos e morcegos. Geralmente os morcegos correspondem a aproximadamente 15% dos itens consumidos, no entanto, alguns indivíduos podem consumir quase que exclusivamente esse tipo de presa (Cadê, 1982; Chavez-Ramirez & Enkerlin, 1991). A espécie nidifica em ocos de árvores, provavelmente feitos por pica-paus e psitácideos, situados entre 10 e 50 m de altura do solo. Além disso, pode utilizar fendas nas rochas de penhascos e morros como substrato. Geralmente realiza a postura de dois ou três ovos (Cadê, 1982). É uma das espécies de *Falco* que possui maior dimorfismo sexual em relação ao tamanho. Os machos possuem cerca de 60% da biomassa das fêmeas (Cadê, 1982).

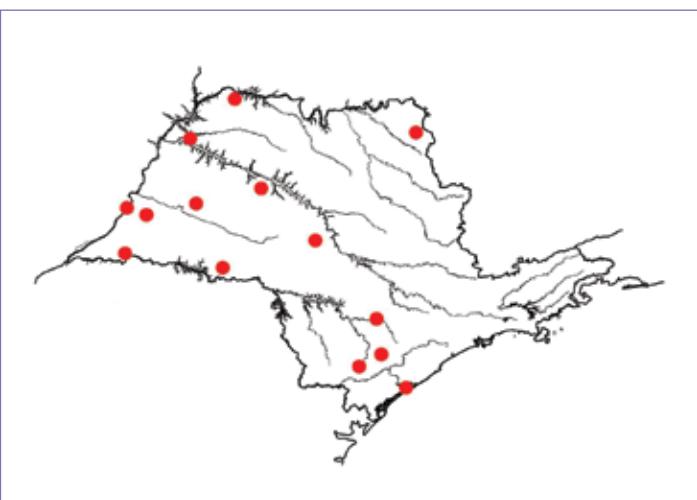
Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat, agrotóxicos.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, conscientização e fiscalização sobre o uso de agrotóxicos com metais pesados.

AUTORES: Marco A.M. Granzinolli, Gustavo Sebastian Cabanne



Micropygia schomburgkii (Schomburgk, 1848)

Gruiformes, Rallidae

Nome vernacular

Maxalalagá.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Poucos registros, dependente de habitat ameaçado por ocupação para atividades agropecuárias.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Da América Central à Venezuela. Localmente no Brasil central (Goiás e Mato Grosso) e oriental (Bahia e São Paulo) (Sick, 1997). Habita campos secos de capim alto (Sick, 1997) ou campos úmidos próximos de buritizais ou matas de galeria (Negret & Teixeira, 1984 *apud* Motta Junior, 1991), campos cerrados de capim alto, mesmo longe da água. Há poucos registros em pastos artificiais (Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Floresta Estadual Santa Bárbara, Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

Alimenta-se de besouros, gafanhotos, formigas e outros artrópodes. Forrageia no chão, usualmente nos capinzais ou em meio a arbusto baixos. (del Hoyo *et al.*, 1996). No Distrito Federal foi constatado ser presa do lobo-guará, *Chrysocyon brachyurus* (Motta-Junior, 1991). É territorial e monogâmico. Aparentemente é sedentário (del Hoyo *et al.*, 1996).

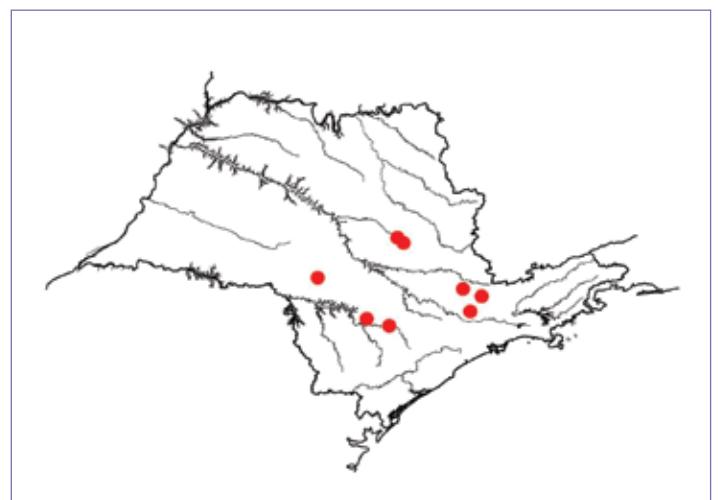
Ameaças

Aparece nas bordas de campos queimados, expulso de seu habitat e intoxicado pela fumaça, tornando-se presa fácil de *Falco femoralis* (Sick, 1997). Ocupação dos campos nativos por atividades agropecuárias (Willis & Oniki, 2003).

Medidas para a conservação

Proteção das áreas de ocorrência. Criação de unidades de conservação em remanescentes de campos naturais.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Nome vernacular

Sanã-de-cara-ruiva.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1ac, B1 iii,iv.

Justificativa

Espécie conhecida para o Estado por um único exemplar encontrado morando numa linha férrea no município de Itirapina (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Bioma Cerrado. Distribuição pontual em campos úmidos de Minas Gerais, Distrito Federal, São Paulo, Bolívia e Paraguai (Sick, 1997; Brace *et al.*, 1998; Willis & Oniki, 2003; Vasconcelos *et al.*, 2008).

Presença em unidades de conservação

O registro ocorreu muito próximo da Estação Ecológica de Itirapina; é possível que a espécie ocorra no seu interior (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Desconhecida.

Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração do habitat; manejo do ambiente visando à conservação de áreas campestres dentro da Estação Ecológica de Itirapina e pesquisa científica com o objetivo de avaliar o status desta população e buscar outras populações nas poucas áreas de campo natural remanescentes no Estado.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Gallinula melanops (Vieillot, 1819)

Gruiformes, Rallidae

Nome vernacular

Frango-d'água-carijó.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Possui uma distribuição restrita ao centro-leste do Estado, ocorrendo em áreas do litoral.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Ocorre da Argentina e Chile ao Brasil, passando pelo Rio Grande do Sul e chegando até o Ceará (Sick, 1997). No Estado de São Paulo possui uma ocorrência voltada para a porção leste, onde já foi registrada em quatro sub-regiões, como o Vale do Paraíba (Taubaté e Tremembé), arredores da Região Metropolitana de São Paulo, especialmente as cidades de São Bernardo do Campo, São Paulo e Atibaia, a região centro-leste do Estado (Rio Claro e Itirapina) e uma região do litoral centro-norte (Cubatão e Ilhabela). Vive em áreas alagadas, várzeas, brejos, represas e lagoas naturais, cercada por vegetação aquática flutuante. Pode ser encontrada em campos, canaviais ou arrozais (Willis e Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina, Parque Ecológico Tietê e Parque Estadual de Ilhabela.

Biologia da espécie

Apresenta uma coloração interessante, face escura, costas tingidas de castanho vivo e flancos salpicados de nódoas brancas e redondas. Possui pés lobulados, bico verde e íris vermelha (Sick, 1997). É um pouco menor que o frango-d'água-comum (*Gallinula chloropus*). Alimenta-se de plantas aquáticas, crustáceos, moluscos, insetos e sementes. Coloca de quatro a oito ovos. Assim como outros ralídeos, esta espécie é pouco conhecida no Estado.

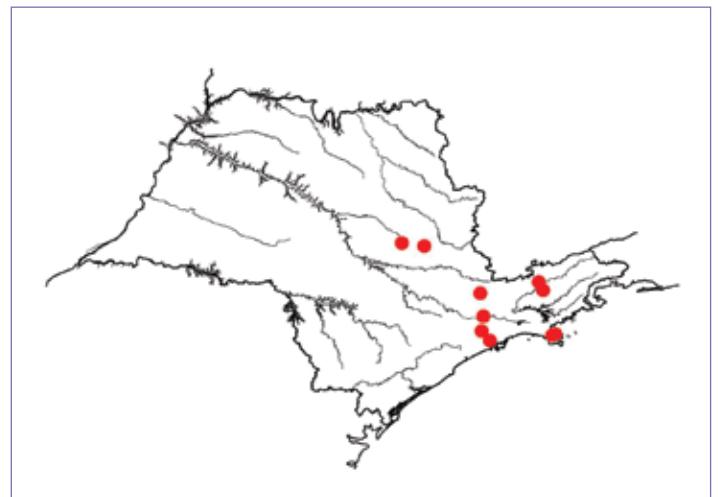
Ameaças

Perda de habitat, principalmente as áreas alagadas, lagoas naturais, várzeas e brejos.

Medidas para conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas de várzea, brejo e lagoas naturais; levantamento de informações sobre a história natural desta espécie e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck



Nome vernacular

Picaparra.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Poucos registros no Estado. Dependente de habitat ameaçado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Ocorre do México à Bolívia e Argentina. Presente em todo o Brasil amazônico e baixadas florestais do leste, entre a Bahia e Santa Catarina (Sick, 1997). Pequenos rios, profundos, sombreados, de águas calmas, destituídos de vegetação aquática, ladeados de barrancos sobre os quais se inclinam raízes e cipós. Matas de baixadas. Na Amazônia, habita igarapés, rios maiores e lagos orlados de vegetação flutuante. É capaz de sobreviver em poças d'água represada e bem ensolaradas, ao longo das rodovias. Pernoita em galhos sobre a água. Mergulha bem quando perseguido (Sick, 1997). Lagoas ou rios mansos na mata ou borda desta, raramente fora (Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo.

Biologia da espécie

Alimenta-se de besouros, formigas caídas na água, libélulas, aranhas, pequenos caranguejos e outros (Sick, 1997). Nidifica na vegetação sobre a água. Os filhotes, que nascem ainda pouco desenvolvidos, são transportados nas costas dos pais (Sick, 1997). É residente, embora espécimes tenham sido encontrados acidentados fora de sua área normal de distribuição (del Hoyo *et al.*, 1996).

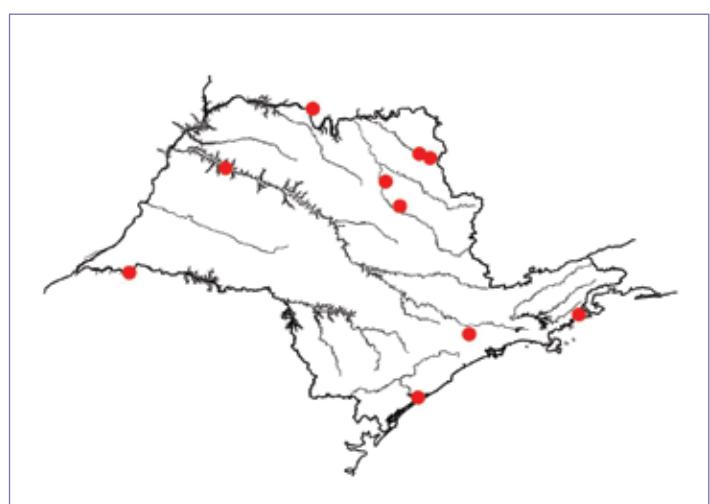
Ameaças

Às vezes é apanhado em tarrafas e redes durante pescarias noturnas (Sick, 1997). Destrução das matas ciliares.

Medidas para a conservação

Preservação do habitat em suas áreas de ocorrência. Melhor conhecimento de sua distribuição geográfica.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Vanellus cayanus (Latham, 1790)

Charadriiformes, Charadriidae

Nomes vernaculares

Batuíra-de-esporão, mexeriqueira.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Poucos registros recentes em São Paulo, todos realizados dentro de unidades de conservação.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Sua distribuição vai do norte da América do Sul até o norte da Argentina, limitada pela Cordilheira dos Andes na sua distribuição mais ocidental (Wiersma, 1996; Sick, 1997). Ocorre em todos os estados brasileiros até o Paraná (Mikich & Bérnuls, 2004). No Estado de São Paulo é amplamente distribuída, com registros ao longo dos seguintes rios: Grande (extremo norte), Paraná (extremo oeste), Tietê (alto e médio), Paraíba do Sul (leste), Ribeira do Iguape (região costeira) e Paranapanema (extremo sul). Sua ocorrência está associada às praias fluviais e a ambientes ripários, ocorrendo também na orla marítima. Os registros mais recentes, feitos entre os anos de 1999 e 2002, realizaram-se na Estação Ecológica de Jataí e na Estação Experimental de Luiz Antônio (Almeida, 2002).

Presença em unidades de conservação

Registros confirmados para Estação Ecológica de Jataí e Estação Experimental de Luiz Antônio. Em virtude da localização dos registros existentes, é provável a ocorrência no Parque Estadual de Aguapeí; na Estação Ecológica de Ibicatu, Estação Ecológica de Chauás, Estação Ecológica Jureia-Itatins e na Reserva Estadual do Pontal do Paranapanema.

Biologia da espécie

Forrageia em praias arenosas fluviais, nos leitos dos rios sazonais, charcos e também ao longo da costa marítima. Alimenta-se de caracóis e de artrópodes. Durante o período reprodutivo, os indivíduos dessa espécie realizam voos peculiares, e quando permanecem em solo mantêm as asas estendidas uns em frente aos outros. Nidificam em suaves depressões no solo ou diretamente na areia das praias (Wiersma, 1996).

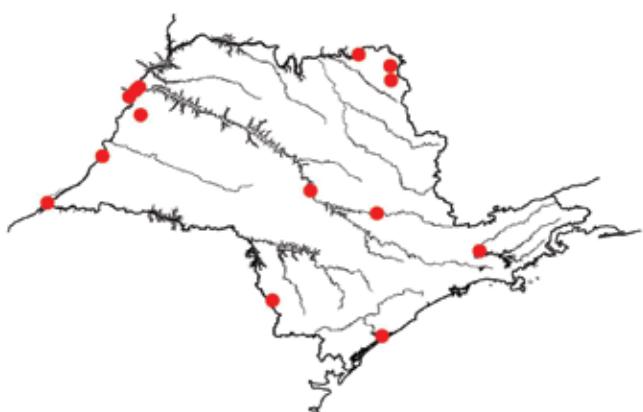
Ameaças

O avanço de empreendimentos hidrelétricos, da extração de areia e da agricultura sobre áreas ripárias e praias fluviais nas bacias hidrográficas vem descaracterizando drasticamente o habitat utilizado por essa espécie. O desmatamento nas nascentes e matas ciliares provoca assoreamento e poluição dos rios.

Medidas para a conservação

Preservação de áreas de várzea e da vegetação das cabeceiras dos rios; recuperação e proteção das matas ciliares; criação de unidades de conservação que protejam as nascentes dos rios. Além disso, recomenda-se a realização de estudos sobre a dinâmica populacional da espécie.

AUTOR: Giulyana A. Benedicto



***Haematopus palliatus* Temminck, 1820**
Charadriiformes, Haematopodidae

Nomes vernaculares

Piru-piru, ostrero.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

As populações declinaram em função de alterações ambientais ou por causa da diminuição da área de distribuição.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre da América do Norte ao sul da América do Sul; toda a costa brasileira, onde nidifica (Sick, 1997). A espécie é restrita à beira-mar, encontrada em costões expostos à arrebentação e praias arenosas. No Brasil, ocorre em todos os estados, mas com maior população no Rio Grande do Sul.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Estação Ecológica Jureia-Itatins.

Biologia da espécie

É uma ave de praia e alimenta-se de gastrópodes, ostras, cracas e lamelibrânquios, caranguejos e outros invertebrados. Forrageia principalmente em praias arenosas, costões rochosos e planícies intermareais (lama). Os ninhos são depressões rasas raspadas em partes mais elevadas de praias arenosas ou rochosas acima da linha da maré de sizígia. As fêmeas colocam geralmente dois ovos, mas posturas de quatro ovos foram registradas. Ambos os pais incubam os ovos. São encontrados geralmente forrageando em casais isolados, pois é forte o senso de territorialidade (Hepplestopn, 1972). A época de reprodução em São Paulo vai de outubro a janeiro. Os ninheiros podem levar até 60 dias para que seus bicos tornem-se fortes o bastante para conseguir abrir seus próprios bivalves (Hartwicke, 1974). Os filhotes podem permanecer com seus pais por até seis meses (Lauro & Burger, 1989). No Censo de 2007, na Praia da Ilha

Comprida, foram encontrados seis casais nidificando nas dunas. Nessa mesma ocasião, também foram encontrado dois ninhos de *Haematopus palliatus*, na praia do Pereirinha, na Ilha do Cardoso.

Ameaças

Destrução de habitat, especulação imobiliária, poluição, turismo. A especulação imobiliária ao longo do litoral para a construção de residências e outros empreendimentos relacionados com veraneio é a principal ameaça às dunas e praias.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat e pesquisa científica. Criar unidades de conservação nas áreas de ocorrência da espécie para garantir áreas mínimas de habitat preservadas e protegidas. Monitorar a população do estado para ter o mínimo de conhecimento da sua dinâmica.

AUTOR: Edison Barbieri



Numenius borealis (Forster, 1772)

Charadriiformes, Scolopacidae

Nome vernacular

Maçarico-esquimó.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c; D1.

Justificativa

Espécie considerada extinta.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Esta espécie realizava sua rota de migração entre o Canadá (e possivelmente o Alasca) e a Argentina, passando pelo Brasil (del Hoyo *et al.*, 1996). Os registros para o Brasil foram feitos no Amazonas, Mato Grosso e São Paulo. Considerado visitante comum no interior de nosso país (Sick, 1997). Utilizava ambientes alagados, banhados e brejos.

Presença em unidades de conservação

Os únicos registros para o Estado de São Paulo (feitos entre setembro e novembro) foram realizados na região de Iperó, onde está localizada atualmente a Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Maçarico grande (33 cm), bico longo e curvo. Sua plumagem é cinza-escura, com manchas pretas nas asas e dorso e marrom por todo o corpo. Em voo era possível observar o tom canela embaixo da asa. Muito parecido com o maçarico-galego (*Numenius phaeopus*), que ocorre em localidades como Cubatão (Olmos & Silva e Silva, 2003) e Itanhaém (Fabio Schunck *obs* *pess.*). Estas aves alimentam-se de pequenos invertebrados que capturam na lama e no sedimento dos estuários e corpos d'água das áreas que utilizam durante o período de migração. Este maçarico era abundante até 1850, quando teve início a caça intensiva para alimentação em algumas regiões dos Estados Unidos. A destruição das pradarias norte-americanas e dos Pampas da América do Sul e principalmente o uso indiscriminado de agrotóxicos em plantações na Argentina, juntamente com as demais ações, pode ter sido o fator principal da redução populacional e consequentemente da extinção desta espécie. Os últimos registros da América do Norte datam do período entre 1987 e 1992, quando sua população global era estimada em 50 indivíduos (Del Hoyo *et al.*, 1996).

Ameaças

Perda de habitat, caça e uso de agrotóxicos em plantações.

Medidas para a conservação

Busca de novos pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck



Nome vernacular

Trinta-réis-anão.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Apresenta distribuição restrita à porção leste do Estado, principalmente na baixada litorânea, mas ocorre ocasionalmente em rios e lagos do interior.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre das Guianas à Argentina, Bolívia e Colômbia. No Brasil pode ser encontrada em todas as regiões (Sick, 1997). No Estado de São Paulo a espécie pode ser encontrada na região leste, principalmente nas áreas do litoral, onde utiliza áreas alagadas de estuários, mangues e praias, e no interior, onde utiliza rios, represas e lagos (Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Área de Preservação Ambiental Federal Cananeia-Iguape-Peruíbe, Floresta Nacional de Ipanema e Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Picinguaba. Pode ocorrer no Parque Ecológico Guarapiranga, no Parque Estadual de Ilhabela e na Reserva Florestal do Pontal do Paranapanema.

Biologia da espécie

Trata-se do menor trinta-réis do Brasil, reconhecido pelo bico amarelo, cabeça preta com estria anteocular branca e pernas alaranjadas (Sick, 1997; del Hoyo *et al.*, 1996). Pode ser observado solitário ou em grupos, alimentando-se de pequenos peixes ou descansando em praias de areia. Reproduz-se nas praias fluviais e lacustres, ao lado de *Phaetusa simplex* e *Rynchops niger*. Pode ter nidificado nas praias dos rios do interior antes das represas e barcos de pesca (Willis & Oniki, 2003). Esta espécie utiliza o mesmo ambiente do trinta-réis-grande (*Phaetusa simplex*).

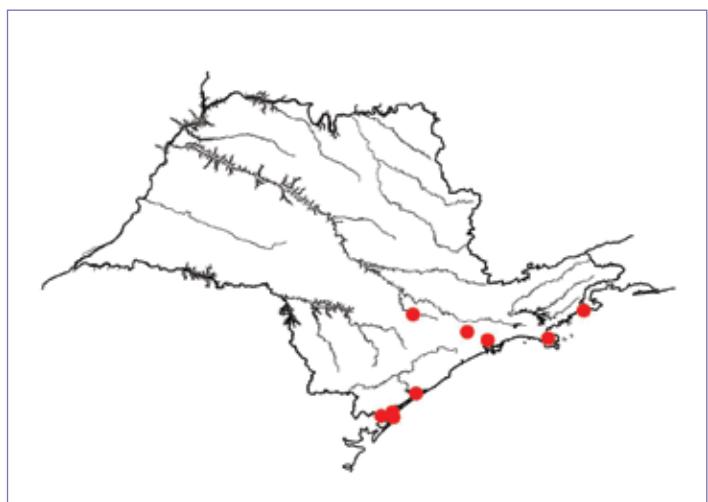
Ameaças

Perda de habitat, principalmente ao longo dos grandes rios do interior e estuários e manguezais do litoral. O uso recreativo desorganizado de praias arenosas de rios e represas pode prejudicar a reprodução desta espécie (Willis & Oniki, 2003).

Medidas para a conservação

Proteção das áreas de reprodução da espécie, levantamento de informações sobre a história natural e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck



Phaetusa simplex (Thunberg, 1823)

Charadriiformes, Sternidae

Nomes vernaculares

Trinta-réis-grande, gaivota.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Apresenta distribuição pontual no Estado, aparecendo ao longo de grandes rios do interior ou mesmo em áreas do litoral.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre em todo o Brasil, chegando até o Uruguai e a Argentina (Sick, 1997; del Hoyo *et al.*, 1996). No Estado de São Paulo pode ser registrada nos rios e represas do interior (durante o período reprodutivo) e nas praias e estuários do litoral (durante o verão) (Olmos *et al.*, 1995; Willis & Oniki, 2003). Em Cubatão é considerada ocasional (Olmos & Silva e Silva, 2003).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso e Área de Proteção Ambiental Federal Cananeia-Iguape-Peruíbe. Pode ocorrer no Parque Estadual do Morro do Diabo, na Estação Ecológica Paulo de Faria, na Reserva Florestal do Pontal do Paranapanema e no Parque Estadual de Ilhabela.

Biologia da espécie

Inconfundível pelo seu porte, desenho das asas e pelo grande bico amarelo-limão (Sick, 1997). Pode ser observado sozinho, em pares ou em grupos numerosos. Reproduz-se em colônias, juntamente com o trinta-réis-anão (*Sternula superciliaris*) e talha-mares (*Rynchops niger*) nas praias dos rios do interior (julho). Faz seu ninho na praia, em uma pequena depressão no chão, onde choca os ovos com a ajuda da areia aquecida. O índice de predação de ovos e filhotes é alto, tanto por aves de rapina, serpentes e mamíferos como por pessoas (del Hoyo *et al.*, 1996;

Sigrist, 2004). Alimenta-se de peixes, insetos ou até mesmo de cupins, que captura durante as revoadas (Willis & Oniki, 2003). Esta espécie utiliza o mesmo ambiente que o trinta-réis-anão (*Sternula superciliaris*), que possui uma plumagem bem parecida, porém é bem menor.

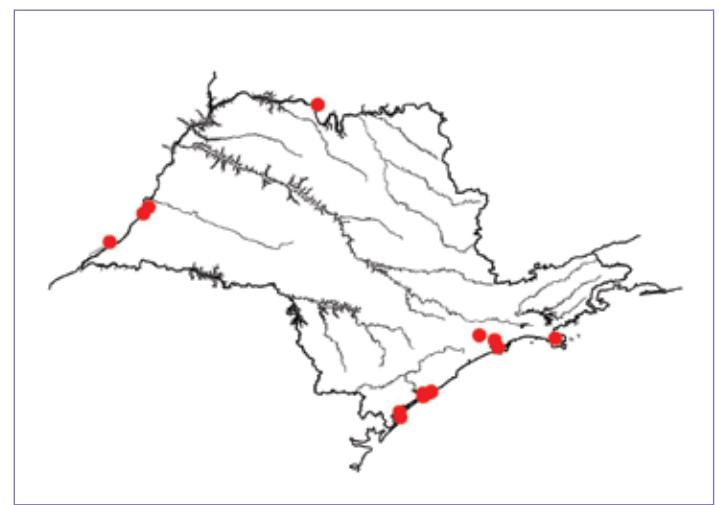
Ameaças

Perda de habitat, principalmente ao longo dos grandes rios do interior e estuários e manguezais do litoral. O uso recreativo desorganizado de praias arenosas de rios e represas pode prejudicar a reprodução desta espécie (Willis & Oniki, 2003).

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação ao longo dos principais rios do Estado e em áreas de manguezal do litoral; restrição do uso recreativo de praias arenosas dos rios do interior durante o período de reprodução da espécie; levantamento de informações sobre a história natural e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck





Thalasseus sandvicensis (Latham, 1787)

Charadriiformes, Sternidae

Nome vernacular

Trinta-réis-de-bando.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

População pequena, em possível declínio, estimada em 400 indivíduos reprodutivos. Está livre de perturbação no Estado apenas na Ilha Laje de Santos. Sofre ameaças na Ilha do Oratório, no Arquipélago dos Alcatrazes, São Sebastião, devido a exercícios de tiro da Marinha do Brasil, e nos demais sítios reprodutivos em virtude de impactos antrópicos nas colônias. Encontra-se ameaçada em seus locais de pouso e alimentação no continente, que constituem ambientes críticos como o manguezal de Cubatão e Santos e a Praia Piaçaguera (Taniquá), em Peruíbe.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

A subespécie *T. s. eurygnatha* é encontrada do Caribe à costa atlântica da América do Sul, até a Argentina. Sua população mundial é estimada em cerca de 20 mil pares. No Brasil, nidifica do Espírito Santo a Santa Catarina. Na costa paulista, pousa também em ilhas, ilhotas, lajes, rochedos, praias e nos bancos de areia ou arenosos de Iguape e Cananeia.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar (Picinguaba), Parque Estadual da Ilha Anchieta, Parque Estadual de Ilhabela, Estação Ecológica de Tupinambás, Parque Estadual Marinho da Laje de Santos, Estação Ecológica de Tupiniquins, Parque Estadual Xixová-Japuí, Refúgio de Vida Silvestre Abrigo-Guararitama, Parque Estadual de Itinguçu, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Área de Proteção Ambiental da Ilha Comprida, Área de Proteção Ambiental de Cananeia-Iguape-Peruíbe, Área de Proteção Ambiental Marinha Litoral Norte, Área de Proteção Ambiental Marinha Litoral Central, Área de Proteção Ambiental Marinha Litoral Sul.

Biologia da espécie

Vive em pequenos bandos e captura pequenos peixes, lulas e crustáceos mergulhando no mar e em estuários, em pouca profundidade (Sick, 1997). Aproveita o descarte da pesca embarcada. Forma colônias reprodutivas em ilhas costeiras e “creches”. Apresenta, às vezes, colônias mistas com *Thalasseus maximus* e, ainda, associada a *Sterna hirundinacea*. Constitui bando grande nos bancos arenosos e lodosos de Cananeia. Seu período reprodutivo ocorre de maio a setembro. São reconhecidas três subespécies, *T. s. sandvicensis* (Latham, 1787) na Europa, Mar Cáspio, Mediterrâneo até o Mar Vermelho, Índia e Sri Lanka; *T. s. acuflavidus* (Cabot, 1848) na América do Norte até o Caribe; e *T. s. eurygnatha* (Saunders, 1876) no Caribe até Brasil e Argentina (Gochfeld e Burger, 1996).

Ameaças

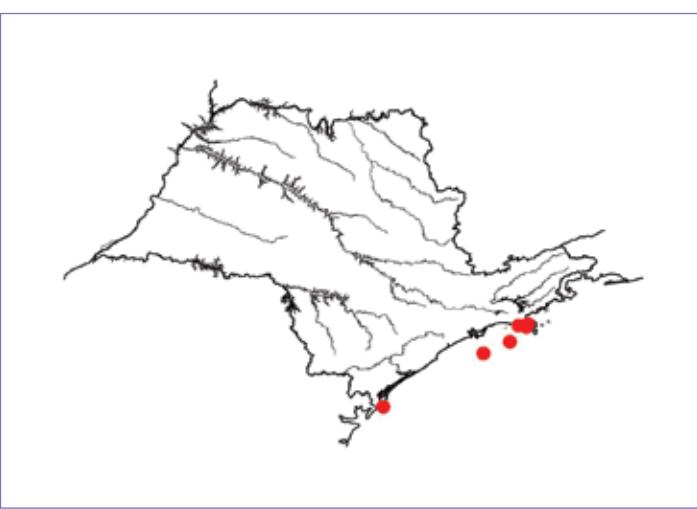
Perturbação e destruição de habitat das colônias reprodutivas. Contaminação e degradação dos locais de pouso e alimentação.

Medidas para a conservação

Proteção integral do habitat dos sítios reprodutivos, pesquisa científica, criação de unidades de conservação da natureza nas ilhas nas quais própria e nos locais de pouso que constituem ambientes críticos.

AUTOR: Fausto Pires de Campos

FOTOGRAFIA: Fausto Campos



Thalasseus maximus (Boddaert, 1783)

Charadriiformes, Sternidae



Nome vernacular

Trinta-réis-real.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Existe apenas um sítio reprodutivo livre de perturbação, o da Ilha Laje de Santos. A população estimada é de 600 indivíduos reprodutivos. Nos outros dois sítios reprodutivos mais constantes sofre ameaças: na Ilha dos Amigos (Sapata), no Arquipélago dos Alcatrazes, devido a exercícios de tiro da Marinha do Brasil, e na Ilha Laje da Conceição, Itanhaém, em virtude de turistas pescadores. Encontra-se ameaçada nos locais de pouso e alimentação no continente, que constituem ambientes críticos, como o manguezal de Cubatão e Santos, e a Praia Piaçaguera (Taniguá), em Peruíbe.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

No Brasil se reproduz exclusivamente no Estado de São Paulo. É encontrada no Pacífico, da costa oeste dos Estados Unidos até o México e o Peru, e no Atlântico, na costa leste dos Estados Unidos, desde Maryland até o Caribe, Brasil e Argentina.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar (Picinguaba), Parque Estadual da Ilha Anchieta, Parque Estadual de Ilhabela, Estação Ecológica de Tupinambás, Parque Estadual Marinho da Laje de Santos, Estação Ecológica de Tupiniquins, Parque Estadual Xixová-Japuí, Refúgio de Vida Silvestre Abrigo-Guararitama, Parque Estadual Itingaçu, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Áreas de Proteção Ambiental da Ilha Comprida, Cananeia-Iguape-Peruíbe, Marinha Litoral Norte, Marinha Litoral Central e Marinha Litoral Sul.

Biologia da espécie

Vive em pequenos bandos e captura peixes, lulas e crustáceos. Forma colônias reprodutivas em ilhas costeiras e "creches" de ninhos. Apresenta, às vezes, colônias mistas com *Thalasseus sandvicensis* e é simpátrica com *Sterna hirundinacea* e *T. sandvicensis*. Forma bandos nos bancos arenosos e lodosos de Iguape e Cananeia. Seu período reprodutivo ocorre de junho a outubro.

Ameaças

Perturbação e destruição de habitat das colônias reprodutivas. Contaminação e degradação dos locais de pouso e alimentação.

Medidas para a conservação

Proteção integral dos sítios reprodutivos, pesquisa científica, criação de unidades de conservação na Ilha Laje da Conceição, Itanhaém, e nos locais de pouso que constituem ambientes críticos.

AUTOR: Fausto Pires de Campos

FOTOGRAFIA: Fausto Campos



Nome vernacular

Rolinha-de-asa-canela.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Apesar de não ser dependente de habitat bem conservado para sobreviver, o pequeno número de registros no Estado, somado à expansão agrícola no interior, evidencia a vulnerabilidade da espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Ocorre desde o México, passando pela América Central, norte da América do Sul, oeste da Colômbia e Peru, centro-sul do Paraguai até o nordeste da Argentina. No Brasil, está distribuída na região central, não ocorrendo ao longo da costa nem na Amazônia. Vive em áreas de vegetação aberta, Caatinga, Cerrado e áreas com vegetação baixa e secundária, preferencialmente mais secas, em áreas de solo arenoso (Sick, 1997; Antas, 2004).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo.

Biologia da espécie

Pode ser facilmente confundida com a rolinha-roxa (*Columbina talpacoti*), espécie simpátrica que ocupa o mesmo tipo de habitat. Vive em casais na maior parte do tempo e, ocasionalmente, em pequenos grupos (Antas, 2004). Alimenta-se de sementes e gramíneas, forrageando preferencialmente no solo (Straube *et al.*, 2004).

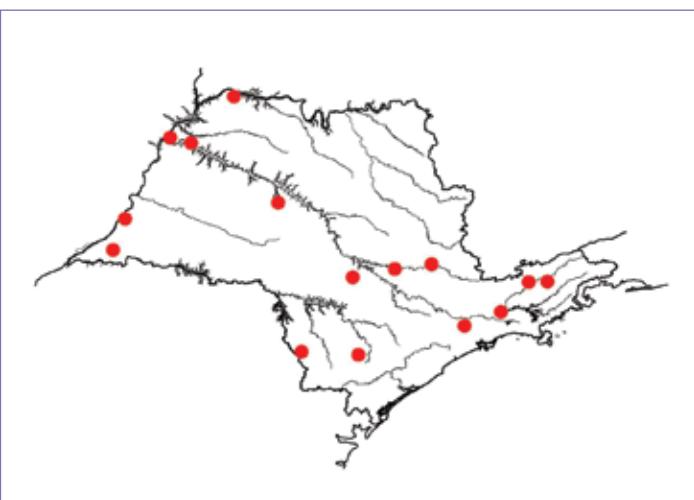
Ameaças

Expansão das monoculturas no interior do Estado, contaminação de sementes usadas na alimentação em função do uso de agrotóxicos e caça de subsistência.

Medidas para a conservação

Buscar novas áreas de ocorrência e realizar estudos sobre a ecologia da espécie para se compreender as variáveis ambientais que influenciam na seleção do habitat.

AUTORES: Pedro Develey, Andre de Lucca



Columbina cyanopsis (Pelzeln, 1870)

Columbiformes, Columbidae

Nome vernacular

Rolinha-do-planalto.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1 a biii, iv.

Justificativa

Sua presença é atestada em São Paulo com base em um exemplar coletado em Itapura, em outubro de 1904. Nunca mais foi vista no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2005): CR; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Endêmica do Cerrado, embora não se tenha um bom detalhamento sobre qual ambiente ela prefere dentro desse bioma. Os poucos registros desta espécie apontam para uma distribuição nos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e São Paulo.

Presença em unidades de conservação

Desconhecida.

Biologia da espécie

A rolinha-do-planalto é uma das espécies mais raras da região neotropical. É conhecida apenas por oito exemplares coletados em diferentes pontos da sua distribuição e por duas observações feitas há mais de dez anos no Mato Grosso e no Mato Grosso do Sul. Acredita-se que sua biologia seja semelhante à das rolinhas do gênero *Columbina*. É uma espécie de pequeno porte e de hábitos predominantemente terrícolas. Não parece ser exigente quanto a altitude. A ausência de registros recentes e confiáveis sugere que a espécie possa ter se extinguido ou sobreviva com uma população muito baixa.

Ameaças

Não são claros os motivos que ameaçam (ou ameaçaram) as populações da rolinha-do-planalto. Sendo uma ave do Cerrado, com uma ampla distribuição, seria esperado que algumas populações ainda sobrevivessem, especialmente nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, que ainda guardam algumas porções de Cerrado bem conservado.

Medidas para a conservação

Procura por novas populações e imediata proteção das áreas onde elas forem eventualmente encontradas. Se algum exemplar ainda for observado, iniciar um programa de pesquisas sobre a sua biologia e necessidades de habitat.

AUTOR: Luís Fábio Silveira



Nome vernacular

Pararu-espelho.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2, B1iii, iv.

Justificativa

A espécie foi relativamente comum na Mata Atlântica e não são conhecidos registros recentes para o Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2005): CR; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Habita a Mata Atlântica primária, com a presença de taquarais. Originalmente encontrada na faixa costeira desde o sul da Bahia até Santa Catarina; também na Argentina e Paraguai.

Presença em unidades de conservação

Não são conhecidos registros recentes e confiáveis para nenhuma unidade de conservação do Estado, embora já tenha sido reportada para o Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Cantareira, Estação Biológica de Boraceia e Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

Uma das espécies de columbídeos menos conhecidas do Brasil. Apresenta marcado dimorfismo sexual de plumagem, com os machos apresentando coloração cinza-azulada enquanto as fêmeas são marrons. Ambos os sexos apresentam um evidente espelho violeta nas asas. Seus hábitos alimentares são pouco conhecidos, mas já foram reportadas concentrações desta espécie durante a frutificação de taquaras, e consta que se alimentam também de frutos de uma planta conhecida como "caruru". O exemplar coletado dentro do *campus* da Universidade de São Paulo coincide com o período de maior criação desta espécie em cativeiro (1980 até início da década de 90) e pode ser resultado de escape. Acredita-se que faça movimentos migratórios. Pode ser facilmente confundida com a pararu-azul, *Claravis pretiosa*, muito mais comum. A maioria (ou quase

todos) dos relatos recentes de *Claravis godefrida* refere-se, na verdade, a *C. pretiosa*.

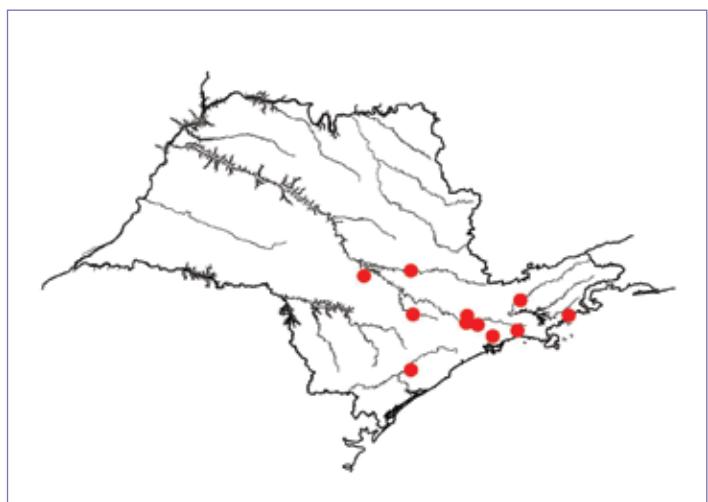
Ameaças

Não são claros os motivos que levaram à diminuição drástica desta espécie em toda a sua área de distribuição. Certamente a degradação da Mata Atlântica contribuiu para que muitas manchas de habitat importantes desaparecessem, e isso pode ser especialmente relevante caso a espécie faça concentrações nos períodos migratórios. Ainda são conhecidos grandes blocos de vegetação primária na Serra do Mar ou mais para o interior (e. g. Intervales e Carlos Botelho), onde há poucos ambientes alterados e a espécie não tem sido vista.

Medidas para a conservação

Procura intensa por novas populações e estudos direcionados para a sua biologia e ecologia. Investigação das causas do seu desaparecimento. Eventual criação em cativeiro para reintrodução.

AUTOR: Luís Fábio Silveira



Patagioenas speciosa (Gmelin, 1789)

Columbiformes, Columbidae

Nomes vernaculares

Pomba-trocal, pomba-trocaz, pomba-pedrês, pomba-do-ar, pomba-carijó ou pomba-divina.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 iii, iv.

Justificativa

Espécie com poucos registros recentes para o Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Ocorre nos biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Ocupa áreas florestais do México à Argentina (Hoyo *et al.*, 1997). Ocorre em todo o Brasil, com exceção do Rio Grande do Sul e de partes do Nordeste (Sick, 1997). No Estado de São Paulo, as matas ciliares parecem constituir seu habitat principal.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Assis e Parque Estadual do Morro do Diabo.

Biologia da espécie

Mede cerca de 30 cm de comprimento. Diurna, habita as copas das árvores. Sua dieta é baseada em frutos. A fêmea põe um único ovo por postura, que é incubado pelo casal por 16 ou 17 dias (Sick, 1997).

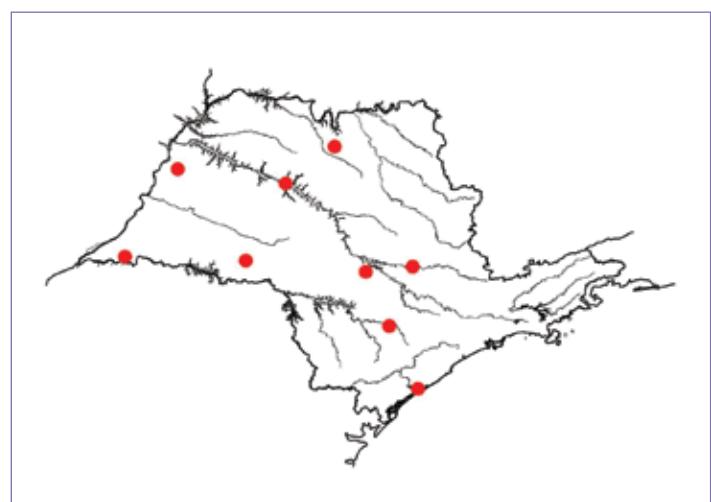
Ameaças

Destrução, degradação e fragmentação do habitat e caça.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das matas ciliares e fiscalização intensiva para coibir a caça. Pesquisa científica visando buscar populações da espécie nos remanescentes florestais do interior do Estado e na bacia do Rio Ribeira de Iguape.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nomes vernaculares

Juriti-vermelha, juriti-roxa, juriti-da-mata ou cabocla-violeta.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 iii, iv.

Justificativa

Espécie naturalmente rara, cujo habitat sofreu grande redução e fragmentação.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Ocorre nos biomas Amazônia, Cerrado e Mata Atlântica. Ocupa florestas da América Central à Argentina (Hoyo *et al.*, 1997). No Brasil, distribui-se de Alagoas ao Paraná, no Mato Grosso, Pará e em Rondônia (Sick, 1997). No Estado de São Paulo, todos os registros confirmados da espécie ocorreram em florestas estacionais semideciduais.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica dos Caetetus e Parque Estadual de Vassununga (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede em torno de 23 cm de comprimento. Sua biologia é pouco conhecida. Diurna, forrageia principalmente no solo, consumindo sementes, frutos e invertebrados (Sick, 1993).

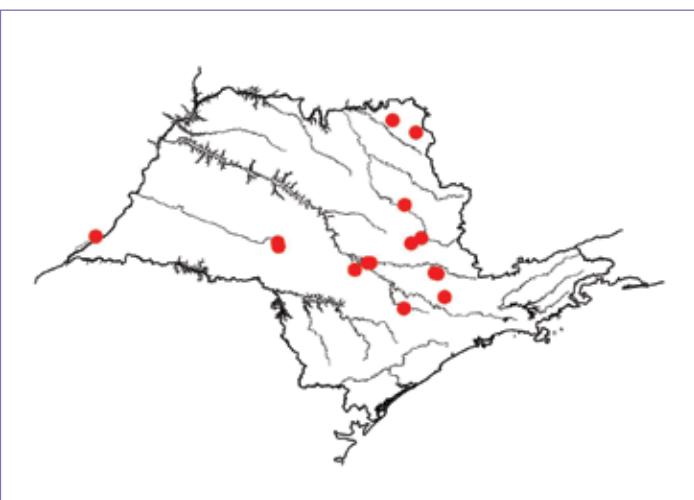
Ameaças

Destrução, degradação e fragmentação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de florestas estacionais; conexão de remanescentes por meio de corredores ecológicos.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Ara ararauna (Linnaeus, 1758)

Psittaciformes, Psittacidae



Nomes vernaculares

Arara-canindé, arara-de-barriga-amarela ou arara-amarela

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c, B1 iii, iv.

Justificativa

Espécie com poucos registros recentes no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): PEx; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Habita principalmente áreas florestais ribeirinhas ricas em palmeiras, como os buritizais. Ocorre da América Central ao Paraguai. Todo o Brasil, exceto o Rio Grande do Sul (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Sem registro publicado (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Chega a medir 80 cm de comprimento. Diurna e arborícola. Vive geralmente em pares e grupos familiares, mas em certas regiões e períodos do ano pode se reunir em bandos numerosos. Alimenta-se de frutos e sementes. Ingere argila rica em sais minerais nos chamados barreiros, geralmente barrancos às margens dos rios. Tal consumo pode servir tanto para complemento nutricional quanto para neutralização de toxinas presentes nas sementes de certas espécies vegetais. Nidifica em ocos de árvores, principalmente palmeiras mortas, onde põe de um a três ovos. Entre seus predadores naturais encontra-se o lobo-guará *Chrysocyon brachyurus* (Bianchi *et al.*, 2000).

Ameaças

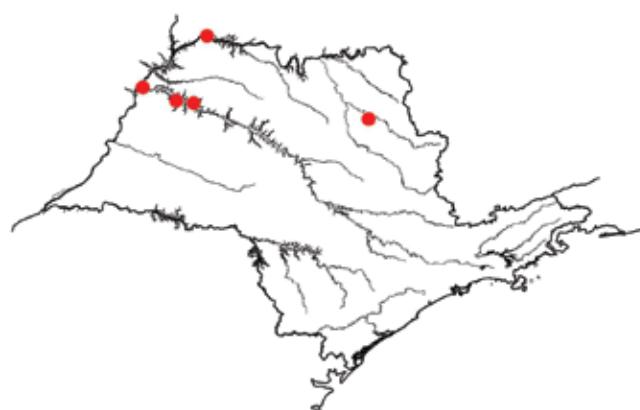
Destrução, fragmentação e degradação de habitat; tráfico de animais silvestres.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de habitat; fiscalização intensiva para coibir a captura e pesquisa científica para o restabelecimento de populações a partir de indivíduos provenientes do cativeiro.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Nomes vernaculares

Arara-vermelha-grande, arara-vermelha ou arara-verde.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c, B1 iii, iv.

Justificativa

Espécie com poucos registros recentes, visada por traficantes de animais silvestres e que ocorria em regiões atualmente muito desmatadas e degradadas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): provavelmente extinta; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Das áreas florestadas do Panamá ao norte da Argentina e todo o Brasil, exceto Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Chega a medir 90 cm de comprimento e pesar 1,5 kg (Sick, 1997). Diurna e arborícola. Vive geralmente em pares e pequenos grupos familiares. Alimenta-se de frutos e sementes (Sick, 1997; Santos, 2001). Ingere argila rica em sais minerais nos barreiros. Nidifica em ocos de árvores ou paredões rochosos; a fêmea põe de um a três ovos e a incubação pode chegar a 30 dias (Sick, 1997).

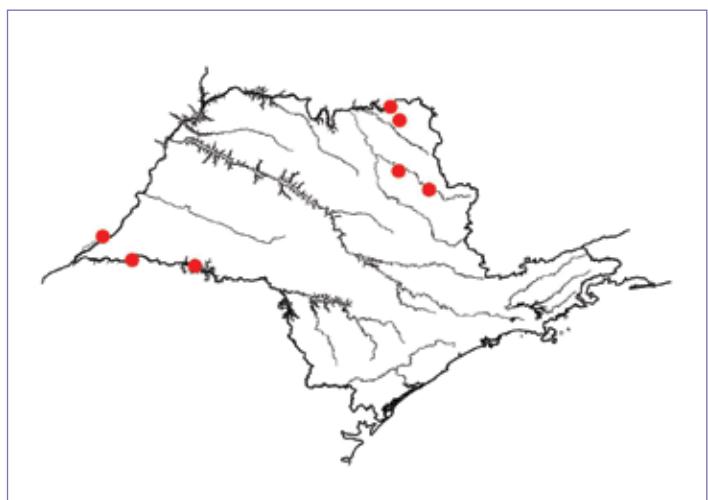
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat; tráfico de animais silvestres.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de habitat; fiscalização intensiva para coibir a captura e pesquisa científica para o restabelecimento de populações a partir de indivíduos provenientes do cativeiro.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Orthopsittaca manilata (Boddaert, 1783)

Psittaciformes, Psittacidae

Nomes vernaculares

Maracanã-do-buriti ou maracanã-de-cara-amarela.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c, B1 iii, iv.

Justificativa

Distribuição muito restrita no Estado e sem registro de ocorrência em unidades de conservação.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Cerrado e Pantanal (Sick, 1997; Nunes *et al.*, 2008). Ocorre em matas ciliares e buritzais de Trinidad, Venezuela, Guiana, Suriname, Colômbia até Bolívia. No Brasil, distribui-se pela Amazônia, Brasil central, Mato Grosso do Sul, Piauí, oeste da Bahia, Minas Gerais e nordeste de São Paulo (Sick, 1997; Willis & Oniki, 2003; Nunes *et al.*, 2008).

Presença em unidades de conservação

Sem registros em unidades de conservação.

Biologia da espécie

Chega a medir 44 cm de comprimento (Sick, 1997). Diurna e arborícola. Vive em pares ou grupos familiares. Alimenta-se de frutos e sementes, principalmente da palmeira-buriti *Mauritia flexuosa*. Nidifica em ocos de palmeiras mortas.

Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat; coleta dos frutos do buriti para consumo *in natura*, fabricação de doces e artesanato.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração do habitat.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nome vernacular

Maracanã-verdadeira.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Na sua área de ocorrência no Estado a vegetação florestal encontra-se restrita a poucos fragmentos, a maioria dos quais de pequeno porte (Nunes & Galetti, 2007; Nunes *et al.*, 2007). Além disso, a espécie apresenta baixa variabilidade genética (Craveiro & Miyaki, 2000).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Biomas Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Das áreas florestadas da Argentina e Paraguai ao Piauí e Maranhão (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica dos Caetetus (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede em torno de 40 cm de comprimento (Sick, 1997). Diurna e arborícola. Vive geralmente em pares e pequenos grupos familiares. Alimenta-se de frutos e sementes (Sick, 1997). Nidifica em ocos de árvores (Carvalho & Carvalho, 1992).

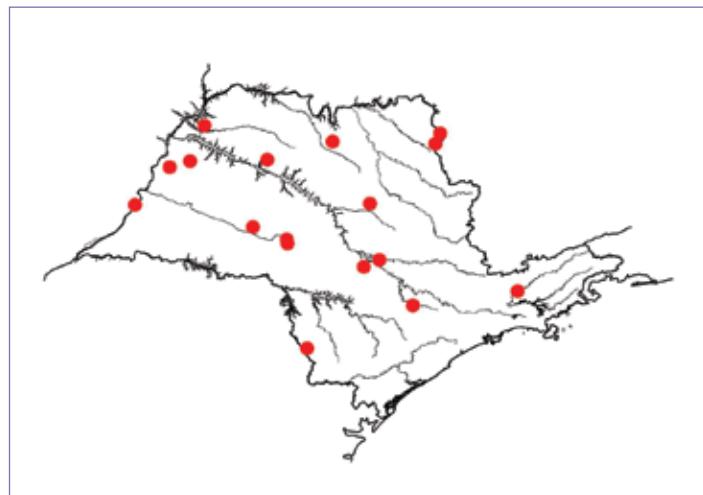
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de florestas estacionais.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Diopsittaca nobilis (Linnaeus, 1758)

Psittaciformes, Psittacidae

Nomes vernaculares

Maracanã-pequena ou maracanã-nobre.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c, B1 iii, iv.

Justificativa

Originalmente, sua distribuição se restringia ao noroeste do Estado, onde em tempos recentes foi encontrada apenas no município de Ilha Solteira (Silva, 2005). Populações provenientes de solturas sem critérios e escapes de cativeiro estão presentes na Grande São Paulo e na região de Campinas (Willis & Oniki, 2003). Entretanto, são reconhecidas subespécies distintas para esta maracanã, e não há estudos demonstrando que esses animais introduzidos são similares aos do noroeste paulista.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2003): não citada; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Ocorre em cerrados e buritizais da Venezuela e Suriname à Bolívia. No Brasil, distribui-se da Amazônia ao Piauí, oeste da Bahia, Brasil central, Minas Gerais, Rio de Janeiro e noroeste de São Paulo (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Os registros da espécie para a Estação Ecológica de Jataí e para o Parque Estadual Alberto Löfgren são resultantes de solturas.

Biologia da espécie

Mede aproximadamente 35 cm de comprimento. Diurna e arborícola. Vive geralmente em pares e grupos familiares, mas em certas regiões e períodos do ano pode se reunir em bandos numerosos. Alimenta-se de frutos e sementes, inclusive de espécies exóticas (Silva, 2005). Nidifica em ocos de árvores, principalmente palmeiras mortas.

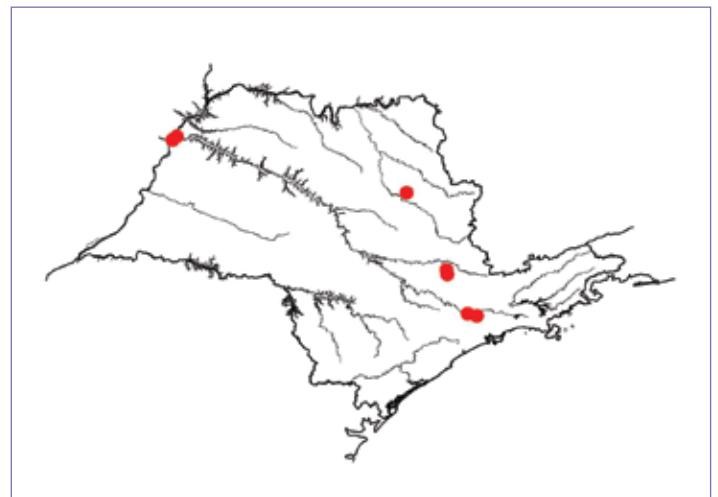
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat; tráfico de animais silvestres.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração do habitat; fiscalização intensiva para coibir a captura.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nomes vernaculares

Apuim-de-costas-pretas, apuim-de-cauda-vermelha, papagainho.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Espécie de ocorrência restrita à faixa florestal leste do Estado, tanto em restingas como em mata de baixada, encosta e planalto, sendo encontrada em poucas localidades.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre originalmente do sul da Bahia (localidade tipo) até o Paraná, passando pelo Espírito Santo, Minas Gerais e São Paulo (Sick, 1997). Utiliza um gradiente que vai desde as matas de baixada (floresta ombrófila densa), incluindo as restingas do litoral, passando pela mata de encosta, do planalto, chegando até as matas altas como em Itatiaia. Vive em mata alta, preservada, mas pode ser encontrado em áreas secundárias.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual Carlos Botelho, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual da Serra do Mar (Curucutu e Caraguatatuba), Estação Experimental de Ubatuba, Estação Biológica de Boraceia, Área de Preservação Ambiental Municipal Capivari-Monos e Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira.

Biologia da espécie

É observado em casais ou grupos grandes, geralmente em voo. Alimenta-se de sementes e bagas de frutos maduros e verdes, permanecendo na fruteira sem vocalizar (Del Hoyo *et al.*, 1997; Marco Antonio Rêgo e Wagner Cavazzere com pess., 2007). Possui uma vocalização típica, porém pode ser confundida com a voz de *Pionopsitta pileata*, que ocorre na mesma área. Sua imagem na natureza associada à gravação da voz só foi feita recentemente (Schunck *et al.*, 2008). O ninho já foi registrado por Paulo Martuscelli (Willis e Oniki, 2003). Esta espécie pode estar sendo confundida com o apuim-de-cauda-amarela (*Touit surdus*), que não possui registro documentado (exemplar coletado, foto, vídeo, gravação) para o Estado de São Paulo. Trata-se de uma das espécies de psitacídeos menos conhecidas em campo (Sigrist, 2004).

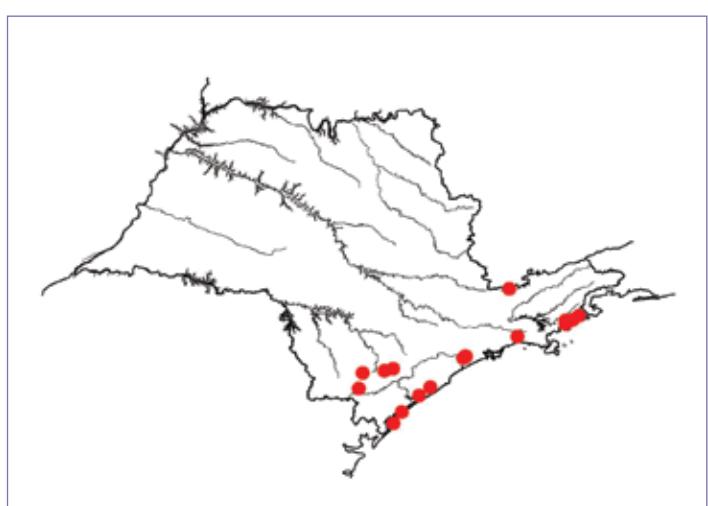
Ameaças

Perda de habitat e fragmentação florestal, principalmente das matas de baixada e restingas do litoral.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada, encosta e planalto e principalmente em áreas remanescentes de restinga, ambiente importante para esta espécie; levantamento de informações sobre a história natural deste apuim e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck



Alipiopsitta xanthops (Spix, 1824)

Psittaciformes, Psittacidae

Nomes vernaculares

Papagaio-galego, papagaio-goiaba ou papagaio-de-barriga-amarela.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c, B1 iii, iv.

Justificativa

Espécie conhecida para o Estado por meio de exemplar coletado no município de Itapura (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Biomas Cerrado e Pantanal. Cerrado e matas ciliares do Maranhão e Piauí até a Bolívia e noroeste de São Paulo (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Não há registros divulgados para unidades de conservação.

Biologia da espécie

Mede em torno de 26 cm de comprimento. Diurno e arborícola. Vive em pares e grupos familiares. Alimenta-se de frutos e sementes. Nidifica em ocos de árvores; a fêmea põe até quatro ovos (Sick, 1997).

Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção, restauração e manejo do Cerrado; pesquisa científica para avaliar o status da espécie em São Paulo.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nomes vernaculares

Papagaio-de-cara-roxa, chauá.

Categoria proposta para São Paulo

EN, A1 a, b, c.

Justificativa

Restrita a uma pequena faixa do litoral centro-sul do Estado. Seu habitat está desaparecendo pela ocupação desorganizada das cidades litorâneas (Galetti *et al.*, 2006).

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Endêmica do sudeste do Brasil, ocorre do litoral centro-sul de São Paulo até o litoral norte de Santa Catarina. Sua principal área de ocorrência no Estado de São Paulo está localizada na região estuarina de Cananeia, Ilha Comprida e Ilha do Cardoso, mas também é encontrada em Iguape, Jureia, Peruíbe, Itanhaém e Mongaguá, onde se encontra o limite norte de sua distribuição. Utiliza a mata de baixada, caxetal, matas paludosas, restinga e áreas de mangue. Pode ocorrer na mata de encosta, chegando até a 300 m (Scherer Neto, 1989; Collar *et al.*, 1992; Martuscelli, 1995; Galetti *et al.*, 2006).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Mosaico do Jacupiranga, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual Campina do Encantado, Área de Preservação Ambiental Estadual da Ilha Comprida e Área de Preservação Ambiental Federal Cananeia-Iguape-Peruíbe.

Biologia da espécie

Alimenta-se de frutos, folhas, sementes, flores e néctar. Sua principal área de reprodução está localizada na Ilha Comprida, e a caxeta (*Tabebuia cassinoides*) está entre as árvores mais utilizadas como ninho. Reproduz-se entre setembro e fevereiro e a fêmea coloca entre três e cinco ovos (Martuscelli, 1995; Cavalheiro, 1999; Carrillo *et al.*, 2002; Juniper e Parr, 2003). A população do papagaio-de-cara-roxa no Estado de São Paulo foi estimada em 1.674 aves. Com base nestas informações e nos censos realizados no Estado do Paraná (Scherer Neto, 1989; Boçon *et al.*, 2004; Sipinski *et al.*, 2004; Scherer Neto & Toledo, 2007), pode-se concluir que a população de *Amazona brasiliensis* em sua área de distribuição é de aproximadamente 6.650 indivíduos.

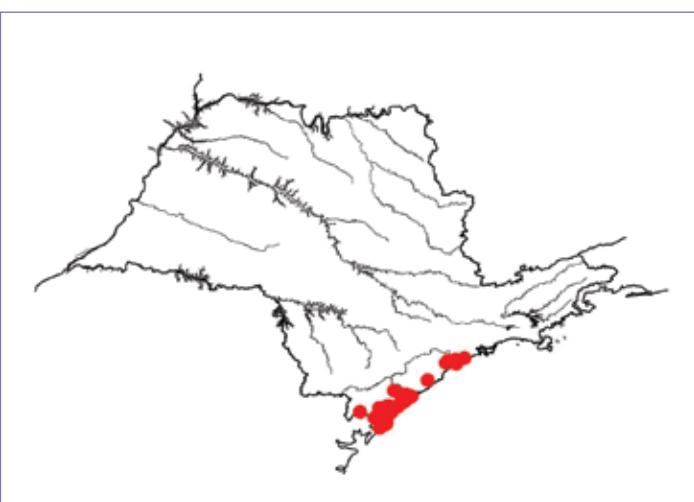
Ameaças

Captura para o comércio ilegal e perda de habitat.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas de ocorrência da espécie, principalmente na região de Cananeia, Ilha Comprida, Peruíbe, Itanhaém e Mongaguá; trabalhos de educação ambiental com a população local, fiscalização contra a captura e comércio ilegal, levantamento de informações sobre a história natural deste papagaio e busca de outros pontos de ocorrência no limite norte de sua distribuição.

AUTOR: Fabio Schunck



Amazona amazonica (Linnaeus, 1766)

Psittaciformes, Psittacidae

Nomes vernaculares

Curica, papagaio-grego, papagaio-do-mangue.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Possui distribuição restrita, associada às matas secas do norte e noroeste do Estado e às matas de baixada do litoral centro-sul.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): NT; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; e Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre da Colômbia até o Paraná (Juniper & Parr, 1998). No Estado, está restrita à porção norte e noroeste, onde utiliza principalmente as matas secas. Existe uma população em Peruíbe (Martuscelli, 1995), dois grupos em Itanhaém e alguns indivíduos na Praia Grande, localidades do litoral centro-sul do Estado (Fabio Schunck *obs. pess.* & Bruno Lima *in litt.*, 2008). No litoral, está associada à floresta ombrófila densa (mata de baixada), restinga arbórea, caxetal e áreas de mangue do Rio Preto e Branco, em Itanhaém.

Presença em unidades de conservação

Reserva Biológica de Sertãozinho, Estação Ecológica de Paulo de Faria e Área de Preservação Ambiental Federal Cananeia-Iguape-Peruíbe.

Biologia da espécie

Muito parecido com o papagaio-verdadeiro (*Amazona aestiva*), porém é diferenciado pelo encontro verde ou amarelo da asa, laranja na base da cauda, azul na cabeça e amarelo nas bochechas. Alimenta-se de sementes e frutos. Vive em casais e são observados em grupos nas áreas de dormitório (Willis e Oniki, 2003). Esta espécie foi registrada recentemente na cidade de São Paulo (Silveira *et al.*, 2006), inclusive um casal entre *Amazona amazonica* e *Amazona aestiva* foi observado com filhotes (híbridos; Pongiluppi & Schunck, 2007). A ocorrência destes

papagaios pode ser atribuída a escape de gaiola ou mesmo introdução. Em Itanhaém já foi observada junto com o papagaio-de-cara-roxa, *Amazona brasiliensis* (Bruno Lima *in litt.*, 2008).

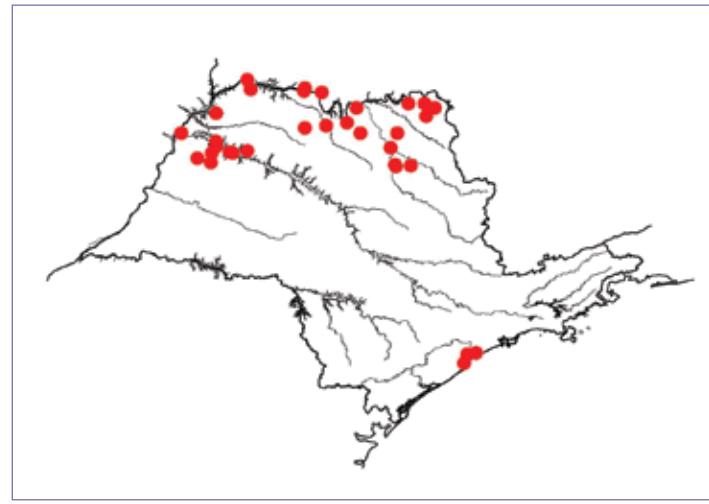
Ameaças

Destrução dos últimos remanescentes de mata seca do norte e noroeste paulista. Em Peruíbe, Itanhaém e Praia Grande, a especulação imobiliária e o crescimento desorganizado das cidades em direção às áreas naturais existentes. A captura para o comércio ilegal é pouco significativa.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de mata seca da região norte e noroeste do Estado e nas áreas de mata de baixada (floresta ombrófila densa), restinga arbórea, mangue e caxetal da região de Peruíbe, Itanhaém e Praia Grande; levantamento de informações sobre a história natural desta espécie.

AUTOR: Fabio Schunck



Nome vernacular

Papagaio-moleiro.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1aiii.

Justificativa

Espécie florestal cujo limite sul da distribuição se localiza ao norte do Estado de São Paulo, em pequenas populações vinculadas a remanescentes florestais. Além disso, sofre constante pressão de captura para o comércio ilegal de aves.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Distribui-se do sul do México à Bolívia. Uma população disjunta ocorre na região costeira do Brasil e abrange desde o sul da Bahia até o norte de São Paulo (Juniper & Parr 2003). Em grande parte de sua distribuição, vive em simpatria com outras espécies do gênero. Com relação à altitude, é frequentemente registrada abaixo de 500 m, apesar de ser ocasionalmente observada a 1.500 m (Collar 1997).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual de Ilhabela.

Biologia da espécie

Segunda maior espécie do gênero *Amazona* no Brasil. Geralmente vive em bandos de aproximadamente 20 indivíduos. Sua alimentação é composta de sementes e frutos de palmeiras, vagens, brotos e flores, além de frutos de diversas outras espécies. Nidifica em cavidades de árvores normalmente entre 3 e 30 m do solo.

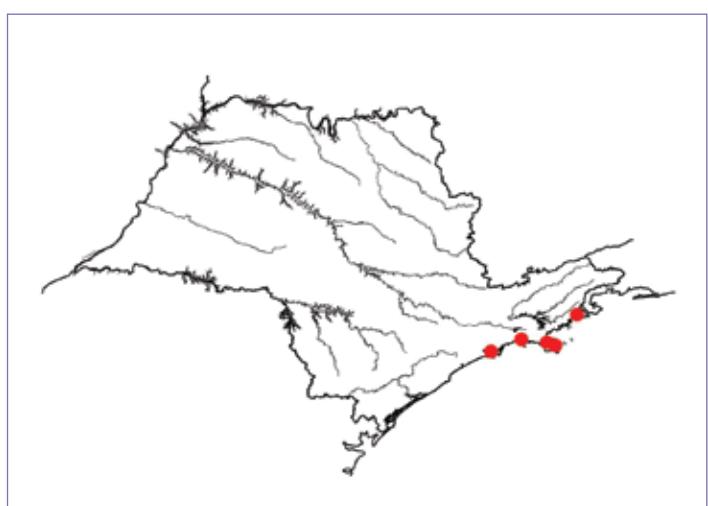
Ameaças

Por ser uma espécie florestal, suas populações respondem diretamente à fragmentação das matas tropicais úmidas. Merece destaque no Estado de São Paulo, por ser seu limite meridional. Embora menos procurada do que outras espécies de papagaios, tem sido ativamente comercializada para criação como ave de companhia e, em virtude de seu grande tamanho, é em algumas regiões caçada para servir à comunidade como item alimentar.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação na sua área de ocorrência. Implementação de programas de fiscalização e educação ambiental objetivando coibir a captura tanto para o comércio ilegal como para o consumo. Concomitantemente, por se tratar de uma espécie politípica, com três táxons subespécíficos, é de grande importância o desenvolvimento de estudos taxonômicos que venham a elucidar a validade dos mesmos, contribuindo assim para futuros programas de conservação.

AUTOR: Marina Somenzari



Amazona vinacea (Kuhl, 1820)

Psittaciformes, Psittacidae

Nome vernacular

Papagaio-de-peito-roxo.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1ac.

Justificativa

Espécie dependente de florestas, especialmente aquelas com araucárias. Adicionalmente, está entre as espécies mais capturadas para o comércio ilegal de animais silvestres.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CP; Minas Gerais (2007): EP; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): QA.

Distribuição e habitat

Endêmica da Mata Atlântica, encontrada desde o sul da Bahia até o Rio Grande do Sul, incluindo o sudeste do Paraguai e o norte da Argentina. Demonstra certa dependência com relação às coníferas Araucaria e Podocarpus (Urben-Filho *et al.*, 2008).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Serra do Mar (Núcleo Jacupiranga), Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Parque Estadual de Campos do Jordão, Floresta Nacional de Ipanema e Estação Ecológica de Itararé.

Biologia da espécie

Possui hábito gregário, isolando-se em casais apenas durante o período reprodutivo. Geralmente utilizam dormitórios coletivos. De acordo com a disponibilidade de recursos alimentares, deslocam-se em bandos, podendo realizar movimentações sazonais à procura da frutificação de pinheiros e de outras espécies vegetais (Birdlife International, 2008; Urben-Filho *et al.*, 2008). Reproduz-se entre os meses de setembro e janeiro.

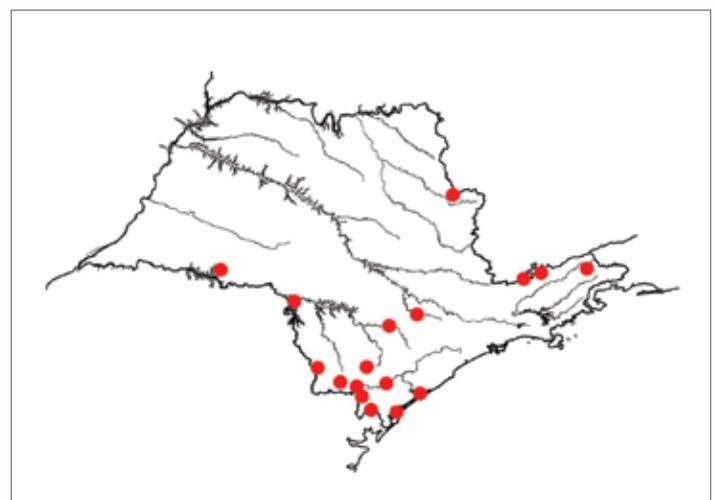
Ameaças

A principal ameaça a essa espécie é a drástica redução de seu habitat preferencial, a floresta ombrófila mista. Outra atividade causadora de quedas populacionais é a captura para o comércio ilegal de aves de estimão.

Medidas para a conservação

Proteção efetiva e recuperação das áreas de ocorrência da espécie, em particular da floresta ombrófila mista. Implantação de programas de educação ambiental. Melhoria da fiscalização, especialmente entre dezembro e fevereiro, com o intuito de impedir a retirada de filhotes. É fundamental o desenvolvimento de estudos de longo prazo relacionados ao mapeamento populacional e ao monitoramento reprodutivo que possam embasar futuras ações conservacionistas.

AUTOR: Marina Somenzari



Nome vernacular

Sabiá-cica.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Ocorre em uma estreita faixa florestal nas matas de baixada da planície litorânea, a qual tem sofrido significativa degradação ambiental.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Registrada nos estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, mas também possui registros para a Bahia (sem ocorrência desde 1833), Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná e Santa Catarina (Sick, 1997). No Estado de São Paulo, ocorre na faixa de floresta ombrófila densa situada ao leste, em um gradiente de altitude que chega a 1.000 m, desde as matas de baixada, atravessando a encosta e a mata do planalto, até as matas mesófilas do interior. Existem dois registros históricos (séc. XIX) em matas mais secas de Botucatu e Anhembi (Willis & Oniki, 2003). Habita matas altas e bem preservadas, desaparecendo de fragmentos e áreas antropizadas (Willis e Oniki, 2003). No Núcleo Curucutu do Parque Estadual da Serra do Mar, pode ser observada em matas nebulares.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Parque Estadual Carlos Botelho, Floresta Nacional de Ipanema, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Serra do Mar (Curucutu e Caraguatatuba), Estação Biológica de Boraceia, Estação Ecológica Jureia-Itatins e Área de Preservação Ambiental Municipal Capivari-Monos.

Biologia da espécie

Alimenta-se de frutos da juçara, embaúbas, figueiras, araçandivas e ingás, além de sementes e brotos. Sua voz é diferenciada das demais espécies da família; quando pousado, seu canto assemelha-se ao de um sabiá (Sick, 1997). Nidifica em ocos de árvores a partir de setembro. Segundo Sick (1968), essa espécie realiza deslocamentos altitudinais do alto da Serra do Mar em direção às matas de baixada após o período reprodutivo.

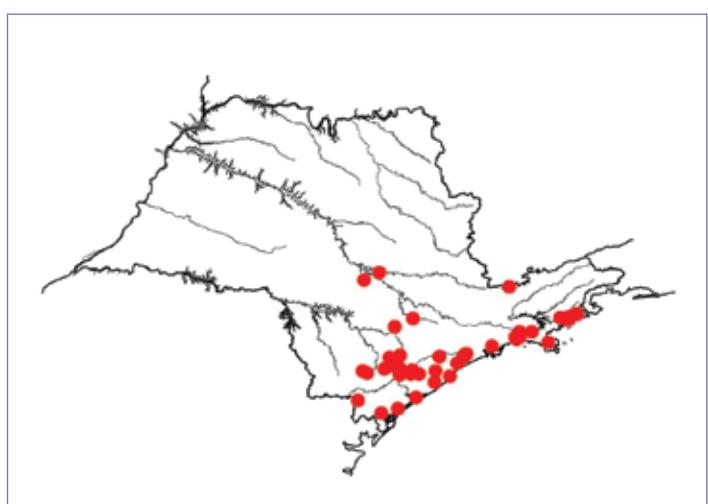
Ameaças

Fragmentação de florestas contínuas, principalmente nas matas de baixada do litoral, para onde se deslocam em determinadas épocas do ano; a baixa disponibilidade de recurso alimentar pelo corte ilegal do palmito; e a captura para o tráfico de animais silvestres.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada e encosta e das matas mesófilas do interior; combate à captura e ao tráfico ilegal de espécies; e levantamento de informações sobre história natural desta espécie e busca de outros pontos de ocorrência, principalmente no interior do Estado.

AUTORES: Fabio Schunck, Giulyana A. Benedicto



Crotophaga major Gmelin, 1788

Cuculiformes, Cuculidae

Nome vernacular

Anu-coroca.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

A espécie é relativamente exigente em relação à qualidade e tipo de habitat, com poucos registros recentes da espécie no Estado. O alagamento de grande parte das matas ciliares existentes no interior de São Paulo, em virtude da construção de hidrelétricas, certamente levou a uma diminuição significativa das populações da espécie. Na Fazenda Barreiro Rico (município de Anhembi), a espécie desapareceu após o alagamento das matas ciliares do Rio Piracicaba para formação da represa de Barra Bonita em 1961 (Magalhães, 1999). Além disso, é uma espécie com baixa tolerância à presença humana constante em seu habitat (Sick, 1997).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre em praticamente todo o Brasil, sempre em matas densas próximas a rios ou lagos (matas ciliares, florestas alagadas, mangues), sendo dificilmente registrada em matas afastadas de corpos d'água ou em matas ao longo de rios encachoeirados.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual de Porto Ferreira; Estação Ecológica de Jataí; Parque Estadual do Morro do Diabo; Estação Ecológica Jureia-Itatins.

Biologia da espécie

Alimenta-se predominantemente de artrópodos, mas pode incluir pequenos répteis na dieta. Eventualmente também ingere folhas e frutos. Vive em pequenos bandos de quatro a sete indivíduos, com registros mais raros de bandos com até 15 indivíduos. Prefere matas ciliares mais densas. Constrói ninho coletivo, onde podem ser incubados até 20 ovos (Sick, 1997).

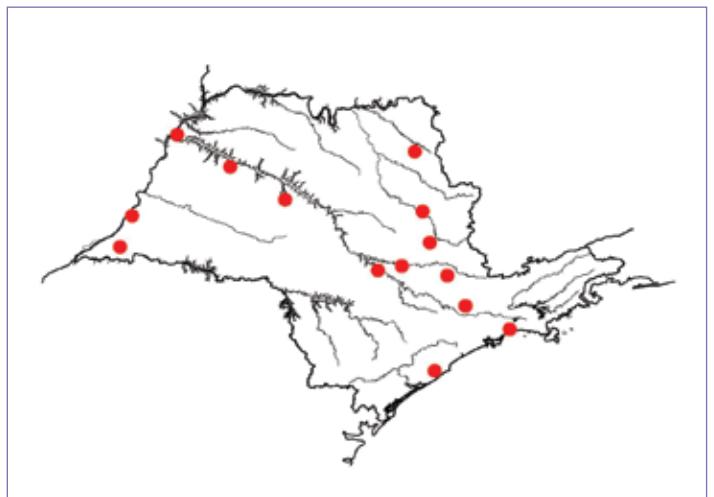
Ameaças

A perda do habitat (alagamento e destruição de matas ciliares) é a principal ameaça, sendo o fator responsável pelas perdas populacionais observadas no Estado.

Medidas para a conservação

Manutenção e recuperação de matas ciliares, especialmente no oeste do Estado, onde devem se concentrar as maiores populações da espécie.

AUTORES: Pedro Develey, Andre de Lucca



Nome vernacular

Peixe-frito-verdeiro.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Considerada provavelmente extinta no Estado (Willis & Oniki 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Do México à Bolívia, localmente em todo o Brasil, da Amazônia ao Rio Grande do Sul, também no Rio de Janeiro e em São Paulo (Sick, 1997). Habita a mata fechada, a pouca altura do solo (Sick, 1997). Do nível do mar até 1.600 m (del Hoyo *et al.*, 1997).

Presença em unidades de conservação

Provavelmente na Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Desce ao chão da mata para alimentar-se de gafanhotos e outras presas (Willis & Oniki, 2003). Também lagartos (del Hoyo *et al.*, 1997). É parasita, seus ovos são encontrados em ninhos fechados de tiranídeos (*Myiozetetes*, *Fluvicola*) e ninhos abertos de formicariídeos (*Thamnophilus doliatus*) (Sick, 1997).

Ameaças

O motivo de seu desaparecimento ainda não está esclarecido (Willis & Oniki, 2003). O desmatamento no interior do Estado pode ter sido um fato, pois vive em bordas de matas secas e ciliares (Willis & Oniki, 2003).

Medidas para a conservação

Busca de sua ocorrência em localidades onde já foi encontrada. Busca em outras áreas não pesquisadas.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Bubo virginianus (Gmelin, 1788)

Strigiformes, Strigidae

Nomes vernaculares

Jacurutu, corujão-orelhudo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 abiv.

Justificativa

Apenas recentemente registrada para o Estado, contando com poucos registros (Aleixo & Silva, 1996; Pedrocchi *et al.*, 2002; Almeida *et al.*, 2003; Donatelli *et al.*, 2007).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; Minas Gerais (2007): não citada; São Paulo (1998): não citada; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila e restinga), mata Amazônica, Pantanal, Cerrado, Caatinga. Normalmente em matas semiabertas, em beira de mata, capões e campos, muitas vezes perto d'água (Sick, 1997). Distribui-se desde a América do Norte e Central até boa parte da América do Sul, excetuando Andes, Chile e sul da Argentina. Ocorre em boa parte do Brasil, exceto na região Amazônica, onde é apenas localmente encontrado (Sick, 1997; König *et al.*, 1999). Chega ao Rio Grande do Sul, onde é raro (Belton, 1994).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira (especificamente no Núcleo Caboclos, seg. Pedrocchi *et al.*, 2002).

Biologia da espécie

Usa campos para caçar, mas aparentemente precisa de pelo menos capões de mata presentes, pois poleiros diurnos incluem densa folhagem em árvores e arbustos. Contudo, não ocupa florestas muito densas (p. ex., Amazônia). Carnívoro, alimenta-se basicamente de mamíferos até o tamanho de gambás e lebres, mas pode predar outros vertebrados e até invertebrados. Possui hábitos crepusculares e noturnos. Usa ninhos de aves grandes abandonados em árvores. Fêmea incuba de um a seis ovos (em média, dois), quando é alimentada pelo macho (Holt *et al.*, 1999; König *et al.*, 1999).

Ameaças

Destrução do habitat, uso exagerado de pesticidas e perseguição humana motivada por superstições.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat. Educação ambiental mostrando a realidade sobre a biologia da espécie para minimizar perseguições derivadas de superstições. Pesquisas envolvendo playback para monitoramento de populações ainda existentes no Estado.

AUTOR: José Carlos Motta Júnior





***Asio flammeus* (Pontoppidan, 1763)**

Strigiformes, Strigidae

Nomes vernaculares

Moho-dos-banhados, coruja-do-banhado.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abiv.

Justificativa

Espécie com pouquíssimos registros no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): NT; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Cerrado, Campos do Sul e Pantanal (campos limpo e sujo, incluindo campos úmidos e banhados) (Sick, 1997). De ampla distribuição, ocupa quase toda a Eurásia e América do Norte. Na América do Sul, ocupa parte da Colômbia, Chile e Argentina, com registros locais no centro-sul do Brasil (Sick, 1997; König *et al.*, 1999).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina (Willis, 1994; Motta-Junior *et al.*, 2008).

Biologia da espécie

Pode ser ativa tanto de dia como de noite e também no crepúsculo. A atividade em todos os períodos pode estar relacionada a fatores como escassez de presas e necessidade de alimentar filhotes. Dieta carnívora baseada em pequenos mamíferos primariamente e aves secundariamente. Fêmea incuba de cinco a dez ovos em ninho que normalmente é uma depressão no solo, forrado com capins e folhas pela fêmea – hábito incomum em Strigiformes (Holt *et al.*, 1999; König *et al.*, 1999). Apresenta deslocamentos migratórios ou ao menos é vagante (Sick, 1997; Holt *et al.*, 1999; König *et al.*, 1999).

Ameaças

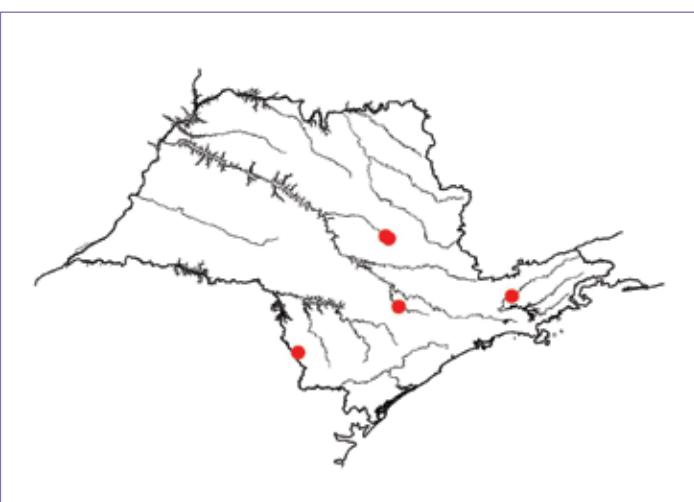
Destrução de campos naturais, uso exagerado de pesticidas e perseguição humana motivada por superstições.

Medidas para a conservação

Preservação de campos e banhados naturais. Educação ambiental mostrando a realidade sobre a biologia da espécie para minimizar perseguições derivadas de superstições. Pesquisas envolvendo playback para monitoramento de populações ainda existentes no Estado.

AUTOR: José Carlos Motta-Junior

FOTOGRAFIA: Gisely Levy



Nyctibius grandis (Gmelin, 1789)

Caprimulgiformes, Nyctibiidae



Nome vernacular

Mãe-da-lua-gigante.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2.

Justificativa

Límite meridional de distribuição da espécie, São Paulo apresenta registros em apenas dois municípios: Presidente Epitácio, extremo oeste do Estado, na divisa com Mato Grosso do Sul; e São José dos Campos, porção leste, na Serra da Mantiqueira. Tais registros, históricos, provêm de coleções feitas há mais de 70 anos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre do México ao norte da América do Sul, na porção leste da Cordilheira dos Andes, entre a Amazônia e o norte do Paraguai até o Mato Grosso, passando pelo Brasil central, onde é mais comum (Cohn-Haft, 1999; Straube, 2004). No sudeste do Brasil, aparece nos estados do Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo (Sick, 1997). Sua ocorrência está associada ao dossel das florestas úmidas de planícies e às matas de várzea e de terra firme na Floresta Amazônica, mas também pode ser encontrada no Cerrado, ao longo de rios em florestas de galeria (Cohn-Haft, 1999).

Presença em unidades de conservação

Provável ocorrência, levando-se em consideração os registros históricos, na Reserva Estadual do Pontal do Paranapanema.

Biologia da espécie

Ave arborícola de grande porte (entre 45 e 54 cm de comprimento total). Alimenta-se de coleópteros, ortópteros e outros insetos voadores. Choca só um ovo por postura, normalmente no oco da ponta de um galho seco ou em uma forquilha. O desenvolvimento do filhote, entre os mais longos das aves da América do Sul, chega a mais de dois meses (Sick, 1997; Straube, 2004).

Ameaças

Naturalmente vulnerável em virtude da baixa densidade populacional, sedentarismo e ocorrência restrita quanto ao tipo de ambiente, a espécie, por causa de seu grande porte, necessita de grandes territórios para viver.

Medidas para a conservação

Dada a natureza vulnerável da espécie, criar corredores ecológicos entre áreas de florestas contínuas e entre remanescentes (em especial os com mata ciliar e de galeria) e as unidades de conservação é medida essencial para que a mãe-da-lua-gigante prossiga existindo no Estado. E vale lembrar: Nyctibiidae é uma das famílias menos conhecidas pela ciência, o que implica esforços científicos a respeito de sua ecologia, preferência de habitat, limites de distribuição e demais elementos de sua história natural.

AUTOR: Giulyana Althmann Benedicto

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Nome vernacular

Mãe-da-lua-parda.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

A existência de somente quatro registros para o Estado de São Paulo já caracteriza a situação da espécie como preocupante. A despeito dos quatro registros existentes, somente um foi efetuado em 1990 (Straube *et al.*, 1996), enquanto os outros registros foram feitos há mais de cem anos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Com uma larga distribuição na América do Sul (oeste colombiano, Venezuela, Guianas e da Amazônia brasileira até o extremo nordeste argentino; Mata Atlântica brasileira, do leste da Bahia ao Paraná), a espécie habita desde as planícies úmidas às mais secas e florestas de galeria. Em São Paulo, ocorre principalmente na floresta estacional.

Presença em unidades de conservação

Registrada no Parque Estadual do Morro do Diabo; provável ocorrência, levando-se em consideração os registros históricos, na Estação Experimental de Bauru e Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Ave arborícola de grande porte, bico pequeno e boca e olhos grandes. De hábitos noturnos e coloração extremamente camuflada, passa o dia sobre o mesmo poleiro. Alimenta-se de insetos voadores como besouros, mariposas e cupins. Seu período reprodutivo (região do Paraguai) vai de agosto a novembro. Choca só um ovo por postura, normalmente no oco da ponta de um galho seco ou em uma forquilha (Sick, 1997; Cohn-Haft, 1999).

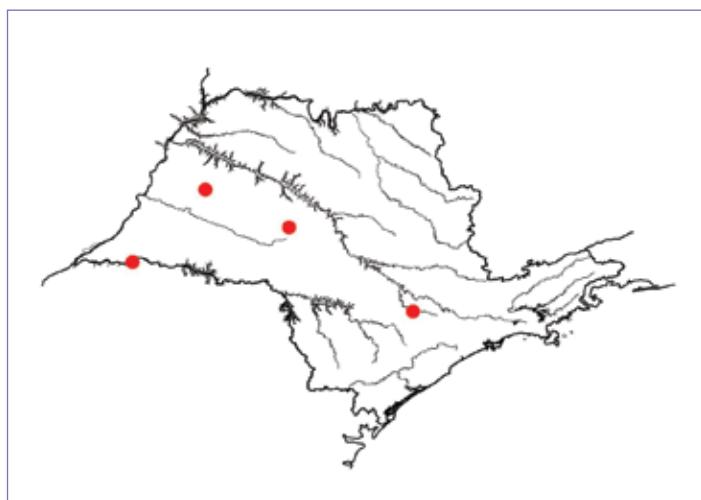
Ameaças

Apesar da ampla distribuição e da pouca exigência quanto ao número de habitat que utiliza, a espécie é rara e de baixa densidade populacional. Junte-se a esses traços a perda de ecossistemas naturais (causada principalmente pela expansão agrícola), como a floresta estacional semidecidual. Sinal disso é que, entre 1990 e 2001, a região central do Estado perdeu 13% da área natural dos remanescentes de mata estacional, tipo de mata onde se deram os registros da espécie (Kronka *et al.*, 2003).

Medidas para a conservação

Programas de recuperação e proteção de remanescentes florestais, em especial a floresta estacional semidecidual; criação de corredores ecológicos entre tais remanescentes, sobretudo na região central do Estado. Importante ressaltar que Nyctibiidae é uma família pouco conhecida pela ciência, o que torna essenciais os esforços científicos ligados a estudos sobre sua ecologia e demais elementos de sua história natural.

AUTOR: Giulyana A. Benedicto



Caprimulgus sericocaudatus (Cassin, 1849)

Caprimulgiformes, Caprimulgidae

Nome vernacular

Bacurau-rabo-de-seda.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

A raridade de registros, aliada à falta de conhecimento de suas exigências ecológicas, põe essa espécie em situação crítica de ameaça. O registro mais recente publicado para São Paulo foi feito no Parque Estadual Intervales há pelo menos 16 anos, entre os anos de 1988 e 1992 (Vielliard & Silva, 2001). Além deste, há somente outros dois registros documentados por meio de exemplares coletados há mais de um século, pertencentes a coleções ornitológicas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Desde o Peru e noroeste da Bolívia até a porção oriental do Paraguai e no extremo nordeste argentino (Cleere, 1999). Habita a floresta tropical e subtropical, predominantemente em clareiras da mata primária; apresenta-se de modo menos frequente em mata secundária (Cleere, 1999).

Presença em unidades de conservação

Registrada para o Parque Estadual Intervales e com possível ocorrência na Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Trata-se de uma espécie pouco conhecida pela ciência. O seu comprimento total varia entre 24 e 30 cm. O macho e a fêmea são morfologicamente distintos. Ave noturna, de dieta exclusivamente insetívora. A documentação sobre sua biologia reprodutiva é escassa, mas sabe-se que o bacurau-rabo-de-seda não constrói ninho e que seus ovos são colocados no solo (Cleere, 1999).

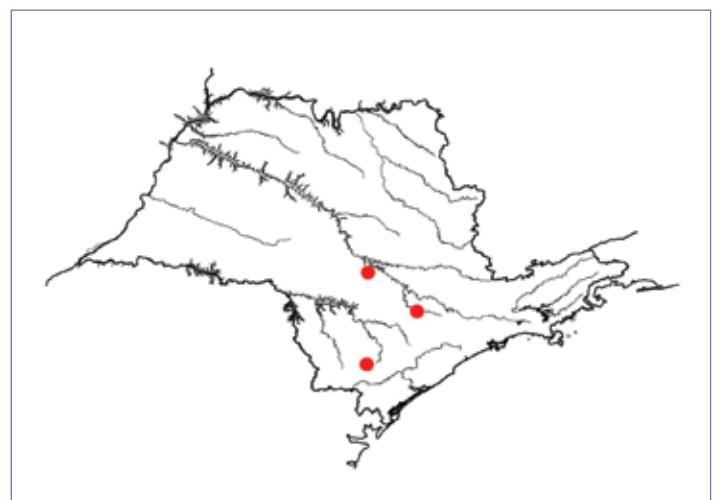
Ameaças

Além de ser uma espécie rara, a sua ocorrência está restrita à porção sudeste e sul de São Paulo. A perda de habitat, principalmente os da floresta estacional semidecídua, tem comprometido o status de conservação desta espécie.

Medidas para a conservação

Recuperação de fragmentos florestais degradados e conservação daqueles ainda em bom estado de preservação, além da criação de corredores conectando esses remanescentes, na porção sudeste e sul do Estado de São Paulo. Realização de estudos científicos em novas áreas de provável ocorrência desta espécie de bacurau, com o intuito de encontrar novas populações e expandir o conhecimento sobre a sua distribuição.

AUTOR: Giulyana Althmann Benedicto



Caprimulgus maculicaudus (Lawrence, 1862)

Caprimulgiformes, Caprimulgidae

Nome vernacular

Bacurau-de-rabo-maculado.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Os registros mais recentes foram feitos há mais de dez anos e concentram-se em uma das regiões mais castigadas pela agropecuária, no nordeste do Estado de São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre no norte e noroeste do Brasil e apresenta distribuição fragmentada no sudeste e sul do país (Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo). No interior paulista, sua distribuição é esparsa: registrada nas décadas de 80 e 90 para Barretos, Pontal, Sertãozinho, Santa Lúcia e São Benedito da Cachoeirinha, na região nordeste (Pacheco, 1992; Willis & Oniki, 2003); com registros históricos para o extremo leste (em Cachoeira Paulista), sudeste (Ipanema) e região central de São Paulo (Pederneiras) (Willis & Oniki, 2003). Seu habitat em São Paulo é o Cerrado e a floresta estacional semidecídua. Em outras regiões do Brasil, costuma viver também em buritizais (Sick, 1997; Cleere, 1999).

Presença em unidades de conservação

Com base nos registros históricos existentes, o bacurau-de-rabo-maculado pode ocorrer na Estação Ecológica de Mogi-Guaçu e Reserva Biológica de Sertãozinho.

Biologia da espécie

Espécie campeste de hábitos noturnos e sedentários. Costuma ficar pousada no solo, de onde realiza voos acrobáticos em busca de suas presas. Quando voa, emite som de estalos com as asas. Alimenta-se de insetos como besouros, percevejos e moscas. Seu período reprodutivo no Brasil não é conhecido, mas sabe-se que se reproduz entre março e julho no México; de outubro a janeiro no Suriname; e de fevereiro a maio na Colômbia (Cleere, 1999). Dois ovos são postos no chão em campos próximos à vegetação arbustiva (Cleere, 1999).

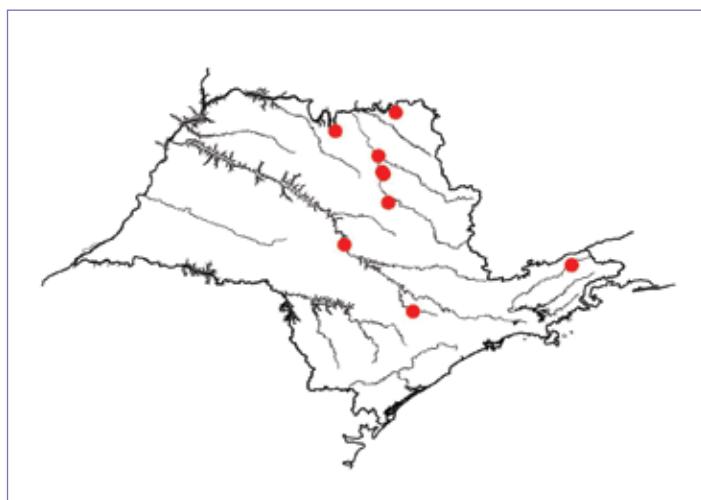
Ameaças

A principal ameaça à espécie está relacionada à exploração de seu habitat, especialmente na região nordeste do Estado.

Medidas para a conservação

Adequação e cumprimento da legislação. Preservação de remanescentes de Cerrado, áreas de nascentes e planícies fluviais. Realização de estudos científicos em novas áreas de provável ocorrência deste bacurau, com o intuito de encontrar novas populações e expandir o conhecimento sobre a sua distribuição no Estado.

AUTOR: Giulyana Althmann Benedicto



Eleothreptus anomalus (Gould, 1838)

Caprimulgiformes, Caprimulgidae

Nome vernacular

Curiango-do-banhado.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

É uma espécie conhecida de poucas regiões no Brasil, limitando-se, no caso de São Paulo, a registros históricos, com alguns poucos achados recentes.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): EN; Minas gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Ocorre no Paraguai, Argentina e Uruguai; no sudeste e sul do Brasil (Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) (Cleere, 1999). Sua distribuição no Estado de São Paulo está limitada à região centro-oriental (no Planalto Atlântico e bacias do Paraíba, do Mogi-Guaçu, do Médio Tietê e do Paranapanema).

Presença em unidades de conservação

Provável ocorrência, levando-se em consideração os registros históricos, na Estação Ecológica de Itapeva, Estação Ecológica de Mogi-Guaçu, Estação Ecológica de Paranapanema, Estação Experimental de Itapetininga, Reserva Biológica e Experimental de Mogi-Guaçu e Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

Ave de hábitos crepusculares e noturnos. Caça realizando voos rasantes sobre os campos de vegetação e banhados, predando insetos em voo (Cleere, 1999). Sua reprodução ocorre entre novembro e janeiro. O macho possui as penas das asas de ponta branca e em forma de sabre, o que pode estar relacionado ao cortejo (Sick, 1997). O curiango-do-banhado pode ser migratório em alguns locais (Cleere, 1999).

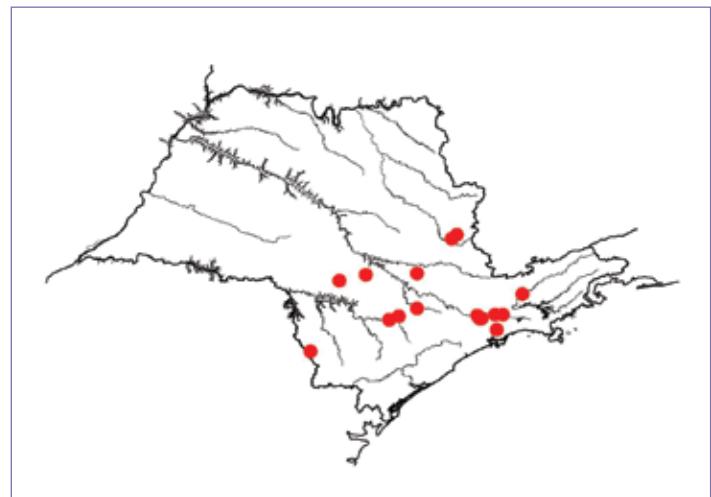
Ameaças

A existência de poucos registros recentes já demonstra a vulnerabilidade dessa espécie. Associa-se ao quadro de ameaças a especificidade quanto ao tipo de habitat que ela utiliza. A maneira com que ele vem sendo degradado por agricultores e pecuaristas, por meio do mau uso do solo e dos recursos hídricos (uso imprudente de agrotóxicos, que contaminam aquíferos, córregos e rios; degradação das nascentes; regime inapropriado de queimadas; desmatamento da vegetação de brejos e cabeceiras dos rios), é a principal ameaça ao curiango-do-banhado.

Medidas para a conservação

Fiscalização e monitoramento da forma de uso da terra; preservação de áreas de várzea e vegetação das cabeceiras dos rios; recuperação de áreas de campo cerrado e matas ciliares; prevenção de queimadas durante a estação reprodutiva; controle do crescimento e da dispersão de espécies de capins invasoras; criação de áreas de proteção integral constituídas de ambientes de campos naturais e várzeas de rios; direcionamento de pesquisas para a busca de populações do curiango-do-banhado em áreas potenciais para sua existência.

AUTOR: Giuliana Althmann Benedicto



Eleothreptus candicans (Pelzeln, 1867)

Caprimulgiformes, Caprimulgidae

Nome vernacular

Bacurau-de-rabo-branco.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Descrita a partir de um espécime coletado em 1820, na região de Oris-sanga, porção centro-oriental do Estado de São Paulo. Depois deste espécime, nenhum outro registro foi feito para o Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Espécie de distribuição bastante pontual, restrita a uma pequena porção da América do Sul. Ocorre no norte da Bolívia (Estação Ecológica de Beni), leste do Paraguai (Reserva de Mbaracayú, Canindeyú, Laguna Blanca e San Pedro) e Brasil, onde tem registros para Mato Grosso, Goiás (Parque Nacional das Emas) e São Paulo (Sick, 1997; Rodrigues *et al.*, 1999). Vive em ambientes muito específicos do Cerrado, tipicamente em "campo sujo" recém-queimado, savana e campos alagados.

Presença em unidades de conservação

Sem registro publicado em unidades de conservação.

Biologia da espécie

Conhecida, até 1980, apenas por dois espécimes depositados em museu, o bacurau-de-rabo-branco é uma ave noturna rara. A seleção de áreas de forrageio por essa espécie, que tem preferência por campos com vegetação inicial (especialmente pós-queimadas), parece estar relacionada à abundância de insetos, que aumenta em virtude da rebrota (Rodrigues *et al.*, 1999). Durante a seleção de locais para dormir, a preferência por campos intermediários parece estar relacionada à maior cobertura da vegetação. A estação reprodutiva vai de setembro a janeiro. A fêmea choca até dois ovos e é responsável pelo cuidado da prole (Pople, 2003).

Ameaças

A substituição do Cerrado pela agricultura, pelo cultivo de eucalipto e por pastagens na região oeste do Estado, bem como o regime inapropriado de queimadas e o estabelecimento de capins invasores constituem séria ameaça para esta espécie.

Medidas para a conservação

Direcionar pesquisas para a busca de uma provável população existente nas manchas de Cerrado remanescentes do interior do Estado. Criar e manter mosaicos de campo cerrado com vegetação inicial e intermédia, prevenir queimadas durante a estação reprodutiva e controlar o crescimento e a dispersão de espécies de capins invasoras.

AUTOR: Giulyana Althmann Benedicto



Tachornis squamata (Cassin, 1853)

Apodiformes, Apodidae

Nomes vernaculares

Tesourinha, taperá-do-buriti ou poruti.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Apresenta distribuição restrita ao nordeste do Estado (Willis & Oniki, 2003), onde a área ocupada por seu habitat preferencial, o buritizal, é muito pequena. A colonização de praças em cidades dessa região precisa ser pesquisada, para se avaliar se está tendo um impacto positivo para as populações.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Ocorre das Guianas e Venezuela à Bolívia. No Brasil, ocorre na Amazônia, Nordeste, Brasil central, Minas Gerais, São Paulo e Paraná (Sick, 1997). Ocupa os buritzais e carnaubais e outras áreas ricas em palmeiras de frondes largas, tipo leque.

Presença em unidades de conservação

Indivíduos vagantes foram registrados na Floresta Estadual de Edmundo Navarro de Andrade (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede cerca de 13 cm de comprimento e chega a pesar 11 g. Cauda longa e bifurcada, mantida fechada em voo. Dorso enegrecido com brilho esverdeado e região ventral branca-acinzentada. Diurna, alimenta-se de pequenos insetos capturados em voo. Nidifica e pernoita nas folhas das palmeiras. Seu ninho é uma bolsa aderida à raque das folhas, confecionada com penas macias coladas com saliva (Sick, 1997). A fêmea põe até três ovos, e a incubação leva em torno de 21 dias (Sick, 1997).

Ameaças

Destrução, degradação e fragmentação dos buritzais.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de buritzais. Pesquisa científica para avaliar a demografia das populações das praças de Altinópolis e Batatais.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nome vernacular

Topetinho-vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Mesmo habitando áreas modificadas, a alteração ambiental severa no interior do Estado (onde são mais frequentes seus registros), associada à possibilidade de não haver grandes populações, pode ter levado a espécie ao declínio. Considerada rara no Estado (Willis & Oniki, 2003), as florestas úmidas da Estação Biológica de Boraceia (USP) correspondem a um dos poucos locais conservados onde a espécie foi registrada recentemente.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Espécie endêmica do Brasil (CBRO, 2008). A leste, distribui-se de Alagoas ao Rio Grande do Sul; a oeste, no Mato Grosso e Goiás (Sick, 1997; Züchner, 1999). Habita bordas de florestas úmidas, matas ciliares, florestas secundárias, cerrados, plantações de café, pomares e jardins, do nível do mar até cerca de 1.000 m de altitude (Sick, 1997; Züchner, 1999; Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

É um dos menores beija-flores do Brasil, pesando de 1,5 a 3 g (Sick, 1997; Züchner, 1999). Os machos apresentam uma crista vermelha e, ao lado da cabeça, um tufo de penas brancas com extremidade verde-escura (Sick, 1997; Willis & Oniki, 2003); ambos são eriçados e demonstrados às fêmeas durante o cortejo reprodutivo (Sick, 1997). Os deslocamentos sazonais estão provavelmente relacionados a períodos de floração e reprodução (Züchner, 1999). Sua alimentação é baseada em néctar e pequenos artrópodos (Züchner, 1999).

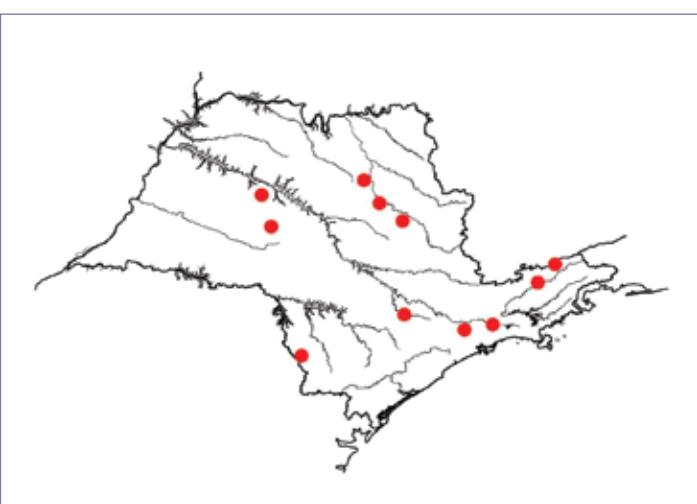
Ameaças

Apesar de ser observado em áreas alteradas, esse beija-flor normalmente é registrado próximo a regiões onde ainda há trechos florestados. A supressão de florestas e matas ciliares em São Paulo provavelmente é a principal causa do declínio das populações deste beija-flor.

Medidas para a conservação

A manutenção de florestas bem conservadas e matas ciliares ao longo de sua distribuição pode ser uma medida preventiva à manutenção da espécie. É necessária a realização de pesquisas enfocando a biologia da espécie e a busca de novas localidades no Estado.

AUTORES: Andre de Lucca, Pedro Develey



Thalurania furcata (Gmelin, 1788)

Apodiformes, Trochilidae

Nome vernacular

Beija-flor-tesoura-verde.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Sua vulnerabilidade está associada ao pequeno número de registros no Estado (que inclui apenas uma unidade de conservação) e, também, ao possível declínio de suas populações em virtude da perda do habitat natural.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre do nordeste da Venezuela ao nordeste da Argentina, praticamente em todo o Brasil, exceto no extremo sul. Também nas florestas úmidas da face oriental dos Andes (Stiles, 1999). Habita florestas, bordas de mata, florestas secundárias e até mesmo plantações sombreadas com árvores nativas e jardins. No Pantanal, habita matas ciliares, cerradões e matas secas (Antas, 2004).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Caetetus.

Biologia da espécie

Alimenta-se de néctar e artrópodos (Stiles, 1999; Antas, 2004). Normalmente sedentária, realiza apenas movimentos locais em função de períodos de floração; as populações dos Andes provavelmente realizam movimentos altitudinais (Stiles, 1999).

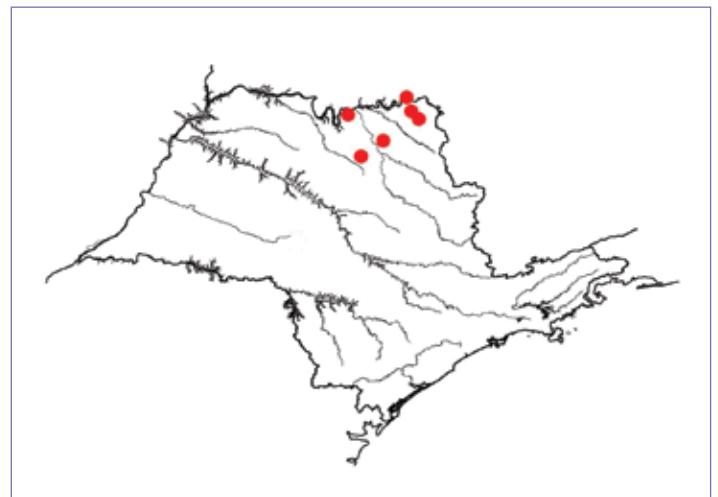
Ameaças

A ausência de registros recentes pode ser consequência de alteração e desaparecimento do habitat natural, ocasionado principalmente em função do desenvolvimento agropecuário no interior do Estado.

Medidas para a conservação

Manutenção e restauração de florestas e matas ciliares no interior do Estado. Pesquisas voltadas à distribuição atual da espécie dentro do Estado e estudos de ecologia para a compreensão das exigências quanto ao ambiente.

AUTORES: Andre de Lucca, Pedro Develey



Nome vernacular

Beija-flor-safira.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

São Paulo corresponde ao limite meridional de distribuição da espécie, levando a uma raridade natural do beija-flor-safira no Estado. Existem apenas dois registros recentes dentro de unidades de conservação.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Sua distribuição é dividida em dois grandes blocos na América do Sul: um na porção centro-norte da Amazônia (Colômbia, Venezuela, Guianas, Equador, Peru e Brasil) e outro no centro-leste do continente (Bolívia, Paraguai, Brasil e Argentina) (Schuchmann, 1999). Habita bordas de florestas, savanas arborizadas, clareiras no entorno de afloramentos de granito, plantações de café e, ocasionalmente, vegetação costeira aberta, desde o nível do mar até 1.800 m de altitude (Schuchmann, 1999). No sul da Bahia, pode ser visto em plantações sombreadas de cacau ("cabrucas") (Andre C. De Luca, com. pess.).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Jataí; Parque Estadual de Vassununga.

Biologia da espécie

Alimenta-se de néctar, visitando flores (inclusive de lianas e epífitas) desde a copa elevada de árvores até a vegetação próxima do solo, e artrópodos (Schuchmann, 1999). Os machos estabelecem territórios de alimentação e os defende agressivamente (Schuchmann, 1999). É uma espécie normalmente sedentária, mas realiza movimentos migratórios em porções do sudeste brasileiro (Schuchmann, 1999). No Brasil, seu período reprodutivo vai de agosto a fevereiro (Schuchmann, 1999).

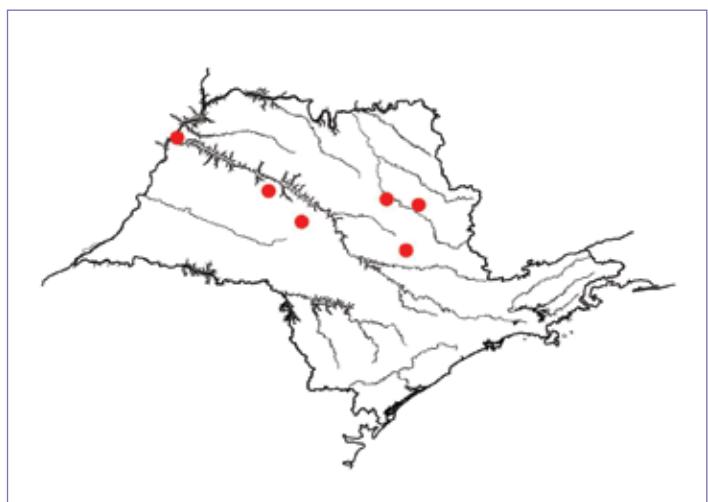
Ameaças

A destruição do habitat natural provavelmente é a maior ameaça à espécie.

Medidas para a conservação

Pesquisas enfocando novas áreas de ocorrência, exigências ambientais e deslocamentos sazonais são cruciais para o planejamento adequado de medidas efetivas para a conservação da espécie.

AUTORES: Andre de Lucca, Pedro Develey



Polytmus guainumbi (Pallas, 1764)

Apodiformes, Trochilidae

Nome vernacular

Beija-flor-de-bico-curvo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

A destruição do habitat natural, especialmente áreas de campos úmidos nativos e cerrados, e os poucos registros da espécie em unidades de conservação levam à raridade da espécie no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Pode ser encontrada no extremo norte da América do Sul (leste colombiano, Venezuela, Trinidad, Guianas e norte do Brasil), assim como do leste da Bolívia, Paraguai e nordeste da Argentina até o leste brasileiro (Schuchmann, 1999). Habita campos alagadiços, savana arbustiva, cerrados, brejos de água doce e proximidades de córregos, desde o nível do mar até 600 m de altitude (Schuchmann, 1999; Willis & Oniki, 2003). Pode aparecer em jardins de áreas habitadas (Antas, 2004).

Presença em unidades de conservação

Floresta Estadual de Santa Bárbara do Rio Pardo.

Biologia da espécie

Alimenta-se de néctar e pequenos artrópodos, é normalmente visto solitário (Schuchmann, 1999). No Brasil, reproduz-se entre outubro e março.

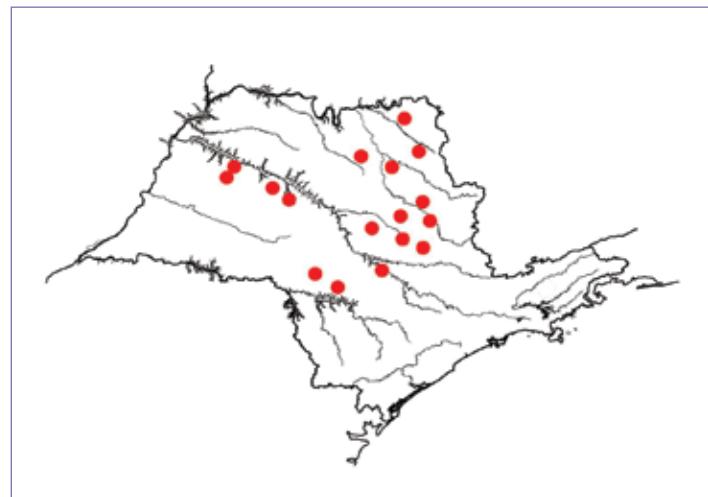
Ameaças

Áreas brejosas e alagadiças estão dando lugar a plantações e pastagens. Da mesma forma, muitas dessas áreas são alteradas por causa da drenagem de suas águas, construção de barragens e desvio de cursos d'água. O fogo utilizado para a renovação de lavouras e pastagens comumente atinge o entorno e destrói também a vegetação que cresce em pontos alagadiços. No município de Santa Gertrudes, por exemplo, um varjão existente nas proximidades de lavouras foi recentemente danificado pela ação do fogo e provavelmente deve ter prejudicado a pequena população que habitava a área (Carlos O. A. Gussoni, *com. pess.*).

Medidas para a conservação

A manutenção de varjões preservados é a medida mais importante para a manutenção desse beija-flor, já que esse é um ambiente importante para a espécie, inclusive para a nidificação. A fiscalização do cumprimento da legislação ambiental em relação às APPs (Área de Preservação Permanente) pode garantir a manutenção desses ambientes.

AUTORES: Andre de Lucca, Pedro Develey



***Heliactin bilophus* (Temminck, 1820)**
Apodiformes, Trochilidae

Nome vernacular

Chifre-de-ouro.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1a, biii, iv.

Justificativa

Espécie com um único registro histórico feito por Natterer no século XIX (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Cerrado e Caatinga. Habita savanas e caatingas arborizadas, regiões serranas e chapadas com vegetação baixa (Sick, 1997; Dubs, 1992). Ocorre em Rondônia, Acre, savanas do Amapá, Maranhão, Alagoas, Piauí, Bahia e oeste de Goiás até oeste de Mato Grosso, chegando ao sul de Minas e norte de São Paulo (Schauensee, 1996; Sick, 1997). Também ocorre no Suriname e na Bolívia (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Nenhum registro.

Biologia da espécie

Alimenta-se de néctar e eventualmente pequenos insetos pegos em voo (Schuchmann, 1999). O período reprodutivo da espécie ocorre entre junho e outubro; porém, próximo de Brasília foi achado um ninho no mês de maio. O ninho é minúsculo, compacto, em forma de taça, feito com material macio e teia de aranha. Do lado de fora é enfeitado com líquens. É construído em ramos de forquilha de pequenos arbustos (Schuchmann, 1999). Em geral, a história natural é muito pouco conhecida. A espécie é considerada migratória em parte do centro e leste do Brasil (Brasília, Minas Gerais, Bahia, Espírito Santo) (Schuchmann, 1999).

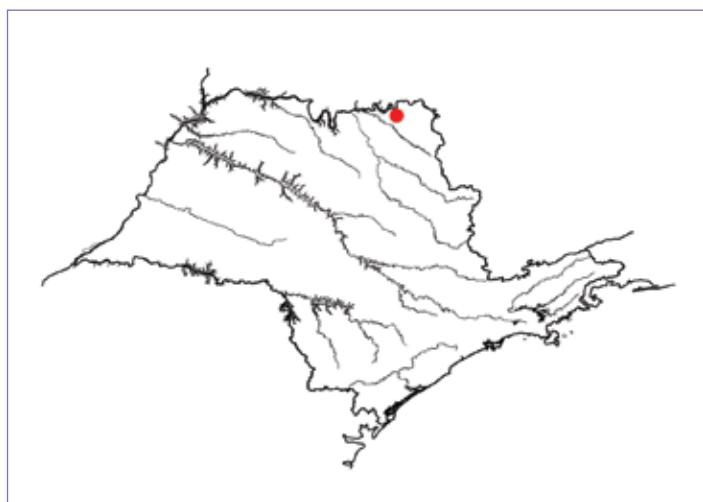
Ameaças

Destrução das áreas de cerrado e campos naturais. No Brasil, a espécie foi uma das mais procuradas para o comércio internacional de aves, mas agora esse comércio foi restrinido (Schuchmann, 1999).

Medidas para a conservação

Preservar e recuperar áreas de cerrado e campos naturais. Pesquisas sobre a ecologia da espécie. Realizar mais inventários em áreas de provável ocorrência da espécie no Estado para averiguar se ainda ocorrem populações da mesma.

AUTORES: Gisele Levy, José Carlos Motta-Junior



Momotus momota Linneaus, 1766

Coraciiformes, Momotidae

Nome vernacular

Udu-de-coroa-azul.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

A espécie ocorre apenas no extremo oeste do Estado, região com histórico de fragmentação recente (iniciado há cerca de 50 anos), tendo sido registrada em poucas localidades.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Distribuição ampla, desde a América Central, até a Bolívia e os estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo. Ocorre na Floresta Amazônica, Mata Atlântica e Cerrado. Apresenta certa plasticidade, habitando desde florestas densas até florestas mais secas e abertas: floresta ombrófila densa, floresta estacional semidecidual, matas de galeria, matas ciliares e florestas secundárias. Altitude máxima em torno de 1.300 m.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo, Estação Ecológica do Mico-Leão-Preto.

Biologia da espécie

Sua dieta é composta principalmente de invertebrados grandes e frutos, embora se alimente também de pequenos anfíbios, lagartos e outras aves. Pode se juntar a bandos mistos e seguir formigas de correição para o forrageamento. A reprodução ocorre entre setembro e dezembro. Faz o ninho em buracos no chão. Estudos na América Central indicam que colocam de três a cinco ovos, e o tempo de incubação é de 21 dias. É relativamente comum ao longo de sua distribuição.

Ameaças

Destrução e fragmentação do habitat, desmatamento.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, manejos da paisagem (criação de corredores), restauração de matas ciliares.

AUTOR: Alexandre Uezu



Nomes vernaculares

Ariramba-preta ou agulha-parda.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c, B1 iii, iv.

Justificativa

Sua área de ocorrência no Estado foi muito impactada pela construção de grandes barragens de usinas hidrelétricas. Suas populações remanescentes são pequenas e estão muito fragmentadas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre nos biomas Amazônia, Cerrado e Pantanal. Habita as florestas ribeirinhas das Guianas à Bolívia. No Brasil, ocorre na Amazônia e Brasil central até o Piauí, ao norte, e no oeste de São Paulo, ao sul.

Presença em unidades de conservação

Não apresenta registros publicados para unidades de conservação (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede cerca de 16 cm. Diurna e arborícola, vive em casais ou grupos familiares pequenos. Alimenta-se de insetos que voam sobre as copas das árvores, tais como borboletas, libélulas, abelhas e vespas. Fica de esperta em galhos secos, atacando os insetos em voos curtos e retornando ao poleiro, onde bate as presas contra os galhos a fim de retirar asas e ferões e quebrar partes mais duras, antes de engolir. Nidifica em galerias escavadas em barrancos (Sick, 1997).

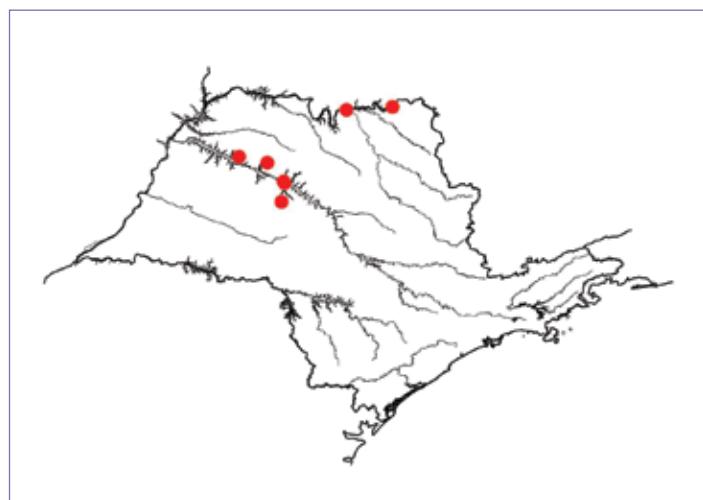
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das matas ciliares.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Jacamaralcyon tridactyla (Vieillot, 1817)

Galbuliformes, Galbulidae

Nome vernacular

Cuitelão.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1 aiii, iv.

Justificativa

Outrora amplamente distribuída no Estado, não conta com registros desde 1945, a despeito da grande procura pelos ornitólogos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não citada (confirmar se ocorre); Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Endêmico do Brasil, o cuitelão ocorre do norte de Minas Gerais, passando pelo Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo e Paraná, e pontualmente em todos esses estados. Habita uma grande variedade de habitat, preferindo sempre a borda das matas. Pode ocupar áreas bastante degradadas, como eucaliptais (Silveira & Nobre, 1998).

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

O cuitelão é uma espécie singular dentro da família por ser a única que apresenta redução de dedos, apresentando apenas três. É uma espécie discreta, que pode passar muito tempo pousada, sem se mexer (Silveira & Nobre, 1998). Vive em pequenos grupos de até 15 aves, e faz seus ninhos escavando galerias em barrancos, que podem se situar a menos de 1,5 m do solo (Silveira & Nobre, 1998). Cantam principalmente quando vários indivíduos se juntam no mesmo poleiro ou em galhos próximos. Não aparecava ser rara em São Paulo, mas há mais de 60 anos não é vista no Estado. As causas para o seu desaparecimento não são claras, e praticamente todas as localidades onde a espécie ocorria no passado já foram revisitadas sem sucesso.

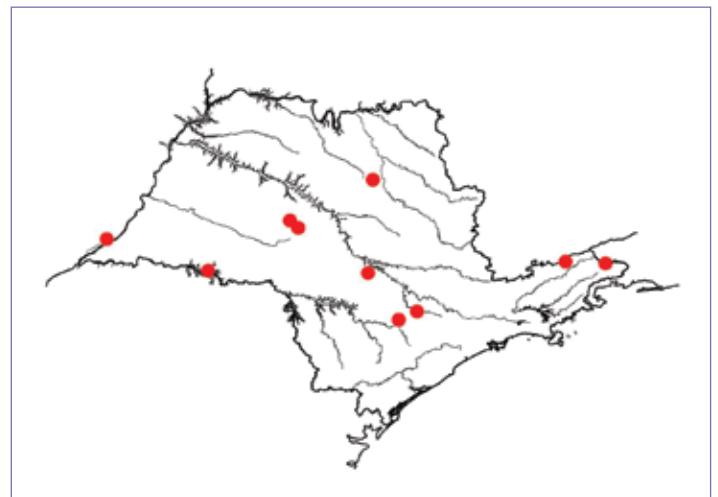
Ameaças

Desconhecidas. A degradação das matas semidecíduas do interior pode ter contribuído para o atual status da espécie no Estado, embora as causas para o desaparecimento em outras localidades não sejam muito claras.

Medidas para a conservação

Procura de novas populações e imediata proteção das áreas onde o cuitelão for encontrado.

AUTOR: Luís Fábio Silveira



Nomes vernaculares

Macuru ou freirinha-parda.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

No Estado de São Paulo ocorre principalmente na floresta estacional semidecidual (Willis & Oniki, 2003), fitofisionomia que foi severamente reduzida e degradada e cujos remanescentes são, em sua maioria, de pequeno porte e relativamente isolados uns dos outros.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre nos biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Ocupa o sub-bosque de florestas do Suriname à Colômbia e norte da Argentina. No Brasil ocorre da Amazônia ao Piauí, ao norte, e até Santa Catarina, ao sul (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica dos Caetetus, Parque Estadual Intervales e Parque Estadual do Morro do Diabo (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede cerca de 14 cm. Diurna, vive solitária ou aos pares. Alimenta-se de insetos que são apanhados na folhagem do sub-bosque. Fica de espreita, atacando os insetos em voos curtos e retornando ao poleiro, onde bate as presas contra os galhos antes de engolir. Nidifica e pernoita em galerias escavadas em barrancos. A fêmea põe dois ou três ovos, e o casal reveza-se na incubação e nos cuidados dos filhotes (Sick, 1997).

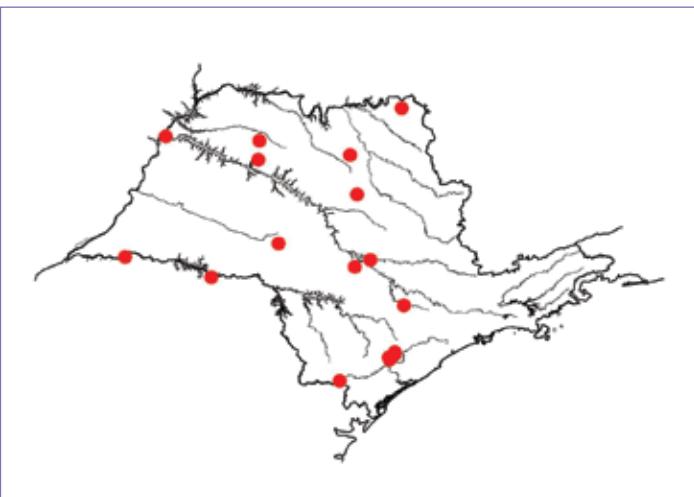
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das florestas estacionais e conexão de fragmentos florestais.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Monasa nigrifrons Spix, 1824

Galbuliformes, Buccidae

Nome vernacular

Chora-chuva-preto.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1, biii, iv.

Justificativa

A espécie ocorre apenas no noroeste do Estado, uma das regiões em que a supressão florestal foi mais intensa. Há poucos avistamentos para o Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): NT; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ampla distribuição na América do Sul, ocorrendo da Colômbia à Bolívia, passando pelo norte do Brasil, na Amazônia brasileira, até o Piauí, chegando ao sul, até o noroeste de São Paulo. Ocorre na Floresta Amazônica, Mata Atlântica e Cerrado (matas ciliares, matas de galeria, florestas decíduas e semidecíduas, florestas secundárias e palmais). Restrita a locais abaixo de 900 m de altitude.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica Paulo de Faria.

Biologia da espécie

Alimenta-se de pequenos artrópodes e lagartos. A estratégia de forrageamento é o de "senta-e-espera", as presas são normalmente capturadas em voo. Podem juntar-se a bandos mistos, seguindo formigas de correição, e também capturam presas no folhiço, em troncos e folhas. Vivem sozinhos, em pares ou em pequenos grupos. Nidificam em buracos em barrancos ou no chão, onde colocam cerca de três ovos. São relativamente comuns ao longo de sua distribuição. Estudos no Peru indicam tamanho de território de cerca de 8 ha, com densidade chegando a 28 indivíduos/km².

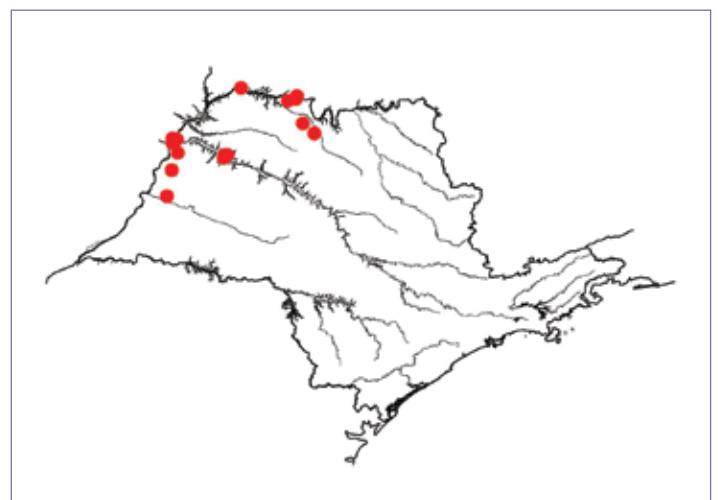
Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat, desmatamento.

Medidas para a conservação

Restauração do habitat, manejo e restauração da paisagem, pesquisa científica.

AUTOR: Alexandre Uezu



Nome vernacular

Urubuzinho.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1c.

Justificativa

Em São Paulo, a espécie ocorre apenas na região noroeste, onde a supressão florestal foi mais intensa. Apresenta raros registros no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): P; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Distribui-se do norte da América do Sul até a Bolívia e, no Brasil, até os estados do Mato Grosso do Sul e São Paulo. Ocorre na Amazônia, Mata Atlântica, Cerrado e Caatinga. Vive em florestas de terrenos arenosos, matas de terra firme, matas de galeria, matas secundárias, matas deciduais, matas de transição e clareiras. Em geral não ultrapassa 1.200 m de altitude.

Presença em unidades de conservação

Não é conhecida a ocorrência.

Biologia da espécie

Alimenta-se de grande variedade de insetos (himenóptera, coleóptera, díptera etc.), os quais, em sua maioria, captura em voos acrobáticos, partindo do topo de árvores altas. Reproduz-se em áreas semiabertas com árvores e arbustos esparsos, nas proximidades das florestas. Os ninhos são feitos em buracos no chão ou em barrancos, em geral próximos a rios. Coloca um ou dois ovos, e os mantém por um período de incubação de 15 dias. Vive solitário, aos pares ou em pequenos grupos. Sua densidade varia conforme a qualidade do habitat (distribuição em manchas), sendo relatado localmente comum em algumas áreas da Amazônia, porém incomum em outras.

Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat e desmatamento.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração do habitat, pesquisa científica.

AUTOR: Alexandre Uezu



Ramphastos vitellinus pintoi Peters, 1945

Piciformes, Ramphastidae

Nome vernacular

Tucano-de-bico-preto.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Ausência de registros recentes da espécie no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Brasil central: região de Goiânia, GO, até o Mato Grosso (Sick, 1997). Habita matas, principalmente próximas de água, bordas de matas, clareiras, matas ciliares e fragmentos de matas em savanas. Menos comum em matas secundárias ou matas com exploração seletiva (del Hoyo *et al.*, 2002).

Presença em unidades de conservação

Não há registros dessa espécie em unidades de conservação.

Biologia da espécie

Coquinhos de palmeiras e outras frutas. Também insetos, aranhas e outros artrópodes, lagartos e outros pequenos invertebrados, possivelmente também sapos e morcegos. Preda ninhos de aves em busca de filhotes e ovos. Procura o néctar de flores de *Combretum* e *Quararibea*. Captura térmitas no ar. Junta-se a outras aves em bandos que seguem formigas de correição (del Hoyo *et al.*, 2002).

Ameaças

Desmatamento e eventualmente captura para o comércio ilegal.

Medidas para a conservação

Procura da espécie em remanescentes de matas no oeste do Estado. Proteção das áreas de eventual ocorrência.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo





***Pteroglossus bailloni* (Vieillot, 1819)**
Piciformes, Ramphastidae

Nome vernacular

Araçari-banana.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 a, b ii, iii.

Justificativa

Dependente do habitat florestal, muito reduzido no Estado. Alvo de captação para o comércio ilegal.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Do Espírito Santo e Minas Gerais ao Rio Grande do Sul e também em Pernambuco. Argentina (Misiones) e leste do Paraguai (Sick, 1997). Habita regiões montanhosas, como em Limoeiro (ES), Itatiaia e Serra dos Órgãos (RJ) (Sick, 1997). Tem certa resistência à fragmentação do habitat, havendo registros de sua ocorrência em área de 50 ha na Zona da Mata mineira (Bustamante, 1996; Machado *et al.*, 1998).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Carlos Botelho, Estação Ecológica dos Caetetus, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual Intervales.

Biologia da espécie

Vive nas copas das árvores, em grupos de cinco a 20 indivíduos (Ruschi, 1975). Alimenta-se de frutos da embaúba (*Cecropia*) e palmito (*Euterpe edulis*) (Ruschi, 1975). Também de *Ficus*, *Sloanea* e *Nectandra* (del Hoyo *et al.*, 2002). Usa ocos de árvores para nidificar, onde também costuma se abrigar em bandos durante a noite, mesmo fora da estação reprodutiva (Ruschi, 1975). Pode competir com outras espécies por esses locais (Bustamante, 1996).

Ameaças

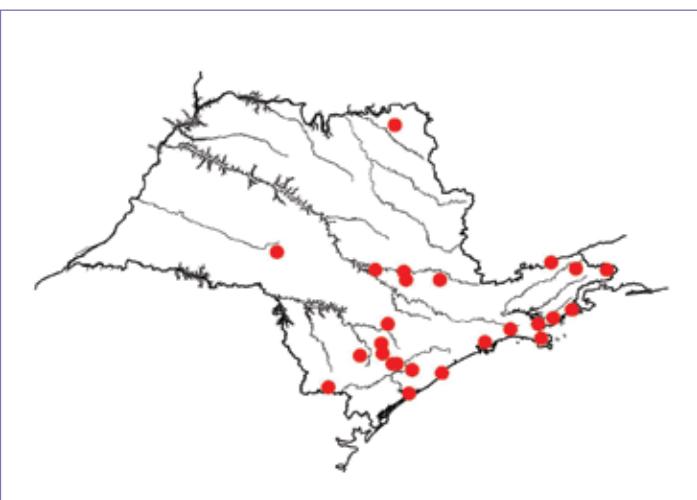
Destrução da Mata Atlântica. Fragmentação, com consequente falta de cavidades naturais. Captura para o comércio ilegal (Machado *et al.*, 1998).

Medidas para a conservação

Proteção de áreas florestadas, mesmo que fragmentadas, com ocorrência da espécie. (Machado *et al.*, 1998).

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Pteroglossus aracari (Linnaeus, 1758)

Piciformes, Ramphastidae

Nome vernacular

Araçari-de-bico-branco.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Poucos registros no Estado. Captura para o comércio ilegal.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Das Guianas e leste da Venezuela ao norte do Mato Grosso e leste do Pará e Maranhão. Também no nordeste, leste e sul do país (até Santa Catarina). Antigamente era comum na faixa costeira (Rio de Janeiro etc.), onde atualmente está extinto na maioria dos locais (Sick, 1997). Vive na mata (Sick, 1997). Florestas úmidas de baixada, matas secundárias, cerrado, matas de galeria, savanas, plantações de árvores frutíferas (del Hoyo *et al.*, 2002).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Estação Ecológica dos Caetetus, Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Alimenta-se de frutos diversos, como *Ficus*, *Virola* e outros gêneros de Sapotaceae, várias palmeiras, como *Oenocarpus*. Também insetos. Forrageiam em grupos de seis ou mais indivíduos. É um importante dispersor de sementes (del Hoyo *et al.*, 2002). Faz o ninho em cavidades de árvores. É residente (del Hoyo *et al.*, 2002).

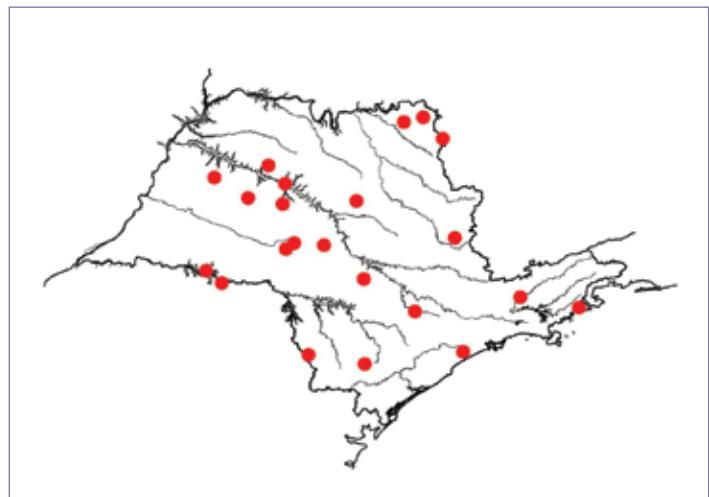
Ameaças

Desmatamento; captura para o comércio ilegal.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat florestal; fiscalização do tráfico.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo





***Pteroglossus castanotis* Gould, 1834**
Piciformes, Ramphastidae

Nome vernacular

Araçari-castanho.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Dependente de habitat bastante ameaçado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Da Colômbia à Bolívia e ao Paraguai. Brasil centro-meridional: Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Também ocorre na Argentina (Misiones). Vivem na mata alta (Sick, 1997). Tem predileção por matas alagadas, matas em ilhas fluviais, matas de galeria e em matas secundárias antigas, bordas e clareiras. Também em áreas de Cerrado e de plantações (del Hoyo *et al.*, 2002).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Paulo de Faria, Parque Estadual do Morro do Diabo.

Biologia da espécie

Frequenta as copas e bordas de matas secas do oeste do Estado, atravessando pastos e cerrados, entre os fragmentos de matas (Willis & Oniki, 2003). Alimenta-se de frutos como os de *Cecropia*, *Coussapoa*, *Ficus*, *Ocotea* e outros. Também flores e néctar, bem como insetos. Preda ninhos de outras aves em busca de filhotes e ovos. Disputa os locais de ninhos com pica-paus (del Hoyo *et al.*, 2002).

Ameaças

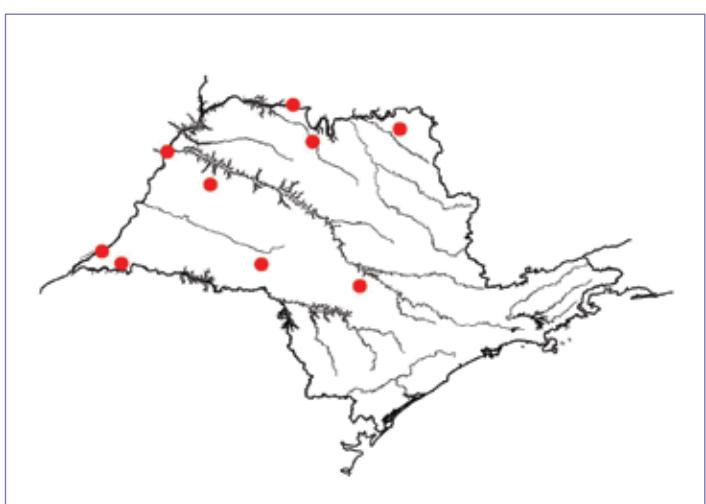
Desmatamento e fragmentação do habitat. Captura para o comércio ilegal.

Medidas para a conservação

Preservação dos remanescentes florestais do oeste do Estado.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Veniliornis mixtus (Boddaert, 1783)

Piciformes, Picidae

Nome vernacular

Pica-pau-chorão.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Espécie rara no Estado de São Paulo, com apenas dois registros entre os anos de 1998 e 2007 na Estação Ecológica de Itirapina (Motta-Junior *et al.*, 2008). Poucos registros até meados da década de 1990, principalmente para Itirapina e em alguns fragmentos de Cerrado nos arredores de São Carlos e em Batatais no início da década de 1980 (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Espécie presente no sul do Piauí, sudeste do Pará e norte do Tocantins, com ampla distribuição pela região central do Brasil (Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul). Em São Paulo há registros para Itapura, no extremo oeste, e para a porção central (São Carlos, Itirapina e Batatais). Ocorre também no sudeste da Bolívia, Argentina, Paraguai e chega até o Rio Grande do Sul e Uruguai (Sick, 1997; Beadle *et al.*, 2004; Silveira *et al.*, 2002; Motta-Junior *et al.*, 2008).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

Dorso negro com barras brancas e ventre branco com manchas negras. O macho se distingue da fêmea principalmente pela presença de vermelho na nuca. Solitário ou aos pares, alimenta-se, em galhos pouco espessos, principalmente de insetos, como cupins e larvas, além de sementes (Silveira *et al.*, 2002; Winkler & Christie, 2002). Constrói seu ninho em alturas entre 3 e 6 m, em árvores ou palmeiras. Não existem dados referentes ao período de reprodução. Willis & Oniki (2003) mencionam um indivíduo jovem fora do ninho em outubro. Na Estação Ecológica de Itirapina esta espécie aparenta estar se reproduzindo (Motta-Junior *et al.*, 2008).

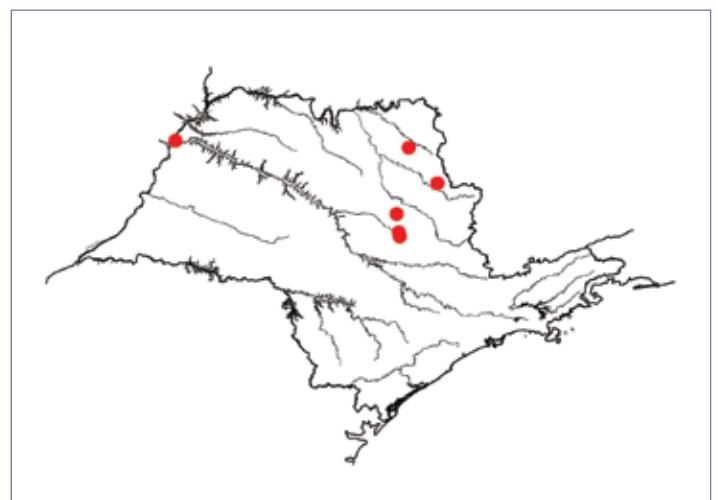
Ameaças

Destrução de habitat e desmatamento.

Medidas para a conservação

Busca de indivíduos nos poucos fragmentos de Cerrado que ainda restam no Estado e estabelecimento de unidades de conservação nos locais onde a espécie estiver presente.

AUTOR: Marco Antonio Rego



Nomes vernaculares

Pica-pau-de-cara-canela, pica-pau-de-cara-amarela.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1iii, iv.

Justificativa

Espécie exigente quanto ao habitat, é considerada incomum mesmo em localidades onde sua presença já é conhecida. Durante o século XX foi registrada pouquíssimas vezes no Estado de São Paulo, até que em 1987 foi redescoberta no Parque Estadual Intervales, município de Capão Bonito. Atualmente apresenta uma distribuição restrita ao sudeste do Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa e floresta estacional semidecidual). Encontrada desde o nível do mar até 800 m de altitude, em florestas primárias ou secundárias antigas. Pode ser registrada em florestas de galeria e também em fragmentos pequenos de mata, desde que próximos a áreas maiores e mais preservadas. Em São Paulo, *Dryocopus galeatus* atualmente é conhecida apenas por algumas localidades no vale do Rio Ribeira do Iguape e na Ilha do Cardoso (Martuscelli, 1990). No restante do Brasil, há registros para a região central e oeste do Paraná, Santa Catarina até o Rio Grande do Sul, neste último possivelmente está extinto (Winkler & Christie, 2002; Straube *et al.*, 2004). Presente também no sudeste do Paraguai e noroeste da Argentina (região de Misiones).

Presença em unidades de conservação

No Parque Estadual Intervales é frequentemente vista por observadores de aves. Há um registro de C. Yamashita em 1988 para o Parque Estadual Carlos Botelho (Sick, 1997) e um registro recente para a Reserva Particular do Patrimônio Nacional Parque do Zizo (B. Lima *com. pess.*). Ave registrada também no Parque Estadual da Ilha do Cardoso (Martuscelli, 1990). Também na Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

O pica-pau-de-cara-canela se alimenta principalmente de larvas de besouros que encontra logo abaixo da casca de árvores. Forrageia no extrato médio da vegetação em galhos com diâmetros grandes e pequenos. Geralmente é observado um indivíduo solitário ou um casal. Nidificam em ocos de árvores entre 2 e 3 m de altura, e o período reprodutivo se dá durante os meses de setembro e outubro, principalmente. Estima-se que a área total de distribuição desta espécie seja de 24.000 km² e que a população total seja de no máximo 10 mil indivíduos (Winkler & Christie, 2002).

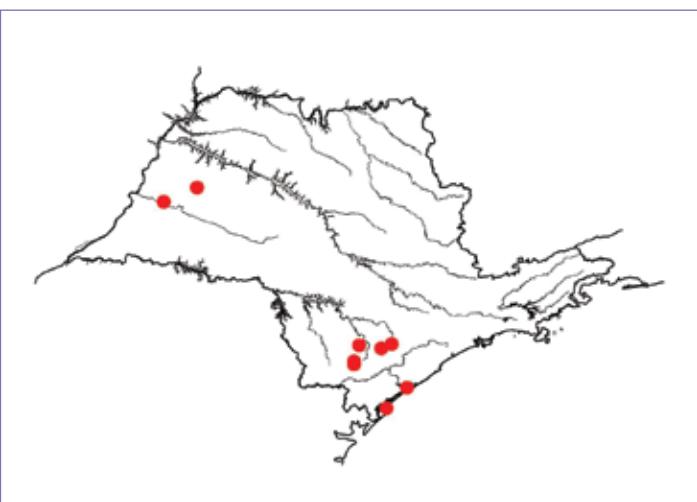
Ameaças

Destrução de habitat e desmatamento.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, busca de indivíduos onde há registros históricos e em localidades potenciais para a sua ocorrência.

AUTOR: Marco Antonio Rego



Campephilus melanoleucus (Gmelin, 1788)

Piciformes, Picidae

Nomes vernaculares

Pica-pau-de-topete-vermelho, pica-pau-de-garganta-preta.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1iii, iv.

Justificativa

Apesar da ampla distribuição desta espécie pela América do Sul, a substituição de grandes áreas de Cerrado por monoculturas e pastagens no interior paulista proporcionou forte impacto na população presente no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Campephilus melanoleucus ocorre no Cerrado, Caatinga, matas de galeria e de transição entre Cerrado e Amazônia. Ocorre desde o Panamá até a Argentina e o Paraguai. No Brasil é encontrado de Roraima até o Paraná e possui ampla distribuição pela região central do país (Sick, 1997; Winkler & Christie, 2002). Em São Paulo, a espécie é conhecida principalmente das matas secas do noroeste do Estado (Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Jataí e Reserva Biológica de Sertãozinho.

Biologia da espécie

Muito semelhante ao pica-pau-de-banda-branca, *Dryocopus lineatus*, espécie que ocorre em simpatria e com a qual geralmente é confundida. *Campephilus melanoleucus* difere desta espécie por apresentar uma mancha negra na região subauricular, base do bico com uma mancha branca e bico de cor mais clara, próxima à de marfim (Sick, 1997; Short, 1982). Geralmente observada aos pares, mede cerca de 30 cm e pode pesar quase 300 g. Essa grande espécie de pica-pau se alimenta principalmente de larvas de besouros, formigas e cupins, além de outros insetos (Short, 1982; Winkler & Christie, 2002). Utiliza seu bico para escavar e proferir fortes golpes em troncos a fim de capturar seu alimento. Não

possui grandes restrições quanto aos locais de forrageamento e procura com certa frequência os galhos mortos ou secos de árvores vivas, sendo que estes podem ser de diâmetros bem variados (Short, 1982). No sul e sudeste do Brasil e na Argentina, o período de reprodução ocorre entre os meses de maio e dezembro. Chocam de dois a quatro ovos e ambos os sexos escavam o ninho e incubam os ovos.

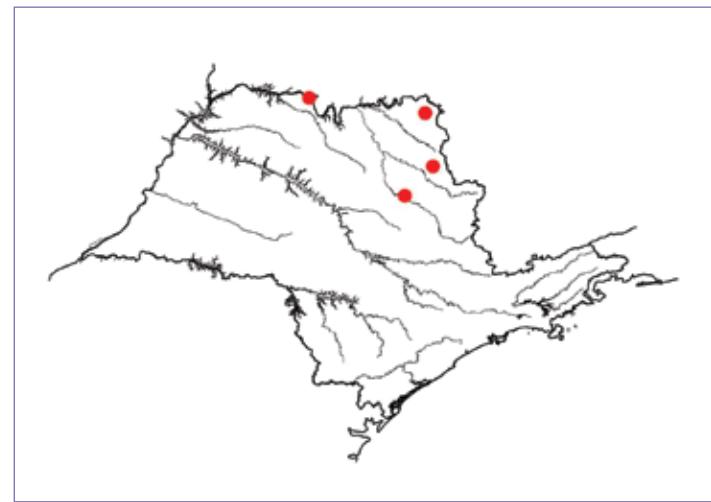
Ameaças

Substituição, em grande escala, de vegetações nativas por monoculturas e áreas de pastagens ao longo da distribuição da espécie.

Medidas para a conservação

Criação de mais unidades de conservação pelo Estado ao longo da distribuição da espécie.

AUTOR: Marco Antonio Rego



Melanopareia torquata (Wied, 1831)

Passeriformes, Melanopareidae

Nomes vernaculares

Tapaculo-de-colarinho, meia-lua-do-cerrado.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Esta espécie foi pouco registrada no Estado e já deve ter desaparecido da maioria das áreas onde ocorria. Além disso, *M. torquata* é sensível a mudanças de habitat e à vegetação exótica.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Endêmica do Cerrado. Ocorre principalmente em campos cerrados e campos sujos (Krabbe & Schulenberg, 2003). A sua ocorrência é menos frequente em áreas muito abertas, como campos limpos, ou muito fechadas, como o cerrado *sensu stricto* (Tubelis & Cavalcanti, 2000). Também pode ocorrer em áreas alteradas como pastagens com arbustos, contudo em menor abundância, e evita as gramíneas exóticas, quando há presença de nativas e exóticas (obs. pess.). Ocorre no sul do Pará, sul do Piauí até Goiás, oeste da Bahia até oeste de Minas Gerais, norte de São Paulo, todo o Mato Grosso do Sul, leste da Bolívia (Santa Cruz) e extremo nordeste do Paraguai. (Ridgely & Tudor, 1994).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Águas de Santa Bárbara (Willis & Oniki, 1981); Estação Ecológica de Itirapina (Motta-Junior *et al.*, 2008).

Biologia da espécie

Normalmente vive solitária e alimenta-se de pequenos insetos (Sick, 1997). O seu deslocamento ocorre na parte inferior de arbustos, geralmente abaixo das gramíneas altas (Ridgely & Tudor, 1994). Ocassionalmente pode utilizar buracos de tatus e ratos-de-espinho como abrigo e refúgio (dados não publicados). O ninho apresenta um formato globular fechado, localizado entre moitas de gramíneas. Os filhotes deixam o ninho entre 12 e 14 dias depois do seu nascimento (Gressler & Marini, 2007).

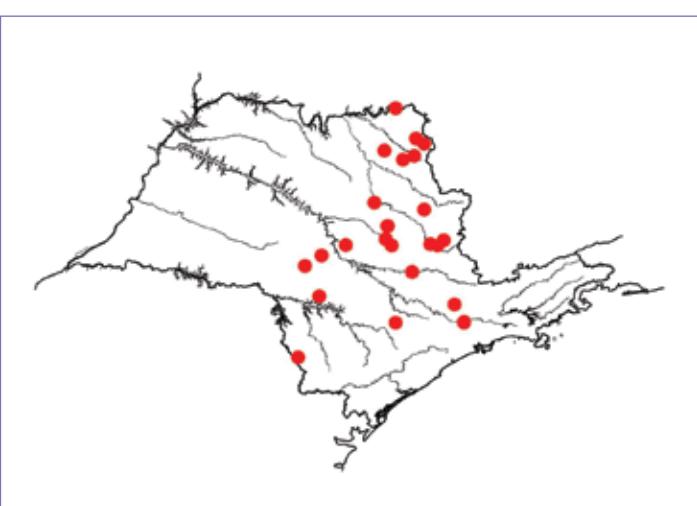
Ameaças

As principais ameaças são a destruição de cerrados pela expansão da agropecuária, a conversão de pastos sujos com arbustos e árvores em monoculturas ou pastagens intensivas com gramíneas exóticas e a expansão destas nas unidades de conservação.

Medidas para a conservação

Proteção maior das áreas remanescentes de Cerrado no Estado de São Paulo. Realização do manejo de plantas exóticas com a retirada das mesmas e proteção contra invasões de animais domesticados como gatos, cachorros, gado e cabra. Sugerimos a reintrodução e o monitoramento da espécie nas áreas remanescentes de Cerrado após a eliminação das possíveis causas que levaram ao seu desaparecimento.

AUTOR: Mieko Kanegae



Biatas nigropectus (Lafresnaye, 1850)

Passeriformes, Thamnophilidae

Nomes vernaculares

Papo-branco, choca-da-taquara.

Categoria proposta para São Paulo

EN A1 a, c.

Justificativa

Além da distribuição muito restrita (porção leste da Mata Atlântica, no sudeste do Brasil), essa ave rara está estreitamente relacionada à ocorrência de um tipo específico de vegetação, que possui ciclo de vida peculiar e pouco conhecido – o bambu ou taquara. Como agravante, sua floração ocorre em períodos variados, o que provoca uma disponibilidade sazonal não bem definida, descontínua temporal e geograficamente. Isso torna muito vulneráveis espécies como a choca-da-taquara, que são dependentes desse recurso.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Endêmica da Mata Atlântica, ocorre no Brasil e na Argentina (Misiones). No Brasil já foi registrada em Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina (Zimmer e Isler, 2004). Habita o sub-bosque de florestas primárias e florestas secundárias bem preservadas. A presença de taquarais, principalmente do gênero *Merostachys*, é um componente essencial no habitat em que ela ocorre.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual Intervales, Estação Ecológica Jureia-Itatins e Estação Experimental de Itapetininga. Possível ocorrência, por causa dos registros históricos, no Parque Estadual da Cantareira, na Reserva Biológica de Paranapiacaba e na Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Alimenta-se de artrópodes, particularmente aranhas e insetos. Forrageia aos pares ou individualmente em densos taquarais no interior da mata, normalmente nos extratos inferior e médio. A choca-da-taquara está frequentemente associada a bandos mistos de aves. O ninho é construído sobre o caule de uma taquara a 7 m do solo, exatamente abaixo do topo de um denso taquaral (Zimmer e Isler, 2004).

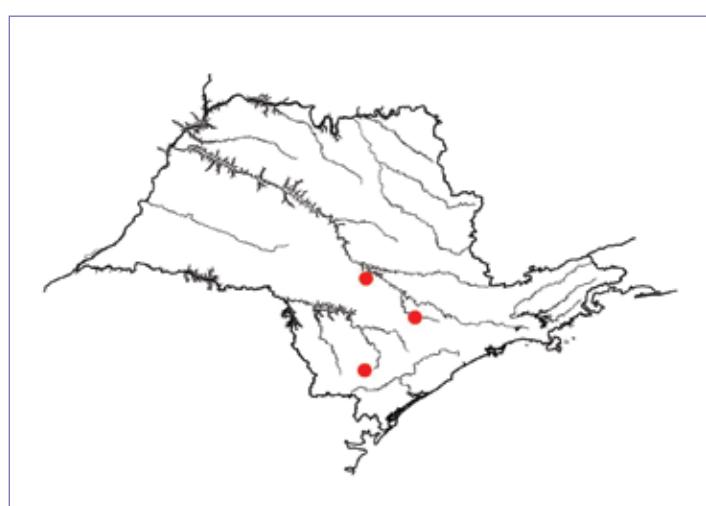
Ameaças

Redução e fragmentação das Florestas Ombrófila Montana e Ombrófila Mista. Parece não ocorrer em pequenos fragmentos (Zimmer e Isler, 2004).

Medidas para a conservação

Proteção e recuperação das áreas de ocorrência da espécie. A manutenção e permanência da diversidade de espécies de taquaras, assim como dos extensos taquarais em várias elevações de altitude nas matas de encosta e nas matas de araucária são essenciais para a preservação dessa espécie. Além disso, devido ao escasso conhecimento da biologia e ecologia da choca-da-taquara, bem como da dinâmica de sua relação com as espécies de taquara, torna-se fundamental a realização de longos estudos relacionados a essa espécie.

AUTOR: Giulyana Althmann Benedicto





***Myrmotherula minor* Salvadori, 1864**
Passeriformes, Thamnophilidae

Nomes vernaculares

Choquinha-pequena, choquinha.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Possui uma área de distribuição pequena, sendo restrita às matas de baixada do leste.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Endêmica do sudeste do Brasil, ocorre do Espírito Santo a Santa Catarina, passando por Minas Gerais, São Paulo e Paraná (Whitney & Pacheco, 1995; Sick, 1997; Del Hoyo *et al.*, 2003). Vive em matas primárias até 900 m, podendo ser registrada ocasionalmente em áreas mais altas. No Estado de São Paulo está restrita às matas de baixada e encosta do leste, ocorrendo desde o litoral norte (Ubatuba) até o litoral sul (Whitney & Pacheco, 1995; Aleixo & Galetti, 1997; Develey, 1997, 2004).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu e Caraguatatuba, Estação Biológica de Boraceia, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual Carlos Botelho e Parque Estadual do Jurupará.

Biologia da espécie

Espécie florestal pequena, encontrada na copa e no sub-bosque escuro de matas altas. Acompanha bando misto de copa e estrato médio, alimentando-se de pequenos insetos e aranhas, que captura bicando folhas e pequenos galhos (Del Hoyo *et al.*, 2003). Apresenta comportamento agitado, sendo observada entre 2 e 15 m do solo. Seu canto é curto e discreto. Vive na mesma área que a choquinha-cinza (*M. unicolor*), e as fêmeas de ambas as espécies são muito semelhantes. A fêmea de *M. minor* possui a cauda mais curta e um “espelho” creme nas coberte-

ras das asas. A ocorrência desta espécie no Parque Estadual de Ilhabela (Müller, 1966) precisa ser mais bem investigada, pois essa unidade de conservação encontra-se bem conservada, apresentando grande disponibilidade de habitat para esta choquinha, o que não corrobora a possibilidade de a mesma ter sido extinta localmente, hipótese levantada por Olmos (1996) e Bencke *et al.* (2006).

Ameaças

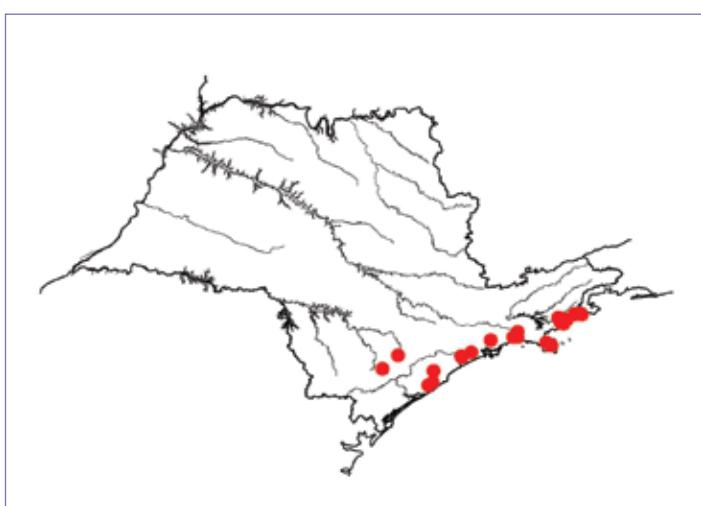
Perda de habitat e fragmentação florestal, causada pelo crescimento desorganizado das cidades litorâneas e pela especulação imobiliária para loteamentos.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada e encosta; levantamento de informações sobre a história natural desta espécie e busca de outros pontos de ocorrência, principalmente nas matas do litoral norte (divisa com o Rio de Janeiro) e no sul (Cananeia, Jacupiranga e Ilha do Cardoso).

AUTOR: Fabio Schunck

FOTOGRAFIA: Fabio Schunck



Myrmotherula unicolor (Ménétriès, 1835)

Passeriformes, Thamnophilidae

Nome vernacular

Choquinha-cinzenta.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Espécie de ocorrência exclusiva na faixa de Mata Atlântica do Leste, principalmente nas matas de restinga, baixada e encosta.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Endêmica do sudeste do Brasil, ocorrendo do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul, passando por Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Santa Catarina (Whitney & Pacheco, 1995; Sick, 1997; Bencke *et al.*, 2000; Buzzetti, 2000). No Estado de São Paulo é restrita às matas do Leste, ocorrendo desde o litoral norte até o litoral sul. Vive em matas altas de baixada e encosta, chegando até 500 m, podendo ser registrada ocasionalmente em áreas mais altas, até 800 m. Na baixada litorânea, é encontrada com frequência em áreas de restinga, onde se alimenta juntamente com outras espécies (del Hoyo *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu e Picinguaba, Estação Biológica de Boraceia, Parque Estadual da Ilha do Cardoso e Estação Ecológica Jureia Itatins.

Biologia da espécie

Pequena, encontrada na copa e no sub-bosque de matas altas, capoeirões e restinga. Acompanha bando misto de copa e estrato médio, alimentando-se de pequenos insetos, aranhas, mariposas e larvas que captura bicando folhas e pequenos galhos. Apresenta comportamento agitado, podendo chegar a pouca altura do solo. Seu canto é rápido e sequencial, fácil de ser notado. Vive na mesma área que a choquinha-pequena (*Myrmotherula minor*), e as fêmeas de ambas as espécies são muito semelhantes. A fêmea de *Myrmotherula unicolor* tem a cauda mais longa e não possui nenhum "espelho" creme nas coberteiras das asas.

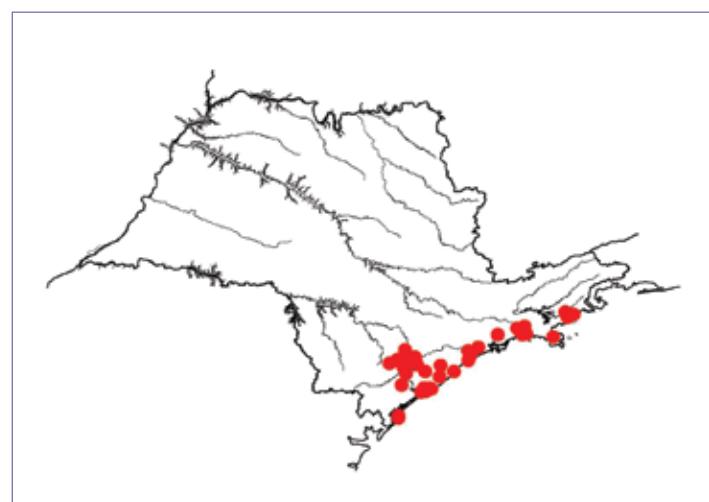
Ameaças

Perda de habitat e fragmentação florestal, principalmente nas áreas de mata de baixada e restinga, que estão sendo destruídas pelo crescimento desorganizado de algumas cidades do litoral e pela implantação de loteamentos e condomínios residenciais de veraneio.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de encosta e baixada e nas áreas remanescentes de restinga do litoral; levantamento de informações sobre a história natural desta espécie e busca de outros pontos de ocorrência, principalmente nas matas do litoral norte (divisa com o Rio de Janeiro).

AUTOR: Fabio Schunck



Nome vernacular

Chorozinho-do-bico-comprido.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Distribuição restrita ao norte do Estado, ocorrendo em poucos remanescentes florestais (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não consta.

Distribuição e habitat

Ocorre nos biomas Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Habita as florestas deciduais e matas ciliares do Piauí à Bolívia e Paraná (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Não apresenta registros publicados para unidades de conservação (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede cerca de 12,5 cm. Diurna e arborícola, vive em casais. Alimenta-se de insetos, capturados sobre a vegetação, principalmente no nível médio e subdossel da mata. Seu ninho é uma cestinha colocada sobre a vegetação, e a fêmea põe dois ovos (Marini *et al.*, 1997).

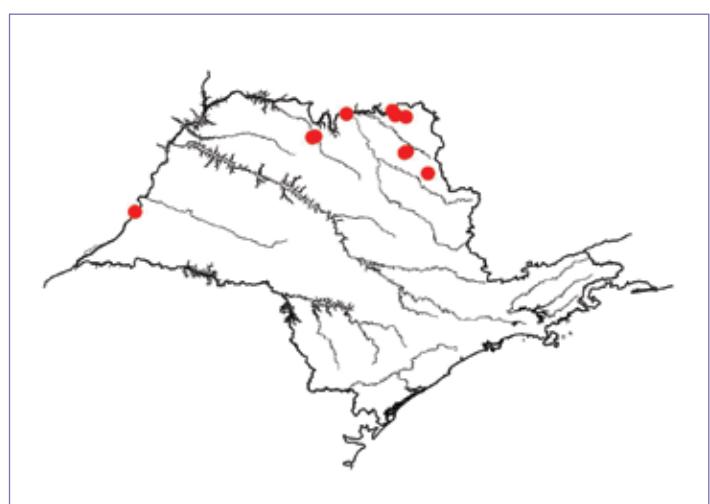
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das matas ciliares e florestas deciduais.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Formicivora melanogaster Pelzeln, 1868

Passeriformes, Thamnophilidae

Nome vernacular

Formigueiro-de-barriga-preta.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Espécie cuja área de distribuição no Estado teve sua vegetação muito alterada e que apresenta poucos registros recentes, nenhum deles no interior de unidades de conservação.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada;

Distribuição e habitat

Biomas Caatinga, Cerrado e Pantanal. Formações mais densas, como o cerradão, matas ciliares e caatinga arbórea, principalmente em áreas ricas em lianas. Ocorre do Nordeste ao Mato Grosso, Bolívia e norte de São Paulo (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Sem registros publicados.

Biologia da espécie

Mede aproximadamente 13 cm de comprimento. Diurna, alimenta-se de insetos capturados sobre a vegetação, principalmente no estrato inferior da mata. Vive solitária ou aos pares. O ninho é uma cestinha de ramos e folhas secas fixada num galho ou forquilha de arbusto.

Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das matas ciliares e cerradões.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nome vernacular

Bicudinho-do-brejo-paulista.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1ac, B1 a biii, iv.

Justificativa

Espécie ainda não descrita, é conhecida de apenas quatro municípios do alto Tietê. As populações remanescentes, que não somam mais de 300 aves, encontram-se na maioria isoladas em pequenos brejos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Esta espécie é conhecida de apenas 14 localidades distribuídas nos municípios de Mogi das Cruzes, Arujá, Biritiba-Mirim e Salesópolis. Mais de 200 horas de campo foram dedicadas à procura desta espécie nos brejos dos municípios vizinhos, incluindo São Paulo, Bertioga, Cubatão e Itanhaém, mas sem sucesso. Habita os brejos naturais ricos em taboas e outras plantas aquáticas.

Presença em unidades de conservação

Desconhecida.

Biologia da espécie

O bicudinho-do-brejo-paulista foi coletado pela primeira vez por Dante Buzzetti em Mogi das Cruzes, e posteriormente descoberto de maneira independente por LFS em Salesópolis. A espécie está sendo descrita cientificamente. Vive aos casais ou em grupos familiares de até quatro aves, forrageando silenciosamente e a baixa altura entre as folhas e caules da vegetação aquática. Alimenta-se de insetos e outros pequenos invertebrados. São silenciosos na maior parte do ano, mas respondem vigorosamente à reprodução do seu canto.

Ameaças

A degradação dos brejos naturais é a principal ameaça à sobrevivência desta espécie. Os brejos da região onde a espécie vive são ameaçados principalmente pela construção de hidrelétricas, queimadas e introdução de plantas exóticas. É a única espécie de ave endêmica do Estado de São Paulo.

Medidas para a conservação

Proteção imediata dos brejos naturais. Criação de uma unidade de conservação na região das coordenadas 23° 32' S/46° 06' W, onde é encontrada a maior população da espécie (aproximadamente 100 aves). Fiscalização contra as queimadas na região. Controle das plantas exóticas que invadem os brejos. Monitoramento das populações existentes e procura por novas populações.

AUTOR: Luís Fábio Silveira



Sclerurus mexicanus Sclater, 1857

Passeriformes, Scleruridae

Nome vernacular

Vira-folha-de-peito-vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Registros muito escassos no Estado em área muito restrita.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Apresenta várias populações disjuntas numa ampla área de distribuição entre o México e a Bolívia. No Brasil, na Amazônia e na Mata Atlântica entre Alagoas e São Paulo. Também em Minas Gerais (Parque Estadual do Caraça) e Rio de Janeiro (Parque Estadual do Desengano) (Sick, 1997). Habita a floresta tropical de baixadas e de encostas, geralmente em regiões montanhosas, do nível do mar até 2.000 m (del Hoyo *et al.*, 2003). Tem naturalmente populações pequenas (1 a 6 indivíduos/km² na Guiana Francesa) (del Hoyo *et al.*, 2003).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar (Ubatuba).

Biologia da espécie

Procura o alimento revirando folhas caídas no chão da mata (Willis & Oniki, 2003). Alimenta-se de invertebrados (del Hoyo *et al.*, 2003). Faz o ninho dentro de pequenos túneis em barrancos. É residente (del Hoyo *et al.*, 2003).

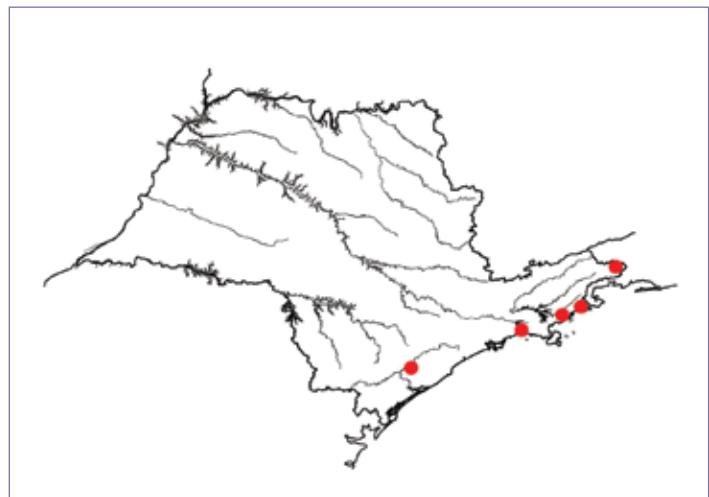
Ameaças

Fragmentação e exploração seletiva das matas (del Hoyo *et al.*, 2003).

Medidas para a conservação

Conhecer melhor a distribuição da espécie no Estado, o status das populações e a biologia da espécie.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Nome vernacular

Andarilho.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1 biii ciii.

Justificativa

Espécie típica dos campos limpos e cerrados mais abertos e que perdeu boa parte do seu habitat no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

O andarilho é uma pequena espécie da família do joão-de-barro que pode ser encontrada originalmente em cerrados e campos limpos bem preservados desde o Tocantins, passando por Bahia, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo, além de ocorrer marginalmente na Bolívia. Hoje é muito raro e restrito a poucas localidades no Brasil.

Presença em unidades de conservação

Provavelmente na Floresta Nacional de Ipanema (registros históricos) e nas estações ecológicas de Itirapina e Itapetininga.

Biologia da espécie

Pode ser visto solitário ou aos pares. Passa a maior parte do tempo no solo à cata de insetos, empoleirando-se muito pouco. Prefere campos limpos ou cerrados com poucos arbustos e pode passar despercebido em muitas localidades. É muito vocal durante o período reprodutivo, que vai de agosto até janeiro, quando chama a atenção por causa dos seus voos de exibição e por sua vocalização insistente. Nidifica no solo, onde escava galerias. Pode utilizar buracos na base de cupinzeiros e também buracos abandonados de tatus, onde costuma escavar internamente uma pequena galeria. Não apresenta dimorfismo sexual de plumagem. Não tolera cerrados ou campos modificados, embora consiga sobreviver em campos limpos com algum pasto-rio. Parece preferir campos recém-queimados, onde é visto forrageando.

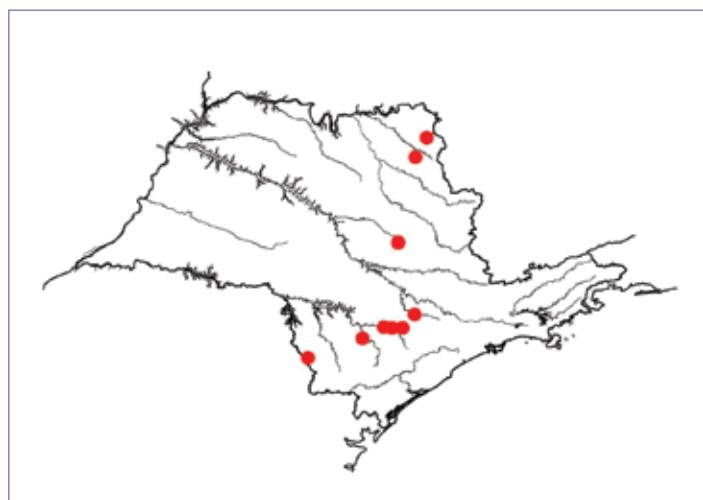
Ameaças

A principal ameaça a esta espécie é a destruição e descaracterização dos campos naturais e dos cerrados de São Paulo. O andarilho apresenta alta especificidade de habitat e não se adapta a áreas onde existem gramíneas exóticas ou plantações.

Medidas para a conservação

Proteção dos últimos remanescentes de campos limpos e cerrados do Estado. Controle de gramíneas invasoras e de queimadas nessas áreas. Busca por novas populações nas áreas que ainda apresentam habitat disponível e novos estudos onde existem registros históricos. Esses estudos devem ser feitos preferencialmente durante a estação reprodutiva, quando é maior a possibilidade de encontrar as aves.

AUTOR: Luís Fábio Silveira



Campylorhamphus trochilirostris

(Lichtenstein, 1820)

Passeriformes, Dendrocolaptidae

Nome vernacular

Arapaçu-beija-flor.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1 abiv.

Justificativa

Espécie conhecida por um único registro antigo no Estado e nunca mais vista.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

O arapaçu-beija-flor pode ser encontrado por quase toda a América do Sul. Habita uma grande variedade de habitat, desde a Floresta Amazônica até a Caatinga. Na Região Sudeste, prefere as matas secas e semi-deciduas.

Presença em unidades de conservação

Desconhecida.

Biologia da espécie

Embora possua ampla distribuição, este arapaçu é ainda pouco conhecido. Vive solitário ou em pares, e pode fazer parte de bandos mistos de aves. Habita o dossel e procura invertebrados nos amontoados de folhas secas e gravatás. É uma espécie bastante vocal, e o formato do seu bico chama a atenção, facilitando a sua identificação.

Ameaças

A degradação das matas semideciduais do interior do Estado certamente é a maior ameaça à sobrevivência desta espécie.

Medidas para a conservação

Procura urgente por novas populações no extremo oeste do Estado. A proteção dos últimos remanescentes de floresta semidecidual é importante na medida em que fornece habitat para eventuais indivíduos que possam recolonizar estas áreas.

AUTOR: Luís Fábio Silveira



Nomes vernaculares

Bate-bico, tico-tico-do-biri, cachimbo.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Existem poucos registros para esta espécie em São Paulo. Além de sua relação de especificidade para ambientes paludícolas, que se encontram altamente ameaçados em São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Sua distribuição pela América do Sul engloba Peru, Bolívia, Paraguai, Brasil, Argentina, Uruguai e Chile (Sick, 1997). No Brasil, ocorre desde o Rio de Janeiro até o Rio Grande do Sul, com populações migratórias no Paraná (Mikich & Bérnails, 2004). De acordo com os registros existentes, ocorre pontualmente em São Paulo (Bertioga, Cubatão, Iguape e Aracaju), mas provavelmente sua distribuição se estende por toda a planície litorânea, área onde ainda existem os ecossistemas paludosos que ela habita, tais como brejos de taboa e banhados.

Presença em unidades de conservação

Provável ocorrência, em virtude de registros existentes, na Estação Ecológica Jureia-Itatins e Estação Ecológica de Chauás.

Biologia da espécie

O bate-bico é uma espécie paludícola meridional. Sua alimentação é composta basicamente de artrópodes (Van Remsen, 2003). O período reprodutivo ocorre entre a primavera e o verão. Nidifica nos estipes da taboa, e seu ninho arredondado é construído com folhas de piripiri (*Rhynchospora cephalotes*) e lama (Sick, 1997). Pode colocar de dois a quatro ovos (Van Remsen, 2003).

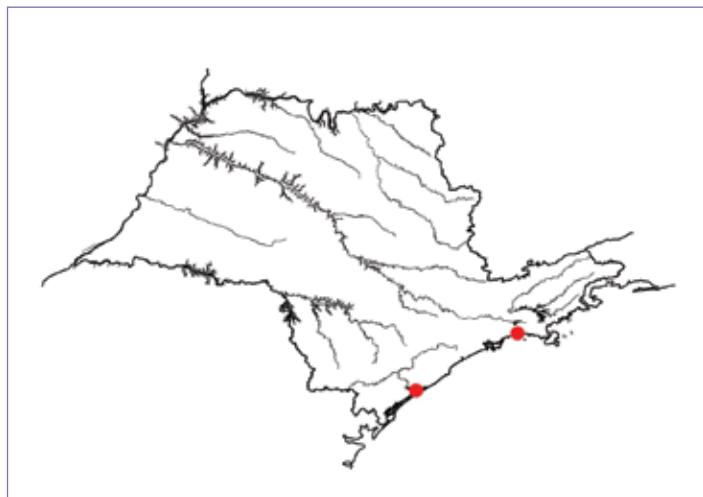
Ameaças

A degradação dos ambientes lacustres, banhados, brejos e planícies litorâneas, principalmente em decorrência da drenagem desses ambientes para ocupação imobiliária desordenada, assim como a poluição de córregos, rios e mangues constituem a principal ameaça à preservação desta espécie em São Paulo.

Medidas para a conservação

A conservação desta espécie extremamente dependente de ambientes paludícolas está diretamente relacionada à proteção e recuperação de seu habitat. Por isso se torna fundamental a realização de esforços no sentido de criar unidades de proteção integral em áreas de brejo ao longo dos cursos dos rios que deságuam nos manguezais, nas planícies litorâneas, bem como em áreas pantanosas no interior. Também é essencial o desenvolvimento de pesquisas sobre sua história natural e a dinâmica de suas populações no que diz respeito a deslocamentos sazonais.

AUTOR: Giulyana Althmann Benedicto



Oreophylax moreirae (Miranda-Ribeiro, 1906)

Passeriformes, Furnariidae

Nome vernacular

Garrincha-chorona.

Categoria proposta para São Paulo

EN, B1 a, b iii, iv.

Justificativa

Distribuição geográfica muito restrita. Comum em alguns locais, mas com áreas de distribuição muito pequenas. Grande dependência do habitat.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Serra do Caparaó (Minas Gerais e Espírito Santo), dos Órgãos, Itatiaia e no alto do Parque Estadual do Desengano (Rio de Janeiro) (Sick, 1997). Cumes campestres das mais altas serras do Brasil meridio-oriental. Abundante nas brenhas de *Chusquea pinifolia* entre 1.900 e 2.800 m acima da linha das florestas (Sick 1997).

Presença em unidades de conservação

Não há unidades de conservação nas áreas de ocorrência da espécie.

Biologia da espécie

Alimenta-se de artrópodes, frutas (eventualmente drupas de Rapanea). Captura as presas nas folhagens e ramos. Faz ninhos fechados. É residente (del Hoyo *et al.*, 2003).

Ameaças

Fogo na região do ecótono da linha de floresta (del Hoyo *et al.*, 2003). Falta de proteção das áreas de ocorrência. Demanda por turismo de aventura nas áreas de ocorrência.

Medidas para a conservação

Instituição de unidades de conservação nas áreas de ocorrência. Complementar pesquisa de sua ocorrência na região da Serra da Mantiqueira. Controle de fogo nas regiões de ocorrência da espécie.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Nome vernacular

João-grilo.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Espécie com poucas localidades de ocorrência confirmada no Estado. O habitat ribeirinho preferido por ela foi muito afetado pela implantação de barragens de usinas hidrelétricas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Biomass Amazônia, Caatinga, Cerrado e Pantanal. Distribuição pontual, em várzeas e campinas com vegetação arbustiva densa, do Peru, Bolívia, Amazônia Ocidental, Ceará, Alagoas, Bahia, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Paulo de Faria (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede 15,5 cm de comprimento. Diurno, insetívoro, vive solitário ou em pares. O ninho é uma bolsa fechada feita de galhos secos (Sick, 1997).

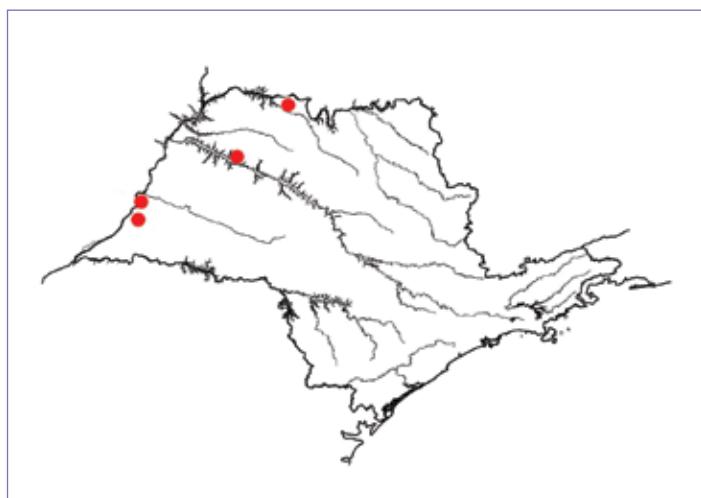
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das várzeas.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Synallaxis scutata Sclater, 1859

Passeriformes, Furnariidae

Nomes vernaculares

Estrelinha-preta ou viu-vi.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Grande redução da cobertura florestal na sua área de ocorrência no Estado. Remanescentes florestais muito pequenos e isolados.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Florestas ribeirinhas e decíduas do sudeste do Pará a Pernambuco e, ao sul, até a Bolívia e o noroeste da Argentina (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Jataí e Estação Ecológica de Paulo de Faria (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede 15,5 cm de comprimento. Diurna, insetívora, vive solitária ou em pares. Ninho fechado feito de galhos (Teixeira & Luigi, 1993; Sick, 1997).

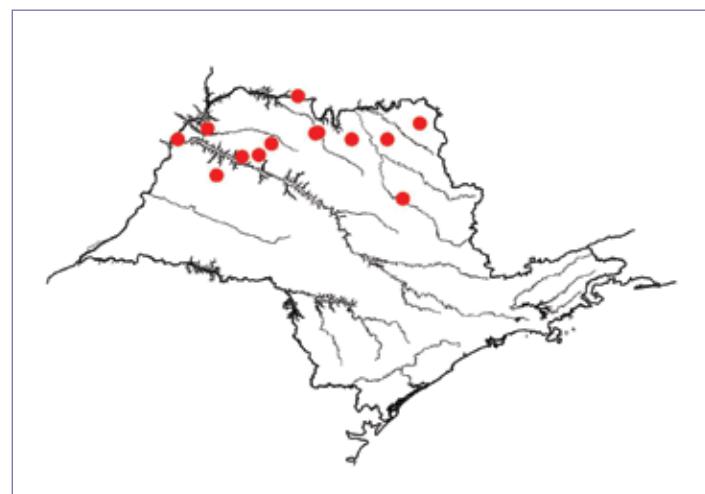
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das matas ciliares.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nomes vernaculares

Papa-moscas-estrela, maria-tesourinha.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Esta espécie possui uma população pequena e fragmentada, apresentando uma distribuição quase que pontual no Estado, restrita às matas de baixada do litoral norte.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Endêmica do Brasil, ocorrendo nos estados da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro até o litoral norte de São Paulo (Gonzaga *et al.*, 1995; Del Hoyo *et al.*, 2004). Habita a Mata Atlântica de baixada (floresta ombrófila densa), vivendo entre a vegetação fechada de taquarais/bambuzais e bordas densas das matas do litoral (Willis e Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Caraguatatuba e Picinguaba, e Estação Experimental de Ubatuba.

Biologia da espécie

Florestal. Apresenta cauda muito distinta, bifurcada com pontas brancas. Faz voos curtos, entre 1 e 10 m do chão, alimentando-se de pequenos insetos e larvas. Sua vocalização é discreta, como os demais *Hemitriccus*. Vive entre a vegetação fechada do sub-bosque (Willis e Oniki, 2003). Pouco se sabe sobre sua reprodução, mas alguns indivíduos jovens foram observados no mês de novembro em Boa Nova, BA (Del Hoyo *et al.*, 2004). Existe uma pele coletada por Natterer em 1818 na localidade de Mato Dentro (São José dos Campos), onde a espécie não foi mais encontrada (Willis e Oniki, 2003).

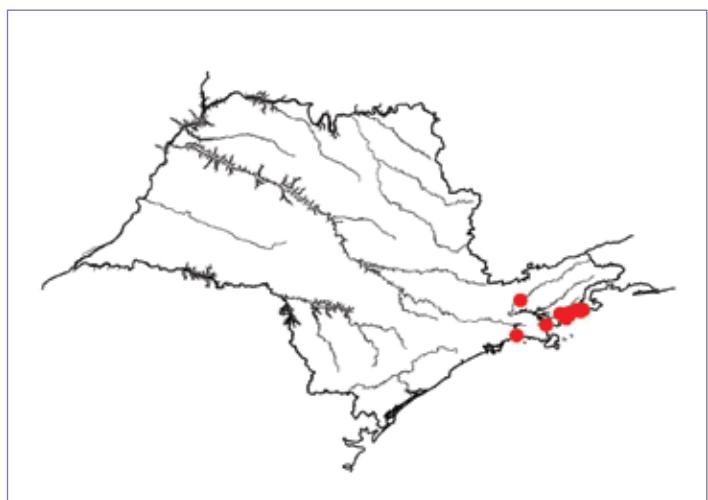
Ameaças

Perda de habitat e fragmentação florestal causada pelo crescimento desorganizado das cidades litorâneas e com a especulação imobiliária para loteamentos e construção de casas de veraneio.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada e encosta; levantamento de informações sobre a história natural (exigências ecológicas de habitat) desta espécie e busca de outros pontos de ocorrência, principalmente nas matas altas da região do Vale do Paraíba (São José dos Campos), onde existe um registro histórico.

AUTOR: Fabio Schunck



Myiopagis gaimardii d'Orbigny, 1839

Passeriformes, Tyrannidae

Nome vernacular

Maria-pechim.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Apresenta limite de distribuição no oeste e nordeste do Estado de São Paulo, áreas que sofreram intensa supressão florestal.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorrência em boa parte da América do Sul, desde o Panamá, ao norte, passando pela Amazônia e chegando a São Paulo, mais ao Sul. Vive em floresta ombrófila densa, bordas de floresta, matas de galeria e, com menor frequência, em florestas deciduais e secundárias. Geralmente em altitudes inferiores a 1.000 m.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo; Estação Ecológica de Paulo de Faria.

Biologia da espécie

Sua dieta é composta de insetos e pequenos frutos. Em geral, forrageia em bandos mistos no alto das copas das árvores. Põe em média dois ovos. É relativamente comum dentro da sua distribuição.

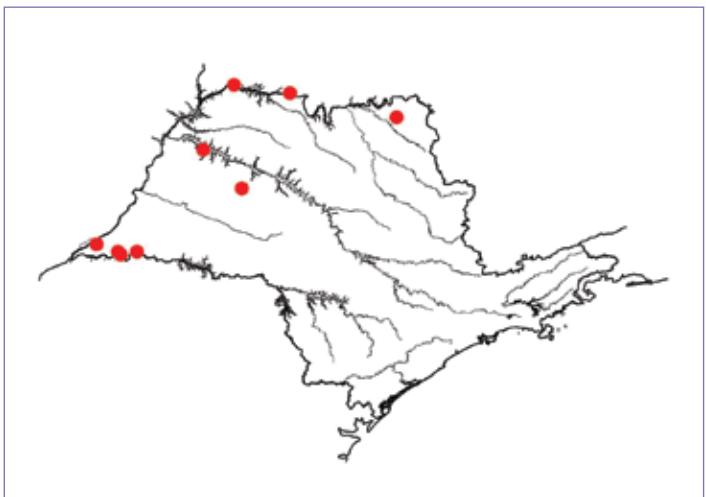
Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat, desmatamento, isolamento das populações.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, manejo e restauração da paisagem, pesquisa científica.

AUTOR: Alexandre Uezu



Nome vernacular

Guaracava-de-topete-uniforme.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abiii, iv.

Justificativa

Distribuição restrita ao centro e norte do Estado, regiões muito alteradas pelo homem, onde restam poucas manchas de Cerrado que asseguram sua presença em São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Distribui-se do norte da América do Sul, abrangendo o nordeste e centro do Brasil, chegando até a região central do Estado de São Paulo. Habita o Cerrado, a Caatinga, o campo cerrado, campinaranas arbustivas e capoeira rala. As altitudes máximas chegam a 1.350 m.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Jataí; Estação Ecológica de Itirapina; Estação Experimental de Itirapina; Estação Experimental de Itapetininga; Reserva Estadual Fazenda Campininha.

Biologia da espécie

Alimenta-se de pequenas frutas e insetos, os quais capturam empoleirados ou em pequenos voos nos quais pegam a presa no ar. Vive solitária ou em pares. Choca dois ovos. Relativamente comum nos locais de ocorrência.

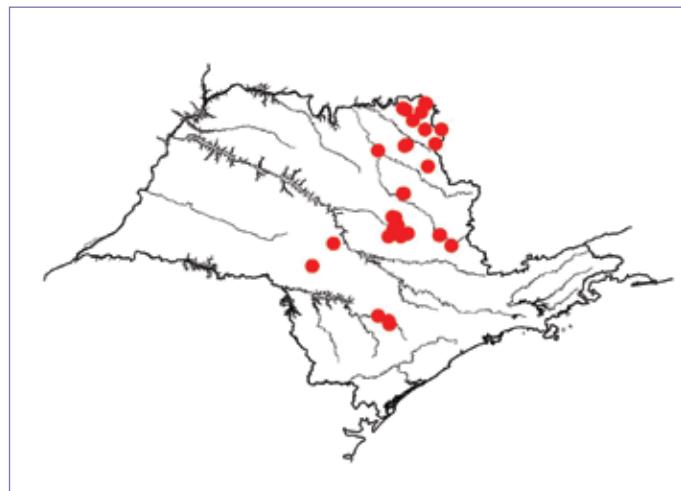
Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, manejo e restauração da paisagem, pesquisa científica.

AUTOR: Alexandre Uezu



Suiriri suiriri Vieillot, 1818

Passeriformes, Tyrannidae

Nome vernacular

Suiriri-cinzento.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1 biii, iv.

Justificativa

Espécie encontrada no interior do Estado de São Paulo em poucos remanescentes relativamente pequenos de Cerrado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Distribuição ampla, desde a Bolívia, Paraguai, Argentina e Uruguai, passando pelo Brasil central até a Região Nordeste. Vive em cerrados, caatingas e campinaranas, sendo restritas a ambientes abertos e a campos com árvores esparsas. Chega a ocorrer a cerca de 3.000 m de altitude nos Andes.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina; Estação Ecológica Santa Bárbara.

Biologia da espécie

Alimenta-se de artrópodes e frutos pequenos. Coleta o alimento diretamente de folhas e ramos e, com menor frequência, captura as presas no ar. Espécie localmente comum. Nidifica sobre árvores e arbustos, a uma altura média de 4 m, e põe entre dois e três ovos, entre setembro e dezembro. O tempo de incubação é em média de 15 dias. Sofre parasitismo de *Molothrus bonariensis*. Relativamente comum nas áreas de ocorrência.

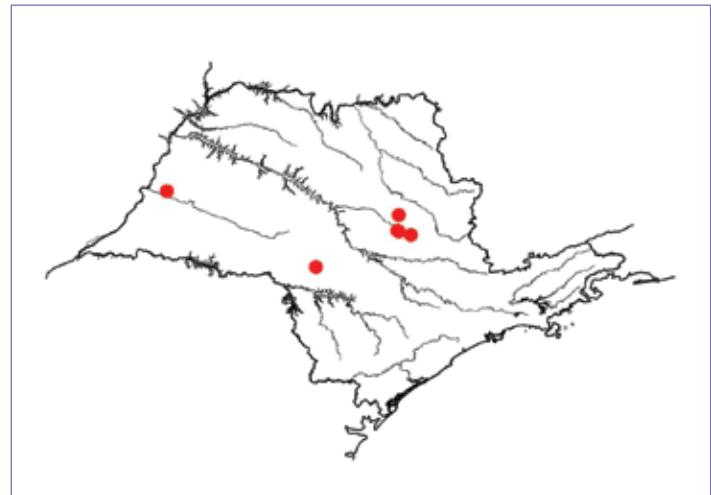
Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, manejo e restauração da paisagem, pesquisa científica.

AUTOR: Alexandre Uezu





***Polystictus pectoralis* (Vieillot, 1817)**
Passeriformes, Tyrannidae

Nomes vernaculares

Papa-moscas-canela, tricolino-canela.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Espécie com muito poucos registros no Estado. Willis & Oniki (2003) a consideram quase extinta em São Paulo em virtude da destruição de campos naturais, seu principal habitat.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Cerrado, Pantanal e Campos do Sul, em campos naturais, incluindo principalmente capins altos com ou sem alguns arbustos. Ocorre localmente em manchas de savana na Colômbia, Venezuela, Guiana e Suriname, além das savanas de Roraima e Amapá; leste da Bolívia, Paraguai; do Mato Grosso e sul de Goiás até o Rio Grande do Sul, onde é raríssimo (Belton, 1994), alcançando mais ao sul o centro e norte da Argentina (Ridgely & Tudor, 1994; Fitzpatrick *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina (Willis 2004, Motta-Junior *et al.*, 2008).

Biologia da espécie

Vive solitária ou em casais e ocasionalmente acompanha bandos mistos (Ragusa-Neto 2002). Muitas vezes empoleira verticalmente em caules e capins altos. Pega insetos em voos curtos a partir de poleiro (Ridgely & Tudor, 1994). Incuba três ovos em tigela formada de capim e outras fibras a menos de 1 m de altura em arbustos (Fitzpatrick *et al.*, 2004). História natural pouco conhecida. Embora não numerosa, é espécie regular nos campos limpos da Estação Ecológica de Itirapina, ao menos desde a década de 80 (Willis, 2004; Motta-Junior *et al.*, 2008).

Ameaças

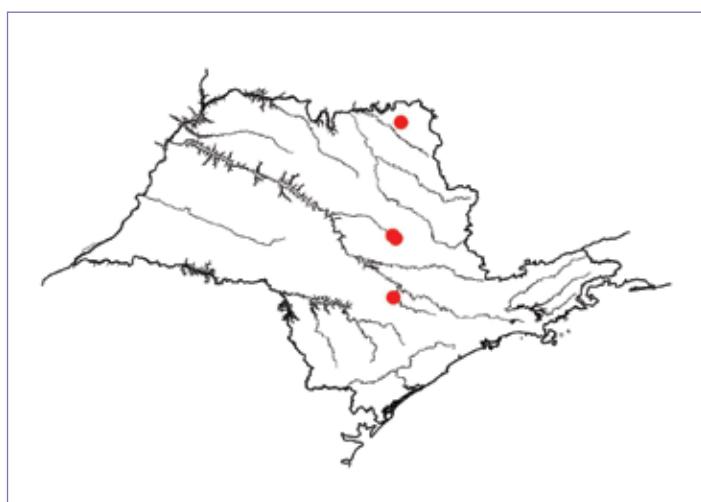
Destruição de campos limpos e sujos naturais. Muito raramente observada em vegetação alterada (Fitzpatrick *et al.*, 2004).

Medidas para a conservação

Campos e cerrados mais abertos devem ser preservados. Necessárias pesquisas envolvendo censos com playback para monitoramento de populações existentes, além de ecologia e história natural. Incorporação de áreas de campos naturais adjacentes à Estação Ecológica de Itirapina.

AUTOR: José Carlos Motta-Junior

FOTOGRAFIA: José Carlos Motta-Junior



Euscarthmus rufomarginatus (Pelzeln, 1868)

Passeriformes, Tyrannidae

Nome vernacular

Maria-corruíra.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c, B1 iii, iv.

Justificativa

Registrado para o Estado de São Paulo com base nos exemplares coletados pelo naturalista Natterer no século XIX em duas localidades, Calção de Couro (Ituverava) e Rio das Pedras, que serviram à descrição da espécie. Pesquisas recentes nessas áreas não a reencontraram (Parker III & Willis, 1997).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Caatinga e Cerrado, áreas campestres com capim alto e arbustos esparsos (ex. campo cerrado). Ocorre nas savanas do Suriname, Bolívia, Paraguai, Amapá, no sul do Pará, Maranhão e Piauí ao Mato Grosso e São Paulo (Parker III & Willis, 1997; Sick, 1997; D' Angelo-Neto & Queiroz, 2000).

Presença em unidades de conservação

Sem registro publicado (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede 11 cm de comprimento e pesa 6 g (Parker III & Willis, 1997; Sick, 1997). Diurno, alimenta-se de artrópodes e pequenos frutos. Vive aos pares (Parker III & Willis, 1997).

Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de habitat. Manejo do ambiente visando à conservação de áreas campestres, já que estas se encontram invadidas por vegetais exóticos como *Pinus* spp., ou em processo de adensamento, tendendo a dar lugar a formações arborizadas do Cerrado. Pesquisa científica com o objetivo de procurar populações nas poucas áreas de campo cerrado remanescentes no Estado.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nome vernacular

Barbudinho.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 biii, iv.

Justificativa

A espécie apresentava ampla distribuição no Estado e atualmente é encontrada com regularidade em apenas uma localidade.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica das regiões sudeste e sul do Brasil, nos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Também na Argentina e no Paraguai.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Cantareira.

Biologia da espécie

Espécie discreta, encontrada pontualmente em toda a sua área de distribuição. Habita o estrato médio e a copa das florestas primárias ou em avançado estado de regeneração, e pode passar despercebido por não ser muito vocal e por causa do seu comportamento (Silveira, 1998). Membro infrequente de bandos mistos. Alimenta-se de insetos, que caça em voos curtos. Pode ser visto sempre aos casais e atende rapidamente à reprodução do seu canto. Em São Paulo possuía ampla distribuição, atualmente sendo encontrado com regularidade apenas na Serra da Cantareira. Alguns autores a colocam no gênero *Pogonotriccus*, cujos demais membros distribuem-se principalmente nos Andes.

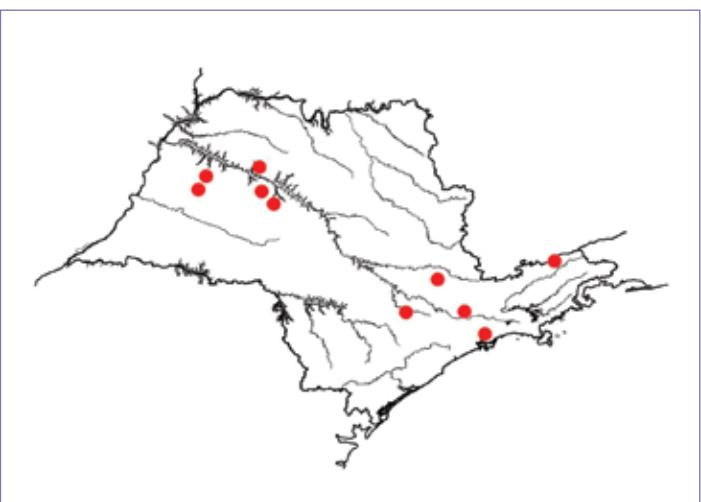
Ameaças

A destruição e descaracterização da Mata Atlântica são os principais fatores que ameaçam esta espécie.

Medidas para a conservação

Procura por novas populações utilizando a reprodução do canto desta espécie, principalmente entre os meses de julho e janeiro, quando ela defende maisativamente o território. Proteção das áreas onde a espécie ainda pode ser encontrada. Pesquisas sobre a sua ecologia e biologia.

AUTOR: Luís Fábio Silveira



***Phylloscartes kronei* Willis e Oniki, 1992**

Passeriformes, Tyrannidae



Nome vernacular

Maria-da-restinga.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Espécie com reduzido tamanho populacional, constantemente ameaçada pela destruição de seu habitat, principalmente para construção de loteamentos em zonas de restinga.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica. Ocorre do sul do Estado de São Paulo ao nordeste do Rio Grande do Sul (Willis & Oniki, 1992; Sick, 1997; Bencke *et al.*, 2000; Fitzpatrick, 2004). Habita preferencialmente zonas de baixa altitude (até 100 m), podendo ser encontrada a 600 m no estado de Santa Catarina (Willis & Oniki, 2003). É encontrada principalmente em áreas de restinga, podendo ocorrer em florestas de baixada, florestas alagadas, florestas ciliares e capoeiras (Willis & Oniki, 1992; Bornschein, 2001; Fitzpatrick, 2004). Recentemente foi registrada em manguezal no estado do Paraná (Carrano, 2006).

Presença em unidades de conservação

Pode ser encontrada no Parque Estadual da Ilha do Cardoso e na Estação Ecológica Jureia-Itatins (Willis & Oniki, 1992; Develey, 2004).

Biologia da espécie

A maria-da-restinga se alimenta principalmente de artrópodes (Fitzpatrick, 2004, in: del Hoyo *et al.*, 2004) capturados preferencialmente em folhas verdes utilizando manobras aéreas (C.O.A. Gussoni, obs. pess.), podendo ingerir alguns frutos como os de *Myrcia pulchra* (Staggemeier, 2008). Vive solitária ou em casais (Willis & Oniki, 1992; Fitzpatrick, 2004), podendo acompanhar bandos mistos de aves (C.O.A. Gussoni, obs. pess.). Locomove-se com voos curtos, muitas vezes emitindo um característico

ruído com as asas. Constrói ninho fechado revestido de líquens e musgos (13 cm de largura e 16 cm de altura) pouco mais de 1 metro acima do solo, onde são criados dois filhotes (Remold & Ramos Neto, 1995). A temporada reprodutiva da espécie deve compreender o período de setembro a dezembro (Fitzpatrick, 2004). Sua população foi estimada em 2.500 a 10.000 indivíduos (BirdLife International, 2004).

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, ocupação desordenada de zonas de restinga e incêndios (Willis & Oniki, 1992; Fitzpatrick, 2004).

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, incluindo a criação de novas unidades de conservação de proteção integral que abriguem populações consideráveis da espécie (especialmente nos municípios de Cananeia e Ilha Comprida) e pesquisas sobre sua história natural, áreas de ocorrência e situação populacional.

AUTOR: Carlos Otávio Araújo Gussoni

FOTOGRAFIA: Carlos Otávio Araújo Gussoni



Nome vernacular

Não-pode-parar.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Atualmente só é registrada na faixa de Mata Atlântica da região leste do Estado. Pode estar extinto no interior sul do Estado, onde já ocorreu no passado em localidades como Botucatu e Florínia (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Ocorre do Espírito Santo ao nordeste de Santa Catarina, chegando ao Paraguai e à Argentina (Sick, 1997; Del Hoyo *et al.*, 2004). É encontrada de zero a 1.000 m de altitude (matas de baixada e encosta) e historicamente nas matas mesófilas do interior (Willis & Oniki, 2003). Vive em florestas altas, úmidas e preservadas. No Estado de São Paulo está restrita à faixa florestal do leste, sendo encontrada apenas na mata de baixada e encosta até 500 m.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu e Caraguatatuba, Estação Experimental de Ubatuba, Estação Ecológica Jureia-Itatins e Área de Preservação Ambiental Estadual de Ilha Comprida.

Biologia da espécie

Tipicamente florestal. Vive em mata alta, onde se alimenta de pequenos artrópodes. É observada em casais ou famílias e está sempre acompanhando bandos mistos de copa (Willis & Oniki, 2003). Apresenta comportamento inquieto, pulando de galho em galho e bicando as folhas e galhos atrás de alimento. Sua vocalização é curta e discreta. Esta espécie foi descrita por Ihering & Ihering (1907) com base em exemplares cole-

tados na fazenda Caioá (Salto Grande do Paranapanema), localizada no Estado do Paraná (Pinto, 1944). Espécie de difícil identificação em campo, sendo facilmente confundida com outros *Phylloscartes*.

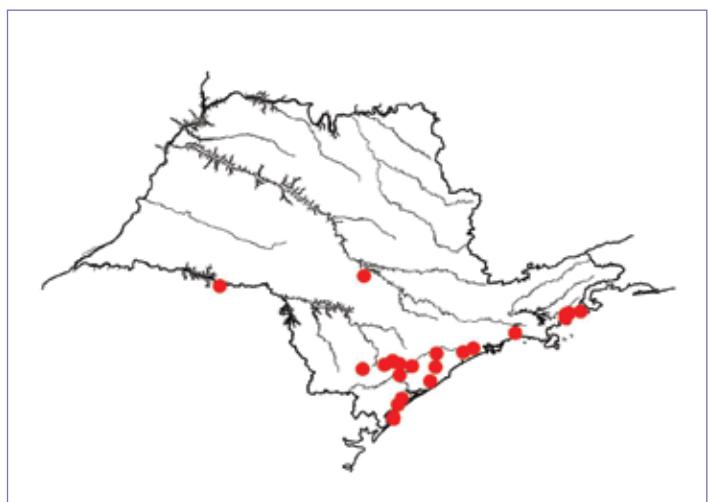
Ameaças

Perda de habitat e fragmentação florestal, causada pela expansão agrícola, pecuária e especulação imobiliária, principalmente nas matas de baixada do litoral, onde estão concentrados os registros atuais desta espécie, e nas matas do interior do Estado, de onde este tiranídeo pode ter desaparecido (Willis & Oniki, 2003; Del Hoyo *et al.*, 2004).

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada e encosta e de floresta mesófila do planalto; levantamento de informações sobre história natural da espécie e busca de outros pontos de ocorrência, principalmente nas matas do interior do Estado, onde já ocorreu no passado.

AUTOR: Fabio Schunck



Sublegatus modestus (Wied, 1831)

Passeriformes, Tyrannidae

Nomes vernaculares

Guaracava-modesta ou sertanejo.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Espécie que ocorre no cerrado *sensu strictu*, com poucos registros no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada;

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Do Peru à Argentina e Uruguai. No Brasil, da Amazônia ao Rio Grande do Sul. Habita o cerrado *sensu stricto*, caatinga rala, campinas e áreas onde predomina vegetação arbustiva (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Sem registro publicado (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Sublegatus modestus mede 14 cm, é diurno e alimenta-se de insetos e frutinhos. Inconspícuo e silencioso, eventualmente pode ser observado pousado ereto, no ápice de arbustos. Vive solitário ou aos pares. Captura o alimento com voos curtos, retornando ao poleiro. Biologia pouco conhecida, aparentemente migratório, aparecendo na Amazônia no inverno austral (Sick, 1997).

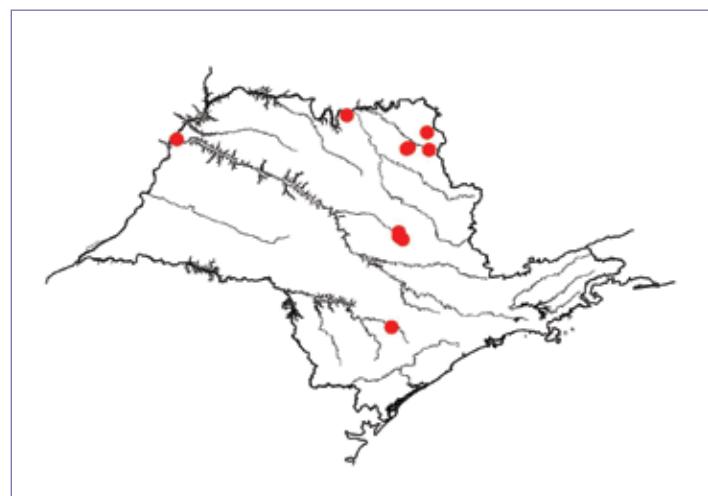
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção, restauração e manejo dos cerrados *sensu stricto*.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes





***Culicivora caudacuta* (Vieillot, 1818)**
Passeriformes, Tyrannidae

Nomes vernaculares

Papa-moscas-do-campo, maria-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Nos últimos anos houve poucos registros de papa-moscas-do-campo em São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): VU; Rio e Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Ocorre na Bolívia, no Brasil, na Argentina e no Paraguai. Sua distribuição é bastante ampla nos Cerrados brasileiros, porém a espécie é mais comumente encontrada no Cerrado do Planalto Central (BirdLife International, 2008). Possui registros para o nordeste, sudeste e sul de São Paulo. Seu habitat é o campo cerrado com vegetação arbustiva, mas também ocorre ocasionalmente nas proximidades de cursos d'água e de áreas brejosas (Mikich & Bérnails, 2004).

Presença em unidades de conservação

Provável ocorrência, em virtude de registros existentes, na Estação Experimental de Itapetininga e Floresta Nacional de Ipanema. Ocorre na Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

Esse pequeno passarinho pode ser encontrado em pequenos bandos familiares, em casais ou individualmente (Sick, 1997; Mikich & Bérnails, 2004). Alimenta-se de invertebrados, por exemplo, insetos. A época de sua reprodução, ao menos na Argentina, ocorre entre outubro e março, e lá seus ninhos são construídos sob vegetação herbácea (*Vernonia chamaedrys*).

Ameaças

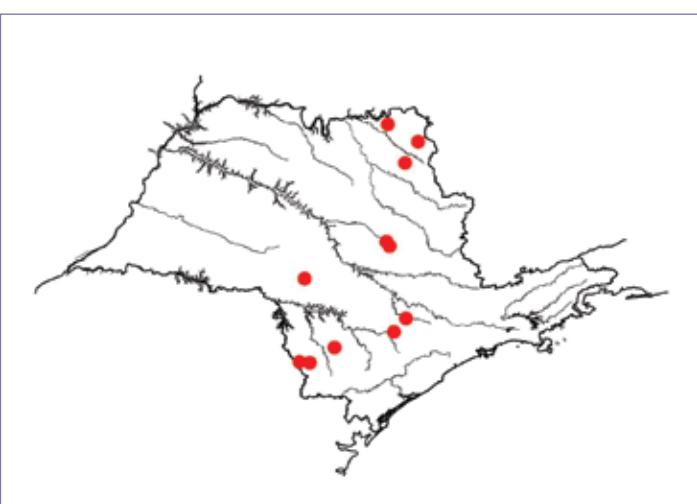
As atividades agropecuárias, em especial o cultivo de eucalipto, causam sérios impactos sobre o habitat de campos cerrados; regimes inapropriados de queimada ameaçam a preservação das populações desta espécie, que vive em campos cerrados mais maduros, onde as queimadas são menos frequentes.

Medidas para a conservação

Proteção de seu habitat por meio da criação de unidades de conservação e ampliação das já existentes, abrangendo a maior área possível de campos cerrados; recuperação dos campos naturais e áreas de brejo, especialmente na região nordeste de São Paulo, onde as atividades agropecuárias vêm tomando conta da paisagem natural; desenvolvimento de estudos científicos a respeito da biologia reprodutiva, tamanho e dinâmica populacional da espécie.

AUTOR: Giulyana Althmann Benedicto

FOTOGRAFIA: José Carlos Motta-Junior



Platyrinchus leucoryphus Wied, 1831

Passeriformes, Tyrannidae



Nomes vernaculares

Patinho-gigante, patinho-de-asa-castanha.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Sua ocorrência atual está restrita a poucas localidades da faixa florestal leste do Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Ocorre do Espírito Santo ao Rio Grande do Sul, chegando ao leste do Paraguai e Argentina (Misiones), onde foi registrado recentemente (del Hoyo *et al.*, 2004; BirdLife International, 2008). No Estado de São Paulo a espécie está restrita à faixa florestal do leste, sendo encontrada na mata de baixada e encosta (floresta ombrófila densa) até 400 m, mas possui ocorrência histórica para Pirajuí e foi registrada por Willis na década de 70 na Fazenda Barreiro Rico (Anhembi). Vive em mata alta e escura, podendo desaparecer de áreas com retirada de madeira (Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu e Caraguatatuba, e Estação Biológica de Boraceia. Pode ocorrer na Estação Ecológica Jureia-Itatins.

Biologia da espécie

Florestal, pequena, bico largo e topete branco puro, que mantém ligeiramente escondido. É observada isoladamente ou em casais, no subbosque ou na copa, quando acompanha bandos mistos. Alimenta-se de pequenos insetos que captura em voos baixos, a cerca de 1 e 3 m do solo (Pizo, 2003; Willis & Oniki, 2003; del Hoyo *et al.*, 2004). Permanece longos períodos do dia sem cantar, mas seu canto é formado por um trinado cheio, além de um chamado forte, sendo facilmente reconhecido em seu ambiente. Vive na mesma área do patinho *Platyrinchus mystaceus*, espécie semelhante morfológicamente, porém de tamanho inferior.

Ameaças

Perda de habitat e fragmentação florestal causada pelo crescimento desorganizado das cidades litorâneas e pela especulação imobiliária para loteamentos e construção de casas de veraneio.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada, encosta e do planalto e, principalmente, nas matas mesófilas do interior; levantamento de informações sobre a história natural da espécie e busca de outros pontos de ocorrência, principalmente no interior do Estado, onde a espécie é rara.

AUTOR: Fabio Schunck

FOTOGRAFIA: Fabio Schunck





Onychorhynchus swainsoni (Pelzeln, 1858)

Passeriformes, Tyrannidae

Nomes vernaculares

Maria-leque, maria-leque-do-sudeste, papa-mosca-real, lecre.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Apresenta distribuição restrita à faixa de Mata Atlântica do leste e em poucas áreas do interior do Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Endêmica do leste brasileiro, ocorrendo desde a Bahia, Minas Gerais e Rio de Janeiro até Santa Catarina, passando por São Paulo e Paraná (Ridgely & Tudor, 1997; Sick, 1997; del Hoyo *et al.*, 2004; Mallet-Rodrigues *et al.*, 2006). No Estado, esta espécie está restrita às matas do leste e em poucas áreas do interior, como Teodoro Sampaio e Bauru (Willis & Oniki, 2003). É encontrada de zero a 1.200 m de altitude, tanto nas matas de baixada quanto nas matas de encosta, mata do planalto (onde é mais comum), matas mesófilas do interior e até em matas de altitude (Bananal). Vive em florestas altas e úmidas, sempre associada a riachos e córregos. Pode ser encontrada em fragmentos florestais grandes, localizados próximo de maciços florestais.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu, Estação Biológica de Boraceia, Estação Ecológica de Bananal, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Intervales, Mosaico do Jacupiranga e Estação Experimental de Ubatuba.

Biologia da espécie

Florestal, vive solitária ou em pares. Possui um leque muito desenvolvido na cabeça, dificilmente observado aberto. Alimenta-se de insetos. Faz ninho em forma de bolsa, construído com musgos, folhas secas e outras fibras vegetais, geralmente em encostas íngremes ou sobre riachos no interior da mata (del Hoyo *et al.*, 2004). Seu canto é simples e curto, muito discreto.

Ameaças

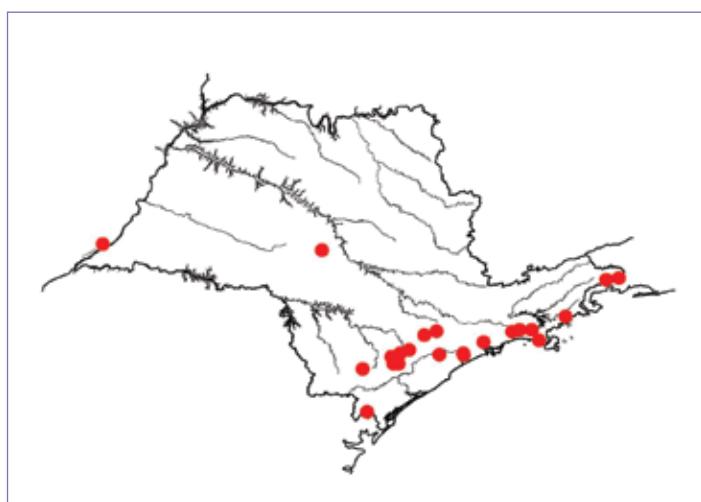
Perda de habitat e fragmentação florestal, principalmente nas florestas da baixada litorânea, onde o crescimento desorganizado das cidades e a especulação imobiliária para loteamentos e construção de casas de veraneio são as principais ameaças.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada, encosta e planalto, além das matas mesófilas do interior; levantamento de informações sobre a história natural da espécie e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck

FOTOGRAFIA: Fabio Schunck



Alectrurus tricolor (Vieillot, 1816)

Passeriformes, Tyrannidae

Nome vernacular

Galito.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1a, B1.

Justificativa

Espécie com poucos registros recentes no Estado. Restrito aos campos naturais pouco alterados ou inalterados. Willis & Oniki (2003) a consideram quase extinta no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CP; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Cerrado e Campos do Sul, principalmente campo limpo com capins altos, campo úmido, pântanos e eventualmente campo sujo (Ridgely & Tudor, 1994; Fitzpatrick *et al.*, 2004). Ocorre ao norte e a leste da Bolívia, nordeste do Paraguai e Argentina, e no Brasil, em Mato Grosso, Distrito Federal, sul de Goiás, Minas Gerais, São Paulo e, ao sul, localmente no Paraná e Rio Grande do Sul (Belton, 1994; Fitzpatrick *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema, Estação Ecológica de Santa Bárbara (Willis & Oniki, 1981); Estação Ecológica de Itirapina (Willis 2004, Motta-Junior *et al.*, 2008).

Biologia da espécie

Tem hábitos gregários e pode ocasionalmente acompanhar bandos mistos (Ragusa-Neto, 2002). Como substrato, utiliza capins altos e, menos frequentemente, arbustos. Machos subadultos apresentam plumagem e cauda parecidas com o padrão da fêmea. O ninho é uma tigela de capins secos escondida no solo ou próximo deste (Fitzpatrick *et al.*, 2004). Insetívoro, pega suas presas em voo ou em folhagens (Fitzpatrick *et al.*, 2004). Mais abundante apenas nas poucas áreas de campos naturais preservados, como nos parques nacionais das Emas e Serra da Canastra (Fitzpatrick *et al.*, 2004). Ecologia pouco conhecida.

Outras informações

O galito tem sido menos observado no inverno (Willis & Oniki, 2003), pois aparentemente migra para o Sul até, provavelmente, a Argentina (Luís F. Silveira, com. pess.). Ao menos parte da população pode migrar (Ridgely & Tudor, 1994). Pode ser considerado indicador de qualidade de campos naturais. Embora pouco numeroso, parece regular nos campos limpos da Estação Ecológica de Itirapina, ao menos desde a década de 80 (Motta-Junior *et al.*, 2008).

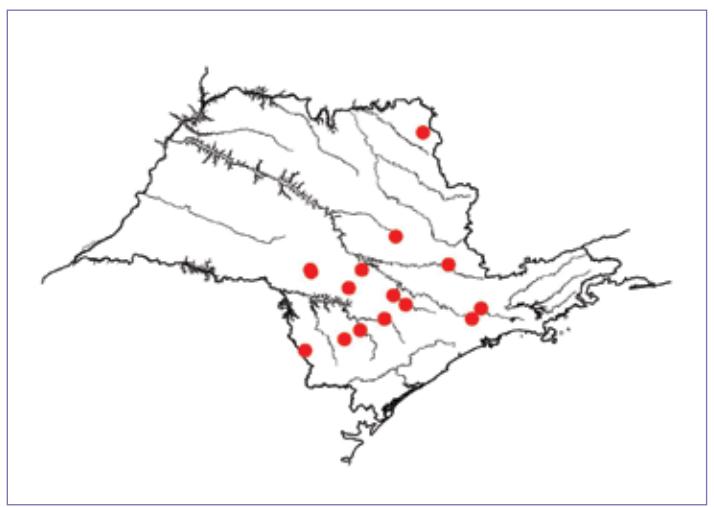
Ameaças

Destrução de campos naturais. Aparentemente não consegue sobreviver em campos antropizados (Fitzpatrick *et al.*, 2004).

Medidas para a conservação

Cerrados abertos e campos naturais remanescentes devem ser preservados. Necessárias pesquisas envolvendo censos com playback para monitoramento de populações existentes, além de ecologia e história natural. Incorporação de áreas de campos naturais adjacentes à Estação Ecológica de Itirapina.

AUTOR: José Carlos Motta-Junior



Nomes vernaculares

Sabiá-pimenta, cochó, crocoió.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Espécie de distribuição restrita à mata litorânea e de encosta. Vive em áreas de floresta não alterada, com presença de palmito. De acordo com a BirdLife International (2008), sua população é estimada entre 2.500 e 10 mil indivíduos e encontra-se em declínio.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Ave endêmica da Mata Atlântica brasileira, ocorrendo localmente em Alagoas e do sul da Bahia a Santa Catarina. Habita a floresta ombrófila densa na baixada litorânea e encosta, de zero até 700 m de altitude, mas é encontrada principalmente abaixo dos 300 m (del Hoyo *et al.*, 2004). Ocupa o estrato alto de matas primárias com presença de palmito (*Euterpe edulis*), mas eventualmente pode ser registrada em matas secundárias bem densas ou matas de restinga altas, como em Ilha Comprida (del Hoyo *et al.*, 2004; Sigrist, 2006).

Presença em unidades de conservação

Área de Proteção Ambiental Estadual da Serra do Mar, Área de Proteção Ambiental Federal Cananeia-Iguape-Peruíbe, Área Natural Tombada Serra do Mar e Paranapiacaba, Reserva Biológica de Paranapiacaba, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual Carlos Botelho e Parque Estadual da Ilha do Cardoso.

Biologia da espécie

Tipicamente florestal, é frugívora, alimenta-se principalmente de frutos de myrtaceas e da palmeira Juçara (del Hoyo *et al.*, 2004; Sigrist, 2004). Movimenta-se pouco e apresenta vocalização forte, de fácil identificação. A sua atividade reprodutiva é pouco conhecida, mas há indícios de que se reproduza no verão (del Hoyo *et al.*, 2004). Em matas altas (acima dos 400 m) é substituída pelo corocochó (*Carpornis cucullata*), mas podem ocorrer juntas em algumas localidades da Serra do Mar. Existe uma descontinuidade na distribuição linear desta espécie, que ocorre justamente no Estado de São Paulo, entre Bertioga e o Estado do Rio de Janeiro (Wege & Long, 1995).

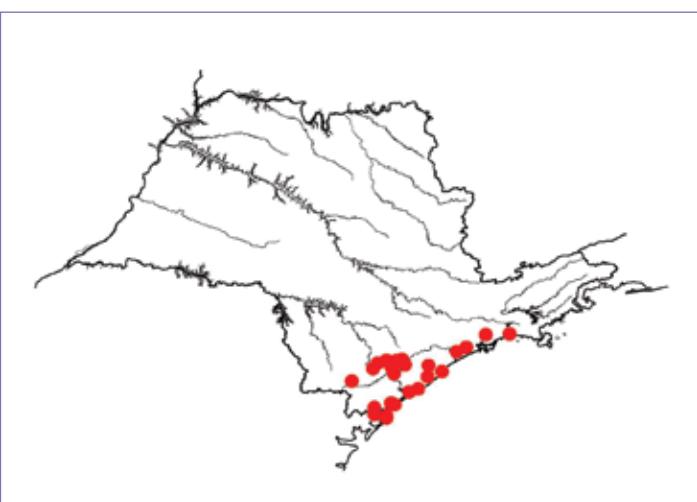
Ameaças

A fragmentação florestal, a perda de habitat na zona costeira e nas encostas da Serra do Mar e o corte ilegal de palmito, que pode ser essencial na dieta alimentar do sabiá-pimenta, são uma grande ameaça para a espécie (Galetti, 1996).

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação de proteção integral nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa de baixada e encosta; levantamento de informações sobre a história natural da espécie.

AUTORES: Giulyana Althmann Benedicto, Fabio Schunck



Procnias nudicollis (Vieillot, 1817)

Passeriformes, Cotingidae



Nome vernacular

Araponga.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Grande redução da área de ocorrência original pelo desmatamento. Espécie procurada pelo comércio ilegal de animais silvestres.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

De Pernambuco e Minas Gerais ao Rio Grande do Sul e Mato Grosso do Sul. Também na Argentina (Misiones) e sudeste do Paraguai (Sick, 1997). Vive na mata primária, também invadindo capoeiras onde há fruteiras, tanto nas montanhas quanto nas baixadas (Sick, 1997). Matas úmidas, até 1.000 m (del Hoyo *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Estação Biológica de Boraceia, Parque Estadual Carlos Botelho, Mosaico do Jacupiranga, Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Estação Experimental de Buri, Estação Ecológica dos Caetetus, Parque Estadual de Ilhabela, Floresta Nacional de Ipanema, Reserva Florestal de Morro Grande, Estação Experimental de Itararé, Área de Proteção Ambiental Municipal da Serra do Japi, Parque Estadual de Jurupará, Parque Estadual Intervales, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual do Morro do Diabo.

Biologia da espécie

Realiza migrações altitudinais (Sick, 1997). Esses movimentos provavelmente se dão em decorrência da frutificação de plantas de que se alimenta (del Hoyo *et al.*, 2004). Alimenta-se de frutos e insetos (Willis & Oniki, 2003). Aprecia uma variedade grande de frutos. Um estudo em São Paulo indicou dez espécies de seis famílias (del Hoyo *et al.*, 2004).

Ameaças

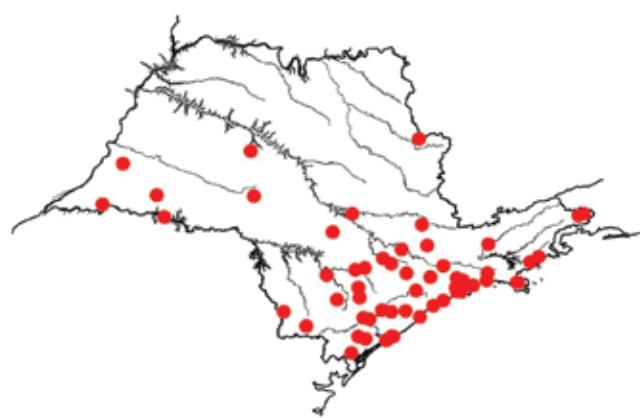
Muito procurada para o mercado de aves de gaiola, escasseando próximo dos centros urbanos (Machado *et al.*, 1998; Sick, 1997). Destrução do habitat (Machado *et al.*, 1998). Magalhães (1999) reputa ser a ave muito sensível a alterações ambientais pelo fato de ser frugívora e também alimentar os filhotes com esse tipo de alimento, o que a obriga a carregar grande volume de frutos por tempo prolongado para os filhotes.

Medidas para a conservação

Proteger áreas de ocorrência em todo o gradiente altitudinal de migração da espécie (Machado *et al.*, 1998). Criação em cativeiro visando a reintrodução em áreas onde tenha desaparecido (Machado *et al.*, 1998).

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda



Nome vernacular

Tropeiro-da-serra.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Populações pequenas, dependentes de habitat florestal.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): NT; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Habita regiões montanhosas do sul da Bahia, Espírito Santo, Minas Gerais até Santa Catarina (Sick, 1997). As populações são bastante fragmentadas (BirdLife International, 2000). Na Região Sul (Paraná e Santa Catarina), está desaparecido há mais de meio século (Collar *et al.*, 1992). Habita principalmente as regiões montanhosas e matas de baixada, especialmente onde há numerosas palmeiras no sub-bosque, em elevações de 500 a 1.000 m, mas também em altitudes menores. Também em matas alteradas, não só em matas primárias (BirdLife International, 2000).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira, Mosaico do Jacupiranga, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Ilhabela, Floresta Nacional de Ipanema, Parque Estadual Intervales, Estação Experimental de Ubatuba, Parque Estadual da Cantareira.

Biologia da espécie

Alimenta-se de insetos, frutos de palmito e outras plantas silvestres (Machado *et al.*, 1998). Predominam frutos na dieta (del Hoyo *et al.*, 2003). É possível que movimentos altitudinais ocorram principalmente na distribuição meridional da espécie, já que registros foram feitos no nível do mar (BirdLife International, 2000). A época reprodutiva é provavelmente de setembro a março. O ninho é uma plataforma pequena e delicada, e a postura é de apenas um ovo (del Hoyo *et al.*, 2004).

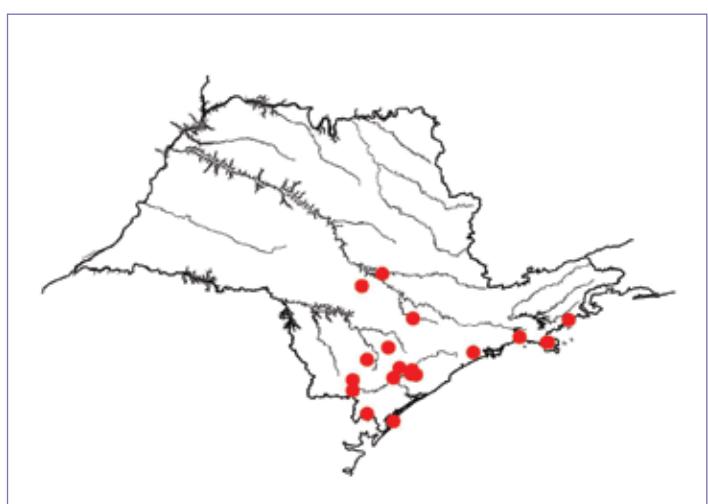
Ameaças

Desflorestamento. Derrubada dos palmiteiros para retirada do palmito (BirdLife International 2000; Machado *et al.*, 1998). Fragmentação, desaparecendo de matas pequenas (Willis & Oniki, 2003).

Medidas para a conservação

Proteção dos remanescentes de Mata Atlântica nas áreas de ocorrência da espécie. Controle da exploração do palmito (Machado *et al.*, 1998). Censo e monitoramento de populações em áreas protegidas onde ocorre. Procura da espécie em habitat apropriado, visando ampliar o conhecimento de seu status e distribuição geográfica (BirdLife International, 2000). Esclarecer os movimentos altitudinais, visando criar áreas de proteção em toda a extensão desses movimentos.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Pyroderus scutatus (Shaw, 1792)

Passeriformes, Cotingidae

Nome vernacular

Pavô.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

A espécie é dependente de matas para sobreviver, podendo ser ocasionalmente observada em áreas abertas, mas sempre próxima a áreas de floresta. Apesar de ainda ser uma ave relativamente comum no leste do Estado, o pavô praticamente desapareceu de todo o interior de São Paulo, sendo extinto localmente em várias regiões (por exemplo, Fazenda Barreiro Rico, município de Anhembi). São poucos e raros os registros em toda porção oeste do Estado, mesmo em áreas com grandes blocos florestais como o Parque Estadual do Morro do Diabo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): NT; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Ocorre nas Guianas, nos Andes da Venezuela ao Peru e na Argentina (Misiones) e Paraguai. No Brasil da Bahia ao Rio Grande do Sul, e mais para o interior até o sudeste de Goiás (Sick, 1997). Vive no interior da mata, desde as restingas no litoral até as matas de altitude nas serras, podendo ser encontrado tanto em matas primárias quanto em matas secundárias e mesmo em áreas fragmentadas.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar; Estação Ecológica dos Caetetus, Parque Natural Municipal Nascentes de Paranapiacaba, Mosaico do Jacupiranga, Parque Estadual de Jurupará, Parque Estadual e Turístico do Alto Ribeira, Parque Estadual Fontes do Ipiranga, Parque Estadual do Morro do Diabo, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Campos do Jordão, Reserva Florestal do Morro Grande, Parque Estadual da Cantareira, Estação Ecológica de Bananal.

Biologia da espécie

Alimenta-se de frutos e artrópodos, podendo sair da mata para procurar frutos em pomares próximos a moradias. Em virtude de sua boa capacidade de dispersão, consegue atravessar trechos de áreas abertas entre fragmentos florestais, no entanto, desaparece de fragmentos muito isolados (Willis, 1979). Constrói o ninho no alto de árvores, bem camuflado e escondido no meio da vegetação. Existe um único registro de ninho da espécie no Brasil, num trecho de mata primária do Parque Estadual Carlos Botelho, construído em uma forquilha a 16,7 m do chão e com dois filhotes ainda bastante jovens (Francisco et al., 2008).

Ameaças

No interior do Estado, a perda de habitat e o isolamento de populações em áreas muito fragmentadas estão levando a espécie ao declínio. No leste do Estado, onde a espécie é mais comum, ela ainda é caçada para servir de alimento.

Medidas para a conservação

Restauração florestal e manejo (controle de cipós, enriquecimento vegetal, atenuação efeito de borda) dos fragmentos de matas remanescentes no interior do Estado. Fiscalização para evitar a caça da espécie no leste de São Paulo.

AUTORES: Pedro Develey, Andre de Lucca



***Neopelma pallescens* (Lafresnaye, 1853)**
Passeriformes, Pipridae

Nome vernacular

Fruxu-do-cerradão.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Destrução e fragmentação dos remanescentes do habitat no interior do Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

De Minas Gerais e São Paulo até o Tapajós e a margem norte do baixo Amazonas, do Maranhão à Bahia. Também na Bolívia (Sick, 1997). Habita a mata e cerradão (Sick, 1997). Cerradões do interior, em São Paulo (Willis & Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Estação Experimental de Recursos Naturais Renováveis de Anhembi, Estação Ecológica de Jataí, Parque Estadual de Porto Ferreira.

Biologia da espécie

Frequenta o estrato médio do cerradão, de 1 a 5 m do chão, alimentando-se de insetos e frutos (Willis & Oniki, 2003). Na dieta aparentemente predominam os insetos. Entre os frutos, os de melastomatáceas (*Miconia*) (del Hoyo *et al.*, 2004).

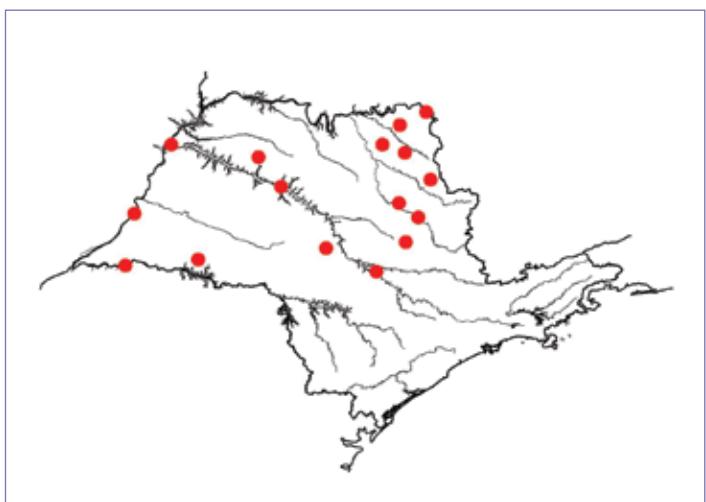
Ameaças

Destrução e fragmentação do habitat.

Medidas para a conservação

Preservação das áreas de ocorrência. Pesquisa de novas áreas de ocorrência em fragmentos remanescentes de habitat.

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Piprites pileata (Temminck, 1822)

Passeriformes, Pipridae

Nome vernacular

Caneleirinho-de-chapéu-preto.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Poucos registros no Estado. Distribuição restrita por dependência de habitat específico.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Argentina (Misiones) (Sick, 1997). Também em Minas Gerais (maciço do Itatiaia) (BirdLife International, 2000). Habita matas de altitude (Itatiaia, 1.500 a 2.000 m), capoeira alta e mata mista de pinheiros (*Araucaria angustifolia*) e pinheirinhos (*Podocarpus lamberti*), como em Campos do Jordão e Serra da Bocaina (1.600 m) (Sick, 1997). Frequenta copas e bordas de matas (Machado *et al.*, 1998).

Presença em unidades de conservação

Parque Nacional da Serra da Bocaina, Parque Estadual de Campos do Jordão.

Biologia da espécie

Alimenta-se de frutos da palmeirinha *Geonoma* sp., que atrai muitas aves, *Rapanea ferruginea*, e *Leandra sulphurea* (Sick, 1997). Deve fazer migrações altitudinais (BirdLife International, 2000). Indivíduos isolados foram vistos forrageando no dossel e subdossel de matas densas, algumas vezes acompanhando bandos mistos. Alimenta-se de artrópodes e frutos (BirdLife International, 2000). Forrageia geralmente no dossel ou subdossel, mas também já foi observado no sub-bosque denso de touceiras do bambu *Chusquea* (del Hoyo *et al.*, 2004). Residentes, mas há suspeitas de que em algumas áreas pode realizar movimentos altitudinais (del Hoyo *et al.*, 2004).

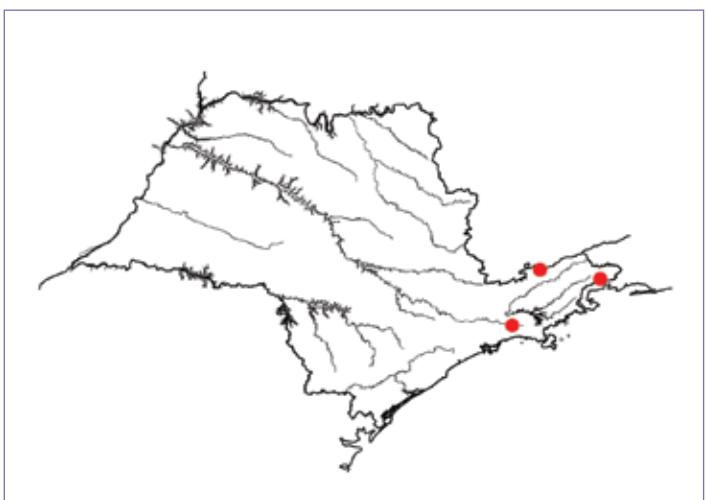
Ameaças

Desmatamentos (Machado *et al.*, 1998). Perda do habitat florestal, prejudicando seus movimentos altitudinais (BirdLife International, 2000).

Medidas para a conservação

Confirmação de seus movimentos altitudinais e proteção das áreas de ocorrência nesse gradiente, que deve variar de 900 a 2.000 m. (BirdLife International, 2000).

AUTOR: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo



Nomes vernaculares

Uirapuru-laranja ou dançador-laranja.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Sua área de ocorrência no Estado foi muito impactada pela construção de grandes barragens de usinas hidrelétricas. Suas populações remanescentes estão muito fragmentadas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): NT; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado e Mata Atlântica. Florestas ribeirinhas ao sul do Rio Amazonas até o Ceará, Bolívia, Mato Grosso do Sul e São Paulo (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Morro do Diabo (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede aproximadamente 10 cm de comprimento. Diurno, arborícola, alimenta-se basicamente de frutos (Sick, 1997; Piratelli & Mello, 2001). Promíscuo, a fêmea incuba os ovos e cuida dos filhotes sozinha. As fêmeas selecionam os machos para o acasalamento pelas exibições pré-nupciais feitas por eles. No caso desta espécie, a apresentação é feita por dois machos, um dominante, que dançam juntos de costas um para o outro, mantendo-se abaixados, tremulando e abrindo as asas e a cauda, exibindo as áreas brancas presentes nessa região (Sick, 1997).

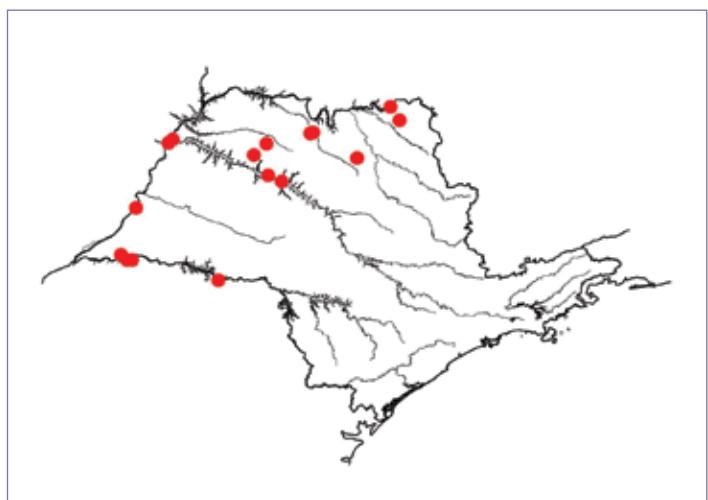
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das matas ciliares.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Laniisoma elegans (Thunberg, 1823)

Passeriformes, Tityridae

Nome vernacular

Chibante, assobiador.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Apresenta distribuição restrita às matas do leste e a poucas áreas do interior do Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): PA; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Ocorre da Bahia a Santa Catarina, passando pelo Espírito Santo, Minas Gerais, São Paulo e Paraná, além de uma população localizada nos Andes (Sick, 1997; Borchardt-Junior, 2004). No Estado de São Paulo a espécie está restrita às matas do leste e a poucas áreas do interior, onde já foi registrada em localidades como Piracicaba, Sorocaba, Anhembi e Ituverava. Vive em matas altas, tanto no planalto quanto na encosta e na baixada, onde é mais rara e costuma aparecer durante o verão. Alguns registros para a área urbana da cidade de São Paulo (maio e outubro) podem indicar este deslocamento migratório (Lo, 1994; Willis & Oniki, 2003; del Royo *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema, Estação Biológica de Boraceia, Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu e Caraguatatuba, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Nacional da Serra da Bocaina, Parque Previdência (cidade de São Paulo), Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Ilhabela e Parque Estadual e Turístico do Alto Ribeira.

Biologia da espécie

Possui uma coloração amarelo-enxofre barrada de preto, que o camufla entre as folhas da copa. Permanece imóvel por longos períodos, sendo detectado mais facilmente pelo canto, uma sequência de pios bem pronunciados e crescentes (Sick, 1997). Alimenta-se de frutos como o café-de-bugre e o mandioqueiro e de insetos (Willis & Oniki, 2003; Sigrist, 2004). Vive em matas primárias, mas existem registros para áreas secundárias e alteradas (Lo, 1994; Sigrist, 2004). Faltam informações sobre sua reprodução. Esta espécie pode ser confundida com a araponga-do-horto (*Oxyruncus cristatus*) e com a tesourinha-da-mata (*Phibalura flavirostris*), que vivem no mesmo tipo de ambiente.

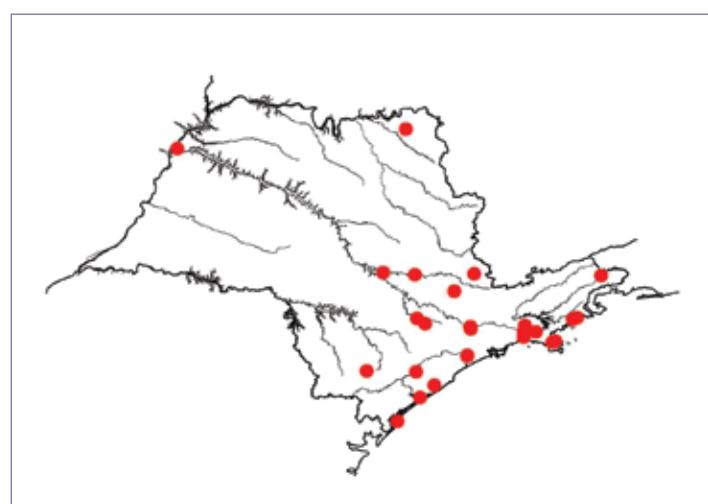
Ameaças

Perda de habitat e fragmentação florestal, principalmente nas matas de baixada e do interior do Estado, onde a espécie é considerada rara.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa (do planalto, de encosta e de baixada) e matas mesófilas do interior; levantamento de informações sobre a história natural desta espécie (principalmente reprodução) e busca de outros pontos de ocorrência.

AUTOR: Fabio Schunck



Nome vernacular

Anambezinho.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii+ iv.

Justificativa

Restrita às matas de baixada do litoral, que se apresentam severamente alteradas. Conta com poucos registros atuais e pode ter se extinguido na porção sul da sua distribuição.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Sul da Bahia até o sul de São Paulo.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, núcleo Picinguaba.

Biologia da espécie

É uma das menores espécies da família. Pode ser encontrada solitária ou aos pares, raramente em pequenos grupos de até oito aves. Habita a copa das árvores e pode passar muito tempo empoleirada em galhos secos e isolados. Seu pequeno tamanho contribui para que passe despercebida em muitas ocasiões. Alimenta-se de pequenos frutos e insetos. Sua vocalização é discreta, porém marcante, e é mais ouvida entre os meses de agosto e dezembro. Prefere matas primárias ou em avançado estado de regeneração e parece apresentar movimentos altitudinais na Serra do Mar, pois pequenos bandos já foram observados em altitudes de até 1.000 m (Sigrist, 2006). Parece ser sensível à fragmentação e ocorre sempre em baixas densidades.

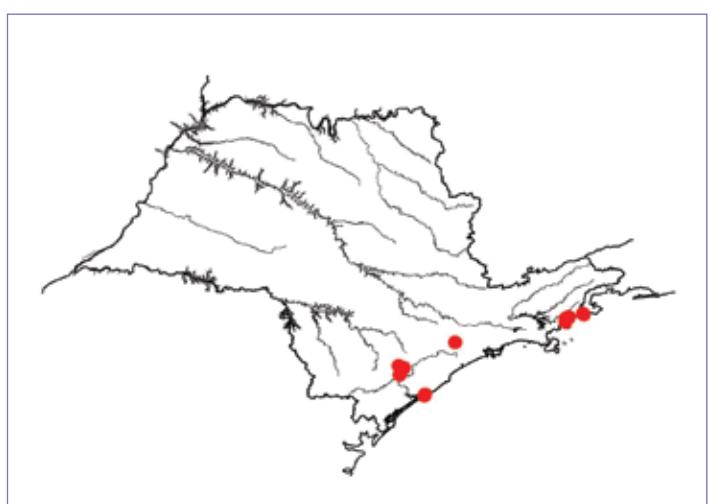
Ameaças

O desmatamento e a descaracterização das matas de baixada são as principais ameaças à sobrevivência desta espécie.

Medidas para a conservação

Proteção dos últimos remanescentes de Mata Atlântica de baixada, que abrigam populações não só do anambezinho, mas também de muitas outras aves ameaçadas de extinção. Procura por novas populações, especialmente no litoral sul do Estado, onde a espécie pode já estar extinta.

AUTOR: Luís Fábio Silveira



Cistothorus platensis (Latham, 1790)

Passeriformes, Troglodytidae

Nome vernacular

Corruíra-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1c.

Justificativa

Espécie com poucos registros no Estado, metade deles em peles de museu com mais de 50 anos. Com a destruição de campos naturais, vem se tornando cada vez mais rara no Estado, pois não se adapta a pastos (Willis & Oniki, 2003).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): NT; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Cerrado e Campos do Sul, em campos com capins altos e alguns arbustos, além de campos úmidos e brejos abertos. Ocorre localmente desde o sul do Canadá até a Argentina. No Brasil, tem poucos registros e ocorre de Goiás e Minas Gerais até Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Águas de Santa Bárbara (Willis & Oniki, 1981).

Biologia da espécie

Vive escondido em meio a capins altos, forrageando por insetos. Ninho globular 10 x 8 cm de capins com entrada lateral, postado entre 0,25 e 0,5 m de altura. De quatro a oito ovos incubados pela fêmea (Kroodsma & Brewer, 2005). Apesar da ampla distribuição, populações brasileiras foram pouco estudadas.

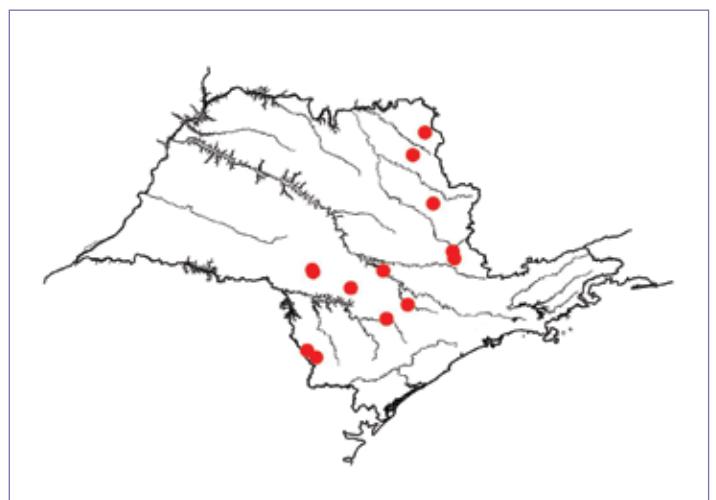
Ameaças

Destruição de campos naturais. Não consegue sobreviver em pastos (Willis & Oniki, 2003).

Medidas para a conservação

Proteção dos últimos remanescentes de campos naturais, incorporando-os às unidades de conservação existentes ou criando novas unidades com esses ambientes. Pesquisas envolvendo playback para monitoramento de populações existentes e estudos de ecologia e história natural para populações brasileiras da espécie.

AUTOR: José Carlos Motta-Junior



Nome vernacular

Caminheiro-grande.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1 a biii+iv.

Justificativa

Espécie antigamente encontrada nas áreas de campos naturais do Estado. Registros atuais são raros, e a espécie pode estar próxima da extinção em São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Desde o centro-sul de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul, ocorrendo também na Argentina e no Paraguai. Bastante exigente quanto ao habitat, vive nos campos limpos com gramíneas baixas.

Presença em unidades de conservação

Provavelmente ainda sobrevive na Estação Ecológica de Itirapina e Estação Ecológica de Itapetininga.

Biologia da espécie

Anthus nattereri é um dos maiores representantes da família no Brasil. Vive solitário ou aos pares, passando despercebido durante a maior parte do ano. É insetívoro, e durante o período reprodutivo (agosto a janeiro) pode ser mais facilmente encontrado quando marca seu território. Nesse período, realiza uma série de exibições, voando e vocalizando a uma grande altura e deixando-se cair abruptamente (Silveira, 1998). É uma espécie que exige cuidado na sua identificação, pois pode ser confundida com o caminheiro-de-barriga-acanelada, *Anthus hellmayri*, que pode habitar as mesmas áreas. A vocalização é frequentemente a melhor maneira de identificar o caminheiro-grande. Tolera campos limpos com algum pastoreio por gado e cavalos e costuma preferir áreas onde o capim é baixo, com menos de 15 cm de altura. Aparentemente tolera

algum nível de queima das gramíneas, mas ainda faltam estudos sobre esse aspecto. Nidifica no solo (Straube *et al.*, 2008).

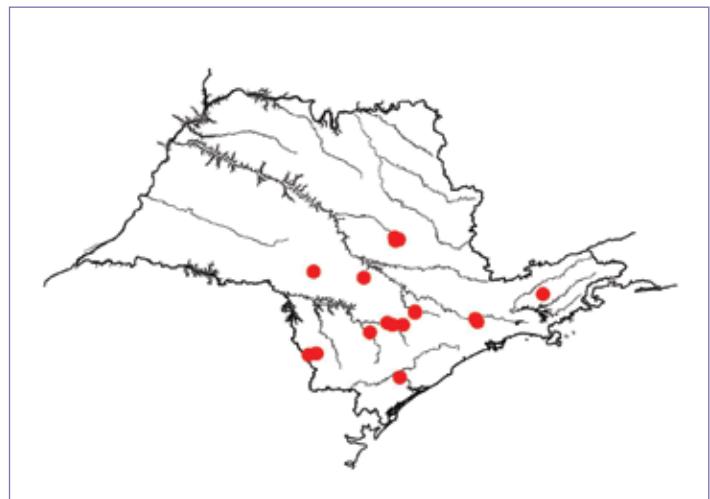
Ameaças

A maior ameaça para esta espécie é a degradação dos campos naturais, que são rapidamente convertidos em pastagens feitas com gramíneas exóticas, não toleradas pela espécie.

Medidas para a conservação

Proteção urgente dos últimos remanescentes de campos naturais do Estado de São Paulo. Eliminação de gramíneas exóticas. Novas áreas devem ser inventariadas, de preferência entre setembro e janeiro, quando a espécie é mais vocal e mais facilmente detectada.

AUTOR: Luís Fábio Silveira



Schistochlamys melanops (Latham, 1790)

Passeriformes, Thraupidae

Nomes vernaculares

Sanhaço-de-coleira ou tiê-cinza.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Espécie relacionada, no Estado de São Paulo, principalmente às matas ciliares do bioma Cerrado, ambientes muito impactados pela ação humana.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): PEx; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Bioma Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Ocorre das Guianas ao Paraguai. No Brasil, na Amazônia, Brasil central e Nordeste até São Paulo (Sick, 1997). Habita campinas, mata ribeirinha, buritizeiral, restinga, campo sujo, campo rupestre e cerrado.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina (Willis & Oniki, 2003), Estação Ecológica de Santa Bárbara.

Biologia da espécie

Mede 18 cm de comprimento. Diurno, vive em pares ou pequenos grupos familiares. Alimenta-se de frutos, flores, folhas e insetos (Sick, 1997; Vasconcelos *et al.*, 2005). Nidifica próximo ou sobre o solo (Sick, 1997).

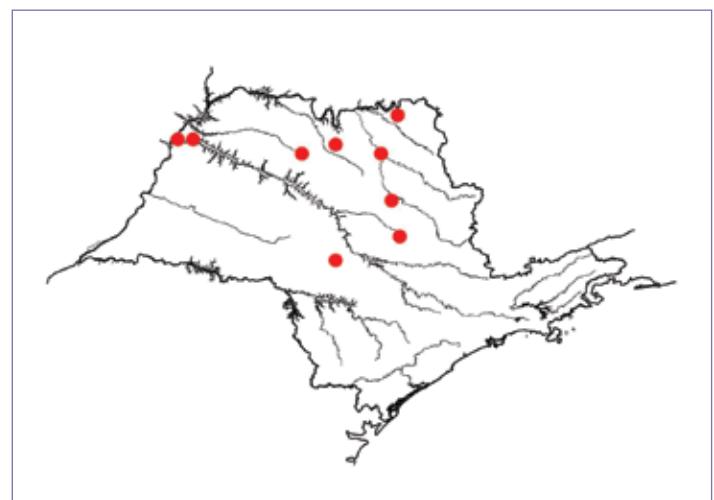
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração de capões de mata ciliar e paludosa em meio ao Cerrado.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes





***Neothraupis fasciata* (Lichtenstein, 1823)**
Passeriformes, Thraupidae

Nomes vernaculares

Cigarra-do-campo ou tiê-do-cerrado.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Em São Paulo, esta espécie é restrita às fisionomias menos densas do Cerrado, habitat muito impactado pela ação humana.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): EM.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Caatinga e Cerrado. Ocorre no Amapá e do Maranhão e Piauí ao Paraná e leste da Bolívia, no cerrado *sensu stricto* (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Águas de Santa Bárbara, Estação Ecológica de Itirapina, Estação Ecológica de Jataí e Estação Ecológica de Mogi-Guaçu (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Vive em pequenos grupos familiares, que defendem um território permanente que pode chegar a 4 ha de extensão (Alves, 1990). Alimenta-se de frutos, sementes, artrópodes, brotos e flores. Forrageia frequentemente no solo (Alves, 1991). O ninho tem forma de tigela e é instalado em arbustos a cerca de 1 m do solo. A fêmea põe dois ou três ovos brancos com manchas avermelhadas, que são incubados de 15 a 17 dias. Os filhotes permanecem nove a dez dias no ninho (Alves & Cavalcanti, 1990). Jovens de ninhadas anteriores auxiliam os pais a alimentar os filhotes e também a defender o território e atuar como sentinelas contra predadores (Alves, 1990; Alves & Cavalcanti, 1990). Uma das espécies nucleares dos bandos mistos do Cerrado, associação de aves de várias espécies cuja principal função é a proteção contra predadores (Alves & Cavalcanti, 1996). Adaptado à presença do fogo no Cerrado, quando seu

território sofre um incêndio, não o abandona e passa a forragear mais ainda no solo (Cavalcanti & Alves, 1997).

Ameaças

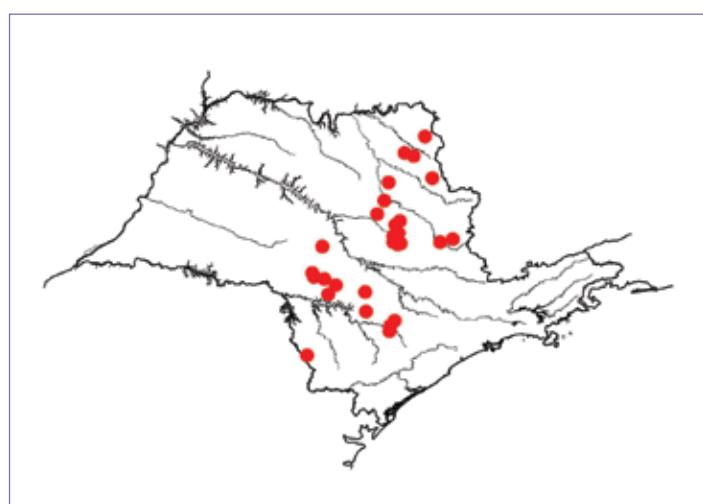
Destrução, fragmentação e degradação do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração do habitat; manejo do ambiente visando à conservação de áreas de cerrado *sensu stricto* dentro das unidades de proteção integral em que a espécie ocorre, já que estas se encontram invadidas por vegetais exóticos como *Pinus spp.*, ou estão em processo de adensamento, tendendo a dar lugar a formações mais arborizadas.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes

FOTOGRAFIA: José Carlos Motta-Junior



Cypsnagra hirundinacea (Lesson, 1831)

Passeriformes, Thraupidae



Nome vernacular

Bandoleta.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abiii, iv.

Justificativa

Considerada rara para o Estado (Willis, 2004), a espécie está restrita a uma parcela pequena dos poucos remanescentes do Cerrado paulista.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Endêmica de Cerrado (Cavalcanti, 1999; Motta-Junior *et al.*, 2008), ocorre inclusive nos enclaves de Cerrado do Pantanal (Tubelis & Tomas, 2003). Encontrada nas áreas de cerrado aberto. Utiliza áreas com poucas árvores e com arbustos esparsos. Ocorre do nordeste do Brasil até Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás, São Paulo e Paraná. Também ocorre na Bolívia e no Paraguai.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina (Willis 2004, Motta-Junior *et al.*, 2008) e Estação Ecológica de Assis (Willis & Oniki, 1981).

Biologia da espécie

Vive em grupos de dois a oito indivíduos (Ragusa-Netto, 1997; Mikich & Bérnuls, 2004). Participa de bandos mistos, onde pode exercer a função de sentinela (Ragusa-Netto, 2000). Predominantemente insetívora, porém flores são um recurso importante durante um curto período (Ragusa-Netto, 1997). Forrageia na folhagem de árvores e arbustos (Ragusa-Netto, 1997). Ninho em forma de cesto alto apoiado em trifurcações de galhos de árvores e em média localizados a 3,7 m de altura. Geralmente produzem três ovos (Santos, 2008). Imaturo não apresenta nódoa ferrugem na garganta (Sick, 1997). Ecologia e história natural relativamente pouco conhecidas. Localmente comum na Estação Ecológica de Itirapina, ao menos desde a década de 80 (Willis, 2004; Motta-Junior *et al.*, 2008).

Ameaças

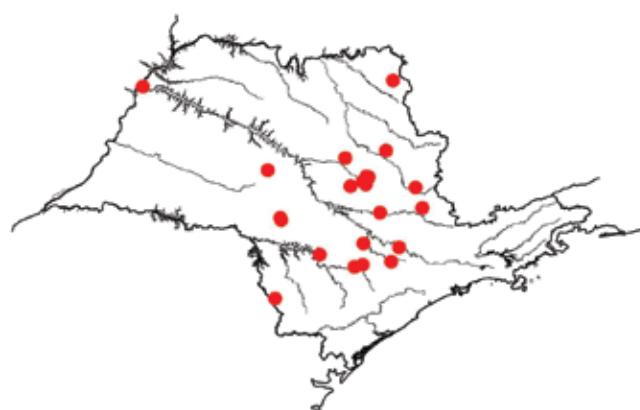
Destrução de cerrados naturais. A espécie apresenta alta sensibilidade a distúrbios antrópicos (Stotz *et al.*, 1996).

Medidas para a conservação

Proteção de cerrados naturais. Recuperação de áreas de campo cerrado degradadas inclusive dentro de unidades de conservação. São necessárias pesquisas envolvendo playback para monitoramento de populações existentes e mais estudos de ecologia e história natural.

AUTORES: Gisele Levy, José Carlos Motta-Junior

FOTOGRAFIA: José Carlos Motta-Junior



Nome vernacular

Pipira-da-taoca.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Espécie que habita principalmente as florestas ribeirinhas do interior do Estado, ambientes muito reduzidos e degradados por desmatamentos e implantação de barragens de usinas hidrelétricas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Florestas ribeirinhas do México ao Paraguai. No Brasil ocorre em toda a Amazônia até o Maranhão e ao sul até São Paulo (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Jataí, Estação Ecológica Paulo de Faria e Parque Estadual de Vassununga (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede 18 cm de comprimento. Diurno. Vive solitário ou aos pares no sub-bosque da mata. Alimenta-se principalmente de artrópodes. Segue frequentemente as formigas-de-correição, para apanhar presas que escalam delas (Willis, 1985).

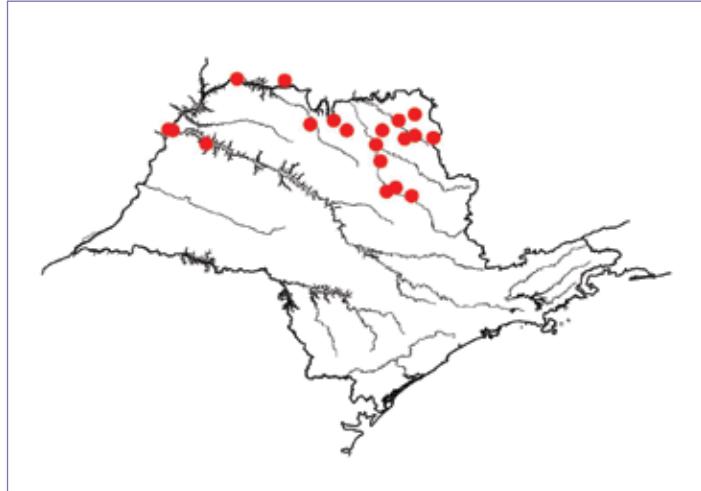
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das matas ciliares.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Tachyphonus rufus (Boddaert, 1783)

Passeriformes, Thraupidae

Nomes vernaculares

Pipira-preta ou encontro-de-prata.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Ocorre nas florestas estacionais e ribeirinhas do norte do Estado, em regiões que foram extremamente desmatadas, nas quais restaram poucos remanescentes de pequeno porte e muito isolados uns dos outros.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Biomas Amazônia, Caatinga, Cerrado, Mata Atlântica e Pantanal. Ocorre em florestas da Costa Rica às Guianas e norte da Argentina. No Brasil, da Amazônia e Nordeste ao Mato Grosso do Sul e São Paulo (Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica Paulo de Faria (Willis & Oniki, 2003).

Biologia da espécie

Mede 18 cm de comprimento. Diurna, vive nos estratos inferiores do sub-bosque da mata. Alimenta-se de frutos, flores e artrópodes. Vive geralmente aos pares. O ninho é uma cestinha de ramos secos fixada em galhos de arvoretas ou arbustos do sub-bosque. A fêmea põe até três ovos (Sick, 1997).

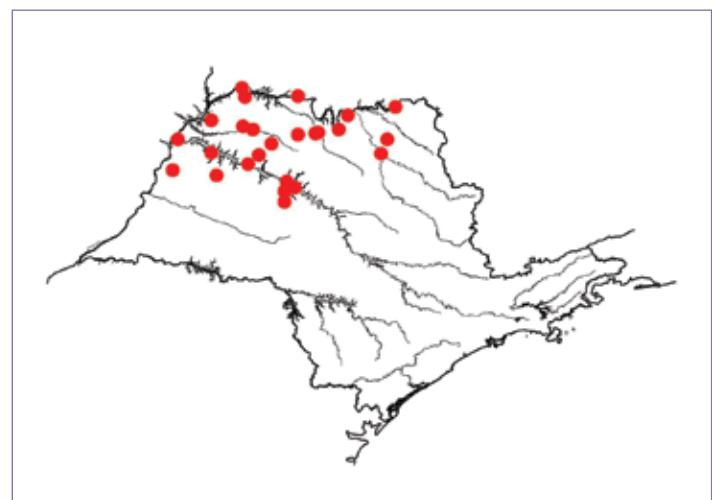
Ameaças

Destrução, fragmentação e degradação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e restauração das florestas.

AUTOR: Alexander Zamorano Antunes



Nome vernacular

Saíra-sapucaia.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Apesar de ocasionalmente aparecer em áreas degradadas, a espécie associa-se fortemente às restingas, habitat bastante reduzido e ameaçado no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Endêmica do Brasil, ocorre na porção sudeste do país, em regiões próximas à costa, desde o Espírito Santo até o nordeste do Rio Grande do Sul (Isler & Isler, 1987; Bencke et al., 2003). Habita a vegetação de restinga e áreas florestadas em planícies litorâneas; pode ser encontrada também em manguezais e matas de encosta da Serra do Mar (Isler & Isler, 1987; Moraes & Krul, 1997). Já foi observada tanto no interior quanto na borda de mata primária alterada ou secundária alta (Bencke et al., 2003). Entretanto, sua presença em ambientes alterados pode estar associada à disponibilidade de frutos, especialmente de Melastomataceae (Moraes & Krul, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica Jureia-Itatins, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Campina do Encantado, Parque Estadual de Ilhabela.

Biologia da espécie

Alimenta-se basicamente de frutos e, eventualmente, de artrópodos (Moraes & Krul, 1997). Realiza movimentos migratórios em parte de sua distribuição, mas as populações meridionais parecem ser residentes (Naka & Rodrigues, 2000; Bencke et al., 2003). No Estado de São Paulo, por exemplo, pode ser registrada no interior durante o inverno (Willis & Oniki, 2003). Sua biologia reprodutiva permanece pouco conhecida.

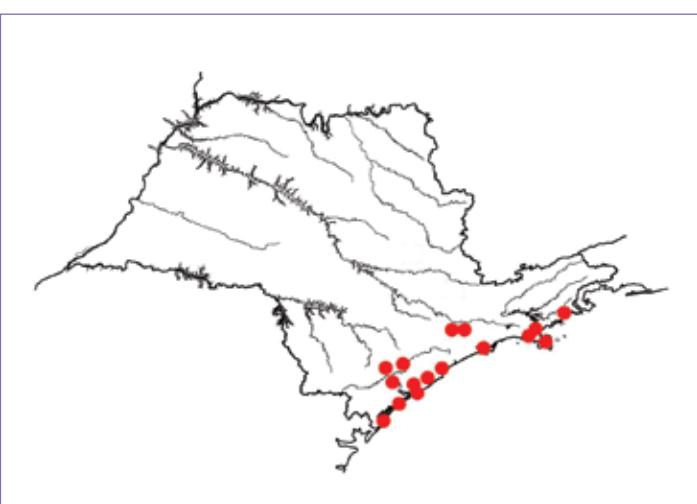
Ameaças

A supressão das restingas e florestas litorâneas em função da intensa urbanização do litoral do Estado de São Paulo (especulação imobiliária) é uma das principais ameaças à espécie. Possivelmente em menor escala, a captura para o abastecimento do mercado ilegal de aves silvestres.

Medidas para a conservação

Áreas de restinga são, por lei, áreas de preservação permanente, e a fiscalização sobre novos empreendimentos imobiliários nessas áreas deve ser intensificada, como forma de frear especialmente a expansão urbana clandestina. As restingas estão pouco representadas em unidades de conservação, e devem ser feitas propostas para criar novas áreas protegidas ou mesmo expandir os limites de unidades já existentes. A fiscalização sobre o comércio ilegal de aves silvestres também deve ser intensificada.

AUTORES: Andre de Lucca, Pedro Develey



Dacnis nigripes (Pelzeln, 1856)

Passeriformes, Thraupidae

Nome vernacular

Saí-de-pernas-pretas.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

É uma espécie endêmica da Mata Atlântica e com extensão de distribuição restrita a esse bioma.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Endêmica do Brasil, ocorre de maneira esparsa no sudeste e sul do país (Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina). Ocorre na porção oriental do Estado de São Paulo, frequentemente em matas litorâneas e na Floresta Atlântica Montana, porém também já foi encontrada no interior de São Paulo (Rio Claro). Habita matas primárias e secundárias bastante preservadas e pode aparecer em altitudes que variam do nível do mar a 1.700 m (BirdLife International, 2008).

Presença em unidades de conservação

Registros para o Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual Carlos Botelho, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Experimental de Ubatuba e na Reserva Biológica de Paranapiacaba.

Biologia da espécie

O macho e a fêmea são morfologicamente distintos. Vivem aos pares ou em bandos. Frequentam o sub-bosque e o dossel das matas, normalmente acompanhando bandos mistos de aves. Alimentam-se de néctar, frutos, insetos e pequenas sementes (Sick, 1997). A construção de seu ninho ocorre na primavera. Especula-se que podem realizar deslocamentos sazonais associados à época de frutificação de determinadas espécies vegetais, aparecendo nas regiões serranas do interior durante o inverno (Sick, 1997).

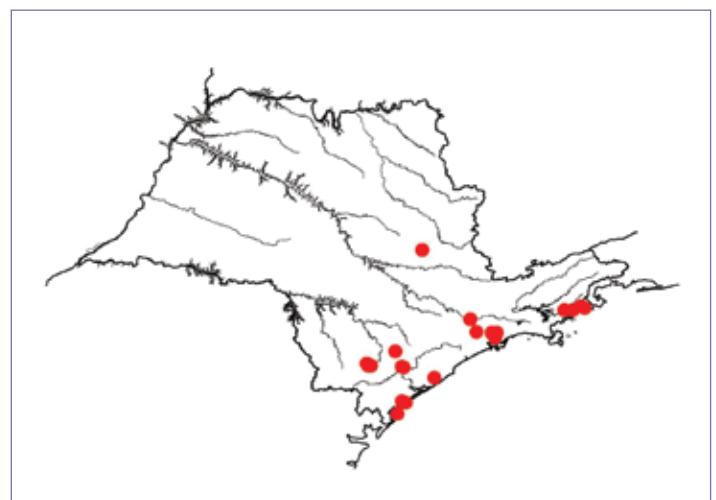
Ameaças

A degradação das restingas e matas de baixada do litoral paulista, principalmente pela realização de empreendimentos imobiliários e pelo turismo predatório, é a principal ameaça à preservação do saí-de-pernas-pretas.

Medidas para a conservação

Proteção e recuperação das áreas de restinga e matas litorâneas de São Paulo; realização de estudos científicos, em virtude do escasso conhecimento da biologia e ecologia dessa rara espécie, bem como da dinâmica de sua população, inclusive com relação aos deslocamentos sazonais que ela realiza.

AUTOR: Giulyana Althmann Benedicto



Nome vernacular

Tico-tico-do-banhado.

Categoria proposta para São Paulo

VU A 1 a, c.

Justificativa

Espécie de distribuição restrita e pontual, típica de ambientes alagados e campos naturais.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre de Minas Gerais (Serra do Caparaó) e Rio de Janeiro (vales do Piräí, Paraíba e Alto Itatiaia), passando por São Paulo (restrito ao Planalto) e chegando até o Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai (Sick, 1997; Willis & Oniki, 2003). Vive em brejos, banhados e taboais de regiões campestres. Pode ser encontrada em áreas atropizadas (pastos, áreas abertas) próximas de áreas alagadas e campos naturais.

Presença em unidades de conservação

Estação Biológica de Boraceia, Parque Estadual da Serra do Mar, Núcleo Curucutu, Parque Estadual Intervales, Parque Ecológico de Guarapiranga (Marcos Melo *in litt.*, 2008), Área de Preservação Ambiental Municipal Capivari-Monos e Área de Preservação Ambiental Estadual Várzea do Rio Tietê.

Biologia da espécie

Ave campeste de cauda comprida. Alimenta-se de sementes, insetos e artrópodes que capture na vegetação arbustiva e na base de plantas paludícolas. Vive em pares ou pequenos grupos. Canta em poleiros expostos ou em curtos voos sobre a vegetação baixa. Pode realizar movimentos migratórios (Sick, 1997; Willis & Oniki, 2003; Sigrist, 2004). Esta espécie é aparentada do gênero *Poospiza* (Sick, 1997).

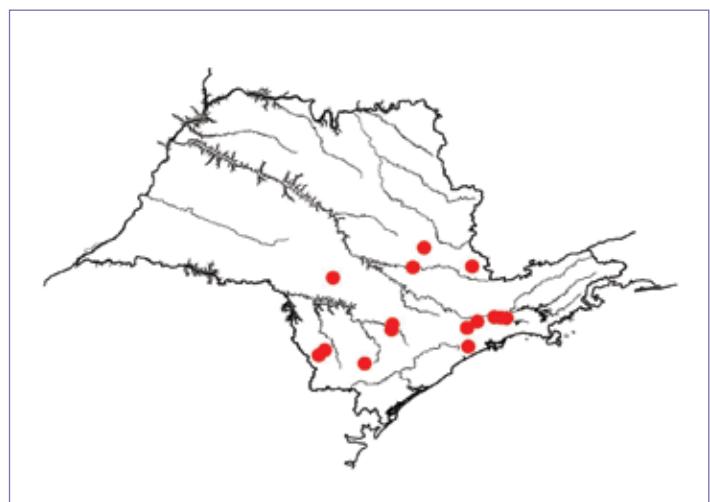
Ameaças

Perda de habitat, principalmente os campos naturais, brejos, várzeas e taboais, que estão desaparecendo do Estado, sendo aterrados e destruídos de maneira acelerada.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de campos naturais, banhados, brejos e taboais; levantamento de informações sobre a história natural desta espécie e busca de outros pontos de ocorrência em áreas de várzea, campo úmido e brejo.

AUTOR: Fabio Schunck



Poospiza cinerea Bonaparte, 1850

Passeriformes, Emberizidae

Nome vernacular

Capacetinho-do-oco-do-pau.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Existem apenas três registros da espécie no Estado, todos feitos há mais de cem anos. A expansão agropecuária no interior suprimiu seu habitat natural, sendo que existe uma grande chance de a espécie já estar extinta no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Espécie endêmica do Brasil (CBRO, 2008). É encontrada atualmente em Minas Gerais, Goiás e Distrito Federal; há registros históricos para Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e norte de São Paulo (onde não é registrada desde 1901) (Sick, 1997; BirdLife International, 2008). Habita áreas de campo cerrado e possivelmente florestas deciduais abertas; aparentemente utiliza também áreas degradadas, incluindo áreas de campo rupestre queimadas, pomares, pastagens e minas abandonadas, normalmente entre 600 e 1.400 m de altitude (Marcelo F. de Vasconcelos in litt. in BirdLife International, 2008).

Presença em unidades de conservação

Sem registros em UCs.

Biologia da espécie

Deve realizar movimentos em função da sucessão vegetacional causada pelo efeito do fogo; no leste de Minas Gerais, por exemplo, está ampliando sua distribuição em virtude da degradação de certas áreas (Marcelo F. de Vasconcelos in litt. in BirdLife International, 2008). Procura insetos em meio a densas folhagens de arbustos (Willis & Oniki, 2003), porém, ainda pouco se conhece sobre seu comportamento alimentar.

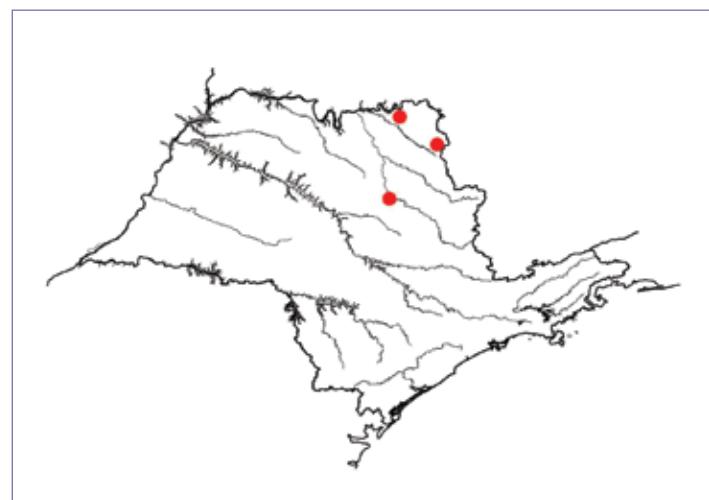
Ameaças

As áreas de cerrado no interior do Estado de São Paulo foram extremamente alteradas e substituídas por lavouras e pastagens, restando poucos ambientes propícios para a manutenção da espécie. Na Serra do Cipó, em Minas Gerais, foi constatado o parasitismo de um ninho por *Molothrus bonariensis*; os desmatamentos na região provavelmente favoreceram a chegada da ave parasita ao local (Willis & Oniki, 2003).

Medidas para a conservação

Pesquisas de campo devem ser realizadas para descobrir se a espécie ainda ocorre no Estado. Se for constatada sua presença, é fundamental monitorar a população e planejar a conservação integral de seu habitat.

AUTORES: Andre de Lucca, Pedro Develey



Emberizoides ypiranganus Ihering & Ihering, 1907

Passeriformes, Emberizidae

Nomes vernaculares

Canário-do-brejo, tibirro-do-brejo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiii, iv.

Justificativa

Apesar de *Emberizoides ypiranganus* ser considerado de ocorrência frequente em grande parte de seu território (Stotz *et al.*, 1996), há poucos registros recentes da espécie para o Estado de São Paulo, que parece ser o limite setentrional de sua distribuição. Além disso, os ambientes alagadiços ocupados pelo canário-do-brejo se encontram bastante degradados e reduzidos em São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citado; Brasil (2005): não citado; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citado.

Distribuição e habitat

Espécie de distribuição meridional, ocorre nos estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Habita banhados do Cerrado, Mata Atlântica e Campos Sulinos, como pântanos com *Sphagnum*, brejos com *Baccharis* e campos alagados (Sick, 1997). Não é observado em campos mais secos, onde é substituído por *Emberizoides herbicola* (Ridgely & Tudor, 1989).

Presença em unidades de conservação

Estação Experimental de Itirapina.

Biologia da espécie

O canário-do-brejo se alimenta de grãos e insetos, forrageando no solo e entre as plantas paludícolas (Armani, 1985; Sick, 1997). Por esse motivo, permanece a maior parte do tempo oculto pela vegetação, expondo-se apenas sobre hastes mais altas quando vocaliza. Tem o hábito de manter a cauda na horizontal, o que minimiza o efeito abrasivo da vegetação sobre a plumagem durante a locomoção no solo (Sick, 1997). Vive em casais ou em grupos com predominância de imaturos. Constrói ninho em forma de cesto próximo ao solo, que pode alojar de dois a três ovos brancos com manchas castanho-escuras (Armani, 1985).

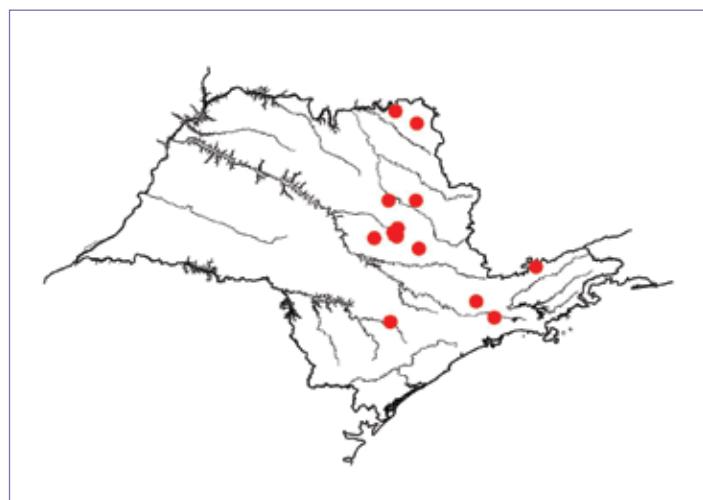
Ameaças

O habitat alagável ocupado pela espécie se encontra ameaçado pela expansão urbana e agropecuária, sendo comum a prática da drenagem para implantação de pastos e cultivos.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat e pesquisa científica sobre a biologia da espécie.

AUTOR: Daniela Ludwiger Ingui



Embernagra platensis Gmelin, 1789

Passeriformes, Emberizidae

Nomes vernaculares

Sabiá-do-banhado, tibirro-do-pampa.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 abiii, iv.

Justificativa

Embora a espécie seja comum em grande parte de seu território (Stotz *et al.*, 1996), o habitat campestre ocupado pelo sabiá-do-banhado se encontra ameaçado, o que desperta a atenção para o seu status de conservação. Os campos de altitude, por sua vez, estão protegidos em grande parte pelas unidades de conservação, mas apresentam área bastante reduzida.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

No Brasil, ocorre na Serra da Mantiqueira, em Minas Gerais e Rio de Janeiro, na porção sul do Estado de São Paulo e nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Habita as áreas úmidas campestres do Cerrado, Mata Atlântica e Campos Sulinos, como pântanos com vegetação alta, campos limpos, campos sujos e campos de altitude com até 1.800 m (Sick, 1997; Ridgely & Tudor, 1989).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual de Campos de Jordão, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Estação Experimental de Itararé.

Biologia da espécie

O sabiá-do-banhado se alimenta de grãos, insetos e larvas, forrageando no solo e em arbustos baixos (Armani, 1985; Ridgely & Tudor, 1989). Normalmente é mais conspícuo que *Emberizoides*, podendo viver sozinho ou em casais. Tem o hábito de vocalizar na extremidade de galhos ou do capim (Sick, 1997). Constrói ninho em forma de cesto com gramíneas, que pode alojar até quatro ovos brancos com manchas castanho-arroxeadas (Armani, 1985).

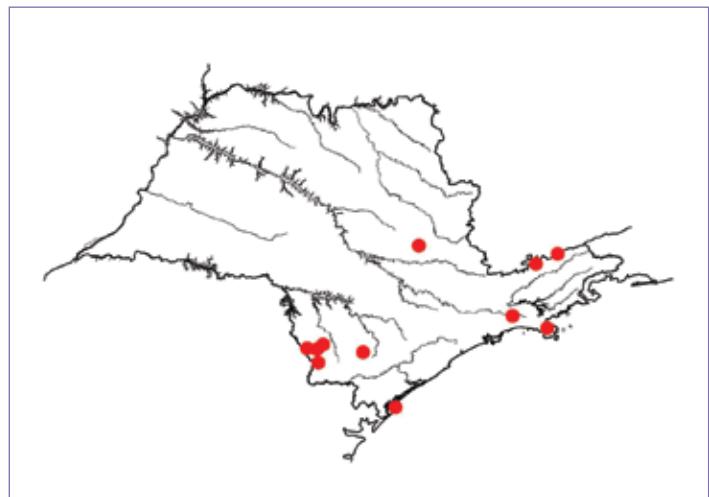
Ameaças

Destrução do habitat pela expansão urbana.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat e pesquisa científica, em especial nos campos de altitude.

AUTOR: Daniela Ludwiger Ingui



Nomes vernaculares

Pichochó, chanchão, chá-chá, pichochó-estrela, papa-arroz.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

É uma espécie visada pelo comércio, sendo capturada, traficada e comercializada ilegalmente. Distribuição altamente fragmentada, com população em declínio. Este táxon tem sido registrado atualmente em não mais que dez localidades no Brasil.

Situação em outras listas

UCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Ocorre desde a planície litorânea até em altitudes entre 1.000 e 1.500 m. Habita o interior de matas densas, podendo ser encontrado em áreas com taquaraíais, bordas de mata, áreas de vegetação secundária e campos cultivados de arroz (Rio Grande do Sul). No Brasil, é restrito à região Sudeste (Espírito Santo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), ocorrendo ainda no leste do Paraguai e nordeste da Argentina (Ridgely & Tudor 1989; Sick 1997; Machado *et al.*, 2005).

Presença em unidades de conservação

Mosaico do Jacupiranga, Parque Estadual da Serra do Mar (núcleo Ubatuba, Curucutu, Picinguaba), Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Reserva Florestal de Morro Grande, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Experimental de Ubatuba, Parque Estadual de Ilhabela, Estação Biológica de Boraceia.

Biologia da espécie

De biologia pouco estudada, *S. frontalis* é especializada no consumo de sementes de diversas espécies de taquaras. Pode apresentar ocorrência pontual em virtude dos deslocamentos que realiza em busca de taquaraíais em frutificação. Pode ser encontrado ao lado de *S. falcirostris* e *Haplospiza unicolor* quando as taquaras frutificam, ocasião em que é possível encontrar centenas de indivíduos se alimentando (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Fontana *et al.*, 2003; Mikich & Bérnls, 2004). Provavelmente extinto no Rio Grande do Sul. A ocorrência recente na Bahia requer confirmação.

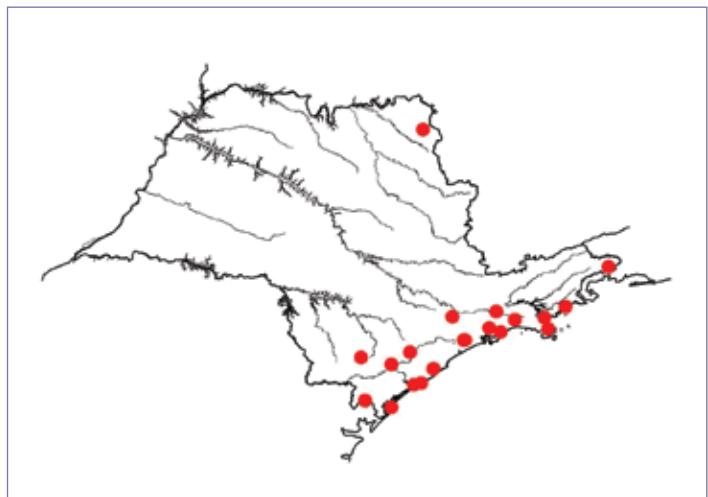
Ameaças

Captura e comércio ilegal, destruição do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica. Criação em cativeiro com finalidade de reintrodução.

AUTOR: Érika Machado



Sporophila falcirostris (Temminck, 1820)

Passeriformes, Emberizidae

Nomes vernaculares

Cigarra-verdeadeira, cigarrinha, patativa-chiadora, chiadora, papa-cam-pim-da-taquara.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Espécie de população reduzida e atualmente em declínio contínuo. Por ser uma ave muito visada para manutenção em cativeiro, lembra muito *S. frontalis* em vários detalhes acerca de sua situação de ameaça.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Habita o interior de matas densas, mas pode ser encontrada em bordas de mata, campos alagados, veredas e restingas. Ocupa áreas na planície litorânea até regiões com 1.200 m de altitude. No Brasil, ocorre desde a Bahia até o Paraná, principalmente nas regiões mais altas da Serra do Mar e em sua planície litorânea. Ocorre ainda no leste do Paraguai e nordeste da Argentina (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Mikich & Bérnuls, 2004; Machado *et al.*, 2005).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Mosaico do Jacupiranga, Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual de Ilhabela, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Experimental de Ubatuba.

Biologia da espécie

S. falcirostris tem uma dieta altamente especializada no consumo de sementes de taquaras e de gramíneas encontradas em bordas de mata. Realiza deslocamentos para regiões onde há frutificação de sementes, podendo se associar a *S. bouvreuil*, *S. collaris* e *S. frontalis*. É uma espécie rara que desaparece de suas áreas de ocorrência tão logo cesse a frutificação das taquaras e gramíneas (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Fontana *et al.*, 2003). A ocorrência em Santa Catarina requer confirmação.

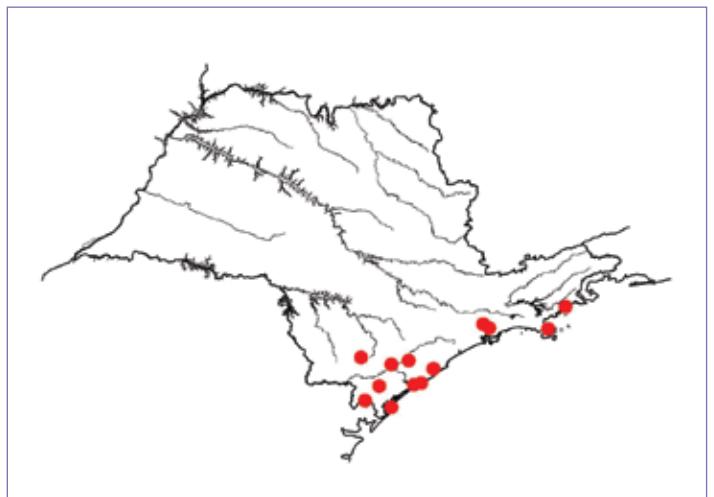
Ameaças

Captura para o comércio ilegal, destruição de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento na fiscalização, pesquisa científica. Eventual criação em cativeiro com finalidade de reintroduzir indivíduos em áreas bem protegidas.

AUTOR: Érika Machado



Nomes vernaculares

Patativa, patativa-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Considerada rara no Estado de São Paulo, é uma espécie muito procurada para captura e comércio ilegal em virtude de suas qualidades canoras, razão pela qual suas populações encontram-se em declínio.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): DD; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Floresta Amazônica (áreas abertas e úmidas), Mata Atlântica (áreas abertas e úmidas), Cerrado, Caatinga e Pantanal. Habita paisagens abertas como as campinaranas, capoeiras, campo limpo, capinzais e bordas de mata, intercaladas com várzeas e brejos. Ocupa áreas que vão desde a planície litorânea até 1.400 m de altitude. Na região norte do Brasil, ocorre nos estados do Pará e Amapá, e no interior do país sua distribuição se estende dos estados do Piauí e Mato Grosso ao Rio Grande do Sul. Ocorre também nas Guianas, Suriname, Colômbia, Venezuela, Peru, Bolívia e Paraguai (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina, Estação Ecológica de Santa Bárbara, Parque Estadual de Vassununga.

Biologia da espécie

S. plumbea pode ser encontrada aos pares ou em pequenos grupos, por vezes associados a outras espécies do mesmo gênero. Acredita-se que esta espécie realize movimentos migratórios, porém ainda pouco conhecidos. Sabe-se que desaparece do extremo sul do Brasil durante os meses mais frios. Constrói ninhos em forma de taça, como outros *Sporophila*, e cria dois ou três filhotes (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Mikich & Bérnilds, 2004). A ocorrência na Argentina requer confirmação. Há uma forma com o bico amarelo, *Sporophila aurantiirostris* (Bertoni, 1901) que pode ocorrer em São Paulo e cujo status taxonômico requer maiores estudos, pois pode constituir uma forma válida.

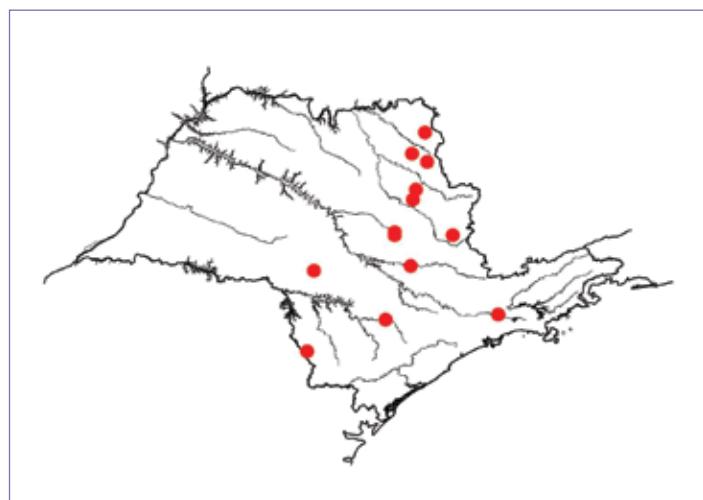
Ameaças

Captura e comércio ilegal, destruição de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado



Sporophila collaris (Boddaert, 1783)

Passeriformes, Emberizidae



Nome vernacular

Coleiro-do-brejo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Assim como outros congêneres, a perda e degradação do habitat configuram sérias ameaças, porém a captura, o tráfico e o comércio clandestino parecem ser os principais responsáveis pelo declínio populacional desta espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica, Cerrado, Campos Sulinos, Pantanal. Habita áreas alagadiças, como brejos e banhados, áreas limítrofes a lagoas e campos úmidos, preferencialmente onde existe vegetação alta. Ocupa áreas desde a planície litorânea até áreas a 500 m de altitude. No Brasil, ocorre desde o Mato Grosso e Goiás, passando pelos estados do Sudeste e chegando ao Rio Grande do Sul. Pode ainda ser encontrada na Bolívia, Paraguai, Uruguai e Argentina (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Não é conhecida em nenhuma unidade de conservação.

Biologia da espécie

S. collaris é geralmente encontrado aos pares ou em pequenos grupos. Não costumam se associar a outras espécies de *Sporophila*. Quase nunca descem ao solo para forragear. Constroem um ninho em forma de cesto com palha fina a no máximo 2 m de altura do solo, onde cria dois ou três filhotes. É considerada uma espécie não migratória, mas apresenta ocorrência irregular na maior parte do Rio Grande do Sul (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Fontana *et al.*, 2003). Espécie considerada ameaçada no Rio Grande do Sul.

Ameaças

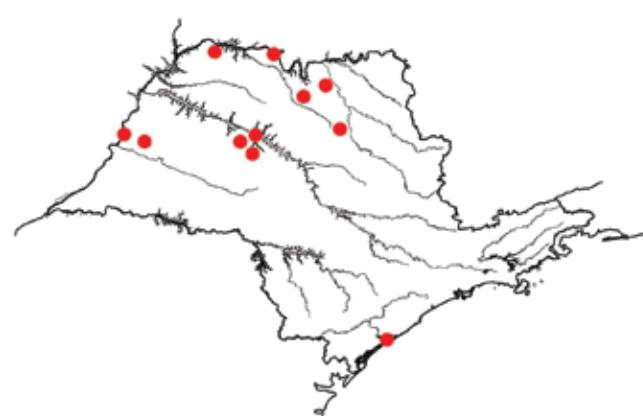
Captura e comércio ilegal, destruição do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado

FOTOGRAFIA: Angélica Sugieda





Sporophila bouvreuil (Statius Müller, 1776)

Passeriformes, Emberizidae

Nomes vernaculares

Caboclinho, caboclinho-frade, fradinho.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Espécie considerada rara no Estado de São Paulo, suas populações encontram-se sob ameaça principalmente em virtude da descaracterização de seus ambientes típicos. A captura e o comércio clandestino também são fatores de ameaça.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal. Habita paisagens abertas como as campinaranas, capoeiras, capinzais e bordas de mata, intercaladas com várzeas, campos e brejos. Ocupa áreas que vão desde a planície litorânea até 1.100 m de altitude. No Brasil, distribui-se desde a porção norte e nordeste do país (Amapá, Amazonas, Pará, Tocantins, Maranhão, Rio Grande do Norte, Piauí, Ceará, Pernambuco, Paraíba, Alagoas e Bahia), passando pelas regiões Centro-Oeste e Sudeste (Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal, Espírito Santo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo). Ainda ocorre na Guiana Francesa, sul do Suriname e Argentina (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Machado & Silveira *in prep*).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual do Juqueri.

Biologia da espécie

De biologia ainda pouco estudada, assim como outros congêneres, *S. bouvreuil* é uma espécie especializada no consumo de sementes de gramíneas. Realiza movimentos migratórios e estudos recentes revelaram que as populações que reproduzem na Amazônia se deslocam para regiões mais secas durante a época de invernagem, quando se encontram com parte da população do Cerrado e da Caatinga. As populações dessa diagonal seca se reproduzem e invernam nesses domínios. Na Mata Atlântica, as populações são residentes, permanecendo nos sítios de ocorrência ao longo das estações reprodutiva e de invernagem (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Machado & Silveira *submetido*). A ocorrência na Estação Ecológica de Itirapina requer confirmação.

Ameaças

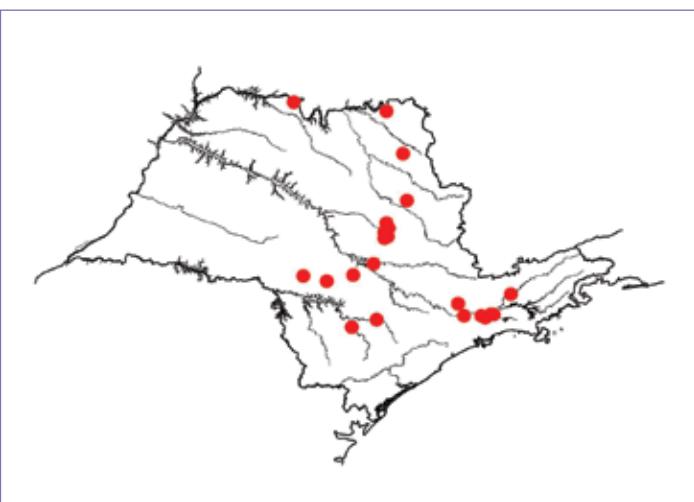
Captura e comércio ilegal, destruição do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado

FOTOGRAFIA: Érika Machado



Sporophila pileata (Sclater, 1864)

Passeriformes, Emberizidae



Nomes vernaculares

Caboclinho, caboclinho-coroadão.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1 biii, iv.

Justificativa

Considerado raro no Estado de São Paulo. A captura e o comércio ilegal vêm reduzindo sua população, porém, a alteração e destruição de seu habitat são os principais fatores que levam esta espécie a ser considerada ameaçada.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): CP; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Cerrado, Campos Sulinos, Pantanal, Mata Atlântica. Habita paisagens abertas como os capinzais, banhados, brejos e campos sujos e limpos. Ocupa áreas de até 1.100 m de altitude. No Brasil, ocorre no Rio Grande do Sul, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul, e ainda na Argentina e no Paraguai. A amostragem incipiente torna a região central do Brasil uma lacuna importante a ser preenchida. Essa região provavelmente é local de destino dos indivíduos durante o período de invernagem (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Machado & Silveira *in prep.*).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina, Estação Experimental de Itirapina.

Biologia da espécie

De biologia e ecologia pouco conhecidas, *S. pileata* é especializada no consumo de sementes de gramíneas. Em períodos fora da estação reprodutiva, pode ser observada em grupos formados por diversas espécies de *Sporophila*. Assim como outros congêneres, realizam movimentos migratórios ainda pouco conhecidos. Estudos recentes revelam que as populações possivelmente se deslocam para regiões mais secas após a estação reprodutiva (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Machado & Silveira *submetido*). Considerada uma subespécie de *S. bouvreuil* desde 1938, foi recentemente elevada ao status de espécie plena (Machado & Silveira, *submetido*).

Ameaças

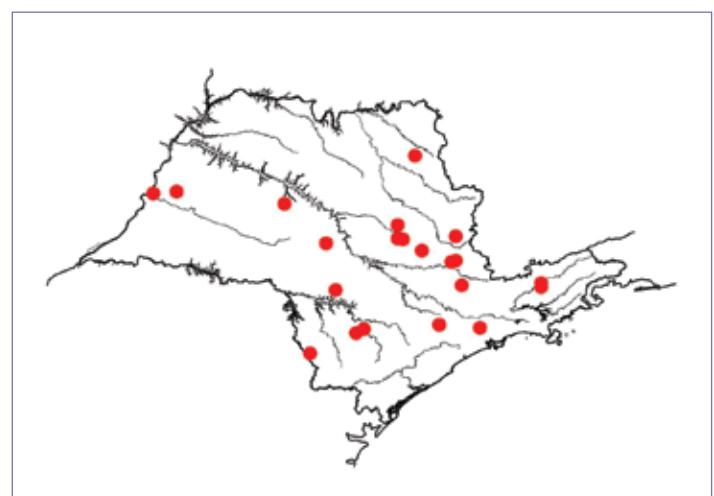
Captura e comércio ilegal, destruição do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado

FOTOGRAFIA: José Carlos Motta-Junior



Nomes vernaculares

Caboclinho-de-barriga-vermelha, caboclinho-vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Rara no Estado de São Paulo. A captura e o comércio clandestino configuraram sérias ameaças, porém a perda de seu habitat preferencial parece ser o principal responsável pelo seu grau de ameaça.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica, Pantanal, Cerrado, Campos Sulinos. Habita campos sujos e limpos e áreas úmidas como brejos e banhados com vegetação densa e capinzais altos. Ocupa áreas de até 1.100 m de altitude. No Brasil, ocorre na região Sul, além dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Os indivíduos registrados nas regiões mais ao norte (São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul) são provavelmente migrantes. A espécie ocorre ainda na Bolívia, no Paraguai e na Argentina (Mikich & Bérnuls, 2004).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

Assim como outras espécies de caboclinhos, é especializada no consumo de sementes de gramíneas. Seus movimentos migratórios não são muito conhecidos, mas sabe-se que, após a estação reprodutiva, desloca-se para o norte e centro de sua distribuição (São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul), onde se associa a outras espécies de *Sporophila*. Constrói ninho em forma de cesto, como outros congêneres, onde cria dois ninheiros (Mikich & Bérnuls, 2004).

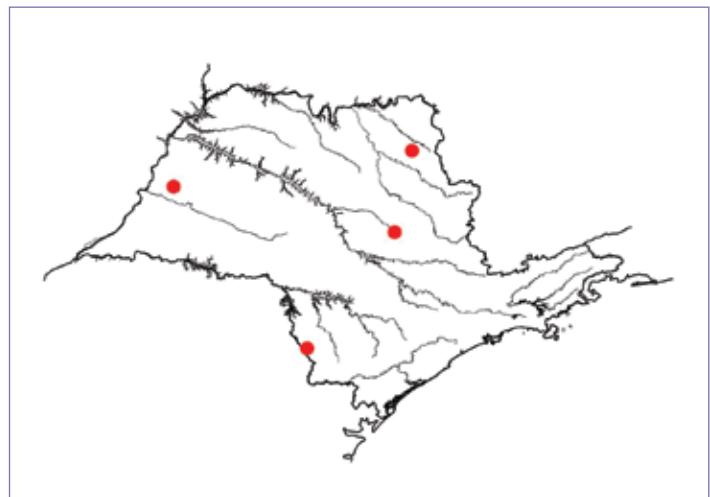
Ameaças

Captura e comércio ilegal, destruição de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e recuperação das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado



Sporophila ruficollis Cabanis, 1851

Passeriformes, Emberizidae

Nomes vernaculares

Caboclinho-de-papo-escuro, caboclinho-paraguai.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Espécie considerada rara no Estado de São Paulo. Sofre grande pressão de captura e comércio clandestino para manutenção em cativeiro. Suas populações estão atualmente em declínio.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): DD; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Campos Sulinos, Pantanal e Cerrado. Habita paisagens abertas como os capinzais altos, banhados, brejos e campo sujo e limpo. Ocupa áreas de até 1.200 m de altitude. No Brasil, ocorre no Rio Grande do Sul, Mato Grosso, Goiás, São Paulo e Minas Gerais (Pirapora). Encontrada também na Argentina, Uruguai, Paraguai, Bolívia (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

A biologia de *S. ruficollis* é pouco conhecida. Geralmente pode ser encontrada aos pares ou sozinha durante a estação reprodutiva. Assim como outros *Sporophila*, pode se associar a outros congêneres fora da estação reprodutiva (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

Ameaças

Captura e comércio ilegal, destruição de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e recuperação das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado



Nomes vernaculares

Caboclinho-de-papo-branco, caboclinho-papai-noel.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Espécie de distribuição geográfica restrita e altamente fragmentada, considerada rara no Estado de São Paulo. A modificação de seu habitat pode estar promovendo seu declínio populacional.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): não ocorre. Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Campos Sulinos, Pantanal e Cerrado. Habita áreas abertas como banhados e capinzais úmidos e ricos em espécies sementíferas. Ocupa áreas de até 1.100 m de altitude. No Brasil, ocorre na região central, nos estados de Goiás, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, passando por Minas Gerais, sul da Bahia, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul. Provavelmente ocorre nos estados do Tocantins e Santa Catarina. A espécie é também encontrada na Argentina, Paraguai e Uruguai (Ridgely & Tudor 1989; Sick, 1997; Machado, 2008).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina, Parque Estadual do Juqueri.

Biologia da espécie

S. palustris é uma espécie considerada membro regular de bandos mistos de *Sporophila*. O conhecimento sobre seus movimentos migratórios é limitado. Sabe-se que os registros de indivíduos ao norte de sua distribuição correspondem, possivelmente, a migrantes de inverno. No Cerrado e Pantanal são registrados nos meses em que não desenvolvem suas atividades reprodutivas (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Machado et al., 2005; Machado, 2008). Ocorrência no Estado de São Paulo é ocasional, podendo aparecer indivíduos vagantes e/ou migrantes.

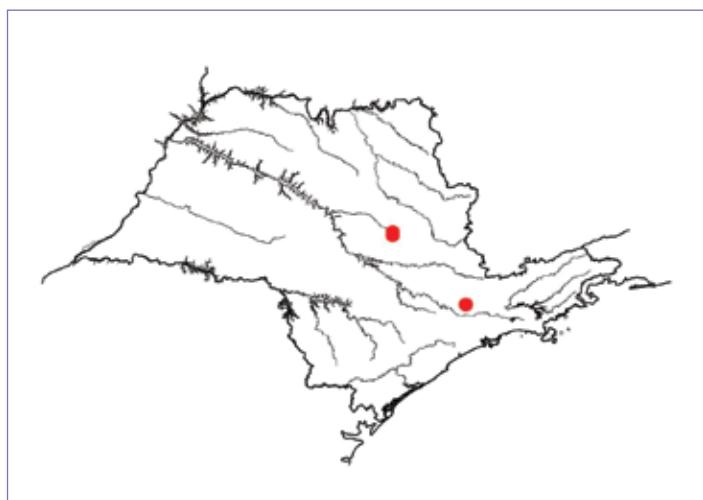
Ameaças

Captura e comércio ilegal, destruição do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e recuperação das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado



Sporophila cinnamomea (Lafresnaye, 1839)

Passeriformes, Emberizidae

Nomes vernaculares

Caboclinho-de-chapéu-cinzento, caboclinho-vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Espécie rara no Estado de São Paulo, cuja população encontra-se reduzida e em declínio contínuo devido à captura e perda de habitat.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica, Campos Sulinos, Cerrado e Pantanal. Habita áreas abertas como campos sujos e limpos, capinzais, várzeas, banhados e brejos. Ocupa desde baixadas até áreas a 1.100 m de altitude. No Brasil, ocorre desde o Rio Grande do Sul até Minas Gerais (Rio São Francisco) e Goiás (Rio Araguaia e Parque Nacional das Emas). Existem ainda registros para o Mato Grosso do Sul, São Paulo e Paraná. A espécie também é encontrada na Argentina, Uruguai e Paraguai (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Fontana *et al.*, 2003; Mikich & Bérnuls, 2004).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

S. cinnamomea é uma espécie pouco conhecida e de ocorrência muito local. Vive aos pares, porém, fora da estação reprodutiva é conhecida como um dos membros regulares de bandos mistos de *Sporophila*. A única população reprodutora conhecida habita os campos da região do município de Bagé, no Rio Grande do Sul. Assim como outros congêneres, seus movimentos migratórios são pouco conhecidos (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Fontana *et al.*, 2003; Mikich & Bérnuls, 2004).

Ameaças

Captura e comércio ilegal, destruição de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e recuperação das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado





***Sporophila melanogaster* (Pelzeln, 1870)**
Passeriformes, Emberizidae

Nome vernacular

Caboclinho-de-barriga-preta.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Considerada rara no Estado de São Paulo, a captura, o comércio clandestino e a perda e descaracterização de seu habitat levaram sua população a entrar em declínio.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Cerrado e Mata Atlântica. Habita áreas abertas como campos de altitude, campos sujos e limpos, campos úmidos, banhados, várzeas e brejos. Ocupa áreas em altitudes até 1.600 m. Espécie endêmica do Brasil, ocorre desde a região nordeste do Rio Grande do Sul, passando por Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais e Distrito Federal (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Machado *et al.*, 2005).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

S. melanogaster pode ser encontrada aos pares ou em pequenos grupos. Assim como seus congêneres, alimenta-se preferencialmente de sementes de gramíneas, mas durante o cuidado dos filhotes pode consumir insetos. Como para outras espécies de *Sporophila*, o conhecimento sobre seus movimentos migratórios ainda é incipiente (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

Ameaças

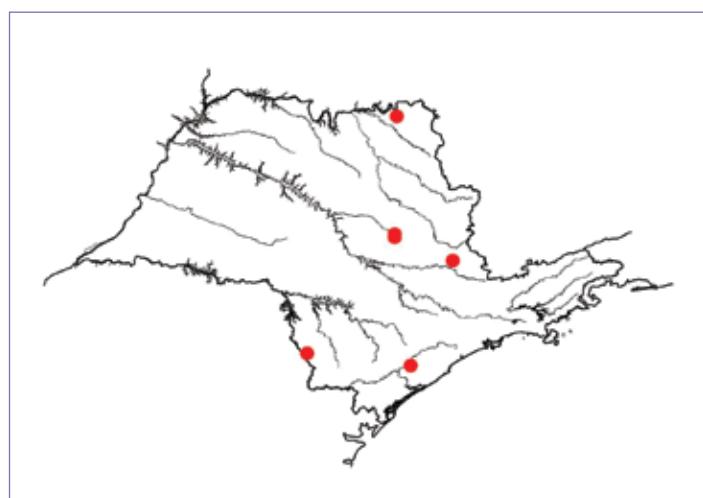
Captura e comércio ilegal, destruição do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção e recuperação das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado

FOTOGRAFIA: Érika Machado



Sporophila angolensis (Linnaeus, 1776)

Passeriformes, Emberizidae



Nomes vernaculares

Curió, avinhado.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

É uma das espécies de aves canoras mais visadas para a manutenção em cativeiro em virtude de seu canto melodioso. A captura e o comércio ilegal configuram os principais fatores de declínio populacional, além das alterações ambientais.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Floresta Amazônica, Mata Atlântica, Cerrado, Caatinga, Pantanal e Campos Sulinos. Habita bordas de mata, brejos, veredas, campos úmidos, áreas de vegetação arbustiva, capoeiras. Pode ocupar, ocasionalmente, o interior da mata. Ocupa áreas desde a planície litorânea até regiões a 1.500 m de altitude. Ocorre desde o México até a Bolívia, Paraguai e Argentina e em todo o território brasileiro (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Vassununga, Estação Experimental de Luiz Antônio; Estação Experimental de Ubatuba, Parque Estadual da Serra do Mar (núcleo Curucutu).

Biologia da espécie

S. angolensis é uma das aves mais conhecidas e populares do Brasil. De hábito preferencialmente granívoro, podendo consumir insetos principalmente durante a estação reprodutiva. Pode ser encontrada sozinha ou aos pares, ou ainda associadas a outras espécies granívoras. Constrói ninho em forma de cesto, utilizando raízes e capim, onde cria de dois a três filhotes (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997). Alguns autores classificam esta espécie no gênero *Oryzoborus*.

Ameaças

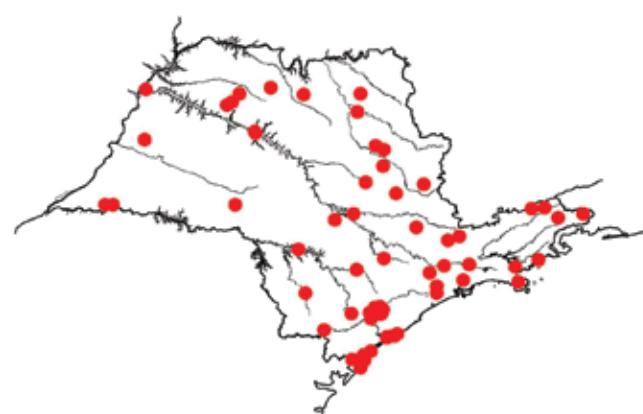
Captura e comércio ilegal, destruição do habitat.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica. A criação em cativeiro pode fornecer exemplares para futuros projetos de reintrodução em áreas protegidas.

AUTOR: Érika Machado

FOTOGRAFIA: Érika Machado



Nomes vernaculares

Bicudo, bicudo-verdadeiro.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1 a, c.

Justificativa

Considerada uma espécie naturalmente rara, é uma das aves canoras mais procuradas e cobiçadas do Brasil para manutenção em cativeiro, sendo esta a principal causa de seu crescente declínio populacional. Pode ser considerada extinta no Estado de São Paulo (Machado *et al.*, 2005).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): CR; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): PEx; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Floresta Amazônica, Cerrado, Mata Atlântica, Caatinga e Pantanal. Habita áreas abertas, com vegetação arbustiva, veredas, capões, brejos e banhados. Ocupa áreas de até 1.100 m de altitude. No Brasil, ocorre desde Alagoas e Bahia, passando pelo Sudeste e Mato Grosso do Sul. Existem ainda registros pontuais para a Bahia, Goiás, Rondônia e sul do Pará. Fazem parte ainda de sua distribuição geográfica original a América Central, Bolívia, Equador, Peru e Colômbia (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Machado *et al.*, 2005).

Presença em unidades de conservação

Não é conhecida em nenhuma unidade de conservação do Estado, e são desconhecidos registros nos últimos dez anos.

Biologia da espécie

S. maximiliani é uma espécie pouco conhecida até mesmo quanto à sua distribuição geográfica atual, sendo os registros recentes muito raros. Assim como seus congêneres, alimenta-se preferencialmente de sementes, porém insetos podem ser consumidos durante a estação reprodutiva (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997). Sua distribuição geográfica é baseada em registros pontuais, não representando com clareza a sua real área de ocorrência. Provavelmente está extinto em várias localidades, especialmente no Nordeste e Sudeste. Alguns autores classificam esta espécie no gênero *Oryzoborus*.

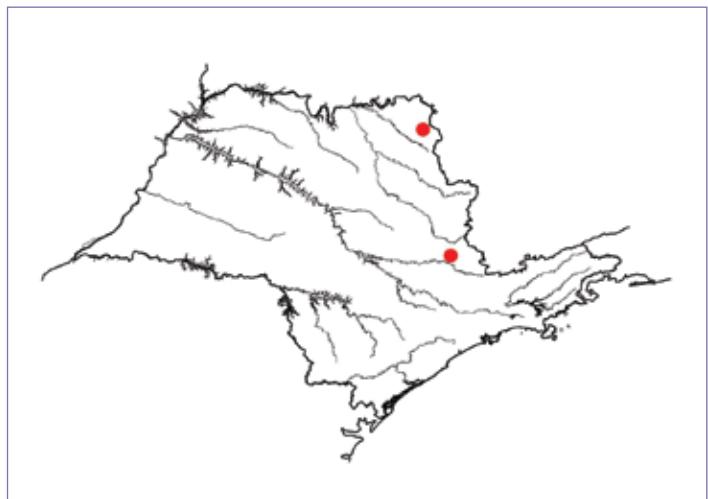
Ameaças

Captura excessiva, comércio ilegal, destruição do habitat.

Medidas para a conservação

Busca de novas populações e sua imediata proteção. Criação em cativeiro do táxon que ocorria em São Paulo e identificação e proteção de áreas potenciais para a sua reintrodução, incluindo o seu monitoramento em longo prazo.

AUTOR: Érika Machado



***Amaurospiza moesta* (Hartlaub, 1853)**
Atualmente *Cyanoloxia moesta*
Passeriformes, Emberizidae



Nomes vernaculares

Negrinho-do-mato, cigarrinha-da-taquara.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiv.

Justificativa

Espécie pouco conhecida e por vezes difícil de ser observada. Rara e de ocorrência muito local, existe a suspeita de que sua população esteja diminuindo rapidamente em virtude da perda e degradação ambiental.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica. Habita o interior de ambientes de mata densa, primária ou secundária, além de matas de araucária e matas ciliares e de galeria. Pode ser encontrada desde a planície litorânea até 1.600 m de altitude. No Brasil, ocorre no Maranhão, Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Intervales, Parque Estadual da Serra do Mar, núcleo Curucutu.

Biologia da espécie

A. moesta pode ser encontrada no sub-bosque ou forrageando próximo ao solo, solitária ou aos pares. Pode ser encontrada em áreas contendo taquaras, mas é possível que seja menos dependente desse tipo de vegetação que a *Sporophila frontalis*. Alimenta-se de sementes, insetos e bases de folhas novas (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Willis & Oniki, 2003).

Ameaças

Perda e degradação de seu habitat.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisas sobre sua ecologia e história natural.

AUTOR: Érika Machado

FOTOGRAFIA: Fabio Schunck



Nomes vernaculares

Mineirinho, bevezinho.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1c.

Justificativa

Considerado raro no Estado de São Paulo, sua população está em declínio no Estado, principalmente em virtude da perda do habitat. Além disso, a captura para o comércio ilegal de aves é um fator que também pode contribuir para o seu declínio.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): PEx; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Cerrado. Habita áreas de campo limpo e outras paisagens abertas, compostas de vegetação primária ou áreas com histórico de queimadas. Ocupa áreas de até 1.200 m de altitude. No Brasil, ocorre no sudoeste do Pará, interior do Maranhão, Tocantins, Piauí, Bahia, Minas Gerais, norte de São Paulo, Goiás e Mato Grosso. Ocorre ainda na Bolívia e Argentina (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

C. eucosma vive solitário ou em pequenos bandos, podendo ser encontrado no solo, onde se alimenta, ou a pouca altura, em árvores ou arbustos. Tem sido observado mais comumente em áreas com histórico de queimadas (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

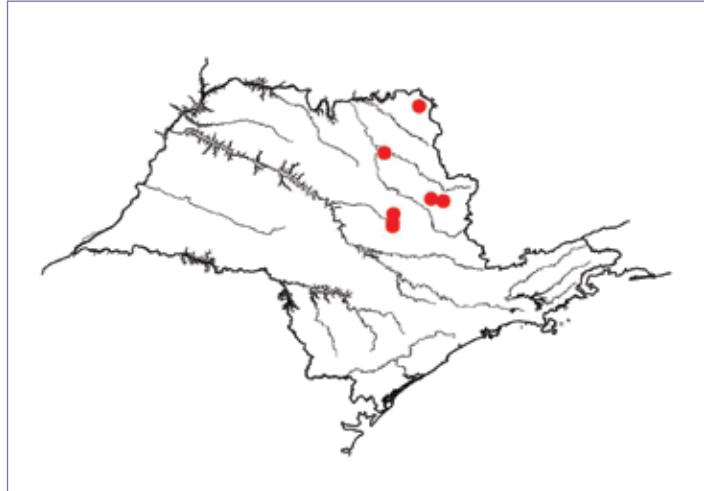
Ameaças

Perda e degradação de seu habitat.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisas sobre sua ecologia e história natural.

AUTOR: Érika Machado



Coryphaspiza melanotis (Temminck, 1822)

Passeriformes, Emberizidae

Nomes vernaculares

Tico-tico-de-máscara-negra, tico-tico-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

CR A1c.

Justificativa

Espécie considerada rara no Estado de São Paulo; sua população está em declínio devido à grande perda de habitat. As causas desta redução populacional ainda são atuantes e, em muitos casos, irreversíveis.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Cerrado. Habita paisagens abertas como campo limpo e campos úmidos com gramíneas. Ocupa áreas de até 1.000 m de altitude. No Brasil, ocorre no Pará (Ilha de Marajó), Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, São Paulo, Paraná. Ainda pode ser encontrado no Peru, Bolívia, Paraguai e Argentina (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Machado *et al.*, 2005).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina, Estação Ecológica de Santa Bárbara.

Biologia da espécie

C. melanotis vive no solo, subindo em hastes de capins e ervas para cantar. Vive aos pares, mas pode ser encontrado em grupos após a estação reprodutiva, por vezes com outras espécies granívoras (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997).

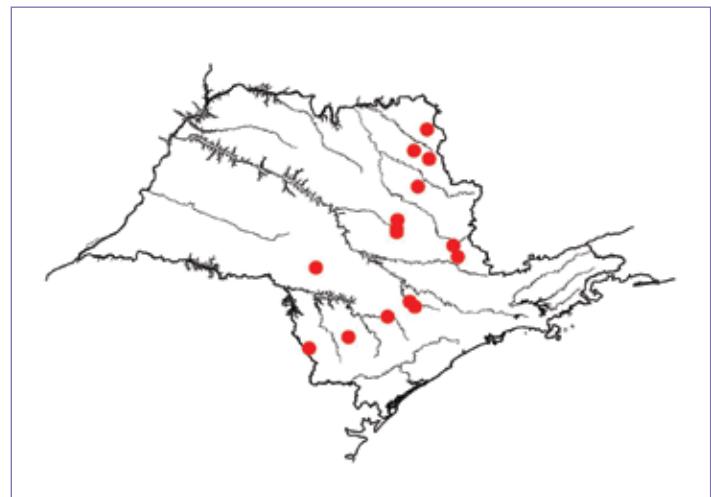
Ameaças

Destrução de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde a espécie ainda é encontrada e pesquisa sobre sua história natural e ecologia. A busca de novas populações também é importante.

AUTOR: Érika Machado





***Saltator atricollis* Vieillot, 1817**
Passeriformes, Cardinalidae

Nomes vernaculares

Bico-de-pimenta, batuqueiro.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1 biii, iv.

Justificativa

Espécie restrita a áreas de Cerrado. No Estado, as áreas de Cerrado estão bastante reduzidas, o que coloca a espécie em uma posição delicada.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Endêmica de Cerrado (Cavalcanti, 1999; Motta-Junior *et al.*, 2008). Também ocorre nos enclaves de Cerrado do Pantanal (Tubelis & Tomas, 2003) e da Caatinga (Pacheco, 2003). Habita as áreas abertas de Cerrado e arbustos na Caatinga (Ridgley & Tudor, 1989; Sick, 1997). Ocorre do interior da Região Nordeste até Mato Grosso e Goiás, sul de Minas Gerais, ocasionalmente no Rio de Janeiro, norte de São Paulo, nordeste e noroeste do Paraná. Também ocorre na Bolívia e no Paraguai (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Mikich *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina (Willis, 2004; Motta-Junior *et al.*, 2008); Estação Ecológica de Águas de Santa Bárbara (Willis & Oniki, 1981); Estação Ecológica de Jataí (Dias, 2000); Parque Estadual de Vassununga, Gleba Pé-de-Gigante (Develey *et al.*, 2005); Estação Ecológica de Mogi-Guaçu (Willis & Oniki, 1981).

Biologia da espécie

Relativamente comum, vive em bandos de dois a seis indivíduos. Apresenta indivíduos sentinelas no grupo para proteção contra possíveis ataques de predadores e frequentemente participa de bandos mistos (Ragusa-Netto, 2001, 2002). Permanece empoleirado no topo de árvores baixas e arbustos, algumas vezes descendo ao solo para se alimentar (Ridgely & Tudor, 1989). Insetívoro, porém há registros da utilização de frutos (Rodrigues *et al.*, 2005; Pascotto, 2007). Não há estudos disponíveis sobre comportamento reprodutivo e dados populacionais. Localmente comum na Estação Ecológica de Itirapina, ao menos desde a década de 80 (Willis, 2004; Motta-Junior *et al.*, 2008).

Ameaças

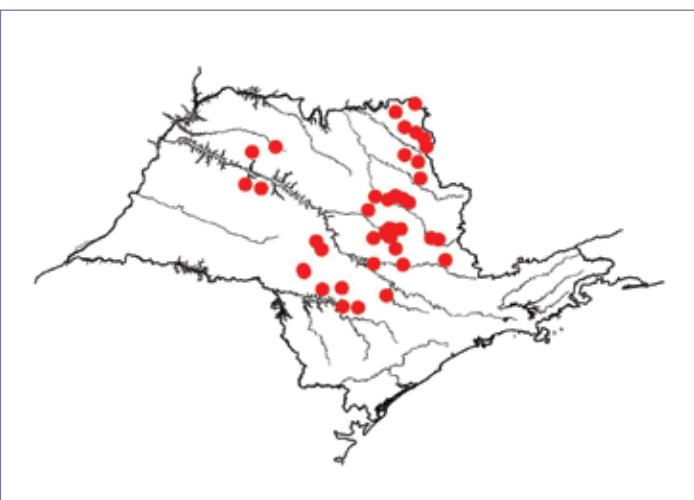
Destrução de cerrados naturais para serem transformados em pastagens e áreas de agricultura.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica sobre comportamento reprodutivo, área de vida, tamanho populacional e dieta quantificada.

AUTORES: Gisele Levy, José Carlos Motta-Junior

FOTOGRAFIA: José Carlos Motta-Junior



Cyanocompsa brissonii (Lichtenstein, 1823)

Atualmente *Cyanoloxia brissoni*

Passeriformes, Emberizidae

Nomes vernaculares

Azulão, azulão-verdadeiro.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiii, iv.

Justificativa

A captura, o tráfico e o comércio clandestino são os principais responsáveis pelo declínio populacional desta espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): NT; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica, Cerrado e Pantanal. Habita mata ciliar e de galeria, matas de araucária, restinga, áreas próximas a ambientes aquáticos e até mesmo áreas antrópicas. Ocorre em áreas com até 1.500 m de altitude. No Brasil, ocorre desde a Região Nordeste, passando pelo Sudeste e Centro-Oeste, chegando ao Sul do Brasil. Ocorre também na Bolívia, no Paraguai e na Argentina. Localmente, ocorre na Venezuela e Colômbia (Ridgely & Tudor, 1989; Sick, 1997; Restall *et al.*, 2007).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual Intervales, Estação Biológica de Boraceia, Estação Ecológica de Luiz Antônio e Estação Experimental de Luiz Antônio.

Biologia da espécie

C. brissonii é geralmente encontrada aos pares, porém os machos são mais facilmente vistos, no início da manhã, utilizando poleiros em algum lugar destacado no topo de um arbusto ou de uma árvore baixa. Alimenta-se de frutos e sementes (Ridgely & Tudor, 1989; Restall *et al.*, 2007). Alguns autores classificam esta espécie no gênero *Passerina*. Atualmente está alocada no gênero *Cyanoloxia*.

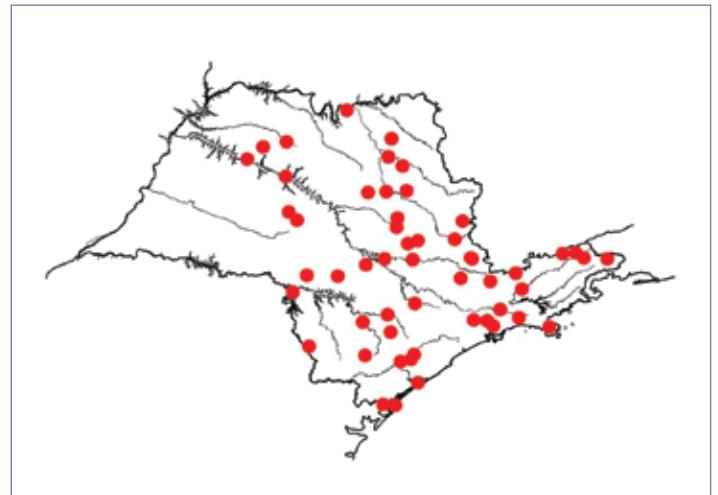
Ameaças

Captura e comércio ilegal, destruição de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção das áreas onde a espécie ainda é encontrada, aumento da fiscalização, pesquisa científica.

AUTOR: Érika Machado



Nomes vernaculares

Pula-pula-de-sobrancelha, pula-pula-branco.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abiv.

Justificativa

Espécie com poucos registros no Estado, restrita às pouquíssimas matas de galeria dentro do domínio do Cerrado paulista.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Endêmica do domínio do Cerrado em matas de galeria ou ciliares com solos saturados de água (Silva & Bates, 2002). Centro-sul brasileiro, localmente no sul de Mato Grosso, Goiás, sudoeste de Minas Gerais, oeste da Bahia e nordeste e centro de São Paulo (Ridgley & Tudor, 1989; Motta-Junior *et al.*, 2008).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina (Willis, 2004; Motta-Junior *et al.*, 2008).

Biologia da espécie

Utiliza sub-bosque (< 3m) de matas de galeria com solo alagado (Marini & Cavalcanti, 1993). Procura insetos em meio a folhagens, galhos e troncos e até no solo. Usualmente aos pares (Ridgely & Tudor, 1989). Ninho globular localizado no chão da mata, formado de raízes, folhas e gravetos, com entrada lateral. Postura de dois ovos (Marini & Cavalcanti, 1994). Pode ser considerada indicadora de qualidade ambiental em matas ripárias, em virtude da especificidade de habitat.

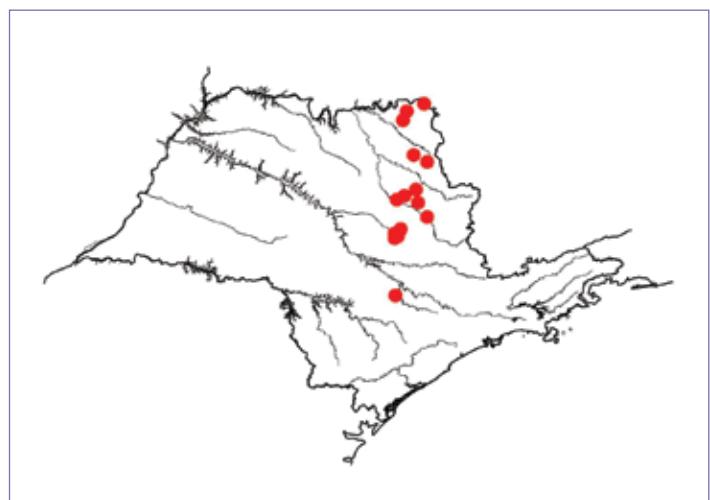
Ameaças

Destrução, fragmentação ou depauperação de matas de galeria e matas ciliares dentro do domínio do Cerrado.

Medidas para a conservação

Proteção de matas ripárias inseridas dentro do domínio do Cerrado. Necessárias pesquisas envolvendo *playback* para monitoramento de populações existentes, além de ecologia, que ainda é relativamente pouco estudada.

AUTOR: José Carlos Motta-Junior



Euphonia chalybea (Mikan, 1825)

Passeriformes, Fringillidae

Nomes vernaculares

Cais-cais, gaturamo.

Categoria proposta para São Paulo

VU A1 a, c.

Justificativa

Espécie de ocorrência restrita à faixa florestal do leste e a poucas regiões do interior. Utiliza as matas de encosta e baixada do litoral, que estão entre as mais ameaçadas do Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): EN; Rio de Janeiro (1998): NT; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Ocorre do Rio de Janeiro, passando por São Paulo, até o Rio Grande do Sul, Misiones e Paraguai. Vive em matas altas, mas pode ser registrada em capoeiras e plantações (Sigrist, 2004). Encontrada desde regiões serranas até a mata de baixada e restinga arbórea do litoral, que pode visitar no inverno (Willis e Oniki, 2003).

Presença em unidades de conservação

Estação Biológica de Boraceia, Parque Estadual Intervales, Parque Estadual de Jacupiranga, Parque Estadual Carlos Botelho, Área de Preservação Ambiental Estadual de Ilha Comprida e Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

É uma das maiores espécies do gênero e se destaca pelo bico grosso e forte. Vive em casais ou grupos familiares. Segue bandos mistos. Alimenta-se de frutos de palmeiras e cactos arborícolas, além de outras epífitas. Realiza movimentos migratórios, aparecendo na baixada litorânea no inverno (Willis & Oniki, 2003; Sigrist, 2004). Seu canto lembra o de *Euphonia violacea*, diferenciando-se por sílabas como “cais-cais” (Sick, 1997). A fêmea desta espécie lembra aquela do ferro-velho (*Euphonia pectoralis*), porém com as coberteiras superiores da cauda verdes como os flancos (Sick, 1997).

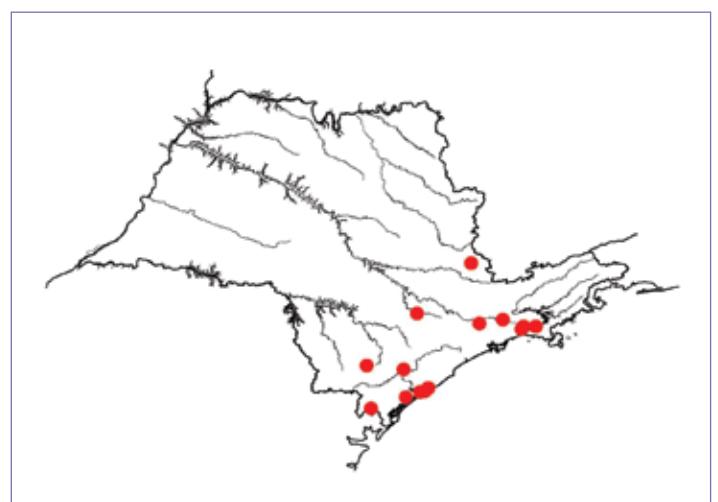
Ameaças

Perda de habitat e fragmentação florestal, principalmente nas matas da baixada litorânea.

Medidas para a conservação

Criação de unidades de conservação nas áreas remanescentes de floresta ombrófila densa, principalmente nas áreas de baixada e encosta e na porção sudoeste do Estado (divisa com o Paraná); levantamento de informações sobre a história natural da espécie e busca de outros pontos de ocorrência, principalmente na região sudoeste e leste do Estado, onde existem exemplares com procedência de Iperó e Porto do Rio Paraná.

AUTOR: Fabio Schunck



Referências bibliográficas

- Albuquerque, J. L. B.; Ghizoni-Jr, I. V.; Silva, E. S.; Trainini, G.; Franz, I.; Barcelos, A.; Hassdenteufel, C. B.; Arend, F. & Martins-Ferreira, C. 2006. Águia-cinzenta e o gavião-real-falso em Santa Catarina e Rio Grande do Sul: prioridades e desafios para sua conservação. *Rev. Bras. Ornitologia* **14**(4):411-415.
- Aleixo, A & Galetti, M. 1997. The conservation of the avifauna in a lowland Atlantic Forest in south-east Brazil. *Bird Conserv. Internat.* **7**:235-261.
- Aleixo, A. & Silva, W. R. 1996. **Estudo da diversidade de espécies de aves do Estado de São Paulo**. Acessado em: <http://www.biota.org.br/info/historico/workshop/revisoes/aves.pdf>
- Almeida, A. F. 2007. Aves do município de São Paulo. In: Almeida, A. F. & M. Kawall (Eds). **Fauna Silvestre: Quem são e onde vivem os animais na metrópole paulistana**. Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente.
- Almeida, A.F.; Carvalho, M.A.S.; & Summa, M.E.L. 2003. Levantamento da avifauna da Região Metropolitana de São Paulo atendida pela Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Manejo da Fauna Silvestre/DEPAVE/PMS. *Boletim CEO* **15**: 16-26
- Almeida, M. E. C. 2002. **Estrutura de comunidades de aves em áreas de cerrado da região nordeste do estado de São Paulo. São Carlos**. Dissertação. 133p.
- Alves, M. A. dos S. & Cavalcanti, R. B. 1990. Ninhos, ovos e crescimento de filhotes de *Neothraupis fasciata*. *Ararajuba*, **1**: 91-94.
- Alves, M. A. dos S. & Cavalcanti, R. B. 1996. Sentinel behavior, seasonality, and structure of bird flocks in a Brazilian savanna. *Ornitologia Neotropical*, **7** (1): 43-51.
- Alves, M. A. dos S. 1990. Social system and helping behavior in the white-banded Tanager (*Neothraupis fasciata*). *Condor*, **92** (2): 470-74.
- Alves, M. A. dos S. 1991. Dieta e táticas de forrageamento de *Neothraupis fasciata* em cerrado no Distrito Federal, Brasil (Passeriformes: Emberizidae). *Ararajuba*, **2**: 25-29.
- Antas, P.T. Z. & Nascimento, I. L. S. 1996. **Sob os céus do Pantanal** - Biologia e conservação do tuiuiú Jabiru mycteria. Empresa das Artes, Monsanto do Brasil.
- Antas, P.T. Z. 2004. **Pantanal – Guia de Aves: Espécies da Reserva Particular do Patrimônio Natural do SESC Pantanal**. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional.
- Armani, G. C. 1985. *Guide des Passereaux Granivores Embéziniés*. Paris, Société Nouvelle Des Éditions Boubée.
- Azevedo, C. S. de; Tinoco, H. P.; Ferraz, J. B. & Young, R. J. 2006. The fishing rhea: a new food item in the diet of wild greater rheas (*Rhea americana*, Rheidae, Aves). *Revista Brasileira de Ornitologia*, **14**: 285-287.
- Barbieri, E. & Mendonça, J. T. 2005. Distribution and abundance of Charadriidae at Ilha Comprida, São Paulo State, Brazil. *Journal of Coastal Research*, **21**: 1-10.
- Barbieri, E. & Pinna, F. V. 2005. Distribuição da Batuíra-de-coleira (*Charadrius collaris*) durante o período de 1999 a 2001 na praia da Ilha Comprida. *Rev. Bras. Ornitol.* **13**: 25-31.
- Barnett, J. M.; Klavins, J.; del Castillo, H.; Coconier, E. & Clay, R. 2004. *Nothura minor* (Tinamidae) a globally threatened Cerrado species new to
- Beadle, D., Grosset, A., Kirwan, G. M. & Minns, J. 2004. Range extensions for the checkered woodpecker, *Picoides mixtus*, (Aves: Picidae) in north Brazil. *Lundiana* **5**(2):155.
- Belton, W. 1994. **Aves do Rio Grande do Sul**: distribuição e biologia. São Leopoldo: Unisinos.
- Bencke, G. A.; Fontana, C. S.; Dias, R. A.; Maurício, G. N. & Mähler Jr, J. K. F. 2003 Aves. In: Fontana, C. S.; Bencke, G. A. & Reis, R. E. (eds.) **Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipucrs. p. 189-480.
- Bencke, G. A.; Kindel, A. & Mähler Jr, J. K. 2000. Adições à avifauna de Mata Atlântica do Rio Grande do Sul. In: Alves, M. A. S.; Silva, J. M. C.; Sluys, M. V.; Bergallo, H. G. & Rocha, C. F. D. **A ornitologia no Brasil**: pesquisa atual e perspectivas. Rio de Janeiro: Ed UERJ, p. 317-323.
- Bencke, G. A.; Mauricio, G. N.; Develey, P. F. & Goerck, J. M (orgs). 2006. **Áreas Importantes para a Conservação das Aves do Brasil**. Parte 1-Estados de domínio da Mata Atlântica. São Paulo. SAVE Brasil.
- Bérnails, R. S. & Mikich, S. B., 2004. **Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná**. Curitiba, PR. Governo do Paraná, SEMA/IAP.
- Bianchi, C. A.; Bagno, M. A. & Juarez, K. M. 2000. Predation of *Ara ararauna* and *Amazona aestiva* (Psittaciformes, Psittacidae) by *Chrysocyon brachyurus* (Carnivora, Canidae) in the cerrado, Brazil. *Ararajuba*, **8** (1): 49-50.
- Bierregaard, R. O. 1984. Observations of the nesting biology of the Guiana crested eagle (*Morphnus guianensis*). *Wilson Bulletin* **96**(1):1-5.
- BirdLife International 2000. **Threatened birds of the world**. Barcelona: Lynx Edicions and BirdLife International.
- BirdLife International 2008. *Amazona farinosa*. In: IUCN. **2008 IUCN Red List of Threatened Species**. www.iucnredlist.org. Acesso em 25 November 2008.
- BirdLife International 2008. *Amazona vinacea*. In: IUCN. **2008 IUCN Red List of Threatened Species**. www.iucnredlist.org. Acesso em 25 November 2008.
- Birdlife International 2008. *Diomedea dabbenena*. In: IUCN. **2008 IUCN Red List of Threatened Species**. www.iucnredlist.org. Acesso em 14 November 2008.
- Birdlife International 2008. *Diomedea dabbenena*. In: IUCN. **2008 IUCN Red List of Threatened Species**. www.iucnredlist.org. Acesso em 14 November 2008.

- Birdlife International 2008. *Diomedea exulans*. In: IUCN. **2008 IUCN Red List of Threatened Species**. www.iucnredlist.org. Acesso em 14 November 2008.
- Birdlife International 2008. *Pterodroma incerta*. In: IUCN. **2008 IUCN Red List of Threatened Species**. www.iucnredlist.org. Acesso em 14 November 2008.
- Birdlife International 2008. *Thalassarche chlororhynchos*. In: IUCN. **2008 IUCN Red List of Threatened Species**. www.iucnredlist.org. Acesso em 14 November 2008.
- BirdLife International. 2008. **Species factsheet: Carpornis melanocephala**. <http://www.birdlife.org>. Acesso em 20/11/2008.
- BirdLife International. 2008. **Species factsheet: Culicivora caudacuta**. <http://www.birdlife.org>. Acesso em 20/11/2008.
- BirdLife International. 2008. **Species factsheet: Dacnis nigripes**. <http://www.birdlife.org>. Acesso em 20/11/2008.
- BirdLife International 2008. **Species factsheet: Poospiza cinerea**. Disponível em: <http://www.birdlife.org>
- BirdLife International. 2008. **Species factsheet: Trichilaria malachitacea**. <http://www.birdlife.org>. Acesso em 20/11/2008.
- Boçon, R.; Sipinski, E. A. B.; Boss, R. L. & Rivera, R. 2004. A importância do Parque Nacional do Superagui na Conservação do papagaio-de-cara-roxa. In: V Congresso Brasileiro de Unidades de Conservação, 2004, Curitiba, PR. **Anais...** FBPN/Rede Pró Unidades de Conservação.
- Borchardt-Junior, C. A.; Veber, L. M. & Zimmermann, C. E. 2004. Primeiro registro de *Laniisoma elegans* (Thunberg, 1823) e *Catharus ustulatus* (Nuttall, 1840) em Santa Catarina. In: XII Congresso Brasileiro de Ornitologia, 2004, Blumenau, SC. **Anais...** Sociedade Brasileira de Ornitologia.
- Bornschein, M. R. 2001. Formações pioneiras do litoral centro-sul do Paraná: identificação, quantificação de áreas e caracterização ornitofaunística. Curitiba. Dissertação de mestrado. UFPR.
- Brace, R.; Hornbuckle, J. & St. Pierre, P. 1998. Rufous-faced crake *Laterallus xenopterus*: a new species for Bolivia, with notes on its identification, distribution, ecology and conservation. **Cotinga**, 9: 76-80.
- Bustamante, P. F. S. 1996. Comportamento, nidificação e inter-relação de aves que utilizam cavidades em árvores em Viçosa, MG. In: V Congresso Brasileiro de Ornitologia, 1996. Campinas, SP. **Resumos...** Sociedade Brasileira de Ornitologia. p. 14.
- Buzzetti, D. R. C. 2000. Distribuição altitudinal de aves em Angra dos Reis e Parati, sul do Estado do Rio de Janeiro, Brasil. In: Alves, M. A. S. et al. (eds.) **A ornitologia no Brasil: pesquisa atual e perspectivas**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Rio de Janeiro. p. 131-148.
- Buzzetti, D. R. C., 1996. Aves de floresta de restinga em Itanhaém, litoral sul do estado de São Paulo. V Congresso Brasileiro de Ornitologia, 1996, Campinas, SP. **Resumos...** Sociedade Brasileira de Ornitologia, p. 17.
- Camphuysen, C.J. 2001. The distribution of Spectacled Petrels *Procellaria conspicillata* in the south-eastern Atlantic. **Atlantic Seabirds** 3:113-124.
- Carboneras, C. 1992. Family Anatidae (Ducks, Geese and Swans). In: J. del Hoyo; A. Elliott & Sargatal, J. (eds.) **Handbook of the Birds of the World**, Vol. 1. Ostrich to Ducks. Barcelona: Lynx Edicions. p. 536-628.
- Carboneras, C. 1992. Diomedeidae (Albatrosses). In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (eds.) **Handbook of the birds of the world**. Barcelona, Spain: Lynx Edicions. p. 198-215.
- Carrano, E. 2006. **Composição e conservação da avifauna na Floresta Estadual do Palmito, município de Paranaú, Paraná**. Curitiba. Dissertação de Mestrado. UFPR.
- Carvalho C. T. & Carvalho J. 1992. A nidificação de *Pionus maximiliani* (Kuhl) e *Ara maracana* (Vieillot) em Gália, São Paulo, Brasil (Aves, Psittacidae). **Revista Brasileira de Zoologia**, 9 (3-4): 363-365.
- Caivalcanti, R. B. & Alves, M. A. dos S. 1997. Effects of fire on savanna birds in Central Brazil. **Ornitologia Neotropical**, 8 (1): 85-87.
- Caivalcanti, R.B. 1999. Bird species richness and conservation in the Cerrado Region of Central Brazil. **Studies in Avian Biology** 19: 244-249.
- Cavalheiro, M. L. 1999. **Qualidade do ambiente e características fisiológicas do papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) Ilha Comprida – SP**. Dissertação de Mestrado: apresentada ao curso de Pós-graduação em Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR
- CBRO [Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos] 2008. **Lista das aves do Brasil**. Versão 05/10/2008. Disponível em: <http://www.cbro.org.br/CBRO/listabr.htm>
- Christie, D.A.; Elliott, A.; Del Hoyo, J., 2004. **Handbook of the Birds of the World**. Volume 9: Cotingas to Pipits and Wagtails, Barcelona, Lynx Edicions.
- Cleere, N. 1999. "Caprimulgidae". In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (eds.). **Handbook of the Birds of the World**. Vol. 5. Barn-owls to Hummingbirds. Barcelona: Lynx Edicions, 288-301.
- Codenotti, T. L. & Alvarez, F. 1997. Cooperative breeding between males in the Greater Rhea *Rhea americana*. **Ibis**, 139: 568-71.
- Codenotti, T. L. & Alvarez, F. 1998. Adoption of unrelated young by Greater Rhea. **Field Ornithol.**, 69: 58-65.

- Codenotti, T. L. & Alvarez, F. 2001. Mating behavior of the male Greater Rhea. **Wilson Bull.**, **113**: 85-89.
- Codenotti, T. L. 1997. Fenología reproductiva y biometría de nidos, huevos y pollos del Ñandú, *Rhea americana* en Rio Grande do Sul, Brasil. **Hornero**, **14**: 211-223.
- Cohn-Haft, M. 1999. "Nyctibiidae". In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (eds). **Handbook of the Birds of the World**. Vol. 5. Barn-owls to Hummingbirds. Barcelona: Lynx Edicions, 302-387.
- Collar, N. J.; Gonzaga, L. P.; Krabbe, N.; Madroño Nieto, A.; Naranjo, L. G.; Parker, T. A. & Wege, D. C. 1992. **Threatened birds of the Americas: the ICBP/IUCN Red Data Book**. Cambridge, U. K.: International Council for Bird Preservation.
- Collar, N. J. 1997. Family Psittacidae, p. 280-479 In: Del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (Eds.) **Handbook of the Birds of the World**, v. 4 Barcelona: Lynx Editiones. p. 280-479
- Costa, R. G. A. & Costa, R. V. 2002. Avestruzeiros do Pampa. **Atualidades Ornitológicas**, **106**: 7.
- Craveiro, R. B. & Miyaki, C. Y. 2000. Analysis of the genetic variability of *Propyrrhura maracana* (Psittaciformes, Aves) using DNA fingerprinting. **Ararajuba**, **8** (2): 79-84.
- Cuthbert, R.J.; Ryan, P. G.; Cooper, J. & Hilton, G. 2003. Demography and population trends of the Atlantic Yellow-nosed albatross. **Condor** **105**: 439-452.
- D'Angelo-Neto, S. & Queiroz, S. R. 2000. Ocorrência da maria-corruíra (*Euscarthmus rufomarginatus*) no norte de Minas Gerais, Brazil. **Tangara**, **1** (2), p. 80-94.
- Dantas, S. D.; Glauco, A. P.; Farias, G. M.; Brito, M. T.; Periquito, M. C.; Pacheco, G. L. & Vasconcelos, E. S. T. 2007. Registros relevantes de aves para o estado de Pernambuco, Brasil. **Rev. Bras. Ornitol.** **15**(1): 113-115.
- del Hoyo, J. & Motis, A.. 2004. **Update Chapter**. In: Delacour, J. & Amadon, D. 2004. **Curassows and related birds**. Second Edition. Barcelona and New York. Linx Edicions and American Museum of Natural History. p. 322-476.
- del Hoyo, J. 1994. Family Cracidae. In: del Hoyo, J.; Elliot, A. & Sargatal, J. (eds.). **Handbook of the birds of the world. New World vultures to guineafowl**. Vol. 2. Barcelona, Lynx Edicions.
- del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. 1992. **Handbook of the birds of the world**. Vol. 1. Ostrich to Ducks. Lynx, Barcelona.
- del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (eds). 1996. **Handbook of the birds of the world**. Vol. 3. Hoatzin to Auks. Barcelona: Lynx Edicions.
- del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. eds. 1997. **Handbook of the birds of the world**. Vol. 4. Sandgrouse to Cuckoos. Barcelona: Lynx Editions.
- del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (eds). 1999. **Handbook of the birds of the world**. Vol. 5. Barn-owls to Hummingbirds. Barcelona: Lynx Edicions.
- del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. eds. 2002. **Handbook of the birds of the world**. Vol. 7. Jacamars to Woodpeckers. Barcelona: Lynx Editions.
- del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (eds). 2003. **Handbook of the birds of the world**. Vol. 8. Broadbills to Tapaculos. Barcelona: Lynx Edicions.
- del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (eds). 2004. **Handbook of the birds of the world**. Vol. 9. Cotingas to pipits and Wagtails. Barcelona: Lynx Edicions.
- Delacour, J. & Amadon, D. 2004. **Curassows and related birds**. Second Edition. Barcelona and New York. Linx Edicions and American Museum of Natural History.
- Descourtiz, J. T. 1944. **Ornitologia brasileira ou história natural das aves do Brasil, notáveis por sua plumagem, canto e hábitos**. Rio de Janeiro: Kosmos.
- Develey, P. & Argel-De-Oliveira, M. M. 1996. Nova localidade para o gavião-asa-de-telha (*Parabuteo unicinctus*) (Falconiformes: Accipiteridae) no Estado de São Paulo, Brasil. **Ararajuba** **4**: 23-24.
- Develey, P. F. 1997. **Ecologia de bandos mistos de aves de mata atlântica na Estação Ecológica Juréia - Itatins**. São Paulo, Brasil. Dissertação de Mestrado apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo.
- Develey, P. F. 2004. As aves da Estação Ecológica Juréia-Itatins. In: Marques, O. A. V. & Duleba, W. (eds) **Estação Ecológica Juréia-Itatins. Ambiente físico, flora e fauna**. Ribeirão Preto: Holos.
- Develey, P. F.; Cavana, D.D. & Pivello, V.G. 2005. Caracterização de Grupos Biológicos do Cerrado Pé-de-Gigante – Aves. In: Pivello, V.R. & Varanda, E. M. (Eds). **O Cerrado Pé-de-Gigante: ecologia e conservação – Parque Estadual de Vassununga**. Secretaria do Meio Ambiente. p. 121-134.
- Dias, M.M. 2000. Avifauna das Estações Ecológica de Jataí e Experimental de Luiz Antônio, São Paulo, Brasil. In: Santos, J. E. & Pires, J. S. R. (eds) **Estação Ecológica de Jataí**. Rima, São Carlos, p. 285-301.
- Donatelli, R.J.; Ferreira, C.D.; Dalbeto, A.C. & Posso, S. 2007. Análise comparativa da assembléia de aves em dois remanescentes florestais no interior do Estado de São Paulo. **Rev. Bras. Zool.** **24**: 362-375.
- Dubs, B. 1992. **Birds of Southwestern Brazil**. Catalogue and guide to the birds of the Pantanal of Mato Grosso and its border areas. Küsnacht: Betrona-Verlag.
- Durigan, G.; Siqueira, M.F. & Franco, G.A.D.C. 2007. Threats of the Cerrado remnants of the State of São Paulo. Brazil. **Scientia Agrícola** **64**(4): 355-363.

- Elliott, A.; Sargatal, J. & Del Hoyo, J. 2002. **Handbook of the Birds of the World**. Volume 7: Jacamars to Woodpeckers, Barcelona, Lynx Edicions.
- Elliott, H.F.I. 1957. A contribution to the ornithology of the Tristão da Cunha group. *Ibis* **99**:545-586.
- Elliott, A.; Sargatal, J. & Josep Del Hoyo, J. 2001. **Handbook of the Birds of the World**. Volume 6: Mousebirds to Hornbills, Barcelona, Lynx Edicions.
- Enticott, J.W. 1991. Distribution of the Atlantic petrel *Pterodroma incerta* at sea. *Marine Ornithology* **19**:49-60.
- Ferguson-Lees, J. & Christie, D.A. 2001. **Raptors of the World**. New York, USA. Houghton and Mifflin Company.
- Fitzpatrick, J. W. et al. 2004. Family Tyrannidae species accounts. In: Del Hoyo, J.; Elliott, E. A. & Christie, D. A. (eds.) **Handbook of the birds of the world** Vol. 9, Cotingas to pipits and wagtails. Barcelona: Lynx Edicions, pp. 258-462.
- Fontana, C. S.; Bencke, G. A. & Reis, R. E. (Eds.). 2003. **Livro Vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Edipucrs.
- Forshaw, J. M. 1973. **Parrots of the World**. Melbourne: Lansdowne Press
- Forshaw, J. M. 1977. **Parrots of the world**. Second (revised) edition. Melbourne: Lansdowne Editions.
- Forshaw, J.M. & Cooper, W.T. 1981. **Parrots of the World**. 2 ed. Melbourne: Lansdowne Press. 616p.
- Francisco, M. R.; Oliveira Jr, P. R. R. & Lunardi, V. O. 2008. Nest and fledglings of the Red-ruffed Fruitcrow (*Pyroderus scutatus*). *The Wilson Journal of Ornithology* **120**: 413-416.
- Gales, R. 1998. Albatross populations: status and threats. In: Robertson, G. & Gales, R. (Eds) The Albatross Biology & Conservation. Surrey Beatty & Sons, Chipping Norton p. 20-45.
- Galetti, M. & Carvalho, O. 2000. Sloths in the diet of Harpy Eagle nestling in eastern Amazon. *Wilson Bull.* **112**(4):535-536.
- Galetti, M. & Pizo, M. A. 1996. Fruit eating by birds in a forest fragment in southeastern Brazil. *Ararajuba* **4**(2): 71-79.
- Galetti, M. 1996. Espécies-chaves para frugívoros tropicais; usos e maus usos do conceito. V Congresso Brasileiro de Ornitologia, 1996, Campinas, SP. **Resumos...** Sociedade Brasileira de Ornitologia. p. 137-138.
- Galetti, M.; Martuscelli, P.; Olmos, F. & Aleixo, A. 1997. Ecology and conservation of the Jacutinga Pipile jacutinga in the Atlantic Forest of Brazil. *Biol. Conserv.* **82**: 31-39.
- Galetti, M.; Martuscelli, P.; Pizzo, M. A. & Simão, I. 1997. Records of Harpy and Crested Eagles in the Brazilian Atlantic forest. *Bull. B. O. C.* **117**(1):27-31.
- Galetti, M.; Schunck, F.; Ribeiro, M.; Paiva, A.A.; Toledo, R. & Fonseca, L. 2006. Distribuição e Tamanho populacional do papagaio-de-cara-roxa Amazona brasiliensis no estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Ornitologia*, **14**(3): 239-247.
- Gochfeld, M. & Burger J. 1996. Family Sternidae (terns). In: del Hoyo, J.; Elliot, A. & Sargatal, J. (eds) **Handbook of the birds of the world**, vol. 3. Barcelona. p. 572-623.
- Grahan, D. J. 1992. The avifauna of the Serra da Cantareira, São Paulo, Brazil: a preliminary survey. *Série Registros – Instituto Florestal*. **10**: 1-56.
- Granzinolli, M. A. M.; Kamada, B. & Barros, F. M. 2008. Monitoramento do gavião-asa-de-telha (*Parabuteo unicinctus*) na Baixada Santista, SP. In: XVI Congresso Brasileiro de Ornitologia. 2008, Palmas, TO. **Resumos...** Sociedade Brasileira de Ornitologia. p. 252.
- Granzinolli, M. A. M.; Pereira, R. G. & Motta-Junior J. C. 2006. The Crowned Solitary-eagle *Harpyhaliaetus coronatus* (Accipitridae) in the cerrado of Estação Ecológica de Itirapina, southeast Brazil. *Rev. Bras. Ornitologia* **14**(4): 429-432.
- Gressler, D.R. & Marini, M.Â. 2007. Nest, eggs and nestling of the Collared Crescentchest *Melanopareia torquata* in the Cerrado region, Brazil. *Revista Brasileira de Ornitologia* **15**: 574-576.
- Hagen, Y. 1952. **Birds of Tristan da Cunha**. Results of the Norwegian Scientific expedition to Tristan da Cunha. 1937-1938. No 20. Oslo: Norske Videnskaps-Akadem.
- Harrism, P. 1967. The biology of Oystercatchers (*Haematopus stralegus*) n Skokholm Island, S. Wales. *Ibis* **109**: 180-193.
- Hartwicke, B. 1974. Breeding ecology of the Black Oystercatcher (*Haematopus bachmani* Audubon). *Syesis* **7**: 83-92.
- Harverschidt, F.R., 1950. Notes on the swallow-wing, *Chelidoptera tenebrosa*, in Surinam. *The Condor*, **52**: 74:77.
- Hepplestopn, B. 1972. The comparative breeding ecology of Oystercatcher (*Haematopus ostralegus*) in inland and coastal habitats. *J. Anim. Ecol.* **4**: 23-51.
- Holt, D. W. et al. 1999. Strigidae species accounts. In: Del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (eds.) **Handbook of the birds of the world**. Vol. 5. Barn owls to hummingbirds. Barcelona, Lynx Edicions, p.152-242.
- Huin, N. 2002. Foraging distribution of Black-browed albatrosses *Thalassarche melanophris* breeding in the Falkland islands. *Aquatic Conservation: Marine and Freshwater Ecosystems* **12**:89-99.

- IBAMA (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). 2003. **Lista das espécies da fauna ameaçada de extinção**. Instrução Normativa n° 3, de 27 de maio de 2003. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) / Ministério do Meio Ambiente. Brasília, DF. Brasil.
- Ihering, H. & Ihering, R. 1907. **Catálogo da fauna brasileira editados pelo Museu Paulista**. Vol. 1 As aves do Brasil. São Paulo, Museu Paulista.
- Ihering, H. 1898 As aves do Estado de São Paulo. **Rev. Mus. Paul.** 3:113-476.
- Ihering, H. von 1898. Catalogue of the birds of São Paulo. **Ibis**: 456-457.
- Isler, M. L. & Isler, P. R. 1987. **The Tanagers: natural history, distribution, and identification**. Washington: Smithsonian Institution Press.
- IUCN. 2008. **2008 IUCN red list of threatened species**. IUCN Species Survival Commission, Gland, Switzerland and Cambridge, United Kingdom. Avaliado de <http://www.redlist.org> (acessado em outubro de 2008).
- Juniper, T. and Parr, M. 1998 **Parrots: a guide to Parrots of the world**. Sussex. PicPress.
- Juniper, T. and Parr, M. 2003 **Parrots: a guide to Parrots of the world**. 2 ed. Sussex. PicPress.
- Kanegae, M.F.; Silva, M.T.M. & Damiano, R.Z. 2008. Primeiro registro fotográfico do desenvolvimento de ninheiros de Tapaculo de Colarinho. **Atualidades Ornitológicas** 141. www.ao.com.br/download/ao141_94.pdf
- Klages, N.T.W. & Cooper, J. 1997. Diet of the Atlantic Petrel *Pterodroma incerta* during breeding at South Atlantic Gough Island. **Mar. Ornithol.** 25: 13-6.
- Klein, B.C.; Harper, L.H.; Bierregaard, R.O. & Powell, G.V.N. 1988. The nesting and feeding behavior of the Ornate Hawk-eagle near Manaus, Brazil. **Condor** 90:239-241.
- König, C.; Weick, F. & Becking, J.-H. 1999. **Owls: a guide to the owls of the world**. New Haven, Connecticut: Yale University Press,
- Korzun, L.P.; Érard C. & Gasc J.P., 2004. Morphofunctional study of the bill and hyoid apparatus of *Momotus momota* (Aves, Coraciiformes, Momotidae): implications for omnivorous feeding adaptation in motmots. **Comptes Rendus Biologies**, 327: 319-333.
- Krabbe, N. & Schulenberg, T. 2003. Family RHINOCRYPTIDAE (Tapaculos). In: Josep, H., Andrew, E. & David, C. (Eds.) **Handbook of the Birds of the World**. v. 8 Broadbills to Tapaculos. Lynx Edicions.
- Kronka, F. J. N.; Nalon, M. A.; Baitello, J. B.; Matsukuma, C. K.; Pavão, M.; Ywane, M. S. S.; Lima, L. M. P. R.; Kanashiro, M. M.; Barradas, A. M. F. & Borgo, S. C. 2003. Levantamento da vegetação natural e caracterização de uso do solo no Estado de São Paulo. **Anais do XI SBSR**. Belo Horizonte. INPE. p:2779-2785.
- Kronka, F.J.N.; Nalon, M.A.; Matsukuma, C.K.; Kanashiro, M.M.; Ywane, M.S.S.; Pavão, M.; Durigan, G.; Lima, L.M.P.R.; Guillaumon, J.R.; Baitello, J.B.; Borgo, S.C., Manetti, L.A.; Barradas, A.M.F.; Fukuda, J.C.; Shida, C.N.; Monteiro, C.H.B.; Pontinha, A.A.S.; Andrade, G.G.; Barbosa, O. & Soares, A.P. 2005. **Inventário florestal da vegetação natural do estado de São Paulo. São Paulo**: Secretaria do Meio Ambiente; Instituto Florestal; Imprensa Oficial 200p.
- Kroodsma & Brewer 2005. Family Troglodytidae (Wrens). In: Del Hoyo, J.; Elliott, E. A. & Christie, D. A., eds.) **Handbook of the birds of the world** Vol. 10, Cuckoo-strikes to Thrushes. Barcelona: Lynx Edicions, pp. 356-447.
- Lauro, B. & Burger, J. 1989. Nest-site selection of American Oystercatchers (*Haematopus palliatus*) in salt marshes. **The AUK** 106: 185-192.
- Lima, P. C.; Grantsau, R.; Lima, R.C.F.R. & Santos, S.S. 2004. **Occurrence and mortality of seabirds along the northern coast of Bahia, and the identification key of the Procellariiformes order and the Stercoraridae family**. Camacari :CETREL.
- Lopes, L.E. & Marini, M.A., 2005. Biologia reprodutiva de *Suiriri affinis* e *S. islerorum* (Aves: Tyrannidae) no cerrado do Brasil Central. **Papeis Avulsos de Zoologia**.
- Machado, A. B. M.; Fonseca, G. A. B.; Machado, R. B.; Aguiar, L. M. S. & Lins, L. V. (editores). 1998. **Livro vermelho das espécies ameaçadas de extinção da fauna de Minas Gerais**. Belo Horizonte, MG. Brasil. Fundação Biodiversitas.
- Machado, E. 2008. *Sporophila palustris*. In: Silveira, L. F. & Straube, F. C. (eds.) **Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas.
- Madge, S. & H. Burn 1988. **Waterfowl – An identification guide to the duck, geese and swans of the world**. Boston: Houghton Mifflin Company.
- Magalhães, C. A. 1990. Comportamento alimentar de *Busarellus nigricollis* no pantanal do Mato Grosso, Brasil. **Ararajuba** 1: 119-120.
- Magalhães, J. C. R. 1999. **As aves na Fazenda Barreiro Rico**. São Paulo: Editora Plêiade.
- Mallet-Rodrigues, F.; Guentert, M. & Kirwan, G. 2006. Records of Royal Flycatcher *Onychorhynchus coronatus swainsoni* from Santa Catarina, southern Brazil. **Cotinga**, 26:6-8.
- Marchant, S. & Higgins, P. J. 1991. **Handbook of Australian, New Zealand and Antarctic Birds**. Vol. 1: Ratites to Ducks; Part A: Ratites to Petrels. Melbourne, Austrália: Oxford University Press.

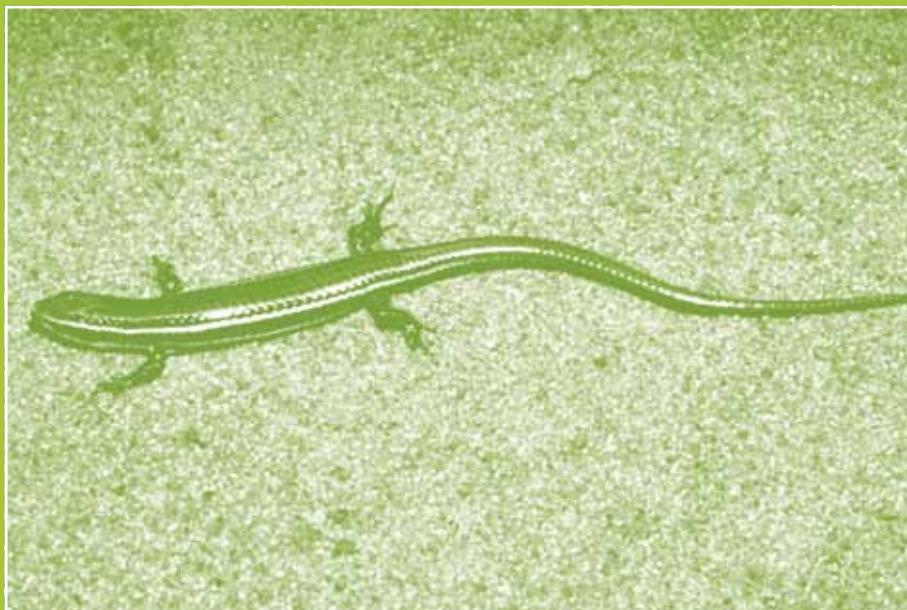
- Marini, M. A. & Cavalcanti, R. B. 1993. Hábitat and foraging substrate use of three Basileuterus warblers from central Brazil. *Ornit. Neotrop.* 4(2): 69-76.
- Marini, M. A. & Cavalcanti, R. B. 1994. First description of the nest and eggs of the white-striped warbler (*Basileuterus leucophrys*). *Ornit. Neotrop.* 5: 117-118.
- Marini, M. A.; Pereira, M. F.; Oliveira, G. M. & Melo, C. 1997. Novos registros de ninhos e ovos de três espécies de aves no Brasil Central. *Ararajuba*. 5, (2): 244-245.
- Marini, M. A.; Motta-Júnior, J.C.; Vasconcellos, L.A.S. & Cavalcanti, R.B. 1997. Avian body masses from cerrado region of central Brazil. *Ornitologia Neotropical* 8:93-99.
- Martínez-Vilalta, A.; & Motis, A. 1992. Family Ardeidae (Herons). In: Del Hoyo, J.; Elliot, A. & Sargatal, J. (eds.) *Handbook of the Birds of the World*, Vol. 1. Ostrich to Ducks. Barcelona: Lynx Edicions. Pp. 376-429.
- Martuscelli, P. & Antonelli, R. 1992. Novas adendas à avifauna do Estado de São Paulo. In: VI Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. *Anais...* p. 82.
- Martuscelli, P. 1995. Ecology and conservation of the Red-tailed Amazon *Amazona brasiliensis* in south-eastern Brazil. *Bird Cons. Int.* 5:225-240.
- Martuscelli, P. 1992. Notas sobre aves pouco conhecidas do Estado de São Paulo. In: VI Encontro Nacional de Anilhadores de Aves. *Anais...* p. 82-83.
- Martuscelli, P. 1996. Hunting behaviour of the Mantled Hawk *Leucopternis polionota* and the White-necked Hawk *L. lacernulata* in southeastern Brazil. *Bull. B.O.C.* 116 (2): 114-116.
- Maurício, G. N. & Dias, R. A. 1996. Novos registros e extensões de distribuição de aves palustres e costeiras no litoral sul do Rio Grande do Sul. *Ararajuba* 4: 47-51.
- Melo, C. & Marini, M.A., Comportamento Alimentar de Monasa nigrifrons (Aves, Bucconidae) em matas do oeste de Minas Gerais, Brasil. *Ararajuba* 7: 13-15.
- Melo, F.P. & Piratelli, A.J., 1999. Biologia e ecologia do udu-de-coroa-azul (*Momotus momota*: Aves, Momotidae).
- Mikich, S. & Bernils, M. S. 2004. *Livro vermelho da fauna ameaçada do estado do Paraná*. Curitiba. Instituto Ambiental do Paraná.
- Ministério do Meio Ambiente – MMA. 2003. Lista das Espécies da Fauna Brasileira Ameaçadas de Extinção. Instrução Normativa nº 3, de 27 de maio de 2003. *Diário Oficial da República Federativa do Brasil*, Brasília, DF.
- Moraes, V. S. & Krul, R. 1997. Notes on the Black-backed Tanager *Tangara peruviana* (Desmarest, 1806). *Bull. Brit. Ornith. Club* 117(4): 36-318.
- Motta Junior, J. C. 1990. Estrutura trófica e composição das avifaunas de três habitats terrestres na região central do estado de São Paulo. *Ararajuba* 1:65-71.
- Motta Junior, J.C. & Vasconcellos, L.A. da S. 1996. Levantamento das aves do campus da Universidade Federal de São Carlos, estado de São Paulo, Brasil. In: VII Seminário Regional de Ecologia. *Anais...* p. 159-171.
- Motta-Junior, J. C. 1991. Predação de *Micropterygia schomburgkii* (Aves: Rallidae) por *Chrysocyon brachyurus* (Mammalia: Canidae) no Distrito Federal, Brasil. *Ararajuba* 2:87-88.
- Motta-Junior, J.C., Granzinolli, M.A.M. & Develey, P.F. 2008. *Aves da estação ecológica de Itirapina, estado de São Paulo, Brasil*. Acessado em <http://www.biotaneotropica.org.br/v8n3/pt/fullpaper?bn00308032008+pt>
- Muller, P. 1966. *Studien zur Wierbeltirfauna der Insel von São Sebastião*. Unpublished D.Sc. Thesis. University of Saarbrucken.
- Naka, L. N. & Rodrigues, M. 2000. *As aves da Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da UFSC.
- Naumburg, E. M. B. 1937. Studies of birds from eastern Brazil and Paraguay, based on a collection made by Emil Kaempfer: Conopophagidae, Rhinocryptidae, Formicariidae (part). *Bulletin of the American Museum of Natural History*, 74: 139-205.
- Neves, T. S.; Olmos, F.; Peppes, F.V. & Mohr, L.V. 2006. *Plano Nacional para a Conservação de Albatroses e Petreis* – Planacap, 2006. – Brasília: Ibama, 124 P.
- Neves, T.; Vooren, C.M. & Bastos, G. 2000. Proportions of Tristan and Wandering Albatrosses in incidental captures off the Brazilian coast. Second International Conference on the Biology and Conservation of Albatrosses and other Petrels, 2000. Honolulu, USA. *Proceedings...*
- Nunes, A. P.; Silva, P. A. da & Tomas, W. M. 2008. Novos registros de aves para o Pantanal, Brasil. *Rev. Brasil. Ornitol.*, 16 (2): 160-164.
- Nunes, M. F. C. & Galetti, M. 2007. Use of forest fragments by blue-winged macaws (*Primolius maracana*) within a fragmented landscape. *Biodiversity and Conservation*, 16:953-967.
- Nunes, M. F. C.; Galetti, M.; Marsden, S.; Pereira, R. & Peterson, A.T. 2007. Are large-scale distributional shifts of the blue-winged macaw (*Primolius maracana*) related to climate change? *Journal of Biogeography*, 34:816-827.
- Olmos, F & Silva e Silva, R. 2003. *Guará: ambiente, flora e fauna dos manguezais de Santos-Cubatão*. São Paulo: Empresa das Artes, 2003.
- Olmos, F. & R. Silva e Silva. 2001. The avifauna of a southeastern Brazilian mangrove swamp. *Internat. J. Ornithol.* 4 (3): 137-207.
- Olmos, F. 1996. Missing species in São Sebastião island, southeastern Brazil. *Pap. Avulsos Zool.* 39(18): 329-349.

- Olmos, F. 2002. Non-breeding seabirds in Brazil: a review of band recoveries. *Ararajuba* **10**:31-42.
- Olmos, F. 2008. *Diomedea dabbenena*. In: Machado, A.; Drummond, G. M. & Paglia, A.P. (Eds.). *Livro Vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*. 1ed. Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas, 2008. 2v. 1420p.
- Olmos, F. 2008. *Thalassarche chlororhynchos*. In: Machado, A.; Drummond, G.M. & Paglia, A.P. (Eds.). *Livro Vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*. 1ed. Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas. 2v. 1420p.
- Olmos, F.; Bastos, G.C.C. & Da Silva Neves, T. 2000. Estimating seabird bycatch in Brazil. In: Second International Conference on the Biology and Conservation of Albatrosses and other Petrels, 2000. Honolulu, USA. **Proceedings...**
- Olmos, F.; Bugoni, L.; Neves, T. & Peppes, F. 2006. Caracterização das aves oceânicas que interagem com a pesca de espinhel no Brasil. In: Neves, T.; Bugoni, L.; Olmos, F.; Vooren, C.M. & Rossi-Wongtschowski, C.L.B. (Eds.). *Aves oceânicas e suas interações com a pesca na Região Sudeste-Sul do Brasil*. São Paulo – USP.
- Olmos, F.; Martuscelli, P.; Silva e Silva, R. & Neves, T. S. 1995. The sea birds of São Paulo, southeastern Brazil. *Bull. B. O. C.* **115**(2): 117-128.
- Pacheco, J. F. 1992. Levantamento da avifauna da Fazenda Bela Vista, Pontal, SP. R. 1 In: II Congresso Brasileiro de Ornitologia. CBO. **Resumos...** R.1.
- Pacheco, J. F. 1994. O Interessante gavião-asas-de-telha (*Parabuteo unicinctus*) no Brasil. Um gavião raro? *Atualidades Ornitológicas* **6**:13.
- Pacheco, J. F. 2003. As aves da Caatinga: uma análise histórica do conhecimento. In: Silva, J.M.C.; Tabarelli, M.; Fonseca M.T. & Lins, L.V. (orgs.). *Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação*. Brasília. Ministério do Meio Ambiente. pp. 189-250.
- Pacífico, E. 2006. **Registro do Guará-vermelho *Eudocimus ruber* (Ciconiiformes: Threskiornitidae), nos manguezais do rio Itanhaém, litoral centro-sul do Estado de São Paulo.**
- Paludo, D.; Martuscelli, P. & Campos, F. P. 2004. **Ocorrência de colônia reprodutiva de guará-vermelho *Eudocimus ruber* em Ilha Comprida no litoral do estado de São Paulo, Brasil.**
- Parker III, T. A.; & Willis, E. O. 1997. Notes on three tiny grassland flycatchers, with comments on the disappearance of South American fire-diversified savannas. *Ornithological Monographs*, **48**:549-555.
- Parker III, T.A.; Stotz, D.F. & Fitzpatrick J.W. 1996. Ecological and distributional databases. In: Stotz, D. F.; Fitzpatrick, J. W.; Parker III, T. A. & Moskovits, D. K. (Eds.), *Neotropical birds: Ecology and conservation*. Chicago. The University of Chicago Press. pp. 111-410.
- Pascotto, M. C. 2007. *Rapaeña ferruginea* (Ruiz & Pav.) Mez. (Myrsinaceae) como uma importante fonte alimentar para as aves em uma mata de galeria no interior do Estado de São Paulo. *Revista Brasileira de Zoologia* **24**(3): 735-741.
- Pedrochi, V.; Silva, C.R.; & Silva, A. 2002. Check list of birds and mammals in the Paranapiacaba forest fragment. In: Mateos, E. et al. (eds.) *Censuses of Vertebrates in a Brazilian Atlantic Rainforest Area: The Paranapiacaba Fragment*. Barcelona: Divisió de Ciències Experimentals i Matemàtiques Centre de Recursos de Biodiversitat Animal, Universitat de Barcelona. Pp. 183-204.
- Penha, J. M. F. 1995. Alimentação de *Rhynchotus rufescens* na Serra de São Vicente, município de Santo Antônio de Leverger, Mato Grosso (Tinamiformes: Tinamidae). *Ararajuba*, **3**:55-56.
- Pinheiro, R. T. & Lopes, G. 1999. Abundancia del Tinamú Manchado (*Nothura maculosa*) y del Tinamú Alirrojo (*Rhynchotus rufescens*) en una área cinegética del Rio Grande do Sul (Brasil). *Ornitol. Neotr.*, **10**:35-42.
- Pinto, O. M. O. 1944. **Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares existentes na coleção do Departamento de Zoologia**. 2a Parte. São Paulo. Secretaria da Agricultura. Departamento de Zoologia.
- Pinto, O. M. O. 1938. **Catálogo das aves do Brasil** 1º Parte.
- Piratelli, A. & Mello, M. C. 2001. Biologia do uirapuru-laranja (*Pipra fasciicauda*) no estado de Mato Grosso do Sul, Brasil. *Tangara*, **1**: (4):157-67.
- Pizo, M. A. 2003. Observations on a nest of Russet-winged Spadebill Platyrinchus leucoryphus in the Brazilian Atlantic forest. *Cotinga* **20**:57-58.
- Pongiluppi, T. & Schunck, F. 2007. Um caso de hibridização natural entre *Amazona aestiva* (LINNAEUS, 1766) e *Amazona amazonica* (LINNAEUS, 1758) na cidade de São Paulo, SP. In: XV Congresso Brasileiro de Ornitologia. Porto Alegre, RS. **Resumos...**
- Pople, R. G. 2003. **The ecology and conservation of the White-winged Nightjar *Caprimulgus candicans***. University of Cambridge, UK (Ph.D. dissertation).
- Ragusa-Neto, J. 2002. Vigilance towards raptors by nuclear species in bird mixed flocks in a Brazilian savannah. *Stud. Neotrop. Fauna Environm.* **37**: 219-226.

- Ragusa-Netto, J. 1997. Sasonal variation in foraging behavior of *Cypsnagra hirundinacea* in campo-cerrado. **Ararajuba** 5 (1): 72-75.
- Ragusa-Netto, J. 2000. Raptors and “campo-cerrado” bird mixed flock led by *Cypsnagra hirundinacea* (Emberizidae:Thraupinae). **Rev. Bras. Biol.** 60 (3): 461-467.
- Ragusa-Netto, J. 2001. Sentinel in *Saltator atricollis* (Passeriformes: Emberezidae). **Revista Brasileira de Biologia** 61: 317-322.
- Rangel-Salazar, J. L. & Enriquez-Rocha, P. L. 1997. Nest record and dietary items for the Black Hawk-Eagle (*Spizaetus tyrannus*) from the Yucatan Península. **J. Raptor Research** 27(2): 121-122.
- Remold, H. G., Ramos Neto, M. B. 1995. A nest of restinga tyrannulet *Phylloscartes kronei*. **Bulletin of the British Ornithologists' Club**, 115:239-240.
- Remsem, J.V., Hyde, M.A. & Chapman, A., 1993. The diets of neotropical trogons, motmots, barbets and toucans. **Condor** 95: 178-192.
- Restall, R.; Rodner, C. & Lentino, M. 2007. **Birds of Northern South America an identification guide**. Volume 1: Species Accounts. New Haven and London. Yale University Press.
- Ridgely, R. S. & Tudor, G. 1989. **The Birds of South America**: The Oscine Passerines. Vol. 1. Austin, Univ. Texas Press.
- Ridgely, R. S. & Tudor, G. 1994. **The Birds of South America – The Suboscine Passerine**. Oxord. Oxford University Pess, v. 2.
- Rodrigues, F. H. G.; Hass, A.; Marini-Filho, O. J.; Guimarães, M. M. & Bagno, M. A. 1999. A new Record of White-winged nightjar *Caprimulgus candicans* in Emas National Park, Goiás, Brazil. **Cotinga** 11:83-85.
- Rodrigues, M.; Carraras, L. A.; Faria, L. P. & Gomes, H. B. 2005. Aves do Parque Nacional da Serra do Cipó: o Vale do Rio Cipó, Minas Gerais, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia** 22(2): 328-338.
- Ruschi, A. 1975. Algumas observações sobre: *Baillonius bailloni* (Vieillot, 1819). **Bol. Mus. Biol. Prof. Mello Leitão, Ser. Zool.**, 79:1-3.
- Ryan, P.G., Dorse, C. & Hilton, G.M.2006. The conservation status of the Spectacled Petrel Procellaria conspicillata. **Biol. Conserv.** 131: 575-583.
- Santos, L. R. 2008. **Biologia reprodutiva e comportamento cooperativo em ninhos de *Cypsnagra hirundinacea***. Tese Mestrado. Instituto de Ciências biológicas. Universidade de Brasília. Brasília.
- Santos, M. P. D. 2001. Dieta da arara-vermelha-grande (*Ara chloroptera*) na Chapada das Mangabeiras, sul do Piauí, Brasil. **Tangara**, 1 (3): 131-134.
- São Paulo. 1998. **Fauna ameaçada no Estado de São Paulo**. Secretaria de Estado do Meio Ambiente. Série Documentos Ambientais.
- Schauensee, R. M. 1996. **The species of birds of South America and their distribution**. Narberth, Pennsylvania: Livingston Publishing CO.
- Scherer-Neto, P. 1989. **Contribuição à biologia do papagaio-da-cara-roxa *Amazona brasiliensis* (Linnaeus, 1758) (Psittacidae, Aves)**. Dissertação de Mestrado. Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Paraná.
- Scherer-Neto, P. & Toledo, M. C. B., 2007. Avaliação populacional do papagaio-de-cara-roxa (*Amazona brasiliensis*) (Psittacidae) no estado do Paraná, Brasil. **Ornitologia Neotropical**, 18: 379-393.
- Scherer-Neto, P., Straube, F.C. & Bornschein, M.R. 1996. Avifauna e conservação dos campos cerrados no estado do Paraná (Brasil). **Acta Biologica Leopoldinense** 8: 93-99.
- Schuchmann, K. L. 1999. Family Trochilidae (Hummingbirds) – Species Accounts: *Hylocharis sapphirina*. In: Del Hoyo,V; Elliot,V & Sargatal, J. (eds.) **Handbook of the Birds of the World**, Vol.5. Barn-owls to Hummingbirds. Barcelona: Lynx Edicions. Pp. 589.
- Schunck, F. 2005. Registro do trinta-reis-anão *Sternula superciliaris*, no reservatório Guarapiranga, localizado no município de São Paulo, SP. In: XIII Congresso Brasileiro de Ornitologia. Belém, PA. **Resumos...**
- Schunck, F.; Ghetti, U. 2004b. Reaparecimento do tuiuiú *Jabiru mycteria* (Ciconiidae) na cidade de São Paulo após 110 anos sem registros. In: XII Congresso Brasileiro de Ornitologia. Blumenau, SC. **Resumos...**
- Secretaria do Meio Ambiente. 2005. **Inventário florestal da vegetação natural do Estado de São Paulo**. São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente/Instituto Florestal, 200 p.
- Short, L. L. 1982. **Woodpeckers of the world**. Monograph Series 4. Delaware Museum of Natural History, Greenville, Delaware. 676p.
- Sibley , C. G., & Ahlquist, J. E. 1990. **Phylogeny and classification of birds** – a study in molecular evolution. New Haven, CT. Yale University Press.
- Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Edição revista e ampliada por José Fernando Pacheco. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sigrist, T. 2006. **Aves do Brasil**: uma visão artística. São Paulo. 672p.
- Silva e Silva, R. & Olmos, F. 1997. *Parabuteo unicinctus* (Falconiformes: Accipitridae) na Baixada Santista, litoral de São Paulo, Brasil. **Ararajuba** 5:76-79.

- Silva, J.M.C. & Bates, J.M. 2002. Biogeographic patterns and conservation in the South American Cerrado: a tropical savanna hotspot. *BioScience* **52**(3):225-233.
- Silva, P. A. 2005. Predação de sementes pelo maracanã-nobre (*Diopsittaca nobilis*, Psittacidae) em uma planta exótica (*Melia azedarach*, Meliaceae) no oeste do Estado de São Paulo, Brasil. *Revista Brasileira de Ornitologia*, **13** (2): 183-185.
- Silva, W.R.; Silveira, L.F.; Uezu, A.; Antunes, A.Z.; Sugieda, A.M.; Hasui, E.; Figueiredo, L.F. & Develey, P.F. 2008. Aves. In: Rodrigues, R.R. & Bononi, V.L.R. (orgs). *Diretrizes para a conservação e restauração da Biodiversidade no Estado de São Paulo*. São Paulo: Instituto de Botânica. Imprensa Oficial do Estado de São Paulo. p.77 - 81 + mapa.
- Silveira, L. F. & Olmos, F. 2007. Quantas espécies de aves existem no Brasil? Conceitos de espécie, conservação e o que falta descobrir. *Revista Brasileira de Ornitologia*, **15** (2): 289-296.
- Silveira, L. F. e Nobre, H. R. 1998. New occurrences of *Jacamaralcyon tridactyla* (Aves - Galbulidae) in the Minas Gerais state, Brazil, with some notes on its biology. *Cotinga* **09**:47-51.
- Silveira, L. F. 1998. The birds of Serra da Canastra National Park and adjacent areas, Minas Gerais, Brazil. *Cotinga* **10**:55-63.
- Silveira, L. F. & Silveira, V.J. 1998. The biology of *Taoniscus nanus* (Temminck, 1815), with notes on its breeding in captivity. *Cotinga* **9**:42-46.
- Silveira, L. F.; Oppenheimer, M. & Sobreira, C. 2006. *Guia das aves da Fundação Maria Luisa e Oscar Americano*. 1. ed. São Paulo: Fundação Maria Luisa e Oscar Americano. v. 1. 60 p.
- Silveira, L. F., Calonge-Méndez, A. & Brito, G. R. R. 2002. Range extensions and new records for birds in Piauí state, Brazil. *Intern. J. Ornith.* **4**(3/4):219-224.
- Silveira, L.F. & Straube, F.C. (orgs.) 2008. Aves ameaçadas de extinção no Brasil. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A.P. (eds.). *Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção* (Volume 2:378-679). Brasília, Ministério do Meio Ambiente; Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. Série Biodiversidade n° 19, 2 volumes, 907+511 p. pp. 379-383.
- Skutch, A.F., 1948. Life history notes on puff-birds. *The Wilson Bulletin*, **60**: 81-97.
- Soto, J. & Riva, R.S. 2000. Análise da captura de aves oceânicas pelo espinhel pelágico e rede de deriva no extremo sul do Brasil, com destaque ao impacto sofrido pelo albatroz *Diomedea exulans* Linnaeus, 1758 (Procellariiformes, Diomedeidae) e a proposta de um método para minimizar a interação com a pesca. In: XIII Semana Nacional de Oceanografia, Itajaí. *Resumos...* p. 718-720
- Staggemeier, V. G. 2008. *Padrões reprodutivos em Myrtaceae: uma abordagem ecológica e filogenética*. Dissertação de mestrado. Universidade Estadual Paulista "Julio de Mesquita Filho", Rio Claro.
- Starube, F. C. 2004. Urutau: ave fantasma. *Atualidades Ornitológicas* **122**: 11-12.
- Stiles, F. G. 1999. Family Trochilidae (Hummingbirds) – Species Accounts: *Thalurania furcata*. In : Del Hoyo, J.; Elliot, A. & Sargatal, J. (eds.) *Handbook of the Birds of the World*, Vol.5. Barn-owls to Hummingbirds. Barcelona: Lynx Edicions. Pp. 586.
- Straube, F. C. Krul, R. & Carrano, E. 2005. Coletânea da avifauna da região sul do Estado do Paraná (Brasil). *Atualidades Ornitológicas* **125**: 10
- Straube, F. C., 1991. Novos registros de duas aves raras no Estado do Paraná: *Crypturellus noctivagus* (Tinamiformes: Tinamidae) e *Trigrisoma fasciatum* (Ciconiiformes: Ardeidae). *Ararajuba*, **2**: 93-94.
- Straube, F. C.; Urben-Filho, A. & Kajiwara, D. 2004. Aves. In: Mikich, S. B. & Bérnuls, R. S. (eds.) *Livro vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná*. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná. Pp. 145-496.
- Straube, F. C., Bornschein, M. R. & Scherer-Neto, P. 1996. Coletânea da avifauna da região Noroeste do Estado do Paraná e áreas limítrofes (Brasil). *Arq. Biol. Tecol.* **39**(1): 193-214.
- Straube, F. C., Urben-Filho, A. & Cândido-Filho, J. F. 2004. Novas informações sobre a Avifauna do Parque Nacional do Iguaçu (Paraná). *Atualidades Ornitológicas* **120**: 10
- Straube, F. C.; Urben-Filho, A. e Carrano, E. 2008. *Anthus nattereri*. In: Silveira, L. F. & Straube, F. C. (eds.) *Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas.
- Swales, M.K. 1965. The seabirds of Gough island. *Ibis* **107**:17-42.
- Teixeira, D. M. & Luigi, G. 1993. Notas sobre *Poecilurus scutatus* (Slater, 1859) (Aves, Furnariidae). *Iheringia, série Zoologia* **74**:117-124.
- Thiollay, J.M. 1994. Family Accipitridae. In: del Hoyo, J. *Handbook of birds of the world*. vol 2. New World vultures to guineafowl. Barcelona. Lynx Edicions.
- Thiollay, J. M. 1984. Raptor community structure of a primary rain forest in French Guiana and effect of human pressure. *J. Raptor Res.* **18**(4): 117-122.
- Thiollay, J. M. 1989. Area requirements for conservation of rain forest raptors and game birds in French Guiana. *Conserv. Biol.* **3**: 128-137
- Thiollay, J. M. 1989. Foraging, home range use, and social behavior of a group-living rainforest raptor, the Red-throated Caracaca. *Ibis* **133** (4): 382-393.
- Tickell, W.L.N.; Gilson, J.D. 1968. Movements of Wandering Albatrosses *Diomedea exulans*. *Emu* **68**:6-20.

- Todd, F. S. 1996. **Natural history of the waterfowl**. San Diego: Ibis Publishing Company.
- Trinca, C. T.; Ferrari, S. F. & Lees, A. C. 2008. Curiosity killed the bird: arbitrary hunting of Harpy Eagles *Harpia harpyja* on an agricultural frontier in southern Brazilian Amazonia. **Cotinga** 30:12-15.
- Tubelis D. T. & Tomas, W. M. 2003. Birds species of the Pantanal wetland, Brasil. **Ararajuba** 11(1): 5-37.
- Tubelis, D.P. & R.B. Cavalcanti. 2000. A comparison of bird communities in natural and disturbed non-wetland open habitats in the Cerrado's central region, Brazil. **Bird Conservation International** 10: 331-350.
- Uchoa, D. P.; Shimizu, G. Y.; Machado, L. O. M.; Monteiro-Filho, E. L. A.; Mantovani, W.; Delitti, W. & Ribeiro, M. E. 1998. Projeto COSIPA/USP: preservação arqueológica, ecológica e história da ilha do Casqueirinho. **Rev. Bras. Arqueol.** 5:57-74.
- Urben-Filho, A.; Straube, F. C. & Carrano, E. 2008. *Amazona vinacea*. In: Silveira, L. F. & Straube, F. C. (eds). **Aves – Livro Vermelho dos Animais Ameaçados de Extinção no Brasil**. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas
- Van Remsen, J. 2003. "Furnariidae". In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (eds). **Handbook of the Birds of the World**. Vol. 8. Broadbills to Tapaculos. Barcelona: Lynx Edicions, 162-357.
- Vasconcelos, M. F., D'Angelo-Neto, S. & Ouriques, E. V. 2005. Consumo de folhas e flores por *Schistochlamys melanopsis* (Latham, 1790) e por *Schistochlamys ruficapillus* (Vieillot, 1817) (Passeriformes: Thraupidae). **Atualidades Ornitológicas** 125:5.
- Vasconcelos, M. F.; D'Angelo Neto, S. & Cunha, F. C. R. 2008. The juvenile of the Rufous-faced Crake *Laterallus xenopterus*. **Cotinga** 30:51-53.
- Vielliard, J. M. & Silva, W. R. 2001. Avifauna. In: Fundação para a Conservação a Produção Florestal do Estado de São Paulo (Ed.). **Intervales**. São Paulo: Fundação Florestal.
- Wege, D. C. & Long, A. J. 1995. **Key areas for threatened birds in the Neotropics**. Cambridge, U. K.: BirdLife International (BirdLife Conservation Series no. 5)
- Whitacre, D. F.; Avila, J. L & G. L. Avila. 2002. Behavioral and physical development of a nestling Crested Eagle (*Morphnus guianensis*). **J. Raptor Research** 36 (1): 77-81.
- Whittaker A. 1996. Nesting records of the genus *Daptrius* (Falconidae) from the Brazilian Amazon, with the first documented nest of the Black Caracara. **Ararajuba** 4(2): 107-109.
- Whiynney, B. M. & Pacheco, J. F. 1995. Distribution and conservation status of four Myrmotherula antwrens (Formicariidae) in the Atlantic forest of Brazil. **Bird Cons. Intern.** 5: 421-439.
- Wiersma, P. 1996. "Charadriidae". In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (eds). **Handbook of the Birds of the World**. Vol. 3. Hoatzin to Auks. Barcelona: Lynx Edicions, 411-443.
- Willis, E. & Oniki, I. 1993. New and reconfirmed birds from the state of São Paulo, with notes on disappearing species. **Bull. Brit. Ornith. Club** 133:23-34.
- Willis, E. O. & Oniki, Y. 2003. **Aves do Estado de São Paulo**. Rio Claro, SP. Editora Divisa. 398p.
- Willis, E. O. & Oniki, Y. 1981. Levantamento preliminar de aves em treze áreas do Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Biologia** 41:21-135, 1981.
- Willis, E. O. 1979. The composition of avian communities in remanent woodlots in southern Brazil. **Papéis Avulsos de Zoologia** 33: 1-25.
- Willis, E. O. 1988. A hunting technique of the Black-andwhite-Eagle (*Spizastur melanoleucus*). **Wilson Bull.** 100: 672-675.
- Willis, E. O. 1985. Behavior and systematic status of Gray-headed tanagers (*Trichothraupis penicillata*, Emberizidae). **Naturalia** 10:113-145.
- Willis, E. O. 2004. Birds of a habitat spectrum in the Itirapina savanna, São Paulo, Brazil (1982-2003). **Braz. J. Biol.** 64 (4): 901-910.
- Willis, E. O., Oniki Y. 1992. A new *Phylloscartes* (Tyrannidae) from southeastern Brazil. **Bulletin of the British Ornithologists' Club** 112 (3): 158-165.
- Willis, E.O. & Oniki, Y. 2001. On a Nest of the Planalto Woodcreeper, *Dendrocolaptes platyrostris*, with Taxonomic and Conservation Notes. **Wilson Bull.** 113(2), pp. 231–233.
- Willis, E.O. 2004. Birds of a habitat spectrum in the Itirapina savanna, São Paulo, Brazil (1982-2003). **Braz. J. Biol.** 64(4):901-910.
- Willis, E.O., 1982. Amazonian Bucco and Monasa (Bucconidae) as army ant followers. **Ciência e Cultura**. 34: 782-785.
- Winkler, H. & Christie, D. A. 2002. Family Picidae (Woodpeckers). In del Hoyo, J.; Elliott, A. & Sargatal, J. (Eds). **Handbook of the Birds of the World**. Vol. 7. Jacamars to Woodpeckers. Pp. 296-555. Barcelona. Lynx Edicions.
- Zimmer, K. J. & Isler, M. L. 2003. "Thamnophilidae". In: del Hoyo, J.; Elliott, A. & Christie, D. (eds). **Handbook of the Birds of the World**. Vol. 8. Broadbills to Tapaculos. Barcelona: Lynx Edicions, 448-681.
- Züchner, T. 1999. Family Trochilidae (Hummingbirds) – Species Accounts: *Lophornis magnificus*. In: Del Hoyo, J.; Elliot, A. & Sargatal, J. (eds.) **Handbook of the Birds of the World**, Vol.5. Barn-owls to Hummingbirds. Barcelona: Lynx Edicions. Pp. 567.



RÉPTEIS

Autores

Otavio A. V. Marques

Cristiano C. Nogueira

Ricardo J. Sawaya

Renato S. Bérnuls

Márcio Martins

Flávio B. Molina

Hebert Ferrarezzi

Francisco L. Franco

Valdir J. Germano

Agradecimentos

Agradecemos aos pesquisadores Augusto Abe, Miguel Trefaut Rodrigues, Ivan Sazima, Luciano Verdade e Hussam Zaher pelas preciosas informações das espécies avaliadas e a Murilo Rodrigues e Fausto Errito Barbo por auxílio na coleta de dados. O apoio da FAPESP e CNPq foi fundamental para agilizar a coleta de dados.

Introdução

A tualmente são reconhecidas 8.734 espécies de répteis no mundo (Uetz & Hallermann, 2008). A maior parte pertence ao grupo denominado Lepidosauria, que inclui 5.079 espécies de lagartos, 3.149 de serpentes, 168 de anfisbênias e duas espécies de tuataras; os demais grupos de répteis são dos quelônios, com 313 espécies, e dos crocodilianos, com 23 espécies (Uetz & Hallermann, 2008). No Brasil, são reconhecidas 701 espécies de répteis (aproximadamente 8% da fauna mundial), sendo 236 de lagartos, 361 de serpentes, 62 de anfisbênias, 36 de quelônios e seis de jacarés (SBH, 2008).

No Estado de São Paulo foram registradas até o momento 214 espécies de répteis, o que corresponde a cerca de 30% do total existente no Brasil. São 47 lagartos, 144 serpentes, 9 anfisbênias, 11 quelônios e três jacarés. Apenas cinco répteis (tartarugas) são marinhos e ocorrem ao longo do litoral paulista. Portanto, a grande maioria dos répteis é encontrada na porção continental da Mata Atlântica e do Cerrado. Esses dois biomas são considerados prioridades globais para a conservação (*hotspots*) devido à conjugação do alto grau de endemismo e à perda da maior parte de sua vegetação natural por atividades humanas (Mittermeyer *et al.*, 2000).

A fauna de répteis da porção continental de São Paulo pode ser dividida em dois grandes conjuntos: aquele com espécies que ocorrem em áreas mais próximas do litoral, nas serras do Mar e da Mantiqueira e nas restingas litorâneas, e outro composto por espécies do planalto do interior do Estado (Marques *et al.*, 1998). As serras do Mar e da Mantiqueira são recobertas principalmente por floresta ombrófila densa e no interior do Estado predominam as várias fisionomias do Cerrado e as florestas estacionais semideciduais. Vários répteis distribuem-se amplamente em um ou mais desses ambientes, porém, certas espécies apresentam distribuição mais limitada, com algum grau de especialização em relação ao habitat utilizado.

Entre os répteis que ocorrem em áreas próximas ao litoral, há espécies restritas a altitudes elevadas das serras do Mar e da Mantiqueira e outras encontradas predominantemente ou apenas nas baixadas litorâneas, nas formações vegetais de restinga. Há também espécies que habitam as ilhas continentais, localizadas na plataforma continental, sendo algumas delas endêmicas desses ambientes. Muitas espécies de répteis que ocorrem nas florestas ombrófilas densas das serras litorâneas esten-

dem sua distribuição pelas florestas estacionais do interior do Estado.

O Cerrado do interior do Estado abriga uma fauna bastante distinta daquela das regiões florestais. Nas regiões de Cerrado, além das formações mais abertas, como o campo limpo e o campo sujo, ocorrem fisionomias mais densas (campo cerrado e cerrado *sensu stricto*) e florestais, como o cerradão e as matas de galeria. Diversas espécies de répteis são fiéis a determinado habitat do Cerrado (Sawaya *et al.*, 2008) e cada fisionomia pode abrigar uma fauna distinta (Nogueira *et al.*, 2009).

A primeira avaliação da riqueza de répteis do Estado de São Paulo, realizada há dez anos, revelou a presença de 186 espécies (Marques *et al.*, 1998). A atualização desses dados elevou esse número para 214, o que representa um incremento de 13%. Desse total, foi possível reconhecer 33 táxons como ameaçados de extinção, o que corresponde a aproximadamente 15% das espécies do Estado. Um total de 18 espécies (cerca de 8%) foi enquadrado como Deficiente de Dados (DD) e não pôde ser avaliado. A deficiência de dados para a maioria dessas espécies decorre de problemas taxonômicos e/ou do fato de ser conhecida em apenas uma ou poucas localidades no Estado de São Paulo. Assim, são necessárias revisões taxonômicas mais aprofundadas e estudos intensivos de campo nas áreas onde seja provável a ocorrência dessas espécies. Somente após esses estudos será possível avaliar de modo mais seguro o estado de conservação de cada uma dessas espécies. Duas espécies (o lagarto *Colobodactylus dalcyanus* e a serpente *Phalotris reticulatus*) foram incluídas na categoria Quase Ameaçada (NT). Ambas as espécies foram classificadas em apenas um dos subcritérios de ameaça (B1a) e, se forem incluídas em algum outro subcritério, passarão automaticamente a ser consideradas como ameaçadas.

Todas as cinco espécies de tartarugas marinhas estão incluídas na lista nacional da Fauna Ameaçada de Extinção (Machado *et al.*, 2005). Devido à ausência de novas informações, essas espécies foram enquadradas na mesma categoria de ameaça na escala regional do Estado de São Paulo.

Entre as 28 espécies de répteis ameaçadas que podem ser encontradas na porção continental do Estado, 19 (quase 70%) ocorrem no domínio do Cerrado, ocupando área relativamente pequena (originalmente 14% do território estadual). É um ambiente muito pouco protegido por unidades de conservação, embora apresente alta riqueza de espécies de répteis. Além da elevada riqueza e número de espécies ameaçadas, alguns

fragmentos de cerrado ainda possuem populações relativamente grandes de espécies consideradas especializadas no uso do ambiente e restritas a áreas campestres, como *Anolis meridionalis*, *Lystrophis nattereri*, *Pseudolabes agassizii* e *Bothrops itapetiningae* (Sawaya, 2004; Marques et al., 2006; Sawaya et al., 2008). Essas áreas, porém, estão extremamente reduzidas e fragmentadas no Estado (SEMA-IF, 2005) e essas espécies certamente estão condenadas à extinção, caso esse habitat não seja preservado e manejado de modo eficaz. Além disso, alguns estudos indicam que as populações dessas espécies podem estar em declínio em São Paulo (Sawaya, 2004; Sawaya et al., 2008). A deficiência de informações pode mascarar uma situação mais crítica do que a traçada aqui. Assim, apesar de reduzidos, esses fragmentos de cerrado são de extrema importância para a conservação dos répteis do Estado de São Paulo.

Felizmente, as florestas ombrófilas densas que recobrem as cadeias montanhosas das serras do Mar e da Mantiqueira estão em situação menos crítica do que as áreas do Cerrado no interior paulista. Existem diversas áreas de conservação nessas regiões, incluindo o Parque Estadual da Serra do Mar, com mais de 300 mil hectares. Porém, muitas áreas continuam sendo degradadas ou alteradas, inclusive no interior de unidades de conservação (Olmos & Galetti, 2004). As espécies que possuem distribuição restrita acabam sendo as mais ameaçadas. Espécies que vivem exclusivamente em altitudes elevadas das serras do Mar e da Mantiqueira (e.g., *Bothrops fonsecai* e *Clelia montana*) ou em baixadas e restingas litorâneas (e.g., *Liophis amarali* e *Mabuya caissara*) são particularmente mais suscetíveis, pois a degradação ambiental e a pressão antrópica para a remoção da vegetação natural restante são intensas nessas áreas. Além disso, unidades de conservação na área da Serra do Mar que incluam baixadas litorâneas são raras.

As jararacas que habitam as ilhas litorâneas, como a *B. alcatraz* da

Ilha dos Alcatrizes, com cerca de 135 hectares de área, e a *B. insularis* da Ilha da Queimada Grande, com 43 hectares, vivem em área muito restrita e sofrem outras ameaças. A Ilha dos Alcatrizes sofre com os exercícios realizados pela Marinha do Brasil, com bombardeios que ocasionam incêndios como o ocorrido no final de 2004 que destruiu cerca de 25% da cobertura vegetal original de floresta, o que certamente causou impacto na população de *B. alcatraz*. Novos bombardeios poderão gerar outros incêndios, ocasionando a redução de habitat e consequente declínio populacional dessa espécie, o que certamente aumentará os riscos de extinção (Marques et al., 2002). Na Ilha da Queimada Grande também parece haver redução da população de *B. insularis* e a causa mais provável é a retirada ilegal por traficantes de animais silvestres (Martins et al., 2008).

A avaliação atual modificou de forma acentuada a lista anterior de 1998 de espécies de répteis ameaçadas do Estado. Essas alterações decorrem da aplicação de critérios mais objetivos e da maior disponibilidade de informações detalhadas sobre as espécies. Os dados de distribuição geográfica, particularmente, agora disponíveis para grande parte das espécies, permitiram uma análise mais apurada. Dados de espécimes depositados em coleções científicas (maior fonte de dados sobre diversidade, ver Graham et al., 2004) e aqueles disponíveis na literatura, organizados e revisados, formam a base de qualquer estudo e mapeamento de biodiversidade. Existem boas compilações de dados georreferenciados a partir da revisão de espécimes em museus, estudos de campo e literatura para o Cerrado (Nogueira, 2006; Costa et al. 2007), mas ainda é necessário realizar trabalhos similares para a Mata Atlântica, incluindo as florestas ombrófilas densas, florestas ombrófilas mistas e as florestas estacionais semideciduais. Esta seria uma forma de aproveitar de modo mais eficaz o grande conjunto de dados disponíveis nas coleções científicas e centros de pesquisa do Estado de São Paulo. ■

Tabelas de Répteis

Tabela 1. Répteis ameaçados de extinção no Estado de São Paulo

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular	Categoria
Testudines	Cheloniidae	<i>Caretta caretta</i> (Linnaeus, 1758)	cabeçuda	VU
Testudines	Cheloniidae	<i>Chelonia mydas</i> (Linnaeus, 1758)	tartaruga-verde	VU
Testudines	Cheloniidae	<i>Eretmochelys imbricata</i> (Linnaeus, 1766)	tartaruga-de-pente	EN
Testudines	Cheloniidae	<i>Lepidochelys olivacea</i> (Eschscholtz, 1829)	tartaruga-oliva	EN
Testudines	Dermochelyidae	<i>Dermochelys coriacea</i> (Linnaeus, 1766)	tartaruga-de-couro	CR
Squamata	Polychrotidae	<i>Anolis meridionalis</i> Boettger, 1885	papa-vento-do-campo	VU
Squamata	Tropiduridae	<i>Stenocercus azureus</i> (Müller, 1882)	lagarto-das-pedras	EN
Squamata	Teiidae	<i>Cnemidophorus aff. lacertoides</i> (de Itirapina)	calango-do-campo	VU
Squamata	Teiidae	<i>Kentropyx paulensis</i> Boettger, 1893	lagarto-listrado-do-cerrado	VU
Squamata	Gymnophthalmidae	<i>Bachia bresslaui</i> (Amaral, 1935)	lagartinho-sem-pernas-do-cerrado	VU
Squamata	Gymnophthalmidae	<i>Cercosaura schreibersii albostrigatus</i> (Griffin, 1917)	lagartinho-do-chão	VU
Squamata	Gymnophthalmidae	<i>Micrablepharus atticolus</i> Rodrigues, 1996	lagarto-do-rabo-azul	VU
Squamata	Scincidae	<i>Mabuya caissara</i> Rebouças-Spieker, 1974	calango-liso-da-restinga	EN
Squamata	Scincidae	<i>Mabuya guaporicola</i> Dunn, 1936	calango-liso-do-campo	VU
Squamata	Amphisbaenidae	<i>Amphisbaena sanctaeritae</i> Vanzolini, 1994	cobra-cega-de-Santa Rita	VU
Squamata	Anomalepididae	<i>Liophylops schubarti</i> Vanzolini, 1948	cobra-cega-de-Pirassununga	VU
Squamata	Boidae	<i>Corallus cropanii</i> (Hoge, 1953)	boa-de-cropani	EN
Squamata	Colubridae	<i>Clelia montana</i> Franco, Marques & Puerto, 1997	muçurana-das-montanhas	VU
Squamata	Colubridae	<i>Clelia aff. rustica</i> (de São José do Barreiro)	muçurana-marrom	VU
Squamata	Colubridae	<i>Ditaxodon taeniatus</i> (Peters in Hensel, 1868)	parelheira-listrada-do-campo	VU
Squamata	Colubridae	<i>Liophis amarali</i> Wettstein, 1930	cobrinha-marrom-da-restinga	VU
Squamata	Colubridae	<i>Lystrophis nattereri</i> (Steindachner, 1867)	cobra-nariguda-do-campo	VU
Squamata	Colubridae	<i>Phalotris multipunctatus</i> Puerto & Ferrarelli, 1994	fura-terra-da-barriga-pintada	EN
Squamata	Colubridae	<i>Phalotris nasutus</i> (Gomes, 1915)	fura-terra-nariguda	EN
Squamata	Colubridae	<i>Philodryas arnaldoi</i> (Amaral, 1932)	parelheira-clara	EN
Squamata	Colubridae	<i>Philodryas livida</i> (Amaral, 1923)	parelheira-do-campo	VU
Squamata	Colubridae	<i>Pseudablabes agassizii</i> (Jan, 1863)	papa-aranha	VU
Squamata	Colubridae	<i>Xenopholis undulatus</i> (Jensen, 1900)	cobrinha-do-folhedo	VU
Squamata	Viperidae	<i>Bothrops alcatraz</i> Marques, Martins & Sazima, 2002	jararaca-de-Alcatrizes	CR
Squamata	Viperidae	<i>Bothrops cotiara</i> (Gomes, 1913)	cotiara	EN
Squamata	Viperidae	<i>Bothrops fonsecai</i> Hoge & Belluomini, 1959	urutu-da-Serra	VU
Squamata	Viperidae	<i>Bothrops insularis</i> (Amaral, 1921)	jararaca-ilhoa	CR
Squamata	Viperidae	<i>Bothrops itapetiningae</i> (Boulenger, 1907)	jararaquinha-do-campo	VU

Tabela 2. Répteis Quase Ameaçados (NT) no Estado de São Paulo.

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular
Squamata	Gymnophthalmidae	<i>Colobodactylus dalcyanus</i> Vanzolini & Ramos, 1977	lagartinho-do-folhedo
Squamata	Colubridae	<i>Phalotris reticulatus</i> (Peters, 1860)	fura-terra-reticulada

Tabela 3. Répteis Deficientes em Dados (DD) no Estado de São Paulo.

Ordem	Família	Táxon	Nome vernacular
Testudines	Chelidae	<i>Acanthochelys radiolata</i> (Mikan, 1820)	cágado-amarelo
Testudines	Chelidae	<i>Mesoclemmys vanderhaegei</i> (Bour, 1973)	cágado-vanderhaege
Crocodylia	Alligatoridae	<i>Paleosuchus palpebrosus</i> (Cuvier, 1807)	jacaré-coroa
Squamata	Polychrotidae	<i>Anolis nitens brasiliensis</i> Vanzolini & Williams, 1970	papa-vento-nitens
Squamata	Polychrotidae	<i>Anolis punctatus</i> Daudin, 1802	papa-vento-verde
Squamata	Polychrotidae	<i>Polychrus marmoratus</i> (Linnaeus, 1758)	preguiça
Squamata	Teiidae	<i>Teius oculatus</i> (D'Orbigny & Bibron, 1837)	lagartixa-verde
Squamata	Gymnophthalmidae	<i>Placosoma cordylinum champsonotus</i> (Werner, 1910)	lagartinho-das-árvores
Squamata	Anomalepididae	<i>Liophylops aff. beui</i> (de Ilhabela)	cobra-cega-de-Ilhabela
Squamata	Boidae	<i>Boa constrictor constrictor</i> Linnaeus, 1758	jibóia
Squamata	Colubridae	<i>Clelia rustica</i> (Cope, 1878)	muçurana-marrom
Squamata	Colubridae	<i>Phalotris matogrossensis</i> Lema, D'Agostini & Cappellari, 2005	fura-terra-tricolor
Squamata	Colubridae	<i>Philodryas mattogrossensis</i> Koslowsky, 1898	cobra-do-papo-amarelo
Squamata	Colubridae	<i>Philodryas olfersii herbeus</i> (Wied, 1825)	cobra-verde-lisa
Squamata	Colubridae	<i>Pseustes sulphureus</i> (Wagler, 1824)	caninana-dourada
Squamata	Colubridae	<i>Sibynomorphus ventrimaculatus</i> (Boulenger, 1885)	dormideira-marrom
Squamata	Colubridae	<i>Thamnodynastes rutilus</i> (Prado, 1942)	corredeira-de-barriga-amarela
Squamata	Viperidae	<i>Bothrops diporus</i> (Cope, 1862)	jararaca-pintada-do-sul

Nome vernacular

Cabeçuda.

Categoria proposta para São Paulo

VU C1.

Justificativa

A espécie encontra-se ameaçada em toda a sua área de distribuição, com declínio populacional ocorrendo, inclusive, no Brasil.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

É encontrada principalmente em águas costeiras subtropicais nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico (NRC, 1990). Pode frequentar recifes, enseadas, lagunas e grandes estuários (Ernst *et al.*, 1994). Recém-nascidos e jovens vivem associados a muitas flutuantes de sargão e de entulho (NRC, 1990; Ernst *et al.*, 1994).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual da Ilha Anchieta, Parque Estadual Marinho da Laje de Santos, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Ecológica Tupinambás, Área de Preservação Ambiental Cananeia-Iguape-Peruíbe e Área de Preservação Ambiental Ilha Comprida.

Biologia da espécie

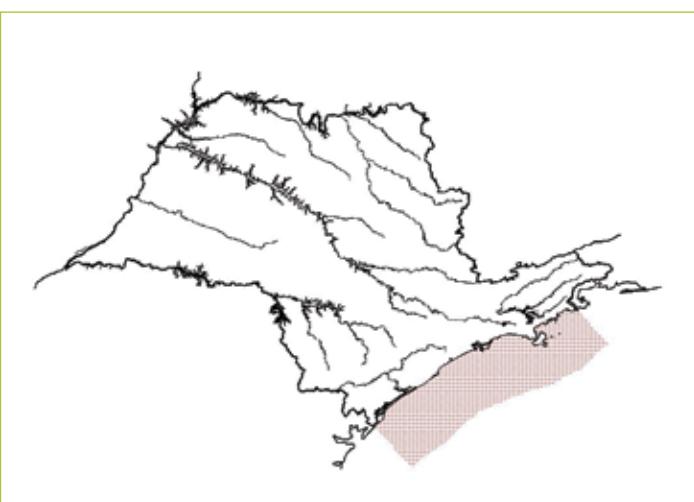
Os jovens vivem durante anos desenvolvendo-se na zona pelágica (Bjorndal *et al.*, 2000), enquanto realizam extensa migração transoceânica (Bowen *et al.*, 1995; Bolten *et al.*, 1998). Após período que varia entre 6,5 e 15 anos, retornam às proximidades da região de nascimento, medindo entre 50 e 70 cm (Limpus *et al.*, 1994; Bolten *et al.*, 1998; Bjorndal *et al.*, 2000). De hábitos onívoros, alimenta-se principalmente de invertebrados, incluindo esponjas, cnidários, poliquetas, moluscos e crustáceos (Ernst *et al.*, 1994). A maturidade sexual é alcançada entre 10 e 30 anos (Parham & Zug, 1997; Bjorndal *et al.*, 2000) quando apresentam mais de 70 cm (Ernst *et al.*, 1994). As desovas variam entre 101 e 126 ovos (Hirth, 1980; Marcovaldi & Laurent, 1996). No Brasil, desovas ocorrem do Rio de Janeiro a Sergipe (Marcovaldi & Marcovaldi, 1999).

Ameaças

Atividades pesqueiras e poluição urbana e industrial.

Medidas para conservação

Modificações nos equipamentos e nas técnicas de pesca para impedir ou minimizar a captura acidental de tartarugas. Desenvolvimento de projetos de educação ambiental com comunidades locais e com turistas.



Chelonia mydas (Linnaeus, 1758)

Chelonia, Cheloniidae



Nome vernacular

Tartaruga-verde.

Categoria proposta para São Paulo

VU C1.

Justificativa

A espécie encontra-se ameaçada em toda a sua área de distribuição, com declínio populacional ocorrendo, inclusive, no Brasil.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2005): VU; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

É encontrada em águas tropicais e subtropicais, nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico. Pode realizar extensas migrações em mar aberto entre áreas de forrageio e de desova. Alimenta-se em águas rasas e protegidas (NRC, 1990). Recém-nascidos e jovens vivem associados a moitas flutuantes de sargazo (Ernst *et al.*, 1994).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual da Ilha Anchieta, Parque Estadual Marinho da Laje de Santos, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Ecológica Tupinambás, Estação Ecológica Tupiniquins, Área de Preservação Ambiental Cananeia-Iguape-Peruíbe e Área de Preservação Ambiental Ilha Comprida.

Biologia da espécie

Os jovens vivem entre quatro e dez anos desenvolvendo-se na zona pelágica e, quando alcançam entre 20 e 38 cm, deslocam-se para as reentrâncias bentônicas de forrageio (NRC, 1990; Zug *et al.*, 2002). Jovens na fase pelágica alimentam-se principalmente de invertebrados, enquanto subadultos e adultos alimentam-se principalmente de plantas e de algas (Ernst *et al.*, 1994). A maturidade sexual é alcançada entre 19 e 30 anos (Ehrhardt & Witham, 1992; Zug *et al.*, 2002) quando apresentam mais de 70 cm (Hirth, 1980). As desovas variam entre 81 e 138 ovos (Hirth, 1980; Marcovaldi & Laurent, 1996). No Brasil, desovas ocorrem do Espírito Santo a Sergipe, incluindo as ilhas Trindade e Fernando de Noronha e o Atol das Rocas (Marcovaldi & Marcovaldi, 1999).

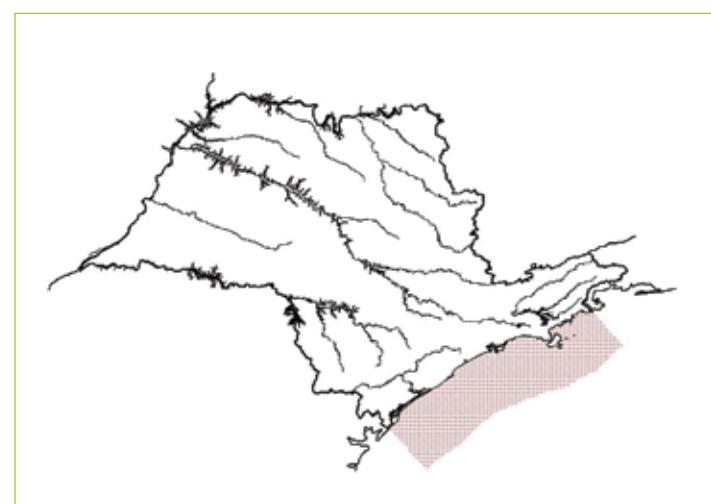
Ameaças

Atividades pesqueiras e poluição urbana e industrial.

Medidas para conservação

Modificações nos equipamentos e nas técnicas de pesca para impedir ou minimizar a captura acidental de tartarugas. Desenvolvimento de projetos de educação ambiental com comunidades locais e com turistas.

FOTOGRAFIA: Ivan Sazima





Eretmochelys imbricata
(Linnaeus, 1766)
Chelonia, Cheloniidae

Nome vernacular

Tartaruga-de-pente.

Categoria proposta para São Paulo

EN D.

Justificativa

A espécie encontra-se ameaçada em toda a sua área de distribuição, com declínio populacional ocorrendo, inclusive, no Brasil.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

É encontrada principalmente em águas tropicais nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico, geralmente em recifes de corais e regiões com fundo rochoso. Pode frequentar lagunas, estuários e baías próximas a manguezais (Ernst *et al.*, 1994). Animais de grande porte procuram locais mais profundos (NRC, 1990). Recém-nascidos e jovens vivem associados a moitas flutuantes de sargazo (NRC, 1990; Ernst *et al.*, 1994).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual da Ilha Anchieta, Parque Estadual Marinho da Laje de Santos, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Ecológica Tupinambás, Estação Ecológica Tupiniquins, Área de Preservação Ambiental Cananeia-Iguape-Peruíbe e Área de Preservação Ambiental Ilha Comprida.

Biologia da espécie

Os jovens vivem alguns anos na zona pelágica e, quando têm entre 15 e 35 cm, deslocam-se para os recifes onde forrageiam (NRC, 1990; Chaloupka & Limpus, 1997). Jovens na fase pelágica alimentam-se de algas, enquanto subadultos e adultos alimentam-se principalmente de esponjas e cnidários (Ernst *et al.*, 1994; Leon & Bjorndal, 2002). A maturidade sexual é alcançada entre 10 e 20 anos (Moncada *et al.*, 1999) quando apresentam mais de 50 cm (Hirth, 1980; Moncada *et al.*, 1999). As desovas variam entre 73 e 182 ovos (Hirth, 1980; Marcovaldi & Laurent, 1996). No Brasil, desovas ocorrem do Espírito Santo a Sergipe (Marcovaldi & Marcovaldi, 1999).

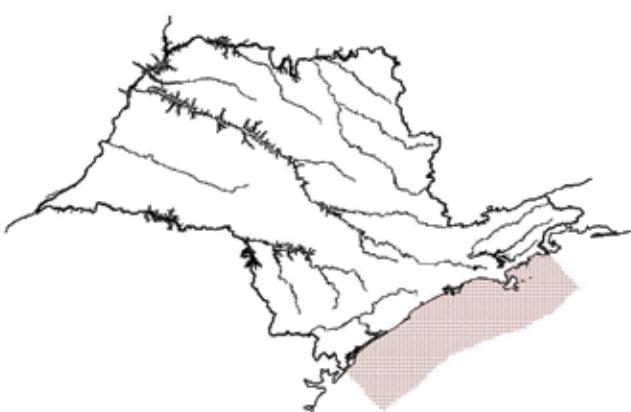
Ameaças

Atividades pesqueiras e poluição urbana e industrial.

Medidas para conservação

Modificações nos equipamentos e nas técnicas de pesca para impedir ou minimizar a captura acidental de tartarugas. Desenvolvimento de projetos de educação ambiental com comunidades locais e com turistas.

FOTOGRAFIA: Cristina Sazima



Lepidochelys olivacea (Eschscholtz, 1829)

Chelonia, Cheloniidae

Nome vernacular

Tartaruga-oliva.

Categoria proposta para São Paulo

EN D.

Justificativa

A espécie encontra-se ameaçada em toda a sua área de distribuição, com declínio populacional ocorrendo, inclusive, no Brasil.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2005): EN; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): LC; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

É encontrada em águas tropicais de pouca profundidade nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico. Pode frequentar recifes, lagunas, baías e estuários (Ernst *et al.*, 1994). Recém-nascidos e jovens vivem associados a moitas flutuantes de sargaço (Carr, 1995).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual da Ilha Anchieta, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Ecológica Tupinambás, Área de Preservação Ambiental Cananeia-Iguape-Peruíbe e Área de Preservação Ambiental Ilha Comprida.

Biologia da espécie

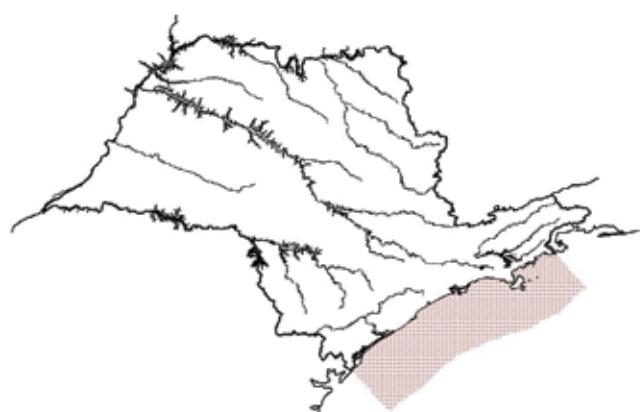
Os jovens desenvolvem-se na zona pelágica (Carr, 1995) e, após alguns anos, deslocam-se para os recifes onde forrageiam (Ernst *et al.*, 1994). Alimentam-se de invertebrados, como águas-vivas, moluscos e crustáceos (Ernst *et al.*, 1994). A maturidade sexual é alcançada entre 10 e 18 anos (Zug *et al.*, 2006) quando apresentam mais de 52 cm (Hirth, 1980; Zug *et al.*, 2006). As desovas variam entre 105 e 116 ovos (Hirth, 1980; Marcovaldi & Laurent, 1996). No Brasil, desovas ocorrem do Espírito Santo a Sergipe (Marcovaldi & Marcovaldi, 1999).

Ameaças

Atividades pesqueiras e poluição urbana e industrial.

Medidas para conservação

Modificações nos equipamentos e nas técnicas de pesca para impedir ou minimizar a captura acidental de tartarugas. Desenvolvimento de projetos de educação ambiental com comunidades locais e com turistas.



Nome vernacular

Tartaruga-de-couro.

Categoria proposta para São Paulo

CR D.

Justificativa

A espécie encontra-se ameaçada em toda a sua área de distribuição, com declínio populacional ocorrendo, inclusive, no Brasil.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2005): CR; São Paulo (1998): EN; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

É encontrada em águas tropicais e temperadas nos oceanos Atlântico, Índico e Pacífico. De hábitos pelágicos, pode frequentar águas menos profundas em baías e estuários (Ernst *et al.*, 1994). Recém-nascidos e jovens vivem associados a muitas flutuantes de sargão (Carr, 1995).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Ilha do Cardoso, Parque Estadual de Ilhabela, Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual da Ilha Anchieta, Parque Estadual Marinho da Laje de Santos, Estação Ecológica Jureia-Itatins, Estação Ecológica Tupinambás, Área de Preservação Ambiental Cananeia-Iguape-Peruíbe e Área de Preservação Ambiental Ilha Comprida.

Biologia da espécie

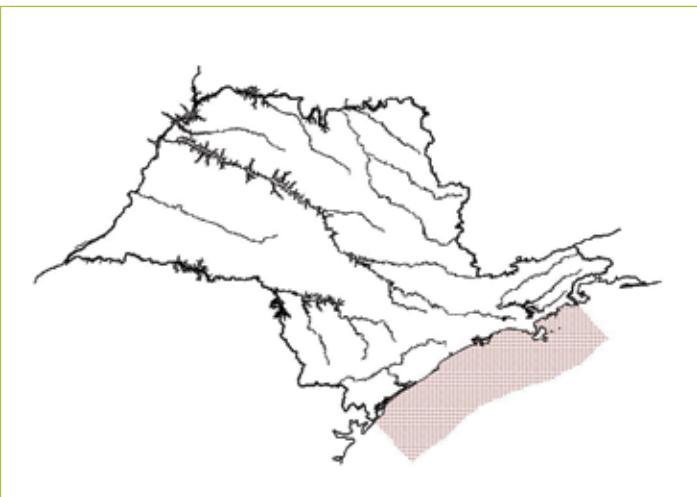
Os jovens desenvolvem-se na zona pelágica, durante extensa migração que demora alguns anos (Carr, 1995). Subadultos e adultos nadam constantemente na zona pelágica, geralmente seguindo cardumes de águas-vivas, seu principal alimento (Ernst *et al.*, 1994). A maturidade sexual é alcançada após nove anos quando apresentam mais de 120 cm (Hirth, 1980; Zug & Parham, 1996). As desovas variam entre 80 e 104 ovos (Hirth, 1980). No Brasil, desovas ocorrem no Espírito Santo (Marcovaldi & Marcovaldi, 1999).

Ameaças

Atividades pesqueiras e poluição urbana e industrial.

Medidas para conservação

Modificações nos equipamentos e nas técnicas de pesca para impedir ou minimizar a captura acidental de tartarugas. Desenvolvimento de projetos de educação ambiental com comunidades locais e com turistas.



Anolis meridionalis Boettger, 1885

Squamata, Polychrotidae



Nome vernacular

Papa-vento-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 abii,iii.

Justificativa

Espécie dependente de remanescentes de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado (São Paulo, 2005), o que equivale a menos de 2.000 km². A espécie sofre também declínio contínuo na extensão e qualidade do habitat de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Espécie endêmica do Cerrado (Colli *et al.*, 2002), sendo associada a ambientes naturais de campo (campo limpo, campo sujo, campo cerrado, ver Nogueira *et al.*, 2005; Recoder & Nogueira 2007).

Presença em unidades de conservação

Populações isoladas na Estação Ecológica Itirapina e Estação Ecológica de Santa Bárbara.

Biologia da espécie

É diurna e tem hábito semiarborícola (Vitt, 1991). Sua morfologia facilita o deslocamento sobre a vegetação campestre e herbácea, que predomina nos ambientes em que ocorre (Nogueira *et al.*, 2005). Após eventos de fogo busca abrigo em termiteiros ou em cavidades e tocas no solo. Nessas ocasiões modifica a coloração de seu corpo, dificultando a detecção por predadores favorecidos pela retirada temporária da vegetação. Ninhadas constituídas por um único ovo, em geral depositado em cavidades no solo.

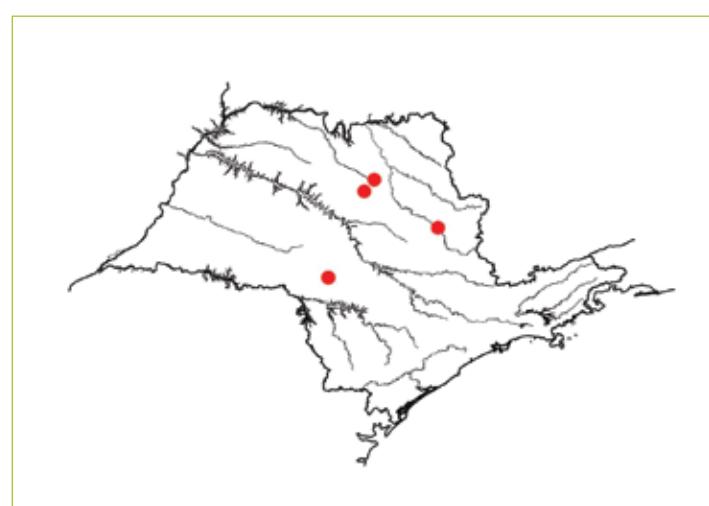
Ameaças

Destrução dos ambientes de ocorrência, modificação nos ciclos naturais de fogo, invasão por gramíneas exóticas do habitat de ocorrência.

Medidas para conservação

Ampliação do número e da área das unidades de conservação (UCs) que protegem ambientes de cerrado no interior do Estado de São Paulo. Controle das reservas legais em cumprimento ao Código Florestal nas propriedades privadas do interior do Estado. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie.

FOTOGRAFIA: Cristiano Nogueira / Ricardo J. Sawaya (insert)





***Stenocercus azureus* (Müller, 1882)**
Squamata, Tropiduridae

Nome vernacular

Lagarto-das-pedras.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2 abii,iii.

Justificativa

Conhecida no Estado por registros históricos em apenas duas localidades (Limeira e Itapetininga). Tais regiões encontram-se atualmente muito fragmentadas e com muito poucos remanescentes de vegetação nativa. Se, de fato, ainda ocorre no Estado, a espécie está sujeita ao declínio constante na extensão e qualidade de seu habitat.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): DD; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

A espécie tem distribuição relativamente ampla, desde o Uruguai até o Estado de São Paulo (Torres-Carvajal, 2005; Nogueira & Rodrigues, 2006). Entretanto, assim como outras espécies do gênero, provavelmente apresenta distribuição descontínua, associada a ambientes restritos na paisagem (Nogueira & Rodrigues, 2006; Ávila-Pires, 2005).

Presença em unidades de conservação

Não é conhecida em áreas protegidas.

Biologia da espécie

A biologia das espécies do gênero, no Brasil, ainda é pouco conhecida (Nogueira & Rodrigues, 2006). *Stenocercus dumerillii*, a espécie mais estudada, ocorre em ambientes semiabertos (capoeiras) na região leste do Pará e alimenta-se de artrópodes que caça no solo ou nos troncos (Cunha, 1981). O habitat típico da espécie ainda é desconhecido em São Paulo, diante da falta de registros recentes e dados de campo detalhados.

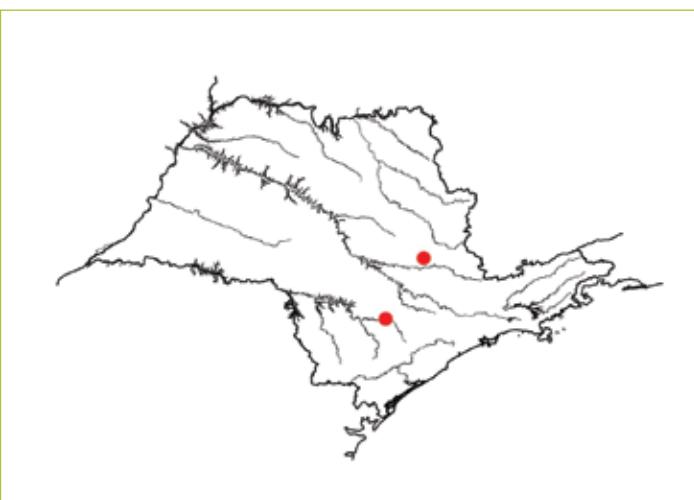
Ameaças

Destrução de habitat nas regiões de ocorrência.

Medidas para conservação

Pesquisa científica e inventários nas regiões de registro (Limeira e Itapetininga). Proteção dos remanescentes naturais caso haja novas localidades de registro.

FOTOGRAFIA: Santiago Carreira



Cnemidophorus aff. lacertoides

Squamata, Teiidae



Nome vernacular

Calango-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 abii,iii.

Justificativa

É dependente de remanescentes campestres de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado (São Paulo, 2005), o que equivale a menos de 2.000 km². A espécie sofre também com o declínio contínuo na extensão e qualidade do habitat de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

A espécie tem distribuição conhecida bastante restrita (Nogueira, 2006). Outras espécies, aparentemente relacionadas (ver Cei, 1993), ocorrem em ambientes abertos chaquenhos e periandinos, na Argentina e Bolívia. No Brasil, duas espécies ocorrem em ambientes abertos em planaltos e encontram-se em diferentes níveis de ameaça pela perda de habitat campestre (Feltrim & Lema, 2000; Colli *et al.*, 2003; Nogueira, 2006). Ocupa ambientes de campo limpo e campo sujo (CN e RJS, obs pess.).

Presença em unidades de conservação

Os únicos registros da espécie ocorreram na Estação Ecológica de Itirapina e Estação Ecológica de Santa Bárbara.

Biologia da espécie

Há poucos dados sobre a biologia da espécie, que sequer foi descrita em termos formais. Como os demais teídeos (ver Vitt *et al.*, 2000), é provavelmente heliotérmica, com atividade concentrada nas horas mais quentes do dia, sendo animais de forrageio ativo e reprodução ovípara.

Ameaças

Destrução de habitat nas regiões de ocorrência. Perda de qualidade do habitat por isolamento, invasão de gramíneas exóticas e modificações nos regimes naturais de fogo. Um mapeamento detalhado de remanescentes do habitat campeste no Estado poderá indicar níveis mais altos de ameaça.

Medidas para conservação

Espécie ainda não descrita, com relações ainda incertas com os grupos *Ameiva* e *Cnemidophorus* (Cei 1993; Giugliano *et al.* 2006; Nogueira 2006), sendo urgentes estudos taxonômicos e a sua descrição formal. Proteção e manejo dos remanescentes de cerrado. Mapeamento e inventário das áreas campestres no Cerrado paulista. Ampliação do número e da área das unidades de conservação (UCs) com ambiente de cerrado em São Paulo. Controle das reservas legais em cumprimento ao Código Florestal nas propriedades privadas. Controle no avanço de novas áreas para expansão agrícola. Pesquisas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie.

FOTOGRAFIA: Ricardo J. Sawaya





***Kentropyx paulensis* Boettger, 1893**
Squamata, Teiidae

Nome vernacular

Lagarto-listrado-do-cerrado.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 abii,iii.

Justificativa

É dependente de remanescentes de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado, o que equivale a menos de 2.000 km². A espécie sofre também com o declínio contínuo na extensão e qualidade do habitat de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Endêmico do Cerrado, com distribuição no centro-sul do domínio. Há registros históricos em São José dos Campos e Paranapiacaba (Gallagher & Dixon, 1992). Ocorre principalmente em habitat aberto, como campo limpo, campo sujo e bordas de campo úmido, estando ausente em mata e cerradão (Nogueira *et al.* 2009).

Presença em unidades de conservação

Ocorre em pequenos fragmentos isolados de cerrado no Estado de São Paulo (Estação Ecológica de Itirapina e Estação Ecológica de Santa Bárbara). Essas áreas protegidas, provavelmente, abrigam as últimas grandes populações da espécie no Cerrado paulista, onde ela foi descrita.

Biologia da espécie

Há poucos dados sobre a biologia e história natural da espécie (Gallagher & Dixon, 1992). Assim como os demais teídeos, é espécie diurna e heliotérmica, que forrageia ativamente no solo. Pode depositar quatro ou cinco ovos ao longo da estação chuvosa (Anjos *et al.*, 2002).

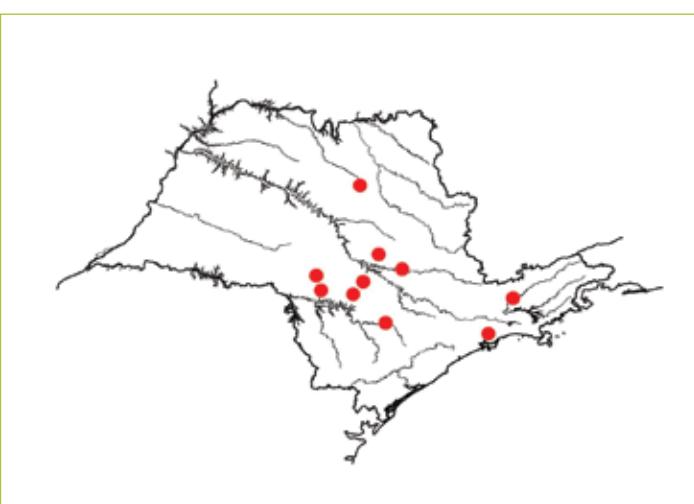
Ameaças

Destrução de habitat nas regiões de ocorrência. Perda de qualidade do habitat por isolamento, invasão de gramíneas exóticas e modificações nos regimes naturais de fogo nos remanescentes de cerrado no interior paulista.

Medidas para conservação

Ampliação do número e da área das unidades de conservação (UCs) que protegem ambientes de cerrado no interior do Estado de São Paulo. Controle das reservas legais em cumprimento ao Código Florestal nas propriedades privadas do interior do estado. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie.

FOTOGRAFIA: Ricardo J. Sawaya



Bachia bresslaui (Amaral, 1935)

Squamata, Gymnophthalmidae



Nome vernacular

Lagartinho-sem-pernas-do-cerrado.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 abii,iii.

Justificativa

Espécie dependente de remanescentes de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado, o que equivale a menos de 2.000 km². A espécie sofre também com o declínio contínuo na extensão e qualidade do habitat de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

É endêmica do Cerrado, com distribuição concentrada no centro-sul do domínio (Nogueira, 2006; Rodrigues *et al.*, 2008). Ocorre, em geral, em áreas de planalto, cobertas por fisionomias abertas do Cerrado, como cerrado típico e campo cerrado (Nogueira 2006; Recoder & Nogueira, 2007). A localidade-tipo da espécie é descrita apenas como "São Paulo". Até recentemente, por falta de dados, inferia-se que *B. bresslaui* seria uma espécie associada a ambientes florestais, como as espécies até então melhor estudadas de *Bachia*. Tal visão predominou até a descoberta recente de *B. bresslaui* na área nuclear do Cerrado (Colli *et al.*, 1998).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Há poucos estudos sobre a história natural das espécies de *Bachia*. Alimenta-se basicamente de artrópodes, como larvas de besouro, escorpiões, formigas, besouros e aranhas (Colli *et al.*, 1998). As espécies do gênero depositam de um a dois ovos elípticos.

Ameaças

Destrução de habitat nas regiões de ocorrência. Perda de qualidade do habitat por isolamento, invasão de gramíneas exóticas e modificações nos regimes naturais de fogo nos remanescentes de cerrado no interior paulista.

Medidas para conservação

Ampliação do número e da área das unidades de conservação (UCs) que protegem ambientes de cerrado no interior do Estado de São Paulo. Controle das reservas florestais em cumprimento ao Código Florestal nas propriedades privadas no interior do Estado. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie.

FOTOGRAFIA: Cristiano C. Nogueira





Cercosaura schreibersii albostrigata
(Griffin, 1917)
Squamata, Gymnophthalmidae

Nome vernacular

Lagartinho-do-chão.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 abii,iii.

Justificativa

É dependente de remanescentes campestres de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado, o que equivale a menos de 2.000 km². A espécie sofre também com o declínio contínuo na extensão e qualidade do habitats de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre em ambientes campestres de cerrado, especialmente em regiões de planaltos dominados por fisionomias abertas (Nogueira *et al.*, 2005; 2006). Embora ocorra em boa parte da porção sul do Cerrado, é conhecida por apenas dois registros no Estado de São Paulo.

Presença em unidades de conservação

Um registro recente na Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

Consume pequenos artrópodes, que caça ativamente no solo. Tem atividade diurna, aparentemente heliotérmica. As ninhadas são de um a dois filhotes (Ruibal, 1952). Em eventos de fogo, comuns em áreas abertas de cerrado, busca abrigo em cavidades no solo ou sob termiteiros (Vitt, 1991).

Ameaças

Destrução de habitat nas regiões de ocorrência. Perda de qualidade do habitat por isolamento, invasão de gramíneas exóticas e modificações nos regimes naturais de fogo nos remanescentes de cerrado no interior paulista. Um mapeamento detalhado de remanescentes do habitat campeste no Estado poderá indicar níveis mais altos de ameaça.

Medidas para conservação

Ampliação do número e da área das unidades de conservação (UCs) com ambientes de cerrado. Controle das reservas legais em cumprimento ao Código Florestal nas propriedades privadas no interior do Estado. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie. Mapeamento acurado das áreas campestres no Cerrado paulista.

FOTOGRAFIA: Ricardo J. Sawaya



Micrablepharus atticolus
Rodrigues, 1996
Squamata, Gymnophthalmidae



Nome vernacular

Lagarto-do-rabo-azul.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 abii,iii.

Justificativa

Espécie dependente de remanescentes de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado, o que equivale a menos de 2.000 km². A espécie sofre também com o declínio contínuo na extensão e qualidade do habitat de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Endêmica do Cerrado, com ampla distribuição no domínio (Rodrigues, 1996; Nogueira, 2006). Ocorre, em geral, em áreas de planalto, cobertas por fisionomias abertas como cerrado típico e campo cerrado (Nogueira *et al.*, 2005; Nogueira 2006; Recoder & Nogueira, 2007).

Presença em unidades de conservação

Encontrada em pequenos fragmentos isolados de cerrado protegidos no Estado de São Paulo, como Estação Ecológica de Itirapina e Estação Ecológica de Santa Bárbara.

Biologia da espécie

É espécie diurna e helotérmica, forrageando ativamente na superfície e camadas superiores do solo, em meio a gramíneas e serapilheira esparsa. A cauda vistosa é usada em estratégias de defesa, desviando a atenção de predadores e evitando ataques letais à região do corpo e cabeça. Há relatos de encontro de exemplares em terra exposta em ninhos de saúva (Rodrigues, 1996).

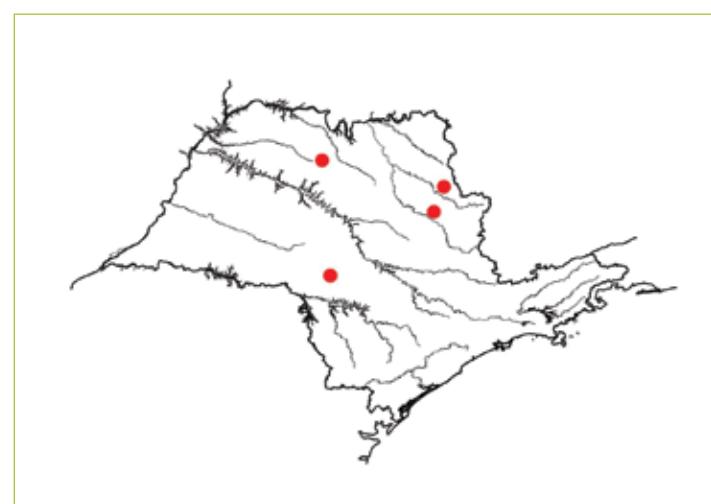
Ameaças

Destrução de habitat nas regiões de ocorrência. Perda de qualidade do habitat por isolamento, invasão de gramíneas exóticas e modificações nos regimes naturais de fogo nos remanescentes de cerrado no interior paulista.

Medidas para conservação

Ampliação do número e da área de unidades de conservação (UCs) que protegem ambientes de cerrado no interior de São Paulo. Controle das reservas legais em cumprimento ao Código Florestal nas propriedades privadas no interior do Estado. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie.

FOTOGRAFIA: Ricardo J. Sawaya





Mabuya caissara
Rebouças-Spieker, 1974
Squamata, Scincidae

Nome vernacular

Calango-liso-da-restinga.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abii,iii.

Justificativa

Registrada apenas em área restrita de baixada litorânea, menor do que 2,5 km². O habitat original é severamente fragmentado e continuamente reduzido pela crescente urbanização.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Restrita a áreas de baixada no Litoral Norte de São Paulo, nos municípios de Bertioga, São Sebastião, Ilhabela, Caraguatatuba e Ubatuba, e ocorre em moitas de gramíneas (Rebouças-Spieker, 1974; Vanzolini e Rebouças-Spieker, 1976).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

As espécies do gênero são diurnas, alimentam-se de artrópodes e possuem reprodução vivípara (Vrcibradic *et al.*, 1998). Vive em moitas de gramíneas, de forma diferente de *Mabuya macrorhyncha*, espécie relacionada, presente no Litoral Sul e ilhas do Estado de São Paulo e encontrada preferencialmente em bromélias (Rebouças-Spieker, 1974).

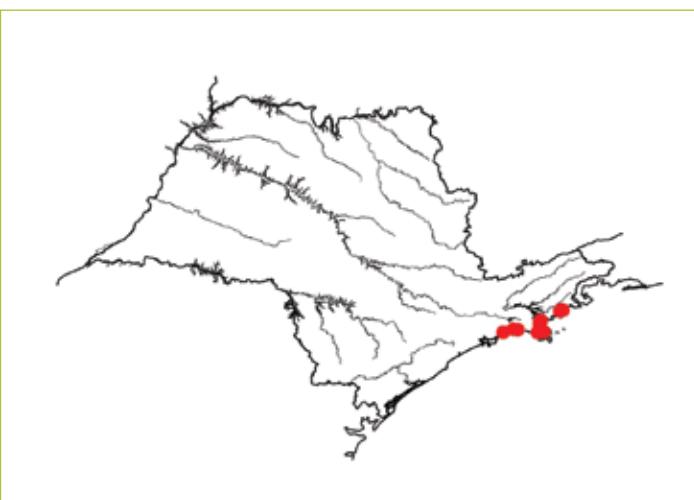
Ameaças

Destrução e urbanização das áreas de baixada litorânea que já são bastante restritas na região.

Medidas para conservação

Proteção e recomposição de áreas de baixada litorânea.

FOTOGRAFIA: Ivan Sazima



Mabuya guaporicola Dunn, 1936

Squamata, Scincidae



Nome vernacular

Calango-liso-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 abii,iii.

Justificativa

Espécie dependente de remanescentes campestres de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado, o que equivale a menos de 2.000 km². A espécie também sofre com o declínio contínuo na extensão e qualidade de habitat de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

É endêmica do Cerrado, com distribuição ampla no domínio (Ávila-Pires, 1995; Nogueira, 2006). Ocupa principalmente áreas de campo (Nogueira 2006), como campos limpos ou próximos a áreas úmidas (Mesquita *et al.*, 2000; Uetanabaro *et al.* 2007).

Presença em unidades de conservação

Áreas de campo sujo na Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

Assim como os demais integrantes do gênero, é lagarto diurno, terrestre, com dieta baseada em artrópodes e reprodução vivípara (Vrcibradic & Rocha 1998). Nas áreas de cerrado bem amostradas foi, em geral, relativamente menos abundante do que as congêneres *Mabuya dorsivittata* e *M. frenata* (Nogueira *et al.*, 2009). Utiliza cavidades no solo ou sob termiteiros como abrigo em eventos de fogo ou na fuga de predadores (C.N. obs. pess.).

Ameaças

Destrução de habitat natural do Cerrado, especialmente as áreas de campos em relevos planos e chapadas, que são as mais visadas para expansão de atividades agrícolas (ver discussões em Nogueira *et al.*, 2009). Um mapeamento detalhado de remanescentes de habitat campestre no Estado poderá indicar níveis mais altos de ameaça.

Medidas para conservação

Ampliação do número e da área das unidades de conservação (UCs) de cerrado no interior de São Paulo. Controle no avanço de novas áreas para expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie. Mapeamento acurado das áreas campestres no Cerrado paulista.

FOTOGRAFIA: Cristiano Nogueira



Nome vernacular

Cobra-cega-de-Santa-Rita.

Categoria proposta para São Paulo

VU D2.

Justificativa

É conhecida apenas em uma localidade, em região de cerrado sob grau intenso de fragmentação e comprometimento de habitat, por urbanização e avanço de atividades agrícolas.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Conhecida apenas da localidade-tipo (Santa Rita do Passa Quatro) (Vanzolini, 1994).

Presença em unidades de conservação

Não há registros em áreas protegidas, nem mesmo naquelas próximas à localidade-tipo.

Biologia da espécie

As anfisbenas formam um grupo de répteis de morfologia bastante modificada e especializada para o ambiente subterrâneo. Pelos hábitos secretivos, em geral são espécies pouco estudadas em termos de história natural (Colli & Zamboni, 1999). A partir de dados de espécies congêneres infere-se dieta baseada em artrópodes e reprodução ovípara (Colli & Zamboni, 1999).

Ameaças

Destrução de habitat na região de ocorrência.

Medidas para conservação

Inventários em remanescentes naturais de cerrado na região da localidade-tipo e em áreas protegidas próximas.



Liotyphlops schubarti Vanzolini, 1948

Squamata, Leptotyphlopidae

Nome vernacular

Cobra-cega-de-Pirassununga.

Categoria proposta para São Paulo

VU D2.

Justificativa

Conhecida somente da localidade-tipo (Cachoeira de Emas, em Pirassununga).

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

O único exemplar conhecido da espécie foi coletado nas proximidades de Cachoeira das Emas, em Pirassununga, área de cerrado no interior do Estado (Vanzolini, 1948).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

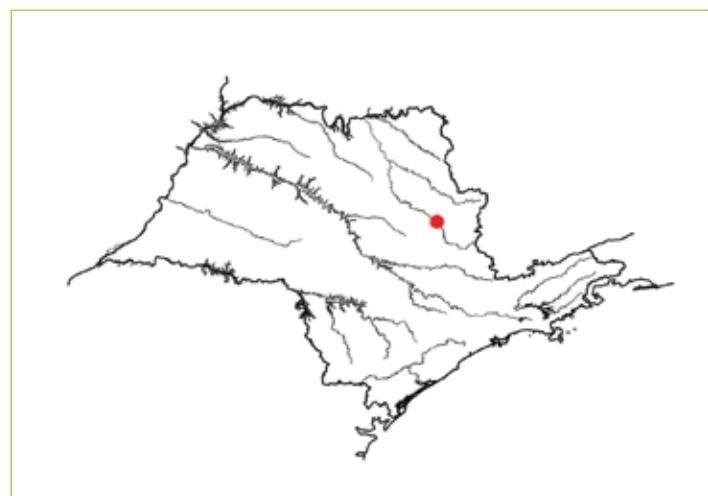
Não há dados sobre a espécie, mas as serpentes do gênero possuem hábitos subterrâneos, são noturnas e se alimentam principalmente de larvas e pupas de formigas (Parpinelli, 2008).

Ameaças

Destrução de habitat.

Medidas para conservação

Proteção de habitat.





***Corallus cropanii* (Hoge, 1953)**
Squamata, Boidae

Nome vernacular

Boa-de-Cropani.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abiii.

Justificativa

A extensão de ocorrência conhecida para esta espécie é menor do que 5.000 km². O habitat original foi perturbado por plantações de banana e fragmentado por desmatamentos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): CR; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Está restrita a porções de altitudes não muito elevadas da Serra do Mar no Litoral Sul do Estado (abaixo de 200 m), associadas à floresta ombrófila densa.

Presença em unidades de conservação

Quatro exemplares coletados e preservados em coleções científicas foram encontrados na área do Parque Estadual da Serra do Mar. Há um registro visual dessa serpente dentro dos limites do Mosaico Juréia-Itatins no fim da década de 1960 (Marques, 1998).

Biologia da espécie

Possui hábito semiarborícola, mas sua morfologia (maior robustez, cauda curta e olhos pequenos) indica que se trata da espécie menos arborícola do gênero (Marques, 1998; Pizzatto *et al.*, 2007). O único item conhecido de sua dieta é um marsupial de hábito terrestre (*Metachirus nudicaudatus*) (Marques & Cavalheiro, 1998). Três espécimes de *C. cropanii* foram coletados no Litoral Sul de São Paulo, sendo o último em 1970. Mais recentemente, em 2004, foi encontrado mais um exemplar. Por outro lado, *C. hortulanus*, de porte equivalente e hábito mais secretivo (mais arborícola), tem sido encontrado com relativa frequência na mesma região. Portanto, *C. cropanii* deve ter baixa densidade populacional na natureza.

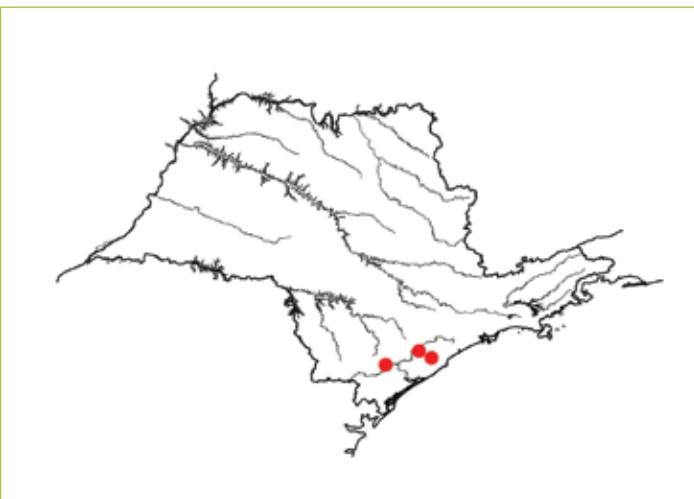
Ameaças

Destrução de habitat.

Medidas para conservação

Proteção de habitat.

FOTOGRAFIA: Alphonse R. Hoge



Clelia montana

Franco, Marques & Puerto, 1997

Squamata, Colubridae



Nome vernacular

Muçurana-das-montanhas.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abii,iii.

Justificativa

É conhecida em área restrita, em áreas elevadas na porção nordeste do Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): DD; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): NT; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Está restrita a porções de altitudes elevadas da Serra do Mar (região da Bocaina) e da Mantiqueira na divisa com Rio de Janeiro e Minas Gerais. Está associada à floresta ombrófila densa na porção norte da Serra do Mar do Estado e na floresta ombrófila mista da Serra da Mantiqueira (Franco *et al.*, 1997).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar e Parque Estadual de Campos do Jordão.

Biologia da espécie

É noturna e possui hábito terrícola. Alimenta-se de cobras e lagartos (Marques *et al.*, 2004). Pode depositar seus ovos (7 a 11) durante a estação chuvosa (janeiro a fevereiro) (Franco *et al.*, 1997).

Ameaças

Destrução de habitat.

Medidas para conservação

Refreamento do desmatamento e consolidação e ampliação de unidades de conservação (UCs) em altitudes elevadas das serras do Mar e Mantiqueira.

FOTOGRAFIA: Ivan Sazima



Nome vernacular

Muçurana-marrom.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiii.

Justificativa

Conhecida apenas por dois exemplares procedentes do Município de São José do Barreiro.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Provavelmente associada a florestas de altitude e/ou campos.

Presença em unidades de conservação

Embora existam unidades de conservação na região, os dois únicos exemplares foram coletados fora de áreas protegidas.

Biologia da espécie

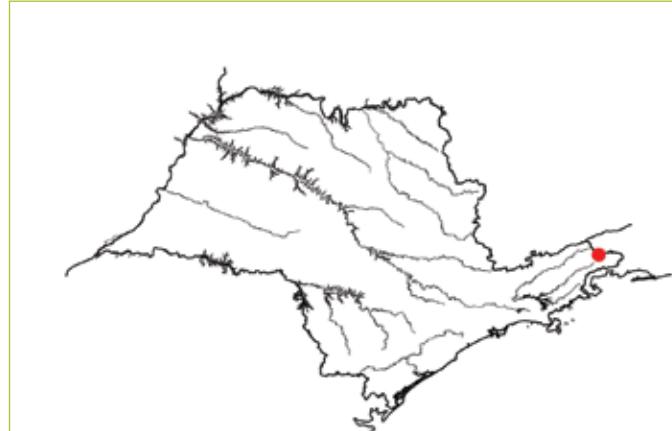
Não há informações sobre a sua biologia, mas como outras espécies do grupo (*Clelia rustica*, *C. hussami* e *C. montana*) deve ser terrícola, noturna e se alimentar de lagartos e serpentes (Marques et al., 2001).

Ameaça

Alterações e fragmentação do habitat, devido ao aumento de pastagens, áreas agrícolas e urbanas.

Medidas para conservação

Proteção de habitat e estudos mais detalhados sobre sua área de ocorrência e biologia.



Ditaxodon taeniatus
(Peters in Hensel, 1868)
Squamata, Colubridae



Nome vernacular

Parelheira-listrada-do-campo.

Categoria proposta

EN B1abii,iii.

Justificativa

O Estado de São Paulo é o limite setentrional de sua distribuição, onde foi constatada uma população disjunta e aparentemente muito reduzida na localidade de Emílio Ribas, em Campos do Jordão.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): DD; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): VU B1 abiii.

Distribuição e habitat

Sua distribuição é descontínua, ocorrendo em áreas mais elevadas do Planalto Sul-Brasileiro (Paraná a Rio Grande do Sul) e na porção paulista da Serra da Mantiqueira, próximo a Minas Gerais (Thomas *et al.*, 2006). Habita campos limpos, associados à floresta ombrófila mista (floresta de araucária).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

É terrícola, diurna e aparentemente especializada em ambiente de campos naturais. Pode depositar até dez ovos durante o período chuvoso (Thomas *et al.*, 2006). Alguns autores sugerem que se alimente de anfíbios, lagartos e/ou aves (Amaral, 1978; Morato *et al.*, 1995), mas não há dados factuais sobre sua dieta. Sua dentição extremamente diferenciada (Thomas *et al.*, 2006) é similar à de serpentes especializadas em pregar lagartos scincídeos (Greene, 1989).

Ameaças

Encontra poucas áreas adequadas à sua sobrevivência no Estado (zonas campestres de altitude). O uso dos campos naturais no cultivo de espécies exóticas para exploração madeireira (*Pinus* e *Eucalyptus*), pastagens e monoculturas, com queimadas para limpeza de terrenos, descaracterizaram e fragmentaram severamente o seu ambiente de ocorrência.

Medidas para conservação

Criação e ampliação de unidades de conservação (UCs) nas áreas remanescentes de campos de altitude, campos rupestres e campos naturais associadas à floresta ombrófila mista da região paulista da Serra da Mantiqueira, como nos parques estaduais localizados em Campos do Jordão. Estudos sobre sua história natural e sua área de ocorrência.

FOTOGRAFIA: Magno V. Segalla





Liophis amarali Wettstein, 1930

Squamata, Colubridae

Nome vernacular

Cobrinha-marrom-da-restinga.

Categoria proposta

EN B1abii,iii.

Justificativa

Parece apresentar baixa abundância ao longo de toda sua distribuição. Habita principalmente ambientes litorâneos severamente fragmentados e perturbados. Há registros de ocorrência em poucas localidades. Estudos indicam que essa espécie não pertence ao gênero *Liophis* ou à tribo Xenodontini, constituindo um clado à parte, com relações filogenéticas ainda indefinidas entre os Xenodontinae (Moura-Leite, 2001). A classificação dessa espécie em uma linhagem única, entre as serpentes neotropicais, também faz com que mereça atenção especial para a sua conservação.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Ocorre de forma descontínua ao longo do litoral, da Bahia a Santa Catarina (Moura-Leite, 2001). Há poucas informações sobre seu habitat, mas os registros existentes indicam que ocorre principalmente em áreas de restinga.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

Ocupa predominantemente restingas e outras formações da planície litorânea, quase sempre próximas ao nível do mar (Moura-Leite, 2001; Bérnails *et al.*, 2004). Pouco se conhece sobre sua biologia; aparentemente é diurna e terrícola e pode predar anfíbios anuros (Marques *et al.*, 2001; Moura-Leite, 2001).

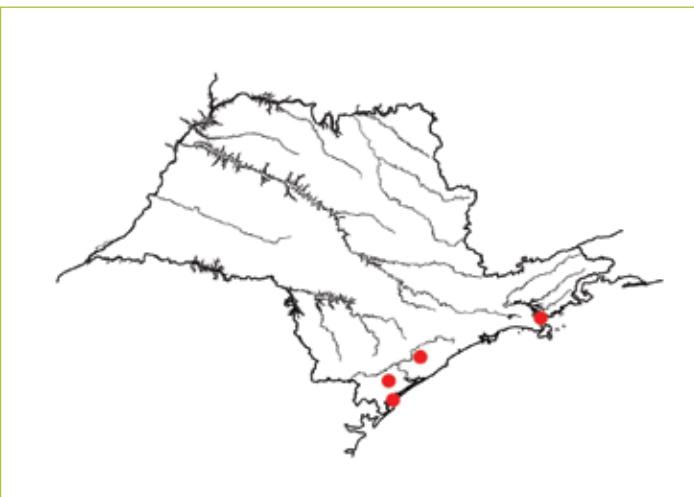
Ameaças

Como vive predominantemente na baixada litorânea, encontra poucas áreas adequadas à sua sobrevivência na planície costeira paulista. As ameaças advêm principalmente da destruição e alteração de seu habitat devido à ocupação imobiliária e outros empreendimentos turísticos impactantes ao longo de todo litoral paulista.

Medidas para conservação

Refreamento da devastação das restingas litorâneas por empreendimentos imobiliários e turísticos. Criação e ampliação de unidades de conservação na baixada litorânea.

FOTOGRAFIA: Antonio A. C. Costa



Lystrophis nattereri (Steindachner, 1867)

Squamata, Colubridae



Nome vernacular

Cobra-nariguda-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abii,iii.

Justificativa

Espécie dependente de remanescentes campestres de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado, o que equivale a menos de 2.000 km². Sofre com o declínio contínuo na extensão e qualidade de habitat de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): DD; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

É amplamente distribuída no Cerrado, nos estados de Piauí, Goiás, Mato Grosso, São Paulo e Paraná (Hoge *et al.*, 1975), mas pode ser considerada rara, por sua escassez em coleções científicas e poucos registros no campo. Em São Paulo, era conhecida apenas por registros históricos, anteriores a 1980 (Sawaya, 2004), na região centro-oeste do Estado, mas foi reencontrada na região da Estação Ecológica de Itirapina, na década de 2000 (Sawaya, 2004). É especialista em relação ao uso do ambiente, ocorrendo em formações abertas de cerrado (Sawaya *et al.*, 2008; França *et al.*, 2008).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

Aparentemente, possui hábitos subterrâneos e terrícolas, com atividade na superfície praticamente limitada à estação chuvosa; mais abundante nos meses de outubro, e provavelmente apresenta atividade diurna (Sawaya *et al.*, 2008; França *et al.*, 2008). Alimenta-se principalmente de ovos de lagartos e serpentes e lagartos da família Gymnophthalmidae, e sua reprodução parece ser sazonal, por vitelogênese, entre outubro e fevereiro, podendo depositar entre dois e dez ovos (Sawaya *et al.*, 2008).

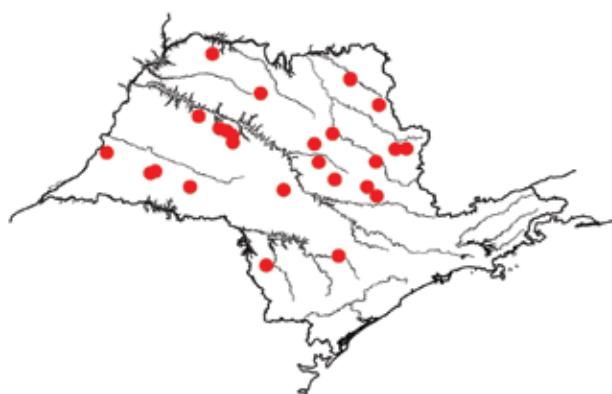
Ameaças

Destrução de habitat natural do Cerrado, especialmente as áreas abertas de campo e campo cerrado.

Medidas para conservação

Estudos sobre distribuição geográfica e modelagem de nicho ecológico, mapeamento acurado das áreas campestres de cerrado no Estado e busca pela espécie nesse tipo de remanescente. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre populações da espécie.

FOTOGRAFIA: Otávio A. V. Marques



Nome vernacular

Fura-terra-da barriga-pintada.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abii,iii.

Justificativa

Distribuição conhecida restrita a dois pontos isolados e distantes um do outro, e habitat original perturbado pela agricultura e pecuária.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Conhecida apenas em duas localidades isoladas (holótipo e parátipo, em São Paulo e Mato Grosso do Sul, respectivamente), habita fragmentos de cerrado remanescentes, em Brotas, no centro do Estado (Puerto & Ferrarezzi, 1993).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

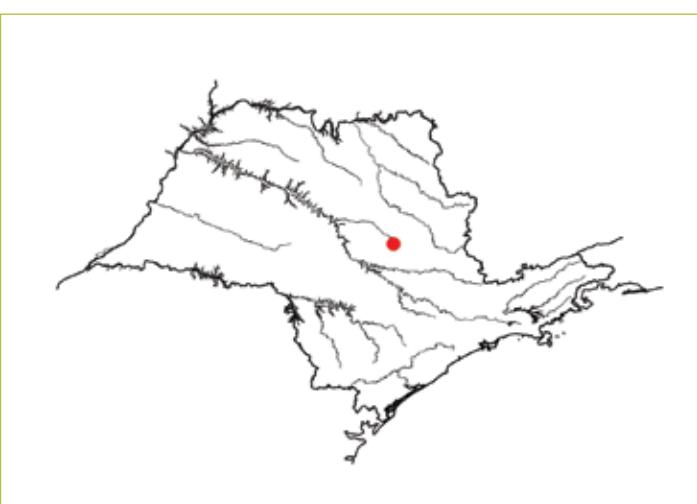
As espécies do gênero e da tribo Elapomorphini são fossoriais e se alimentam de vertebrados alongados (Ferrarezzi, 1993; Marques *et al.*, 2005; França *et al.*, 2008), mas não há maiores dados disponíveis. O consumo de anfíbios é comum nas espécies de Elapomorphini (Ferrarezzi *et al.*, 2005; França *et al.* 2008), que provavelmente caçam ativamente em galerias no solo.

Ameaças

Destrução do habitat natural de cerrado.

Medidas para conservação

Ampliação do número e da área das unidades de conservação (UCs) que protegem ambientes de cerrado no interior de São Paulo. Estudos e inventários nas regiões de provável ocorrência. Controle das reservas florestais em cumprimento ao Código Florestal nas propriedades privadas do interior do Estado. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie.



Phalotris nasutus (Gomes, 1915)

Squamata, Colubridae



Nome vernacular

Fura-terra-nariguda.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abii,iii.

Justificativa

Ocorre apenas em regiões de planaltos cristalinos, relativamente restritos no Estado, com distribuição marginal e apenas quatro exemplares registrados. Habitat original sob intensa fragmentação.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Restrita a fragmentos de cerrado no extremo norte do Estado, nas regiões de Igarapava e Pedregulho, nas proximidades da Usina Hidrelétrica de Água Vermelha, que representam o limite sul da área de ocorrência da espécie, que se estende pelo Cerrado em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso (Ferrarezzi, 1994).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

As espécies do gênero e da tribo Elapomorphini são fossoriais e se alimentam de vertebrados alongados (Ferrarezzi, 1993; Marques *et al.*, 2005; França *et al.*, 2008). Os únicos dados disponíveis sobre a dieta da espécie referem-se a restos de ovos de serpente (Ferrarezzi, 1993) e de exemplar de *Amphisbaena alba* (França *et al.*, 2008). O consumo de anfíbios e insetos parece comum no gênero e na tribo Elapomorphini (ver dados de dieta em Ferrarezzi *et al.*, 2005; França *et al.*, 2008), que provavelmente caça ativamente em galerias do solo.

Ameaças

Destrução do habitat natural de cerrado.

Medidas para conservação

Ampliação do número e da área das unidades de conservação (UCs) que protegem ambientes de cerrado no interior de São Paulo. Controle das reservas legais em cumprimento ao Código Florestal nas propriedades privadas do interior do Estado. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie.

FOTOGRAFIA: Cristiano C. Nogueira





***Philodryas arnaldoi* (Amaral, 1932)**
Squamata, Colubridae

Nome vernacular

Parelheira-clara.

Categoria proposta

EN B1abii,iii.

Justificativa

São Paulo é o limite setentrional de sua distribuição, sendo conhecida em apenas uma localidade (Franca), em área de planalto cristalino, com extensão restrita no Estado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): DD; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Ocorre em floresta ombrófila mista, geralmente em áreas acima dos 800 m de altitude (Lema, 1994; 2002; Bérnails *et al.*, 2004; RSB obs. pess.) do Planalto Sul-Brasileiro (Paraná a Rio Grande do Sul), mas possui população disjunta no nordeste do Estado de São Paulo, próximo a Minas Gerais (Bérnails *et al.*, 2004).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

É diurna e semiarbórica (Amaral, 1978; Lema, 2002; Di-Bernardo *et al.*, 2007). Reproduz-se no período chuvoso (Di-Bernardo *et al.*, 2007) com desovas em dezembro e filhotes eclodindo em março. Não há dados factuais sobre sua dieta, mas como outras espécies do gênero provavelmente se alimentam de anfíbios, lagartos e mamíferos (Bérnails *et al.*, 2004).

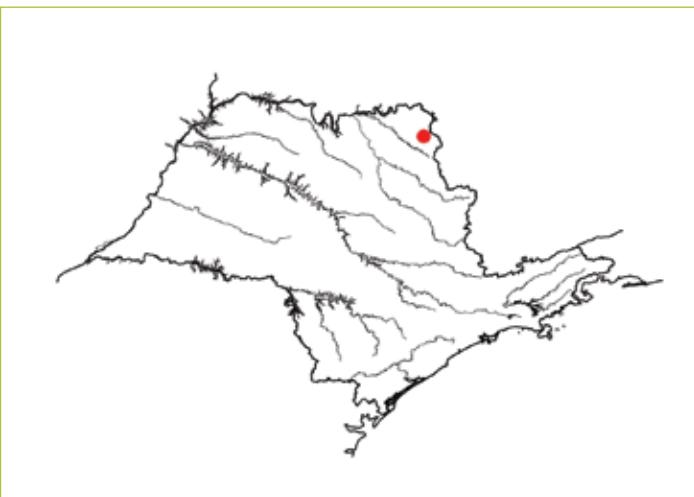
Ameaças

Vive em florestas de altitude (RSB obs. pess.); assim, encontra poucas áreas adequadas à sua sobrevivência no nordeste do Estado de São Paulo; grandes pastagens e monoculturas descaracterizaram e fragmentaram severamente esses ambientes no Estado.

Medidas para conservação

Criação e ampliação de unidades de conservação (UCs) nas áreas florestais remanescentes na região nordeste de São Paulo, bacias dos rios Sapucaí e Canoas, afluentes do Rio Grande, expandindo a proteção oferecida pelo Parque Estadual Furnas do Bom Jesus. Estudos sobre sua história natural e sua área de ocorrência.

FOTOGRAFIA: Sérgio A. A. Morato



Philodryas livida (Amaral, 1923)

Squamata, Colubridae



Nome vernacular

Parelheira-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2 abii,iii.

Justificativa

Espécie dependente de remanescentes campestres de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado, o que equivale a menos de 2.000 km². A espécie sofre também com o declínio contínuo na extensão e qualidade do habitat de ocorrência. Um mapeamento detalhado de remanescentes do habitat campestre no Estado poderá indicar níveis mais altos de ameaça.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

É endêmica da porção sul do Cerrado, com registros isolados em São Paulo e Mato Grosso do Sul (Thomas & Fernandes, 1996), em geral em planaltos acima de 500 metros, e um único registro recente no sul de Goiás, no Parque Nacional das Emas (Valdujo & Nogueira, 1999). Em São Paulo é conhecida apenas por registros históricos, na região de cerrado no centro-leste do Estado. É considerada rara, o que é atestado pela sua escassez em coleções. Os espécimes do Parque Nacional das Emas ocupavam áreas de campo limpo ou campo sujo (Valdujo & Nogueira, 1999).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo. Ausente em estudo recente de longo prazo sobre diversidade de serpentes na Estação Ecológica de Itirapina, usando diferentes métodos direcionados para serpentes (Sawaya *et al.*, 2008).

Biologia da espécie

Sabe-se pouco sobre a Biologia da espécie, pois existem poucos exemplares em coleções; apresenta hábito terrestre, atividade diurna e reprodução ovípara, assim como as congêneres simpáticas *Philodryas patagoniensis* e *P. aestiva* (Thomas & Fernandes, 1999, Valdujo & Nogueira, 1999).

Ameaças

Destrução do habitat natural de cerrado, especialmente as áreas de campo em relevos planos e chapadas, exatamente as áreas mais visadas para expansão de atividades agrícolas (discussões em Nogueira *et al.*, 2009).

Medidas para conservação

Busca pela espécie em remanescentes campestres de cerrado no Estado. Estudos sobre a distribuição geográfica e modelagem de nicho. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre as populações da espécie. Mapeamento acurado das áreas campestres no Cerrado paulista.

FOTOGRAFIA: Cristiano C. Nogueira





***Pseudablabes agassizii* (Jan, 1863)**
Squamata, Colubridae

Nome vernacular

Papa-aranha.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abii,iii.

Justificativa

Espécie dependente de remanescentes campestres de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado, o que equivale a menos de 2.000 km². Sofre declínio contínuo na extensão e qualidade do habitat de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Amplamente distribuída nas regiões central, sudeste e sul do Brasil e no nordeste da Argentina e Uruguai, mas relativamente rara em coleções científicas (Marques et al., 2006). No Estado de São Paulo é registrada nas regiões central e norte. É especialista em relação ao uso do ambiente, ocorrendo em formações abertas de cerrado (França et al., 2008; Sawaya et al., 2008).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

Especialista em ambientes de campo aberto, parece ser principalmente terrícola (Marques et al., 2006). Encontrada ativa praticamente em todos os meses do ano, durante o dia (Marques et al. 2006; Sawaya et al., 2008). Alimentação baseada em aranhas, principalmente da família Lycosidae, mas também escorpiões e lagartos (Cei, 1993; Marques et al., 2006). Reprodução sazonal, com vitelogênese entre junho e janeiro, podendo depositar de quatro a dez ovos (Marques et al., 2006).

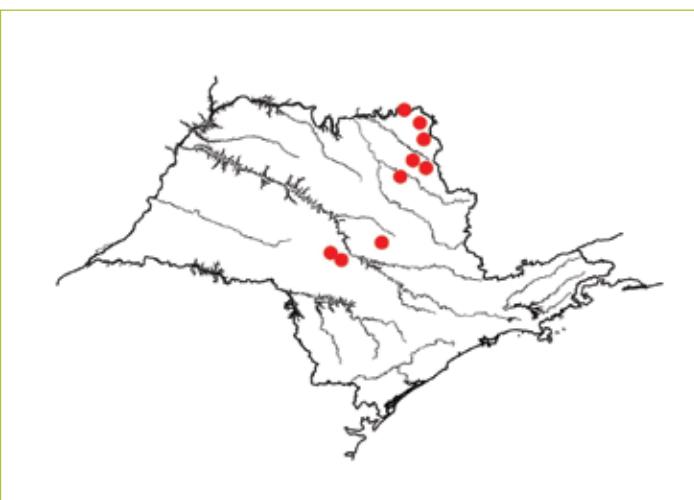
Ameaças

Destrução do habitat natural de cerrado, especialmente as áreas abertas de campo e campo cerrado.

Medidas para conservação

Estudos sobre distribuição geográfica e modelagem de nicho ecológico, mapeamento acurado das áreas campestres de cerrado no Estado e busca pela espécie nesse tipo de remanescente. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre populações da espécie.

FOTOGRAFIA: Ivo R. Ghizoni Jr.



Xenopholis undulatus (Jensen, 1900)

Squamata, Colubridae



Nome vernacular

Cobrinha-do-folhedo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abii,iii.

Justificativa

Distribuição conhecida a partir de raros exemplares em apenas três localidades no Estado (duas delas marginais) e habitat original perturbado pela agropecuária.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): LC; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ampla no domínio do Cerrado fora do Estado, possivelmente em áreas mésicas de floresta estacional. No entanto, é aparentemente rara e as poucas informações das regiões de Brasília (França *et al.*, 2008) e oeste de Minas Gerais (RSB obs. pess.) indicam presença em ambientes florestados.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Hábitos secretivos e noturnos, inferidos indiretamente segundo sua morfologia e relações de parentesco filogenético (método comparativo). Não há registros sobre demais aspectos biológicos da espécie.

Ameaças

Destrução de habitat.

Medidas para conservação

Ampliação do número e da área das unidades de conservação (UCs) que protegem ambientes naturais no interior de São Paulo. Controle das reservas legais em cumprimento ao Código Florestal nas propriedades privadas do interior do Estado. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes naturais.

FOTOGRAFIA: Otávio A. V. Marques





***Bothrops alcatraz* Marques,
Martins & Sazima, 2002
Squamata, Viperidae**

Nome vernacular

Jararaca-de-Alcatrazes.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1abiii.

Justificativa

Ocorre em área restrita ($1,35 \text{ km}^2$) na Ilha dos Alcatrazes. O habitat original foi reduzido em função da realização de exercícios de tiro pela Marinha do Brasil, que ocasionam incêndios na ilha.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2003): CR; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

A população está restrita à Ilha dos Alcatrazes, associada a floresta ombrófila densa.

Presença em unidades de conservação

Está fora de unidade de conservação (UC).

Biologia da espécie

Possui hábito terrícola, embora possa ser encontrada também sobre a vegetação, com dieta baseada em centopéias (75% dos itens), lagartos e provavelmente anfíbios (Marques et al., 2002a). Esta espécie possui porte pequeno e características similares (e.g., dieta, veneno) as de filhote da jararaca comum, *B. jararaca*, do continente. O nascimento de filhotes ocorre na estação chuvosa, entre janeiro e maio, e as ninhadas variam de um a três filhotes (Marques et al., 2002a; OAVM obs. pess.). Não existe estimativa do tamanho populacional, porém, sua densidade é bem menor do que a de outra jararaca de ilha, *B. insularis*, uma vez que a abundância de indivíduos encontrados em Alcatrazes é muito inferior ao da Ilha da Queimada Grande (MM, OAVM e RJS, obs. pess.).

Ameaças

Os bombardeios realizados periodicamente pela Marinha do Brasil causam queimadas impedindo a regeneração da floresta original no local dos alvos. Além disso, essas queimadas se propagam para porções significativas do habitat natural ainda preservado.

Medidas para conservação

Suspensão dos exercícios de tiro efetuados pela Marinha, manejo das áreas destruídas pelos bombardeios e incêndios para acelerar o processo de regeneração da mata original. Transformação da Ilha dos Alcatrazes em unidade de conservação.

FOTOGRAFIA: Otavio A. V. Marques



Bothrops cotiara (Gomes, 1913)

Squamata, Viperidae



Nome vernacular

Cotiara.

Categoria proposta

EN B1abiii.

Justificativa

O Estado de São Paulo é o limite setentrional de distribuição dessa espécie, onde é conhecida em apenas duas localidades (Itararé e Fartura) com ambiente de floresta ombrófila mista montana, formação vegetacional severamente fragmentada na divisa com o Estado do Paraná.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): DD; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Ocorre nas porções mais elevadas do Planalto Sul-Brasileiro, entre o extremo sul do Estado de São Paulo, o norte do Estado do Rio Grande do Sul e o nordeste da província argentina de Misiones, associada às áreas úmidas, frias e sombreadas ocupadas pela floresta ombrófila mista (Floresta de Araucária) (Franco *et al.*, 2005).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Tem vida crepuscular e noturna e possui hábito terrícola. Alimenta-se exclusivamente de pequenos mamíferos (Martins *et al.*, 2002). Como outras espécies do gênero, deve se reproduzir na estação chuvosa e, como vive em áreas mais frias, pode ter período de reprodução mais restrito. Pare entre quatro e doze filhotes por ninhada (Bérnilds *et al.*, 2004).

Ameaças

Grandes pastagens e monoculturas descaracterizaram e fragmentaram severamente o habitat dessa espécie. Na pequena porção do Estado de São Paulo em que há registro de *B. cotiara* restam poucos milhares de remanescentes de floresta ombrófila mista, em sua maioria (ca. 70%) menores do que 10 ha (São Paulo, 2005).

Medidas para conservação

Criação de unidades de conservação (UCs) nas áreas remanescentes de floresta ombrófila mista e campos naturais na região do Alto Paranaíba; estudos para a implantação ou a melhoria de conexões entre as áreas remanescentes e respeito às Áreas de Preservação Permanente (APP); levantamento de informações sobre história natural dessa espécie e a busca por outros pontos de ocorrência.

FOTOGRAFIA: Magno V. Segalla





Bothrops fonsecai
Hoge & Belluomini, 1959
Squamata, Viperidae

Nome vernacular

Trutu-da-serra.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abii,iii.

Justificativa

Está restrita à porção nordeste do Estado, em áreas de elevadas altitudes da Serra do Mar (Bocaina) e da Mantiqueira.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): quase ameaçada (NT); Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre em porções de altitudes elevadas da Serra do Mar (região da Bocaina) e da Mantiqueira, nas divisas com Rio de Janeiro e Minas Gerais. Está associada à floresta ombrófila densa na Serra do Mar e a floresta ombrófila mista na Serra da Mantiqueira (Hoge & Belluomini, 1964).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Parque Estadual de Campos do Jordão e Parque Nacional da Serra da Bocaina.

Biologia da espécie

Tem vida crepuscular e noturna com hábito terrícola, alimentando-se exclusivamente de pequenos mamíferos (Martins et al., 2002). Como outras espécies do gênero, deve se reproduzir na estação chuvosa e, como vive em áreas mais frias, pode ter período de reprodução mais restrito.

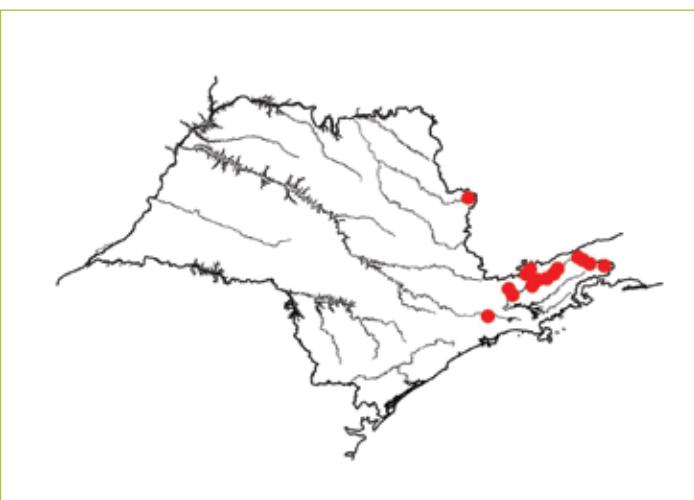
Ameaças

Destrução de habitat.

Medidas para conservação

Refreamento do desmatamento e consolidação e ampliação de unidades de conservação (UCs) em altitudes elevadas das serras do Mar e Mantiqueira.

FOTOGRAFIA: Ivan Sazima



Bothrops insularis (Amaral, 1921)

Squamata, Viperidae



Nome vernacular

Jararaca-ilhoa.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1abv.

Justificativa

Ocorre em área restrita ($0,43 \text{ km}^2$) na ilha da Queimada Grande. O habitat original foi perturbado por ação antrópica. Foi detectada a redução da população natural ao longo dos últimos dez anos. Há indícios de tráfico de animais.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2003): CR; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

A população está restrita à ilha da Queimada Grande, em áreas de floresta ombrófila densa.

Presença em unidades de conservação

Área de Relevante Interesse Ecológico ilhas da Queimada Grande e Queimada Pequena.

Biologia da espécie

Possui acentuado hábito arborícola, com 30% dos espécimes ocupando diversas alturas da vegetação (Martins *et al.*, 2001). Dieta baseada em aves migratórias (80% dos itens predados), mas inclui anfíbios, lagartos e lacraias (Martins *et al.*, 2002; Marques *et al.*, 2002b). As fêmeas possuem hemipênis de tamanho variável, semelhantes aos dos machos (Kasperoviczus *et al.*, 2007), e já foi encontrado um exemplar hermafrodita (Hoge *et al.*, 1959). O acasalamento ocorre principalmente na estação seca (junho e julho). As fêmeas podem parir de dois a 11 filhotes com os nascimentos ocorrendo na segunda metade da estação chuvosa, entre fevereiro e abril (OAV Marques & K Kasperoviczus, obs. pess.). Alguns autores sugerem que o número total de serpentes na ilha varia de 2.000 a 4.000 espécimes (Marques *et al.*, 2002b). Porém, a única estimativa existente (realizada em 2002) indica que existem, aproximadamente, 2.100 indivíduos na ilha (Martins *et al.*, 2008).

Ameaças

Tráfico ilegal de animais.

Medidas para conservação

Fiscalização para coibir o tráfico. Criação de unidade de conservação (UC) como parque estadual ou nacional. O maior fluxo de operadoras de turismo (para mergulho contemplativo na parte submersa da ilha) pode auxiliar no processo de fiscalização. Pesquisa básica e monitoramento da população, manutenção de população *ex situ*.

FOTOGRAFIA: Otavio A. V. Marques





***Bothrops itapetiningae* (Boulenger, 1907)**
Squamata, Viperidae

Nome vernacular

Jararaquinha-do-campo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abii,iii.

Justificativa

Espécie dependente de remanescentes campestres de cerrado, reduzidos a menos de 2% da área original do domínio no Estado, o que equivale a menos de 2.000 km². Sofre com o declínio contínuo na extensão e qualidade do habitat de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): VU; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Endêmica do Cerrado, na porção sul do domínio, em geral correspondendo aos planaltos da alta bacia platina. Em São Paulo, ocorre em regiões de cerrado, em geral em áreas com altitude superior a 500 m. São raros os registros sobre a espécie no Estado nas últimas décadas, possivelmente por depender de campos e campos cerrados bem conservados (Nogueira, 2001; Sawaya et al., 2008).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

É terrícola (Martins et al., 2001), ativa principalmente à noite, mas também durante o dia, e ao longo de praticamente todos os meses do ano, principalmente fevereiro, março e novembro (Sawaya et al., 2008). Sua dieta é generalista, incluindo lacraias, anuros, lagartos, aves e mamíferos (Martins et al., 2002; França et al., 2008). É vivípara, com fecundidade variando de dois a 11 embriões, apresentando folículos ovarianos vitelogênicos entre maio e setembro (Sawaya et al., 2008; CN e RJS obs. pess.). Fêmeas com embriões são encontradas entre outubro e dezembro, quando devem ocorrer os nascimentos (CN e RJS obs. pess.).

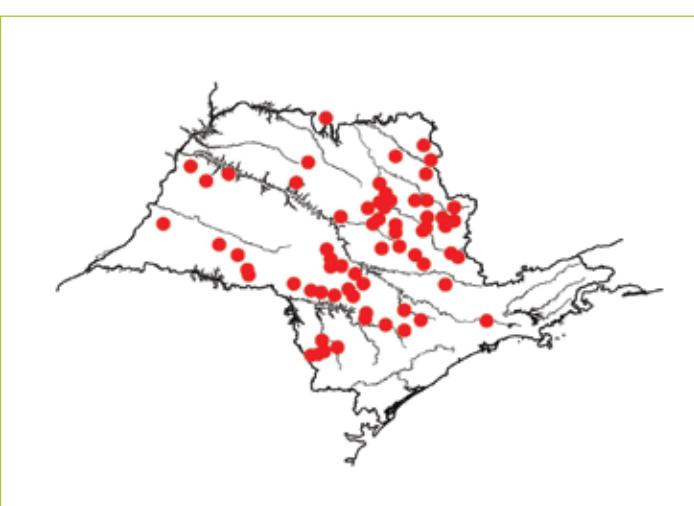
Ameaças

Destrução do habitat natural de cerrado, especialmente as áreas abertas de campo e campo cerrado.

Medidas para conservação

Estudos sobre distribuição geográfica e modelagem de nicho ecológico, mapeamento acurado das áreas campestres de cerrado no Estado e busca pela espécie nesse tipo de remanescente. Controle no avanço de novas áreas de expansão agrícola sobre remanescentes de cerrado. Pesquisas científicas sobre o papel do fogo e de gramíneas exóticas sobre populações da espécie.

FOTOGRAFIA: Otavio A. V. Marques



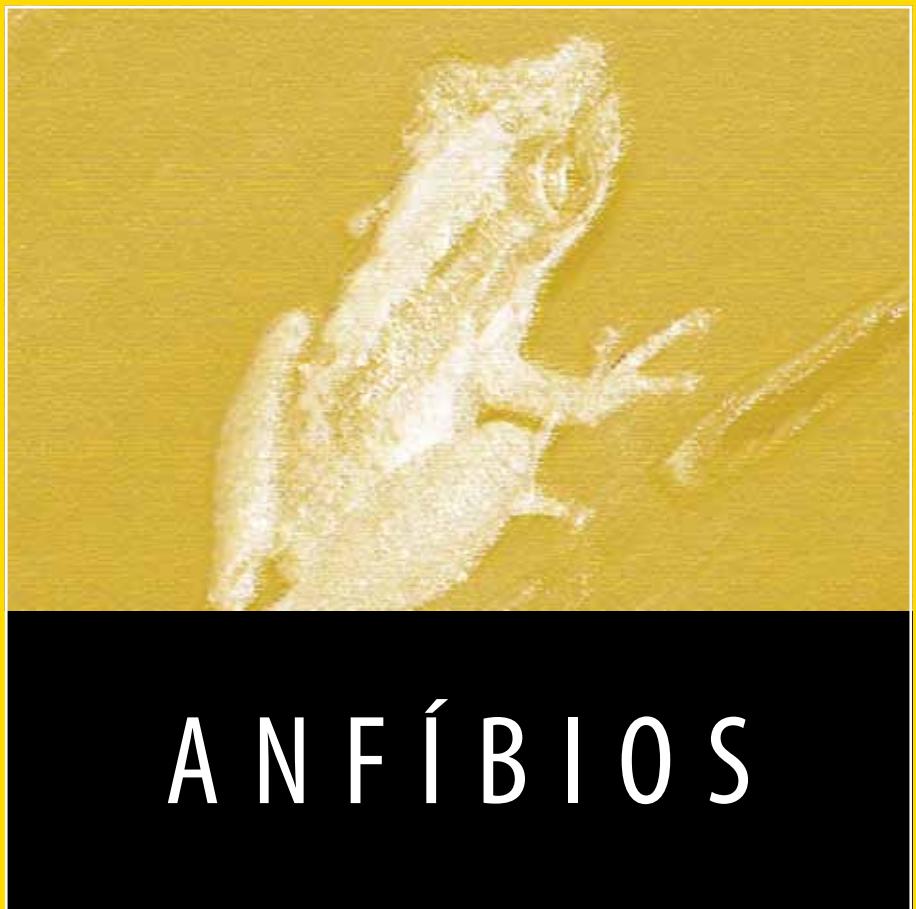
Referências bibliográficas

- Amaral, A. 1978. **Serpentes do Brasil**. Iconografia colorida. São Paulo: Edições Melhoramentos, Instituto Nacional do Livro & EDUSP. 247 p.
- Anjos, L.; Kiefer, M. C. & Sawaya, R. J. 2002. *Kentropyx paulensis* (NCN). Reproduction. **Herpetological Review** 33: 52-52.
- Ávila-Pires, T. C. S. 1995. **Lizards of Brazilian Amazonia** (Reptilia: Squamata). Zoologische Verhandelingen, Leiden 1995. 706 p.
- Bérnulis, R. S.; Moura-Leite, J. C. & Morato, S. A. A. 2004. Répteis; In: Mikich, S. B. & Bérnulis, R.S. (eds.). **Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná**. Curitiba: Instituto Ambiental do Paraná. p. 499-535
- Bjorndal, K. A.; Bolten, A. B. & Martins, H. R. 2000. Somatic growth model of juvenile loggerhead sea turtles *Caretta caretta*: duration of pelagic stage. **Marine Ecology Progress Series** 202: 265-272.
- Bolten, A. B.; Bjorndal, K. A.; Martins, H. R.; Dellinger, T.; Biscoito, M. J.; Encalada, S.E. & Bowen, B. W. 1998. Transatlantic developmental migrations of loggerhead sea turtles demonstrated by mtDNA sequence analysis. **Ecological Applications** 8: 1-7.
- Bowen, B. W.; Abreu-Grobois, F. A.; Balazs, G. H.; Kamezaki, N.; Limpus, C. J. & Ferl, R. J. 1995. Trans-pacific migrations of the loggerhead turtle (*Caretta caretta*) demonstrated with mitochondrial DNA markers. **Proceedings of the National Academy of Sciences of USA** 92: 3731-3734.
- Carr, A. 1995. Notes on the behavioral ecology of sea turtles. In: Bjorndal, K. A. (ed.). **Biology and Conservation of Sea Turtles**. Washington: Smithsonian Institution Press. p. 19-26
- Cei, J. M. 1986. **Reptiles del Centro, Centro-oeste y Sur de la Argentina**. Herpetofauna de las Zonas Áridas y Semíridas. Museo Regionale di Scienze Naturali, Torino, Italia. 638 p.
- Cei J. M. 1993. **Reptiles del Noroeste, Nordeste y Este de la Argentina**. Herpetofauna de las selvas subtropicales, Puna y Pampas. Torino, Museo Regionale di Scienze Naturali, Italia. 949 p.
- Chaloupka, M. Y. & Limpus, C. J. 1997. Robust statistical modelling of hawksbill sea turtle growth rates (southern Great Barrier Reef). **Marine Ecology Progress Series** 146: 1-8.
- Colli, G. R.; Zatz, M. G. & da Cunha, H. J. 1998. Notes on the ecology and geographical distribution of the rare gymnophthalmid lizard, *Bachia bresslaui*. **Herpetologica** 54: 169-174.
- Colli, G. R. & Zamboni, D. S. 1999. Ecology of the worm-lizard *Amphisbaena alba* in the Cerrado of central Brazil. **Copeia** 1999: 733-42.
- Colli, G. R.; Bastos, R. P. & Araújo, A. B. 2002. The character and dynamics of the Cerrado Herpetofauna. In: Oliveira, P. S. & Marquis, R. J. (eds). **The Cerrados of Brazil**: Ecology and Natural History of a Neotropical Savanna. New York. Columbia University Press. p. 223-241
- Colli G. R.; Caldwell, J. P. Costa, G. C.; Gainsbury, A. M.; Garda, A. A.; Mesquita, D. O.; Filho, M. M. R. C.; Soares, A. H. B.; Silva, V. N.; Valdujo, P. H.; Vieira, G. H. C.; Vitt, L. J.; Werneck, F. P.; Wiederhecker, H. C.; & Zatz, M. G. 2003. A new species of *Cnemidophorus* (Squamata, Teiidae) from the Cerrado biome in central Brazil. **Occasional Papers, Sam Noble Oklahoma Museum of Natural History** 14: 1-14.
- Costa, G. C.; Nogueira, C.; Machado, R. & Colli, G. R. 2007. Squamate richness in the Brazilian Cerrado and its environmental-climatic associations. **Diversity and Distributions** 13: 714-724.
- Cunha, O. R. 1981. Sobre *Ophryoessaoides tricristatus* Duméril 1851, com redescrição da espécie e notas sobre ecologia e distribuição na região leste do Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi** 108: 1-23.
- Di-Bernardo, M.; Borges-Martins, M.; Oliveira, R. B. & Pontes, G. M. F. 2007. Taxocenoses de serpentes de regiões temperadas do Brasil. In: L. B. Nascimento & M. E. Oliveira (Eds.). **Herpetologia no Brasil II**. Belo Horizonte: Sociedade Brasileira de Herpetologia, PUC Minas & Conservação Internacional. p. 222-263
- Ernst, C. H.; Lovich, J. E.; & Barbour, R. W. 1994. **Turtles of the United States and Canada**. Washington: Smithsonian Institution Press.
- Ehrhardt, N. M. & Witham, R. 1992. Analysis of growth of the green sea turtle (*Chelonia mydas*) in the western central Atlantic. **Bulletin of Marine Science** 50: 275-281.
- Feltrim, A.C. & Lema, T. 2000. Uma nova espécie de *Cnemidophorus* Wagler, 1830 do Estado do Rio Grande do Sul, Brasil (Sauria, Teiidae). **Biociências** 8: 103-114.
- Ferrarezzi, H. 1994. Nota sobre o gênero *Phalotris* com a revisão do grupo *nasutus* e descrição de três novas espécies (Serpentes, Colubridae, Xenodontinae). **Memórias do Instituto Butantan** 55: 21-38.
- Ferrarezzi, H. 1993. **Sistemática filogenética de Elapomorphus, Phalotris e Apostolepis** (Serpentes, Colubridae, Xenodontinae). Dissertação de Mestrado. São Paulo, SP.
- Ferrarezzi H.; Barbo, F. E. & Albuquerque, C. E. 2005. Phylogenetic relationships of a new species of *Apostolepis* from Brazilian Cerrado with notes on the assimilis group (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae: Elapomorphini). **Papeis Avulsos De Zoologia** 45: 215-29.
- Franco, F. L.; Marques, O. A. V. & Puerto, G. 1997. Two new species of colubrid snakes of the genus *Clelia* from Brazil. **Journal of Herpetology** 31: 483-490.
- Franco, F. L.; Germano, V. J. & Martão, L. R. 2005. Notas sobre o lectótipo de *Bothrops cotiara* (Gomes, 1913) (Serpentes, Viperidae). **Phyllomedusa** 4: 75-78.
- França F. G. R.; Mesquita, D. O.; Nogueira, C. & Araújo, A. F. B. 2008. Phylogeny and Ecology Determine Morphological Structure in a Snake Assemblage in the Central Brazilian

- Cerrado. *Copeia* 2008: 23-38.
- Gallagher, D. S. & Dixon, J. R. 1992. Taxonomic revision of the South American lizard genus *Kentropyx* Spix (Sauria, Teiidae). *Bollettino del Museo regionale di Scienze naturali* 10: 125-171.
- Giraudo, A. R. 2001. *Serpientes de la Selva Paranaense y del Chaco Húmedo*. Buenos Aires: LOLA. 328 p.
- Giugliano L. G.; Contel, E. P. B. & Colli, G. R. 2006. Genetic variability and phylogenetic relationships of *Cnemidophorus parecis* (Squamata, Teiidae) from Cerrado isolates in south-western Amazonia. *Biochemical Systematics and Ecology* 34: 383-91.
- Graham, C. H.; Ferrier, S. F.; Huettmann, F.; Moritz, C. & Peterson, A. T. 2004. New developments in museum-based informatics and applications in biodiversity analysis. *Trends in Ecology & Evolution* 19: 497-503.
- Greene, H. W. 1989. Defensive behavior and feeding biology of the Asian Mock Viper, *Psammodynastes pulverulentus* (Colubridae), a specialized predator on scincid lizards. *Chinese Herpetological Research* 2: 21-32.
- Hirth, H. F. 1980. Some aspects of the nesting behavior and reproductive biology of sea turtles. *American Zoologist* 20: 507-523.
- Hoge, R. A.; Belluomini, H. E.; Schreiber, G. & Penha, A. M. 1959. Sexual abnormalities in *Bothrops insularis*. *Memórias do Instituto Butantan* 29: 17-88.
- Hoge, R. A.; Cordeiro, C. L. & Romano, S. A. L. 1975. Posição taxonômica de *Lystrophis nattereri* (Steindachner). [Serpentes, Colubridae]. *Memórias do Instituto Butantan* 39: 37-50.
- Hoge, R. A. & Belluomini, H. E. 1964. Notas sobre *Bothrops fonsecai* Hoge e Belluomini, *Bothrops alternatus* Duméril, Bibron et Duméril e *Bothrops cotiara* Gomes. *Memórias do Instituto Butantan* 30: 97-102.
- Kasperoviczus, K. N.; Germano, V. J. & Santos, S. M. A. 2007. Hemiclítoris são órgãos funcionais? Estudo dos tamanhos entre hemipênis, hemiclítoris e músculos retratores em *Bothrops insularis*. In: III Congresso Brasileiro de Herpetologia, Belém. *Anais...* Belém, Pará: Sociedade Brasileira de Herpetologia.
- Lema, T. 1994. Lista comentada dos répteis ocorrentes no Rio Grande do Sul, Brasil. *Comunicações do Museu de Ciências e Tecnologia da PUCRS (Zoologia)* 7: 41-150.
- Lema, T. 2002. *Os répteis do Rio Grande do Sul*. Atuais e fósseis, biogeografia, ofidismo. Porto Alegre: EDIPUCRS. 215 p.
- León, Y. M. & BJORNDAL, K. A. 2002. Selective feeding in the hawksbill turtle, an important predator in coral reef ecosystems. *Marine Ecology Progress Series* 245: 249-258.
- Limpus, C. J.; Couper, P. J. & Read, M. A. 1994. The loggerhead turtle, *Caretta caretta*. Queensland: population structure in a warm temperate feeding area. *Memories of the Queensland Museum* 37: 195-204.
- Machado, A. B. M.; Martins, C. S. & Drummond, G. M. 2005. *Lista da fauna brasileira ameaçada de extinção*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas, 160p.
- Marcovaldi, M. A. & Laurent, A. 1996. A six season study of marine turtle nesting at Praia do Forte, Bahia, Brazil, with implications for conservation and management. *Chelonian Conservation and Biology* 2: 55-59.
- Marcovaldi, M. A. & Marcovaldi, G. G. 1999. Marine turtles of Brazil: the history and structure of Projeto TAMAR-IBAMA. *Biological Conservation* 91: 35-41.
- Marques, O. A. V. 1998. *Composição Faunística, História Natural e Ecologia de Serpentes da Mata Atlântica, na Região da Estação Ecológica Juréia-Itatins, São Paulo*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 135 p.
- Marques, O. A. V. & Cavalheiro, J. 1998. *Corallus cropanii*. Habitat and Diet. *Herpetological Review* 29: 170-170.
- Marques, O. A. V.; Martins, M. & Abe, A. S. 1998. Estudo diagnóstico da diversidade de répteis do Estado de São Paulo. In: Castro, R. M. C. (org.). *Biodiversidade do Estado de São Paulo - Síntese do conhecimento ao final do século XX*. FAPESP. p. 29-38
- Marques, O. A. V.; Eterovic, A. & Sazimal. 2001. *Serpentes da Mata Atlântica. Guia Ilustrado para a Serra do Mar*. Ribeirão Preto: Holos Editora. 184 p.
- Marques, O. A. V.; Martins, M. & Sazima, I. 2002a. A new insular species of pitvipers from Brazil, with comments on evolutionary and conservation of the *Bothrops jararaca* group. *Herpetologica* 58: 303-312.
- Marques, O. A. V.; Martins, M. & Sazimal. 2002b. A jararaca da Ilha da Queimada Grande. 2002. *Ciência Hoje* 31: 56-59.
- Marques, O. A. V.; Eterovic, A.; Srüssmann, C. & Sazima, I. 2005. *Serpentes do Pantanal*. Guia Ilustrado. Ribeirão Preto: Holos Editora. 179 p.
- Marques, O. A. V.; Sawaya, R. J.; Stender-Oliveira, F. & França, F. G. R. 2006. Ecology of the colubrid snake *Pseudalsabes agassizii* in south-eastern South America. *Herpetological Journal* 16: 37-45.

- Martins, M.; Araújo, M. S.; Sawaya, R. J. & Nunes, R. 2001. Diversity and evolution of macrohabitat use, body size and morphology in a monophyletic group of Neotropical pitvipers (*Bothrops*). *Journal of Zoology* **254**:529-538.
- Martins, M.; Marques, O. A. V. & Sazima, I. 2002. Ecological and phylogenetic correlates of feeding habits in Neotropical pitvipers (Genus *Bothrops*). In: Schuett, G. W.; Höggren, M.; Douglas, M. E. & Greene, H. W. (eds.). **Biology of the vipers**. Eagle Mountain. Eagle Mountain Publishing. p. 307-328
- Martins, M.; Sawaya, R. J. & Marques, O. A. V. 2008. A first estimate of the population size of the critically endangered lancehead, *Bothrops insularis*. *South American Journal of Herpetology* **3**: 168-174.
- Mesquita, D. O.; Péres Jr., A. K.; Vieira, G. H. C. & Colli, G. R. 2000. *Mabuya guaporicola*. Natural History. *Herpetological Review* **31**: 240-1.
- Mittermeier, R. A.; Myers, N. & Mittermeyer G. C. 1999. **Hotspots earth's biologically richest and most endangered terrestrial ecoregions**. New York: CEMEX, Conservation International. 430p.
- Moncada, F.; Carrillo, E.; Saenz, A. & Nodarse, G. 1999. Reproduction and nesting of the hawksbill turtle, *Eretmochelys imbricata*, in the Cuban archipelago. *Chelonian Conservation and Biology* **3**: 257-263.
- Morato S. A. A.; Moura-Leite, J. C. & Bérnuls, R. S. 1995. Répteis ameaçados de extinção no Paraná; In: Tossulino, M. P. et al. (org.). **Lista vermelha de animais ameaçados de extinção no Estado do Paraná**. Curitiba: SEMA/GTZ. p. 131-141
- Moura-Leite, J. C. 2001. **Sistemática e análise filogenética das serpentes da Tribo Xenodontini Bonaparte, 1845 (Colubridae: Xenodontinae)**. Tese de Doutorado. Universidade Federal do Paraná, Curitiba. 158 p.
- Nogueira, C. 2001. **Ecologia histórica de Bothrops spp. (Serpentes: Viperidae: Crotalinae) simpáticas no Cerrado**. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo.
- Nogueira, C.; Valdujo, P. H. & França, F. G. R. 2005. Habitat variation and lizard diversity in a Cerrado area of Central Brazil. *Studies on Neotropical Fauna and Environment* **40**: 105-112.
- Nogueira, C. 2006. **Diversidade e padrões de distribuição da fauna de lagartos do Cerrado**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo. 295 p.
- Nogueira, C. & Rodrigues, M. T. 2006. The genus *Stenocercus* (Squamata: Tropiduridae) in extra-amazonian Brazil, with the description of two new species. *South American Journal of Herpetology* **1**: 149-65.
- Nogueira, C.; Colli, G. R. & Martins, M. 2009. Local richness and distribution of the lizard fauna in natural habitat mosaics of the Brazilian Cerrado. *Austral Ecology* **34**: 83-96.
- NRC (National Research Council). 1990. **Decline of the sea turtles: causes and prevention**. Washington: National Academy Press.
- Olmos, F. & Galetti, M. 2004. A conservação e o futuro da Juréia: isolamento ecológico e impacto humano. In: O. A. V. Marques & W. Duleba (eds). **Estação Ecológica Juréia-Itatins, Ambiente Físico, Flora e Fauna**. Ribeirão Preto, Holos Editora. p. 360-377.
- Parham, J. F. & Zug, G. R. 1997. Age and growth of loggerhead sea turtles (*Caretta caretta*) of costal Georgia: an assessment of skeletochronological age-estimates. *Bulletin of Marine Sciences* **61**: 287-304.
- Parpinelli, L. 2008. **História natural da cobra cega Liophidium beui (Serpentes: Anomalepididae)**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto. 68 p.
- Pizzatto, L.; Marques, O. A. V. & Martins, M. 2007. Ecomorphology of Boine snakes, with emphasis on South American forms. In: Henderson, R. W. & Powell, R. (org.). **Biology of the Boas and Pythons**. Utah: Eagle Mountain Publishing, LC. p. 35-48.
- Puerto, G. & Ferrarezi, H. 1993. Uma nova espécie de *Phalotris* Cope, 1862, com comentários sobre o grupo *bilineatus* (Serpentes, Colubridae, Xenodontinae). *Memórias do Instituto Butantan* **55**: 39-46.
- Rebouças-Spieker, R. 1974. Distribution and differentiation of animals along the coast and in continental islands of the state of São Paulo, Brazil. 2. Lizards of the genus *Mabuya* (Sauria, Scincidae). *Papéis Avulsos de Zoologia, São Paulo* **28**: 197-240.
- Recoder, R. & Nogueira, C. 2007. Composição e diversidade de Répteis Squamata na região sul do Parque Nacional Grande Sertão Veredas, Brasil Central. *Biota Neotropical* **7**: 267-78.
- Rodrigues, M. T. 1996. A new species of *Micrablepharus* (Squamata: Gymnophthalmidae), from Brazil. *Herpetologica* **52**: 535-41.
- Rodrigues, M. T.; Camacho, A.; Nunes, P. M. S.; Recoder, R. S.; Teixeira Jr., M.; Valdujo, P. H.; Hellere, J. M.; Mott, T. & Nogueira, C. 2008. A new species of the lizard genus *Bachia*

- from the Cerrados of Central Brazil. **Zootaxa** **1875**: 39-50.
- Ruibal, R. 1952. Revisionary studies of some South American Teiidae. **Bulletin of the Museum of Comparative Zoology** **106**: 477–529.
- Sawaya, R. J. 2004. **História Natural e Ecologia das Serpentes de Cerrado da Região de Itirapina – SP**. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas. 145 p.
- Sawaya, R. J.; Marques, O. A. V. & Martins, M. 2008. Composition and natural history of a Cerrado snake assemblage at Itirapina, São Paulo state, southeastern Brazil. **Biota Neotropica** **8**: 129-151.
- SEMA-IF, 2005. **Inventário Florestal da vegetação natural do Estado de São Paulo**. São Paulo, Secretaria do Meio Ambiente e Instituto Florestal. 200 p.
- SBH. 2008. **Brazilian reptiles** – List of species. Disponível em <<http://www.sbherpetologia.org.br>>. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acessado em 31 out.2008.
- Thomas R. A.; Bérnails, R. S.; Moura-Leite, J. C. & Morato, S. A. A. 2006. Redescription of *Ditaxodon taeniatus* (Hensel, 1868) (Serpentes, Colubridae, Xenodontinae): variation, relationships, and distribution. **South American Journal of Herpetology** **1**: 94–101.
- Thomas, R. A. & Fernandes, R. 1996. The systematic status of *Platyinon lividum* Amaral, 1923 (Serpentes: Colubridae: Xenodontinae). **Herpetologica** **52**:271-275.
- Torres-Carvajal, O. 2005. A new species of *Stenocercus* (Squamata: Iguania) from central-western Brazil with a key to Brazilian *Stenocercus*. **Phyllomedusa** **4**: 123-32.
- Uetanabaro, M.; Souza, F. L.; Landref Filho, P.; Beda, A. F. & Brandão, R. A. Amphibians and reptiles of the Serra da Bodoquena National Park, Mato Grosso do Sul, central Brazil. **Biota Neotropica** **7**: 279-289.
- Uetz, P. & Hallermann, J. 2008. **The TIGR Reptile Database**. Peter Uetz e JCVI. Disponível em: <<http://www.reptile-database.org>>. Acesso em 31 out.2008.
- Valdujo, P. H. & Nogueira, C. 1999. *Philodryas livida*. Geographic Distribution. **Herpetological Review** **30**: 55-56.
- Vanzolini, P. E. 1948. Notas sobre os ofídios e lagartos de Emas, no município de Pirassununga, Estado de São Paulo. **Revista Brasileira de Biologia** **8**: 377-400.
- Vanzolini, P. E. 1994. A new species of *Amphisbaena* from the state of São Paulo (Reptilia, Amphisbaenia, Amphisbaenidae). **Papéis Avulsos de Zoologia, São Paulo** **39**: 29–32.
- Vanzolini, P. E. & R. Rebouças-Spieker, R. 1976. Distribution and differentiation of animals along the coast and in continental islands of the state of São Paulo, Brazil. 3. Reproductive differences between *Mabuya caissara* and *Mabuya macrorhyncha* (Sauria, Scincidae). **Papéis Avulsos de Zoologia** **29**: 95-109.
- Vitt, L. J. 1991. An introduction to the ecology of Cerrado lizards. **Journal of Herpetology** **25**: 79-90.
- Vitt, L. J.; Sartorius, S. S.; Avila-Pires, T. C. S.; Espósito, M. C. & Miles, D. B. 2000. Niche segregation among sympatric Amazonian teiid lizards. **Oecologia** **122**:410–420.
- Vrcibradic, D. & Rocha, C. F. D. 1998. The ecology of the skink *Mabuya frenata* in an area of rock outcrops in southeastern Brazil. **Journal of Herpetology** **32**: 229-237.
- Zug, G. R. & Parham, J. F. 1996. Age and growth in leatherback turtles, *Dermochelys coriacea* (Testudines: Dermochelyidae): a skeletochronological analysis. **Chelonian Conservation and Biology** **2**: 244-249.
- Zug, G. R.; Balazs, G. H.; Wetherall, J. A.; Parker, D. M. & Murakawa, S. K. K. 2002. Age and growth of Hawaiian green sea turtles (*Chelonia mydas*): an analysis based on skeletochronology. **Fishery Bulletin** **100**: 117-127.
- Zug, G. R.; Chaloupka, M. & Balazs, G. H. 2006. Age and growth in olive ridley seaturtles (*Lepidochelys olivacea*) from the North-central Pacific: a skeletochronological analysis. **Marine Ecology** **27**: 263-270.



ANFÍBIOS

Autores

Paulo C. A. Garcia
Ricardo J. Sawaya
Itamar A. Martins
Cinthia A. Brasileiro
Vanessa K. Verdade
Jorge Jim
Magno V. Segalla
Marcio Martins
Denise C. Rossa-Feres
Célio F. B. Haddad
Luis Felipe Toledo
Cinthia P. A. Prado
Bianca M. Berneck
Olívia G. S. Araújo

Agradecimentos

Agradecemos a João Paulo Pires pela colaboração durante a preparação do capítulo.

Introdução

O sanfíbios pertencem ao terceiro grupo mais diverso de vertebrados terrestres, com 6.347 espécies conhecidas no mundo, distribuídas nas Ordens Caudata (salamandras e tritões) com 571 espécies, Gymnophiona (cecílias ou cobras-cegas) com 174 espécies, e Anura (sapos, rãs e pererecas) com 5.602 espécies (Frost, 2008). No Brasil, são registradas 841 espécies, o que corresponde a pouco mais de 13% da fauna mundial de anfíbios, incluindo uma salamandra, 27 cecílias e 813 anuros (SBH, 2008).

Pouco mais de 230 espécies de anfíbios, ou cerca de 27% do total de espécies registradas no Brasil, são registradas no Estado de São Paulo, algumas ainda não adequadamente identificadas e possivelmente novas para a ciência. Entre essas espécies, seis são cecílias e 225 são anuros nativos, além de um anuro exótico. Cerca de 12% das espécies do Estado (27) são endêmicas, a grande maioria ocupando áreas altas das serras do Mar e da Mantiqueira ou as ilhas continentais. O número de espécies conhecidas atualmente em São Paulo representa um incremento de cerca de 50 espécies (cerca de 22%) em relação às 180 espécies registradas na primeira avaliação da riqueza de anfíbios do Estado (Haddad, 1998). Este acréscimo no número de espécies se deve à descrição de novos táxons (p. ex. Brasileiro *et al.*, 2007a, b; Giareta & Costa, 2007; Toledo *et al.*, 2007; Berneck *et al.*, 2008), à ampliação de distribuição de táxons até então não registrados no Estado (ex. Marques *et al.*, 2006; Sawaya & Haddad, 2006; Araújo *et al.*, 2007a, b; Gressler *et al.*, 2008; Prado *et al.*, 2008), ou ainda provenientes de revisões taxonômicas (ex. Baldissera Jr *et al.*, 2004; Feio *et al.*, 2006).

Cerca de 25% das espécies de anfíbios que ocorrem no Estado apresentam plasticidade na ocupação de ambientes, sendo encontradas em mais de uma fitofisionomia ou em mais de um bioma. A grande maioria, no entanto, apresenta distribuição restrita por suas características biológicas e evolutivas ou devido à falta de amostragens detalhadas. A fauna de anfíbios sob influência de áreas de Mata Atlântica de encosta e baixada litorânea (floresta ombrófila), que ocorrem nas serras do Mar, da Mantiqueira e de Paranapiacaba, e nas áreas de restinga e ilhas litorâneas, é de longe a mais rica do Estado com 188 espécies conhecidas, das quais 143 são de ocorrência exclusiva dessas formações. A Mata Atlântica do interior do Estado (floresta estacional semidecidual) apresenta uma riqueza consideravelmente menor, com 69 espécies conhecidas, mas

apenas sete exclusivas. A fauna de Cerrado apresenta uma riqueza ainda menor, com 53 espécies conhecidas, mas com 19 espécies de ocorrência exclusiva dessa formação no Estado.

A partir da avaliação de 225 espécies de anfíbios listadas no Estado de São Paulo foi possível reconhecer 11 táxons ameaçados de extinção, o que corresponde a cerca de 5% do universo avaliado. A perereca *Phrynomedusa fimbriata* é considerada extinta desde a publicação da lista brasileira de espécies ameaçadas (IBAMA, 2003; Machado *et al.*, 2005). Desde então, não foram obtidas novas informações sobre a espécie, que continua a ser considerada extinta no Estado, de acordo com as recomendações da IUCN para listas regionais. Cinco espécies são exclusivas ou endêmicas de quatro ilhas continentais (*Cycloramphus faustoi*, *Scinax alcatraz*, *Scinax faiovichii* e *Scinax peixotoi*) e uma (*Stereocyclops parkeri*) com uma única população conhecida no Estado, em área de restinga na Ilha de São Sebastião, município de Ilhabela.

Todas essas espécies insulares ocorrem em áreas com elevada perturbação antrópica. *Hylodes magalhaesi* e *Paratelmatobius gaigeae* ocorrem no interior da mata em áreas restritas nas serras da Mantiqueira e Bocaina, respectivamente. Ambas apresentam populações aparentemente estáveis, mas, em poucas localidades e em áreas cada vez mais fragmentadas. Já *Cycloramphus semipalmatus* e *Crossodactylus dispar* são as únicas espécies do Estado para as quais há evidências de declínio populacional. A primeira, com distribuição mais restrita à porção noroeste da Serra do Mar, não tem sido encontrada desde a década de 80 em duas das áreas onde ocorre, ambas áreas de preservação. A segunda, embora com distribuição mais ampla, também não tem sido registrada em duas das três localidades onde era encontrada.

Hypsiboas cymbalum apresenta situação semelhante àquela de *Phrynomedusa fimbriata*. A espécie é conhecida apenas da série-tipo, proveniente de área altamente perturbada. No entanto, como várias relacionadas, como *Hypsiboas prasinus* e *Hypsiboas polytaenius*, é relativamente tolerante à perturbação, ocorrendo em áreas com certo grau de degradação. Além disso, não há esforço recente para a localização dessa espécie, que é avaliada como Criticamente em Perigo, mantendo a classificação da lista nacional. Apenas uma espécie, entre todas as listadas como ameaçadas, pertence ao domínio do Cerrado: *Odontophrynus matoroai*. Embora recentemente tenha tido sua área de distribuição estendi-

da (Brasileiro *et al.*, 2008), continua figurando na categoria Vulnerável.

Sete espécies de anfíbios foram incluídas na categoria Quase Ameaçada (NT), classificadas em apenas um dos critérios de ameaça (B1a), uma vez que não temos informações sobre o seu *status* populacional. A partir de informações mais detalhadas, essas espécies poderão ser incluídas em alguma categoria de ameaça ou serem retiradas dessa lista. Como já observado na lista nacional, grande parte dos anfíbios (45 espécies, ou 20% do total) foi considerada sem informação suficiente para ser avaliada e foi incluída na categoria Dados Deficientes (DD).

A maioria das espécies incluídas nessa categoria apresenta problemas taxonômicos (ex. *Brachycephalus nodoterga*, *Crossodactylus* sp., *Dendropsophus limai* e *Pseudopaludicola riopiedadensis*) ou de amostragem. Os problemas de amostragem envolvem, em geral, três situações distintas: 1) espécies taxonomicamente bem definidas, que apresentam distribuições reais ou potenciais amplas mas que são conhecidas em poucas localidades no Estado (ex. *Trachycephalus imitatrix* e *Barycholos ternetzi*); 2) espécies que ocorrem em outros estados, mas apresentam distribuição marginal em São Paulo, sendo registradas recentemente (ex. *Gastrotheca albolineata*, *Melanophryniscus moreirae* e *Phyllomedusa ayeaye*); e 3) espécies endêmicas do Estado, conhecidas em poucas localidades mas que podem ter sua distribuição subestimada por falta de

amostragens de campo (ex. *Paratelmatobius Mantiqueira* e *Trachycephalus lepidus*), já que não se observa extensa perturbação em sua área de ocorrência. Assim, são necessários trabalhos taxonômicos mais aprofundados e amostragens de campo nas áreas prováveis de ocorrência dessas espécies, para que se possa obter informações que permitam avaliar de modo seguro o status de conservação de cada uma delas.

A avaliação atual modificou a lista prévia das espécies de anfíbios ameaçadas de 1998. Duas espécies (*Bokermannohyla izechsohni* e *Hylodes sazimai*) foram retiradas da lista anterior devido ao aumento de conhecimento sobre o status de suas populações e distribuição geográfica. Três espécies das cinco incluídas na primeira lista foram mantidas na lista atual, em categorias ligeiramente diferentes, e oito novas espécies foram incluídas. Esse acréscimo no número de espécies listadas não reflete necessariamente um aumento nos riscos de ameaça às populações de anfíbios, sendo também decorrência da aplicação de critérios mais objetivos. Além disso, o acréscimo recente de jovens pesquisadores formados em instituições de pesquisa e pós-graduação do Estado e o surgimento de novos veículos de divulgação científica, que valorizam a apresentação de dados de distribuição geográfica e de inventários de fauna, têm proporcionado um grande incremento na disponibilidade de informações mais detalhadas e precisas sobre as espécies. ■

Tabelas de Anfíbios

Tabela 1. Anfíbios ameaçados de extinção no Estado de São Paulo

Família	Espécie	Nome vernacular	Cat.
Cycloramphidae	<i>Cycloramphus faustoi</i> Brasileiro, Haddad, Sawaya & Sazima, 2007	rã-achatada-de-Alcatrazes-de-Fausto	CR
Cycloramphidae	<i>Cycloramphus semipalmatus</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	rã-achatada-de-cachoeira-de-Paranapiacaba	VU
Cycloramphidae	<i>Odontophrynus moratoi</i> Jim & Caramaschi, 1980	sapo-escavador-do-Cerrado-de-Morato	VU
Hylidae	<i>Hypsiboas cymbalum</i> (Bokermann, 1963)	perereca-gladiadora-de-sino	CR
Hylidae	<i>Phrynomedusa fimbriata</i> Miranda-Ribeiro, 1923	perereca-verde-de-riacho-de-Paranapiacaba	RE
Hylidae	<i>Scinax alcatraz</i> (B. Lutz, 1973)	pererequinha-de-Alcatrazes	CR
Hylidae	<i>Scinax faivovichi</i> Brasileiro, Oyamaguchi & Haddad, 2007	pererequinha-da-ilha-dos-Porcos-de-Faivovich	CR
Hylidae	<i>Scinax peixotoi</i> Brasileiro, Haddad, Sawaya & Martins, 2007	pererequinha-da-Queimada-Grande-de-Peixoto	VU
Hylodidae	<i>Crossodactylus dispar</i> A. Lutz, 1925	rãzinha-de-riacho-distinta	EN
Hylodidae	<i>Hylodes magalhaesi</i> (Bokermann, 1964)	rã-de-cachoeira-de-Magalhães	VU
Leptodactylidae	<i>Paratelmatobius gaigeae</i> (Cochran, 1938)	rãzinha-de-barriga-colorida-da-Bocaina	VU
Microhylidae	<i>Stereocyclops parkeri</i> (Wettstein, 1934)	rã-da-baixada-bicuda-de-Parker	EN

Tabela 2. Anfíbios “Quase Ameaçados” (NT) de extinção no Estado de São Paulo

Família	Espécie	Nome vernacular
Cycloramphidae	<i>Cycloramphus dubius</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	rã-achatada-de-cachoeira-da-Serra-do-Mar
Cycloramphidae	<i>Cycloramphus juimirim</i> Haddad & Sazima, 1989	rã-achatada-de-cachoeira-da-Jureia
Hylidae	<i>Bokermannohyla ahenea</i> (Napoli & Caramaschi, 2004)	perereca-gladiadora-da-Bocaina
Hylodidae	<i>Hylodes dactylocinus</i> Pavan, Narvaes & Rodrigues, 2001	rã-de-riacho-pequena-da-Jureia
Hylodidae	<i>Megaelosia massarti</i> (Witte, 1930)	rã-grande-de-cachoeira-de-Paranapiacaba
Leiuperidae	<i>Physalaemus barrioi</i> Bokermann, 1967	rã-chorona-de-Barro
Leiuperidae	<i>Physalaemus jordanensis</i> Bokermann, 1967	rã-chorona-de-Campos-do-Jordão

Tabela 3. Espécies de anfíbios com “Dados Deficientes” (DD) no Estado de São Paulo

Família	Espécie	Nome vernacular
Amphignathodontidae	<i>Gastrotheca albolineata</i> (Lutz & Lutz, 1939)	perereca-marsupial-com-linha-branca
Brachycephalidae	<i>Brachycephalus nodoterga</i> Miranda-Ribeiro, 1920	sapinho-pingo-de-ouro-verde
Brachycephalidae	<i>Brachycephalus vertebralis</i> Pombal, 2001	sapinho-pingo-de-ouro
Brachycephalidae	<i>Ischnocnema hoehnei</i> (B. Lutz, 1958)	rãzinha-de-folhiço-de-Hoehne
Brachycephalidae	<i>Ischnocnema nasuta</i> (A. Lutz, 1925)	rãzinha-de-folhiço-bicuda
Brachycephalidae	<i>Ischnocnema pusilla</i> (Bokermann, 1967)	rãzinha-de-folhiço-anã
Bufonidae	<i>Melanophryniscus moreirae</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	sapinho-de-barriga-vermelha-de-Moreira
Bufonidae	<i>Rhinella rubescens</i> (A. Lutz, 1925)	sapo-avermelhado
Cycloramphidae	<i>Cycloramphus boraceiensis</i> Heyer, 1983	rã-achatada-de-cachoeira-de-Boraceia

Tabela 3. Espécies de anfíbios com “Dados Deficientes” (DD) no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Família	Espécie	Nome vernacular
Cycloramphidae	<i>Cycloramphus carvalhoi</i> Heyer, 1983	rã-achatada-de-cachoeira-de-Carvalho
Cycloramphidae	<i>Cycloramphus izecksohni</i> Heyer, 1983	rã-achatada-de-cachoeira-de-Izecksohn
Cycloramphidae	<i>Cycloramphus stejnegeri</i> (Noble, 1924)	rã-achatada-de-folhiço-de-Stejneger
Cycloramphidae	<i>Thoropa petropolitana</i> (Wandolleck, 1907)	rã-das-pedras-de-Petrópolis
Cycloramphidae	<i>Zachaenus parvulus</i> (Girard, 1853)	rãzinha-disco-do-folhiço
Hylidae	<i>Aplastodiscus ehrhardti</i> (Müller, 1924)	perereca-flautinha-de-Ehrhardt
Hylidae	<i>Bokermannohyla clepsydra</i> (A. Lutz, 1925)	perereca-gladiadora-relógio-d'água
Hylidae	<i>Bokermannohyla sazimai</i> (Cardoso & Andrade, 1982)	perereca-gladiadora-de-Sazima
Hylidae	<i>Dendropsophus limai</i> (Bokermann, 1962)	pererequinha-de-Lima
Hylidae	<i>Dendropsophus rhea</i> (Napoli & Caramaschi, 1999)	pererequinha-de-Emas
Hylidae	<i>Hypsiboas punctatus</i> (Schneider, 1799)	perereca-gladiadora-verde-de-pontos-vermelhos
Hylidae	<i>Phrynomedusa bokermanni</i> Cruz, 1991	perereca-verde-de-riacho-de-Bokermann
Hylidae	<i>Phrynomedusa vanzolinii</i> Cruz, 1991	perereca-verde-de-riacho-de-Vanzolini
Hylidae	<i>Phyllomedusa ayeaye</i> (B. Lutz, 1966)	perereca-macaco-reticulada
Hylidae	<i>Phyllomedusa azurea</i> Cope, 1862	perereca-macaco-azulada
Hylidae	<i>Scinax ariadne</i> (B. Lutz, 1973)	pererequinha-risadinha-de-Ariadne
Hylidae	<i>Scinax atratus</i> (Peixoto, 1989)	pererequinha-de-bromélia-escura
Hylidae	<i>Scinax brieni</i> (Witte, 1930)	pererequinha-de-Paranapiacaba
Hylidae	<i>Scinax jureia</i> (Pombal & Gordo, 1991)	pererequinha-da-Jureia
Hylidae	<i>Trachycephalus imitatrix</i> (Miranda-Ribeiro, 1926)	perereca-grudenta-imitadora
Hylidae	<i>Trachycephalus lepidus</i> (Pombal, Haddad & Cruz, 2003)	perereca-grudenta-cascuda
Hylodidae	<i>Crossodactylus gaudichaudii</i> Duméril & Bibron, 1841	rãzinha-de-riacho-de-Gaudichaud
Hylodidae	<i>Crossodactylus grandis</i> B. Lutz, 1951	rãzinha-de-riacho-grande
Hylodidae	<i>Hylodes aff. ornatus</i>	rã-de-riacho
Hylodidae	<i>Hylodes cf. lateristrigatus</i>	rã-de-riacho
Hylodidae	<i>Hylodes mertensi</i> (Bokermann, 1956)	rã-de-riacho-de-Mertens
Hylodidae	<i>Megaelosia bocainensis</i> Giaretta, Bokermann & Haddad, 1993	rã-grande-de-riacho-da-Bocaina
Hylodidae	<i>Megaelosia jordanensis</i> (Heyer, 1983)	rã-grande-de-riacho-de-Campos-do-Jordão
Leiuperidae	<i>Physalaemus signifer</i> (Girard, 1853)	rãzinha-chorona-de-seta
Leiuperidae	<i>Pseudopaludicola riopiedadensis</i> Mercadal de Barrio & Barrio, 1994	rãzinha-do-banhado-de-Rio-Piedade
Leptodactylidae	<i>Paratelmatoös mantiqueira</i> Pombal & Haddad, 1999	rãzinha-de-barriga-colorida-da-Mantiqueira
Microhylidae	<i>Arcovomer passarelli</i> Carvalho, 1954	rãzinha-bicuda-de-Passarelli
Microhylidae	<i>Chiasmocleis carvalhoi</i> Cruz, Caramaschi & Izecksohn, 1997	rã-guardinha-de-Carvalho
Microhylidae	<i>Chiasmocleis mantiqueira</i> Cruz, Feio & Cassini, 2007	rã-guardinha-da-Mantiqueira
Strabomantidae	<i>Barycholos ternetzi</i> (Miranda Ribeiro, 1937)	rãzinha-da-mata-de-Ternetz
Strabomantidae	<i>Holoaden luederwaldti</i> Miranda-Ribeiro, 1920	sapinho-granuloso-de-Luederwaldt



***Cycloramphus faustoi* Brasileiro,
Haddad, Sawaya & Sazima, 2007**
Anura, Cycloramphidae

Nome vernacular

Rã-achatada-de-Alcatrazes-de-Fausto.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1abiii+2abiii.

Justificativa

Ocorre em área restrita (1,35 km²). O habitat original foi reduzido em função dos exercícios de tiro efetuados pela Marinha, que ocasionam incêndios na ilha.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Restrita à Ilha dos Alcatrazes, possivelmente em uma única área reduzida de vale, no Saco do Funil, em floresta ombrófila densa.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Encontrada em leito seco de riacho, formado por rochas grandes, em pequeno vale, no qual a água escorre durante a estação chuvosa (Brasileiro et al., 2007a). Machos e fêmeas podem ser encontrados sobre as rochas, expostos, ou em frestas úmidas de rochas, onde depositam seus ovos e se escondem quando perturbados (Brasileiro et al., 2007a; R. J. Sawaya, obs. pess.). Foi encontrada ativa nos meses de março, agosto e setembro, e a atividade de vocalização de cinco machos em frestas de rochas foi registrada em uma noite de agosto, após uma tarde chuvosa; na mesma noite uma fêmea foi observada protegendo um ninho com 31 ovos, depositados em uma fresta de rocha (Brasileiro et al., 2007). Parece ser uma espécie rara na ilha, com no máximo 11 indivíduos observados em uma noite (Brasileiro et al., 2007a).

Ameaças

Bombardeios no habitat realizados periodicamente pela Marinha do Brasil.

Medidas para conservação

Suspensão dos tiros efetuados pela Marinha e manejo das áreas destruídas pelos bombardeios e incêndios para acelerar a regeneração da mata original.

FOTOGRAFIA: RJ Sawaya



Cycloramphus semipalmatus

(Miranda-Ribeiro, 1920)

Anura, Cycloramphidae

Nome vernacular

Rã-de-cachoeira-de-Paranapiacaba.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiii.

Justificativa

Espécie endêmica e conhecida apenas na porção norte da região litorânea de São Paulo, onde ocorre estritamente associada a riachos encachoeirados no interior de florestas na Serra do Mar. Coletas posteriores à década de 80 falharam em registrar exemplares em duas localidades (Estação Biológica de Boraceia e Reserva Biológica de Paranapiacaba) onde indivíduos dessa espécie eram comuns no passado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Estação Biológica de Boraceia, Salesópolis; Casa Grande, Salesópolis; Caminho do Mar, Ribeirão Pires; Estação Ferroviária Campo Grande, Santo André, São Paulo; Paranapiacaba, Santo André; Engenheiro Ferraz, Rio Grande da Serra. Mata Atlântica (floresta ombrófila densa).

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar, Estação Biológica de Boraceia, Reserva Biológica de Paranapiacaba.

Biologia da espécie

Cycloramphus semipalmatus vive nas rochas emergentes em riachos encachoeirados. Sua biologia é pouco conhecida. É uma espécie noturna, cujos machos vocalizam na estação chuvosa. A dieta, reprodução e larva não são conhecidas, mas a semelhança com seus congêneres e o habitat que ocupa sugerem que alimenta-se de artrópodes e pequenos vertebrados, que a desova é depositada sobre as rochas úmidas, os machos são territoriais e protegem os ovos, e que os girinos são semiterrestres, alimentando-se sobre as rochas na zona de respingo das cachoeiras.

Outras informações

Na Estação Biológica de Boraceia, *C. semipalmatus* era encontrado sempre em riachos encachoeirados e nunca nos paredões rochosos úmidos da pedreira (Heyer *et al.*, 1990).

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para conservação

Pesquisa científica; proteção do habitat.





Odontophrynus moratoi
Jim & Caramaschi, 1980
Anura, Cycloramphidae

Nome vernacular

Sapo-escavador-do-Cerrado-de-Morato.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2+B1abiii.

Justificativa

Apresenta populações em somente duas localidades conhecidas nos municípios de Botucatu, localidade-tipo, e Brotas, na Estação Ecológica de Itirapina. Em Botucatu, não há registro da espécie há mais de 10 anos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2003): CR; São Paulo (1998): VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre em área de Cerrado acima de 700 m de altitude, em brejos próximo a matas de galeria e campo sujo (Brasileiro *et al.*, 2008).

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica de Itirapina.

Biologia da espécie

É a menor espécie do gênero, apresentando comprimento rostrocloacal médio de 27,6 mm (24,7 - 31 mm) nos machos adultos e fêmeas com 36 mm (32,1 - 41,6 mm). A época reprodutiva inicia-se em meados de outubro e vai até fevereiro, com período de maior atividade de vocalização e reprodução ocorrendo entre novembro e dezembro. Apresenta atividade de vocalização tanto durante o dia como à noite. Os adultos ocorrem em áreas abertas com vegetação de gramíneas. Vocalizam no chão parcialmente coberto por folhas mortas e gravetos e também em solo nu com terra arenosa granular em brejo de água permanente. Os machos vocalizam próximo, mas não junto à água, geralmente junto a uma touceira de capim. Os girinos são encontrados em águas rasas e ferruginosa de lento escoamento por entre os rizomas de taboas, único ambiente ocupado (Jim & Caramaschi, 1980; Rossa-Feres & Jim, 1996; Brasileiro *et al.*, 2008).

Ameaças

Destrução de habitat, substituição da vegetação nativa por pastagem ou cultivos, e drenagem de áreas de brejo devido ao avanço da urbanização.

Medidas para conservação

Recuperação, pelo menos em parte, do habitat favorável à atividade reprodutiva e do desenvolvimento larval, na esperança de retorno de indivíduos da espécie. Desenvolver programas de pesquisas para descobrir outras áreas favoráveis onde a espécie ainda esteja presente. Na localidade-tipo, Distrito de Rubião Júnior, Botucatu, a situação é alarmante. Propor unidade de conservação compatível com a situação.

FOTOGRAFIA: RJ Sawaya



Hypsiboas cymbalum (Bokermann, 1963)

Anura, Hylidae

Nome vernacular

Perereca-gladiadora-de-sino.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiv.

Justificativa

Espécie conhecida por apenas quatro exemplares, três pertencentes à série-tipo (depositada no Museu Zoológico da Universidade de São Paulo - MZUSP), proveniente das margens de um riacho em área florestada nas imediações da Estação Ferroviária de Campo Grande, Santo André, SP. O quarto exemplar, também depositado no MZUSP é originário de "Nova Manchester", São Paulo. Todos os exemplares foram obtidos na década de sessenta e, desde então, não são conhecidos outros registros. A região é extremamente alterada devido ao crescimento dos centros urbanos, restando poucas áreas naturais.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2003): CR; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Estação Ferroviária de Campo Grande, Santo André, São Paulo. Mata Atlântica (floresta ombrófila densa).

Presença em unidades de conservação

Reserva Biológica de Paranapiacaba. Citada tentativamente para a área (Verdade *et al.*, no prelo), mas ainda sem confirmação da sua presença.

Biologia da espécie

A biologia da espécie é desconhecida, mas a julgar pela biologia das espécies mais relacionadas, *Hypsiboas prasinus* e *H. pulchellus*, deve reproduzir-se em períodos mais frios, com exceção do pico do inverno. A desova deve ser depositada na água, em áreas de remansos em rios ou lagoas de água limpa.

Outras informações

A espécie é morfologicamente muito similar à *Hypsiboas prasinus*, também ocorrente na região, se diferenciando desta pelo padrão reticulado das manchas nas áreas escondidas das coxas e flancos e pela vocalização, semelhante ao tilintar de sinos, conforme descrição original.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento e poluição.

Medidas para conservação

Pesquisa científica, principalmente para identificar populações existentes da espécie, e proteção do habitat.





***Scinax alcatraz* (B. Lutz, 1973)**
Anura, Hylidae

Nome vernacular

Pererequinha-de-Alcatrazes.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1abiii+2abiii.

Justificativa

Ocorre em área restrita (1,35 km²). O habitat original foi reduzido em função dos exercícios de tiro efetuados pela Marinha, que ocasionam incêndios na ilha.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2003): CR; São Paulo (1998): CR; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

A população está restrita à Ilha dos Alcatrazes e ocorre em agrupamentos de bromélias distribuídos por toda a ilha.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Todo o ciclo de vida ocorre sobre bromélias, onde os machos vocalizam para atrair as fêmeas para o acasalamento, que ocorre no tanque central da planta. Os ovos são depositados na água acumulada nesse espaço, onde os girinos eclodem e se desenvolvem até a metamorfose. Quando perturbados, machos e fêmeas utilizam a base das folhas da bromélia como abrigo. A atividade reprodutiva parece ocorrer durante todo o ano, pela presença de machos vocalizando, fêmeas com ovos e juvenis. A atividade de vocalização inicia-se ao crepúsculo e aumenta consideravelmente durante a noite. Há atividade de vocalização durante dias chuvosos. Os casais em amplexo foram encontrados entre 21:00 e 22:00 h. O número de ovos variou entre cinco e sete por desova. A espécie parece ser abundante na ilha, pois é possível observar dezenas de indivíduos em uma única noite.

Ameaças

Bombardeios realizados periodicamente pela Marinha do Brasil.

Medidas para conservação

Suspensão dos tiros efetuados pela Marinha e manejo das áreas destruídas pelos bombardeios e incêndios para acelerar a regeneração da mata original.

FOTOGRAFIA: RJ Sawaya



Scinax faivovichi Brasileiro,
Oyamaguchi & Hadad, 2007
Anura, Hylidae



Nome vernacular

Pererequinha-da-Ilha-dos-Porcos-de-Faivovich.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1abiii+2abiii.

Justificativa

Ocorre em área restrita ($0,24 \text{ km}^2$). O habitat original foi reduzido em função da construção de casa de veraneio.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Restrita à Ilha dos Porcos Pequena e ocorre nos bromeliais distribuídos por toda a ilha.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Machos e fêmeas são encontrados principalmente sobre bromélias (Brasileiro *et al.*, 2007b), ou abrigados na base destas. Os machos geralmente vocalizam em posição vertical na folha com a cabeça voltada para cima durante a noite (Brasileiro *et al.*, 2007b). A atividade de vocalização ocorre durante toda a estação chuvosa (outubro-abril), principalmente em noites com fortes chuvas (Brasileiro *et al.*, 2007b). Os girinos foram encontrados nos meses de outubro, dezembro e janeiro.

Ameaças

A ilha, embora preservada, é particular, e não está protegida como unidade de conservação (UC).

Medidas para conservação

Incorporação da ilha a uma unidade de conservação estadual ou federal, ou incentivar o proprietário a transformar a área em Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN.

FOTOGRAFIA: Cinthia Brasileiro





***Scinax peixotoi* Brasileiro,
Haddad, Sawaya & Martins, 2007
Anura, Hylidae**

Nome vernacular

Pererequinha-de-Queimada-Grande-de-Peixoto.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2a+D2.

Justificativa

Ocorre em área restrita ($0,43 \text{ km}^2$).

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Restrita à Ilha da Queimada Grande. Machos em atividade de vocalização e fêmeas foram observados somente em agrupamentos de bromélias de chão.

Presença em unidades de conservação

Área de Relevante Interesse Ecológico Ilhas Queimada Grande e Queimada Pequena.

Biologia da espécie

Atividade reprodutiva foi observada em uma ocasião no mês de janeiro, com machos vocalizando em postura vertical, com a cabeça voltada para cima, durante a noite, em folhas de bromélias de chão com cerca de 40 a 60 cm de diâmetro, que ocorrem agrupadas sobre afloramento rochoso a cerca de 50 m de altitude na ilha (Brasileiro *et al.*, 2007c). Deve ocorrer preferencialmente em agrupamentos de bromélias de chão, já que nenhum espécime foi observado em bromélias isoladas e parece ser rara na Ilha da Queimada Grande (Brasileiro *et al.*, 2007c; R. J. Sawaya, C. A. Brasileiro, obs. pess.).

Ameaças

Destrução e/ou modificação de áreas naturais na ilha.

Medidas para conservação

Proteção efetiva do habitat natural da ilha.

FOTOGRAFIA: OAV Marques



Hylodes magalhaesi (Bokermann, 1964)

Anura, Hylodidae

Nome vernacular

Rãzinha-de-cachoeira-de-Magalhães.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1abiii.

Justificativa

Espécie apresenta distribuição restrita à Serra da Mantiqueira em altitudes acima de 1.200 m. No Estado de São Paulo somente foi registrada em Campos do Jordão em riachos no interior de matas com bom estado de preservação.

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre em riachos no interior de área de floresta ombrófila densa e floresta ombrófila mista em altitudes acima de 1.200 m.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual de Campos do Jordão.

Biologia da espécie

Utiliza como área de reprodução riachos no interior de matas. A época reprodutiva inicia-se em setembro e vai até abril. Os períodos de maior atividade de vocalização e reprodução ocorrem entre novembro e fevereiro. Apresenta atividade de vocalização diurna. Adultos, machos e fêmeas são registrados em micro-habitat como barrancos de riachos, rochas e troncos no leito de riachos. É uma espécie de habitat específico (espécie especialista), só ocorrendo em riachos com certo grau de preservação da mata ciliar.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento de matas ciliares, alterações fisiocoquímicas na qualidade da água dos riachos e girinos infectados pelo fungo *Batrachochytrium dendrobatidis*.

Medidas para conservação

Ampliar a fiscalização dentro e no entorno das áreas de Reserva Particular do Patrimônio Natural - RPPN e Área de Preservação Permanente - APP para evitar desmatamentos, principalmente em áreas de altitude acima de 1.400 m, localidades em que a ocupação urbana, a invasão hoteleira e a prática da agricultura vêm causando os maiores danos às matas ciliares e à preservação dessa espécie. Apoiar projetos de pesquisa para inventariar outras localidades de possível ocorrência da espécie ao longo da Serra da Mantiqueira e, dessa forma, ampliar o conhecimento da real distribuição geográfica da espécie e seu *status* de conservação.



Nome vernacular

Rãzinha-de-riacho-distinta.

Categoria proposta para São Paulo:

EN A2ac.

Justificativa

A espécie foi descrita a partir de indivíduos provenientes da “Fazenda do Bonito, Serra da Bocaina”, localidade atualmente situada na área do Preservação Natural - PN da Serra da Bocaina, em São José do Barreiro, São Paulo. Posteriormente, sua distribuição foi estendida para os estados de Santa Catarina, Minas Gerais e Rio de Janeiro. Uma revisão taxonômica recente (Pimenta, 2008) demonstrou que várias populações atribuídas a este nome correspondem a outra espécie. No Estado de São Paulo, *C. dispar* é conhecida, na localidade-tipo, na Estação Biológica de Boraceia, em Salesópolis, e na Reserva Biológica de Paranapiacaba, em Santo André. Registros de declínio da espécie foram feitos para duas das três áreas onde a espécie não é encontrada desde os anos 80 (Heyer *et al.*, 1990; V. K. Verdade com. pess.).

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Brasil (2003): DD; São Paulo (1998): NA; Minas Gerais (2007): DD ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

A espécie é registrada ao sul de Minas Gerais e Rio de Janeiro e norte do Estado de São Paulo. Várias citações para as regiões sul do Brasil e nordeste da Argentina são equivocadas. Em São Paulo é conhecida em três localidades: Serra da Bocaina, São José do Barreiro; Estação Biológica de Boraceia, Salesópolis; e Reserva Biológica de Paranapiacaba, Santo André. Mata Atlântica (floresta ombrófila densa).

Presença em unidades de conservação

Parque Nacional da Serra da Bocaina, Estação Biológica de Boraceia, Reserva Biológica de Paranapiacaba.

Biologia da espécie

É uma espécie diurna que habita as margens de riachos no interior da floresta. A espécie é ativa de setembro a abril, e seus girinos vivem nas águas limpas dos córregos.

Ameaças

Polução, patógenos, fragmentação do habitat.

Medidas para conservação

Pesquisa científica nas áreas de distribuição da espécie.



Paratelmatobius gaigeae (Cochran, 1938)

Amphibia, Leptodactylidae



Nome vernacular

Rãzinha-de-barriga-colorida-da-Bocaina.

Categoria proposta

VU B1abiii.

Justificativa

A espécie foi descrita com base em dois exemplares de "Bonito, Serra da Bocaina", localidade atualmente situada na área do Parque Nacional da Serra da Bocaina, em São José do Barreiro (SP). Esses exemplares estão atualmente perdidos (Pombal Jr & Haddad, 1999) e poucos esforços de localização de novas populações na área não obtiveram sucesso. Recentemente, uma população aparentemente estável da espécie foi localizada na Estação Ecológica do Bananal (Zaher *et al.*, 2005), localizada na mesma região serrana. Embora os esforços para a localização da espécie sejam escassos, aparentemente a sua distribuição está restrita à Serra da Bocaina, que está severamente fragmentada.

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Brasil (2003): DD; São Paulo (1998): EP; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Restrita à parte alta (acima dos 800 m) da Serra da Bocaina, no Estado de São Paulo. Mata Atlântica (floresta ombrófila densa).

Presença em unidades de conservação

Parque Nacional da Serra da Bocaina, Estação Ecológica do Bananal.

Biologia da espécie

É uma espécie de atividade crepuscular e noturna, que se reproduz nos períodos chuvosos (de outubro a fevereiro) em pequenas poças de água limpa no interior da floresta. Aparentemente, vivem enterrados ou escondidos sob a serapilheira em ambientes úmidos durante o dia. Informações sobre vocalização, desova e girino estão em preparação (E. C. Aguiar, com. pess.).

Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat, desmatamento.

Medidas para conservação

Pesquisa científica, principalmente para identificar novas populações existentes da espécie; proteção do habitat.

FOTOGRAFIA: Hussam Zaher





Stereocyclops parkeri (Wettstein, 1934)
Anura, Microhylidae

Nome vernacular

Rã-da-baixada-de-Parker.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abiii.

Justificativa

Registrada apenas em área restrita de baixada litorânea, menor do que 5 km². O habitat original encontra-se severamente fragmentado e continuamente reduzido pela crescente urbanização.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2003): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Parana (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

A única população conhecida no Estado de São Paulo é restrita à Ilha de São Sebastião, em uma área de baixada litorânea (Bairro do Perequê) em processo avançado de urbanização.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) em São Paulo.

Biologia da espécie

Típica de baixadas litorâneas e restingas da Mata Atlântica do sudeste do Brasil (Izecksohn e Carvalho-e-Silva, 2001). De reprodução explosiva, pode ser encontrada vocalizando em coros, em poças temporárias formadas na estação chuvosa (R. J. Sawaya, obs. pess.). Na Ilha de São Sebastião, cerca de 20 a 30 machos foram registrados em atividade de vocalização em um terreno baldio alagado e coberto por gramíneas, em março, durante a noite (Sawaya e Haddad, 2006).

Ameaças

Destrução e urbanização das áreas de baixada litorânea que já são bastante restritas na região.

Medidas para conservação

Proteção e recomposição de áreas de baixada litorânea.

FOTOGRAFIA: RJ Sawaya



Phrynomedusa fimbriata

Miranda-Ribeiro, 1923

Anura, Hylidae

Nome vernacular

Perereca-do-alto-da-Serra-de-Paranapiacaba.

Categoria proposta para São Paulo

EX.

Justificativa

Conhecida a partir de um único espécime coletado há mais de 80 anos, em localidade no alto da Serra de Paranapiacaba. Amostragens recentes não registraram a espécie na região.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EX; Brasil (2005): EX; São Paulo (1998): EX; Minas Gerais (2007): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Registrada apenas em localidade denominada “Alto da Serra”, na Serra de Paranapiacaba, município de Santo André, com altitude aproximada de 1.000 m. Provavelmente habitava regiões altas na Serra do Mar (Cruz & Pimenta, 2004).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em UCs de São Paulo.

Biologia da espécie

Provavelmente se reproduzia em riachos de regiões altas na Serra do Mar (Cruz & Pimenta, 2004).

Ameaças

Degradação de áreas altas da Serra do Mar.

Medidas para conservação

Proteção de áreas altas da Serra do Mar.

Referências bibliográficas

- Araujo, C. O.; Condez, T. H. & Haddad, C. F. B.. 2007a. Amphibia, Anura, *Barycholos ternetzi*, *Chaunus rubescens*, and *Scinax canastrensis*: Distribution extension, new state record. **Check List** 3(2):153-155
- Araujo, C. O.; Condez, T. H. & Haddad, C. F. B. 2007b. Amphibia, Anura, *Phyllomedusa ayeaye* (B. Lutz, 1966): Distribution extension, new state record, and geographic distribution map. **Check List** 3(2):156-158
- Baldissera Jr, F. A.; Caramaschi U. & Haddad, C. F. B. 2004. Review of the *Bufo crucifer* species group, with descriptions of two new related species (Amphibia, Anura, Bufonidae). **Arquivos do Museu Nacional** 62: 255-282.
- Berneck, B. V. M.; Costa, C. O. R. & Garcia, P. C. A. 2008. A new species of *Leptodactylus* (Anura: Leptodactylidae) from the Atlantic Forest of São Paulo State, Brazil. **Zootaxa** 1795: 46-56
- Brasileiro, C. A.; Haddad, C. F. B.; Sawaya, R. J. & Martins, M. 2007a. A new and threatened species of *Scinax* (Anura: Hylidae) from Queimada Grande Island, southeastern Brazil. **Zootaxa** 1391: 47-55
- Brasileiro, C. A.; Oyamaguchi, H. M. & Haddad, C. F. B. 2007b. A New Island Species of *Scinax* (Anura; Hylidae) from Southeastern Brazil. **Journal of Herpetology** 41(2) 271–275.
- Brasileiro, C. A.; Martins I. A. & Jim, J. 2008. Amphibia, Anura, Cycloramphidae, *Odontophrynus moratoi*: Distribution extension and advertisement call. **Check List** 4:382-385
- Giareta, A. A. & Costa, H. C. M. 2007. A redescription of *Leptodactylus jolyi* Sazima & Bokermann (Anura, Leptodactylidae) and the recognition of a new closely related species. **Zootaxa** 1608: 1-10.
- Cruz, C. A. G & Pimenta, B. 2004. *Phrynomedusa fimbriata*. In: **IUCN 2008**. 2008 IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em: <www.iucnredlist.org>. Acesso em 05 jan. 2009.
- Gressler, E.; Aguirre, A. G. & Haddad, C. F. B. 2008. Amphibia, Anura, Amphignathodontidae, *Gastrotheca albolineata*: Distribution extension, new state, and new altitudinal records. **Check List** 4(1):31-32.
- Haddad, C. F. B. 1998. Biodiversidade dos anfíbios no Estado de São Paulo. In: Castro, R.M.C.; Joly, C.A & Bicudo, C.E.M. (eds) **Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil: Síntese do conhecimento ao final do século XX**, 6: Vertebrados. São Paulo. WinnerGraph, p. 15-26.
- Heyer, W. R.; Rand, A. S.; Cruz, C. A. G.; Peixoto, O. L. & Nelson, C. E. 1990. Frogs of Boracéia. **Arquivos de Zoologia** 31: 235-410.
- Feio, R. N.; Napoli, M. F. & Caramaschi, U.. 2006. Considerações taxonômicas sobre *Thoropa miliaris* (Spix, 1824), com revalidação e redescricão de *Thoropa taophora* (Miranda-Ribeiro, 1923) (Amphibia, Anura, Leptodactylidae). **Arquivos do Museu Nacional**, 64:41-60.
- Frost, D. R. 2008. **Amphibian Species of the World**: an Online Reference. Version 5.2 (15 July, 2008). Disponível em: <http://research.amnh.org/herpetology/amphibia/index.php>. New York. American Museum of Natural History, USA.
- IBAMA 2003. **Lista nacional das espécies da fauna brasileira ameaçadas de extinção**. Disponível em: <http://www.mma.gov.br/port/sbf/fauna/index.cfm>.
- Izecksohn, E. & Carvalho-e-Silva, S. P. 2001. **Anfíbios do Município do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Editora UFRJ. 147 p.
- Jim, J. & Caramaschi, U. 1980. Uma nova espécie de *Odontophrynus* da região de Botucatu, São Paulo, Brasil (Amphibia, Anura). **Rev. Brasil. Biol.** 40 (2): 357-360.
- Machado, A. B. M.; Martins, C. S. & Drummond, G. M. 2005. **Lista da fauna brasileira ameaçada de extinção**. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas, 160p.
- Marques, R. M.; Colas-Rosas, P. F.; Toledo, L. F. & Haddad, C. F. B. Amphibia, Anura, Bufonidae, *Melanophryniscus moreirae*: distribution extension. **Check List** 2(1):68-69.
- Pimenta, B. V. 2008. **Revisão Taxonômica do Gênero Crossodactylus Duméril & Bibron, 1841 (Anura, Hylodidae)**. Tese de Doutorado. Museu Nacional UFRJ, Rio de Janeiro.
- Prado, V. H. M.; Borges, R. E.; Silva, F. R.; Tognolo, T. T. & Rossa-Feres, D. C. Amphibia, Anura, Hylidae, *Phyllomedusa azurea*: Distribution extension. **Check List** 4(1):55-56.
- Rossa-Feres, D. C. & Jim, J. 1996. Tadpole of *Odontophrynus moratoi* (Anura, Leptodactylidae). **Journal of Herpetology** 30:536-539.
- Sawaya, R. J. & Haddad, C. F. B. 2006. Amphibia, Anura, *Stereocyclops parkeri*: distribution extension, new state record, geographic distribution map. **Check List** 2: 74-76.
- SBH. 2008. **Anfíbios brasileiros** – List of espécies. Disponível em: <http://www.sbhherpetologia.org.br>. Sociedade Brasileira de Herpetologia. Acesso em 20 nov. 2008.
- Toledo, L. F.; Garcia, P. C. A.; Lingnau, R. & Haddad, C. F. B. 2007. Description of a new species of *Sphaenorhynchus* (Anura: Hylidae) from Brazil. **Zootaxa**, 1658: 57-68.
- Verdade, V. K., Rodrigues, M. T. & Pavan, D. Anfíbios Anuros da Reserva Biológica de Paranapiacaba e entorno. No prelo. In: Lopes, M.I. M. S.; Kirizawa, M. & Melo, M. M. R. F. (orgs). **A Reserva Biológica de Paranapiacaba: A Estação Biológica do Alto da Serra**. Editora Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo, SP



P E I X E S D E
Á G U A D O C E

Autores

Osvaldo T. Oyakawa

Naércio A. Menezes

Oscar A. Shibatta

Flávio C. T. Lima

Francisco Langeani

Carla S. Pavanelli

Dalton T. B. Nielsen

Alexandre W. S. Hilsdorf

Agradecimentos

Os autores agradecem aos seguintes pesquisadores que prontamente enviaram valiosas informações a respeito dos grupos de sua especialidade: Danilo Caneppele, Estação de Hidrobiologia e Aquicultura de Paraibuna – CESP ; Eleonora Trajano, Universidade de São Paulo; Francisco Manoel de Souza Braga, Universidade Estadual Paulista - Campus Rio Claro; Ivan Sazima, Universidade Estadual de Campinas, João Henrique P. Dias, Companhia Energética de São Paulo e Valdener Garutti, Universidade Estadual Paulista - Campus São José do Rio Preto.

Introdução

Estima-se que existam cerca de 55.000 espécies de vertebrados em todo o mundo, das quais aproximadamente 28.000 são peixes (Nelson, 2006). Nas águas doces neotropicais existem atualmente 4.475 espécies válidas e cerca de 1.550 espécies ainda não descritas, segundo estimativa recente, totalizando 6.025 espécies para esses ambientes (Reis et al. 2003). Desse total, o Brasil abriga 2.587 espécies conforme o último registro feito por Buckup, Menezes & Ghazzi (2007).

As águas doces do Estado de São Paulo concentram-se em quatro bacias hidrográficas: Alto Paraná, Paraíba do Sul, Ribeira de Iguape e um conjunto de pequenas bacias situadas numa estreita faixa litorânea e que fluem diretamente para o oceano Atlântico e compõem as drenagens costeiras ou bacia litorânea. O Alto Paraná, a maior das quatro bacias hidrográficas, abrange também parte dos estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul e Paraná, além do Distrito Federal; o Ribeira de Iguape drena parte das terras do Paraná, e o Paraíba do Sul parte de Minas Gerais e do Rio de Janeiro.

A bacia do Alto Paraná encontra-se quase inteiramente incluída no bioma do Cerrado, com exceção da sub-bacia do Alto Tietê que, desde a sua nascente, em Salesópolis, até Pirapora do Bom Jesus e Santana do Paranaíba, drena áreas de Mata Atlântica. As outras três bacias hidrográficas que drenam o Estado se encontram dentro do bioma da Mata Atlântica.

Das 344 espécies que ocorrem no Estado, 66 (19%) foram consideradas como ameaçadas de extinção. Dezessete espécies foram incluídas na categoria Deficiente em Dados (DD) em virtude da falta de conhecimento sobre taxonomia e distribuição geográfica; além disso, outras sete espécies foram classificadas como Quase Ameaçadas (NT). Dessas 66 espécies, 35 ocorrem no Alto Paraná, 11 no Paraíba do Sul, 19 no Ribeira de Iguape e 12 nas drenagens costeiras. Algumas dessas espécies ocorrem em duas ou mais bacias diferentes. Considerando-se a distribuição das espécies ameaçadas por biomas verifica-se que 44 espécies, cerca de 66% do total, habitam os corpos d'água que têm pelo menos parte de sua drenagem no domínio da Mata Atlântica; e 22 espécies, cerca de 33% do total, distribuem-se na bacia Alto Paraná, que se encontra quase inteiramente incluída no bioma do Cerrado, com exceção da sub-bacia do Alto Tietê.

Na Lista da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção, publicada em 2003, foram listadas 135 espécies de peixes de água doce de todo o Bra-

sil, das quais 119 (88%) ocorrem na região centro-sul do país, que inclui também o Estado de São Paulo (Rosa & Lima, 2003). Entre as espécies citadas na presente lista do Estado de São Paulo, 28 já compunham a Lista Brasileira de 2003.

A importância da Mata Atlântica na preservação das espécies de peixes ameaçados de extinção fica evidente quando se constata que este bioma está restrito a uma estreita faixa na parte leste do estado e é a região com o maior remanescente de florestas ainda intactas do estado.

Outro aspecto da importância da Mata Atlântica na preservação dessas espécies é ressaltado também quando se consideram algum habitat em particular. Por exemplo, na sub-bacia do Rio Grande, que pertence à bacia do Alto Tietê, localizada na região de Paranapiacaba, município de Santo André, foram citadas nove espécies consideradas ameaçadas: *Coptobrycon bilineatus*, *Glandulocauda melanogenys*, *Hypessobrycon duragenys*, *Spintherobolus papilliferus*, *Heptapterus multiradiatus*, *Taunayia bifasciata*, *Pseudotocinclus tietensis*, *Trichomycterus paolence* e *Phallotrynus fasciolatus*. No ribeirão Poço Grande, localizado no município de Juquiá, na bacia do Ribeira de Iguape, foram citadas sete espécies: *Scleromystax prionotos*, *Otothyris juquiae*, *Pseudotocinclus juquiae*, *Homidiaetus graciosa*, *Listrura camposi*, *Campellolebias intermedius*. *Microcambeva ribeirae*, considerada espécie quase ameaçada, também ocorre no ribeirão Poço Grande. No Ribeirão Grande, um afluente do rio Paraíba do Sul, município de Pindamonhangaba, foram citadas as seguintes espécies: *Taunayia bifasciata*, *Pareiorhina brachyrhyncha*, *Pareiorhina rufodolphi* e *Pseudotocinclus parahybae*. Infelizmente, muitas dessas espécies não foram mais registradas nesses ambientes em épocas mais recentes.

Na bacia do Paraíba do Sul existe um dos mais emblemáticos exemplos da situação de ameaça em que se encontra a fauna de peixes do Estado que é a mudança de status do surubim-do-paráiba (*Steindachneridion parahybae*), que fora classificado anteriormente como Criticamente em Perigo (CR) e na presente lista consta como Regionalmente Extinto. Isto significa que a espécie deixou de existir na porção paulista do Rio Paraíba do Sul, bacia na qual a espécie era endêmica. Atualmente raras populações dessa espécie só são encontradas em algumas localidades do Rio de Janeiro e Minas Gerais.

Outra espécie também do Paraíba do Sul é a piabanha (*Brycon insignis*), que na presente lista continua com o status de Criticamente em

Perigo (CR) como na lista brasileira de 2003, mas com a ressalva de que as populações naturais dessa espécie estejam provavelmente extintas no Estado de São Paulo. Segundo Machado (1952), em 1950, somente no trecho paulista do Rio Paraíba do Sul foram capturadas cerca de duas toneladas de surubim e 22 toneladas de piabanha. O trecho paulista e fluminense do Paraíba do Sul atravessa uma das regiões mais industrializadas do país e recebe uma grande carga de poluentes domésticos e industriais.

No Alto Paraná, grandes peixes migradores como o jaú (*Zungaro jahu*), o surubim-letra (*Steindachneridion scriptum*), o pintado (*Pseudoplatystoma corruscans*) e o pacu (*Piaractus mesopotamicus*) sofrem com a fragmentação de suas populações imposta pela série de sucessivas barragens hidrelétricas construídas nos principais rios dessa bacia. O declínio da pesca profissional do pacu no Estado de São Paulo tem sido registrado ano a ano pelo Instituto de Pesca. Nos relatórios técnicos referentes ao desembarque de pescado nos anos de 2001 a 2005, nos rios Paranapanema, Paraná e Grande, esta espécie apresentou um declínio de mais de 75% ao longo do período nos três corpos d'água (Giamas & Vermulm Jr., 2004; Vermulm Jr. & Giamas, 2005; 2006; 2007a, b).

O Rio Ribeira de Iguape, o único grande rio do Estado ainda sem barreiros, por outro lado, sofre com o assoreamento do seu leito devido à destruição da mata ciliar, esgotos domésticos e agrotóxicos provenientes dos núcleos urbanos e da lavoura. Esses impactos certamente têm colaborado na diminuição das populações do trairão (*Hoplias lacerdae*) nessa bacia. Na região de planície do Ribeira de Iguape, próximo à sua foz, grandes áreas de restinga estão sob intenso processo de ocupação humana, com a derrubada da mata e poluição por esgotos domésticos. O mesmo impacto faz-se sentir no habitat existente nos rios da drenagem costeira. Como consequência desses impactos, habitat único como aqueles em que ocorrem representantes da família Rivulidae, os conhecidos peixes anuais, como *Campellolebias dorsimaculatus*, *Leptolebias aureoguttatus* e *L. itanhaensis*, corre sério risco de desaparecer.

A seguir são apresentadas as espécies ameaçadas de extinção do Estado de São Paulo, com seu *status* de ameaça e principais características biológicas. Essas espécies estão organizadas alfabeticamente dentro de suas respectivas ordens e famílias, iniciando pela ordem Characiformes, seguida por Siluriformes, Gymnotiformes, Perciformes e Cyprinodontiformes. ■

Tabelas de peixes de água doce

Tabela 1. Peixes de água doce ameaçados de extinção no Estado de São Paulo.

Classe	Ordem	Família	Táxon	Nome Vernacular	Categoria
Actinopterygii	Characiformes	Anostomidae	<i>Leporinus thayeri</i> Borodin, 1929	piau-beijudo	CR
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Astyanax trierythropterus</i> Godoy, 1970	lambarizinho-do-rabo-vermelho	EN
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Brycon insignis</i> Steindachner, 1876	piabanha	CR
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Brycon nattereri</i> Günther, 1864	pirapitinga-do-Paraná	CR
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Brycon opalinus</i> (Cuvier, 1819)	pirapitinga-do-Paraíba	VU
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Brycon orbignyanus</i> (Vallenciennes, 1850)	piracanjuva, piracanjuba, bracanjuva	CR
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Coptobrycon bilineatus</i> (Ellis, 1911)	piquira-de-duas-listras	EN
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Glandulocauda melanogenys</i> Eigenmann, 1911	lambari-vermelho	VU
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Hypseobrycon duragenys</i> Ellis, 1911	lambari-do-Tietê	EN
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Hypseobrycon flammeus</i> Myers, 1924	tetra-vermelho, vermelhinho, engracadinho	EN
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Mimagoniates lateralis</i> (Nichols, 1913)	lambari-azul-listrado	EN
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Myleus tiete</i> (Eigenmann & Norris, 1900)	pacu-prata	VU
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Piaractus mesopotamicus</i> (Holmberg, 1887)	pacu, pacu-caranha, caranha	CR
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Pseudocorynopoma heterandria</i> Eigenmann, 1914	garrida, sardinha-branca	VU
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Rachoviscus crassiceps</i> Myers, 1926	lambari-da-restinga	CR
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Spintherobolus broccae</i> Myers, 1925	piquira-da-restinga	VU
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Spintherobolus leptoura</i> Weitzman & Malabarba, 1999	piquira-do-Ribeira	VU
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Spintherobolus papilliferus</i> Eigenmann, 1911	piquira-cabeçuda	CR
Actinopterygii	Characiformes	Erythrinidae	<i>Hoplias lacerdae</i> Miranda-Ribeiro, 1908	trairão, trairaçu (adulto), tariputanga (jovem)	VU
Actinopterygii	Characiformes	Prochilodontidae	<i>Prochilodus vimboides</i> Kner, 1859	curimbatá, curimbatá-de-lagoa	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Aspredinidae	<i>Bunocephalus larai</i> Ihering, 1930	rebeca	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Callichthyidae	<i>Scleromystax macropterus</i> (Regan, 1913)	corredora-dorsal-grande	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Callichthyidae	<i>Scleromystax prionotos</i> (Nijssen & Isbrücker, 1980)	corredora-listrada	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Heptapteridae	<i>Heptapterus multiradiatus</i> Ihering, 1907	bagrinho-do-Tietê	CR
Actinopterygii	Siluriformes	Heptapteridae	<i>Chasmocranus brachynema</i> Gomes & Schubart, 1958	bagrinho-de-Emas	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Heptapteridae	<i>Pimelodella kronei</i> (Miranda-Ribeiro, 1907)	bagre-cego, bagre-cego-de-Iporanga	EN
Actinopterygii	Siluriformes	Heptapteridae	<i>Taunayia bifasciata</i> (Eigenmann & Norris, 1900)	bagrinho-listrado	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Corumbataia cuestae</i> Britski, 1997	cascudinho-da-Cuesta	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Harttia gracilis</i> Oyakawa, 1993	cascudo-rabo-seco-do-Paraná	VU

Tabela 1. Peixes de água doce ameaçados de extinção no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Classe	Ordem	Família	Táxon	Nome Vernacular	Categoria
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Harttia loricariformis</i> Steindachner, 1877	cascudo-rabo-seco-do-Paraíba	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Hemipsilichthys gobio</i> (Lütken, 1874)	cascudo-piririca	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Isbrueckerichthys duseni</i> (Miranda-Ribeiro, 1907)	cascudo-do-dente-quebrado	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Isbrueckerichthys epakmos</i> Pereira & Oyakawa, 2003	cascudo-de-topete	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Otothyris juquiae</i> Garavello, Britski & Schaefer, 1998	cascudinho-anão	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Neoplecostomus paranensis</i> Langeani, 1990	cascudo-peito-duro-do-Pardo	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Neoplecostomus selenae</i> Zawadzki, Pavanelli & Langeani, 2008	cascudo-peito-duro-do-Paranapanema	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Pareiorhina brachyrhyncha</i> Chamon, Aranda & Buckup, 2005	cascudinho-cabeçudo	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Pareiorhina rudolphi</i> (Miranda-Ribeiro, 1911)	cascudinho-do-rabo-chato	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Pseudotocinclus juquiae</i> Takako, Oliveira & Oyakawa, 2005	cascudinho-do-Juquiá	EN
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Pseudotocinclus parahybae</i> Takako, Oliveira & Oyakawa, 2005	cascudinho-do-Paraíba	CR
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Pseudotocinclus tietensis</i> (Ihering, 1907)	cascudinho-do-Tietê	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Pimelodidae	<i>Hemisorubim platyrhynchos</i> (Valenciennes, 1840)	jurupoca, jerepoca	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Pimelodidae	<i>Pimelodus paranaensis</i> Britski & Langeani, 1988	mandi	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Pimelodidae	<i>Pseudoplatystoma corruscans</i> (Spix & Agassiz, 1829)	surubim-pintado	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Pimelodidae	<i>Steindachneridion punctatum</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)	surubim-manchado	CR
Actinopterygii	Siluriformes	Pimelodidae	<i>Steindachneridion parahybae</i> (Steindachner, 1877)	surubim-do-Paraíba	RE
Actinopterygii	Siluriformes	Pimelodidae	<i>Steindachneridion scriptum</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)	surubim-letra	EN
Actinopterygii	Siluriformes	Pimelodidae	<i>Zungaro jahu</i> (Ihering, 1898)	jaú	EN
Actinopterygii	Siluriformes	Pseudopimelodidae	<i>Pseudopimelodus mangurus</i> (Valenciennes, 1835)	jaú-sapo	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Homodiaetus graciosa</i> Koch, 2002	piolho-de-peixe	VU
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Listrura camposi</i> (Miranda-Ribeiro, 1957)	cambeva-minhoca-do-Ribeira	EN
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Listrura picinguabae</i> Villa-Verde & Costa, 2006	cambeva-minhoca-de-Picinguaba	CR

Tabela 1. Peixes de água doce ameaçados de extinção no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Classe	Ordem	Família	Táxon	Nome Vernacular	Categoria
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Trichogenes longipinnis</i> Britski & Ortega, 1983	cambeva, cambeva-da-cachoeira, EN bagre-liso	
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Trichomycterus paolence</i> (Eigenmann, 1917)	cambeva-do-Tietê	EN
Actinopterygii	Gymnotiformes	Apteronotidae	<i>Sternarchorhynchus britskii</i> Campos da Paz, 2000	ituí-tamanduá	VU
Actinopterygii	Gymnotiformes	Apteronotidae	<i>Sternarchella curvioperculata</i> Godoy, 1968	ituí-corcunda	VU
Actinopterygii	Gymnotiformes	Apteronotidae	<i>Tembeassu marauna</i> Triques, 1998	ituí-maraúna	EN
Actinopterygii	Gymnotiformes	Hypopomidae	<i>Brachyhypopomus jureiae</i> Triques & Khamis, 2003	tuvira-da-Jureia	VU
Actinopterygii	Perciformes	Cichlidae	<i>Crenicichla jupiaensis</i> Britski & Luengo, 1968	joaninha-da-corredeira	CR
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Poeciliidae	<i>Cnesterodon iguape</i> Lucinda, 2005	guarú-de-Apiáí	EN
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Poeciliidae	<i>Phallotrynus fasciolatus</i> Henn, 1916	guarú-listrado-da-cabeceira	CR
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Poeciliidae	<i>Phallotrynus jucundus</i> Ihering, 1930	guarú-listrado-do-cerrado	EN
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Rivulidae	<i>Campellolebias dorsimaculatus</i> Costa, Lacerda & Campello Brasil, 1989	peixe-anual-do-Ribeira	CR
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Rivulidae	<i>Campellolebias intermedius</i> Costa & de Luca, 2006	peixe-anual-de-Juquiá	CR
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Rivulidae	<i>Leptolebias aureoguttatus</i> (Myers, 1952)	peixe-anual-de-Iguape	VU
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Rivulidae	<i>Leptolebias itanhaensis</i> Costa, 2008	peixe-anual-de-Itanhaém	CR

Tabela 2. Peixes de água doce Quase Ameaçados (NT) no Estado de São Paulo.

Classe	Ordem	Família	Táxon	Nome Vernacular
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Salminus brasiliensis</i> (Cuvier, 1816)	dourado
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Salminus hilarii</i> Valenciennes, 1850	tabarana
Actinopterygii	Siluriformes	Heptapteridae	<i>Rhamdiopsis microcephala</i> (Lütken, 1874)	bagrinho
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Lampiella gibbosa</i> (Miranda-Ribeiro, 1908)	pituva
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Otothyropsis marapoama</i> Ribeiro, Carvalho & Melo, 2005	cascudinho-de-Marapoama
Actinopterygii	Siluriformes	Loricariidae	<i>Rineloricaria pentamaculata</i> Langeani & Araújo, 1994	cascudo-lagartixa
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Microcambeva ribeirae</i> Costa, Lima & Bizerril, 2004	microcambeva, cambeva

Tabela 3. Peixes de água doce Deficientes em Dados (DD) no Estado de São Paulo.

Classe	Ordem	Família	Táxon	Nome Vernacular
Actinopterygii	Characiformes	Anostomidae	<i>Schizodon intermedius</i> Garavello & Britski, 1990	campineiro
Actinopterygii	Characiformes	Characidae	<i>Oligobrycon microstomus</i> Eigenmann, 1915	piquira-boca-pequena
Actinopterygii	Siluriformes	Aspredinidae	<i>Bunocephalus iheringii</i> Boulenger, 1891	rebeca
Actinopterygii	Siluriformes	Auchenipteridae	<i>Glanidium cesarpintoi</i> Ihering, 1928	bagre-sapo
Actinopterygii	Siluriformes	Cetopsidae	<i>Cetopsis gobioides</i> Kner, 1857	candiru-açu
Actinopterygii	Siluriformes	Heptapteridae	<i>Pimelodella meeki</i> Eigenmann, 1910	mandi, mandi-chorão, mandizinho
Actinopterygii	Siluriformes	Pimelodidae	<i>Megalonema platatum</i> (Günther, 1880)	fidalgo
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Parastegophilus paulensis</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)	cambeva-pintada
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Trichomycterus diabolus</i> Bockmann, Casatti & de Pinna, 2004	cambeva-diaba
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Trichomycterus jacupiranga</i> Wosiacki & Oyakawa, 2005	cambeva-jacupiranga
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Trichomycterus mimonha</i> Costa, 1992	cambeva-mimonha
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Trichomycterus triguttatus</i> (Eigenmann, 1918)	cambeva-três-listras
Actinopterygii	Siluriformes	Trichomycteridae	<i>Trichomycterus tupinamba</i> Wosiacki & Oyakawa, 2005	cambeva-riscada
Actinopterygii	Gymnotiformes	Apterodontidae	<i>Apterodonotus brasiliensis</i> (Reinhardt, 1852)	ituí
Actinopterygii	Perciformes	Cichlidae	<i>Crenicichla lacustris</i> (Castelnau, 1855)	joaninha-do-Paraíba, mixorne
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Rivulidae	<i>Kryptolebias ocellatus</i> (Hensel, 1868)	rivulus-pinta-preta
Actinopterygii	Cyprinodontiformes	Rivulidae	<i>Kryptolebias caudomarginatus</i> (Seegers, 1984)	rivulus-listra-branca



***Leporinus thayeri* Borodin, 1929**
Characiformes, Anostomidae

Nome vernacular

Piau-beiçudo.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

O Rio Paraíba do Sul, única bacia em que a espécie ocorre em São Paulo, há tempos sofre um grande impacto ambiental, notadamente no seu trecho médio, que inclui a região de Caçapava.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004) VU; São Paulo (1998) não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre nos rios Paraíba do Sul, Doce e Itapemirim, nos estados de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Espírito Santo. Presente somente na calha dos rios com largura superior a 10 m, em trechos encachoeirados, forte velocidade da corrente e fundo rochoso (Rosa & Lima, 2008).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

No conteúdo estomacal de exemplares coletados no Rio Pardo (na área de drenagem do Rio Itapemirim), foram encontrados invertebrados aquáticos (Odonata, Trichoptera e Diptera) e, em menores proporções, invertebrados terrestres, algas e sedimentos. Exemplares ativos reprodutivamente foram coletados em novembro e dezembro (Rosa & Lima, 2008). Registros recentes da ocorrência em São Paulo datam de 1990, no Rio Paraíba do Sul, em Caçapava.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie, reprodução em cativeiro com o objetivo de se fazer a conservação *ex-situ* da espécie.

FOTOGRAFIA: José Luis Birindelli



Astyanax trierythropterus Godoy, 1970

Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Lambarizinho-do-rabo-vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1abiii.

Justificativa

Área de distribuição muito restrita, conhecida apenas na localidade-tipo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004) não citada; São Paulo (1998) não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Conhecida apenas pela ocorrência em pequenas lagoas naturais próximas à Cachoeira das Emas, no Rio Mogi-Guaçu, município de Pirassununga.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Nada se conhece sobre a biologia da espécie. Provavelmente, como outros pequenos Characidae, é um onívoro generalista de desova parcelada.

Ameaças

Potenciais ameaças são o aterro e poluição orgânica ou química das pequenas lagoas próximas ao Rio Mogi-Guaçu onde a espécie ocorre.

Medidas para a conservação

São necessários mais inventários na bacia dos rios Mogi-Guaçu e Pardo, para tentar identificar com mais acuidade a real distribuição da espécie e a proteção formal de áreas por ela habitadas.





Brycon insignis Steindachner, 1877

Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Piabanha.

Categoria proposta para São Paulo

CR* A2ac (* populações naturais provavelmente extintas no Estado).

Justificativa

Na década de 1950, a espécie foi um importante recurso pesqueiro na porção paulista do Rio Paraíba do Sul, entre São José dos Campos e Queluz. Os impactos causados ao corpo d'água levaram ao desaparecimento da espécie nesse trecho do rio. Algumas populações, cujos tamanho e viabilidade são desconhecidos, ainda são encontradas em pontos isolados do Paraíba do Sul fluminense.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004) CR; São Paulo (1998) PA como *Catobasis acuminatus*; Minas Gerais (2007): PA; Rio de Janeiro (1998): VU como *Brycon* sp.; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

No trecho paulista do Rio Paraíba do Sul não têm sido localizadas populações selvagens. Os exemplares capturados são provenientes de repovoamentos promovidos pela Companhia Energética de São Paulo – CESP, na Represa de Paraibuna. Atualmente, populações naturais ocorrem no trecho fluminense do Paraíba do Sul e em seus tributários, bem como no Rio Itabapoana, na divisa entre o Rio de Janeiro e Espírito Santo, e no Rio São João, na área costeira do Rio de Janeiro.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Atinge até 10 kg de peso. Juvenis possuem hábito alimentar ictiófago e insetívoro, enquanto os adultos são herbívoros e frugívoros. Reproduz-se de dezembro a fevereiro, sendo que o macho se torna maduro a partir do segundo ano de vida e a fêmea, a partir do terceiro ano desovando durante as chuvas de verão. Os ovos são incubados em lagoas marginais ou nos remansos, onde os alevinos encontram alimento e refúgio. O registro da captura de 24 toneladas da espécie no trecho paulista do Rio Paraíba do Sul em 1951, por meio da pesca artesanal, e seu total desaparecimento nos dias de hoje, mostram sua vulnerabilidade aos impactos por que passou o corpo d'água nos últimos 50 anos. A Companhia Energética de São Paulo – CESP em Paraibuna, domina a técnica de desova induzida e mantém um programa de repovoamento com a espécie.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição, introdução de espécies exóticas.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, estudos e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie, tamanho populacional e diferenciação genética de suas populações, e repovoamento de áreas em que a espécie foi extinta.

FOTOGRAFIA: Flávio C. T. Lima



Brycon nattereri Günther, 1864

Characiformes, Characidae



Nome vernacular

Pirapitinga-do-Paraná.

Categoria proposta para São Paulo

CR* B2abiii (*populações naturais provavelmente extintas no Estado).

Justificativa

Espécie com registros esparsos no Estado. Tratava-se, no entanto, de uma espécie extremamente comum e bem distribuída, que desapareceu de grande parte de sua área de ocorrência devido a modificações nos cursos d'água, particularmente o assoreamento em consequência da destruição das matas ciliares, e da poluição química e orgânica dos rios.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): PA; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

No Alto Paraná, ocorre nas cabeceiras dos sistemas dos rios Paranaíba, Grande, Tietê e Paranapanema. Habita preferencialmente rios de médio porte, de águas claras, correntosos, com fundo arenoso ou rochoso.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) do Estado de São Paulo.

Biologia da espécie

Comprimento máximo registrado de 31 cm e peso de 530 g. A primeira maturação sexual se dá nos machos ao redor de 15 cm e nas fêmeas, em torno de 18 cm de comprimento. A atividade reprodutiva concentra-se na estação seca (maio a julho), no Rio Corumbá, na bacia do Rio Paranaíba, ou final da estação chuvosa (março a abril), no Rio Araguari. A espécie, ao que tudo indica, não realiza grandes migrações durante o período reprodutivo. A dieta constitui-se de itens alóctones como frutos e artrópodos terrestres, incluindo também insetos aquáticos, algas e detritos, os últimos ingeridos principalmente pelos juvenis (Lima et al., 2008a, b). A espécie é melhor conhecida em Minas Gerais e Goiás. Existem poucos registros, bastante antigos, em São Paulo: Rio Mogi-Guaçu (1822-1823); Rio Atibaia (1907); Rio Camanducaia (1943); bacia do Rio Grande (1986); e Rio Verde (2000).

Ameaças

O desaparecimento da pirapitinga-do-Paraná da maior parte de sua área original de distribuição deve-se à deterioração dos cursos d'água no Estado.

Medidas para a conservação

Inventários para se documentar a distribuição atual da espécie; proteção e restauração de sub-bacias hidrográficas em que existam registros recentes da espécie; programas de reprodução *ex-situ* e reintrodução da espécie, acompanhados por estudos sobre a genética de suas populações.

FOTOGRAFIA: Volney Vono





***Brycon opalinus* (Cuvier, 1819)**
Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Pirapitinga-do-Paraíba.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii,iv.

Justificativa

Espécie endêmica da bacia do Rio Paraíba do Sul.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004) VU; São Paulo (1998) não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): PA; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Habita rios e riachos de cabeceiras da bacia do Paraíba do Sul, preferencialmente em áreas com mata ciliar. Populações selvagens são encontradas no Rio Paraibuna, no Parque Estadual da Serra Mar; no Rio Buquirá, em Monteiro Lobato; no Rio Itagaçaba, em Silveiras; e nos rios da encosta da Serra do Mar que desaguam no Reservatório de Paraibuna.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar - Núcleo de Santa Virginia.

Biologia da espécie

O tamanho médio dos machos varia de 17,2 a 28,3 cm e das fêmeas de 17,8 a 35,8 cm. É onívora, alimentando-se de coleópteros e himenópteros, além de frutas e sementes. A longevidade dos machos e fêmeas é de 4,5 anos e ambos apresentam mortalidade natural elevada. Não empreende grandes migrações e a desova, do tipo demersal, é geralmente realizada em trechos de remanso dos rios, sem cuidado parental com os ovos depositados no sedimento. Devido a estas características possuem fecundidade elevada. A relação gonadosomática, que é um indicador do estado funcional das gônadas, é alta durante todo o ano, apresentando picos na primavera nas fêmeas e inverno e outono nos machos. A Companhia Energética de São Paulo – CESP, em Paraibuna, domina a tecnologia de desova induzida nessa espécie, utilizando-a em programas de repovoamento.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição, pesca esportiva.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie e a diferenciação genética de suas populações.

FOTOGRAFIA: Flávio Cesat T. Lima



Brycon orbignyanus (Valenciennes, 1850)

Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Piracanjuba.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2ac.

Justificativa

Foi outrora um dos principais alvos da pesca comercial na bacia do Rio Paraná, notadamente nos rios Mogi-Guaçu e Piracicaba (Ihering, 1929; Magalhães, 1931; Schubart, 1943, 1949; Monteiro, 1953). Atualmente, a espécie virtualmente desapareceu da bacia do Paraná, em São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004) EN; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): CR; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): EN.

Distribuição e habitat

Era amplamente distribuída pela bacia dos rios Paraná e Uruguai, em São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso do Sul, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, ocorrendo também no Paraguai, Uruguai e Argentina.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Porte grande, com o maior exemplar registrado atingindo 79,5 cm de comprimento e 8,2 kg de peso (Godoy, 1975). Migrações ascendentes da espécie durante a estação chuvosa foram registradas nos rios Mogi-Guaçu (Godoy, 1975) e Piracicaba (Magalhães, 1931). Deslocamentos de mais de 600 km foram registrados no sistema Grande-Mogi-Guaçu (Godoy, 1975). A fecundidade de fêmeas de piracanjuba foi estimada em 500.000-1.000.000 de ovócitos (Ihering, 1929). É onívora e ingere grandes volumes de itens alótomes, notadamente frutos das matas ciliares (Ihering, 1929; Magalhães, 1931; Hahn *et al.*, 1997). A espécie é reproduzida em cativeiro.

Ameaças

O drástico declínio populacional na bacia do Rio Paraná, em São Paulo, está ligado, não somente à destruição das matas ciliares, mas principalmente à construção de hidrelétricas, que modificaram os rios Tietê, Paranapanema e Grande. As barragens formaram uma sequência de grandes lagos, preservando poucos trechos, extremamente curtos e desconectados entre si, com características lóticas. Essas circunstâncias causaram um severo declínio nas populações da ictiofauna nativa, com especial impacto sobre espécies de grande porte e de hábitos migratórios.

Medidas para a conservação

A espécie é reproduzida em cativeiro e liberada em diversos reservatórios pela Companhia Energética de São Paulo - CESP. Contudo, a eficácia dessa prática na conservação da espécie é bastante questionável, tanto pela baixa diversidade genética do estoque parental cativeiro, como pelo fato de que esses esforços têm se mostrado infrutíferos na tentativa do restabelecimento de populações naturais da espécie.





Coptobrycon bilineatus (Ellis, 1911)

Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Piquira-de-duas-listras.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abii.

Justificativa

Espécie descrita com base em nove exemplares coletados em 1908, no Alto da Serra, em Paranapiacaba, que é atualmente um distrito de Santo André, e também em Mogi das Cruzes. Esses eram os únicos exemplares da espécie conhecidos até 2005, quando ela foi registrada novamente no trecho superior do Rio Itatinga, dentro do Parque das Neblinas, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), no município de Bertioga.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004) EN; São Paulo (1998) A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Atualmente, só é conhecida no Rio Itatinga, afluente do Rio Itapanhaú, que pertence à drenagem costeira, no Parque das Neblinas, no município de Bertioga.

Presença em unidades de conservação

Parque das Neblinas, em Bertioga.

Biologia da espécie

Vive próximo à superfície da água em cardumes numerosos, o que leva a supor que a espécie se alimente de itens alóctones que caem no rio. No Itatinga, um rio de drenagem costeira, cujo trecho superior localiza-se nos contrafortes da Serra do Mar, a espécie explora as margens e o meio do rio em locais de água corrente. Nesse trecho, as águas são transparentes e frias, em torno dos 15°C. As águas do Rio Grande, principal drenagem da região do Alto da Serra, em Paranapiacaba, e afluente da Represa Billings, onde os exemplares utilizados para a descrição da espécie provavelmente foram coletados, também possuem características semelhantes nos seus trechos ainda preservados.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: José C. Nolasco



Glandulocauda melanogenys

Eigenmann, 1911

Characiformes, Characidae



Nome vernacular

Lambari-vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Desde sua descrição original até 1998, a espécie era conhecida apenas pela sua ocorrência em Paranapiacaba e arredores, na região do Alto Tietê. Em 1999, foi coletada em um riacho afluente do Rio Juquiá, na bacia do Rio Ribeira de Iguape, em Juquitiba; em 2003, foi registrada nas cabeceiras do Rio Guaratuba, na Estação Biológica de Boraceia; e, em 2005, nas cabeceiras do Rio Itatinga, dentro do Parque das Neblinas, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), no município de Bertioga.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Ocorre na Serra do Mar, em altitudes de cerca de 750 metros, em áreas florestadas das partes superiores do Rio Tietê e dos rios costeiros Itatinga, Guaratuba e Ribeira de Iguape, no Estado de São Paulo. Ocorre também em Itapecerica da Serra, no Ribeirão Itaquaxiara, afluente do Rio Embu-Mirim, que deságua na Represa do Guarapiranga. Prefere águas correntes, claras e cristalinas.

Presença em unidades de conservação

Reserva Biológica do Alto da Serra de Paranapiacaba, Estação Biológica de Boraceia e Parque das Neblinas.

Biologia da espécie

Vive próximo à superfície da água, às vezes formando pequenos cardumes, alimentando-se principalmente de insetos e larvas de insetos caídos da vegetação marginal. Os machos, com cores mais vivas e brilhantes, têm coloração diferente das fêmeas. Têm comportamento reprodutivo elaborado; os machos possuem tecido glandular na região da cauda onde são produzidos feromônios que estimulam a fêmea durante o cortejamento. Os espermatózoides produzidos pelo macho são transportados por um mecanismo ainda desconhecido, em "pacotes", para o oviduto da fêmea onde ficam estocados até a época da fecundação que ocorre em períodos incertos.

Ameaças

Sobrevive em áreas ainda preservadas de floresta ombrófila densa, em altitudes elevadas, na Serra do Mar. A ação de desmatamento e poluição dos ambientes aquáticos ocasionam alterações do habitat, criando condições adversas e mesmo irreversíveis à sobrevivência da espécie.

Medidas para a conservação

Recuperação de áreas degradadas por meio de programas de reflorestamento e eliminação da poluição ambiental, e preservação dos riachos onde a espécie ocorre.

FOTOGRAFIA: José C. Nolasco





***Hyphessobrycon duragenys* Ellis, 1911**
Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Lambari-do-Tietê.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiiii.

Justificativa

Espécie descrita com base em exemplares coletados em 1908, no Alto Tietê, na região de Mogi das Cruzes, e em Jacareí, na bacia do Rio Parába do Sul. *Hyphessobrycon duragenys* é uma espécie rara, com poucos exemplares conhecidos em coleções. Após as primeiras coletas, só veio a ser registrada novamente em 1966 e 1985 no Alto da Serra, em Paraniacaba, e em 1990, em Caiéiras, na bacia do Alto Tietê. Em 1999, foi registrada também em um riacho afluente do Rio Juquiá, na bacia do Rio Ribeira de Iguape, em Juquitiba.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): CR; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Ocorre na bacia do Alto Tietê e nos trechos superiores do Rio Juquiá, afluente Rio Ribeira de Iguape.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

A biologia da espécie é ainda desconhecida; sabe-se, entretanto, que outras espécies do gênero são peixes que nadam ativamente na coluna d'água, possuem hábitos diurnos e alimentam-se de insetos terrestres e aquáticos.

Ameaças

Destrução do habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer efetivamente a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena



Hyphessobrycon flammeus Myers, 1924

Characiformes, Characidae



Nome vernacular

Tetra-vermelho, vermelhinho, engraçadinho.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiii.

Justificativa

Até 1999, a espécie era conhecida somente pela sua ocorrência nas drenagens costeiras do Rio de Janeiro, quando foi descoberta num pequeno riacho no município de Biritiba-Mirim, na região do Alto Tietê. Em 2005 e anos posteriores, foi descoberta também na várzea do Rio Embu-Mirim, no município de Embu, e em pequenos riachos que deságuam na Represa do Guarapiranga, na região sul do município de São Paulo. A espécie não ocorre em nenhuma área legalmente protegida e os locais nos quais foi registrada encontram-se sob intensa interferência antrópica.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). A espécie foi registrada no Ribeirão Itaquaxiara e na várzea do Rio Embu-Mirim, afluente da Represa do Guarapiranga, na bacia do Alto Tietê, nos municípios de São Paulo e Embu. Há registro de sua ocorrência também no Rio Tietê e riachos afluentes no município de Biritiba-Mirim. No Rio Tietê e no Ribeirão Itaquaxiara, os exemplares foram coletados na margem, sob densa vegetação marginal, em área de mata secundária. Na várzea do Rio Embu-Mirim, em Embu, os exemplares foram coletados num pequeno afluente que nasce nas encostas de morros, em área dentro de um futuro parque, próximo ao trecho sul do Rodoanel Mário Covas.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Não se conhecem detalhes de sua biologia, mas como outras espécies do gênero, *H. flammeus* também possui hábitos diurnos, nadam ativamente na coluna d'água e próximo da superfície em cardumes relativamente grandes, em locais de remanso ou em poças, às margens dos riachos. Sua dieta deve depender de pequenos invertebrados aquáticos.

Ameaças

Destrução do habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, educação ambiental e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Marcelo Notare





Mimagoniates lateralis (Nichols, 1913)

Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Lambari-azul-listrado.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abii.

Justificativa

Conhecida apenas pela sua ocorrência em pequenos riachos costeiros de água preta, localizados entre as cidades de Santos e Cananéia.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (restinga). Ocorre nos rios de área de drenagem costeira do Litoral Sul, entre Santos e Cananéia.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

A alimentação baseia-se em pequenos insetos e invertebrados de pequeno porte, geralmente capturados na superfície da água. Nos locais de coleta, nunca foram observadas populações representadas por grande número de indivíduos. O dimorfismo sexual é acentuado pelo colorido, com os machos apresentando cores mais brilhantes e vistosas. Possuem ainda uma glândula resultante da modificação de alguns raios e escamas da nadadeira caudal, ao redor da qual existe tecido glandular onde é produzido o feromônio que estimula a fêmea por ocasião do cortejamento. Como acontece com as outras espécies de glandulocaudíneos, a fêmea armazena no interior do oviduto os espermatozoides produzidos pelo macho, utilizando-os para fecundação dos óvulos, o que pode ocorrer mesmo decorrido algum tempo.

Ameaças

As principais ameaças à sobrevivência da espécie são a destruição de seu habitat natural em consequência de projetos de urbanização de áreas costeiras e poluição ambiental.

Medidas para a conservação

Preservação do habitat nas matas de restinga, onde a espécie é encontrada, e criação de projetos para recuperação de áreas degradadas.

FOTOGRAFIA: Hans-Georg Evers



Myleus tiete (Eigenmann & Norris, 1900)

Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Pacu-prata.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2ac.

Justificativa

É uma espécie que, aparentemente, nunca foi comum na porção paulista da bacia do Rio Paraná e que foi, provavelmente, afetada de forma severa pela implantação de barragens de hidrelétricas. Existem poucos registros recentes da espécie no Estado de São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

A espécie ocorre na bacia do Rio Paraná, acima de Sete Quedas, em Guairá, que foram inundadas pela Hidrelétrica de Itaipu. Sua ocorrência em outras porções da bacia platina é incerta; uma espécie similar, *Myleus levis*, ocorre na bacia do Rio Paraguai (ver Agostinho *et al.*, 2008). O pacu-prata habita preferencialmente rios de médio porte.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

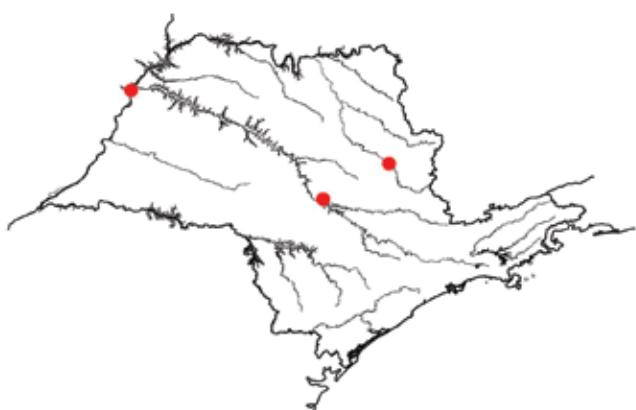
O pacu-prata atinge 35 cm de comprimento total e pouco mais que 1 kg de peso. A espécie é principalmente folívora, ingerindo principalmente folhas de plantas terrestres. Reproduz-se ao longo da estação chuvosa, embora tenham sido observadas a influência de diferenças regionais no pico reprodutivo das populações dos rios Corumbá (GO) e Piquiri (PR). A fecundidade da espécie é relativamente baixa, o que sugere a adoção de uma estratégia reprodutiva marginal dentro da estratégia periódica (Agostinho *et al.*, 2008). Indivíduos marcados no Mogi-Guaçu, na região de Cachoeira das Emas, foram recapturados 120 km rio acima durante a estação chuvosa, evidenciando um deslocamento provavelmente reprodutivo (Godoy, 1975).

Ameaças

A construção de hidrelétricas, a destruição de matas ciliares e a poluição química e orgânica dos tributários da bacia do Rio Paraná constituem os fatores que levaram ao declínio da espécie no Estado de São Paulo.

Medidas para a conservação

É preciso identificar, caso existirem, populações viáveis da espécie ocorrendo no trecho paulista da bacia do Paraná e promover ações para a sua conservação como proteção e recomposição de matas ciliares, restrição à construção de novos empreendimentos hidrelétricos e tratamento de efluentes domésticos e industriais lançados nos rios da região.



Nome vernacular

Caranha, pacu, pacu-caranha, pacu-guaçu.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2ac.

Justificativa

Espécie migradora cujas populações vêm apresentando forte declínio, conforme se pode depreender pela diminuição de sua captura no Estado de São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Espécie reofílica, ocorre em toda a bacia do Prata, incluindo o Rio Paraná, acima e abaixo da Barragem de Itaipu, e os rios Paraguai e Uruguai (Godoy, 1975).

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Realiza grandes migrações para se reproduzir e não apresenta cuidado parental com a prole (Agostinho *et al.*, 2007). Alimenta-se de vegetais e insetos (Hahn *et al.*, 2004), alcança grande porte e sua carne é muito apreciada. Considerada uma espécie nobre, tem muita importância na pesca comercial. O maior exemplar de que se tem registro foi coletado na Argentina, tendo medido 600 mm de comprimento padrão e 820 mm de comprimento total, com peso de 18,5 kg. (Ringuelet *et al.*, 1967), mas normalmente são capturados exemplares de menor porte. Na planície de inundação do Alto Paraná, no Mato Grosso do Sul, o maior exemplar capturado tinha 533 mm de comprimento padrão (Graça & Pavanelli, 2007). O declínio de espécies de escamas nobres e grandes migradoras em reservatórios do Estado de São Paulo tem sido relatado há décadas (Machado, 1976).

Ameaças

Construção de barragens, que impedem a migração reprodutiva e transformam os ambientes lóticos em lênticos, e destruição da vegetação ciliar.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e fiscalização da pesca.



Pseudocorynopoma heterandria

Eigenmann, 1914

Characiformes, Characidae



Nome vernacular

Garrida, sardinha-branca.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

A espécie ocorre em algumas áreas legalmente protegidas, mas também em áreas sob grande pressão antrópica, como nos riachos afluentes da Represa do Guarapiranga, na Região Metropolitana de São Paulo; da Represa de Ponte Nova, na região de Biritiba-Mirim.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacias do Ribeira de Iguape, onde a espécie está presente no trecho entre o município de Sete Barras até a foz, na região da planície litorânea, e Alto Tietê, onde ocorre desde a nascente, em Salesópolis, até a Região Metropolitana de São Paulo, em riachos afluentes da Represa do Guarapiranga. Ocorre também na bacia do Rio Piracicaba, na Área de Preservação Ambiental de Cabreúva, na Serra do Japi.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica Jureia-Itatins.

Biologia da espécie

Espécie de hábito diurno e que explora ativamente a meia água e a superfície na calha central dos riachos, em trechos de corredeiras moderadas. Alimenta-se principalmente de insetos, tanto terrestres como aquáticos.

Ameaças

Destrução do habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat.

FOTOGRAFIA: José Ceazar Nolasco





***Rachoviscus crassiceps* Myers, 1926**
Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Lambari-da-restinga.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

Registrada recentemente em apenas uma localidade na drenagem costeira do município de Itanhaém. Ocorre em águas negras de riachos e outros pequenos corpos d'água no interior da mata de restinga.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): CR.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (restinga). Riachos de água preta em áreas de floresta de restinga no Município de Itanhaém.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Embora conste da lista anterior da fauna ameaçada do Estado de São Paulo como Provavelmente Ameaçada (São Paulo, 1998), só recentemente a espécie foi oficialmente registrada com a coleta de exemplares na floresta de restinga de Itanhaém. Os exemplares estão depositados no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo - USP. Não existem muitas informações sobre a biologia dessa espécie. Dados recentes indicam que a espécie é inseminadora, com as fêmeas estocando os espermatózoides do macho em seu aparelho reprodutor. Estudos realizados numa população que ocorre na mata de restinga de Guaratuba, no litoral do Paraná, indicaram que a espécie apresenta hábito alimentar invertívoro, e sua dieta foi composta de material autóctone (68%), consistindo de larvas e adultos de insetos aquáticos, e material alóctone (32%), principalmente insetos terrestres (Abilhoa, Bastos & Wegbecher, 2007).

Ameaças

Se as florestas de restinga onde a espécie é encontrada forem severamente alteradas por desmatamento e urbanização, é possível que a sua extinção se torne uma possibilidade real. O único local onde a espécie é conhecida no Estado de São Paulo está localizado bem próximo de residências de veraneio e pequenas chácaras.

Medidas para a conservação

Preservação das matas de restinga onde a espécie encontra o seu habitat, projetos para evitar a poluição nos locais de ocorrência e recuperação de áreas alteradas. Pesquisa científica visando conhecer a biologia da espécie e trabalhos de inventário para conhecer a sua real distribuição.

FOTOGRAFIA: Rosário Lacorte



Spintherobolus broccae Myers, 1925

Characiformes, Characidae



Nome vernacular

Piquira-da-restinga.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Em São Paulo, a espécie é conhecida por registros de ocorrência em poucas localidades como Ubatuba e Bertioga, em riachos próximos à Riviera de São Lourenço, que são áreas bastante suscetíveis à ação antrópica.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Florestas de restinga. Vive em pequenos riachos da planície litorânea que drenam diretamente para o mar, em Ubatuba e Bertioga.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Pouco se conhece sobre sua biologia além do habitat, que são águas negras e ácidas de brejos e de pequenos riachos de águas lentas, e do conteúdo estomacal de espécimes do Rio Mato Grosso (sistema da Lagoa de Saquarema, no Rio de Janeiro), que era composta exclusivamente de invertebrados aquáticos, principalmente formas imaturas de insetos aquáticos e pequenos crustáceos (Rosa & Lima, 2008).

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, assoreamento e poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, que é a floresta de restinga do Litoral Norte do Estado, e pesquisa científica e inventários para se conhecer a sua real distribuição geográfica.

FOTOGRAFIA: Marcelo Notare





Spintherobolus leptoura
Weitzman & Malabarba, 1999
Characiformes, Characidae

Nome vernacular

Piquira-do-Ribeira.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abii.

Justificativa

Conhecida pelo registro de ocorrência em poucas localidades na região de planície da bacia do Rio Ribeira de Iguape, nos municípios de Registro, Paraguaçu-Açu e Iguape. A localidade-tipo da espécie é uma pequena lagoa às margens do Rio Quilombo, numa área de pasto para gado, dentro de uma fazenda de chá, em Registro.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa e restinga). Vive em riachos de águas ácidas e escuras, com fraca correnteza, dentro de floresta na planície da bacia do Ribeira de Iguape. Pode ser encontrada também em valas e pequenas lagoas com águas paradas e vegetação aquática abundante, na beira de estradas secundárias.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual - PE Campina do Encantado.

Biologia da espécie

Pouco se conhece da biologia da espécie além de que possui hábitos diurnos e que explora o ambiente aquático próximo à superfície, reunida em pequenos cardumes.

Ameaças

Destrução de habitat, supressão de florestas de restinga, assoreamento e poluição dos corpos d'água. A espécie apresenta certa capacidade de adaptação a ambientes perturbados, mas provavelmente não tolera modificações acentuadas no seu habitat (Rosa & Lima, 2008).

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: José C. Nolasco



Spintherobolus papilliferus

Eigenmann, 1911

Characiformes, Characidae



Nome vernacular

Piquira-cabeçuda.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

Espécie bastante rara com pouquíssimos registros conhecidos, foi descrita com base em apenas cinco exemplares coletados em 1908, no Alto da Serra, na região de Paranapiacaba, no município de Santo André. Registros históricos das décadas de 20 e 30 do século passado, indicam que a espécie ocorria também, no Riacho do Ipiranga, cujas nascentes encontram-se dentro do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga (PEFI), na zona sul da cidade de São Paulo. Na localidade-tipo foi registrada pela última vez em 1980; em 2000, um exemplar foi coletado no Parque Estadual da Cantareira, na zona norte da cidade de São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Alto Tietê, nos municípios de Santo André, na região de Paranapiacaba, e de São Paulo, nas zonas sul e norte. Ocorre preferencialmente nos remansos, próximo da vegetação marginal, em riachos de águas transparentes e frias.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Cantareira.

Biologia da espécie

Pouco se conhece sobre sua biologia, além do habitat, que são as águas claras e frias da região de Paranapiacaba e de um pequeno riacho, também de águas claras e frias, do Parque Estadual da Cantareira.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento e poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica para se conhecer a área de distribuição da espécie. Nesse sentido, é altamente recomendável que se faça um inventário da ictiofauna nos trechos ainda preservados do Riacho do Ipiranga dentro da área do Parque Estadual das Fontes do Ipiranga - PEFI.

FOTOGRAFIA: Eduardo G. Baena



Nome vernacular

Trairão, traíraçu (adulto), tariputanga (jovem).

Categoria proposta para São Paulo

VU B2biii, iv.

Justificativa

Em São Paulo, é endêmica da bacia do Rio Ribeira de Iguape. Ao contrário da outra espécie, *Hoplias aff. malabaricus*, que também ocorre na bacia, *H. lacerdae* é bastante rara, existindo somente alguns poucos registros de coleta. Nos últimos anos, várias expedições de coleta foram empreendidas na bacia e somente um exemplar foi capturado na foz do Rio Batatal, afluente do Ribeira de Iguape em Eldorado.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Ribeira de Iguape. Os adultos vivem preferencialmente nos corpos d'água de maior porte da região, como o próprio Ribeira de Iguape e os rios Juquiá, Pardo e Turvo.

Presença em unidades de conservação

Apesar de não haver registros conhecidos de ocorrência em áreas protegidas, *Hoplias lacerdae* deve, certamente, ocorrer no Parque Estadual do Jacupiranga, cujo limite noroeste é o Rio Turvo, local de coleta dos últimos exemplares depositados no Museu de Zoologia, da Universidade de São Paulo - USP.

Biologia da espécie

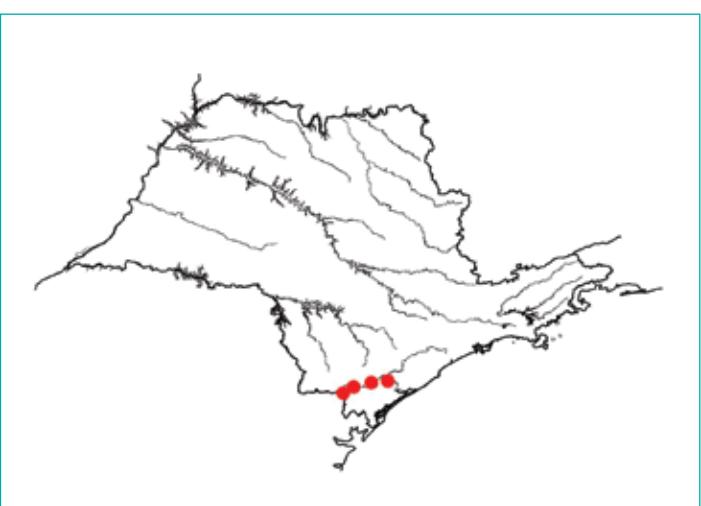
É, sem dúvida, a maior espécie de peixe de água doce da bacia do Ribeira de Iguape, chegando a atingir até 1 m de comprimento. Possuem hábitos carnívoros e sedentários na fase adulta; vivem nos remansos dos rios onde formam casais, constroem ninhos no fundo e cuidam da prole. É um peixe muito apreciado para consumo devido ao grande porte e à qualidade da carne.

Ameaças

Destrução do habitat, desmatamento, assoreamento, poluição por esgotos domésticos e agrotóxicos e pesca.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, educação ambiental e pesquisa científica visando a preservação da espécie e fiscalização da pesca.



***Prochilodus vimboides* Kner, 1859**

Characiformes, Prochilodontidae



Nome vernacular

Curimbatá, curimbatá-de-lagoa.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Apesar da localidade-tipo da espécie ser o Rio Sorocaba, na bacia do Alto Paraná, são escassos os registros da espécie no Estado, relatando a coleta de cerca de 20 exemplares. Além disso, a maioria dos registros são de exemplares coletados no final do século XIX e início do século XX. Registros recentes indicam a presença da espécie no Rio Ipanema, dentro da Floresta Nacional de Ipanema, e no Rio Mogi-Guaçu.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): PA; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Rios Mogi-Guaçu, Sorocaba e Piracicaba, na bacia do Alto Paraná, e Paraíba do Sul.

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Pouco se conhece sobre sua biologia, exceto que, como outras espécies do gênero, habita os grandes corpos d'água, e possui hábitos iliófagos, alimentando-se dos sedimentos acumulados no fundo dos rios. Na coleção do Museu de Zoologia, da Universidade de São Paulo – USP, existe um único registro histórico da espécie no Rio Paraíba do Sul relatando coleta de três exemplares, em 1911, em Taubaté. Machado & Abreu (1952), no trabalho sobre a pesca no Vale do Paraíba, em São Paulo, relatam a captura de 15 toneladas de corumbatá no Rio Paraíba do Sul, no trecho entre Paraibuna e Queluz. Nesse artigo, os autores muito provavelmente se referiam à captura de *Prochilodus vimboides*.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição e construção de barragens.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

FOTOGRAFIA: Ricardo Macedo Corrêa e Castro



Nome vernacular

Peixe-banjo, rabeca, rebeca.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii, iv.

Justificativa

Espécie relativamente rara, embora seja de ampla distribuição em todo o Alto Paraná. Em São Paulo, conhecida apenas pela ocorrência em localidade-tipo (aparentemente perdidos) e pelos poucos exemplares coletados no passado; um único registro recente relata ocorrência em área da Floresta Nacional de Ipanema, nos municípios de Araçoiaba da Serra, Capela do Alto e Iperó, na bacia do Rio Tietê.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): DD; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Distribuição ampla porém muito fragmentada em todo o Alto Paraná; ocorre em riachos relativamente íntegros com água transparente, fundo de areia e pedras, junto a folhiço, galhos e troncos caídos no leito. Exemplares pouco abundantes.

Presença em unidades de conservação

Floresta Nacional de Ipanema.

Biologia da espécie

Não se conhece a biologia da espécie, mas sabe-se que as populações têm pequeno número de indivíduos. No geral, as espécies da família são onívoras, alimentando-se principalmente de invertebrados aquáticos, insetos terrestres e matéria orgânica.

Ameaças

Destrução do habitat, desmatamento e poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição atual da espécie.



Scleromystax macropterus (Regan, 1913)

Siluriformes, Callichthyidae



Nome vernacular

Corredora-dorsal-grande.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Espécie de distribuição restrita em São Paulo, com registros de ocorrência na planície litorânea da bacia do Ribeira de Iguape e drenagens costeiras ao sul de Itanhaém, em área de mata de restinga.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta de restinga). Bacia do Rio Ribeira de Iguape e drenagens costeiras. Habita preferencialmente os ambientes lênticos dos riachos de água preta, em áreas de mata de restinga na drenagem costeira do Ribeira de Iguape.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica Chauás.

Biologia da espécie

Não se conhece a biologia da espécie, mas sabe-se que as populações têm pequeno número de indivíduos. No geral, as espécies de *Scleromystax* alimentam-se de insetos e suas larvas e outros vermes aquáticos.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Hans-Georg Evers





***Scleromystax prionotos*
(Nijssen & Isbrücker, 1980)**
Siluriformes, Callichthyidae

Nome vernacular

Corredora-listrada.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Apesar da presença em área legalmente protegida, a maioria dos locais onde a espécie ocorre é de regiões de grande influência antrópica, como riachos que ocorrem próximo de vilas e cidades. No Ribeirão Poço Grande, em Juquiá, localidade de ocorrência de várias outras espécies ameaçadas de extinção, o último registro da *Scleromystax prionotos* data de 1969.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta de restinga e floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Ribeira de Iguape e drenagens costeiras. Na região do Ribeira de Iguape, além da planície de restinga, a espécie ocorre também nos rios entre Sete Barras e Iporanga, na área de transição entre o trecho baixo e médio da bacia.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica Jureia-Itatins.

Biologia da espécie

veja em *Scleromystax macropterus*.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

FOTOGRAFIA: Hans-Georg Evers



Heptapterus multiradiatus Ihering, 1907

Siluriformes, Heptapteridae



Nome vernacular

Bagrinho-do-Tietê.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

Espécie bastante rara e de distribuição restrita, é conhecida por apenas quatro exemplares coletados no Alto da Serra, na região de Paranapiacaba. Os últimos exemplares foram coletados em 1966.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Alto Tietê, drenagem do Rio Grande, afluente da Represa Billings.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Por ser uma espécie rara, conhecida por apenas quatro exemplares, nada se sabe a respeito da sua biologia. Entretanto, a julgar pelo modo de vida de outras espécies da família Heptapteridae, presume-se que ela habite o folhiço que se acumula em áreas de remanso dos riachos.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição por esgotos domésticos.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: José Luis Birindelli



Nome vernacular

Babão, bagrinho-de-Emas.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Espécie rara, conhecida apenas por um exemplar-tipo coletado com anzol e linha, em 1956.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Distribuição extremamente restrita. Conhecida apenas por registro em localidade-tipo na Cachoeira das Emas, no Rio Mogi-Guaçu, em Pirassununga, em ambiente de águas lóticas bastante alterado atualmente.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Não se conhece a biologia da espécie. O único exemplar conhecido, o holótipo, é uma fêmea madura com 131,2 mm de comprimento padrão. A espécie é conhecida dos pescadores locais e eventualmente capturada em época chuvosa (Flávio A. Bockmann, informação pessoal).

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para verificar ocorrência na natureza e conhecer a área de distribuição atual da espécie.



Pimelodella kronei
(Miranda-Ribeiro, 1907)
Siluriformes, Heptapteridae



Nome vernacular

Bagre-cego, bagre-cego-de-Iporanga.

Categoria proposta para São Paulo

EN A2a; B2abiii.

Justificativa

Populações pequenas e de distribuição restrita a algumas cavernas nas duas margens do Rio Betari, afluente do Rio Ribeira de Iguape, em Iporanga. Essas populações são altamente sensíveis à poluição química, à coleta excessiva e a outros tipos de perturbações, como alterações no fluxo de nutrientes (por desmatamento, eutrofização etc.) e nas condições físico-químicas da água.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Ribeira de Iguape. Restrita a riachos no interior das cavernas do Sistema das Areias (cavernas Areias de Cima, Areias de Baixo e Ressurgência das Areias da Água Quente, Ressurgência das Bombas e Córrego Seco), que se localizam na margem direita do Rio Betari, e do Sistema do Alambari (Caverna Alambari de Cima e Abismo da Gurutuva), na margem esquerda do mesmo curso d'água.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira - PETAR.

Biologia da espécie

Apresenta adaptações morfológicas, fisiológicas e comportamentais para a vida em cavernas. Explora ativamente a superfície e a coluna d'água. Alimenta-se de itens alóctones e autóctones, principalmente invertebrados como crustáceos, insetos, moluscos, guano, restos animais e vegetais, areia etc. Segundo E. Trajano (com. pess.), parece existir evidências de que as populações de *Pimelodella kronei* das duas margens do Rio Betari estejam isoladas entre si e que as populações da margem esquerda seja uma espécie diferente, mais ameaçada ou quase extinta. Esta população consta na lista de São Paulo (1998) como *Pimelodella* sp., e o seu status era A-CP, ou seja Ameaçada e Criticamente em Perigo.

Ameaças

Destrução de habitat, assoreamento, desmatamento, poluição, turismo e lazer, coleta por amadores.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica de cunho taxonômico e de distribuição, educação ambiental, fiscalização para controle da coleta.

FOTOGRAFIA: Ivan Sazima





***Taunaya bifasciata*
(Eigenmann & Norris, 1900)
Siluriformes, Heptapteridae**

Nome vernacular

Bagrinho-listrado.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Apesar da espécie ocorrer em algumas áreas protegidas, várias populações foram registradas em localidades diversas, sujeitas a impactos advindos sobretudo de processos de assoreamento e poluição das águas, como nas regiões de Paranapiacaba, na bacia do Alto Tietê, e de Piquete, na bacia do Paraíba do Sul.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacias do Alto Tietê e do Paraíba do Sul, e drenagens costeiras. Ocorre em pequenos riachos e córregos, com substrato tanto de pedras e rochas como também de argila, geralmente em locais com vegetação nas margens. Em Boraceia, na região do Alto Tietê; no Ribeirão Grande, em Pindamonhangaba, na bacia do Paraíba do Sul; e no Parque das Neblinas, em área de drenagem costeira, a espécie ocorre geralmente nos ambientes de água corrente e substrato com pedras e rochas. No Parque Estadual da Cantareira, na região do Alto Tietê, a espécie ocorre em pequenos córregos com fundo de lama e argila e com muita vegetação marginal.

Presença em unidades de conservação

Estação Biológica de Boraceia, Parque Estadual da Cantareira e Parque das Neblinas, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), em Bertioga.

Biologia da espécie

Pouco se conhece sobre sua biologia. Em todos os locais onde ocorre, as populações são sempre pouco numerosas e, como outros representantes da família, é onívora alimentando-se de insetos e suas larvas, e invertebrados aquáticos. No Ribeirão Grande, ocorrem também mais três espécies ameaçadas de extinção: *Pseudotocinclus parahybae*, *Pareiorhina rudolphi* e *Pareiorhina brachyrhyncha*.

Ameaças

Destrução de habitat, assoreamento, desmatamento e poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

FOTOGRAFIA: José Luis Birindelli



Corumbataia cuestae Britski, 1997

Siluriformes, Loricariidae



Nome vernacular

Cascudinho-da-Cuesta.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiii.

Justificativa

Espécie restrita aos riachos da bacia do Rio Tietê em áreas das Cuestas Basálticas, na região central do Estado. Embora bastante comum e abundante na área de distribuição conhecida, os riachos de encosta no Estado de São Paulo têm sido muito alterados pela interferência antrópica.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Distribuição restrita, embora seja bastante comum e abundante. Conhecida apenas da região central do Estado de São Paulo. Ocorre em riachos de água corrente e, como as outras espécies da subfamília Hypoptopomatinae, associada à vegetação marginal debruçada no curso d'água.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

De acordo com Fragoso (2005), a espécie exibe período reprodutivo contínuo, com maior intensidade no período chuvoso, desova parcelada do tipo intermitente e tamanho de primeira maturação gonadal de 2,6 cm de comprimento padrão, tanto para machos como para fêmeas. Ainda, segundo a autora (Fragoso, 2005), a deposição dos ovos ocorre em folhas da vegetação marginal parcialmente submersas; não há cuidado parental.

Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica para aumentar o conhecimento sobre a biologia da espécie.

FOTOGRAFIA: Hans-Georg Evers



Nome vernacular

Cascudo-rabo-seco-do-Paraná.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiiii.

Justificativa

Em São Paulo, a espécie foi registrada somente em uma localidade na bacia do Rio Sapucaí, em Campos do Jordão e outra no Ribeirão do Lajeado, em São Bento do Sapucaí. A localidade-tipo da espécie é no Município de Fortaleza de Minas, em Minas Gerais, onde a espécie foi registrada uma única vez. Esforços recentes de coleta no local foram infrutíferos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Paraná, afluente do Rio Grande, e em São Bento do Sapucaí. Riacho de encosta e fundo de rochas, águas frias, cristalinas e bastante encachoeiradas, dentro de mancha de mata secundária.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Pouco se conhece a respeito da biologia da espécie; entretanto, como outras espécies de Loricariidae, tem hábitos bentônicos e vive em rios de fundo rochoso e água corrente e bastante oxigenada.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.



Harttia loricariformis Steindachner, 1877

Siluriformes, Loricariidae



Nome vernacular

Cascudo-rabo-seco-do-Paraíba.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiii.

Justificativa

Em São Paulo, *Harttia loricariformis* ocorre somente em quatro localidades nos municípios de Santa Isabel, Cachoeira Paulista, São Luís do Paraitinga e Pindamonhangaba, todos na bacia do Rio Paraíba do Sul. O número de indivíduos capturados nas quatro localidades sempre foi muito pequeno, indicando uma baixa densidade populacional.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não citada; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Paraíba do Sul.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Estudo realizado no trecho inferior do Rio Paraíba do Sul, entre Três Rios e Campos, no Rio de Janeiro, mostrou que a espécie está associada a ambientes de águas claras, forte correnteza, profundidade acima de 1 m e substrato de areia e pedras em trechos em que a largura do corpo d'água varia de 10 a 50 m. Atingem a idade adulta com 12,3 cm e a maturidade sexual com tamanhos próximos de 10 a 10,4 cm; e a reprodução ocorre entre setembro e fevereiro (Menezes *et al.* 1998).

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena





Hemipsilichthys gobio (Lütken, 1874)

Siluriformes, Loricariidae

Nome vernacular

Cascudo-piririca.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiii.

Justificativa

Espécie rara, com pouquíssimos exemplares conhecidos em coleções, tendo sido coletados em riachos afluentes do Rio Paraibuna nos municípios de São Luís do Paraitinga e Silveiras.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): VU (citada como *Upsilodus victori*); Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Paraíba do Sul. Espécie típica de riachos de altitude e águas frias, oxigenadas e transparentes, correndo sobre um substrato de pedras e rochas dentro da mata.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

A sua biologia não é conhecida, mas, como outras espécies do mesmo gênero e *Isbrueckerichthys*, habita riachos de altitude, não suportando, portanto, águas com altas temperaturas e baixo teor de oxigênio dissolvido. Vivem em locais de grande correnteza e encachoeirados.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena



Isbrueckerichthys duseni (Miranda-Ribeiro, 1907) Siluriformes, Loricariidae



Nome vernacular

Cascudo-do-dente-quebrado.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiii.

Justificativa

Conhecida pela ocorrência em poucas localidades restritas às regiões do planalto da bacia do Rio Ribeira de Iguape.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Ribeira de Iguape. Espécie restrita aos pequenos riachos de água corrente e bastante oxigenada da região de planalto da bacia do Ribeira de Iguape, em altitudes acima de 500 m.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Serra do Mar (Núcleo Pedro de Toledo), Parque Estadual Intervales, Parque Estadual de Jacupiranga e Parque Estadual do Jurupará.

Biologia da espécie

Não existem informações a respeito da biologia da espécie. Entretanto, estudos sobre o comportamento de duas espécies (*I. alipionis* e *I. duseni*) no Rio Betari, no Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira - PETAR, mostram que em ambos os casos os indivíduos jovens são ativos durante o dia e os adultos à noite. Aparentemente, são também fotofóbicos, escondendo-se em locais mais profundos e debaixo de troncos e rochas. Na bacia do Rio Ribeira de Iguape, existem mais duas espécies do gênero: *I. epakmos*, também incluída neste capítulo, e *I. alipionis*. Esta última é bastante comum também em riachos de planalto no PETAR, PE Intervales e Parque Estadual - PE Carlos Botelho.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição por esgotos domésticos.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

FOTOGRAFIA: José Ceazar Nolasco





Isbrueckerichthys epakmos
Pereira & Oyakawa, 2003
Siluriformes, Loricariidae

Nome vernacular

Cascudo-de-topete.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiii.

Justificativa

Conhecida pela ocorrência em apenas três localidades, duas em Tapiraí e uma em Ibiúna, na bacia do Rio Ribeira de Iguape.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Ribeira de Iguape. Ocorre em riachos com fundo de rocha em locais de altitude e água fria, corrente e bastante oxigenada.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidade de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Provavelmente semelhante à *I. duseni*.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: José Ceazar Nolasco



Otothyris juquiae
Garavello, Britski & Schaefer, 1998
Siluriformes, Loricariidae



Nome vernacular

Cascudinho-anão.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiii.

Justificativa

Espécie rara, com distribuição restrita a quatro localidades nos municípios de Juquiá e Registro, na área de drenagem do Rio Juquiá, afluente do Rio Ribeira de Iguape.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Drenagem do Rio Ribeira de Iguape. Habita pequenos riachos na parte baixa da bacia do Ribeira de Iguape.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Típico habitante de pequenos córregos com fundo de lama e abundante vegetação marginal. *O. juquiae* foi registrada pela última vez em 1974 no Ribeirão Poço Grande, local de ocorrência de várias outras espécies ameaçadas de extinção.

Ameaças

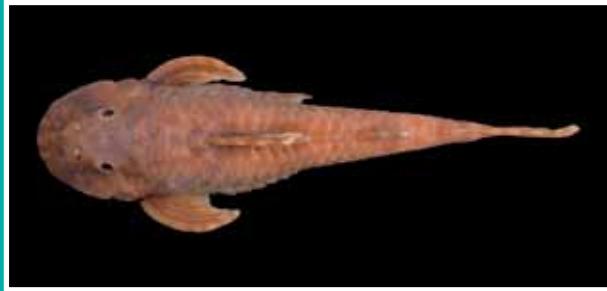
Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena





Neoplecostomus paranensis
Langeani, 1990
Siluriformes, Loricariidae

Nome vernacular

Cascudo-peito-duro-do-Pardo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2biii.

Justificativa

Embora a distribuição atual aceita para a espécie seja relativamente ampla, estudos em andamento podem restringi-la apenas aos riachos afluentes do Rio Grande, no Estado de São Paulo (Zawadzki *et al.*, 2008). A espécie ocorre apenas em riachos de cabeceira, com matas ciliares íntegras, águas frias, cristalinas e correntosas, e fundo de pedras.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Distribuição restrita a riachos de cabeceira, rasos, com matas ciliares íntegras, águas frias, cristalinas e correntosas, e fundo de pedras; afluentes do Rio Pardo, drenagem do Rio Grande, no Alto Rio Paraná.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Nada se conhece sobre a biologia da espécie.

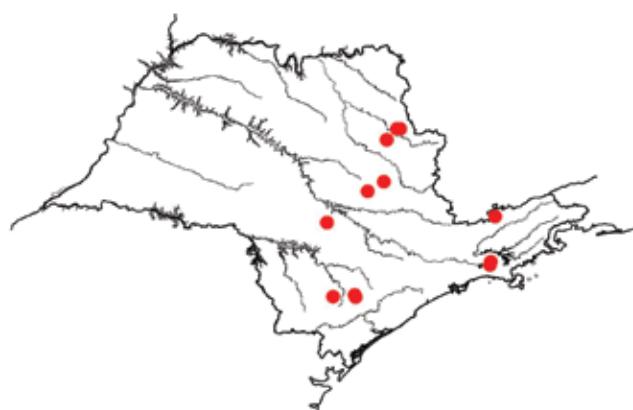
Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica para levantamento de dados sobre a biologia e inventários para conhecer a área de distribuição real da espécie.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena



Neoplecostomus selenae

Zawadzki, Pavanelli & Langeani, 2008

Siluriformes, Loricariidae



Nome vernacular

Cascudo-peito-duro-do-Paranapanema.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiii.

Justificativa

Espécie conhecida apenas com base nos exemplares-tipo restritos à localidade-tipo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2005): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Distribuição restrita à localidade-tipo no Ribeirão das Bateias, no município de Ribeirão Grande, em área de drenagem do Rio Paranapanema, na região do Alto Rio Paraná. Ambiente de cabeceira, raso, com mata ciliar íntegra, águas frias, cristalinas e correntosas, e fundo de pedras.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Nada se conhece sobre a biologia da espécie. A localidade-tipo é próxima ao Parque Estadual Intervales.

Ameaças

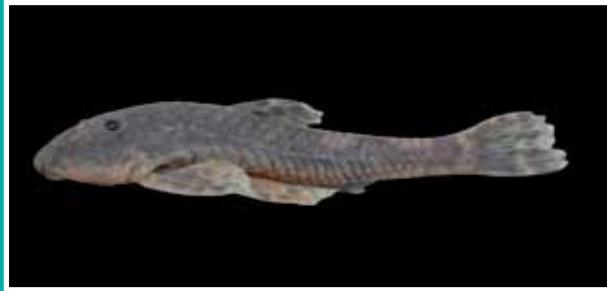
Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica para a obtenção de dados sobre a biologia e inventários para conhecer a área de distribuição real da espécie.

FOTOGRAFIA: Cláudio H. Zawadzki





Pareiorhina brachyrhyncha
Chamon, Aranda & Buckup, 2005
Siluriformes, Loricariidae

Nome vernacular

Cascudinho-cabeçudo.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiiii.

Justificativa

Espécie conhecida por registros em poucas localidades nos municípios de Pindamonhangaba e Guaratinguetá; algumas localidades, como Ribeirão Grande, localidade-tipo da espécie, ficam próximas a áreas urbanas e sujeitas à poluição por esgotos domésticos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Paraíba do Sul. O Ribeirão Grande, localidade-tipo da espécie, no sopé da Serra da Mantiqueira, possui águas cristalinas, correntes e oxigenadas, com fundo de areia e seixos, no local de coleta.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Não existem informações sobre a biologia da espécie; entretanto, como a maioria das espécies da família Loricariidae, *Pareiorhina brachyrhyncha* é bentônico e se alimenta de algas que crescem sobre as rochas e outros substratos. No Ribeirão Grande, ocorrem também mais três espécies ameaçadas de extinção: *Pseudotocinclus parahybae*, *Pareiorhina rudolphi* e *Taunayia bifasciata*.

Ameaças

Destrução de habitat, assoreamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena



Pareiorhina rudolphi (Miranda-Ribeiro, 1911) Siluriformes, Loricariidae



Nome vernacular

Cascudinho-do-rabo-chato.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiii.

Justificativa

Espécie restrita a poucas localidades na bacia do Rio Paraíba do Sul, na qual é endêmica. Os registros mais numerosos, depositados no Museu de Zoologia, da Universidade de São Paulo - USP, provêm de Piquete e Pinhadonhangaba e foram coletados há cerca de 15 anos. Todos os outros registros mais recentes possuem menos de 10 exemplares.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): VU; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Drenagem do Rio Paraíba do Sul. Ocorre em córregos e riachos de água transparente e corrente, em locais geralmente com rochas e pedras como substrato.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Semelhante à *Pareiorhina brachyrhyncha*. No Ribeirão Grande ocorrem também mais três espécies ameaçadas de extinção: *Pseudotocinclus parahybae*, *Pareiorhina brachyrhyncha* e *Taunayia bifasciata*.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

FOTOGRAFIA: Hans-Georg Evers





Pseudotocinclus juquiae
Takako, Oliveira & Oyakawa, 2005
Siluriformes, Loricariidae

Nome vernacular

Cascudinho-do-Juquiá.

Categoria proposta para São Paulo

EN B1B2abiiii.

Justificativa

Conhecida por apenas dois registros, sendo um em córrego no município de Juquitiba e outro no Ribeirão Poço Grande, no município de Juquiá, ambos afluentes do Rio Juquiá. Existem poucos exemplares em coleções, a maioria coletada em Juquitiba.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Ribeira de Iguape. O córrego em Juquitiba tem cerca de 0,5 a 1,0 m de largura, com fundo argiloso e poucas pedras; o trecho em que os exemplares foram coletados situa-se próximo a um pasto na beira de uma estrada vicinal. O Ribeirão Poço Grande, localizado próximo da SP-79, já na região da planície do Rio Ribeira de Iguape, possui cerca de 2 m de largura, fundo de pedra e atualmente já mostra sinais de poluição por esgotos domésticos.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

As três espécies do gênero, como os outros membros da subfamília Hypoptopomatinae, alimentam-se de algas que crescem no substrato e são encontrados geralmente associados a rochas, troncos de árvores e vegetação marginal dos riachos. No Ribeirão Poço Grande foram registradas também *Homodiaetus graciosa* e *Microcambeva ribeirae*.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição, principalmente por esgotos domésticos.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: José C. Nolasco



Pseudotocinclus parahybae
Takako, Oliveira & Oyakawa, 2005
Siluriformes, Loricariidae



Nome vernacular

Cascudinho-do-Paraíba.

Categoria proposta para São Paulo

CR B1B2abiii.

Justificativa

Espécie bastante rara e conhecida de apenas uma localidade no Ribeirão Grande, no município de Pindamonhangaba, na bacia do Rio Paraíba do Sul. *Pseudotocinclus parahybae* foi descrita em 2005, com base em apenas três exemplares que, até o momento, são os únicos conhecidos da espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Paraíba do Sul. O Ribeirão Grande situa-se no sopé da Serra da Mantiqueira, possui águas cristalinas, correntes e oxigenadas, com fundo rochoso, no local de coleta da espécie. Outros pontos com fundo de areia e seixo.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Muito provavelmente semelhante à *Pseudotocinclus juquiae*. No Ribeirão Grande ocorrem também mais três espécies ameaçadas de extinção: *Pareiorhina brachyrhyncha*, *P. rudolphi* e *Taunayia bifasciata*.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena





***Pseudotocinclus tietensis* (Ihering, 1907)**
Siluriformes, Loricariidae

Nome vernacular

Cascudinho-do-Tietê.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiiii.

Justificativa

Apesar de ocorrer também em unidades de conservação, onde se encontra protegida, a espécie é vulnerável em outros locais, principalmente nos municípios próximos a São Paulo, cujos corpos d'água sofrem com problemas de assoreamento e lançamento de esgotos domésticos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Alto Tietê. *P. tietensis*, como as duas outras espécies do gênero, ocorre em riachos, mas está presente também em corpos d'água de maior porte como o Rio Paraitinga, afluente do Rio Tietê, na região de Mogi das Cruzes, Biritiba-Mirim e Salesópolis. Ocorre em riachos em São Paulo, Santo André, Mauá e outros municípios, que drenam para as represas Billings e Guarapiranga. Ocorre ainda em Caieiras. Em São Paulo, a espécie ocorre também no Parque Estadual da Cantareira, nos córregos Cabuçu de Baixo e de Cabuçu de Cima que drenam para o Rio Tietê.

Presença em unidades de conservação

Parque Estadual da Cantareira, Estação Biológica Boraceia e Parque das Neblinas, uma Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN), em Beritioga.

Biologia da espécie

Semelhante à *Pseudotocinclus juquiai*.

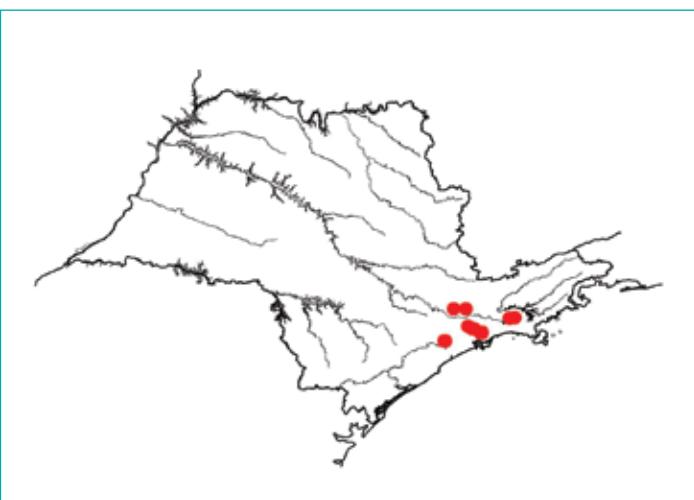
Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição por esgotos domésticos.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena



Hemisorubim platyrhynchos (Valenciennes, 1840)

Siluriformes, Pimelodidae



Nome vernacular

Jurupoca.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2ac.

Justificativa

Espécie rara e que sofre com a destruição de habitat em decorrência da construção de hidrelétricas. Tamanho populacional reduzido e em declínio pela diminuição contínua em área, extensão ou qualidade do habitat. Distribuição geográfica altamente fragmentada no Estado, ocorrendo como populações isoladas em diversos reservatórios.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998) não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Espécie de ampla distribuição, ocorrendo nas bacias dos rios Orinoco, Amazônicas, Paraguai, Uruguai e Paraná. Prefere rios de médio a grande portes.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Espécie piscívora, mas alimenta-se também de invertebrados e vegetais superiores. Sua biologia é pouco conhecida. Tem hábitos noturnos, ocorrendo tanto em águas correntes como em ambientes lênticos. Vive no fundo, entre rochas e troncos submersos. À noite, procura suas presas nas margens dos rios. Espécie migratória, sem cuidado parental, reproduzindo-se de novembro a janeiro. A primeira maturação gonadal ocorre, aproximadamente, aos 300 mm de comprimento (Shibatta & Dias, 2006). Apesar de rara na pesca profissional, é bastante apreciada na pesca esportiva, pelo sabor de sua carne. A legislação não estabelece tamanho mínimo de captura para essa espécie na bacia do Rio Paraná. É uma das espécies incluídas no "Programa de Manejo Pesqueiro" da Companhia Energética de São Paulo - CESP.

Ameaças

A sequência de barragens para instalação de usinas hidrelétricas é a principal ameaça à espécie, pois interrompe o fluxo migratório necessário à sua reprodução.

Medidas para a conservação

Apesar de ser uma espécie popularmente conhecida, ainda são necessárias mais pesquisas científicas relacionadas à sua biologia e ecologia. O habitat remanescente deve ser protegido e recuperado. Programas de conservação *ex situ* são necessários para a preservação da espécie e desenvolvimento de tecnologia de reprodução. Em certos casos, haverá necessidade de manejo *in situ*, principalmente com vistas à reintrodução da espécie no ambiente.

FOTOGRAFIA: José Luis Birindelli





Pimelodus paranaensis
Britski & Langeani, 1988
Siluriformes, Pimelodidae

Nome vernacular

Mandi.

Categoria proposta para São Paulo

VU B1B2abiiii.

Justificativa

A espécie foi descrita com base em 20 exemplares provenientes do Rio Paraná, na região de Ilha Solteira (Britski & Langeani, 1988), e nunca mais foi capturada no Estado de São Paulo. Sofre com a destruição de habitat, pela construção de barragens para implantação de usinas hidrelétricas. Tamanho populacional reduzido.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Conhecido apenas na bacia do Alto Paraná. No Estado de São Paulo, ocorria na região de Ilha Solteira, onde não foi mais capturado. No Paraná, tem sido coletado no Rio Tibagi, na Bacia do Rio Paranapanema e, por isso, é provável que também ocorra na mesma bacia em São Paulo. Prefere rios de médio a grande porte, com ambientes de corredeira.

Presença em áreas protegidas em São Paulo

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Biologia pouco conhecida. Tamanho máximo de 260 mm (Britski & Langeani, 1988). Vive no fundo dos rios.

Ameaças

A sequência de barragens para instalação de usinas hidrelétricas é a principal ameaça à espécie, pois altera completamente as características ambientais.

Medidas para a conservação

Espécie pouco conhecida, são necessárias mais pesquisas científicas relacionadas à sua biologia e ecologia, mas é provável que programas de conservação *ex situ* tenham que ser implementados para sua preservação. O habitat remanescente deve ser protegido e recuperado. Pela ausência de coletas da espécie no Estado de São Paulo, há necessidade de manejo *in situ*, principalmente com vistas à reintrodução da espécie no ambiente.

FOTOGRAFIA: Oscar Akio Shibatta



Pseudoplatystoma corruscans

(Spix & Agassiz, 1829)

Siluriformes, Pimelodidae

Nome vernacular

Surubim-pintado, pintado.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2ac.

Justificativa

Destrução de habitat em decorrência da construção de hidrelétricas. Tamanho populacional reduzido e em declínio pela diminuição contínua em área, extensão e qualidade do habitat. Distribuição geográfica altamente fragmentada no Estado, ocorrendo como populações isoladas em diversos reservatórios.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): PA; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): NT.

Distribuição e habitat

Bacias dos rios São Francisco, Paraná, Paraguai, Uruguai e da Prata. No Estado de São Paulo ocorre nos rios Grande, Tietê, Paraná e Parapanema. Vive em trechos profundos e de remanso dos grandes rios, ocorrendo também em reservatórios.

Presença em áreas protegidas em São Paulo

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

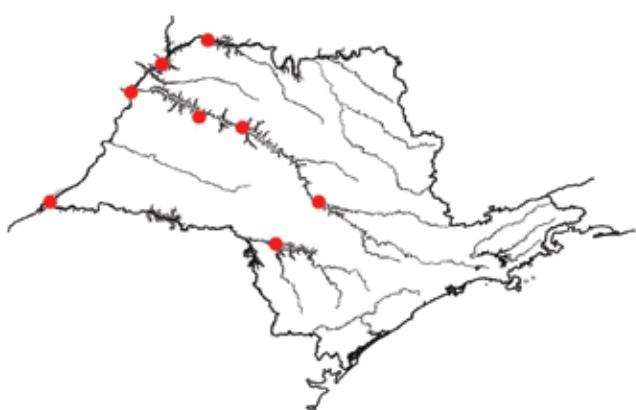
Hábito alimentar piscívoro. Vive nos leitos dos rios e são principalmente noturnos. Espécie migratória. Atinge maturação sexual entre 485 mm e 580 mm de comprimento e desova total no período de novembro a fevereiro (Shibatta & Dias, 2006). Fecundidade de 63.853 ± 51.038 ovócitos (Zaniboni-Filho *et al.*, 2004). Não apresenta cuidado parental. Possui grande importância para a pesca esportiva e profissional. Na região paulista do Rio Paraná, a pesca profissional responde pela captura média anual de 22 toneladas, no período de 1994 a 2000, posicionando-a entre as dez espécies mais pescadas. O tamanho mínimo de captura no Rio Paraná é de 900 mm. Essa espécie é produzida pelo “Programa de Manejo Pesqueiro” da Companhia Energética de São Paulo - CESP (Shibatta & Dias, 2006).

Ameaças

Destrução de habitat; a sequência de barragens para instalação de usinas hidrelétricas é a principal ameaça à espécie, pois interrompe o fluxo migratório necessário à sua reprodução.

Medidas para a conservação

Apesar de ser uma espécie popularmente conhecida, ainda são necessárias mais pesquisas científicas relacionadas à sua biologia e ecologia. O habitat remanescente deve ser protegido e recuperado. Programas de conservação *ex situ* são necessários para a preservação da espécie e desenvolvimento de tecnologia de reprodução. Em certos casos haverá necessidade de manejo *in situ*, principalmente com vistas à reintrodução da espécie no ambiente.





***Steindachneridion parahybae*
(Steindachner, 1876)**
Siluriformes, Pimelodidae

Nome vernacular

Surubim-do-Paraíba.

Categoria proposta para São Paulo

RE (Regionalmente Extinta).

Justificativa

Apesar dos relatos de capturas no passado por pescadores locais, não é mais encontrado na natureza em São Paulo. Todos os exemplares presentes em coleções são provenientes do Rio de Janeiro (Garavello, 2005), tendo sido registrada recentemente a captura de um exemplar no Rio Paraíba do Sul, em Barra Mansa, que foi depositado no Museu de Zoologia, da Universidade de São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): CR; São Paulo (1998): PA; Minas Gerais (2007): PA; Rio de Janeiro (1998): EN; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Rio Paraíba do Sul, geralmente associados a poções e canais profundos próximos a fortes corredeiras.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Biologia desconhecida. O maior exemplar preservado em coleções possui 570 mm de comprimento total, e foi capturado em Barra Mansa, no Rio de Janeiro. Tem hábitos noturnos e alimenta-se de outras espécies de peixes e de crustáceos (Moraes Júnior & Caramaschi, 1993). É, provavelmente, uma espécie migratória e de desova total. O cultivo da espécie vem sendo estudado na Estação de Piscicultura da Companhia Energética de São Paulo - CESP, em Paraibuna, com matrizes de Três Rios, Rio de Janeiro. Em 2003, aconteceu a primeira reprodução da espécie em cativeiro, e, em 2005, 6.600 indivíduos foram soltos nos reservatórios de Paraibuna e Jaguari, mas o sucesso desta reintrodução ainda não pode ser avaliado. Considerada como uma das poucas espécies nobres do Rio Paraíba do Sul, foi outrora importante para a pesca comercial (Rosa & Lima, 2008). Machado & Abreu (1952) relatam que a pesca da espécie no Vale do Paraíba paulista nos anos de 1950 e 1951 totalizou 1.989 kg.

Ameaças

Degradação do habitat pela poluição, desmatamento e construção de barragens e introdução de espécies exóticas. Em novembro de 2008, um vazamento de organoclorados no Rio Pirapetinga, afluente do Paraíba do Sul, em Resende, no Rio de Janeiro, provocou uma grande mortandade de peixes, entre os quais o surubim-do-Paraíba. Um dos exemplares de surubim media cerca de 60 a 70 cm de comprimento.

Medidas para a conservação

Necessita de mais pesquisas científicas relacionadas à sua biologia e ecologia. O habitat remanescente onde a espécie ocorria deve ser protegido e recuperado. Programas de conservação *ex situ* e manejo *in situ* são necessários e já estão sendo desenvolvidos pela Companhia Energética de São Paulo - CESP.

FOTOGRAFIA: Osvaldo Takeshi Oyakawa

Steindachneridion punctatum (Miranda-Ribeiro, 1918) Siluriformes, Pimelodidae

Nome vernacular

Surubim-manchado.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

Espécie muito rara, com apenas oito exemplares depositados em coleções, sendo que apenas três são do Estado de São Paulo. Dois exemplares foram coletados no Rio Paraná antes da construção da barragem da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira em 1965. Após o fechamento da barragem nenhum novo exemplar foi capturado na região. Um exemplar foi registrado do Rio Grande, em 1988, na Cachoeira Mata-Doutor, abaixo da barragem de Jaguara.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Conhecido das bacias dos rios Uruguai e Alto Paraná. Prefere rios de grande porte, vive geralmente em poços próximos a corredeiras.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Não existem estudos sobre essa espécie. Como vive em simpatria com *Steindachneridion scriptum* pode apresentar diferenças em algumas características biológicas que permitam a coexistência. Descrito por Miranda-Ribeiro em 1918 era considerado uma variedade de *Steindachneridion scriptum*. Foi elevada à categoria de espécie por Figueiredo & Costa-Carvalho em 1999. Espécie de grande porte, o maior exemplar conhecido apresentou 632 mm de comprimento padrão (Garavello, 2005).

Ameaças

Destrução do habitat pela construção de barragens para usinas hidrelétricas.

Medidas para a conservação

É necessário ampliar as pesquisas científicas relacionadas com a biologia e ecologia da espécie, além de proteger habitat remanescente. Programas de conservação *ex situ* são necessários para o habitat degradado que dificilmente será recuperado.



Steindachneridion scriptum
(Miranda-Ribeiro, 1918)
Siluriformes, Pimelodidae



Nome vernacular

Surubim-letra.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiii.

Justificativa

Possui hábito migratório, o que o torna vulnerável às alterações ambientais, principalmente à interrupção da continuidade dos rios e destruição dos ambientes de corredeira. A raridade da espécie é atestada pela baixa captura nas pescas experimentais e também pelo pequeno número de exemplares presentes em acervos das principais coleções de peixes neotropicais.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): PA; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Conhecido das bacias dos rios Uruguai e Alto Paraná. No Estado de São Paulo foi registrado nos rios Grande, Pardo e Paranapanema (Garavello, 2005). Ocorre em rios de médio a grande porte.

Presença em áreas protegidas em São Paulo

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Hábito alimentar carnívoro, com atividade provavelmente noturna, como a maioria dos grandes pimelodídeos. Vive no fundo, em poções próximos a corredeiras. Segundo Zaniboni-Filho *et al.* (2004), a desova é total, com fecundidade de $24.957,59 \pm 10.809,62$. Atinge o comprimento máximo de 900 mm e peso de 5.500 g (Zaniboni-Filho *et al.*, 2004). Espécie importante para a pesca e piscicultura. O cultivo em cativeiro vem sendo estudado pela equipe do Laboratório de Biologia e Cultivo de Peixes de Água Doce da Universidade Federal de Santa Catarina (LAPAD).

Ameaças

Destrução do habitat pela construção de barragens para usinas hidrelétricas.

Medidas para a conservação

É necessário aumentar as pesquisas científicas relacionadas com a biologia e ecologia da espécie, além de proteger o habitat remanescente. Programas de conservação *ex situ* são necessários para o habitat degradado que dificilmente será recuperado.

FOTOGRAFIA: Oscar Akio Shibatta



Zungaro jahu (Ihering, 1898)

Siluriformes, Pimelodidae



Nome vernacular

Jaú.

Categoria proposta para São Paulo

EN A2ac.

Justificativa

Destrução de habitat pela construção de barragens. Tamanho populacional reduzido e em declínio pela diminuição contínua em área, extensão e qualidade do habitat. Distribuição altamente fragmentada no Estado, ocorrendo como populações isoladas em diversos reservatórios.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): VU (como *Paulicea luetkeni*); Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Bacias dos rios Paraná e Paraguai. A espécie distribui-se nos grandes rios do estado, ocorrendo em ambientes profundos, próximos a corredeiras e cachoeiras, geralmente sob o abrigo de rochas.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

É piscívoro, e pode ter atividade diurna e noturna. Atinge até 1,5 m de comprimento e 150 kg de peso. Uma fêmea acompanhada por radio-telemetria no Reservatório de Funil, no Rio Grande, apresentou uma área de vida linear de 31,4 km, migrando do reservatório para a zona de transição reservatório-rio (Alves et al., 2007). O tamanho de primeira maturação gonadal é de 700 mm, e reproduz-se de dezembro a fevereiro. Recentemente, constatou-se que a espécie está se reproduzindo no reservatório de Porto Primavera (J. H. P. Dias, com. pess.), mas a taxa de sobrevivência das larvas ainda é desconhecida. É muito apreciado na pesca. No trecho paulista do Rio Paraná, no período de 1994 a 2000, apresentou captura média anual de cerca de seis toneladas. Adultos são encontrados com certa regularidade próximos às saídas de água das turbinas de hidrelétricas. A tecnologia para sua produção vem sendo desen-

volvida pelo Programa de Manejo Pesqueiro, da Companhia Energética de São Paulo - CESP.

Ameaças

A sequência de barragens das usinas hidrelétricas é a principal ameaça à espécie, pois interrompe o fluxo migratório necessário à reprodução.

Medidas para a conservação

Apesar de ser uma espécie popularmente conhecida, a sua biologia e ecologia em ambiente natural são pouco conhecidas. O habitat remanescente deve ser protegido e recuperado. Programas de conservação *ex situ* são necessários para desenvolvimento de tecnologia de reprodução e preservação da espécie. Provavelmente, será necessário o manejo *in situ*, com vistas à reintrodução da espécie no ambiente.

FOTOGRAFIA: Oscar Akio Shibatta





***Pseudopimelodus mangurus*
(Valenciennes, 1840)**
Siluriformes, Pseudopimelodidae

Nome vernacular

Jaú-sapo, bagre-sapo.

Categoria proposta para São Paulo

VU A2c.

Justificativa

Destrução de habitat pela construção de barragens. População reduzida e em declínio pela diminuição em área, extensão e qualidade do habitat. Distribuição geográfica fragmentada no Estado de São Paulo, sendo raríssimos em ambientes de reservatórios.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não citada; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): VU.

Distribuição e habitat

Ocorre nas bacias dos rios Paraná, Paraguai e Uruguai. Em São Paulo, pode ser encontrado nas bacias dos rios Grande, Tietê, São José dos Dourados, Paraná e Paranapanema. Vive nas regiões profundas de rios de médio a grande porte, em meio a rochas e troncos submersos.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Espécie de biologia pouco conhecida. A captura de poucos exemplares em uma pescaria, significa que a espécie tem hábitos solitários. Informações populacionais sobre a espécie em ambiente natural são inexistentes. Algumas características de exemplares provenientes do Rio Uruguai (Zaniboni-Filho *et al.*, 2004), observadas em cativeiro, indicam que a espécie pode ser migratória, pois apresenta desova total, alta fecundidade, pequeno diâmetro ovocitário e larvas sem órgão adesivo. Hábito alimentar piscívoro. Comprimento do maior indivíduo capturado: 690 mm e 6.700 g (Zaniboni-Filho *et al.*, 2004). Pouco representativo na pesca profissional e amadora. No Rio Paraná, nos reservatórios das usinas hidrelétricas de Ilha Solteira, Jupiá e Porto Primavera, não há registro de capturas recentes da espécie (J.H.P. Dias, com. pess.).

Ameaças

A sequência de barragens para instalação de usinas hidrelétricas é a principal ameaça à espécie, pois interrompe o fluxo migratório que parece ser uma de suas características necessária à reprodução.

Medidas para a conservação

São necessárias pesquisas científicas relacionadas à sua biologia e ecologia. O habitat remanescente deve ser protegido e recuperado. Programas de conservação *ex situ* são necessários para a preservação da espécie e desenvolvimento de tecnologia de reprodução. Em certos casos haverá necessidade de manejo *in situ*, principalmente com vistas à reintrodução da espécie no ambiente.

FOTOGRAFIA: Oscar Akio Shibatta



Homodiaetus graciosa Koch, 2002

Siluriformes, Trichomycteridae



Nome vernacular

Piolho-de-peixe.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

A espécie é conhecida por registros em apenas três localidades na bacia do Rio Ribeira de Iguape, nenhuma delas em área protegida legalmente. Além disso, o número de indivíduos das populações é baixo a julgar pelos exemplares coletados e depositados em coleções.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Drenagem da bacia do Rio Ribeira de Iguape; no Ribeirão Poço Grande, em Juquiá, e no Rio Fau, em Miracatu, que possuem cerca de 4 m de largura, fundo de areia, água transparente e baixa velocidade da corrente. O terceiro local é um riacho com as mesmas características, afluente do Rio Jacupiranga, em Jacupiranga.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Encontrada em rios e riachos com pouca correnteza, sombreados e com fundo arenoso, onde se enterram. As espécies do gênero são parasitas e se alimentam do muco de outros peixes.

Ameaças

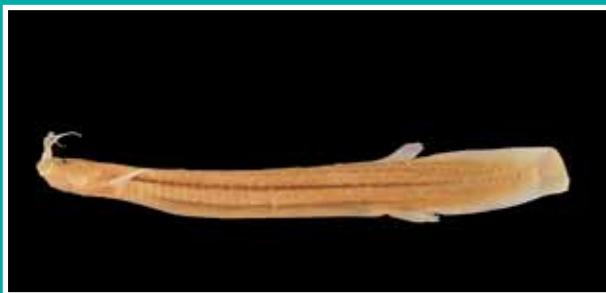
Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: José C. Nolasco





Listrura camposi (Miranda-Ribeiro, 1907) Siluriformes, Trychomycteridae

Nome vernacular

Cambeva-minhoca-do-Ribeira.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiii.

Justificativa

Até há pouco tempo, *L. camposi* era conhecida apenas pelo holótipo coletado em 1940 no Ribeirão Poço Grande, afluente do Rio Juquiá, no Município de Juquiá. Recentemente, novos exemplares foram coletados no Núcleo Pedro de Toledo do Parque Estadual da Serra do Mar.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): CR; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Rio Ribeira de Igua-pe. Habita áreas úmidas em brejos próximos de riachos e córregos dentro da mata.

Presença em unidades de conservação

Núcleo Pedro de Toledo, no Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

Aparentemente todas as espécies conhecidas exploram o mesmo tipo de ambiente, as áreas de brejo próximas a pequenos cursos d'água localizados no fundo de vales de baixas altitudes. Não existem informações a respeito da alimentação de *L. camposi*; entretanto, no estômago de *L. tetraradiata* foram encontrados copépodes, larvas de insetos e formigas. O Ribeirão Poço Grande, localidade-tipo da espécie, já mostra sinais de poluição por esgotos domésticos e está bastante comprometido quanto à qualidade do habitat. O local foi alvo de muitas coletas durante vários anos por pesquisadores do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, mas infelizmente não se logrou capturar mais nenhum exemplar da espécie. No Ribeirão Poço Grande ocorrem, também, mais três espécies ameaçadas de extinção: *Pseudotocinclus juquiai*, *Homodiaetus graciosa* e *Campellolebias intermedius*, além de *Microcambeva ribeirae*, aqui classifi-

cada como espécie Quase Ameaçada. Segundo Nico & de Pinna (1996), a espécie ocorre também na Ilha de Florianópolis, em Santa Catarina.

Ameaças

Destrução de habitat, drenagem e aterramento de brejos situados próximo aos riachos, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, educação ambiental e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena



Listrura picinguabae
Villa-Verde & Costa, 2006
Siluriformes, Trichomycteridae



Nome vernacular

Cambeva-minhoca-de-Picinguaba.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

Conhecida somente no Rio da Fazenda, localidade-tipo da espécie, no Núcleo Picinguaba do Parque Estadual da Serra do Mar em Ubatuba.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Drenagem costeira. Ocorre em ambientes semelhantes à *L. camposi*.

Presença em unidades de conservação

Núcleo Picinguaba, no Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

Provavelmente semelhante à *Listrura camposi*. O gênero, com cinco espécies, distribui-se nas drenagens costeiras do Rio de Janeiro a Santa Catarina; todas elas, aparentemente, ocupam o mesmo tipo de ambiente já descrito para *Listrura camposi*.

Ameaças

Destrução do habitat, drenagem e aterramento de brejos situados próximo aos riachos, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, educação ambiental e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Ivan Sazima





***Trichogenes longipinnis*
Britski & Ortega, 1983
Siluriformes, Trichomycteridae**

Nome vernacular

Cambeva, cambeva-da-cachoeira, bagre-liso.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiii.

Justificativa

Tem-se verificado a redução do número de indivíduos da única população conhecida em Picinguaba, no município de Ubatuba, estando dividida em subpopulações. Observações feitas há menos de 10 anos indicam que a espécie já desapareceu em dois riachos menores na sua área de ocorrência.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa e mista). Drenagem costeira. Habitam riachos dentro da floresta em altitudes que variam de 150 a 650 m acima do nível do mar, em poços com profundidade entre 0,4 a 3,2 m (Sazima, 2004).

Presença em áreas protegidas em São Paulo

Núcleo Picinguaba, no Parque Estadual da Serra do Mar.

Biologia da espécie

Indivíduos juvenis e adultos pequenos são diurnos e nadam ativamente a meia água e próximo do fundo. Os adultos maiores são mais ativos no crepúsculo e à noite. Alimentam-se de uma ampla gama de itens como insetos imaturos e adultos tanto aquáticos como terrestres e crustáceos. Machos e fêmeas adultos foram encontrados entre agosto e dezembro, e larvas entre outubro e dezembro. Densidade populacional de adultos de 3 a 25 indivíduos/m², e das larvas de 1 a 2 indivíduos/m² (Sazima, 2004). *Trichogenes longipinnis* é pescado e consumido pelos moradores locais.

Ameaças

Destrução do habitat, desmatamento e poluição, com o uso recreativo dos poços que se formam na base de paredões de pedra nos riachos; encanamentos para desvio de água dos riachos para uso doméstico; pesca de subsistência, coleta para comércio de peixes ornamentais. Em junho de 2005, as populações de dois locais estudados por Sazima (2004), incluindo a localidade-tipo, estavam reduzidas a cerca de 10 a 20% do estimado entre dezembro de 2001 e dezembro de 2002. Em um dos locais, houve deslizamento de terra e consequente assoreamento do leito do riacho, e no outro houve exploração excessiva da espécie (Rosa & Lima, 2008).

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, controle e fiscalização da pesca, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Ivan Sazima



Trichomycterus paolence (Eigenmann, 1917)

Siluriformes, Trichomycteridae



Nome vernacular

Cambeva-do-Tietê.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiii.

Justificativa

Espécie de distribuição restrita a três localidades na região do Alto Tietê. No Alto da Serra, em Paranapiacaba (localidade-tipo da espécie), no município de Santo André, só se tem registro de um exemplar que é o holótipo da espécie, coletado em 1908. Outros dez exemplares, que compõem a série-tipo, foram coletados no mesmo ano no Rio Tietê, em Mogi das Cruzes. A espécie nunca mais foi registrada em nenhuma dessas duas localidades.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Alto Tietê. Habita rios de águas transparentes e fundo de pedra, em Boraceia, em Biritiba-Mirim, e Paranapiacaba, em Santo André na bacia do Alto Tietê. Recentemente, a espécie foi registrada também num pequeno córrego afluente da Represa do Guarapiranga, na região sul do município de São Paulo.

Presença em unidades de conservação

Estação Biológica de Boraceia, em Biritiba-Mirim.

Biologia da espécie

O córrego afluente da Represa do Guarapiranga, com cerca de 1 km de extensão, situa-se dentro de uma pequena mancha de mata secundária na encosta de um morro. É um córrego raso e estreito, com profundidade variando de 20,0 a 40,0 cm e fundo de lodo e bastante folhas. Não existem informações sobre a sua biologia, mas informações a respeito de outras espécies indicam um hábito noturno ou crepuscular e que se alimentam de larvas de insetos aquáticos, girinos e outros organismos bentônicos. A única área protegida legalmente na qual a espécieadamente ocorre é a Estação Biológica de Boraceia, em Biritiba-Mirim. Em Paranapiacaba não se tem mais registro da espécie, e o riacho afluente da Represa do Guarapiranga encontra-se numa área de grande interferência antrópica, sofrendo atualmente um grande impacto ambiental em razão das obras do trecho sul do Rodoanel Mário Covas.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, educação ambiental e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: José C. Nolasco



Sternarchella curvioperculata Godoy, 1968
Gymnotiformes, Apterontidae

Nome vernacular

Ituí-corcunda.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Espécie rara, conhecida apenas com base no holótipo, coletado em 1951.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Conhecida apenas por registro na localidade-tipo, que é um riacho com profundidade média de 40 cm e largura de 1 a 2 m, afluente da margem esquerda do Rio Mogi-Guaçu, a 12 km a montante da Cachoeira das Emas.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Não é conhecida.

Ameaças

Destrução de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários em riachos da drenagem do Rio Mogi-Guaçu, para confirmar a existência em ambientes naturais e estabelecer a área de distribuição real da espécie.



Sternarchorhynchus britskii

Campos da Paz, 2000

Gymnotiformes, Apterodontidae

Nome vernacular

Ituí-tamanduá.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Espécie rara, conhecida apenas com base nos exemplares-tipo e poucos exemplares adicionais, com distribuição fragmentada. Não há referências sobre exemplares coletados recentemente.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Distribuição bastante fragmentada no Alto Paraná, nas bacias dos rios Grande, Paraná e Paranapanema. *Sternarchorhynchus britskii*, como as demais espécies do gênero e muitas outras da família, prefere ambientes mais profundos da calha de rio. Não há nenhum exemplar coletado em águas rasas ou próximas às porções marginais. Exemplares do gênero foram constantemente coletados em enseadeiras, quando da construção de barragens de usinas hidrelétricas no Alto Paraná e Tocantins, ou em arrastos de fundo nos sistemas dos rios Amazonas e Orinoco (Campos-da-Paz, 2000). É provável que amostragens mais intensas em águas profundas (10-15 m) ampliem a distribuição da espécie no Alto Paraná.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

A espécie é restrita a águas mais profundas, entre 10 e 15 m (Campos-da-Paz, 2000). Espécies do gênero alimentam-se principalmente de larvas de inseto capturadas junto a pequenos buracos do substrato com o auxílio de seus longos e finos focinhos (Marrero, 1987).

Ameaças

Construção de barragens para usinas hidrelétricas é a principal ameaça para a espécie.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica para levantar dados sobre a sua biologia e inventários para conhecer a área de distribuição real da espécie, principalmente em locais profundos da calha dos grandes rios ainda não alterados pela construção de barragens.



Nome vernacular

Ituí-maraúna.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiiii.

Justificativa

Espécie muito rara, conhecida apenas do holótipo e dois parátipos coletados em 1965, em enseadeira durante construção de barragem em Ilha Solteira, no Rio Paraná, em São Paulo.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Ocorre em uma única localidade no Alto Paraná. *T. marauna*, como muitas outras espécies da família, restringe-se a ambientes mais profundos da calha de rio. Não há nenhum exemplar coletado em águas rasas ou próximo às porções marginais. Os únicos exemplares conhecidos foram coletados em enseadeiras, quando da construção da Usina Hidrelétrica de Ilha Solteira. É provável que amostragens mais intensas em águas profundas (10-15 m) ampliem a distribuição da espécie no Alto Paraná.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Provavelmente restrita a águas mais profundas, como ocorre com várias outras espécies da família. Embora não existam dados sobre a biologia da espécie, os Apteronotidae são geralmente predadores agressivos de pequenas larvas de insetos aquáticos (Campos-da-Paz, 2005).

Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica para levantar dados sobre a sua biologia e inventários para confirmar existência da espécie em ambientes naturais, aumentar a representatividade em coleções e conhecer sua área de distribuição real.



Brachyhypopomus jureiae
Triques & Khamis, 2003
Gymnotiformes, Hypopomidae



Nome vernacular

Tuvira-da-Jureia.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

Espécie de distribuição restrita e conhecida somente na baixada litorânea da Bacia do Ribeira de Iguape e rios da drenagem costeira na região de Iguape.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta de restinga). *B. jureiae* está restrito aos pequenos riachos de água preta, comuns dentro de florestas de restinga da região, apresentando pH levemente ácido, em torno de 6,0, e fundo de lama.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecológica Jureia-Itatins.

Biologia da espécie

Não se conhecem detalhes da biologia da espécie, entretanto, como outras espécies da Ordem Gymnotiformes, *B. jureiae* é um peixe que vive em áreas de remanso ou pequenas poças formadas ao longo dos córregos.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: José C. Nolasco



Nome vernacular

Joaninha-da-corredeira, joaninha.

Categoria proposta para São Paulo

CR A2c.

Justificativa

Espécie rara da qual são conhecidos somente os exemplares-tipo capturados em 1964 na calha do Rio Paraná, nos estados do Paraná e São Paulo. Registros recentes apontam ocorrência da espécie apenas no Rio Piquiri, afluente do Rio Paraná no Estado do Paraná, onde também é rara.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Vive na calha dos rios do sistema do Alto Paraná. A distribuição conhecida restringe-se ao Rio Paraná entre os estados de Mato Grosso do Sul e São Paulo; Rio Sucuriu, no Estado do Mato Grosso do Sul; e Rio Piquiri, afluente do Rio Paraná, no Estado do Paraná. Como a espécie está, provavelmente, restrita à calha dos rios citados, a fragmentação e transformação do Alto Paraná em uma sucessão de reservatórios para geração de energia elétrica pode ter influenciado negativamente a espécie, que parece preferir ambientes de corredeira.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

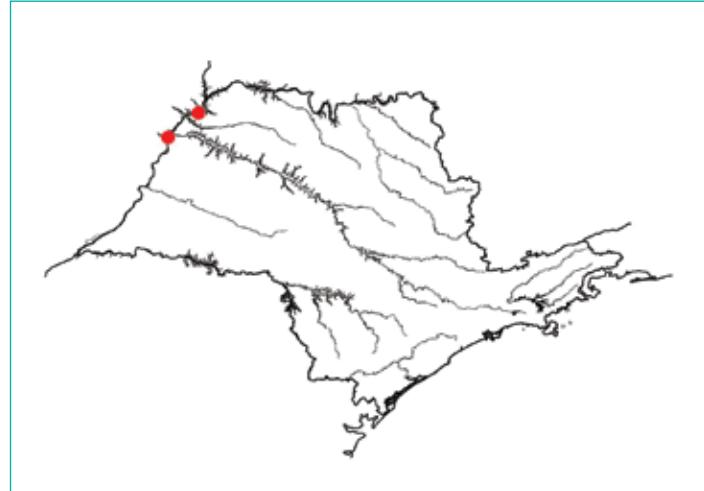
Não existem informações disponíveis.

Ameaças

Destrução e fragmentação de habitat.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.



Cnesterodon iguape Lucinda, 2005

Cyprinodontiformes, Poeciliidae



Nome vernacular

Guaru-de-Apiáí.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiii.

Justificativa

Espécie rara da qual são conhecidos somente 12 exemplares capturados na localidade-tipo, que é um pequeno riacho em área de mineração de cal no município de Apiáí, no Vale do Ribeira.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Córrego afluente do Rio Iporanga, Bacia do Rio Ribeira de Iguaípe, no município de Apiáí.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Não existem informações disponíveis.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição. O fato de a espécie ser conhecida apenas por registro na localidade-tipo, que é um riacho em área de mineração de cal é preocupante, pois corre o risco de se extinguir pelo menos localmente.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica, educação ambiental e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena





***Phallotorynus fasciolatus* Henn, 1916**
Cyprinodontiformes, Poeciliidae

Nome vernacular

Guaru-listrado-da-cabeceira.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

Espécie bastante rara e com distribuição restrita, conhecida pelos poucos exemplares coletados em 1908, na região de Jacareí, na bacia do Rio Paraíba do Sul (localidade-tipo da espécie), e no Alto da Serra, na região de Paranapiacaba, em Santo André, bacia do Alto Tietê.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): A-CP; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Bacia do Paraíba do Sul e do Alto Tietê. Não existem informações detalhadas a respeito do local de coleta em Jacareí; no entanto, a espécie foi registrada também na drenagem do Rio Grande, afluente da Represa Billings, em Paranapiacaba.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Nada se conhece a respeito da sua biologia.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição e introdução de espécies exóticas.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.

FOTOGRAFIA: Eduardo Gouveia Baena



Phallotorynus jucundus Ihering, 1930

Cyprinodontiformes, Poeciliidae

Nome vernacular

Guaru-listrado-do-cerrado.

Categoria proposta para São Paulo

EN B2abiii.

Justificativa

Espécie rara, conhecida pelo registro de poucos exemplares, tem distribuição restrita a apenas quatro localidades, sendo três na Bacia do Rio Grande e uma na Bacia do Tietê, todas no Alto Paraná.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Bacias dos rios Grande e Tietê, no Alto Paraná. Habita pequenos córregos e riachos. O exemplar de Promissão, na Bacia do Tietê, foi coletado numa lagoa marginal do rio.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Nada se conhece a respeito de sua biologia.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.





Campellolebias dorsimaculatus
Costa, Lacerda & Campello Brasil, 1989
Cyprinodontiformes, Rivulidae

Nome vernacular

Peixe-anual-do-Ribeira.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

A espécie foi descoberta em 1988 e, até o momento, é conhecida somente pelo registro na localidade-tipo, que já sofre interferência decorrente da urbanização. A construção de casas de veraneio próximo às poças tem provocado grandes modificações nas condições naturais do ambiente.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (restinga). Ocorre em uma única localidade a aproximadamente 10 metros acima do nível do mar, em Icapara, no município de Iguape, no Litoral Sul paulista. Poças d'água com coloração avermelhada e pH próximo de 4,0 dentro da floresta.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Espécie de peixe anual, cuja biologia está fortemente vinculada às condições pluviométricas do microclima local, realizando todo o seu ciclo de vida no período de um ano. Durante a estação chuvosa atingem rapidamente a maturidade sexual. A fecundação é interna e as fêmeas lançam os ovos no substrato, permanecendo em diapausa durante o período de seca. Na estação chuvosa seguinte os ovos eclodem reiniciando o ciclo. Dieta baseada em larvas de insetos, principalmente quironomídeos.

Ameaças

O desmatamento e drenagem, para urbanização e construção de residências, da única área alagada onde se tem conhecimento da ocorrência da espécie, podem alterar o ciclo anual das poças e também ocasionar o aumento da temperatura da água. As poças localizam-se numa estreita faixa de restinga entre a estrada que liga a cidade de Iguape à Barra do Ribeira e um loteamento de casas de veraneio.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat com a criação de uma área de conservação para impedir o avanço urbano no local de ocorrência da espécie, pesquisa científica, inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie e educação ambiental.

FOTOGRAFIA: Danilo Fava



Campellolebias intermedius
Costa & de Luca, 2006
Cyprinodontiformes, Rivulidae

Nome vernacular

Peixe-anual-de-Juquiá.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

Espécie muito rara e descoberta somente em 2002, numa única poça temporária na planície de inundação do Rio Juquiá, no município de Juquiá, no Vale do Ribeira; a área tem sofrido uma intensa pressão de urbanização.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa). Conhecida apenas pelo registro na localidade-tipo, que é uma poça d'água temporária às margens do Rio Juquiá, no município de Juquiá.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Não existem informações a respeito da biologia da espécie; entretanto, por se tratar de uma espécie de peixe anual, sua biologia pode ser semelhante às demais espécies anuais como *Campellolebias dorsimaculatus*.

Ameaças

O desmatamento e drenagem para urbanização e construção de residências, da única área alagada onde se tem conhecimento da ocorrência da espécie, às margens do Rio Juquiá, podem alterar o ciclo anual das poças e também ocasionar o aumento da temperatura da água.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat com a criação de uma área de conservação para impedir o avanço urbano no local de ocorrência da espécie, pesquisa científica, inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie e educação ambiental.





Leptolebias aureoguttatus (Myers, 1952)

Cyprinodontiformes, Rivulidae

Nome vernacular

Peixe-anual-de-Iguape.

Categoria proposta para São Paulo

VU B2abiii.

Justificativa

No Estado de São Paulo, a espécie é conhecida somente pelos registros em algumas localidades na floresta de restinga da planície litorânea da Bacia do Rio Ribeira de Iguape, incluindo a Ilha Comprida. Apesar de ser conhecida há várias décadas e ocorrer em regiões de fácil acesso, detalhes do seu ciclo de vida não são bem conhecidos. As florestas de restinga na baixada do Ribeira têm sofrido um intenso processo de urbanização, o que coloca em risco a sobrevivência da espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): A-VU; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não citada.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (floresta ombrófila densa e restinga). Floresta de restinga na planície do Rio Ribeira de Iguape, nos municípios de Iguape, Pariquera-Açu, Ilha Comprida e Registro. Habitam as poças temporárias de água, com coloração avermelhada e pH próximo de 4,0, dentro da floresta. Ocorre também na região litorânea do Paraná.

Presença em unidades de conservação

Estação Ecologia Jureia-Itatins.

Biologia da espécie

Semelhante às demais espécies anuais como *Campellolebias dorsimaculatus*. Os primeiros registros da espécie foram realizados por George S. Myers, em Paranaguá, no Paraná, em 1944 (Myers, 1952). Em São Paulo, os primeiros registros da espécie datam de 1971, feitos por Carlos A. G. Cruz, na região de Registro, no Vale do Ribeira (Cruz, 1974).

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição.

Medidas para a conservação

Proteção do habitat com a criação de uma área de conservação para impedir o avanço urbano no local de ocorrência da espécie, pesquisa científica, inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie e educação ambiental.

FOTOGRAFIA: José C. Nolasco



Leptolebias itanhaensis Costa, 2008

Cyprinodontiformes, Rivulidae

Nome vernacular

Peixe-anual-de-Itanhaém.

Categoria proposta para São Paulo

CR B2abiii.

Justificativa

Conhecida uma única população estabelecida em área sujeita ao avanço da urbanização, que num curto período de tempo pode levar à extinção da espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): não citada; Brasil (2004): não citada; São Paulo (1998): não citada; Minas Gerais (2007): não ocorre; Rio de Janeiro (1998): não ocorre; Paraná (2004): não ocorre.

Distribuição e habitat

Mata Atlântica (restinga). Poças temporárias em floresta, próximas a pequenos córregos afluentes do Rio Preto, com água de coloração avermelhada e pH entre 3,5 e 4,0, no município de Itanhaém. Substrato das poças formado por folhas em decomposição.

Presença em unidades de conservação

Sem registro em unidades de conservação (UCs) de São Paulo.

Biologia da espécie

Peixe anual de pequeno porte, com tamanho máximo observado de 25 mm. Durante a corte, o mergulho no substrato para efetuar a desova é facultativo, podendo o casal apenas se deitar no fundo da poça e efetuar a desova. A reprodução em cativeiro é muito difícil, pois as populações não duram mais que uma geração. A espécie foi descoberta em 1988, mas até 2008 foi considerada como uma população isolada de *Leptolebias aureoguttatus*.

Ameaças

Destrução de habitat, desmatamento, poluição, alterações climáticas.

Medidas para a conservação

Proteção urgente do habitat, pesquisa científica e inventários para se conhecer a área de distribuição da espécie.



Referências bibliográficas

- Abilhoa, V., Bastos, L. P. & Wegbecher, F. 2007. Feeding habits on *Rachoviscus crassiceps* (Teleostei: Characidae) in a coastal Atlantic rainforest stream, southern Brazil. **Ichthyological Exploration of Freshwaters**, **18** (3): 227-232.
- Agostinho, A.A., Gomes, L.C. & Pelicice, F.M. 2007. **Ecologia e manejo de recursos pesqueiros em reservatórios do Brasil**. Maringá: Eduem. 501p.
- Agostinho, A.A.; Zaniboni-Filho, E. & Lima, F.C.T. 2008. *Brycon orbignyanus* (Valenciennes, 1850). In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A.P. (eds.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Vol. II. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas, Departamento de Conservação da Biodiversidade, Brasília, p 54-56.
- Agostinho, A.A.; Lima, F.C.T.; Vono, V. & Shibatta, O.A. 2008. *Myleus tiete* (Eigenmann & Norris, 1900). In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A.P. (eds.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Vol. II. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas, Departamento de Conservação da Biodiversidade, Brasília, p. 83-85.
- Britski, H. A. & Langeani, F. 1988. *Pimelodus paranaensis*, sp. n., um novo Pimelodidae (Pisces, Siluriformes) do Alto Paraná, Brasil. **Revista Brasileira de Zoologia**, **5**(3):409-417.
- Buckup, P. A., Menezes, N. A. & Ghazzi, M. S. (eds.) 2007. **Catálogo das espécies de peixes de água doce do Brasil**. Rio de Janeiro. Museu Nacional, 195 p.
- Campos-da-Paz, R. 2000. On *Sternarchorhynchus* Castelnau: A South American Electric Knifefish, with description of two new species (Ostariophysi: Gymnotiformes: Apterontidae). **Copeia**, **2**: 521-535.
- Campos-da-Paz, R. 2005. Previously undescribed dental arrangement among electric knifefishes, with comment on the taxonomic and conservation status of *Tembeassu marauna* Triques (Otophysi: Gymnotiformes:Apterontidae). **Neotropical Ichthyology**, **3**(3): 395-400.
- Cruz, C. A. G. 1974. Sobre *Cynolebias aureoguttatus* Myers, 1952. (Osteichthyes, Cyprinodontidae, Rivulinae). **Arq. Univ. Fed. Rur. Rio de Janeiro**, **4**(2): 19-21.
- Figueiredo, F. J. & Costa-Carvalho, B. C. M. 1999. *Steindachneridion silvasantosi* n. sp. (Teleostei, Siluriformes, Pimelodidae) from the Tertiary of Taubaté Basin, São Paulo, Brazil. **Anais da Academia Brasileira de Ciências**, **71**: 683-695.
- Fragoso, E. N. 2005. **Ictiofauna da microbacia do Córrego da Lapa, bacia do Alto Paraná, Itirapina/Ipeúna, SP**. Tese de Doutorado, UFSCAR, 130 p.
- Garavello, J. C. 2005. Revision of genus *Steindachneridion* (Siluriformes: Pimelodidae). **Neotropical Ichthyology**, **3**(4): 607-623.
- Giamas, M.T. & Vermulm Jr, H. 2004. Levantamento da pesca profissional continental no Estado de São Paulo, em 2001. Dados preliminares: bacias dos rios Paranapanema, Paraná e Grande. **Série Relatórios Técnicos**, **7**: 1-10.
- Godoy, M.P. 1975. Peixes do Brasil. Subordem Characoidei. Bacia do rio Mogi-Guassu. Volume 2. In: **Peixes do Brasil**. Piracicaba: Editora Franciscana. p. 219-397.
- Graça, W.J. & Pavanelli, C. S. 2007. **Peixes da planície de inundação do alto rio Paraná e áreas adjacentes**. Maringá: Eduem. 241 p.
- Hahn, N.S.; Andrian, I.F.; Fugi, R. & Almeida, V.L. 1997. In: Vazzoler, A.E.A.M.; Agostinho, A.A. & Hahn, N.S. (eds.). **A planície de inundação do alto rio Paraná: aspectos físicos, biológicos e socieconómicos**. Maringá, Editora da Universidade Estadual de Maringá, p.209-228.
- Hahn, N.S.; Fugi, R. & Andrian, I.F. 2004. Trophic ecology of the fish assemblages, p. 247-269. In: **The upper Paraná River and its floodplain, physical aspects, ecology and conservation**. Thomaz, S.M.; Agostinho, A.A. & Hahn, N.S. (Eds.). Leiden: Backhuys Publishers.
- Ihering, R. V. 1929. **Da vida dos peixes**. São Paulo, Melhoramentos, 129 p.
- Lima, F.C.T.; Albrecht M.P.; Pavanelli C.S. & Vono, V. 2008a. *Brycon nattereri* Günther, 1864. In: Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A.P. (eds.). **Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção**. Vol. II. Ministério do Meio Ambiente, Secretaria de Biodiversidade e Florestas, Departamento de Conservação da Biodiversidade, Brasília, p. 50-52.
- Lima, F.C.T.; Albrecht, M.P.; Pavanelli, C.S. & Vono, V. 2008b. Threatened fishes of the world: *Brycon nattereri* Günther, 1864. **Environmental Biology of Fishes** **83**: 207-208.
- Machado, C. E. M. & Abreu, H. C. F., 1952. Notas preliminares sobre a caça e a pesca no estado de São Paulo - I) A pesca no Vale do Paraíba. **Boletim de Indústria Animal**, **3**: 145-160.
- Machado, C.E.M. 1976. Grandes barragens e meio ambientes: dois aspectos importantes. In: **Anais do I Encontro Nacional sobre Limnologia, Piscicultura e Pesca Continental**. Vargas, J.I.; Loureiro, C.G.C. e Millward-de-Andrade, R. (eds.). Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro.
- Magalhães, A.C. 1931. **Monographia brasileira de peixes fluviaes**. São Paulo, Graphicars, 260 p.
- Marrero, C. 1987. Notas preliminares acerca de la historia natural de los peces del Bajo Llano. **Rev. Hidrobiol. Trop.**, **20**: 57-63.
- Monteiro, F.P. 1953. **Contribuição ao estudo da pesca no rio Piracicaba**. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", 76 p.

- Menezes, M. S., Aranha, J. M. R. & Caramaschi, E. P. 1998. Ocorrência e aspectos da biologia reprodutiva de *Harttia loricariformis* (Loricariinae) no trecho inferior do rio Paraíba do Sul (Rio de Janeiro, Brasil). **Acta Biol. Par.**, **Curitiba**, **27 (1, 2, 3, 4)**: 15-26.
- Moraes, Júnior, D. F. & Caramaschi, E. P. 1993. Projeto Levantamento da ictiofauna do rio Paraíba do Sul e ciclo reprodutivo das principais espécies no trecho a jusante de Três Rios (RJ). II. *Steindachneridion parahybae*. In: X Encontro Brasileiro de Ictiologia, São Paulo. **Resumos...** p. 196.
- Myers, G. S. 1952. Annual Fishes. **The Aquarium Journal**, **XXII (7)**: 125-140.
- Nelson, J. S. **Fishes of the World**. 4th ed., John Wiley & Sons, 601 p.
- Nico, L. G. & de Pinna, M. C. C. 1996. Confirmation of *Glanapteryx anguilla* (Siluriformes, Trichomycteridae) in the Orinoco River Basin, with notes on the distribution and habitats of the Glanapteryginae. **Ichthyological Exploration of Freshwater**, **7(1)**: 27-32.
- Reis, R. E.; Kullander S. O. & Ferraris, C. J. (eds.) 2003. **Check List of the Freshwater Fishes of South and Central America**. EDIPUCRS, Porto Alegre, 729 p.
- Ringuet, R.A.; Arámburu, R.A. & Arámburu, A.A. 1967. **Los pices argentinos de agua Dulce**. La Plata: Comisión de Investigación Científica. 602 p.
- Rosa, R. S. & Lima, F. C. T. 2005. Peixes. In: Machado, A. B. M., Martins, C. S. & Drummond, G. M. **Lista da fauna brasileira ameaçada de extinção**: Incluindo as espécies quase ameaçadas e deficientes de dados. Fundação Biodiversitas. p. 65 - 81.
- Rosa, R. S. & Lima, F. C. T. 2008. Os peixes brasileiros ameaçados de extinção. In: Machado, A. B. M., Drummond, G. M. & Paglia, A. P., (eds) Livro Vermelho da Fauna Brasileira Ameaçada de Extinção. Brasília, DF: MMA; Belo Horizonte, MG: Fundação Biodiversitas. 2 v., p.9-285.
- Sazima, I. 2004. Natural history of *Trichogenes longipinnis*, a threatened trichomycterid catfish endemic to Atlantic forest streams in southeast Brazil. **Ichthyol. Explor. Freshwaters**, **15:49-60**.
- Schubart, O. 1943. A pesca na Cachoeira de Emas do rio Mogi-Guaçú durante a piracema de 1942-1943. **Revista de Indústria Animal**, **6**: 93-116.
- Schubart, O. 1949. A pesca no Mogi-Guaçu. **Revista do Arquivo Municipal** **72**: 121-166.
- Shibatta, O. A. 1998. **Sistemática e evolução da família Pseudopimelodidae (Ostariophysi, Siluriformes), com a revisão taxonômica do gênero Pseudopimelodus**. Tese de doutorado. São Carlos, Programa de Pós-Graduação em Ecologia e Recursos Naturais, Universidade Federal de São Carlos. 357p.
- Shibatta, O. A. & Dias, J. H. P. 2006. **40 peixes do Brasil**: Cesp 40 anos. Rio de Janeiro, Editora Dois. 207p.
- Smith, W. S. 2003. **Os peixes do rio Sorocaba**: A história de uma bacia hidrográfica. Sorocaba, Editora TCM - Comunicação. 163p.
- Vermulm Jr., H. & Giamas, M.T. 2006. **Levantamento da pesca profissional continental no Estado de São Paulo, em 2003**. Dados preliminares: bacias dos rios Paranapanema, Paraná e Grande. **Série Relatórios Técnicos**, **23**: 1-10.
- Vermulm Jr., H. & Giamas, M.T. 2007a. Levantamento da pesca profissional continental no Estado de São Paulo, em 2004. Dados preliminares: bacias dos rios Paranapanema, Paraná e Grande. **Série Relatórios Técnicos**, **24**: 1-12.
- Vermulm Jr., H. & Giamas, M.T. 2007b. Levantamento da pesca profissional continental no Estado de São Paulo, em 2005. Dados preliminares: bacias dos rios Paranapanema, Paraná e Grande. **Série Relatórios Técnicos**, **25**: 1-13.
- Zaniboni-Filho, E., Meurer, S., Shibatta, O. A. & Nuñez, A. 2004. **Catálogo ilustrado dos peixes do alto rio Uruguai**. Florianópolis, EDUFSC, 128p.
- Zawadzki, C. H., Pavanello, C. S. & Langeani, F. 2008. *Neoplecostomus* (Teleostei:Loricariidae) from the upper Rio Paraná basin, Brazil, with description of three new species. **Zootaxa**, **1757:31-48**.



P E I X E S
M A R I N H O S

Autores

Carmen Lúcia Del Bianco Rossi-Wongtschowski

André Martins Vaz-dos-Santos

Marcus Rodrigues da Costa

José Lima de Figueiredo

Antonio Olinto Ávila-da-Silva

Rodrigo Leão de Moura

Naércio Aquino Menezes

Introdução

O Brasil é o país com maior diversidade biológica, abrangendo entre 15 e 20% do número de espécies animais do planeta. A dimensão exata dessa riqueza dificilmente será conhecida antes de ser irremediavelmente reduzida em decorrência dos processos de fragmentação de habitat, exploração excessiva dos recursos naturais, contaminação do solo, das águas e da atmosfera. Como consequência, as diminuições sem precedentes nas áreas de ocorrência e nos tamanhos das populações determinam, em última instância, a extinção completa de algumas espécies. No Estado de São Paulo, tais processos de degradação ambiental têm atingido níveis críticos, estando a cobertura florestal, por exemplo, reduzida a cerca de 10% das áreas originais (Joly, 1998). Na zona costeira, ainda que não haja estimativas precisas sobre a magnitude da degradação já ocorrida, a situação e as perspectivas não são menos críticas.

A costa brasileira, que abrange a porção tropical e subtropical do Atlântico Sul ocidental, tem sido crescentemente reconhecida como uma importante área de endemismo marinho, representando uma das zonas prioritárias para a conservação da biodiversidade do oceano Atlântico. Na área mais costeira do Estado de São Paulo, os "Peixes" compreendem os peixes ósseos (Classe Actinopterygii) e os peixes cartilaginosos (tubarões e raias da Classe Chondrichthyes).

Em uma análise da diversidade de peixes em escala global, Froese e Pauly (2008) indicam a existência de 3.148 espécies de peixes no Brasil (885 marinhas e estuarinas). Apesar de este número ser relevante, a fauna brasileira de peixes marinhos ainda não é completamente conhecida, conforme enfatizado por Menezes *et al.* (2003), que registram a ocorrência de 1.297 espécies marinhas e estuarinas. Castro e Menezes (1998) destacam que, embora a ictiofauna marinha do Estado de São Paulo seja mais bem conhecida do que a de água doce, esse conhecimento diz respeito, principalmente, às espécies demersais (associadas ao substrato) da plataforma continental. Nesse sentido, os referidos autores apresentaram como prioridade para o estudo da diversidade da ictiofauna marinha a aplicação de métodos de coleta variados, capazes de amostrar, eficientemente, os microambientes de costões, fundos rochosos e praias.

Um histórico dos estudos sobre a diversidade de peixes no Estado de São Paulo foi apresentado por Castro e Menezes (1998), quando da elaboração do volume "Vertebrados", parte da série "Biodiversidade do

Estado de São Paulo – Síntese do conhecimento ao final do século XX", elaborado no contexto do Projeto BIOTA/FAPESP.

No volume citado, entre as contribuições mais significativas é destacada a obra de Alípio de Miranda Ribeiro, publicada entre 1903 e 1938 nos Arquivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro (Paiva, 1996). Entre 1940 e 1960, pouco foi acrescentado a esse conhecimento, mas, a partir da década de 60, com coleções obtidas em cruzeiros realizados com o N/Oc "W. Besnard", do Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo (IOUSP), foram desenvolvidos muitos estudos faunísticos por pesquisadores do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo e de outras instituições. Especialmente para a região sudeste, Naércio Aquino Menezes e José Lima de Figueiredo publicaram a série "Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil", compreendendo seis volumes contendo chaves para a identificação e ilustrações da maior parte das espécies (Figueiredo, 1977; Figueiredo e Menezes, 1978, 1980, 2000; Menezes e Figueiredo, 1980, 1985).

Particularmente o Estado de São Paulo abriga aproximadamente 30% das espécies de peixes conhecidas no país, das quais em torno de 65% são marinhas ou estuarinas (Castro e Menezes, 1998). Quanto à diversidade dos peixes, um levantamento prévio com base nos livros da série "Manual de Peixes Marinhos do sudeste do Brasil" (Figueiredo, 1977; Figueiredo e Menezes, 1978, 1980, 2000; Menezes e Figueiredo, 1980, 1985), que apresentam as espécies de peixes encontradas na plataforma continental dessa área, indicou pouco mais de 500 espécies. Por outro lado, considerando-se ainda o "Catálogo de Peixes Marinhos do Brasil" (Menezes *et al.*, 2003) e outras publicações mais recentes, o número de espécies eleva-se para aproximadamente 650, a grande maioria já assinalada ou passível de ocorrer no Estado de São Paulo.

Essas espécies pertencem a 34 ordens e 165 famílias e ocorrem em uma área de transição faunística sob influência das águas quentes da Corrente do Brasil e das águas frias derivadas da Corrente das Malvinas. Merece destaque o fato de que cerca de 10% dessas espécies são endêmicas, sendo a grande maioria de hábito demersal. Essa região de transição (Província Biogeográfica Argentina), da qual a costa do Estado de São Paulo faz parte, apresenta ampla plataforma continental recoberta basicamente de areia e lama. Os fundos consolidados na forma de costões rochosos, tanto junto ao continente como em ilhas, e de parcéis, além de algumas regiões estuarinas de porte, estendem-se com as mes-

mas feições desde o Estado do Rio de Janeiro até Santa Catarina. Por sua vez, as variáveis hidrológicas nela atuantes também se comportam de modo relativamente uniforme, não constituindo, dentro da área, barreira notável que limite a distribuição dos peixes. Em outras palavras, dada a relativa uniformidade de ambientes ao longo da costa, a constituição da fauna marinha de peixes dessa extensa região da plataforma também varia pouco.

Com relação ao conhecimento sobre a fauna e a ecologia das espécies de peixes que ocorrem na região costeira do Estado de São Paulo entre 10 e 100 m de profundidade, diversos projetos desenvolvidos desde os anos 1970 por pesquisadores e estudantes do Instituto Oceanográfico da USP podem ser destacados: **no Litoral Norte** (Nonato *et al.*, 1983; Cunningham 1983; Braga e Goitein, 1984; Rocha, 1990; Natali Neto, 1991; Rossi-Wongtschowski e Paes, 1993; Maciel, 1995; Paes, 1996; Rocha e Rossi-Wongtschowski, 1998; Rossi-Wongtschowski *et al.*, 2008), **na Baixada Santista** (Vazzoler, 1969; Paiva-Filho, 1982; Paiva-Filho e Schmiegelow, 1986; Paiva-Filho e Toscano, 1987; Paiva-Filho *et al.*, 1987; Ribeiro-Neto, 1989; Giannini, 1989, 1994; Giannini e Paiva Filho, 1995) e; **no Litoral Sul** (Zani-Teixeira e Paiva-Filho, 1981; Zani-Teixeira, 1983; Diniz-Filho, 1997; Maciel, 2001; Louro, 2007).

A partir da década de 1990, quando os costões rochosos e ilhas do Estado de São Paulo passaram a ser explorados por mergulho autônomo, novas espécies foram descobertas e descritas. Desde então têm sido relatadas diversas espécies de peixes (e.g. Moura, 1995; Sazima *et al.*, 1997; Moura *et al.*, 1999; 2001; Moura e Castro, 2002; Luiz-Jr. *et al.*, 2008). Estudos sobre a diversidade de elasmobrânquios também receberam impulso nesse período, podendo-se citar Gadig (2001).

Por fim, merecem destaque as contribuições de Figueiredo *et al.* (2002), Bernardes *et al.* (2005) e Santos e Figueiredo (2008), no âmbito do Programa REVIZEE (“Recursos Vivos da Zona Econômica Exclusiva”), que cobriram lacunas sobre o conhecimento da diversidade de espécies associadas à coluna d’água (pelágicas, batipelágicas) e ao fundo (demersais) que ocorrem na plataforma externa e no talude continental da região sudeste-sul entre 100 e 1.800 m de profundidade, bem como o estudo de Moura (2003), no âmbito do projeto “Conhecimento, Conservação e Utilização Racional da Diversidade da Fauna de Peixes do Brasil” (PRONEX), que avaliou a riqueza de espécies, a diversidade e a organização de peixes em ambientes recifais. Principalmente nesses estudos mais

recentes, as coletas foram georreferenciadas, facilitando a utilização dos dados para a elaboração de mapas de ocorrência das espécies.

Ainda que a fauna de peixes marinhos que ocorre no Estado de São Paulo possa ser considerada uma das mais bem conhecidas do país, fruto de investimentos consistentes nas últimas décadas e acima mencionados, ainda restam lacunas no que tange ao inventário da fauna dos ambientes de praia e de costões rochosos. Assim, levantamentos nessas áreas certamente resultarão em ampliações do número de espécies conhecidas e do conhecimento da biodiversidade da ictiofauna.

Sobre essa ictiofauna existe uma intensa pescaria, praticada por diversas frotas pesqueiras, cujas características, espécies alvo e efeitos sobre os peixes são comentadas a seguir, a partir das informações contidas em Ávila-da-Silva *et al.* (1999; 2007), Carneiro *et al.* (2000), Rossi-Wongtschowski *et al.* (2007) e Kolling *et al.* (2008).

A pesca da sardinha-verdadeira (*Sardinella brasiliensis*) é tradicionalmente a mais importante em volume de desembarque no Estado de São Paulo. Sua captura é realizada por traineiras com rede de cerco, normalmente em locais com profundidades entre 30 e 60 m, ao largo de toda a costa paulista. As áreas de pesca mais frequentemente citadas pelos pescadores nos desembarques em São Paulo situam-se ao largo da Barra de Santos e da Jureia, nas proximidades das Ilhas do Bom Abrigo, de Alcatrazes e da Queimada Grande. Nas regiões sudeste e sul existem 210 embarcações licenciadas para essa modalidade de pesca, sendo 25 em São Paulo. No entanto, observa-se que nem todas as embarcações licenciadas estão em operação. Essa frota também captura tainha (*Mugil planatus*), cavalinha (*Scomber japonicus*), palombeta (*Chloroscombrus chrysurus*), xixarro (*Trachurus lathami*), sardinha-savelha (*Brevoortia pectinata*) e outros pequenos pelágicos. Com a queda na disponibilidade de seu recurso principal, a sardinha-verdadeira, a frota também direciona suas capturas para a corvina (*Micropogonias furnieri*). Essa prática, entretanto, encontra-se proibida.

As pescarias realizadas com redes de arrasto são as menos seletivas e incluem a pesca com parelha, em que duas embarcações arrastam uma única rede, e a pesca com arrasto de portas. Esta pode ser realizada com duas redes puxadas dos bordos da embarcação (arrasto-duplo ou com tangões) ou com uma rede puxada pela popa do barco (arrasto-simples ou de popa). Existe grande polêmica sobre o efeito dessas pescarias, pois as redes entram diretamente em contato com o fundo, alterando-o drasticamente.

As parelhas de São Paulo atuam principalmente de São Sebastião (SP) até Paranaguá (PR), nas proximidades da Barra de Santos, da Jureia e das ilhas do Bom Abrigo, Montão de Trigo, Queimada Grande e Pequena, Comprida e do Cardoso (reconhecidas como importantes áreas de desova para várias espécies de peixes da família Sciaenidae, o grupo das pescadas, corvina e goete). A profundidade média dos arrastos é de 25 m. O número de embarcações com desembarques registrados no Estado nos anos 2007 e 2008 é de 28 (14 parelhas), com comprimentos entre 13 e 24 m. Essa frota ocupa o segundo lugar em volume de pescados desembarcados no Estado de São Paulo. As principais espécies capturadas pelas parelhas são a corvina, o goete (*Cynoscion jamaicensis*), a betara (*Menticirrhus spp.*) e a pescada-foguete (*Macrodon ancylodon*).

Os arrastos de porta dirigem tradicionalmente suas capturas para o camarão-sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) e, nas safras, ao camarão-branco ou legítimo (*Litopenaeus schmitti*) e para o camarão-rosa (*Farfantepenaeus brasiliensis* e *F. paulensis*). A partir de 2001 foi observada uma expansão das áreas de pesca dos arrasteiros para profundidades de até 300 m, onde os principais recursos explorados são peixes demersais e o camarão-cristalino (*Plesionika edwardsii*). Há também a pesca com arrasto-de-popa, executado por embarcações de grande porte entre 400 e 800 m de profundidade, voltado para a captura dos camarões carabineiro (*Aristaeopsis edwardsiana*), moruno (*Aristaeomorpha foliacea*) e alistado (*Aristeus antillensis*).

No Estado de São Paulo, os camarões-sete-barbas e branco são capturados com arrastos duplos e simples, por pelo menos 800 embarcações de pequeno porte, até a profundidade de 30 m. O camarão-rosa e os peixes demersais são capturados por aproximadamente 130 arrasteiros duplos de médio porte (normalmente entre 18 e 23 m de comprimento de casco). A faixa de profundidade preferencial para a pesca do camarão-rosa se estende entre 40 e 80 m.

As frotas de arrasto que direcionam suas capturas para o camarão-sete-barbas têm nesta espécie aproximadamente 90% do total desembarcado em peso, sendo alto o descarte de outras espécies a bordo. A frota de arrasto de camarão-rosa também descarrega cabrinha (*Prionotus spp.*), betara, trilha (*Mullidae*), linguados (*Paralichthys spp.*), lula (*Loligo spp.*), polvo (*Octopus vulgaris*), corvina, abrótea (*Urophycis brasiliensis*), raias (*Rajidae*), entre outras. A participação da categoria de pescado "mistura", composta de peixes diversos de pouco valor comercial e juvenis de

peixes de maior valor, é bastante alta. Nessa modalidade de pesca foram identificadas 256 espécies de peixes, camarões e outros crustáceos.

Em operações da pesca com arrasto duplo de portas em profundidades superiores a 80 m, é capturada a abrótea-de-profundidade (*Urophycis mystacea*), o linguado (*Paralichthys patagonicus*), a merluza (*Merluccius hubbsi*), o lagostim (*Metanephrops rubellus*), o camarão-cristalino, o congro-rosa (*Genypterus brasiliensis*), o peixe-sapo (*Lophius gastrophysus*), a tira-vira (*Percophis brasiliensis*) e mais cerca de 60 outras categorias de pescado.

Outro conjunto de capturas importantes no Estado de São Paulo é realizado com redes de emalhe. Dependendo da espécie alvo e da área de captura, as características desse petrecho passivo de pesca podem diferir bastante. Suas variantes recebem nomes específicos como rede-de-espera fixa, de deriva, caceio, boiada, estaqueada, feiticeira (tresmalho), corvineira, robaleira, linguadeira, caçoeira etc.

As redes de emalhe são utilizadas para a captura de corvina, pescada-foguete, betara, guaivira (*Oligoplites spp.*), cações, sororoca (*Scomberomorus brasiliensis*), goete, bagres (*Ariidae*) e outras espécies costeiras. Embora sejam realizadas sobre toda a plataforma continental, as operações de pesca com esse petrecho concentram-se da linha de costa à isóbata de 30 m. Os registros de descarga de pescado no Estado de São Paulo indicam haver, pelo menos, 400 embarcações operando com esse método de pesca.

Em São Paulo há uma pescaria com rede de emalhe específica para a captura do peixe-sapo. Esta é realizada em profundidades de 200 a 400 m por duas embarcações.

As técnicas de pesca com linha em anzol, como linha-de-mão, espinhéis de fundo e de superfície e zangarelho, são empregadas para a captura de uma ampla gama de espécies de pescado. É comum a utilização de diferentes petrechos de linha durante uma viagem, assim como a utilização de linhas de pesca por embarcações arrasteiras e de emalhe. A dinâmica dessas pescarias é marcadamente sazonal e por isso o número de barcos engajados varia ao longo do ano e de ano para ano. Embarcações de outros estados, em especial do Espírito Santo, operam ao largo da costa paulista e descarregam em seus portos em determinadas épocas do ano.

Espinheiros-de-fundo são utilizados para a captura de bagre-branco (*Genidens barbus*) e corvina em áreas costeiras, até 80 m de profundida-

de. Em áreas mais distantes da costa são capturados, com frequência, o realito (*Rhomboplites aurorubens*, até 250 m), o peixe-batata (*Lopholatilus villarii*), o namorado (*Pseudopercis numida*) e o cherne-verdadeiro (*Epinephelus niveatus*) em profundidades de até 450 m.

Com espinhéis-de-superfície-costeiros são capturados o dourado (*Coryphaena hippurus*), o espadarte (*Xiphias gladius*) e o tubarão-azul (*Prionace glauca*), além de diversas outras espécies de cação.

Espinheis-de-superfície-oceânicos são utilizados na zona econômica exclusiva do Brasil e em águas internacionais para a captura do espadarte, cação-azul, tubarões-martelo (*Sphyraena spp.*), anequim (*Isurus oxyrinchus*) e atuns (*Thunnus alalunga*, *T. albacares* e *T. obesus*), entre outras espécies pelágicas oceânicas.

Pequenos espinheis verticais e linhas-de-mão capturam o realito, o pargo-rosa (*Pagrus pagrus*), bagres, o peixe-espada (*Trichiurus lepturus*), o namorado, a garoupa (*Epinephelus marginatus*), o cherne-verdadeiro e a anchova (*Pomatomus saltatrix*). Uma variação chamada de zangarelho é utilizada para a captura de lulas (*Loligo plei* e *L. sanpaulensis*).

Apesar de não direcionada a peixes, mas constituindo uma importante atividade pesqueira, existe a pesca de polvo (moluscos céfalópodes) com espinhel de potes, implantada em 2003 e atualmente com posição de destaque entre as pescarias, por causa do valor de seu produto. Das 25 licenças para esta pescaria no Sudeste-Sul brasileiro, 18 são de embarcações sediadas em São Paulo. É uma pescaria altamente seletiva. Sua frota atua principalmente de 30 a 120 m de profundidade, sendo mais comuns as operações entre 50 e 80 m, nas proximidades do Farol do Boi, da Ilha de Alcatrazes, da Barra de Santos e das Ilhas da Queimada Grande e do Bom Abrigo.

Por outro lado, a degradação generalizada da zona costeira, o reconhecimento do colapso de importantes estoques pesqueiros, a proliferação de doenças que afetam os ambientes recifais e o aumento da poluição das praias representam um crescimento sem precedentes dos níveis de ameaça às espécies de peixes marinhos. Os oceanos, tidos por séculos como inesgotáveis, encontram-se fragilizados e ameaçados. A conservação desse patrimônio biológico de valor incalculável representa um desafio emergencial que não pode ser transferido para gerações futuras. Assim, diante desse contexto desfavorável, torna-se urgente compreender quais são as espécies mais ameaçadas e as causas dessas ameaças, permitindo dar subsídios a medidas adequadas para a gestão do uso de

tais recursos vivos e para a conservação da biodiversidade marinha, que correspondem ao pano de fundo do levantamento aqui apresentado.

Método para avaliação dos peixes marinhos ameaçados em São Paulo

Em função das características únicas quanto à importância socioeconômica, ao ciclo de vida complexo e ao uso de habitat extenso, fragmentado e de distribuição incompletamente conhecida, o processo de avaliação das espécies ameaçadas de peixes marinhos é inevitavelmente complexo, inclusive em razão da necessidade de adoção de medidas peculiares que muitas vezes transcendem a mera proibição das capturas.

Inicialmente, para o desenvolvimento deste capítulo, foram listadas as espécies registradas no Estado de São Paulo, com base no trabalho de Menezes *et al.* (2003) e outras publicações (e.g. Rosa e Menezes, 1996; Froese e Pauly, 2008). Para estas, foi verificado quais já haviam sido objeto de análise e já eram consideradas ameaçadas no Brasil, constando em decretos estaduais e federais, instruções normativas, listas internacionais e bibliografia correlata (São Paulo – Secretaria do Meio Ambiente, 1998; Bergallo *et al.*, 2000; Bizerril e Costa, 2001; Gadig *et al.*, 2001; Mikich e Bérnuls, 2004; IBAMA IN 5/2004; IBAMA IN 52/2005; Amorim, 2005; Vooren e Klipper, 2005a; Passamani e Mendes, 2007; IUCN, 2008).

Paralelamente, um formulário contendo campos a serem preenchidos sobre ambientes e domínios de ocorrência das espécies, dados populacionais, ameaças e medidas de conservação, organizado com base no questionário empregado pela Fundação Biodiversitas para um levantamento em escala nacional (Machado *et al.*, 2008), foi distribuído a dezenas de especialistas, procurando agregar o maior número possível de informações. Finalmente foi realizado um workshop regional, no qual foi consolidada uma única listagem, contendo as espécies anteriormente consideradas ameaçadas e incluídas aquelas sugeridas pelos especialistas. Nesse workshop também foram refinados os critérios para inclusão das espécies ameaçadas no Estado de São Paulo na lista de peixes marinhos aqui apresentada, bem como um conjunto de medidas para sua conservação.

Dois elementos principais nortearam a composição da lista das espécies ameaçadas ora apresentada: a delimitação da área considerada para o diagnóstico e a definição das quatro categorias (alternativas) de ameaça. O escopo geográfico do levantamento incluiu apenas a área sob jurisdição do Estado de São Paulo, circunscrita à área entre a linha

da baixa-mar e as linhas de base definidas conforme a Lei Federal nº 8.617/1993 e o Decreto Federal nº 4.983/2004. Nessa área, existem diversas unidades de conservação.

Com relação às categorias adotadas, as mesmas foram baseadas em critérios que incluíram a extensão da ocorrência (ampla ou limitada a uma ou algumas localidades) e as tendências nas capturas, disponíveis para espécies com interesse socioeconômico, resultando nas seguintes categorias:

I – Regionalmente extintas (RE): não há registro de captura da espécie nos últimos vinte anos nas águas interiores marinhas do Estado de São Paulo;

II – Colapsadas (CO): aquelas cuja exploração foi tão intensa que reduziu a um nível crítico a biomassa, o potencial de reprodução e as capturas, comprometendo severamente uma eventual recuperação;

III – Sobreexplotadas (SE): (a) aquelas cuja exploração foi tão intensa que reduziu significativamente a biomassa, o potencial de reprodução e as capturas ou (b) aquelas cujo habitat foi tão intensamente degradado que reduziu a presença a poucas localidades, em ambos os casos (a e b) podendo colapsar se o monitoramento e medidas de gestão não forem efetivamente implementados;

IV – Ameaçadas de sobreexplotação (AS): aquelas cuja redução da biomassa ou do potencial de reprodução ou das capturas ou da área de ocorrência é evidente, requerendo medidas de gestão e monitoramento.

Considerando a necessidade de medidas abrangentes, que, em geral, afetam conjuntos de espécies e possuem objetivos e abordagens diferenciados, que incluem desde medidas para assegurar o uso sustentável até ações e programas mais complexos de recuperação e preservação, são aqui apresentadas as seguintes recomendações, para cada categoria:

I – Para as espécies regionalmente extintas: suspensão total das capturas por prazo indeterminado, exceto para pesquisa científica devidamente autorizada; apoio a medidas de gestão e recuperação nas áreas onde a espécie ainda ocorre;

II – Para as espécies colapsadas: suspensão das capturas, exceto para pesquisa científica devidamente autorizada, até que um plano de recuperação seja elaborado e aprovado; elaboração e aprovação de um plano de recuperação, no prazo máximo de três anos, sem prejuízo da aplicação de medidas de ordenamento existentes;

III – Para as espécies sobreexplotadas: elaboração e aprovação de um plano de gestão no prazo máximo de três anos, visando a recuperação dos estoques e a sustentabilidade da pesca, sem prejuízo da aplicação de medidas de ordenamento existentes. Em alguns casos específicos, cabe a adoção das medidas propostas na categoria II;

IV – Para as espécies ameaçadas de sobreexplotação: elaboração e aprovação de um plano de gestão no prazo máximo de cinco anos, visando a manutenção dos estoques e a sustentabilidade da pesca, sem prejuízo da aplicação de medidas de ordenamento existentes.

Em relação aos aspectos biológicos das espécies, a resiliência foi atribuída conforme Froese e Pauly (2008), sendo que este atributo está relacionado à estratégia de vida das espécies, que podem apresentar crescimento rápido, ciclo de vida curto, comprimentos pequenos, fecundidade alta, maturação gonadal prematura e hábito mais gregário (as denominadas "r-estrategistas") ou, ao contrário, crescimento lento, ciclo de vida longo, grandes tamanhos, baixa fecundidade, maturação gonadal tardia, em idades avançadas e hábitos mais solitários (as "k-estrategistas") (Wootton, 1998). De modo geral, as espécies r-estrategistas apresentam resiliência alta e as k-estrategistas apresentam resiliência muito baixa.

Espécies de peixes marinhos ameaçadas

No total, 118 espécies de peixes marinhos foram consideradas ameaçadas, valor que representa cerca de 20% das espécies conhecidas da ictiofauna marinha do Estado de São Paulo. Destas, 6% foram enquadradas na categoria regionalmente extinta (RE), 14% na categoria colapsada (CO), 38% na categoria sobreexplotada (SE) e 42% na categoria ameaçada de sobreexplotação (AS). No conjunto, os peixes ósseos corresponderam a 64% e os cartilaginosos a 36% das espécies ameaçadas. Na tabela abaixo consta a síntese destas informações.

Número de espécies de peixes marinhos ameaçadas no Estado de São Paulo, por classe e por categoria (ver definições no texto).

Classe	RE	CO	SE	AS	Total
Actinopterygii	3	13	27	32	75
Chondrichthyes	4	3	18	18	43
Total	7	16	45	50	118

Muitas das espécies aqui consideradas já haviam sido enquadradas em categorias de ameaça (e.g. Menezes *et al.*, 1990; Rosa e Menezes, 1996; Marques *et al.* 2002; Fontana *et al.*, 2003; Lessa *et al.*, 2005; Machado *et al.*, 2008; IUCN, 2008), constando das listas oficiais dos estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul.

Na lista das espécies ameaçadas no Estado de São Paulo aqui apresentada foram incluídas 29 espécies de peixes ósseos e três de peixes cartilaginosos, anteriormente não consideradas em outras listas. Dela constam: peixes recifais capturados por caça submarina e/ou para aquariofilia (*Halichoeres dimidiatus*, *Thalassoma noronhanum*, *Chromis enchrysura*, *Chromis flavicauda*, *Chromis jubauna*, *Scarus trispinosus*, *Scarus zelindae*, *Sparisoma amplum*, *Sparisoma axillare*, *Sparisoma frondosum*, *Canthigaster figueiredoi*); peixes que habitam regiões costeiras degradadas (*Atherinella brasiliensis*, *Membras dissimilis*) e peixes de interesse comercial que são capturados por diferentes frotas de pesca (*Urophycis brasiliensis*, *Genypterus brasiliensis*, *Ophidion hollbrookii*, *Lopholatilus villarrii*, *Centropomus parallelus*, *Centropomus undecimalis*, *Cynoscion acoupa*, *Cynoscion jamaicensis*, *Cynoscion microlepidotus*, *Cynoscion virescens*, *Sphyraena barracuda*, *Bagre marinus*, *Genidens barbus*, *Myliobatis freminvillii*, *Myliobatis goodei*, *Rhinobatos percellens*).

Merecem especial atenção algumas espécies consideradas regionalmente extintas (*Scarus guacamaia*, *Mycteroperca tigris*, *Mycteroperca venenosa*, *Negaprion brevirostris*, *Ginglymostoma cirratum*, *Pristis pectinata*, *Pristis perotteti*), sendo imprevisível a possibilidade de recuperação de suas populações, o tempo para que isso ocorra e os efeitos de seu desaparecimento no habitat que elas ocupavam.

Quanto às espécies de peixes mais comuns em grandes profundidades, principalmente na borda da plataforma continental e no talude superior (entre 100 e 500 m de profundidade) – *Merluccius hubbsi*, *Lophius gastrophysus*, *Genypterus brasiliensis*, *Lopholatilus villarrii* e alguns elasmobrânquios –, sua inclusão na presente lista se deve ao fato de a área analisada constituir local de criação destas espécies, com a presença frequente de exemplares jovens.

Considerações sobre as espécies ameaçadas de peixes marinhos em São Paulo

A discrepância entre o número de espécies de peixes marinhos incluídas no decreto estadual anterior (Decreto nº 42.838/1998), no qual

apenas 14 espécies foram citadas como ameaçadas no Estado de São Paulo, reflete tanto as diferenças entre o método de avaliação adotado naquela ocasião quanto o estado atual do conhecimento, substancialmente mais abrangente e acurado (cf. Magro *et al.*, 2000; Cergole *et al.*, 2005; Rossi-Wongtschowski *et al.*, 2006).

No Estado de São Paulo, como em outras áreas da costa brasileira, as espécies ameaçadas de peixes marinhos são capturadas por aquaristas amadores e profissionais, também por meio de pesca esportiva e, principalmente, pela pesca comercial que abrange frotas com diferentes características (artesanal e industrial) e poder de pesca, operadas pelos mais diversos atores (pescadores individuais, grupos familiares informais, pequenas, médias e grandes empresas exportadoras). A inexistência de programas eficientes de gestão e monitoramento dos recursos pesqueiros, especialmente daqueles que contemplam necessidades e características regionais nas dimensões biológica, ecológica, social, econômica e cultural, apresenta-se como a maior ameaça à diversidade de peixes marinhos e à sua exploração sustentável.

Além da exploração excessiva e desregulada, merece destaque o fato de que a região costeira vem sendo degradada e ocupada de forma descontrolada. O impacto resultante da ocupação urbana voltada ao turismo, da especulação imobiliária, da poluição e descarga de efluentes de esgoto doméstico e industrial, do lixo, do desmatamento da vegetação costeira, de aterros e loteamentos é crescente, havendo poucas áreas protegidas que limitem o alcance dessa degradação e provejam, pelo menos, a proteção de populações adequadas de peixes que possam colonizar áreas adjacentes (e.g. Francini-Filho e Moura, 2008). As poucas áreas de proteção implementadas não apresentam proteção integral e ocupam uma parcela minúscula da zona costeira, carecendo de fiscalização.

Nesse sentido, ações que incluem desde o aporte de recursos para o monitoramento das espécies ameaçadas, a elaboração de planos de gestão, a fiscalização e a criação de áreas protegidas devem ser levadas em conta e implantadas com urgência.

Extinções locais de peixes marinhos já ocorreram no Estado de São Paulo e populações de recursos pesqueiros outrora abundantes já não apresentam relevância econômica. Alertas e previsões dos cientistas têm-se transformado em sequências de tristes constatações e a situação tende a se agravar caso medidas urgentes e abrangentes não sejam adotadas em curto prazo. Tais perdas, se continuarem ocorrendo, serão

irreversíveis e de valor incalculável.

O momento atual, apesar da gravidade relatada, pode representar a oportunidade para convidar a sociedade a reconhecer melhor a fantástica diversidade da costa paulista, despertando-a para uma série mudança de comportamento com relação à zona costeira. O Estado de São Paulo, ao sinalizar claramente que pretende ampliar sua responsabilidade pela zona costeira e convidar a sociedade e a comunidade científica a contribuir para o delineamento de estratégias de conservação, pode e deve desempenhar um papel fundamental para a necessária mudança no paradigma atual de convivência do homem com a biodiversidade marinha.

Apresentação do capítulo

O capítulo das espécies ameaçadas de peixes marinhos foi dividido em duas partes: peixes ósseos (Classe Actinopterygii) e peixes cartilaginosos (Classe Chondrichthyes).

As listas de espécies ameaçadas consultadas incluíram a IUCN (2008), a lista de peixes marinhos brasileiros ameaçados publicada na Instrução Normativa nº 5 de 21 de maio de 2004 (Lista Nacional das espécies de invertebrados aquáticos e peixes ameaçados de extinção e sobreexplotadas ou ameaçadas de sobreexplotação), a lista de espécies ameaçadas no Estado de São Paulo publicada em 1998, e as listas de espécies ameaçadas no Paraná (Mikich e Bernils 2004), no Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001) e no Espírito Santo (Passamani e Mendes 2007) (Figura 1).

Não foram incluídos mapas com a localização da ocorrência dos peixes marinhos ameaçados pela dificuldade de delimitação da distribuição e motilidade das espécies, além de praticamente não existir fronteiras para seu deslocamento dentro da região sudeste-sul. Pela mesma razão não foi incluída uma lista total das espécies que ocorrem no Estado de São Paulo. ■

Espécie, autor da espécie e ano que a espécie foi descrita	<i>Heteroconger longissimus</i> Günther, 1870 Anguilliformes, Congridae
Ordem, Família	Nome vernacular Enguia-de-jardim.
Baseada nas categorias propostas para classificar os peixes marinhos	Categoria proposta para São Paulo Sobreexplotada (SE).
IUCN (2008); Brasil (2004); São Paulo (1998); Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001); Paraná (2004)	Justificativa É registrada no Arquipélago de Alcatrazes, estando sob efeito deletério de bombardeios realizados pela Marinha do Brasil, que usa a área para treinamento.
	Situação em outras listas São Paulo (1998): A-VU.
	Distribuição e habitat Atlântico. No Atlântico ocidental é assinalada da Flórida ao sudeste do Brasil, na Ilha dos Alcatrazes. Associada a recifes e em fundos arenosos, com formação de colônias entre 10 e 60 m.
	Biologia da espécie Demersal. Atinge até 51 cm de comprimento total. Alimenta-se de plâncton, zoobentos e detritos. Resiliência média, com o tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.
	Ameaças Degradação e distúrbio do habitat.
	Medidas para a conservação Suspender os bombardeios da Marinha do Brasil.
	Referências Moura <i>et al.</i> (1999), Menezes <i>et al.</i> (2003), Froese e Pauly (2008).
	Literatura consultada para elaboração da ficha

Figura 1. Informações apresentadas nas fichas das espécies de peixes marinhos ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo.

Tabelas de Peixes Marinhos

Tabela 1. Peixes marinhos ameaçados no Estado de São Paulo.

Classe	Ordem	Família	Táxon	Nome Vernacular	Categoria
Actinopterygii	Anguilliformes	Congridae	<i>Heteroconger longissimus</i> Günther, 1870	enguia-de-jardim	SE
Actinopterygii	Atheriniformes	Atherinopsidae	<i>Atherinella brasiliensis</i> (Quoy & Gaimard, 1825)	peixe-rei	AS
Actinopterygii	Atheriniformes	Atherinopsidae	<i>Membras dissimilis</i> (Carvalho, 1956)	peixe-rei-membra	AS
Actinopterygii	Berciformes	Holocentridae	<i>Plectrypops retrospinis</i> (Guichenot, 1853)	peixe-soldado	SE
Actinopterygii	Clupeiformes	Clupeidae	<i>Sardinella brasiliensis</i> (Steindachner, 1879)	sardinha, sardinha-verdeira	SE
Actinopterygii	Gadiformes	Merlucciidae	<i>Merluccius hubbsi</i> Marini, 1933	merluza	SE
Actinopterygii	Gadiformes	Phycidae	<i>Urophycis brasiliensis</i> (Kaup, 1858)	abrótea	AS
Actinopterygii	Lophiiformes	Lophiidae	<i>Lophius gastrophysus</i> Miranda Ribeiro, 1915	peixe-sapo	SE
Actinopterygii	Ophidiiformes	Ophidiidae	<i>Genypterus brasiliensis</i> (Regan, 1903)	congro-rosa	AS
Actinopterygii	Ophidiiformes	Ophidiidae	<i>Ophidion holbrookii</i> Putnam, 1874	falso-congro-rosa	AS
Actinopterygii	Perciformes	Branchiostegidae	<i>Lopholatilus villarii</i> Miranda Ribeiro, 1915	peixe-batata	SE
Actinopterygii	Perciformes	Centropomidae	<i>Centropomus parallelus</i> Poey, 1860	robalo-peva	AS
Actinopterygii	Perciformes	Centropomidae	<i>Centropomus undecimalis</i> (Bloch, 1796)	robalo-flecha	AS
Actinopterygii	Perciformes	Chaetodontidae	<i>Chaetodon sedentarius</i> Poey, 1860	peixe-borboleta	AS
Actinopterygii	Perciformes	Gobiidae	<i>Elacatinus figaro</i> Sazima, Moura & Rosa, 2001	néon, góbio-néon	AS
Actinopterygii	Perciformes	Grammatidae	<i>Gramma brasiliensis</i> Sazima, Gasparini & Moura, 1998	grama, grama-real	SE
Actinopterygii	Perciformes	Labridae	<i>Halichoeres dimidiatus</i> (Agassiz, 1831)	halicóres	AS
Actinopterygii	Perciformes	Labridae	<i>Thalassoma noronhanum</i> (Boulenger, 1890)	bodião-de-noronha	AS
Actinopterygii	Perciformes	Lutjanidae	<i>Lutjanus analis</i> (Cuvier, 1828)	cioba, vermelho-cioba, caranho-vermelho	CO
Actinopterygii	Perciformes	Lutjanidae	<i>Lutjanus cyanopterus</i> (Cuvier, 1828)	caranha	CO
Actinopterygii	Perciformes	Lutjanidae	<i>Ocyurus chrysurus</i> (Bloch, 1791)	guaiúba	CO
Actinopterygii	Perciformes	Lutjanidae	<i>Rhomboplites aurorubens</i> (Cuvier, 1828)	realito, vermelho	CO
Actinopterygii	Perciformes	Microdesmidae	<i>Ptereleotris randalli</i> Gasparini, Rocha & Floeter, 2001	néon-branco	SE
Actinopterygii	Perciformes	Mugilidae	<i>Mugil liza</i> Valenciennes, 1836	tainha	SE
Actinopterygii	Perciformes	Mugilidae	<i>Mugil platanus</i> Günther, 1880	tainha	SE
Actinopterygii	Perciformes	Pinguipedidae	<i>Pseudopercis numida</i> Miranda Ribeiro, 1903	namorado	SE
Actinopterygii	Perciformes	Pomacanthidae	<i>Centropyge aurantonotus</i> Burgess, 1974	centropíge	AS
Actinopterygii	Perciformes	Pomacanthidae	<i>Holacanthus ciliaris</i> (Linnaeus, 1758)	peixe anjo-rainha, anjo-ciliaris	AS
Actinopterygii	Perciformes	Pomacanthidae	<i>Holacanthus tricolor</i> (Bloch, 1795)	tricolor, anjo-tricolor	AS
Actinopterygii	Perciformes	Pomacanthidae	<i>Pomacanthus paru</i> (Bloch, 1787)	paru	AS
Actinopterygii	Perciformes	Pomacentridae	<i>Chromis encrysura</i> Jordan & Gilbert, 1882	donzela	AS
Actinopterygii	Perciformes	Pomacentridae	<i>Chromis flavicauda</i> (Günther, 1880)	donzela	AS

Tabela 1. Peixes marinhos ameaçados no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Classe	Ordem	Família	Táxon	Nome Vernacular	Categoria
Actinopterygii	Perciformes	Pomacentridae	<i>Chromis jubauna</i> Moura, 1995	donzela	AS
Actinopterygii	Perciformes	Pomatomidae	<i>Pomatomus saltatrix</i> Linnaeus, 1766	anchova	AS
Actinopterygii	Perciformes	Rachycentridae	<i>Rachycentron canadum</i> (Linnaeus, 1766)	bijupirá, beijupirá	AS
Actinopterygii	Perciformes	Scaridae	<i>Scarus guacamaia</i> Cuvier, 1829	bodião-rabo-de-forquilha	RE
Actinopterygii	Perciformes	Scaridae	<i>Scarus trispinosus</i> Valenciennes, 1840	bodião-azul	CO
Actinopterygii	Perciformes	Scaridae	<i>Scarus zelindae</i> Moura, Figueiredo & Sazima, 2001	peixe-papagaio	CO
Actinopterygii	Perciformes	Scaridae	<i>Sparisoma amplum</i> (Ranzani, 1841)	peixe-papagaio-dos-recifes	CO
Actinopterygii	Perciformes	Scaridae	<i>Sparisoma axillare</i> (Steindachner, 1878)	peixe-papagaio-cinza	CO
Actinopterygii	Perciformes	Scaridae	<i>Sparisoma frondosum</i> (Agassiz, 1831)	peixe-papagaio-sinalheiro	CO
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Cynoscion acoupa</i> (Lacepède, 1801)	pescada-amarela	AS
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Cynoscion guatucupa</i> (Cuvier, 1830)	pescada-olhuda, maria-mole	SE
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Cynoscion jamaicensis</i> (Vaillant & Bocourt, 1883)	goete	AS
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Cynoscion leiarchus</i> (Cuvier, 1830)	pescada-branca	AS
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Cynoscion microlepidotus</i> (Cuvier, 1830)	pescada-bicuda	AS
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Cynoscion virescens</i> (Cuvier, 1830)	pescada-cambucu	AS
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Macrodon ancylodon</i> (Bloch & Steindachner, 1801)	pescada-foguete, pescadinha-real	SE
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Micropogonias furnieri</i> Desmarest, 1823	corvina	SE
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Pogonias cromis</i> (Linnaeus, 1766)	miraguaia, piraúna	CO
Actinopterygii	Perciformes	Sciaenidae	<i>Umbrina canosai</i> Berg, 1895	castanha	SE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Cephalopholis fulva</i> (Linnaeus, 1758)	catuá, garoupinha	SE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Epinephelus itajara</i> (Lichtenstein, 1822)	mero	SE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Epinephelus marginatus</i> (Lowe, 1834)	garoupa, garoupa-verdadeira	SE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Epinephelus morio</i> (Valenciennes, 1828)	garoupa são-tomé	SE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Epinephelus nigeritus</i> (Holbrook, 1855)	cherne-preto	SE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Epinephelus niveatus</i> (Valenciennes, 1828)	cherne-verdadeiro	SE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Mycteroperca bonaci</i> (Poey, 1860)	badejo, badejo-quadrado, sirigado	CO
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Mycteroperca interstitialis</i> (Poey, 1860)	badejo-vassoura	CO
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Mycteroperca microlepis</i> (Goode & Bean, 1879)	badejo-de-areia	SE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Mycteroperca tigris</i> (Valenciennes, 1833)	badejo-tigre	RE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Mycteroperca venenosa</i> (Linnaeus, 1758)	badejo-sirigado	RE
Actinopterygii	Perciformes	Serranidae	<i>Polyprion americanus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	cherne-poveiro	CO
Actinopterygii	Perciformes	Sparidae	<i>Pagrus pagrus</i> (Linnaeus, 1758)	pargo, pargo-rosa	SE
Actinopterygii	Perciformes	Sphyraenidae	<i>Sphyraena barracuda</i> (Edwards, 1771)	barracuda	AS

Tabela 1. Peixes marinhos ameaçados no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Classe	Ordem	Família	Táxon	Nome Vernacular	Categoria
Actinopterygii	Pleuronectiformes	Paralichthyidae	<i>Paralichthys brasiliensis</i> (Ranzani, 1842)	linguado	AS
Actinopterygii	Pleuronectiformes	Paralichthyidae	<i>Paralichthys orbignyanus</i> (Valenciennes, 1839)	linguado	AS
Actinopterygii	Pleuronectiformes	Paralichthyidae	<i>Paralichthys patagonicus</i> Jordan, 1889	linguado	AS
Actinopterygii	Siluriformes	Ariidae	<i>Bagre marinus</i> (Mitchill, 1815)	bagre-bandeira	SE
Actinopterygii	Siluriformes	Ariidae	<i>Genidens barbus</i> Lacepède, 1803	bagre-branco	SE
Actinopterygii	Syngnathiformes	Syngnathidae	<i>Hippocampus erectus</i> Perry, 1810	cavalo-marinho	AS
Actinopterygii	Syngnathiformes	Syngnathidae	<i>Hippocampus reidi</i> Ginsburg, 1933	cavalo-marinho	AS
Actinopterygii	Tetraodontiformes	Balistidae	<i>Balistes capriscus</i> Gmelin, 1789	peroá-branco, cangulo, peixe-porco, porquinho	SE
Actinopterygii	Tetraodontiformes	Balistidae	<i>Balistes vetula</i> Linnaeus, 1758	peroá-preto, cangulo, peixe-porco, porquinho	SE
Actinopterygii	Tetraodontiformes	Tetraodontidae	<i>Canthigaster figureiredoi</i> Moura & Castro, 2002	baiacu-mirim	AS
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Carcharhinus brachyurus</i> (Günther, 1870)	cação-baleeiro	SE
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Carcharhinus brevipinna</i> (Müller & Henle, 1839)	tubarão galha-preta	SE
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Carcharhinus leucas</i> (Müller & Henle, 1839)	tubarão cabeça-chata	SE
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Carcharhinus limbatus</i> (Müller & Henle, 1839)	tubarão galha-preta	SE
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Carcharhinus obscurus</i> (Lesueur, 1818)	tubarão-fidalgo	SE
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Carcharhinus plumbeus</i> (Nardo, 1827)	tubarão-galhudo	SE
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Carcharhinus porosus</i> (Ranzani, 1839)	tubarão-azeiteiro	SE
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Galeocerdo cuvier</i> (Péron & Lesueur, 1822)	tintureira	SE
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Negaprion brevirostris</i> (Poey, 1868)	tubarão-limão	RE
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Rhizoprionodon lalandii</i> (Müller & Henle, 1839)	cação-frango	AS
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Carcharhinidae	<i>Rhizoprionodon porosus</i> (Poey, 1861)	cação-frango	AS
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Sphyrnidae	<i>Sphyrna lewini</i> (Griffith & Smith, 1834)	tubarão-martelo, cambeva	AS
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Sphyrnidae	<i>Sphyrna media</i> Springer, 1940	tubarão-martelo, cambeva	AS
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Sphyrnidae	<i>Sphyrna tiburo</i> (Linnaeus, 1758)	tubarão-martelo, pata, cambeva-pata	CO
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Sphyrnidae	<i>Sphyrna zygaena</i> (Linnaeus, 1758)	tubarão-martelo, cambeva	AS
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Triakidae	<i>Mustelus canis</i> (Mitchill, 1815)	cação-cola-fina, canejo	AS
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Triakidae	<i>Mustelus nigricans</i> Springer & Lowe, 1963	cação-cola-fina, canejo	AS
Chondrichthyes	Carcharhiniformes	Triakidae	<i>Mustelus schmitti</i> Springer, 1939	caçonne	SE
Chondrichthyes	Lamniformes	Lamnidae	<i>Carcharodon carcharias</i> (Linnaeus, 1758)	tubarão-branco	AS
Chondrichthyes	Lamniformes	Lamnidae	<i>Isurus oxyrinchus</i> Rafinesque, 1810	anequim	AS
Chondrichthyes	Lamniformes	Odontaspidae	<i>Carcharias taurus</i> Rafinesque, 1810	mangona, tubarão-touro	CO
Chondrichthyes	Myliobatiformes	Mobulidae	<i>Manta birostris</i> (Donndorff, 1798)	manta, jamanta, raia-jamanta	AS
Chondrichthyes	Myliobatiformes	Mobulidae	<i>Mobula hypostoma</i> (Bancroft, 1831)	raia-diabo, jamanta	AS

Tabela 1. Peixes marinhos ameaçados no Estado de São Paulo (CONTINUAÇÃO)

Classe	Ordem	Família	Táxon	Nome Vernacular	Categoria
Chondrichthyes	Orectolobiformes	Ginglymostomatidae	<i>Ginglymostoma cirratum</i> (Bonnaterre, 1788)	lambaru, cação-lixa	RE
Chondrichthyes	Pristiformes	Pristidae	<i>Pristis pectinata</i> Latham, 1794	peixe-serra	RE
Chondrichthyes	Pristiformes	Pristidae	<i>Pristis perotteti</i> Müller & Henle, 1841	peixe-serra	RE
Chondrichthyes	Rajiformes	Myliobatidae	<i>Aetobatus narinari</i> (Euphrasen, 1790)	raia-pintada	AS
Chondrichthyes	Rajiformes	Myliobatidae	<i>Myliobatis freminvillii</i> Lesueur, 1824	raia	AS
Chondrichthyes	Rajiformes	Myliobatidae	<i>Myliobatis goodei</i> Garman, 1885	raia	AS
Chondrichthyes	Rajiformes	Myliobatidae	<i>Rhinoptera bonasus</i> (Mitchill, 1815)	ticonha, raia-focinho-de-boi	SE
Chondrichthyes	Rajiformes	Myliobatidae	<i>Rhinoptera brasiliensis</i> (Müller, 1836)	ticonha, raia-focinho-de-boi	SE
Chondrichthyes	Rajiformes	Rajidae	<i>Atlantoraja castelnaui</i> (Ribeiro, 1907)	raia-chita	SE
Chondrichthyes	Rajiformes	Rajidae	<i>Atlantoraja cyclophora</i> (Regan, 1903)	raia-emplastro	AS
Chondrichthyes	Rajiformes	Rajidae	<i>Atlantoraja platana</i> (Günther, 1880)	raia-emplastro	AS
Chondrichthyes	Rajiformes	Rajidae	<i>Psammobatis bergi</i> Marini, 1932	raia-emplastro	AS
Chondrichthyes	Rajiformes	Rajidae	<i>Psammobatis rutrum</i> Jordan, 1891	raia-emplastro	AS
Chondrichthyes	Rajiformes	Rajidae	<i>Rioraja agassizii</i> (Müller & Henle, 1841)	raia-emplastro	SE
Chondrichthyes	Rajiformes	Rajidae	<i>Sympterygia acuta</i> Garman, 1877	raia-emplastro	SE
Chondrichthyes	Rhinobatiformes	Rhinobatidae	<i>Rhinobatos horkelii</i> Müller & Henle, 1841	raia-viola	CO
Chondrichthyes	Rhinobatiformes	Rhinobatidae	<i>Rhinobatos percellens</i> (Walbaum, 1792)	raia-viola	SE
Chondrichthyes	Rhinobatiformes	Rhinobatidae	<i>Zapteryx brevirostris</i> (Müller & Henle, 1841)	raia-viola	SE
Chondrichthyes	Squatiniformes	Squatiniidae	<i>Squatina guggenheim</i> Marini, 1936	cação-anjo	SE
Chondrichthyes	Squatiniformes	Squatiniidae	<i>Squatina occulta</i> Vooren & Silva, 1992	cação-anjo	SE

PEIXES
ÓSSEOS
MARINHOS
(Actinopterygii)



Heteroconger longissimus Günther, 1870 Anguilliformes, Congridae

Nome vernacular

Enguia-de-jardim.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

É registrada no Arquipélago de Alcatrazes, estando sob efeito deletério de bombardeios realizados pela Marinha do Brasil, que usa a área para treinamento.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): A-VU.

Distribuição e habitat

Atlântico. No Atlântico ocidental é assinalada da Flórida ao sudeste do Brasil, na Ilha dos Alcatrazes. Associada a recifes e em fundos arenosos, com formação de colônias entre 10 e 60 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 51 cm de comprimento total. Alimenta-se de plâncton, zoobentos e detritos. Resiliência média, com o tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Suspender os bombardeios da Marinha do Brasil.

Referências

Moura *et al.* (1999), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Hernández-Gonzáles, C. L.

Atherinella brasiliensis
(Quoy & Gaimard, 1825)
Atheriniformes; Atherinopsidae



Nome vernacular

Peixe-rei.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

A espécie habita áreas costeiras, como praias, mangues e desembocaduras de rios, que foram e estão sendo modificadas por ações antrópicas (poluição, assoreamento, aterros, entre outras), reduzindo a população.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental da Venezuela ao Estado do Rio Grande do Sul. Ocorre em desembocaduras de rios e em águas salobras, sobre fundos arenosos.

Biologia da espécie

Bentopelágica. Atinge até 15 cm de comprimento. Alimenta-se de detritos vegetais, de pequenos peixes e de crustáceos. A desova é parcelada e ocorre ao longo do ano todo, com maior intensidade do final da primavera até o início do outono, sendo a primeira maturação atingida com 8 cm. Altas concentrações de cromo, ferro e zinco foram detectadas na musculatura, sendo maiores em indivíduos jovens e na alta temporada turística. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor que 15 meses.

Ameaças

Degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1978), Chernoff (2002), Fernandez (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Vieira, F.

Membras dissimilis (Carvalho, 1956)

Atheriniformes, Atherinopsidae

Nome vernacular

Peixe-rei-membra.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

É endêmica de Cananeia e, depois da descrição original, documentada pelos tipos depositados no Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo (MZUSP), não foi observada novamente.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Cananeia (SP).

Biologia da espécie

Bentopelágica. Atinge até 7 cm. Alimenta-se de crustáceos copépodes.

Ameaças

Degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1978), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

Plectrypops retrospinis
(Guichenot, 1853)
Beryciformes, Holocentridae



Nome vernacular

Peixe-soldado.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Flórida até o Estado de São Paulo. Permanecem no fundo durante o dia e utilizam tocas e cavernas em recifes de corais. Habita os recifes, sendo mais comum em águas fundas.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 14 cm. Alimenta-se basicamente de crustáceos, principalmente camarões, mas também come caranguejos e anelídeos poliquetas. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Greenfield (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Bryan, D.



***Sardinella brasiliensis*
(Steindachner, 1879)**
Clupeiformes, Clupeidae

Nome vernacular

Sardinha-verdadeira.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância e da distribuição da espécie, falhas de desova e recrutamento, redução dos parâmetros denso-dependentes (comprimento máximo esperado, comprimento de primeira maturação gonadal e peso individual).

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobreexplotada; São Paulo (1998): PA; Rio de Janeiro (Bizeril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, predominando do Estado do Rio de Janeiro até Santa Catarina, apesar de já ter sido assinalada até a Argentina.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge até 25 cm. Forma cardumes, sendo planctívora (fitoplâncton e zooplâncton). A desova ocorre entre outubro e março, com pico em dezembro e janeiro. A primeira maturação ocorre em torno de 15 cm. Em 1973 a produção pesqueira chegou a 230 mil toneladas, caindo sucessivamente nas décadas de 1980 e 1990, sem mostrar atualmente sinais de recuperação. A espécie vem apresentando diminuição do tamanho de primeira maturação, diminuição do comprimento médio das capturas, menor taxa de crescimento e redução do volume de ovos e larvas. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva; vulnerabilidade a mudanças ambientais de pequena e larga escalas. Historicamente é a espécie mais desembarcada nos portos pesqueiros do Estado de São Paulo. Em 1944 já aparecia nesta posição com 5.860 t desembarcadas. É capturada principalmente por traineiras com redes de cerco sobre a plataforma continental. Seus desembarques nas regiões Sudeste e Sul atingiram o pico em 1973, quando ultrapassaram 200 mil t. Atualmente são desembarcada nessa região entre 25 e 50 mil t por ano. A produção desembarcada no Estado de São Paulo, nos anos 2000, tem apresentado grande variação anual, com amplitude de 2 a 12 mil t.

Medidas para a conservação

Fiscalização ostensiva de sua pesca por embarcações não licenciadas e em períodos de defeso ou a proibição de suas capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Departamento da Produção Animal (1945), Whitehead (1985), Magro *et al.* (2000), Cergole e Rossi-Wongtschowski (2005), Ávila-da-Silva *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.

Merluccius hubbsi Marini, 1933

Gadiformes, Merlucciidae



Nome vernacular

Merluza.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância, redução dos parâmetros denso-dependentes (comprimento máximo esperado, comprimento de primeira maturação e peso individual).

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobreexplotada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado Rio de Janeiro ao sul da Argentina. Jovens e adultos mais novos ocorrem sobre a plataforma continental, adultos mais velhos e maiores na borda da plataforma e no talude superior.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge até 60 cm, na área. É predadora carnívora (peixes, crustáceos e cefalópodes). Têm sido capturados peixes com até 6 anos de idade, sendo que as fêmeas atingem maior idade que os machos. A desova é parcelada e, na costa de São Paulo, o pico ocorre entre outubro e março. Primeira maturação com 28 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. A espécie começou a ser capturada de forma mais direcionada a partir do ano 2002, depois da expansão das áreas de pesca da frota que opera com arrasto-duplo-de-portas para maiores profundidades. As capturas de *M. hubbsi* realizadas por esta frota ocorrem principalmente entre as isóbatas de 90 e 140 m. Sua captura é normalmente associada à de *Urophycis mystacea* e/ou *U. brasiliensis* (abróteas), *Paralichthys patagonicus* (linguado) e *Lophius gastrophysus* (peixe-sapo). Após 2002, seus desembarques anuais em São Paulo têm variado de 100 a 250 t. Nas regiões sudeste e sul seus desembarques têm totalizado entre 1.500 e 2.000 t.

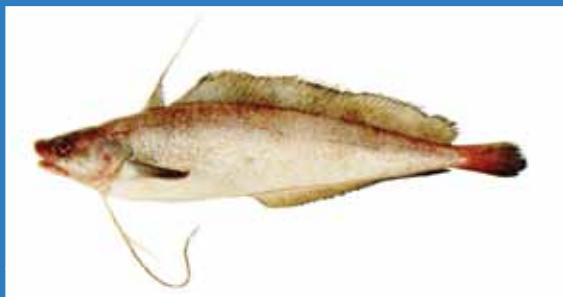
Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura (áreas de exclusão de pesca); limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1978), Menezes *et al.* (2003), Vaz-dos-Santos *et al.* (2005), Vaz-dos-Santos e Rossi-Wongtschowski (2005; 2007), Lloris *et al.* (2005), Ávila-da-Silva *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008), IBAMA (2008).

FOTOGRAFIA: INIDEP



***Urophycis brasiliensis* (Kaup, 1858)**
Gadiformes, Phycidae

Nome vernacular

Abrótea.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância, redução dos parâmetros denso-dependentes (comprimento máximo esperado, comprimento de primeira maturação e peso individual). Na pesca de arrasto-de-fundo, os exemplares de menor tamanho são descartados a bordo.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro ao sul da Argentina (40° S), principalmente sobre a plataforma continental (até 220 m).

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 65 cm. As fêmeas predominam nos maiores comprimentos. Alimenta-se de camarões e peixes. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. Suas capturas são realizadas principalmente com arrasto-duplo-de-fundo em profundidades de 40 a 80 m, frequentemente associadas às capturas de *Micropogonias furnieri* (corvina), *Prionotus punctatus* e/ou *P. nudigula* (cabrinhas) e *Farfantepenaeus brasiliensis* e *F. paulensis* (camarão-rosa). Os dados de produção pesqueira desta espécie são imprecisos, pois não há distinção entre suas capturas e de *Urophycis mystacea*, que habita maiores profundidades. Estima-se que a captura desembarcada da espécie no Estado de São Paulo tenha variado nos anos 2000 de 50 a 190 t por ano.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1978), Cohen *et al.* (1990), Magro *et al.* (2000), Menezes *et al.* (2003), Andrade *et al.* (2005), Ávila-da-Silva *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: INIDEP

Lophius gastrophysus
Miranda Ribeiro, 1915
Lophiiformes, Lophiidae



Nome vernacular

Peixe-sapo.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobreexplotada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Carolina do Norte até a Argentina. Ocorre na plataforma continental, sendo mais abundante no talude superior do oceano Atlântico ocidental. Os exemplares menores se distribuem preferencialmente na plataforma externa e na quebra do talude; os exemplares maiores se distribuem sobre o talude superior em profundidades maiores do que 200 m.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge até 90 cm. Alimenta-se de peixes. A reprodução tem picos de desova entre julho e outubro. A primeira maturação provavelmente ocorre aos 5 anos de idade. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; descumprimento de instruções normativas. É capturado com arrasto-duplo-de-fundo entre 50 e 140 m de profundidade e com redes-de-emalhe de 300 a 500 m. Sua produção pesqueira nas regiões sudeste e sul do Brasil atingiu o maior valor em 2001, chegando a 7.094 t. Nesse ano, em São Paulo, foram desembarcadas 1.063,2 t. Nos últimos anos sua produção no Sudeste-Sul tem sido de cerca de 2,5 mil t e no Estado de São Paulo variou entre 100 e 200 t. Sua pesca é ordenada com base na Instrução Normativa Conjunta MMA/SEAP nº 23, de 4 de julho de 2005.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; cumprir instruções normativas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1978), Caruso (2002), Perez *et al.* (2002), Wahrlich *et al.* (2004), Ávila-da-Silva *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008), IBAMA (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.



***Genypterus brasiliensis* (Regan, 1903)**
Ophidiiformes, Ophidiidae

Nome vernacular

Congro-rosa.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro até a Argentina. Ocorre até 500 m de profundidade. Exemplares menores são mais comuns sobre a plataforma e os maiores sobre a borda do talude superior.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 120 cm. Alimenta-se de crustáceos e peixes. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. Assim como outras espécies demersais de plataforma externa e talude superior, sofreu incremento nas capturas a partir de 2001, com a expansão da área de operação da frota de arrasto-duplo-de-fundo para maiores profundidades. Os desembarques desta espécie passaram de 14 t em 2000 para 142 t em 2003, recuando para cerca de 40 t em 2007. É capturado pela frota de arrasto-duplo-de-fundo, principalmente entre 60 e 140 m de profundidade, em conjunto com *Urophycis brasiliensis* e *U. mystacea* (abóteas), *Paralichthys patagonicus* (linguado), *Merluccius hubbsi* (merluza) e *Lophius gastrophysus* (peixe-sapo).

Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura (áreas de exclusão de pesca); limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1978), Nielsen *et al.* (1999), Menezes *et al.* (2003), Ávila-da-Silva *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.

Ophidion holbrookii Putnam, 1874

Ophidiiformes, Ophidiidae



Nome vernacular

Falso-congro-rosa.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Da Carolina do Norte ao sul do Brasil. Associado a fundos moles, ocorre desde águas rasas até 75 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 30 cm. Alimenta-se de peixes, crustáceos (braquiúros, anomuros e isópodes), moluscos e anelídeos poliquetas. A desova ocorre ao longo do ano todo, com pico de janeiro a março. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população de 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1978), Tomás (1996), Nielsen *et al.* (1999), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.



Lopholatilus villarrii
Miranda Ribeiro, 1915
Perciformes, Branchiostegidae

Nome vernacular

Peixe-batata.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância (50% da biomassa) e aumento da captação dos juvenis pela frota de arrasto.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental entre o Estado do Rio Grande do Norte e a Argentina. Ao longo da plataforma continental e talude superior, com maiores concentrações entre 200 e 400 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 130 cm. Machos e fêmeas apresentam crescimento diferenciado, sendo que os machos atingem os maiores tamanhos. Alimenta-se de peixes, crustáceos e equinodermos. Primeira maturação gonadal estimada em 42 cm para machos e 34 cm para fêmeas. Apresenta territorialismo e baixa plasticidade. O período de reprodução ocorre entre setembro e dezembro. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. Sua captura com linha de mão nas regiões sudeste e sul do Brasil é tradicional. Em meados da década de 90, com a implantação do método de pesca de espinhel-de-fundo, a partir de São Paulo, o esforço pesqueiro sobre a espécie aumentou consideravelmente. As profundidades das operações de pesca variavam principalmente entre 200 e 300 m, onde também eram capturados *Pseudopercis numida* (namorado) e *Epinephelus niveatus* (cherne-verdadeiro). Em 1999 seus desembarques nos portos paulistas somaram 115 t. Com a expansão da área de captura da frota de arrasto-duplo de portas no início da década de 2000, a espécie começou a ser capturada em quantidade entre 60 e 140 m. Atualmente sua produção desembarcada no Estado varia entre 20 e 30 t anuais.

Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura (áreas de exclusão de pesca); limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Menezes *et al.* (2003), Ávila-da-Silva e Haimovici (2005), Ávila-da-Silva *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Portela, J. M.

Centropomus parallelus Poey, 1860

Perciformes, Centropomidae



Nome vernacular

Robalo-peva.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

A espécie habita áreas costeiras, como praias, mangues, desembocaduras de rios, que foram e estão sendo modificadas por ações antrópicas (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações), reduzindo a população. Também está sujeita à pesca esportiva.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Do sul da Flórida ao sul do Brasil. Habita águas costeiras e estuarinas penetrando também em água doce.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 60 cm. Alimenta-se de crustáceos (principalmente peracarídeos) e peixes de pequeno porte. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Orrell (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Macieira, R. M.



***Centropomus undecimalis* (Bloch, 1792)**
Perciformes, Centropomidae

Nome vernacular

Robalo-flecha.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

A espécie habita áreas costeiras, como praias, mangues, desembocaduras de rios, que foram e estão sendo modificadas por ações antrópicas (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações), reduzindo a população. Também está sujeita à pesca esportiva.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Do sul da Flórida ao sul do Brasil.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge mais de 100 cm. Alimenta-se de peixes (Gobiidae, Gerreidae, Engraulidae etc.) e crustáceos. Concentram-se nas desembocaduras de rios na época de reprodução, de maio a setembro. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat. A espécie é capturada ao largo do Estado de São Paulo, principalmente com redes-de-emalhe, arrasto-de-parelhas e cercos-fixos entre 10 e 30 m de profundidade. Ocorre frequentemente em conjunto com *Micropogonias furnieri* (corvina), *Cynoscion jamaicensis* (goete), *Macrodon ancylodon* (pescada-foguete) e *Menticirrhus americanus* ou *M. littoralis* (betara). Suas capturas muitas vezes são reportadas agrupadas com as de *Centropomus parallelus*. Ao longo da década de 2000 seus desembarques tiveram tendência de aumento no Estado, passando de 11 t em 2000 para 60 t em 2007.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Orrell (2002), Menezes *et al.* (2003), Ávila-Silva *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Patzner, R.

Chaetodon sedentarius Poey, 1860

Perciformes, Chaetodontidae



Nome vernacular

Borboleta.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): A-VU

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Carolina do Norte até o Estado de São Paulo. Associado a recifes em profundidades de 5 a 92 m.

Biologia da espécie

Pelágico. Atinge até 15 cm. Alimenta-se principalmente de pólipos de corais, anêmonas, pequenos crustáceos e anelídeos poliquetas. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Burgess (2002a), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: JAMARC



Elacatinus figaro
Sazima, Moura & Rosa, 1997
Perciformes, Gobiidae

Nomes vernaculares

Néon, góbio-néon.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): A-VU.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio Grande do Norte até o Estado de Santa Catarina. Vive entre 3 e 20 m.

Biologia da espécie

Atinge ao menos 4 cm. A desova consiste de um número pequeno de ovos, e a espécie apresenta cuidado parental. Não há dados sobre a biologia da espécie no Estado de São Paulo. Pouca ou nenhuma plasticidade, como a maioria dos peixes recifais especializados na função de peixe limpador. Muito sensível a perturbações humanas. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população inferior a 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Sazima *et al.* (1997), Menezes *et al.* (2003), Gasparini *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Guimarães, R. Z. P.

Gramma brasiliensis
Sazima, Gasparini & Moura, 1998
Perciformes, Grammatidae



Nomes vernaculares

Grama, grama-real.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

Brasil (2004): VU; Espírito Santo (Passamani e Mendes, 2007): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Maranhão até o Estado de São Paulo. Espécie restrita a reentrâncias e pequenas cavernas, em profundidade de 3 a 22 metros.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 10 cm. Alimenta-se de organismos planctônicos. Não há dados sobre a biologia da espécie para o Estado de São Paulo. Pouca ou nenhuma plasticidade como a maioria dos peixes recifais e especializado na função de peixe limpador. Muito sensível a perturbações humanas. Resiliência: sem informação.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Sazima *et al.* (1998), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Gasparini, J. L.



***Halichoeres dimidiatus* (Agassiz, 1831)**
Perciformes, Labridae

Nomes vernaculares

Halicores, bandeirinha e azul-marinho.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia, principalmente na fase juvenil.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Da Guiana Francesa até o Estado de São Paulo. Associado a recifes entre 3 e 60 metros. Os juvenis são mais comuns em águas rasas (3-20 m), enquanto os adultos ocorrem em águas mais profundas (30-60 m).

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge até 20 cm. São solitários. Não há dados sobre a biologia da espécie no Estado de São Paulo. Pouca ou nenhuma plasticidade, como a maioria dos peixes recifais especializados na função de peixe limpador. Muito sensível a perturbações humanas. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

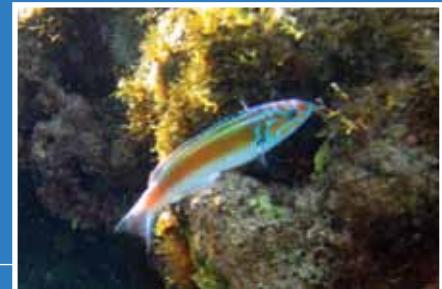
Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Gasparini *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Wirtz, P.

Thalassoma noronhanum
(Boulenger, 1890)
Perciformes, Labridae



Nome vernacular

Bodião-de-noronha.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Maranhão até o Estado de São Paulo. Associado a recifes, até 60 m.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge ao menos 12 cm. Especializada na função de peixe limpador. Alimenta-se geralmente de plâncton. Há grupos desovantes durante o ano todo. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor do que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Krajewski, J. P.



***Lutjanus analis* (Cuvier, 1828)**
Perciformes, Lutjanidae

Nomes vernaculares

Cioba, vermelho-cioba, caranho-vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (CO).

Justificativa

Redução drástica da abundância e da distribuição da espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): PA; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): EP.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, de Nova Inglaterra ao sudeste do Brasil. Encontrado sobre fundos arenosos em baías, estuários, manguezais e ambientes recifais. Exemplares jovens são comuns em fundos rochosos e coralinos em pouca profundidade, enquanto os adultos ocorrem com maior frequência em águas mais profundas e afastadas da costa (25 - 95 m).

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 80 cm. Alimenta-se de peixes, crustáceos e moluscos. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. É capturado com técnicas de pesca de linha e anzol (espinhel, linha-de-mão), com redes de emalhe e arrasto-duplo-de-portas em profundidades de 10 a 100 m. Não há uma captura direcionada para a espécie. Nos últimos anos seus desembarques anuais no Estado de São Paulo têm variado de 300 a 1.000 kg. Deve-se ainda considerar que os registros de sua captura podem englobar outros lutjanídeos.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Anderson (2002), Menezes *et al.* (2003), Ávila-da-Silva *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.

Lutjanus cyanopterus (Cuvier, 1828)

Perciformes, Lutjanidae



Nome vernacular

Caranha.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (CO).

Justificativa

Redução drástica da abundância e da distribuição da espécie.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; IBAMA IN (2004): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, das Bahamas ao sudeste do Brasil. Exemplares adultos são encontrados longe da zona costeira sobre fundos rochosos ou em fundos recifais até 40 m. Exemplares jovens habitam as áreas mais costeiras, incluindo manguezais.

Biologia da espécie

Demersal. Não é uma espécie comum. Atinge até 160 cm. Alimenta-se principalmente de peixes, camarões e caranguejos. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior do que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Anderson (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.



***Ocyurus chrysurus* (Bloch, 1791)**
Perciformes, Lutjanidae

Nome vernacular

Guaiuba.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (C0).

Justificativa

Redução drástica da abundância e da distribuição da espécie.

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobrexploitada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, de Massachusetts ao Sudeste do Brasil. Exemplares jovens vivem agrupados em águas litorâneas geralmente associadas a recifes e os adultos vivem em águas mais afastadas, até 165 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 80 cm, sendo mais comuns exemplares com 40 cm. Os jovens alimentam-se de organismos planctônicos, enquanto os adultos alimentam-se de peixes, crustáceos, anelídeos poliquetas, cnidários (hidróides), moluscos gastrópodes e céfalópodes. Primeira maturação entre 25 - 30 cm. A desova ocorre ao longo do ano todo, com picos em épocas distintas nas regiões onde ocorre. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Anderson (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Macieira, R. M.

Rhomboplites aurorubens (Cuvier, 1829)

Perciformes, Lutjanidae



Nome vernacular

Realito, vermelho.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (CO).

Justificativa

Redução drástica da abundância e da distribuição da espécie.

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobrexploitada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Carolina do Norte ao sudeste do Brasil. Os jovens ocorrem em águas rasas abaixo de 25 m, formando normalmente grandes cardumes. Os adultos são encontrados em águas profundas, mais comumente em fundos rochosos.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge 60 cm, sendo mais comuns exemplares de 35 cm. Alimenta-se de peixes, camarões, caranguejos, anelídeos poliquetas, moluscos céfalópodes e organismos planctônicos. Primeira maturação com 19 cm. A desova ocorre ao longo do ano todo. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Anderson (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.



Ptereleotris randalli
(Gasparini, Rocha & Floeter, 2001)
Perciformes, Microdesmidae

Nome vernacular

Néon-branco.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): A-VU.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Maranhão ao sudeste do Brasil. Endêmica do Brasil. Habita áreas de recife, entre 8 m e 60 m. Vive em buracos na areia.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 9 cm. Alimenta-se de plâncton.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Gasparini, J. L.

Mugil liza Valenciennes, 1836

Mugiliformes, Mugilidae

Nome vernacular

Tainha.

Categoria proposta para São Paulo

Sobrexploitada (SE).

Justificativa

Redução da abundância e alteração dos padrões migratórios devido a alterações do habitat de desova.

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobrexploitada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do Sul da Flórida e Bermudas ao sudeste brasileiro.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge até 100 cm. Espécie migradora. Herbívora bentônica. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Harrison (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).



***Mugil platanus* Günther, 1880**

Mugiliformes, Mugilidae

Nome vernacular

Tainha.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância e alteração dos padrões migratórios devido a alterações do habitat de desova.

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobreexplotada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro até a Argentina. Espécie costeira, que realiza migrações ao longo da costa, utilizando as regiões estuarinas para desova.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge até 100 cm, sendo mais comuns exemplares de 50 cm. Alimenta-se de algas filamentosas, plâncton e detritos. Espécie migradora, no litoral do Estado de São Paulo aparece em maior quantidade entre maio e agosto. Apresenta desova total, que ocorre entre maio e agosto. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior do que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação do habitat. A espécie é explorada tradicionalmente no litoral paulista pela pesca artesanal com cerco-fixo, redes-de-emalhe e arrasto-de-praia. No entanto, a partir de 2000 passou também a ser alvo da frota industrial de traineiras que operam com rede-de-cerco, o que gerou conflitos com a pesca artesanal. Desde então, os desembarques de *M. platanus* registrados no Estado de São Paulo têm aumentado em função da atuação da frota de traineiras. Atualmente sua exploração é ordenada pela Instrução Normativa IBAMA nº 171, de 9 de maio de 2008, que limita a frota industrial de cerco para a pesca de tainhas nas regiões Sudeste e Sul em 60 embarcações. Entre 2003 e 2007 as capturas com cerco-fixo e redes-de-emalhe têm se mantido em cerca de 90 t e 70 t anuais, respectivamente. Em 2007 os desembarques da espécie pela frota de traineiras atingiram 388 t.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Romagosa *et al.* (2000), Ésper *et al.* (2000, 2001), Menezes *et al.* (2003), Ávila-da-Silva *et al.* (2007), Miranda e Carneiro (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Roselet, F. F. G.

Pseudopercis numida
Miranda Ribeiro, 1903
Perciformes, Pinguipedidae



Nome vernacular

Namorado.

Categoria proposta para São Paulo

Sobrexploplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobrexploplotada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, entre os estados do Rio de Janeiro e Santa Catarina. Ocorre em fundos de areia, cascalho e rochas, em parcéis profundos, em profundidades de 15 - 300 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 120 cm. Alimenta-se de crustáceos e peixes bentônicos. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior do que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. Assim como *Lopholatilus villarrii* (peixe-batata) e *Epinephelus niveatus* (cherne-verdadeiro), foi intensamente capturado na década de 1990 pela frota de espinhel-de-fundo, principalmente entre 100 e 300 m de profundidade. Os desembarques da espécie pela frota espinheira registrados no Estado de São Paulo caíram acentuadamente entre o final da década de 90 e meados de 2000 (de 34 t em 1998 para 2 t em 2006). No entanto, a partir de 2001, suas capturas com arrasto-duplo de portas passaram a ter tendência de aumento. De 2002 a 2007 os desembarques totais anuais da espécie em São Paulo variaram de cerca de 10 a 30 t.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Paiva e Andrade Tubino (1998), Menezes et al. (2003), Ávila-da-Silva et al. (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Baumeier, E.



***Centropyge aurantonotus* Burgess, 1974**
Perciformes, Pomacanthidae

Nome vernacular

Centropige.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): A-VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, de Barbados até o Estado de Santa Catarina. Encontrada principalmente em recifes em profundidades de até 20 m, mas já foi capturada a 300 m.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. É rara no litoral do Brasil. Atinge até 7 cm. Alimenta-se de esponjas, algas e outros organismos marinhos. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor do que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Burgess (2002b), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Tanaka, H.

Holacanthus ciliaris (Linnaeus, 1758)

Perciformes, Pomacanthidae



Nomes vernaculares

Peixe anjo-rainha, anjo-ciliaris.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): A-V; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, Flórida e Bermudas até o Estado de Santa Catarina. Ocorre em ambientes recifais, até 70 m.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge pouco mais de 40 cm. Alimenta-se principalmente de esponjas e também de algas, tunicados e hidrozoários. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Burgess (2002b), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Patzner, R.



***Holacanthus tricolor* (Bloch, 1795)**
Perciformes, Pomacanthidae

Nomes vernaculares

Tricolor, anjo-tricolor.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): A-VU; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): EP.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Geórgia até o Estado de Santa Catarina. Vive em águas rasas, em recifes e pedras da região entre marés a 92 m.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge até 25 cm. Alimenta-se de tunicados, esponjas, zooantários e algas. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Burgess (2002b), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Patzner, R.

Pomacanthus paru (Bloch, 1787)

Perciformes, Pomacanthidae



Nomes vernaculares

Paru, paru-da-pedra, frade.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): EP.

Distribuição e habitat

Da Flórida até o sudeste do Brasil. Ocorre em ambientes recifais, de 3 a 100 m.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge até 40 cm. Alimenta-se de invertebrados bentônicos e algas. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Burgess (2002b), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.



Chromis encrysura
Jordan & Gilbert, 1882
Perciformes, Pomacentridae

Nome vernacular

Donzela.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Da Flórida e Bermudas até o Estado de São Paulo.

Biologia da espécie

Atinge ao menos 9 cm. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor do que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: NOAA/NMFS/Mississippi Laboratory

Chromis flavicauda (Günther, 1880)

Perciformes, Pomacentridae



Nome vernacular

Donzela.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Entre os estados de Pernambuco e São Paulo. Ocorre em recifes, geralmente em profundidades entre 50 a 60 m.

Biologia da espécie

Atinge até 7 cm. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor do que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.



***Chromis jubauna* Moura, 1995**
Perciformes, Pomacentridae

Nome vernacular

Donzela.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul Ocidental, do nordeste do Brasil até o Estado de Santa Catarina.

Biologia da espécie

Atinge ao menos 9 cm. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor do que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva e tráfico; degradação e distúrbio do habitat (poluição, retirada de corais).

Medidas para a conservação

Limitar capturas e coibir o tráfico; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Luiz-Junior, O.

Pomatomus saltatrix Linnaeus, 1766

Perciformes, Pomatomidae



Nome vernacular

Anchova.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

A espécie habita áreas costeiras, como praias, mangues, desembocaduras de rios, que foram e estão sendo modificadas por ações antrópicas (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações), reduzindo a população. Também está sujeita à pesca.

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobreexplotada.

Distribuição e habitat

Espécie quase cosmopolita em águas costeiras temperadas e subtropicais. Na costa leste americana, ocorre desde a Nova Escócia até a Argentina.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge mais de 100 cm, sendo mais comuns exemplares de 50 a 60 cm. Alimenta-se de peixes, crustáceos e cefalópodes. É um predador visual e voraz. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Collette (2002a), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.



***Rachycentron canadum* (Linnaeus, 1766)**
Perciformes, Rachycentridae

Nomes vernaculares

Bijupirá; beijupirá.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): PA. Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): EP.

Distribuição e habitat

Quase cosmopolita em mares tropicais e subtropicais, ocorrendo no Atlântico ocidental de Massachusetts à Argentina.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge cerca de 200 cm. Vive isoladamente ou formando pequenos cardumes. Alimenta-se de crustáceos, lulas e peixes. Hábitos pelágicos e pode ser encontrada ocasionalmente em região de coral e mesmo em águas estuarinas. Reproduz-se nos meses quentes. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Collette (2002b), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.

Scarus guacamaia Cuvier, 1829

Perciformes, Scaridae



Nome vernacular

Bodião-rabo-de-forquilha.

Categoria proposta para São Paulo

Regionalmente Extinta (RE).

Justificativa

Extinta devido à captura excessiva por pesca submarina.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU.

Distribuição e habitat

Do sul da Flórida até a Argentina. Habita recifes. Exemplares jovens são comuns em áreas de manguezais.

Biologia da espécie

Atinge 90 cm, sendo mais comuns exemplares de 35 cm. São herbívoros. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Recuperar e conservar o habitat, possibilitando a colonização por indivíduos de áreas adjacentes.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Westneat (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Patzner, R.



***Scarus trispinosus* Valenciennes, 1840**
Perciformes, Scaridae

Nome vernacular

Bodião-azul.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (C0).

Justificativa

Redução drástica da abundância devido à captura excessiva por pesca submarina.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul Ocidental. Distribui-se entre os estados do Maranhão e São Paulo. Ocorre em ambientes recifais, até 30 m.

Biologia da espécie

Atinge até 35,5 cm. São herbívoros (raspadores). Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Sazima, I.

Scarus zelindae

Moura, Figueiredo & Sazima, 2001

Perciformes, Scaridae



Nome vernacular

Peixe-papagaio.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (CO).

Justificativa

Redução drástica da abundância devido à captura excessiva por pesca submarina.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul Ocidental. Distribui-se entre os estados do Maranhão e São Paulo.

Biologia da espécie

Atinge até 33 cm. São herbívoros (raspadores). Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Luiz-Junior, O.



***Sparisoma amplum* (Ranzani, 1841)**
Perciformes, Scaridae

Nome vernacular

Peixe-papagaio-dos-recifes.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (C0).

Justificativa

Redução drástica da abundância devido à captura excessiva por pesca submarina.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental. Distribui-se entre os estados do Maranhão e São Paulo. Ocorre em ambientes recifais até 30 m, principalmente em áreas rasas e turbulentas.

Biologia da espécie

Atinge até 39 cm. São herbívoros (raspadores). Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Krajewski, J. P.

Sparisoma axillare (Steindachner, 1878)

Perciformes, Scaridae



Nome vernacular

Peixe-papagaio-cinza.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (CO).

Justificativa

Redução drástica da abundância devido à captura excessiva por pesca submarina.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental. Distribui-se entre os estados do Maranhão e Santa Catarina. Ocorre em ambientes recifais até 35 m.

Biologia da espécie

Atinge 37 cm. São herbívoros (raspadores). Os machos são maiores do que as fêmeas. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Floeter, S. R.



***Sparisoma frondosum* (Agassiz, 1831)**
Perciformes, Scaridae

Nome vernacular

Peixe-papagaio-sinaleiro.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (C0).

Justificativa

Redução drástica da abundância devido à captura excessiva por pesca submarina.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental. Distribui-se entre os estados do Maranhão e Santa Catarina. Ocorre em ambientes recifais até 45 m.

Biologia da espécie

Atinge ao menos 40 cm. São herbívoros (raspadores). Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Gasparini, J. L.

Cynoscion acoupa (Lacepède, 1801)

Perciformes, Sciaenidae



Nome vernacular

Pescada-amarela.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Capturada nas pescarias de arrasto-de-fundo direcionadas a camarões e outros cienídeos.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Do Panamá até a Argentina, sendo, porém raro no extremo sul de sua distribuição. Encontrada em águas costeiras de pouca profundidade (22 m), perto da desembocadura de rios. É comum em lagoas estuarinas, sendo às vezes encontrada em água doce.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge 120 cm, sendo comuns exemplares de 50 cm. Alimenta-se de crustáceos e peixes. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. A espécie é capturada em maior volume pela frota de parelhas em profundidades de 10 a 30 m. Seus desembarques anuais em São Paulo variaram bastante ao longo dos últimos dez anos.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Chao (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Isaac, V. J.



***Cynoscion guatucupa* (Cuvier, 1830)**
Perciformes, Sciaenidae

Nomes vernaculares

Pescada-olhuda, maria-mole.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância, redução dos parâmetros denso-dependentes (comprimento máximo esperado, comprimento de primeira maturação e peso individual).

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobreexplotada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do sudeste do Brasil até a Argentina. Encontrada mais comumente em fundos de areia e lama, entre 10 e 200 m, porém mais abundante entre 10 e 100 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 50 cm. Apresenta duas populações, uma na Região Sul e outra na Região Sudeste. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. As capturas desembarcadas no Estado de São Paulo são provenientes, na maior parte, da frota de parelhas. As frotas de arrasto-duplo-de-fundo e de emalhe-de-fundo também têm uma importante contribuição na sua pesca. As parelhas realizam sua captura, principalmente, entre as isóbatas de 10 e 50 m, e as demais entre 30 e 70 m. Os registros de desembarque da espécie em São Paulo indicam um rápido crescimento entre 1998 e 2003, quando atingiram 400 t. Nos últimos anos seus desembarques no Estado são de aproximadamente 125 t.

Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura; limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Menezes *et al.* (2003), Haimovici e Miranda (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: INIDEP

Cynoscion jamaicensis
(Vaillant & Bocourt, 1883)
Perciformes, Sciaenidae



Nome vernacular

Goete.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Capturada nas pescarias de arrasto-de-fundo direcionadas a camarões e outros cienídeos.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Do Panamá até a Argentina. Habita fundos de areia e lama em profundidades que podem chegar até 100 m. É mais abundante na Região Sul-Sudeste. Juvenis habitam regiões estuarinas.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 50 cm, sendo mais comuns entre 30 e 35 cm. A espécie realiza deslocamentos latitudinais. Alimenta-se principalmente de crustáceos, peixes e moluscos. Picos de desova ocorrem em novembro e março. Primeira maturação com 19 cm. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor do que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva. A espécie está entre as cinco principais desembarcadas no Estado de São Paulo. Cerca de 90% de suas capturas são realizadas pela frota de parelha, entre as isóbatas de 10 e 40 m. Nos últimos cinco anos os desembarques anuais da espécie têm variado entre 1.000 e 1.800 t.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Magro *et al.* (2000), Chao (2002), Menezes *et al.* (2003), Castro *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: JAMARC



***Cynoscion leiarchus* (Cuvier, 1830)**
Perciformes, Sciaenidae

Nome vernacular

Pescada-branca.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Capturada nas pescarias de arrasto-de-fundo direcionadas a camarões e outros ctenóideos.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do Panamá até o sudeste do Brasil. Ocorre principalmente em águas estuarinas sobre fundos de lama e areia, mas é encontrada no ambiente marinho em profundidade de até 50 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 60 cm, sendo mais comuns exemplares de 35 cm. Alimenta-se principalmente de peixes e crustáceos. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Chao (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.

Cynoscion microlepidotus (Cuvier, 1830)

Perciformes, Sciaenidae



Nome vernacular

Pescada-bicuda.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Capturada nas pescarias de arrasto-de-fundo direcionadas a camarões e outros cienídeos.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do Golfo da Venezuela ao Sudeste do Brasil. Espécie tipicamente estuarina, encontrada perto da desembocadura de rios em fundos de lama ou lama e areia e ocasionalmente em águas costeiras de maior salinidade (30 m).

Biologia da espécie

Demersal. Atinge quase 100 cm de comprimento, sendo os tamanhos mais comuns de 40 a 50 cm. Alimenta-se principalmente de crustáceos e peixes. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

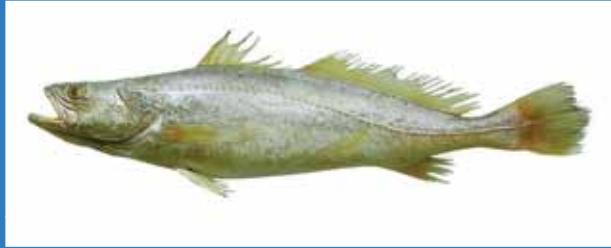
Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Chao (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.



***Cynoscion virescens* (Cuvier, 1830)**
Perciformes, Sciaenidae

Nome vernacular

Pescada-cambucu.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Capturada nas pescarias de arrasto-de-fundo direcionadas a camarões e outros ctenídeos.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do Panamá ao Sudeste do Brasil. Encontrada sobre fundos de lama ou lama e areia em águas costeiras e estuarinas. Já encontrada em águas mais fundas, de até 70 m, ao largo da desembocadura de rios.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge até 100 cm de comprimento. Espécie demersal durante o dia, realizando migrações à noite para a superfície. Alimenta-se principalmente de camarões e ocasionalmente de peixes pequenos. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. Praticamente a totalidade de suas capturas é realizada com arrasto-de-parelhas e redes-de-emalhe, entre 10 e 40 m de profundidade. Nos anos 2003 e, principalmente, 2006, também houve desembarques significativos da espécie pela frota de cerco. Na última década seus desembarques anuais têm variado entre 60 e 100 t.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Chao (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: JAMARC

Macrodon ancylodon
(Bloch & Schneider, 1801)
Perciformes, Sciaenidae



Nomes vernaculares

Pescada-foguete, pescadinha-real.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância, redução dos parâmetros denso-dependentes (comprimento máximo esperado, comprimento de primeira maturação e peso individual).

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobreexplotada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Venezuela até a Argentina. Habita fundos de areia e lama, ocorrendo em profundidades de até 60 m, sendo mais comum até os 30 m. Ocorre também em águas estuarinas, especialmente os jovens.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 45 cm. Apresenta duas populações distintas, uma no Sul e outra no Sudeste. Alimenta-se principalmente de camarões, céfalo-podes, moluscos bivalves e pequenos peixes. Com cerca de 25 cm as fêmeas já estão maduras e prontas para a desova, que ocorre mais de uma vez ao ano, com picos em dezembro e abril. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. A espécie figura entre as dez principais em peso desembarcado no Estado de São Paulo. É capturada principalmente com redes-de-emalhe e arrasto-de-parelhas, entre as isóbatas de 10 e 30 m, associada a *Micropogonias furnieri* (corvina), betara (*Menticirrhus americanus* e/ou *M. littoralis*) e *Cynoscion jamaicensis* (goete).

Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura; limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Magro *et al.* (2000), Chao (2002), Menezes *et al.* (2003), Carneiro e Castro (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.



***Micropogonias furnieri*
(Desmaret, 1823)**
Perciformes, Sciaenidae

Nome vernacular

Corvina.

Categoria proposta para São Paulo

Sobrexploitada (SE).

Justificativa

Redução da abundância, redução dos parâmetros denso-dependentes (comprimento máximo esperado, comprimento de primeira maturação e peso individual).

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobrexploitada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, no Caribe e da Costa Rica até a Argentina. Encontrada em fundos de lama e areia, em águas costeiras e em profundidades de até 80 m. Juvenis e subadultos podem ser encontrados em estuários e baías, utilizando esses ambientes para alimentação e crescimento. Os adultos ocupam a plataforma adjacente ao local onde se reproduzem.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 60 cm. Alimenta-se de organismos bentônicos, principalmente poliquetos, crustáceos, bivalves e pequenos peixes. Apresentam duas populações: uma no Sul e outra no Sudeste. A desova é parcelada, com três picos, em abril, setembro e novembro. As fêmeas maturam com 29 cm e os machos com 24 cm. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. Capturada com grande diversidade de petrechos de pesca, a espécie é tradicionalmente um dos principais recursos pesqueiros desembarcados do Estado de São Paulo. Suas capturas são realizadas em maior parte com arrasto-de-parelha e redes-de-emalhe, entre as profundidades de 10 a 60 m. Em alguns anos a frota de cerco (traineiras) direcionou suas capturas para *M. furnieri* e obteve altos rendimentos. No entanto, a captura dessa espécie e de outros ctenídeos pela frota de cerco foi proibida pela Portaria IBAMA nº 43, de 24 de setembro de 2007, nas regiões sudeste e sul.

Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura; limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Magro *et al.* (2000), Chao (2002), Menezes *et al.* (2003), Carneiro *et al.* (2005), Haimovici e Ignácio (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: JAMARC

Pogonias cromis (Linnaeus, 1766)

Perciformes, Sciaenidae



Nome vernacular

Miraguaia, piraúna.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (CO).

Justificativa

A espécie atingia grande tamanho e era alvo da pesca esportiva; ocupa áreas costeiras, estuários e baías, atualmente bastante degradadas, onde tem sido observada ocasionalmente, em pequena quantidade e apenas exemplares pequenos.

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobrexploitada; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Flórida até a Argentina. Encontrado em águas costeiras sob influência de desembocaduras de grandes rios, em áreas de areia e lama. Juvenis e subadultos podem ser encontrados em estuários.

Biologia da espécie

Atinge até 150 cm. Alimenta-se de organismos bentônicos, principalmente poliquetas, crustáceos e pequenos peixes. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Chao (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.



***Umbrina canosai* Berg, 1895**
Perciformes, Sciaenidae

Nome vernacular

Castanha.

Categoria proposta para São Paulo

Sobrexploplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância, redução dos parâmetros denso-dependentes (comprimento máximo esperado, comprimento de primeira maturação e peso individual).

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobrexploplotada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro até a Argentina. Ocorre principalmente em fundos de areia ou lama em profundidade de até 200 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 40 cm, sendo mais comuns exemplares de 27 cm. Provavelmente existem duas populações, uma no Sul e outra no Sudeste. Apresenta hábito alimentar epibentônico, maturando aos 2 anos de idade com cerca de 20 cm de comprimento. Os machos maturaram com 18 cm e as fêmeas com 20 cm. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura; limitar capturas. A maior parte da produção desembarcada da espécie vem das frotas de parelha (principalmente entre 20 e 50 m de profundidade), de emalhe (50 a 80 m) e de arrasto-duplo-de-fundo (40 a 120 m). Sua produção anual no Estado de São Paulo varia normalmente entre 20 e 40 t. No entanto, foram observados picos de desembarque da espécie nos anos 2003 a 2005, quando o total de desembarques variou de 140 a 180 t.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Magro *et al.* (2000), Menezes *et al.* (2003), Haimovici *et al.* (2006), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: INIDEP

Cephalopholis fulva (Linnaeus, 1758)

Perciformes, Serranidae



Nomes vernaculares

Catuá, garoupinha, piraúna.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie alvo de pesca, tanto submarina como com linha e anzol, tendo sido muito explotada por apresentar alto valor comercial.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC, São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Carolina do Norte e Bermudas até São Paulo. Habita fundos rochosos, associado a recifes, até 40 m de profundidade.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 40 cm. Alimenta-se de peixes e crustáceos. As fêmeas atingem a maturação com 16 cm, transformando-se em machos aos 20 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: JAMARC



***Epinephelus itajara* (Lichtenstein, 1822)**
Perciformes, Serranidae

Nome vernacular

Mero.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie alvo de pesca, tanto submarina como com linha e anzol, tendo sido muito explotada por apresentar alto valor comercial.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2004): Sobreexplotada; São Paulo (1998): A-CP; Paraná (2004): VU; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): EP; Espírito Santo (Passamani e Mendes 2007): EP.

Distribuição e habitat

Ambos os lados do Atlântico e Pacífico oriental. No Atlântico ocidental é assinalada da Flórida ao sudeste do Brasil. Habita águas costeiras, entrando em regiões estuarinas; os juvenis crescem em manguezais. Encontrada até 100 m de profundidade.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 270 cm, sendo o maior peixe da família. Alimenta-se de crustáceos (lagostas e caranguejos) e peixes. É territorial, agregando-se para a desova. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Bryan, D.

Epinephelus marginatus (Lowe, 1834)

Perciformes, Serranidae

Nomes vernaculares

Garoupa, garoupa-verdadeira.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie alvo de pesca, tanto submarina como com linha e anzol, tendo sido muito explotada por apresentar alto valor comercial.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2004): Sobreexplotada; Paraná (2004): DD; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico, no Atlântico ocidental é assinalada no Sudeste do Brasil. Habita fundos rochosos.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 150 cm. É uma espécie solitária e territorialista. Alimenta-se de peixes, crustáceos e moluscos cefalópodes (polvos). Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).



***Epinephelus morio* (Valenciennes, 1828)**
Perciformes, Serranidae

Nome vernacular

Garoupa são-tomé.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie alvo de pesca, tanto submarina como com linha e anzol, tendo sido muito explotada por apresentar alto valor comercial.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2004): Sobreexplotada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, de Massachusetts ao sul do Brasil. Habita fundos rochosos, até 120 m de profundidade. Os juvenis são encontrados em menores profundidades que os adultos.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge cerca de 100 cm. Alimenta-se de peixes e crustáceos. As fêmeas se tornam maduras com 5 anos, aos 50 cm de comprimento, transformando-se em machos em média com 10 anos de idade. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: O'Donnell, P.

Epinephelus nigritus (Holbrook, 1855)

Perciformes, Serranidae



Nome vernacular

Cherne-preto.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie alvo de pesca, tanto submarina como com linha e anzol, tendo sido muito explotada por apresentar alto valor comercial.

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, de Massachusetts ao sudeste do Brasil. Habita fundos rochosos, ocorrendo até 500 m de profundidade. Juvenis podem ser encontrados em águas mais rasas e também em ambientes recifais.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 230 cm. Solitária. Alimenta-se de peixes e crustáceos (caranguejos, camarões, lagostas). Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: JAMARC



***Epinephelus niveatus*
(Valenciennes, 1828)**
Perciformes, Serranidae

Nome vernacular

Cherne-verdadeiro.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie alvo de pesca, tanto submarina como com linha e anzol, tendo sido muito explotada por apresentar alto valor comercial.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2004): Sobreexplotada; São Paulo (1998): PA; Espírito Santo (Passamani e Mendes 2007): DD.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, de Massachusetts ao sul do Brasil. Habita fundos arenosos, até 500 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 120 cm. Alimenta-se de peixes, crustáceos (braquiúros) e moluscos (lulas, gastrópodes), sendo que o consumo de céfalópodes aumenta com o crescimento. As fêmeas atingem a maturação com 45 cm e os machos com 57 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat. É capturado principalmente com espinhel-de-fundo, em profundidades de 250 a 300 m, e com arrasto-duplo-de-portas, entre 40 e 70 m. Nas operações com espinhel, suas capturas estão associadas às de *Lopholatilus villarii* (peixe-batata), de *Urophycis mystacea* (abrótea-de-profundidade) e *Pseudopercis numida* (namorado). Na pesca de arrasto ocorre normalmente com *Paralichthys patagonicus* (linguado), *Urophycis brasiliensis* e ou *U. mystacea* (abróteas) e *Merluccius hubbsi* (merluza).

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Magro *et al.* (2000), Ávila-da-Silva *et al.* (2001), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Ávila-da-Silva *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.

Mycteroperca bonaci (Poey, 1860)

Perciformes, Serranidae



Nomes vernaculares

Badejo, badejo-quadrado, sirigado.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (CO).

Justificativa

Redução drástica da abundância devido à pesca excessiva.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2004): Sobrexploitada; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): EP.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Flórida e Bermuda até o sudeste do Brasil. Habita fundos rochosos e ambientes recifais, principalmente entre 10 e 30 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge mais de 100 cm. Solitária. Alimenta-se de crustáceos (principalmente os juvenis) e peixes (principalmente os adultos). Agregam-se durante a desova. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Guimarães, R. Z. P.



***Mycteroperca interstitialis* (Poey, 1860)**
Perciformes; Serranidae

Nome vernacular

Badejo-vassoura.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (C0).

Justificativa

Redução drástica da abundância devido à pesca excessiva.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do Golfo do México ao Brasil, onde é registrada nas regiões sudeste e sul. Habita fundos rochosos e ambientes recifais, entre 20 e 150 m de profundidade. Os juvenis são encontrados em manguezais e lagoas costeiras.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge mais de 80 cm. Alimenta-se de peixes. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.

Mycteroperca microlepis
(Goode & Bean, 1879)
Perciformes, Serranidae



Nome vernacular

Badejo-de-areia.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Espécie alvo de pesca, tanto submarina como com linha e anzol, tendo sido muito explotada por apresentar alto valor comercial.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; São Paulo (1998): PA; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): EP; Paraná (2004): DD.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Carolina do Norte ao sudeste do Brasil. Habita fundos rochosos, entre 30 e 100 m de profundidade. Os juvenis ocorrem em regiões mais costeiras e estuarinas.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge mais de 100 cm. Indivíduos solitários ou gregários. Alimenta-se de peixes, crustáceos e moluscos céfalópodes. Os juvenis (< 20 cm) se alimentam de crustáceos, vivendo em ambientes rasos, como marismas. As fêmeas ficam maduras com 70 cm e revertem o sexo para machos em torno de 95 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.



***Mycteroperca tigris* (Valenciennes, 1833)**
Perciformes, Serranidae

Nome vernacular

Badejo-tigre.

Categoria proposta para São Paulo

Regionalmente Extinta (RE).

Justificativa

Extinta devido à captura excessiva por pesca submarina.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2004): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Flórida e Bermudas até o sudeste do Brasil. Habita fundos rochosos e ambientes recifais, entre 10 e 40 m.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge mais de 100 cm. Solitária. Alimenta-se de peixes e crustáceos. A espécie é hermafrodita, sendo fêmeas os peixes menores que 37 cm e machos os maiores que 45 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Recuperar e conservar o habitat, possibilitando a colonização por indivíduos de áreas adjacentes.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Stadler, B.

Mycteroperca venenosa
(Linnaeus, 1758)
Perciformes, Serranidae



Nome vernacular

Badejo-sirigado.

Categoria proposta para São Paulo

Regionalmente Extinta (RE).

Justificativa

Extinta devido à captura excessiva por pesca submarina.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Carolina do Norte até o sudeste do Brasil. Habita fundos rochosos e ambientes recifais, até 120 m de profundidade. Os juvenis ocorrem em águas costeiras rasas, em marismas.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 100 cm. Alimenta-se de peixes (principalmente recifais), crustáceos e moluscoscefalópodes (lulas). Reversão sexual. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Recuperar e conservar o habitat, possibilitando a colonização por indivíduos de áreas adjacentes.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Heemstra *et al.* (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Patzner, R.



***Polyprion americanus*
(Bloch & Schneider, 1801)
Perciformes, Serranidae**

Nome vernacular

Cherne-poveiro.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (C0).

Justificativa

A espécie foi dizimada pela pesca industrial (frotas nacional e arrendada) com linha e anzol.

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Brasil (2004): Sobrexploitada.

Distribuição e habitat

Circunglobal. No Atlântico ocidental, desde o Canadá até a Argentina. Adultos ocorrem em cavernas, tocas, naufrágios. Juvenis até 60 cm são pelágicos, associados a objetos flutuantes. Juvenis maiores e adultos são demersais, vivendo sobre fundos rochosos, entre 50 e 800 m de profundidade, onde se agregam.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 210 cm. Alimenta-se de crustáceos, moluscos cefalópodes e peixes bentônicos. É uma espécie gonocorística. A primeira maturação ocorre com 78 cm em fêmeas e 75 cm em machos. A desova acontece entre maio e setembro. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. Nas décadas de 80 e 90 a espécie foi intensamente capturada na Região Sul pelas frotas de barcos linheiros e de espinhel-de-fundo, o que levou à redução drástica de sua população. Os desembarques da espécie nos portos pesqueiros do Estado de São Paulo eram provenientes de operações com espinhel-de-fundo realizadas nas proximidades do Cabo de Santa Marta Grande e da Barra de Itajaí (SC). Sua captura e comercialização estão proibidas até o ano 2015, de acordo com a Instrução Normativa MMA nº 37, de 6 de outubro de 2005.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Magro *et al.* (2000), Menezes *et al.* (2003), Haimovici e Peres (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Cambraia Duarte, P. M. N.

Pagrus pagrus (Linnaeus, 1758)

Perciformes, Sparidae



Nomes vernaculares

Pargo, pargo-rosa.

Categoria proposta para São Paulo

Sobrexploata (SE).

Justificativa

Redução da abundância, redução dos parâmetros densodependentes (comprimento máximo esperado, comprimento de primeira maturação e peso individual).

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2004): Sobrexploata.

Distribuição e habitat

Panatlântica. No Atlântico ocidental, de Nova York até a Argentina. Ao longo de toda a costa brasileira, habita fundos rochosos, recifais e arenosos, entre 10 e 80 m, mas já foi encontrada em até 250 m de profundidade.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge até 65 cm. Alimenta-se de peixes (em maiores profundidades), crustáceos (decápodes), anelídeos poliquetas, cnidários (actínias), moluscos céfalo-pódes (polvos) e equinodermos (holotúrias). É hermafrodita e diferentes autores o caracterizam como protândrico ou protogínico; a reversão sexual está documentada a partir dos 40 cm. Fêmeas apresentam pico de desova entre agosto e dezembro, sendo a primeira maturação gonadal com 26 cm. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. O pargo-rosa desembarcado em São Paulo é proveniente, na maior parte, de operações de pesca com técnicas de linha e anzol (linha-de-mão, espinhel-de-fundo, espinhel-vertical) e de arrasto-duplo-de-fundo. As capturas com linha e anzol são realizadas mais frequentemente de 40 a 120 m de profundidade, havendo registros de captura em 250 m. Nas operações de arrasto são capturados normalmente entre 30 e 70 m. Na década de 2000, sua produção anual desembarcada tem variado de 6 a 48 t, sem apresentar tendências.

Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura; limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1980), Magro *et al.* (2000), Carpenter (2002), Menezes *et al.* (2003), Ávila-da-Silva e Haimovici (2006), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Dammous, S.



***Sphyraena barracuda* (Edwards, 1771)**
Perciformes, Sphyraenidae

Nome vernacular

Barracuda.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Captura excessiva por pesca submarina.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Circunglobal. No Atlântico ocidental é assinalada de Massachusetts ao sul do Brasil. Juvenis encontrados principalmente em águas rasas, sobre fundos arenosos ou de algas. Exemplares maiores preferem áreas de recife.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge até 230 cm. Juvenis formam cardumes, enquanto os adultos são solitários. Durante o período de desova, que ocorre em regiões mais afastadas da costa, os adultos se encardumam. Alimenta-se de peixes, moluscos (cefalópodes) e ocasionalmente de crustáceos (camarões). Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes e Figueiredo (1985), Russel (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.

Paralichthys brasiliensis (Ranzani, 1842)

Pleuronectiformes, Paralichthyidae

Nome vernacular

Linguado.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Capturada nas pescarias de arrasto-de-fundo direcionadas a camarões e outros cienídeos.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do Norte ao sudeste do Brasil. Habita fundos arenosos e lamosos, em águas rasas de baías e estuários.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge pelo menos 30 cm. Os adultos são solitários. A desova ocorre nos meses quentes, em pequenos grupos, de 3 a 15 indivíduos. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (2000), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).



Paralichthys orbignyanus
(Valenciennes, 1839)
Pleuronectiformes, Paralichthyidae

Nome vernacular

Linguado.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Capturada nas pescarias de arrasto-de-fundo direcionadas a camarões e outros cienídeos.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro até a Argentina. Vive em águas costeiras, até 20 m de profundidade, entrando em lagoas costeiras.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge 50 cm de comprimento. Alimenta-se de crustáceos, moluscos, anelídeos poliquetas e, em menor escala, de peixes. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (2000), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: INIDEP

Paralichthys patagonicus Jordan, 1889

Pleuronectiformes, Paralichthyidae



Nomes vernaculares

Linguado, linguado-branco.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Capturada nas pescarias de arrasto-de-fundo direcionadas a camarões e outros cienídeos.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Pacífico Sul oriental e Atlântico Sul ocidental. Neste, é assinalada desde Cabo Frio, RJ, até a Argentina. Habita fundos de areia, ocorrendo desde a costa até 200 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge pelo menos 60 cm de comprimento. Alimenta-se principalmente de peixes e crustáceos (camarões e tamburutacas). A desova é múltipla, com pico entre outubro e dezembro. A primeira maturação ocorre com 34 cm. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. A espécie é capturada, mormente, com arrasto-duplo-de-fundo, entre as isóbatas de 30 a 80 m, e com arrasto-de-parelhas, entre 20 e 30 m de profundidade. Sua ocorrência nos desembarques de arrasto-duplo está associada à de *Urophycis brasiliensis* (abrótea), *Farfantepenaeus brasiliensis* e *F. paulensis* (camarão-rosa) e de *Prionotus punctatus* e *P. nudigula* (cabrinhas). Nas descargas de parelhas ocorre com *Micropogonias furnieri* (corvina), *Cynoscion jamaicensis* (goete) e *Menticirrhus americanus* ou *M. littoralis* (betaras). Suas capturas com arrasto-duplo apresentaram forte incremento entre 1998 e 2003, passando de 72 t anuais para 345 t. Após 2005 passou a haver redução nos seus desembarques, que atualmente são de cerca de 100 t/ano. A produção da espécie desembarcada pela frota de parelhas tem aumentado nos últimos dez anos, sendo atualmente sua produção de 25 t/ano.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (2000), Magro *et al.* (2000), Menezes *et al.* (2003), Haimovici e Ararújo (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Martins, I. A.



***Bagre marinus* (Mitchill, 1815)**
Siluriformes, Ariidae

Nome vernacular

Bagre-bandeira.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

No Atlântico ocidental, desde Cape Cod até o sul do Brasil. Habita águas costeiras, até 50 m de profundidade, podendo penetrar em estuários com elevado teor de salinidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge até 100 cm. Alimenta-se de peixes pequenos, de invertebrados (vermes) e detritos orgânicos. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura; limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1978), Acero (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Kolding, J.

Genidens barbus (Lacepède, 1803)

Siluriformes, Ariidae



Nome vernacular

Bagre-branco.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do nordeste ao sul do Brasil.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge até 100 cm. Alimenta-se de moluscos, crustáceos e outros invertebrados marinhos do fundo. Realiza migrações para desembocadura dos rios e estuários para desovar. O macho e a fêmea incubam os ovos na boca. A maturação gonadal é atingida aos 42 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva. A espécie foi intensamente explorada de 1998 a 1999 pela frota paulista de espinhel-de-fundo, como consequência da diminuição das capturas de *Epinephelus niveatus* (cherne-verdadeiro) e de *Pseudopercis numida* (namorado). Essa captura era realizada entre 50 e 80 m de profundidade nos meses de inverno, sendo comum a captura de corvina (*Micropogonias furnieri*) nas mesmas operações de pesca. De 2001 a 2005 seus desembarques por essa frota praticamente cessaram e, nos anos 2006 e 2008, apresentaram uma tendência de aumento. Deve-se considerar que a espécie também é capturada por outros petrechos em áreas mais próximas à costa. Porém, no registro dessas capturas, as diferentes espécies de bagre (Ariidae) são indicadas em conjunto.

Medidas para a conservação

Restringir áreas e épocas de captura; limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1978), Araújo (1984), Reis (1986a,b), Ávila-da-Silva *et al.* (2001), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.



***Hippocampus erectus* Perry, 1810**
Gasterosteiformes, Syngnathidae

Nome vernacular

Cavalo-marinho.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2004): Sobreplotada; São Paulo (1998): A-VU; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): CP; Paraná (2004): DD; Espírito Santo (Passamani e Mendes 2007): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Nova Escócia ao Uruguai. São encontrados em águas litorâneas rasas geralmente associadas a recifes de coral, regiões de pedras cobertas por algas e bancos flutuantes de *Sargassum* sp.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge até 18,5 cm. Alimenta-se de plâncton (geralmente crustáceos), ingeridos por sucção através do focinho tubular. Espécie ovovivípara; os machos possuem uma bolsa incubadora situada na parte ventral do tronco ou da cauda, na qual se desenvolvem os ovos resultantes da desova realizada pelas fêmeas. Após eclosão, os jovens são liberados através de uma abertura ou fenda da bolsa incubadora dos machos. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Fritzsche (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.



Hippocampus reidi Ginsburg, 1933

Gasterosteiformes, Syngnathidae

Nome vernacular

Cavalo-marinho.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Brasil (2004): Sobreexplotada; São Paulo (1998): A-VU; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): CP; Paraná (2004): VU; Espírito Santo (Passamani e Mendes 2007): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Carolina do Norte e Bermuda ao sudeste do Brasil. São encontrados em águas litorâneas rasas geralmente associadas a recifes de coral, regiões de pedras cobertas por algas e bancos flutuantes de *Sargassum* sp.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge até 17,5 cm. Alimenta-se de plâncton (geralmente crustáceos), ingeridos por sucção através do focinho tubular. Espécie ovovivípara; os machos possuem uma bolsa incubadora situada na parte ventral do tronco ou da cauda, na qual se desenvolvem os ovos resultantes da desova realizada pelas fêmeas. Após eclosão, os jovens são liberados através de uma abertura ou fenda da bolsa incubadora dos machos. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (1980), Fritzsche (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: JAMARC



***Balistes capriscus* Gmelin, 1789**
Tetraodontiformes, Balistidae

Nomes vernaculares

Peroá-branco, cangulo, peixe-porco, porquinho.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância; ocupação de nichos ecológicos de outras espécies.

Situação em outras listas

Brasil (2004): Sobreexplotada.

Distribuição e habitat

Ocorre dos dois lados do Atlântico. No Atlântico ocidental, da Nova Escócia à Argentina. De águas costeiras, até 100 m de profundidade, sobre fundos arenosos ou rochosos.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge 40 cm de comprimento. Alimenta-se de invertebrados de fundo (equinodermos, crustáceos, gastrópodos, poliquetas), além de céfalópodos e peixes. A desova é total e o pico ocorre de dezembro a janeiro, meses após os quais há presença de larvas e juvenis na área. A primeira maturação gonadal se dá aos 17 cm para fêmeas e 20 cm para machos. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva. O desembarque da espécie no Estado de São Paulo sofreu grande redução entre 1998 e 2003, estabilizando-se entre 80 e 160 t por ano. É capturada principalmente pela frota de arrasto de parelhas e de arrasto-duplo em áreas com profundidades de 10 a 60 m. Suas capturas são associadas às de *Micropogonias furnieri* (corvina), *Cynoscion jamaicensis* (goete) e *Menticirrhus americanus* ou *M. littoralis* (betaras). O período de queda dos desembarques coincide com o período da utilização da técnica de pesca com puçá-grande no norte do Rio de Janeiro e no Espírito Santo. O emprego dessa técnica para a captura da espécie foi proibido pela Portaria IBAMA nº 81, de 10 de julho de 2002.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Aiken (1983), Magro *et al.* (2000), Bernardes e Dias (2000), Figueiredo e Menezes (2000), Matsuura (2002), Menezes *et al.* (2003), Castro *et al.* (2005), Vianna *et al.* (2007), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Cambraia Duarte, P. M. N.

***Balistes vetula* Linnaeus, 1758**

Tetraodontiformes, Balistidae



Nomes vernaculares

Peroá-preto, cangulo, peixe-porco, porquinho.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância; ocupação de nichos ecológicos de outras espécies.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Ocorre dos dois lados do Atlântico. No Atlântico ocidental, da Nova Inglaterra ao sudeste do Brasil. É encontrada perto do fundo, em ambientes recifais, até 100 m de profundidade.

Biologia da espécie

Demerso-pelágica. Atinge 50 cm de comprimento. Alimenta-se principalmente de invertebrados de fundo, especialmente de ouriços-do-mar. Resiliência média, tempo mínimo de duplicação da população de 1,4 - 4,4 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo e Menezes (2000), Matsuura (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Kolding, J.

Nome vernacular

Baiacu-mirim.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie utilizada em aquariofilia.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do sul do Caribe até Santa Catarina. Ocorre em áreas coralinas e com fundos rochosos, sendo frequentemente observado aos pares durante o dia.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge até 12 cm. Alimenta-se de algas, esponjas, crustáceos e moluscos. Resiliência alta, tempo mínimo de duplicação da população menor que 15 meses.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Moura e Castro (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

PEIXES CARTILAGINOSOS MARINHOS

(*Chondrichthyes*)



***Carcharhinus brachyurus* (Günther, 1870)**
Carcharhiniformes, Carcharhinidae

Nome vernacular

Cação-baleeiro.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca de juvenis em regiões costeiras (berçários) e de adultos em regiões de maior profundidade.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT.

Distribuição e habitat

Circunglobal. No Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro à Argentina. Tubarão costeiro a semioceânico, vivendo desde a superfície até a 100 m de profundidade, em águas temperadas a tropicais.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge cerca de 2,9 m. Alimenta-se basicamente de peixes demersais e também de moluscos céfalópodes. Primeira maturação com 2 a 2,5 m de comprimento. São produzidos de 13 a 20 filhotes por ninhada. Tamanho ao nascer variando de 59 a 70 cm. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.

Carcharhinus brevipinna
(Müller & Henle, 1839)
Carcharhiniformes, Carcharhinidae



Nome vernacular

Tubarão galha-preta.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca de juvenis em regiões costeiras (berçários) e de adultos em regiões de maior profundidade.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC.

Distribuição e habitat

Encontrado em quase toda a região tropical. No Atlântico ocidental, da Carolina do Norte até o Estado do Rio Grande do Sul. Espécie ativa, de superfície, vivendo em grupos.

Biologia da espécie

Pelágica. Alimenta-se de peixes pequenos que formam cardumes, e também de pequenos tubarões, raias e lulas. Atinge a maturação entre 1,59 e 2,03 m. Período de gestação de 12 a 15 meses. De três a 15 filhotes são produzidos por ninhada. Nascem com 60 a 75 cm. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.



Carcharhinus leucas
(Müller & Henle, 1839)
Carcharhiniformes, Carcharhinidae

Nome vernacular

Tubarão cabeça-chata.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT.

Distribuição e habitat

Circunglobal. No Atlântico, de Massachusetts à Argentina. Espécie de fundo, costeira, que entra em estuários e rios. Chega a penetrar livremente em água doce, tendo sido registrada a mais de 3.500 km do mar na Amazônia peruana.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge até 3,40 m. O tamanho de maturação varia de 150 a 230 cm. As fêmeas grávidas produzem de um a 13 embriões que nascem com 56 a 81 cm de comprimento. Há indícios de que o período de gestação dure de dez a 11 meses. Alimenta-se principalmente de uma grande variedade de peixes. Entretanto, qualquer outro animal serve de alimento a este tubarão. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.

Carcharhinus limbatus
(Müller & Henle, 1839)
Carcharhiniformes, Carcharhinidae



Nome vernacular

Tubarão galha-preta.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca de juvenis em regiões costeiras (berçários) e de adultos em regiões de maior profundidade.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Circunglobal. No Atlântico americano, de Nova Inglaterra ao sul do Brasil.

Tubarão de superfície, vivendo desde a costa até águas afastadas.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge até 2,5 m de comprimento. Alimenta-se de peixes de pequeno porte que formam cardume e, em menor escala, de raias e lulas. A maturação é atingida por exemplares de 135 a 190 cm de comprimento. De um a dez filhotes são produzidos por ninhada, nascendo ao atingir 55 a 72 cm. Observações indicam que a gestação se estende por um período de dez a 12 meses. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.



***Carcharhinus obscurus* (Lesueur, 1818)**
Carcharhiniformes, Carcharhinidae

Nome vernacular

Tubarão-fidalgo.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca de juvenis em regiões costeiras (berçários) e de adultos em regiões de maior profundidade.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Circunglobal. No Atlântico ocidental, distribui-se de Georges Bank ao Estado do Rio Grande do Sul. Espécie de superfície, ocorrendo desde a costa até águas afastadas, que às vezes penetra em águas rasas.

Biologia da espécie

Pelágica. Alimenta-se de uma grande variedade de peixes e invertebrados marinhos. O comprimento máximo talvez exceda 4 m. O período de gestação é avaliado em cerca de 16 meses. Uma fêmea produz de seis a 14 embriões de cada vez. Nasce com um tamanho que varia de 69 cm a 1 metro. Amadurece com 2,57 a 3 m. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.

Carcharhinus plumbeus (Nardo, 1827)

Carcharhiniformes, Carcharhinidae



Nome vernacular

Tubarão-galhudo.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Circunglobal. Na costa leste americana, de Nova Inglaterra ao sul do Brasil. Costeiros, de fundo, às vezes encontrados junto a estuários, mas também em águas oceânicas, em até 280 m.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge até 2,39 cm de comprimento. A gestação se prolonga por oito a 12 meses. O tamanho da ninhada é de um a 14 filhotes. Ao nascer mede 56 a 75 cm. Indivíduos em maturação variam de 131 a 183 cm. Alimenta-se basicamente de animais de fundo, como peixes, caranguejos e moluscos. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.



***Carcharhinus porosus* (Ranzani, 1840)**
Carcharhiniformes, Carcharhinidae

Nome vernacular

Tubarão-azeiteiro.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Espírito Santo (Passamani e Mendes 2007): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental e Pacífico oriental. No Atlântico Ocidental é registrada do Golfo do México ao sul do Brasil. É um cação de águas costeiras, encontrado até cerca de 30 m de profundidade, frequentemente em estuários.

Biologia da espécie

Pelágica. Chega a atingir 1,34 m de comprimento. Alimenta-se de peixes, caranguejos e camarões. Período de gestação é de dez meses ou mais. Fêmeas grávidas são encontradas praticamente durante todo o ano. Torna-se maduro com 72 a 84 cm. Produz de dois a sete embriões por ninhada, e os filhotes nascem com um tamanho de 31 a 40 cm. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.

Galeocerdo cuvier (Péron & Lesueur, 1822)

Carcharhiniformes, Carcharhinidae



Nome vernacular

Tintureira.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca de juvenis em regiões costeiras (berçários) e de adultos em regiões de maior profundidade.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT.

Distribuição e habitat

Circunglobal. Na costa leste americana, de Massachusetts ao Uruguai. Ocorre desde a costa até águas afastadas, tanto ao fundo quanto na superfície.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge pelo menos 5,5 m de comprimento. Alimenta-se do que puder abocanhar, desde caranguejos até grandes peixes, tartarugas etc. Geralmente as fêmeas produzem de 30 a 40 filhotes; os casos extremos conhecidos são de dez e 82 filhotes. Nasce com 68 a 85 cm de comprimento. O período de gestação é de aproximadamente um ano. Amadurece com 2,26 a 3,5 m. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Alvheim, O.

Nome vernacular

Tubarão-limão.

Categoria proposta para São Paulo

Regionalmente Extinta (RE).

Justificativa

Extinta devido à captura excessiva.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2004): Espécie Ameaçada.

Distribuição e habitat

Atlântico e Pacífico oriental. No Atlântico ocidental, de Nova Jersey ao sul do Brasil. É encontrado mais frequentemente em águas rasas e chega a entrar em estuários, mas já foi observado em até 92 m de profundidade e também na superfície, sobre o talude.

Biologia da espécie

Demersal. Atinge até 3,40 m. Alimenta-se das espécies de peixes que encontra na área, aparentemente sem preferência; os jovens comem também crustáceos e outros invertebrados. Torna-se maduro com 2,24 a 2,39 m de comprimento. O período de gestação varia de dez a 12 meses. Cada fêmea produz de quatro a 17 embriões por vez, 11 em média. Nasce com 60 a 65 cm de comprimento. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

Rhizoprionodon lalandii
(Müller & Henle, 1841)
Carcharhiniformes, Carcharhinidae



Nome vernacular

Cação-frango.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do Panamá ao sul do Brasil. Vive em águas costeiras, sobre fundo de areia e lama, entre 3 e 70 m de profundidade.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge até 77 cm. Alimenta-se de pequenos peixes e camarões. Amadurece com 45 a 54 cm de comprimento. Produz um a quatro filhotes por ninhada. O tamanho ao nascer é de 33 a 34 cm. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura; adotar tamanho mínimo de captura; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Vianna, M.



***Rhizoprionodon porosus* (Poey, 1861)**
Carcharhiniformes, Carcharhinidae

Nome vernacular

Cação-frango.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, nas Bahamas e Caribe, e de Honduras ao Uruguai. Costeiro, vive em baías e estuários.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge pouco mais de 1 metro de comprimento. Alimenta-se principalmente de peixes pequenos e, em menor quantidade, gastrópodos, lulas e camarões. Amadurece com 60 a 80 cm. Período de gestação de dez a 11 meses. Fêmeas produzem um a seis filhotes por ninhada. Nasce com 30 a 40 cm; no sul do Brasil, na primavera ou início do verão. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura; adotar tamanho mínimo de captura; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Carvalho Filho, A.

Sphyrna lewini (Griffith & Smith, 1834)

Carcharhiniformes, Sphyrnidae



Nomes vernaculares

Tubarão-martelo, cambeva.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca de juvenis em regiões costeiras (berçários) e de adultos em regiões de maior profundidade. Em outras regiões a população está drasticamente ameaçada, sendo considerada sobreexplotada, categoria que requer moratória da pesca.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2004): Sobreexplotada; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Circunglobal. No atlântico ocidental, de Nova Jersey ao Rio Grande do Sul. Vive desde águas costeiras até águas afastadas, junto à superfície.

Biologia da espécie

Pelágica. Alcança 4,2 m de comprimento. Alimenta-se de peixes pelágicos, lulas e crustáceos. Machos amadurecem com 140 a 165 cm, e as fêmeas, com cerca de 212 cm. Uma fêmea produz de 15 a 31 embriões por ninhada. O tamanho ao nascer varia de 42 a 55 cm de comprimento. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva, especialmente *finning* (retirada das nadadeiras); degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura; adotar tamanho mínimo de captura; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Vooren *et al.* (2005b), Kotas *et al.* (2006), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.

Nomes vernaculares

Tubarão-martelo, cambeba.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): Extinta.

Distribuição:

Atlântico ocidental e Pacífico oriental. No Atlântico ocidental é registrada do Panamá ao sul do Brasil. Vive em águas costeiras.

Biologia da espécie

Pelágica. Alcança 150 cm de comprimento. Nasce com aproximadamente 34 cm, tornando-se madura com 90 a 100 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura; adotar tamanho mínimo de captura; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

Sphyrna tiburo (Linnaeus, 1758)

Carcharhiniformes, Sphyrnidae

Nomes vernaculares

Tubarão-martelo, pata, cambeva-pata.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (CO).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC; Brasil (2004): Sobrexploitada; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): Extinta; Espírito Santo (Passamani e Mendes 2007): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental e Pacífico oriental. No Atlântico ocidental, de Nova Inglaterra até a Argentina. De águas costeiras, ocorre até 80 m.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge 1,5 m de comprimento. Alimenta-se preferencialmente de caranguejos e camarões e, em menor escala, de outros invertebrados e peixes pequenos. Torna-se madura com 52 a 84 cm de comprimento. As fêmeas podem produzir de quatro a 16 embriões, que nascem com 35 a 40 cm de comprimento. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

Nomes vernaculares

Tubarão-martelo, cambeba.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca de juvenis em regiões costeiras (berçários) e de adultos em regiões de maior profundidade. Em outras regiões a população está drasticamente ameaçada, sendo considerada sobreexplotada.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; Brasil (2004): Sobreexplotada; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): VU.

Distribuição e habitat

Circunglobal. Ocorre da Nova Escócia até a Argentina, no Atlântico Ocidental. De superfície, habita desde a costa até águas afastadas.

Biologia da espécie

Pelágica. Alcança no máximo entre 3,7 e 4 m de comprimento. Alimenta-se de peixes de tamanhos e espécies variadas e também de invertebrados. A maturação é atingida com 210 a 240 cm. De 29 a 37 embriões já foram encontrados em uma fêmea. Nascem ao atingir de 50 a 60 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva, especialmente *finning* (retirada das nadadeiras); degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Vooren *et al.* (2005b), Kotas *et al.* (2006), Froese e Pauly (2008).

Mustelus canis (Mitchill, 1815)

Carcharhiniformes, Triakidae



Nomes vernaculares

Cação-cola-fina, canejo.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do Canadá até a Argentina. É um cação de fundo, vivendo em águas de até cerca de 150 m de profundidade.

Biologia da espécie

Demersal. Cresce até 1,5 m de comprimento. Alimenta-se basicamente de crustáceos, mas come também outros invertebrados e pequenos peixes. Período de gestação ao redor de dez meses. Cada fêmea produz de quatro a 20 embriões que nascem com 34 a 39 cm de comprimento. Amadurece entre 82 e 90 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Vooren e Klippel (2005b, c), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.



***Mustelus higmani* Springer & Lowe, 1963**
Carcharhiniformes, Triakidae

Nomes vernaculares

Cação-cola-fina, canejo.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Venezuela até o Estado de São Paulo. Espécie de fundo, ocorrendo até em águas mais afastadas.

Biologia da espécie

Demersal. Alcança cerca de 65 cm de comprimento. Alimenta-se principalmente de crustáceos. Come também cefalópodos e peixes. Amadurece com 43 a 48 cm. São produzidos de um a sete filhotes por ninhada. Nasce com 21 a 24 cm. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a, 2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Vooren e Klipper (2005b, c), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Gadig, O. B. F.

Mustelus schmitti Springer, 1939

Carcharhiniformes, Triakidae



Nome vernacular

Caçonete.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2004): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Rio de Janeiro até a Argentina. É um cação de fundo. Ocorre desde a costa até mais de 195 m de profundidade.

Biologia da espécie

Demersal. Alcança 1 m de comprimento. Alimenta-se principalmente de crustáceos, mas também come outros invertebrados e pequenos peixes. Atinge a maturação com 48 a 67 cm de comprimento. Produz de dois a 13 filhotes por ninhada, que nascem com aproximadamente 26 cm. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (1984a), Menezes *et al.* (2003), Bernardes *et al.* (2005), Vooren e Klipper (2005 b, c), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: INIDEP

Nome vernacular

Tubarão-branco.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; São Paulo (1998): A-VU; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): EP; Espírito Santo (Passamani e Mendes 2007): VU.

Distribuição e habitat

Circunglobal. No Atlântico ocidental, de Nova Escócia até a Argentina. Espécie rara, vive da costa até águas afastadas e da superfície até 1.280 m de profundidade.

Biologia da espécie

Pelágica. Alcança 6 m de comprimento. Alimenta-se de presas de grande porte, como atuns, leões-marinhos e tartarugas, que muitas vezes são engolidas inteiras. Não despreza, porém, peixes pequenos e lulas. As fêmeas atingem a maturidade sexual com 4 a 5 m de comprimento, e os machos, com 3,50 a 4,10 m. Os filhotes nascem com 1 a 1,6 m, em número variando de dois a 14 por ninhada. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (2001, 2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

Isurus oxyrinchus Rafinesque, 1810

Lamniformes, Lamnidae



Nome vernacular

Anequim.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Redução da abundância, principalmente dos adultos.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT.

Distribuição e habitat

Cosmopolita nos mares tropicais e temperados quentes. Distribui-se do Atlântico ocidental, desde o Golfo do Maine até a Argentina. Vive em águas afastadas da costa, geralmente na superfície, mas ocasionalmente em até 500 m de profundidade.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge 4 m de comprimento. Alimenta-se de peixes pequenos que vivem em cardumes e até de presas maiores que ele próprio, como espadartes. Alcança a maturação com 203 a 293 cm de comprimento. Produz de quatro a 30 embriões por cria, os quais nascem com 60 a 70 cm. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura; adotar tamanho mínimo de captura.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (2001, 2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Randall, J. E.



***Carcharias taurus* Rafinesque, 1810**
Lamniformes; Odontaspidae

Nomes vernaculares

Mangona, tubarão-touro.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (CO).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU; Brasil (2004): Sobreplotada; São Paulo (1998): PA; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): Extinta.

Distribuição e habitat

Ocorre em todos os mares quentes, exceto possivelmente o Pacífico Oriental. No Atlântico ocidental, de Cape Cod à Argentina. Habita águas rasas. Vive solitário, aos pares ou em grupos.

Biologia da espécie

Pelágica. Alcança pelo menos 3,18 m de comprimento. Alimenta-se de grande variedade de peixes, crustáceos e lulas. Começa a procriar somente quando atinge de 1,90 a 2,20 m e produz dois embriões por gravidez. O período de gestação dura oito a nove meses. Os filhotes nascem com 95 a 1,20 cm de comprimento. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (2001, 2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.

Ginglymostoma cirratum
(Bonnaterre, 1788)
Orectolobiformes, Ginglymostomatidae



Nomes vernaculares

Lambaru, cação-lixa.

Categoria proposta para São Paulo

Regionalmente Extinta (RE).

Justificativa

Extinta devido à pesca (comercial e esportiva) e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD; Brasil (2004): VU; São Paulo (1998): A-VU; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): Extinta; Espírito Santo (Passamani e Mendes 2007): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico e Pacífico oriental. No Atlântico ocidental, de Rhode Island ao Estado de São Paulo. É um cação de hábitos sedentários, encontrado em geral imóvel sobre o fundo rochoso ou arenoso de águas rasas.

Biologia da espécie

Demersal. Ultrapassa 4 m de comprimento. Alimenta-se de crustáceos, moluscos, ouriços e peixes de pequeno porte. A maturação é atingida com 210 a 240 cm. Uma fêmea produz de 20 a 30 filhotes de cada vez, os quais nascem com pouco menos de 30 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Compagno (2001, 2002), Menezes *et al.* (2003), Vooren e Klipper (2005 b, c), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Freitas, R.



***Manta birostris* (Walbaum, 1792)**
Rajiformes, Mobulidae

Nomes vernaculares

Manta, jamanta, raia-jamanta.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie rara, com redução da abundância devido à captura incidental por redes e anzóis.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT; São Paulo (1998): A-VU.

Distribuição e habitat

Possivelmente circunglobal. Na costa leste americana, de Nova Inglaterra até o Brasil. Vive em águas costeiras e oceânicas.

Biologia da espécie

Pelágica. Tamanho máximo, 7 m de largura. Alimenta-se de organismos maiores do zooplâncton e peixes pequenos que formam cardumes. Neonatos com 1,20 m de largura. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Captura incidental.

Medidas para a conservação

Incluir aos aparelhos de pesca artefatos que permitam o escape; monitorar as ocorrências accidentais.

Referências

Figueiredo (1977), McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: nkdiver.com; fishbase.sinica.edu.tw

Mobula hypostoma (Bancroft, 1831)

Rajiformes, Mobulidae

Nomes vernaculares

Raia-diabo, jamanta.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Espécie rara, com redução da abundância devido à captura incidental com redes e anzóis.

Situação em outras listas

São Paulo (1998): A-VU.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Carolina do Norte até a Argentina. Habita águas costeiras.

Biologia da espécie

Pelágica. Alcança 120 cm de largura. Alimenta-se de organismos maiores do zooplâncton e peixes pequenos que formam cardumes. Matura com pouco mais de 1 m de largura. Cada fêmea produz um embrião por gravidez. Nasce com cerca de 50 cm. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Captura incidental.

Medidas para a conservação

Incluir aos aparelhos de pesca artefatos que permitam o escape; monitorar as ocorrências acidentais.

Referências

Figueiredo (1977), McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

Nome vernacular

Peixe-serra.

Categoria proposta para São Paulo

Regionalmente Extinta (RE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): A-EP; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): Extinta.

Distribuição e habitat

Da Carolina do Norte (EUA) até a Argentina. Ocorre em águas rasas da costa.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge 5,5 m de comprimento total. Come organismos bentônicos, incluindo peixes pequenos que vivem em cardume. As fêmeas amadurecem com 4,60 m e produzem de cada vez 15 a 20 embriões, que nascem com cerca de 60 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

Pristis perotteti Müller & Henle, 1841

Rajiformes, Pristidae

Nome vernacular

Peixe-serra.

Categoria proposta para São Paulo

Regionalmente Extinta (RE).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2004): CR; São Paulo (1998): A-EP; Rio de Janeiro (Bizerril e Costa 2001): CP.

Distribuição e habitat

No Atlântico ocidental é registrada da Flórida ao Estado de São Paulo. Ocorre também no Atlântico oriental e no Pacífico leste. Habita águas costeiras, pode penetrar em estuários e rios. Sabe-se que chega pelo menos até a confluência dos rios Negros e Amazonas.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança 6,10 m de comprimento total. Mede de 60 a 76 cm ao nascer. De um a 13 embriões são produzidos por vez. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).



***Aetobatus narinari* Euphrasen, 1790**
Rajiformes, Myliobatidae

Nome vernacular

Raia-pintada.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT.

Distribuição e habitat

Circunglobal. Na costa leste americana, da Carolina do Norte ao sul do Brasil. Normalmente encontrada em águas de superfície costeiras. Os indivíduos podem ser encontrados solitários ou formar grandes grupos na época de reprodução.

Biologia da espécie

Bentônica. Atinge 2 m de largura. Alimenta-se de moluscos, camarões, outros invertebrados e também de peixes pequenos. As fêmeas produzem cerca de quatro filhotes por cria, os quais nascem com 17 a 36 cm de largura. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; restringir áreas e épocas de captura.

Referências

Figueiredo (1977), McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Béarez, P.

Myliobatis freminvillii Lesueur, 1824

Rajiformes, Myliobatidae



Nome vernacular

Raia.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexplotação (AS).

Justificativa

Redução da abundância devido à pesca e à alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição

Atlântico ocidental, de Cape Cod até o norte da Argentina. Ocorre em águas rasas, principalmente em regiões estuarinas.

Biologia da espécie

Pelágica. Alcança pelo menos 1 m de largura. Come moluscos e crustáceos. De quatro a oito embriões são produzidos por fêmea, nascendo com cerca de 25 cm de largura. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Limitar capturas; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.



***Myliobatis goodei* Garman, 1885**
Rajiformes, Myliobatidae

Nome vernacular

Raia.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, da Carolina do Sul até a Argentina. Vive em águas costeiras, até cerca de 130 m de profundidade, desde a superfície até o fundo.

Biologia da espécie

Pelágica. Chega a 1 m de largura. Alimenta-se de moluscos, crustáceos e outros invertebrados. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo (1977), McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: INIDEP

Rhinoptera bonasus (Mitchill, 1815)

Rajiformes, Myliobatidae



Nomes vernaculares

Ticonha, raia-focinho-de-boi.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): NT.

Distribuição e habitat

Atlântico Ocidental, da Nova Inglaterra ao norte da Argentina. Vive desse a superfície até o fundo, em águas da plataforma.

Biologia da espécie

Pelágica. Alcança 91 cm de largura. O alimento básico é constituído de moluscos e crustáceos. Fêmeas amadurecem com cerca de 78 cm de largura. São produzidos dois a seis embriões por cria. Nasce com aproximadamente 37 cm de largura. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Flescher, D.



***Rhinoptera brasiliensis* (Müller, 1836)**
Rajiformes, Myliobatidae

Nomes vernaculares

Ticonha, raia-focinho-de-boi.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN.

Distribuição e habitat

Ocorre da Carolina do Norte até pelo menos o sul do Brasil. Ocorre do fundo à superfície sobre a plataforma continental.

Biologia da espécie

Pelágica. Atinge 91 cm de largura. Come principalmente moluscos e crustáceos. Nasce com 44 a 49 cm de largura. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Vianna, M.

Atlantoraja castelnaui
(Miranda Ribeiro, 1907)
Rajiformes, Rajidae



Nome vernacular

Raia-chita.

Categoria proposta para São Paulo

Sobrexploitada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Rio de Janeiro até a Argentina. É encontrada até 100 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança pelo menos 132 cm de comprimento. Alimenta-se de peixes. É ovípara. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), Menezes *et al.* (2003), Bernardes *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Martins, I. A.



***Atlantoraja cyclophora* (Regan, 1903)**
Rajiformes, Rajidae

Nome vernacular

Raia-emplastro.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU.

Distribuição e habitat

Do Cabo Frio, Estado do Rio de Janeiro, até a Argentina. É encontrada em até 150 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança pelo menos 74 cm de comprimento. Os crustáceos constituem seu principal alimento. É ovípara. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo (1977), Menezes *et al.* (2003), Bernardes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: INIDEP

Atlantoraja platana (Günther, 1880)

Rajiformes, Rajidae



Nome vernacular

Raia-emplastro.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU.

Distribuição e habitat

Ocorre do litoral do Estado de São Paulo até a Argentina. É encontrada desde a costa até 180 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança 79 cm de comprimento. Come peixes, crustáceos e cefalópodos. É ovípara. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Figueiredo (1977), Menezes *et al.* (2003), Bernardes *et al.* (2005), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Meneses, P. D.



***Psammobatis bergi* Marini, 1932**
Rajiformes, Rajidae

Nome vernacular

Raia-emplastro.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): LC.

Distribuição

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro até a Argentina. É encontrada entre 31 e 81 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança pelo menos 55 cm de comprimento total. É ovípara. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Meneses, P. D.

Psammobatis rutrum Jordan, 1891

Rajiformes, Rajidae

Nome vernacular

Raia-emplastro.

Categoria proposta para São Paulo

Ameaçada de Sobreexploração (AS).

Justificativa

Redução da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): DD.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro até a Argentina.
Ocorre até pelo menos 140 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança 30 cm de comprimento. É ovípara. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Limitar capturas.

Referências

Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).



***Rioraja agassizii* (Müller & Henle, 1841)**
Rajiformes, Rajidae

Nome vernacular

Raia-emplastro.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Espírito Santo até a Argentina. É encontrada até 130 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Cresce pelo menos até 49 cm de comprimento. Alimenta-se basicamente de crustáceos. É ovípara. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Martins, I. A.

Sypterygia acuta Garman, 1877

Rajiformes, Rajidae



Nome vernacular

Raia-emplastro.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Norte do Estado do Rio de Janeiro até a Argentina. Ocorre desde a costa até pelo menos 188 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança cerca de 1,5 m de comprimento. Alimenta-se principalmente de camarões, mas come também outros invertebrados marinhos e pequenos peixes. É ovípara. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Vianna, M.



***Rhinobatos horkelii* Müller & Henle, 1841**
Rhinobatiformes, Rhinobatidae

Nome vernacular

Raia-viola.

Categoria proposta para São Paulo

Colapsada (C0).

Justificativa

Redução drástica da abundância devido à pesca e alteração do habitat (poluição, assoreamento, aterros, entre outras ações).

Situação em outras listas

IUCN (2008): CR; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro até a Argentina. Vive desde águas rasas até 100 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança 138 cm de comprimento. Alimenta-se de crustáceos, cefalópodos e poliquetas e também de pequenos peixes. É uma espécie ovovivípara, produzindo de quatro a 12 embriões. O período de gestação é de cerca de 12 meses. Resiliência muito baixa, tempo mínimo de duplicação da população maior que 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva; degradação e distúrbio do habitat.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; recuperar e conservar o habitat.

Referências

Figueiredo (1977), McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Vooren *et al.* (2005b), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Martins, I. A.

Rhinobatos percellens (Walbaum, 1792)

Rhinobatiformes, Rhinobatidae



Nome vernacular

Raia-viola.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

Não citada.

Distribuição e habitat

Atlântico ocidental, do Panamá ao norte da Argentina. Vive desde a costa até 110 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Cresce até 1 m de comprimento. Alimenta-se basicamente de crustáceos. É ovovivípara. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), McEachran e Carvalho (2002), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Martins, I. A.



***Zapteryx brevirostris*
(Müller & Henle, 1841)**
Rhinobatiformes, Rhinobatidae

Nome vernacular

Raia-viola.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): VU.

Distribuição:

Atlântico Sul ocidental, do Estado do Rio de Janeiro até a Argentina. É encontrada em até 136 m de profundidade.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança pelo menos 66 cm de comprimento. Alimenta-se de invertebrados marinhos, principalmente caranguejos e camarões, e pequenos peixes. É ovovivípara. Pode produzir em média seis embriões por ninhada. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável.

Referências

Figueiredo (1977), Menezes *et al.* (2003), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Martins, I. A.

Squatina guggenheim Marini, 1936

Squatiniformes, Squatinidae



Nome vernacular

Cação-anjo.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2004): EN; São Paulo (1998): PA.

Distribuição e habitat

Atlântico Sul ocidental, do Estado de São Paulo até a Argentina. É capturada entre 10 e 100 m de profundidade. Vive enterrada, espreitando suas presas. Os neonatos são encontrados em águas rasas.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança 92 cm de comprimento e 12 anos. Alimenta-se de peixes, crustáceos e cefalópodes. A primeira maturação sexual ocorre em indivíduos de 4 anos, com 72 cm de comprimento. Comprimento ao nascer é de aproximadamente 25 cm. Entre três e nove embriões são produzidos por fêmea. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; incluir aos aparelhos de pesca artefatos que permitam o escape.

Referências

Compagno (1984b), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Vooren e Klippel (2005d), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Gadig, O. B. F.



***Squatina occulta* Vooren & Silva, 1991**
Squatatiniformes, Squatinidae

Nome vernacular

Cação-anjo.

Categoria proposta para São Paulo

Sobreexplotada (SE).

Justificativa

Redução drástica da abundância.

Situação em outras listas

IUCN (2008): EN; Brasil (2004): EN.

Distribuição e habitat

Da costa do Estado de São Paulo até a Argentina. Ocorre até 360 m de profundidade. Vive enterrada, espreitando suas presas. Os neonatos são encontrados em águas da plataforma, entre 60 e 80 m.

Biologia da espécie

Bentônica. Alcança 131 cm de comprimento total e 21 anos. Alimenta-se de peixes, crustáceos e cefalópodos. A primeira maturação ocorre aos 10 anos, com comprimento de 110 cm. Produz de quatro a dez filhotes por gestação. Nasce com 30 cm. Resiliência baixa, tempo mínimo de duplicação da população de 4,5 - 14 anos.

Ameaças

Exploração excessiva.

Medidas para a conservação

Proibir capturas até a recuperação da população em nível sustentável; incluir aos aparelhos de pesca artefatos que permitam o escape.

Referências

Compagno (1984b), Menezes *et al.* (2003), Lessa *et al.* (2005), Vooren e Klipper (2005d), Froese e Pauly (2008).

FOTOGRAFIA: Gadig, O. B. F.

Referências bibliográficas

- Acero, A. 2002. Ariidae. In: Carpenter, K. E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 2: Bony fishes part 1 (Acipenseridae to Grammatidae). FAO Species Identification Guide for Fishery Purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists Special Publication Nº 5. Rome: FAO. p. 831-852.
- Aiken, K.A. 1983. The biology, ecology and bionomics of the tigger fish, Balistidae. In: Munro, J.L. (ed.). Caribbean Coral Reef Fishery Resources. Phillipines. ICLARM Stud and Ver., 7: 191-205.
- Amorim, A. 2005. Cientistas brasileiros declaram quatro espécies de tubarões e raias ameaçadas de extinção. Revista Pesca Brasil. Edição de julho. 4p.
- Anderson, W. D. 2002. Lutjanidae. In: Carpenter, K. E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO Species Identification Guide for Fishery Purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists Special Publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1479-1504.
- Andrade, H.A.; Lucato, S.H.B. & Soares, G.S. 2005. *Urophycis brasiliensis*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo Instituto Oceanográfico – USP. p. 167-173.
- Araújo, F.G. 1984. Hábitos alimentares de três bagres marinhos (Ariidae) no estuário da Lagoa dos Patos (RS), Brasil. Atlântica, 7: 47-63.
- Ávila-da-Silva, A.O. & Haimovici, M. 2005. *Lopholatilus villarii*. 2005. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo Instituto Oceanográfico – USP. p. 74-80.
- Ávila-da-Silva, A.O. & Haimovici, M. 2006. Diagnóstico do estoque e orientações para o ordenamento da pesca de *Pagrus pagrus* (Linnaeus, 1758). In: Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B.; Ávila-da-Silva, A.O. & Cergole, M.C. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração – II. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo Instituto Oceanográfico – USP. p. 49-58.
- Ávila-da-Silva, A.O.; Bastos, G. C. C. & Tutui, S. L. S. 2001. A atividade pesqueira do estado de São Paulo – análise das capturas do biênio 1998-1999 com espinhel-de-fundo. Boletim do Instituto de Pesca, São Paulo, 27(1): 33-38.
- Ávila-da-Silva, A.O.; Carneiro, M.C.; Mendonça, J.T.; Servo, G.J.M.; Bastos, G.C.C. & Batista, P.A. 2007. Produção pesqueira marinha do estado de São Paulo no ano 2005. Série Relatórios Técnicos do Instituto de Pesca, São Paulo, 26: 1-44.
- Ávila-da-Silva, A.O.; Carneiro, M.H. & Fagundes, L. 1999. Sistema Gerenciador de Banco de Dados de Controle Estatístico de Produção Pesqueira Marítima – PROPESEQ. Anais do XI CONBEP e do I CONLAEP, volume 2: 824-832.
- Ávila-da-Silva, A.O.; Carneiro, M.H.; Mendonça, J.T.; Servo, G.J.M.; Bastos, G.C.C. & Batista, P.A. 2007. Produção pesqueira marinha do estado de São Paulo no ano 2005. Série Relatório Técnicos do Instituto de Pesca, São Paulo, 26: 1-44.
- Bergallo, H.G.; Rocha, F.D.; Alves, M.A.S. & Sluys, M.V. (Orgs.). 2000. A fauna ameaçada de extinção do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Ed. UERJ. 166p.
- Bernardes, R.A. & Dias, J.F. 2000. Aspectos da reprodução do peixe-porco, *Balistes capriscus* (Gmelin) (Actinopterygii, Tetraodontiformes, Balistidae) coletado na costa sul do estado de São Paulo, Brasil. Revista Brasileira Zoologia 17 (3): 687-696.
- Bernardes, R.A.; Figueiredo, J. L.; Rodrigues, A.R.; Fisher, L. G.; Vooren, C.M.; Haimovici, M. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. 2005. Peixes da zona econômica exclusiva da região Sudeste-Sul do Brasil. Levantamento com armadilhas, pargueiras e rede de arrasto-de-fundo. São Paulo: EDUSP. 295p.
- Bizerril, C.R. & Costa, P.A.S. 2001. Peixes marinhos do estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: FEMAR. 234p.
- Braga, F.M. De S. & Goitein, R. 1984. Lista prévia das espécies de peixes demersais na região da Ilha Anchieta (Lat. 23°33'S – Log. 45°05'W), Ubatuba, litoral norte do estado de São Paulo, Brasil. São Paulo. Naturalia, 9: 61-72.
- Burgess, W.E. 2002a. Chaetodontidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1663-1672.
- Burgess, W.E. 2002b. Pomacanthidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1673-1683.
- Carneiro, M.C. & Castro, P.M.G. 2005. *Macrodon ancylodon*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. e Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 81-87.

- Carneiro, M.C.; Castro, P.M.G.; Tutui, S.L.S. & Bastos, G.C.C. 2005. *Micropogonias furnieri*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 94-100.
- Carneiro, M.H.; Fagundes, L.; Ávila-da-Silva, A.O. & Souza, M.R. 2000. Ambientes marinhos explorados pelas frotas pesqueiras de Santos e Guarujá (SP). Publ. ACIESP 109 (1): 83-91.
- Carpenter, K.E. 2002. Sparidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1554-1577.
- Caruso, J.H. 2002. Lophiidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 2: Bony fishes part 1 (Acipenseridae to Grammatidae). FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1043-1049.
- Castro, P.M.G.; Carneiro, M.C.; Cergole, M.C.; Servo, G.J.M. & Mucinhato, C.M.D. 2005. *Cynoscion jamaicensis*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. e Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 46-51.
- Castro, P.M.G.; Bernardes, R.A.; Carneiro, M.H. & Servo, G.J.M. 2005. *Balistes capriscus*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 29-39.
- Castro, R.M.C. & Menezes, N.A. 1998. Estudo diagnóstico da diversidade de peixes do estado de São Paulo. In: Joly, C.A. & Bicudo, C.E.M. (orgs). Biodiversidade do estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX, 6: Vertebrados. São Paulo Programa BIOTA/FAPESP. p. 3-13.
- Cergole, M.C. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. 2005. *Sardinella brasiliensis*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 145-150.
- Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). 2005. Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP.
- Chao, N.L. 2002. Sciaenidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1583-1653.
- Chernoff, B. 2002. Atherinopsidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 2: Bony fishes part 1 (Acipenseridae to Grammatidae). FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1090-1103.
- Cohen, D.M.; Inada, T.; Iwamoto, T. & Scialabba, N. 1990. FAO species catalogue: Gadiform fishes of the world. An annotated and illustrated catalogue of cods, hakes, grenadiers and other gadiform fishes known to date. FAO Fisheries Synopsis 10(125). 442p.
- Collette, B.B. 2002a. Pomatomidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1412-1413.
- Collette, B.B. 2002b. Rachycentridae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1420-1421.
- Compagno, L.J.V. 1984a. FAO species catalogue. Vol. 4 Sharks of the world. An annotated and illustrated catalogue of sharks species know to date. Part 2. Carcharhiniformes. FAO Fisheries Synopsis 125(4): 251-655.
- Compagno, L.J.V. 1984b. FAO species catalogue. Vol. 4 Sharks of the world. An annotated and illustrated catalogue of sharks species know to date. Part 1. Hexanchiformes to Lamniformes. FAO Fisheries Synopsis 125(4): 1- 250.
- Compagno, L.J.V. 2001. Sharks of the world. An annotated and illustrated catalogue of sharks species know to date. Volume 2. Bullhead, mackerel and carpet sharks (Heterodontiformes, Lamniformes and Orectolobiformes). FAO Species Catalogue for Fishery Purposes Nº 1, Vol. 2 Rome, 269p.

- Compagno, L.J.V. 2002. Sharks. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 1: Introduction, molluscs, crustaceans, hagfishes, sharks, batoid fishes and chimaeras. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 357-505.
- Cunningham, P.T.M. 1983. Estudo comparativo da ictiofauna da costa oeste da Enseada das Palmas da Ilha Anchieta, Enseada do Flamengo e Enseada da Fortaleza (Lat. 23°29' S - 23°33' S, Long. 45°03' W - 45°09' W), Ubatuba, Estado de São Paulo, Brasil. Tese de doutorado. São Paulo Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 133p.
- Departamento da Produção Animal. 1945. Anuário da pesca marítima no Estado de São Paulo. São Paulo: Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio. 122p.
- Diniz-Filho, A.M. 1997. Composição e variação espaço-temporal da fauna íctica do Canal de Ararapira (Cananeia-SP). Dissertação de mestrado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 88p.
- Esper, M.L.P.; Menezes, M.S. & Esper, W. 2001. Época reprodutiva de *Mugil platanus* (Gunther, 1880), Piscis, Mugilidae, da Baía de Paranaguá (PR, Brasil). Curitiba. Acta Biológica, 30: 5-17.
- Esper, M.L.P.; Menezes, M.S. & Esper, W. 2000. Escala de desenvolvimento gonadal e tamanho de primeira maturação de fêmeas de *Mugil platanus* (Gunther, 1880) da Baía de Paranaguá, PR, Brasil. Curitiba. Acta Biológica, 29: 255-263.
- Fernandez, W.S. 2007. Dinâmica populacional e *Atherinella brasiliensis* (Quoy e Gaimard, 1824) da praia de Itamambuca, Ubatuba (SP). Dissertação de mestrado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 123p.
- Figueiredo, J.L. 1977. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. I. Introdução. Cações, raias e quimeras. São Paulo: Museu de Zoologia da USP. 104p.
- Figueiredo, J.L. & Menezes, N.A. 1978. Manual dos peixes marinhos do sudeste do Brasil. II. Teleostei (1). São Paulo: Museu de Zoologia da USP. 110p.
- Figueiredo, J.L. & Menezes, N.A. 1980. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. III. Teleostei (2). São Paulo: Museu de Zoologia da USP. 90p.
- Figueiredo, J.L. & Menezes, N.A. 2000. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. VI. Teleostei (5). São Paulo: Museu de Zoologia da USP. 116p.
- Figueiredo, J.L.; Santos, A.P. Dos; Yamaguti, N.; Bernardes, R.A. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. 2002. Peixes da zona econômica exclusiva da região Sudeste-Sul do Brasil. Levantamento com rede de meia-agua. São Paulo: EDUSP. 242p.
- Fontana, C.S.; Bencke G.A. & Reis R.E. (eds.) 2003. Livro vermelho da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: EDIPUCRS.
- Francini Filho, R.B. & Moura, R.L. 2008. Evidence for spillover of reef fishes from a no-take marine reserve: An evaluation using the before-after control-impact (BACI) approach. Fisheries Research 93: 346–356.
- Fritzsche, R.A. 2002. Syngnathidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 2: Bony fishes part 1 (Acipenseridae to Grammatidae). FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1221-1225.
- Froese, R. & Pauly, D. 2008. Fishbase. Disponível em: www.fishbase.org Version 09/2008.
- Gadig, O.B.F. 2001. Tubarões da costa brasileira. Tese de doutorado. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 343p.
- Gadig, O.B.F.; Santana, F.M.; Lessa, R.P.; Rincón, G. & Deyr, A.C.E. 2001. Biodiversidade de Elasmobrânquios do Brasil: Espécies Costeiras. In: II Reunião da Sociedade Brasileira p/ Estudo de Elasmobrânquios – SBEEL, 2000, Santos, SP. Resumos da II Reunião da Sociedade Brasileira p/ Estudo de Elasmobrânquios – SBEEL. v. único. p. 21.
- Gasparini, J.L.; Floeter, S.R.; Ferreira, C.E.L. & Sazima, I. 2005. Marine ornamental trade in Brazil. Biodiversity and Conservation 14: 2883-2899.
- Gianinni, R. 1989. Distribuição temporal e espacial e aspectos bioecológicos da família Sciaenidae na Baía de Santos, SP, Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 203p.
- Gianinni, R. 1994. Estrutura das comunidades de peixes da zona de arrebentação de praias arenosas do litoral do Estado de São Paulo, Brasil. Tese de doutorado. São Paulo Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 139p.
- Gianinni, R. & Paiva-Filho, A.M. 1995. Análise comparativa da ictiofauna da zona de arrebentação de praias arenosas do Estado de São Paulo, Brasil. Boletim do Instituto Oceanográfico, São Paulo, 43(2): 141-152.
- Greenfield, D.W. 2002. Holocentridae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 2: Bony fishes part 1 (Acipenseridae to Grammatidae). FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1192-1202.
- Haimovici, M. & Araújo, J.N. 2005. *Paralichthys patagonicus*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 116-123.

- Haimovici, M. & Ignácio, J.M. 2005. *Micropogonias furnieri*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo Instituto Oceanográfico – USP. p. 101-107.
- Haimovici, M. & Miranda, L.V. 2005. *Cynoscion guatucupa*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 40-45.
- Haimovici, M. & Peres, M.B. 2005. *Polyprion americanus*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 124-131.
- Haimovici, M., Absalonsen, L; Velasco, G. & Miranda, L.W. 2006. Diagnóstico do estoque e orientações para o ordenamento da pesca de *Umbrina canosai* (Berg, 1895). In: Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B.; Ávila-da-Silva, A.O. & Cergole, M.C. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração – II. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 77-85.
- Harrison, I.J. 2002. Mugilidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 2: Bony fishes part 1 (Acipenseridae to Grammatidae). FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1071-1085.
- Heemstra, P.C.; Anderson, W. D. & Lobel, P.S. 2002. Serranidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 2: Bony fishes part 1 (Acipenseridae to Grammatidae). FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1308-1369.
- IBAMA 2008. Estatística da Pesca 2006. Brasil: grandes regiões e unidades da Federação. Brasília: IBAMA. 174 p.
- IUCN. 2008. 2008 IUCN Red List of Threatened Species. Disponível em: <http://www.iucnredlist.org>. Acessado em novembro de 2008.
- Joly, C.A. 1998. Apresentação da série. In: Joly, C.A. e Bicudo, C.E.M. (orgs). Biodiversidade do Estado de São Paulo, Brasil: síntese do conhecimento ao final do século XX, 6: Vertebrados. São Paulo: Programa BIOTA/FAPESP. 5p.
- Kolling, J.A.; Batista, P.A.; Ávila-da-Silva, A.O. & Carneiro, M.H. 2008. A utilização do ambiente marinho e de seus recursos vivos pela frota pesqueira paulista: O ambiente demersal. Oceanografia e mudanças globais. Org. Elisabete de Santis Braga. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. p. 221-231.
- Kotas, J.E.; Petrere, M. Jr.; Azevedo, V.G. & Santos, S. 2006. A pesca de emalhe e de espinhel-de-superfície na região Sudeste-Sul do Brasil. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. 72p.
- Lessa, R.; Vooren, C.M.; Araújo, M.L. G.; Kotas, J.E.; Almeida, P.C.; Rincón-Filho, G.; Santana, F.M. & Sampaio, C. 2005. Plano nacional de ação para conservação e o manejo dos estoques de peixes elasmobrâquios no Brasil. Recife: Sociedade Brasileira para o Estudo de Elasmobrâquios – SBEEL. 100p.
- Lloris, D.; Matallanas, J. & Oliver, P. 2005. Hakes of the World (Family Merlucciidae): an annotated and illustrated catalogue of hake species known to date. FAO species catalogue for fisheries purpose. Rome: FAO. 57p.
- Louro, M.P. 2007. A ictiofauna do estuário do rio Itanhaém, SP, Brasil: dinâmica espaço-temporal e aspectos biológicos das espécies principais. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 248p.
- Luiz-Jr, O.J.; Carvalho-Filho, A.; Ferreira, C. E. L.; Floeter, S. R.; Gasparini, J.L. & Sazima, I. 2008 . The reef fish assemblage of the Laje de Santos Marine State Park, Southwestern Atlantic: annotated checklist with comments on abundance, distribution, trophic structure, symbiotic association, and conservation. Zootaxa (Auckland), 1807: 1-25.
- Machado, A.B.M.; Drummond, G.M. & Paglia, A.P. 2008. Livro vermelho da fauna brasileira ameaçada de extinção. Série Biodiversidade, vol. XIX. Brasília: MMA, 2 vol. 917p.
- Maciel, N.A.L. 1995. Estudo sobre a composição, distribuição, abundância e diversidade da ictiofauna de três enseadas na região litorânea de Ubatuba – São Paulo, Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 141p.
- Maciel, N.A.L. 2001. Composição, abundância e distribuição espaço-temporal da ictiofauna do complexo estuarino-lagunar de Iguape-Cananeia, São Paulo, Brasil. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 252 p +anexos.
- Magro, M. Cergole, M.C. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. 2000. Síntese de conhecimentos dos principais recursos pesqueiros costeiros potencialmente explotáveis na costa sudeste-sul do Brasil: peixes. 1 ed. Rio de Janeiro: MMA. 143p.
- Marques, A.B.; Fontana, C.S.; Vélez, E.; Bencke, G.A.; Schneider, M. & Reis, R.E. 2002. Lista das espécies da fauna ameaçada de extinção no Rio Grande do Sul. Decreto nº 41.672, de 11 de junho de 2002. Porto Alegre: FZB/MCT-PUCRS/PANGEA. 52p.

- Matsuura, K. 2002. Balistidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1963-1969.
- McEachran, J.D. & Carvalho, M. 2002. Batoid fishes. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 1: Introduction, molluscs, crustaceans, hagfishes, sharks, batoid fishes and chimaeras. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 506-590.
- Menezes, N.A. & Figueiredo, J.L. 1980. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. IV. Teleostei (3). São Paulo: Museu de Zoologia da USP. 96p.
- Menezes, N.A. & Figueiredo, J.L. 1985. Manual de peixes marinhos do sudeste do Brasil. V. Teleostei (4). São Paulo: Museu de Zoologia da USP. 105p.
- Menezes, N.A.M.; Buckup, P.A.; Figueiredo, J.L. & Moura, R.L. (Eds). 2003. Catálogo das espécies de peixes marinhos do Brasil. São Paulo: Museu de Zoologia da USP. 159p.
- Mikich, S.B. & Bérnuls, R.S. 2004. Livro vermelho da fauna ameaçada no estado do Paraná. 2004. Disponível em: <http://www.pr.gov.br/iap>. Acessado em: agosto de 2008.
- Miranda, L.V. & Carneiro, M.H. 2007. A pesca da tainha *Mugil platanaus* (Perciformes: Mugilidae) desembarcada no estado de São Paulo – subsídio ao ordenamento. São Paulo. Série Relatórios Técnicos do Instituto de Pesca, 30: 1-13.
- Moura, R.L.; Gasparini, J.L. & Sazima, I. 1999. New records and range extensions of reef fishes in the western South Atlantic, with notes on reef fish distribution along the Brazilian coast. Revista Brasileira de Zoologia, 16 (2): 513-530, 1999.
- Moura, R.L. 1995. A new species of *Chromis* (Perciformes: Pomacentridae) from Southeastern Brazil, with notes on other species of the genus. Revue Française d'Aquariologie et Herpetologie 21(3-4): 91-96.
- Moura, R.L. 2003. Riqueza de espécies, diversidade e organização de assembleias de peixes em ambientes recifais: um estudo ao longo do gradiente latitudinal da costa brasileira. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo. 620p.
- Moura, R.L. & Castro, R.M.C. 2002. Revision of Atlantic sharpnose pufferfishes (Tetraodontiformes: Tetraodontidae: *Canthigaster*), with description of three new species. Proceedings of the Biological Society of Washington 115: 32-50.
- Moura, R.L.; Figueiredo, J.L. & Sazima, I. 2001. A new parrotfish (Scaridae) from Brazil, and revalidation of *Spurisoma amplum* (Ranzani, 1842), *Spurisoma frondosum* (Agassiz, 1831), *Spurisoma axillare* (Steindachner, 1878) and *Scarus trispinosus* Valenciennes, 1840. Bulletin of Marine Science 68: 505-524.
- Natali-Neto, J.F. 1991. Ictiofauna do ecossistema tropical marinho de Ubatuba ($23^{\circ}36' - 24^{\circ}22'S$; $44^{\circ}33' - 45^{\circ}08'W$), SP, Brasil, entre 50 e 100 metros de profundidade: composição, distribuição, abundância e diversidade. Dissertação de mestrado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 2 volumes.
- Nielsen, J.G.; Cohen, D.M.; Markle, D.F. & Robins, C.R. 1999. FAO species catalogue. Volume 18 Ophidiiform Fishes of The World (Order Ophidiiformes). An annotated and illustrated catalogue of pearlfishes, cusk-eels, brotulas and other ophidiiform fishes known to date. Rome: FAO. 178p.
- Nonato, E.F.; Amaral, A.C.Z. & Figueiredo, J.L. 1983. Contribuição ao conhecimento da fauna de peixes do litoral norte do estado de São Paulo. Boletim do Instituto Oceanográfico, São Paulo, 32 (2): 143-152.
- Orrell, T.M. 2002. Centropomidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 2: Bony fishes part 1 (Acipenseridae to Grammatidae). FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1286-1293.
- Paes, E.T. 1996. As comunidades de peixes demersais do litoral norte do estado de São Paulo (Ubatuba, Brasil) e seus principais estruturadores locais regionais e históricos. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 271p.
- Paiva, M.P. 1996. Instituições de pesquisas marinhas do Brasil. Brasília: IBAMA. 463p.
- Paiva, M.P. & Andrade-Tubino, M.F. 1998. Distribuição e abundância de peixes bentônicos explotados pelos linheiros ao largo do sudeste do Brasil (1986-1995). Revista Brasileira de Biologia 58(4): 349-362.
- Paiva-Filho, A.M. 1982. Estudo da ictiofauna do Canal dos Barreiros, estuário de São Vicente, SP. Tese de livre-docência. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 189p.
- Paiva-Filho, A.M. & Schmiegelow, J.M.M. 1986. Estudos sobre a ictiofauna acompanhante da pesca do camarão sete-barbas (*Xiphopenaeus kroyeri*) nas proximidades da Baía de Santos, SP. I – Aspectos quantitativos. São Paulo. Boletim do Instituto Oceanográfico, 25: 1-6.
- Paiva-Filho, A.M. & Toscano, A.P. 1987. Estudo comparativo e variação da ictiofauna na zona entre marés do Mar Casado-Guarujá e Mar Pequeno-São Vicente, SP. São Paulo. Boletim do Instituto Oceanográfico, 35 (2): 153-165.

- Paiva-Filho, A.M.; Gianinni, R.; Ribeiro-Neto, F.B. & Schmiegelow, J.M.M. 1987. Ictiofauna do complexo baía-estuário de Santos e São Vicente, SP, Brasil. São Paulo: Relatório interno do Instituto Oceanográfico 17: 1-10.
- Passamani, M. & Mendes, S. L. (org). 2007. Espécies da fauna ameaçada de extinção do Espírito Santo. Vitória: Instituto de Pesquisas da Mata Atlântica. 140p.
- Perez, J.A.A.; Wahrlich, R.; Pezzuro, P.R.A. & Lopez, F.R.A. 2002. Estrutura e dinâmica da pescaria do peixe-sapo *Lophius gastrophysus* no sudeste e sul do Brasil. São Paulo. Boletim do Instituto de Pesca, 28(2): 205-231
- Reis, E.G. 1986a. Reproduction and feeding habits of the marine catfish *Netuma barba* (Siluriformes, Ariidae) in the estuary of Patos Lagoon (Brazil). Atlântica 8: 35-55.
- Reis, E.G. 1986b. Reproduction and feeding habits of the marine catfish *Netuma barba* (Siluriformes, Ariidae) in the estuary of Patos Lagoon (Brazil). Atlântica 8: 35-55.
- Ribeiro-Neto, F.B. 1989. Estudo da comunidade de peixes da Baía de Santos, SP. Dissertação de mestrado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 196p.
- Rocha, G.R.A. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. 1998. Demersal fish community on the inner shelf of Ubatuba, Southeastern Brazil. Revista Brasileira de Oceanografia, São Paulo, 46(2): 93-109.
- Rocha, G.R.A. 1990. Distribuição, abundância e diversidade da ictiofauna na região de Ubatuba-SP ($23^{\circ}20' - 24^{\circ}00'$ S; $44^{\circ}30' - 45^{\circ}30'$ W), Brasil. Dissertação de mestrado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 2 volumes.
- Romagosa, E.; Andrade-Talmelli, E.R.; Narahara, M.Y. & Godinho, H.M. 2000. Desova e fecundidade da tainha *Mugil platanus* (Teleostei, Mugilidae) na região estuarino-lagunar de Cananeia, São Paulo, Brasil ($25^{\circ} 01'$ S; $47^{\circ} 57'$ W). Atlântica 22: 5-12.
- Rosa, R.S. & Menezes, N.A. 1996. Relação preliminar das espécies de peixes (Pisces, Elasmobranchii, Actinopterygii) ameaçadas no Brasil. Revista Brasileira de Zoologia 13(3): 647-667.
- Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B.; Bernardes, R.A. & Cergole, M.C. 2007. Dinâmica das frotas pesqueiras comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. 343p.
- Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B.; Soares, L.S.H. & Muto, E.Y. 2008. Ictiofauna. In: Pires-Vanin, A.M.S. (org.) Oceanografia de um ecossistema subtropical. Plataforma de São Sebastião; SP. São Paulo: EDUSP. p. 381-404.
- Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. & Paes, E.T. 1993. Padrões espaciais e temporais da comunidade de peixes demersais do litoral norte do estado de São Paulo-Ubatuba, Brasil. São Paulo. Publicação especial do Instituto Oceanográfico, 10: 169-188.
- Russel, B.C. 2002. Sphyraenidae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO. p. 1807-1811.
- Santos, A.P. & Figueiredo, J.L. 2008. Guia de identificação dos peixes da família Myctophidae do Brasil. São Paulo: EDUSP. 176p.
- São Paulo – Secretaria de Estado Do Meio Ambiente. 1998. Fauna ameaçada no estado de São Paulo/Secretaria do Meio Ambiente. São Paulo. Série Documentos Ambientais (Série PROBIO). 56p.
- Sazima, I.; Moura, R.L. & Rosa, R.S. 1997. *Elacatinus figaro* sp.n (Perciformes: Gobiidae), a new cleaning goby from the western South Atlantic. Aqua Journal of Ichthyology and Aquatic Biology, 2(3). p. 33-38.
- Sazima, I.; Gasparini, J.L. & Moura, R.L. 1998. *Gramma brasiliensis*, a new basslet from the western South Atlantic (Perciformes: Grammatidae). Aqua, 3: 33-43.
- Tomas, A.R.G. 1996. Biologia e pesca do falso congro-rosa *Ophidion holbrooki* (Teleostei, Ophidiiformes) no sudeste do Brasil. Dissertação de mestrado. Rio Claro: Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho. 272p.
- Vaz-dos-Santos, A.M. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. 2007. Age and growth of the Argentine hake *Merluccius hubbsi* Marini, 1933 in the Brazilian South-Southeast region during 1996-2001. Neotropical Ichthyology, 5(3): 375-386.
- Vaz-dos-Santos, A.M.; Honji, R. M. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. 2005. Comprimento e idade de primeira maturação gonadal de fêmeas de merluza *Merluccius hubbsi* Marini, 1933 na região Sudeste-Sul do Brasil. Boletim do Instituto de Pesca, São Paulo, 31(2): 109-117.
- Vaz-dos-Santos, A.M. & Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. 2005. *Merluccius hubbsi*. In: Cergole, M.C.; Ávila-da-Silva, A.O. e Rossi-Wongtschowski, C.L.D.B. (Eds). Análise das principais pescarias comerciais da região Sudeste-Sul do Brasil: Dinâmica populacional das espécies em exploração. Série Documentos REVIZEE – Score Sul. São Paulo: Instituto Oceanográfico – USP. p. 88-93.
- Vazzoler, A.E.A. de. 1969. Ictiofauna da baía de Santos. I Sciaenidae (Percoidea. Percoporphi). Boletim do Instituto Oceanográfico, São Paulo, 18(1): 11-26.

- Vianna, M.; Rodrigues, A.M.T. & Lin, C.F. 2007. Descrição da pescaria de peroá (*Balistes capriscus*) com a utilização do puçá-grande no sudeste do Brasil. São Paulo. Boletim do Instituto de Pesca, 33(2): 229-236.
- Vooren, C.M. & Klippel, S. (Org.). 2005a. Ações para a conservação de tubarões e raias no sul do Brasil. 1. ed. Porto Alegre: Igaré. 261p.
- Vooren, C.M. & Klippel, S. 2005b. Ações para a conservação de tubarões e raias na plataforma Sul. In: Vooren, C.M. & Klippel, S. (Eds). Ações para a conservação de tubarões e raias no sul do Brasil. Porto Alegre: Igaré. Cap. 14: 230-246.
- Vooren, C.M. & Klippel, S. 2005c. Diretrizes para a conservação de espécies ameaçadas de elasmobrânquios. In: Vooren, C.M. & Klippel, S. (Eds). 2005. Ações para a conservação de tubarões e raias no sul do Brasil. Porto Alegre: Igaré. Cap.13: 214-228.
- Vooren, C.M. & Klippel, S. 2005d. Biologia e status de conservação dos cações-anjo *Squatina guggenheim*, *S. occulta* e *S. argentina*. In: Vooren, C.M. & Klippel, S. (Eds). 2005. Ações para a conservação de tubarões e raias no sul do Brasil Porto Alegre: Igaré. Cap.4: 58-82.
- Vooren, C.M.; Klippel, S. & Galina, A.B. 2005a. Biologia e status de conservação dos tubarões-martelo *Sphyrna lewini* e *S. sygaena*. In: Vooren, C.M. & Klippel, S. (Eds). 2005. Ações para a conservação de tubarões e raias no sul do Brasil. Porto Alegre: Igaré. Cap. 6: 98-112.
- Vooren, C.M.; Lessa, R.P. & Klippel, S. 2005b. Biologia e status de conservação da viola, *Rhinobatos horkelii*. In: Vooren, C.M. & Klippel, S. (Eds). Ações para a conservação de tubarões e raias no sul do Brasil. Porto Alegre: Igaré. Cap. 3: 34-56.
- Wahrlich, R. Perez, J.A.A. & Lopez, F.R.A. 2004. Aspectos tecnológicos da pesca do peixe-sapo *Lophius gastrophysus* com rede de emalhar no sudeste e sul do Brasil. São Paulo. Boletim do Instituto de Pesca, 30(1): 87-98.
- Westneat, M.W. 2002. Scaridae. In: Carpenter, K.E. (ed.). The living marine resources of the Western Central Atlantic. Volume 3: Bony fishes part 2 (Opistognathidae to Molidae), sea turtles and marine mammals. FAO species identification guide for fishery purposes and American Society of Ichthyologists and Herpetologists special publication Nº 5. Rome: FAO.p. 1723-1739.
- Whitehead, P.J.P. 1985. FAO Species Catalogue Vol. 7. Clupeoid fishes of the world (Suborder Clupoidei): an annotated and illustrated catalogue of the Herrings, Sardines, Pilchards, Sprats, Shads, Anchovies and Wolf-herrings Part 1 - Chirocentridae, Clupeidae and Pristigasteridae. Rome: FAO. 303p.
- Wootton, J.R. 1998. Ecology of teleost fishes. 2nd Ed. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers. 386p.
- Zani-Teixeira, M. L. & Paiva-Filho, A.M. 1981. Contribuição ao conhecimento da fauna íctica costeira da região de Peruíbe-SP. II. Diversidade faunística. Revista Brasileira de Biologia, 41(2): 291-294.
- Zani-Teixeira, M. L. 1983. Contribuição ao conhecimento da ictiofauna da baía de Trapandé, complexo estuarino-lagunar de Cananeia, SP. Dissertação de mestrado. São Paulo: Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo. 82p.

SÍNTESE

Autor

Maria Cecília Martins Kierulff

Status atual de conservação dos vertebrados no Estado de São Paulo

Listas de espécies ameaçadas são importantes instrumentos para a conservação da fauna, pois a partir da identificação do táxon ameaçado e da ameaça é possível propor medidas para reverter o processo de declínio e evitar a extinção, além de garantir sua sobrevivência a longo prazo com a proteção e restauração de seu habitat, conexão de populações fragmentadas, interrupção e término da ameaça, aumento das populações naturais através de manejo etc. As listas de fauna ameaçada também auxiliam nas tomadas de decisão para licenciamento de empreendimentos, ajudam na definição de área e habitat prioritário para a conservação, como por exemplo para a criação de unidades de conservação, indicam melhores estratégias de investimentos em programas de conservação da fauna do estado e de diretrizes para a educação ambiental, permitem o tratamento diferenciado para penalidades de crimes ambientais e auxiliam na identificação de lacunas de conhecimento, entre outros benefícios.

A atual lista de vertebrados ameaçados no Estado de São Paulo é formada por 436 espécies e subespécies, incluindo os peixes marinhos classificados como Colapsados (CO), Sobrexploados (SE) e Ameaçados de Sobrexploatação (AS), que representam 17% do total de vertebrados conhecidos para São Paulo (Tabela 1). As espécies incluídas na lista estão sofrendo risco de extinção e podem desaparecer em um curto espaço de tempo se nada for feito.

Dez espécies estão Regionalmente Extintas entre as quais um anfíbio endêmico do estado, ou seja, que ocorria apenas em São Paulo. Oitenta e seis táxons foram considerados Quase Ameaçados (NT), o que significa que ainda não estão sob ameaça, mas demandam atenção, pois sua situação pode piorar. Uma surpresa foi o número elevado de vertebrados classificados como DD (Dados Deficientes) - espécies sobre as quais não existem informações suficientes para avaliar o estado de conservação (Tabela 1). Ao todo, 161 táxons foram considerados DD, destacando-se 1/4 dos mamíferos e 1/5 dos anfíbios que ocorrem em São Paulo (Tabela 1).

Grupo	Total de táxons em SP*	RE	Ameaçadas de Extinção	NT	DD
Mamíferos	240	-	38 (16%), sendo 9 CR; 6 EN; 23 VU	22 (9%)	58 (24%)
Aves	789	1	171 (22%), sendo 69 CR; 33 EN; 69 VU	47 (6%)	33 (4%)
Répteis	216	-	33 (15%), sendo 3 CR; 9 EN; 21 VU	2 (1%)	8 (4%)
Anfíbios	226	1	11 (5%), sendo 4 CR; 2 EN; 5 VU	7 (3%)	45 (20%)
Peixes (água doce)	350	1	65 (16%), sendo 16 CR; 15 EN; 34 VU	8 (2%)	17 (5%)
Peixes (marinhos)	650	7	16 (2,5%), sendo as 16 CO	-	-
TOTAL	2584	10	436 (17%)	86 (3%)	161 (6%)

Tabela 1.
Lista de 2008 dos vertebrados ameaçados de extinção no Estado de São Paulo.

* Lista total de espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes de água doce nos Anexos 5 a 9.

CO = Colapsada (peixes marinhos cuja exploração foi tão intensa que reduziu a um nível crítico a biomassa, o potencial de reprodução e as capturas, comprometendo severamente uma eventual recuperação); SE = Sobrexploitada (peixes marinhos cuja exploração foi tão intensa que reduziu significativamente a biomassa, o potencial de reprodução e as capturas ou aquelas cujo habitat foi tão intensamente degradado que reduziu sua presença a poucas localidades, em ambos os casos podendo colapsar caso o monitoramento e medidas de gestão não sejam efetivamente); AS = espécie Ameaçada de Sobrexploatação (peixes marinhos cuja redução da biomassa ou do potencial de reprodução ou das capturas ou da área de ocorrência é evidente, requerendo monitoramento e medidas de gestão); CR = Criticamente em Perigo; EN = Em Perigo; VU = Vulnerável; DD = Dados Deficientes; NT = Quase Ameaçada; RE = Regionalmente Extinta.

Lista anterior de espécies ameaçadas no estado de São Paulo

Nos últimos dez anos, inúmeras novas espécies foram descritas, elevando o número total de vertebrados que ocorrem em São Paulo. Além disso, o conhecimento sobre vários táxons é maior hoje do que quando as informações para a primeira lista da fauna ameaçada de São Paulo foram levantadas.

Na lista de 1998 algumas espécies foram classificadas como Provavelmente Extintas (PE), o que hoje seria equivalente à categoria Regionalmente Extinto (RE) – apesar de que as exigências e o esforço de procura para considerar uma espécie extinta atualmente são muito maiores. Além disso, naquela ocasião, quando os dados disponíveis foram insuficientes para se chegar a uma conclusão sobre o *status* de conservação, as espécies foram consideradas presumivelmente ameaçadas de extinção e incluídas numa categoria denominada Provavelmente Ameaçada (PA). Na atualização da lista de São Paulo, e de acordo com os novos critérios da IUCN, as espécies sobre as quais não existem informações suficientes foram classificadas como Dados Deficientes (= DD), pois a falta de informações sobre um táxon não o coloca necessariamente como ameaçado.

Um total de 2.047 táxons foi avaliado em 1998, tendo sido incluídos 253 (12%) como “Ameaçados” e 161 (8%) como “Provavelmente Ameaçados” (São Paulo, 1998). No entanto, a lista atual não pode ser comparada àquela lista. Apesar de ambas terem usado nomes iguais para algumas categorias (Criticamente em Perigo, Em Perigo e Vulnerável), a versão anterior não seguiu os critérios da IUCN, que foram publicados apenas em 2001 (IUCN, 2001). Assim, os métodos, tanto para a avaliação quanto para a classificação das espécies, foram diferentes. Por isso não é correto estabelecer paralelos e comparações entre as duas listas.

As principais ameaças e medidas para a conservação

As principais ameaças para a conservação das espécies de vertebrados em São Paulo são: destruição e fragmentação do habitat, caça predatória, captura de animais, pesca, poluição, introdução de espécies exóticas e falta de conhecimento sobre as espécies, o que dificulta sua proteção e o manejo das populações remanescentes.

O Estado de São Paulo é coberto por remanescentes de Mata Atlântica e Cerrado, dois ecossistemas incluídos na lista dos *hotspots* mundiais de biodiversidade: áreas excepcionalmente ricas em diversidade de espécies e endemismos, mas seriamente ameaçadas, pois já perderam

mais de 75% de sua cobertura original (Myers *et al.*, 2000). Várias espécies ameaçadas de extinção ocorrem apenas na Mata Atlântica do estado, pois, com exceção da Serra do Mar, que ainda possui uma grande área contínua de Mata Atlântica conservada, o que restou de vegetação nativa, principalmente no interior do estado, está fragmentado em remanescentes pequenos e isolados. Atualmente, menos de 14% da superfície do Estado está coberta por florestas em diferentes estágios de regeneração (São Paulo, 2005). Além disso, todas as espécies de répteis e anfíbios endêmicas das ilhas costeiras foram incluídas em alguma categoria de ameaça, por apresentarem distribuições restritas e se encontrarem sob diferentes tipos de degradação e intervenção humana, o que pode causar a extinção de suas populações únicas num período muito curto de tempo.

Quanto ao Cerrado, diferentes formações desse bioma recobriam, originalmente, aproximadamente 14% do território paulista. Contudo, em 2000-2001 restavam menos de 1,2% deste total (São Paulo, 1997; São Paulo, 2005). Por serem pouco protegidas pela legislação existente e se localizarem em áreas de grande interesse para a agricultura, sua taxa de desmatamento, nos últimos 30 anos, foi da ordem de 88% do que existia no estado. Segundo o Inventário Florestal do Estado de São Paulo, de 2005, o estado possui 210.074 hectares de diferentes fisionomias do Cerrado, incluindo Campos. Entretanto, os remanescentes de Cerrado estão muito fragmentados e distribuídos em 7.505 fragmentos, com 71% deles menores do que 20 hectares (São Paulo, 2005). Como consequência, a grande maioria dos vertebrados endêmicos do Cerrado está ameaçada de extinção em São Paulo.

As principais medidas para a conservação das espécies incluem proteção e restauração do habitat, fiscalização para impedir o desmatamento e a caça/captura ilegais, além de estudos sobre a biologia e inventários para definição da distribuição das espécies, estudos genéticos, manutenção de populações *ex-situ*, manejos e desenvolvimento de programas de educação ambiental.

Na lista atual os peixes marinhos foram classificados de acordo com sua área de ocorrência e exploração (recursos de interesse socioeconômico) e, posteriormente, será proposta uma resolução com recomendações específicas para a conservação e/ou recuperação desses peixes:

- I. Regionalmente extintas: suspensão total das capturas por prazo indeterminado, exceto para pesquisa científica devidamente auto-

- rizada; apoio a medidas de gestão e recuperação nas áreas onde a espécie ainda ocorre.
- II. Colapsadas: suspensão das capturas, exceto para pesquisa científica devidamente autorizada, até que um plano de recuperação seja elaborado e aprovado; elaboração e aprovação de um plano de recuperação, no prazo máximo de três anos, sem prejuízo da aplicação de medidas de ordenamento existentes;
 - III. Sobreexplotadas: elaboração e aprovação de um plano de gestão no prazo máximo de três anos, visando a recuperação dos estoques e a sustentabilidade da pesca, sem prejuízo da aplicação de medidas de ordenamento existentes;
 - IV. Ameaçadas de sobreexploração: elaboração e aprovação de um plano de gestão no prazo máximo de cinco anos, visando a manutenção dos estoques e a sustentabilidade da pesca, sem prejuízo da aplicação de medidas de ordenamento existentes.

Referências bibliográficas

- Myers, N; Mittermeier, R.A.; Mittermeier, C.G.; Fonseca, G.A.B. & Kent, J. 2000. Biodiversity hotspots for conservation priorities. *Nature* 403: 853-845.
- IUCN 2001. IUCN Red List Categories and Criteria: Version 3.1. IUCN Species Survival Commission. IUCN, Gland, Switzerland and Cambridge, UK. ii + 30 pp.
- São Paulo. 1997. Cerrado: bases para conservação e uso sustentável das áreas de cerrado do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo.
- São Paulo, 1998. Lista das espécies ameaçadas de extinção da fauna do Estado de São Paulo. Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo
- São Paulo. 2005. Inventário florestal da vegetação natural do Estado de São Paulo. Secretaria do Meio Ambiente, Instituto Florestal, São Paulo.

ANEXOS

A N E X O 1

Questionário para a Consulta Ampla

(Adaptado do questionário desenvolvido pela
Fundação Biodiversitas)

Questionário para a Consulta Ampla (Adaptado do questionário desenvolvido pela Fundação Biodiversitas)

1. Responsável(is) pelo preenchimento do formulário: (nome, instituição, endereço, email, telefone)
2. Nome científico do táxon avaliado:
3. Nomes comuns: (enfatizar e indicar os nomes usados em São Paulo)
4. Informações gerais sobre o táxon:
 - a) Dados populacionais, área de vida, etc.
 - b) Plasticidade (capacidade ou não de adaptação às alterações antrópicas).
5. Domínios em que ocorre: (a) Mata Atlântica; (b) Cerrado; (c) ambiente marinho; (d) ambiente de água doce.
6. Ambiente/Tipos vegetacionais aos quais se associa:

<input type="checkbox"/> Mata Ciliar	<input type="checkbox"/> Ambientes Marinhos
<input type="checkbox"/> Campo limpo	<input type="checkbox"/> arrebentação (até 10m)
<input type="checkbox"/> Campo de altitude	<input type="checkbox"/> plataforma interna (de 10m até 50m)
<input type="checkbox"/> Campo Cerrado	<input type="checkbox"/> plataforma externa (de 50m até a borda da plataforma)
<input type="checkbox"/> Cerrado	<input type="checkbox"/> oceânico (da borda da plataforma até 200 milhas náuticas)
<input type="checkbox"/> Cerradão	<input type="checkbox"/> recifal
<input type="checkbox"/> Várzea	<input type="checkbox"/> Costão rochoso
<input type="checkbox"/> Floresta ombrófila densa	<input type="checkbox"/> Restinga
<input type="checkbox"/> Floresta ombrófila mista	<input type="checkbox"/> Lago/lagoa
<input type="checkbox"/> Floresta Estacional	<input type="checkbox"/> Rio
<input type="checkbox"/> Ambientes de transição: <input type="checkbox"/> Mangue;	<input type="checkbox"/> Riacho
<input type="checkbox"/> Estuário.	<input type="checkbox"/> Poças temporárias
	<input type="checkbox"/> Outros (especificar) _____
7. Unidades de Conservação com ocorrência confirmada: (lista de UCs, com exceção de APAs)
Obs: Incluir áreas protegidas federais, estaduais, municipais e particulares.
8. Localidades com registro da espécie (experiência pessoal, informações publicadas e não publicadas, teses, etc.). Caso exista, incluir registros com coordenadas geográficas.
O registro foi feito há () < 10 anos; () entre 10 e 20 anos; () + de 20 anos.
9. Localidades onde a espécie provavelmente já desapareceu.
10. Análise de inclusão da espécie na lista de ameaçadas e em qual categoria da IUCN. (Os *Guidelines* da IUCN devem ser lidos antes de se usar os critérios para a avaliação das espécies)

Questionário para a Consulta Ampla (Adaptado do questionário desenvolvido pela Fundação Biodiversitas)

A. População em declínio:

Redução populacional: observada; estimada; inferida; suspeita. Com base em:

- 1) Redução já ocorrida. Causas da redução reversíveis, conhecidas e já ausentes. Taxa de redução em dez anos ou três gerações de:
 50-70%; 70-90%; >90%. Quais as causas? _____
- 2) Redução já ocorrida. Causas de redução ainda atuantes ou pouco conhecidas ou irreversíveis. Taxa de redução em dez anos ou três gerações de:
 30-50%; 50-80%; >80%. Quais as causas? _____
- 3) Redução projetada para os próximos 10 anos ou três gerações. Taxa de redução de:
 30-50%; 50-80%; >80%. Quais as causas? _____
- 4) Redução já ocorrida e projetada envolvendo período de 10 anos ou três gerações. Taxa de redução de:
 30-50%; 50-80%; >80%. Quais as causas? _____

B. Distribuição restrita e declínio ou flutuação (considerar a distribuição da espécie no Estado)

1) Extensão da ocorrência em São Paulo: 20.000-5.000 km²; 5.000-100 km²; < 100 km²

2) Área de ocupação em São Paulo: 2.000-500 km²; 500-10 km²; <10 km²

Eduas das seguintes situações:

a. Distribuição geográfica altamente fragmentada em São Paulo. O taxón ocorre em:

Não mais que 10 localidades; Não mais que 5 localidades; Apenas uma localidade.

b) Diminuição contínua em:

extensão da ocorrência; área de ocupação; área, extensão ou qualidade do habitat;
 número de localidades ou subpopulações; número de indivíduos adultos.

c) Flutuações extremas na

extensão da ocorrência; área de ocupação; número de localidades ou subpopulações; número de indivíduos maduros.

Questionário para a Consulta Ampla (Adaptado do questionário desenvolvido pela Fundação Biodiversitas)

C. Tamanho populacional reduzido e em declínio

Número de indivíduos maduros na população 10.000-2.500; 2.500-250; <250

e uma das seguintes situações:

C1. Declínio populacional contínuo estimado em:

10% em 10 anos ou 3 gerações (o mais longo); 20% em 5 anos ou 2 gerações (o mais longo); 25% em 3 anos ou 1 geração (o mais longo).

C2. Declínio populacional contínuo e pelo menos uma das situações:

a) Populações estruturadas da seguinte forma:

(i) Nenhuma subpopulação com mais de: 1.000; 250; 50 indivíduos.

(ii) Número de indivíduos em uma subpopulação: 100%; 95-100%; 90-95%

b) flutuações extremas no número de indivíduos maduros.

D. População restrita e de tamanho reduzido em São Paulo:

1) Número de indivíduos maduros: 1.000-250; 250-50; <50

2) Área de ocupação < 20 km² ou cinco ou menos localidades, de modo que o táxon pode ser afetado por atividades antrópicas ou eventos estocásticos em período muito curto de tempo, podendo assim tornar-se criticamente em perigo ou mesmo extinto.

E. Análise quantitativa

Indicação de probabilidade de extinção na natureza de pelo menos:

50% em 10 anos ou 3 gerações (máximo de 100 anos); 20% em 20 anos ou 5 gerações (máximo de 100 anos); 10% em 100 anos.

11. Ameaças: (máximo 4 opções, de 1 a 4 em ordem decrescente de importância):

Destruição e/ou alteração do habitat por:

- Desmatamento;
- Fogo;
- Turismo e lazer;
- Obras de engenharia/especulação imobiliária;
- Fragmentação;
- Mudanças climáticas;
- Poluição;
- Assoreamento;
- Outras _____
- Introdução de espécies exóticas;
- Caça;
- Pesca predatória;
- Tráfico;

Desequilíbrio ecológico causando:

- Competição;
- Patógenos/parasitas;
- Hibridismo;
- Predação;
- Outros: _____

Perda de recurso chave: alimento; local de nidificação; esconderijo; acesso à água, etc.

Outras (especificar): _____

Justificar ameaças propostas _____

Questionário para a Consulta Ampla (Adaptado do questionário desenvolvido pela Fundação Biodiversitas)

12. Medidas para a conservação: (máximo de 4 opções, de 1 a 4 em ordem decrescente de importância).

- Pesquisa Científica;
- Taxonomia, distribuição; Biologia/ecologia;
- Proteção de habitat;
- Recuperação de habitat;
- Conexão de fragmentos;
- Criação de Unidade de Conservação;
- Educação Ambiental;
- Fiscalização para evitar a caça;
- Fiscalização para evitar desmatamento;
- Controlar a pesca através de (marcar quantos forem necessários):
 - fiscalização
 - manejo participativo
 - redução do esforço de pesca/coleta
 - restrições espaciais de pesca/coleta
 - restrições temporais de pesca/coleta
 - cotas de captura/coleta
 - moratória de pesca/coleta
 - comprimento corporal mínimo de pesca/coleta
 - adotar técnicas de captura/coleta apropriadas e regulamentadas
 - agregar valor à cadeia produtiva
- Programa de conservação *ex situ*;
- Manejo *in situ* (reintrodução, translocação, suplementação, metapopulação etc.);
- Controle/erradicação de espécies invasoras;
- Outras (especificar): _____

13. Comentários adicionais:

14. Pesquisadores que trabalham com a espécie:

A N E X O 2

Lista dos consultores que
responderam à Consulta Ampla

Lista dos consultores que responderam à Consulta Ampla

Mamíferos

Beatriz de Mello Beisiegel

Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Atibaia, SP.

Flávia Miranda

Global Health Programs, WildLife Conservation Society, São Paulo, SP.

José Maurício B. Duarte

Núcleo de Pesquisa e Conservação de Cervídeos, Departamento de Zootecnia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Jaboticabal, SP.

Marcio Port-Carvalho

Divisão de Florestas e Estações Experimentais, Instituto Florestal do Estado de São Paulo, São Paulo, SP.

Mário Manoel Rollo Júnior

Campus Experimental do Litoral Paulista, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Vicente, SP.

Renata Pardini

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, SP.

Rogério Cunha de Paula

Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Atibaia, SP.

Ronaldo Gonçalvez Morato

Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Atibaia, SP.

Yuri Luiz Reis Leite

Departamento de Biologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES.

Aves

Mauro Galetti

Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Carlos Candia-Gallardo

Departamento de Ecologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Reginaldo Donatelli

Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Bauru, SP.

Dante Renato Corrêa Buzzetti

Centro de Estudos Ornitológicos, São Paulo, SP

Fausto Pires de Campos

Divisão de Reservas e Parques Estaduais, Instituto Florestal do Estado de São Paulo, São Paulo, SP.

Cláudia Terdiman Shaalmann

Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais (DEPRN), Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo, SP.

Anelisa Magalhães

Divisão Técnica de Medicina Veterinária e Biologia da Fauna, Departamento de Parques e Áreas Verdes (DEPAVE – 3), Secretaria Municipal de Verde e Meio Ambiente, São Paulo, SP.

Guilherme Rocha Brito

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, SP.

Bruno Lima

Autônomo

Fábio Olmos Corrêa Neves

Biota Consultores em Meio Ambiente S A., São Vicente, SP.

Carlos Otávio Araujo Gussoni

Instituto de Biociências, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

André de Luca

Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil - SAVE Brasil, São Paulo, SP.

Edson Endrigo

Autônomo

Marco Aurélio Pizo Ferreira

Centro de Ciências da Saúde, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

Tatiana Neves

Projeto Albatroz, Santos, SP.

Peter Mix

Autônomo

Répteis

Cristiano de Campos Nogueira

Conservação Internacional, Brasília, DF.

Flávio de Barros Molina

Universidade Ibirapuera, São Paulo, SP.

Lista dos consultores que responderam à Consulta Amplia

Julio Cesar de Moura-Leite

Laboratório de Herpetologia, Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, PR.

Otavio Augusto Vuolo Marques

Laboratório de Ecologia e Evolução, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Anfíbios

Bruno Vergueiro Silva Pimenta

BBM Consultoria Ambiental Ltda, Belo Horizonte, MG.

Bianca von Müller Berneck

Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Carlos Eduardo Conte

Sociedade Fritz Müller de Ciências Naturais, Curitiba, PR.

Cinthia Aguirre Brasileiro

Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Cybele de Oliveira Araújo

Divisão de Dasonomia. Instituto Florestal do Estado de São Paulo, São Paulo, SP

Cynthia Peralta de Almeida Prado

Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Jaboticabal, SP.

Denise C. Rossa-Feres

Departamento de Zoologia e Botânica, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, SP.

Fausto Nomura

Departamento de Zoologia e Botânica, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, SP.

Itamar Alves Martins

Departamento de Biologia, Universidade de Taubaté, Taubaté, SP.

Luis Felipe Toledo

Museu de Zoologia Prof. Dr. Adão José Cardoso, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

Leo Ramos Malagoli

Divisão Técnica de Unidades de Conservação e Proteção da Biodiversidade, Secretaria do Verde e do Meio Ambiente, Prefeitura Municipal de São Paulo, São Paulo, SP. Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP

Luciano Mendes Castanho

Departamento de Morfologia e Patologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Sorocaba, SP.

Luís Olímpio Menta Giasson

Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Rio Claro, SP.

Magno Vicente Segalla

Laboratório de Herpetologia, Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, PR.

Monique Van-Sluys

Departamento de Ecologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Paulo Christiano de Anchietta Garcia

Departamento de Zoologia, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Renato Neves Feio

Departamento de Biologia Animal, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG.

Ricardo J. Sawaya

Laboratório de Ecologia e Evolução, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Vanessa Kruth Verdade

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Peixes de água doce

Danilo Caneppele

Estação de Hidrobiologia e Aquicultura de Paraibuna, Companhia Energética de São Paulo, Paraibuna, SP.

Eleonora Trajano

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Francisco Manoel de Souza Braga

Departamento de Zoologia, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, SP.

Ivan Sazima

Museu de Zoologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Valdener Garutti

Departamento de Zoologia e Botânica, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, SP.

Lista dos consultores que responderam à Consulta Ampla

Peixes marinhos

Acácio Ribeiro Gomes Tomás

Centro de Pesquisa Pesqueira Marinha, Instituto de Pesca - SAA/APTA, Santos, SP.

Alberto Ferreira de Amorim

Instituto de Pesca - SAA/APTA, Santos, SP.

Ivan Sazima

Museu de Zoologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

Rafael Cabrera Namora

Faculdade de Ciências Biológicas de São Vicente, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Vicente, SP.

Ronaldo Bastos Francini-Filho

Departamento de Biologia, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, PB.

Venâncio Guedes de Azevedo

Instituto de Pesca - SAA/APTA, Ubatuba, SP - Brasil

A N E X O 3

Lista de participantes das
reuniões temáticas

Lista de participantes das reuniões temáticas

Mamíferos

Alexandre Reis Percequillo

Departamento de Ciências Biológicas, Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Piracicaba, SP.

Alexandre Vogliotti

Departamento de Zootecnia, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Jaboticabal, SP.

Ana Paula Carmignotto

Universidade Federal de São Carlos, Campus Sorocaba, SP.

Márcio Port Carvalho

Divisão de Dasonomia, Instituto Florestal do Estado de São Paulo, São Paulo, SP.

Maria Cecília Martins Kierulff

Fundação Parque Zoológico de São Paulo, São Paulo, SP.

Mario Manoel Rollo Junior

Campus Experimental do Litoral Paulista, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São Vicente, SP.

Michel Miretzki

Autônomo

Renata Pardini

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Rogério Cunha de Paula

Centro Nacional de Pesquisas para Conservação dos Predadores Naturais, Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade, Atibaia, SP.

Aves

Alexsander Zamorano Antunes

Divisão de Dasonomia, Instituto Florestal do Estado de São Paulo, São Paulo, SP.

Angélica Midori Sugieda

Gerência de Desenvolvimento Sustentável, Diretoria de Assistência Técnica, Fundação Florestal, São Paulo, SP.

Cláudia Terdiman Shaalmann

Departamento Estadual de Proteção de Recursos Naturais (DEPRN), Secretaria de Estado do Meio Ambiente, São Paulo, SP.

Herculano Marcos Ferraz de Alvarenga

Museu de História Natural de Taubaté, Taubaté, SP

Luís Fábio Silveira

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.
Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, SP.

Fábio Schunck

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Giulyana Althmann Benedicto

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Pedro Ferreira Develey

Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil - SAVE Brasil, São Paulo, SP.

Répteis

Cristiano de Campos Nogueira

Conservação Internacional, Brasília, DF.

Flávio de Barros Molina

Universidade Ibirapuera, São Paulo, SP.

Francisco Luís Franco

Laboratório de Herpetologia, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Hebert Ferrarelli

Laboratório de Ecologia e Evolução, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Marcio Martins

Departamento de Ecologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Miguel Trefaut Urbano Rodrigues

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Otavio Augusto Vuolo Marques

Laboratório de Ecologia e Evolução, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Renato Silveira Bérnuls

Departamento de Vertebrados, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ.

Ricardo J. Sawaya

Laboratório de Ecologia e Evolução, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Valdir José Germano

Laboratório de Herpetologia, Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Anfíbios

Célio Fernando Baptista Haddad

Departamento de Zoologia. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Rio Claro, SP.

Cynthia Peralta de Almeida Prado

Departamento de Morfologia e Fisiologia Animal. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Jaboticabal, SP.

Lista de participantes das reuniões temáticas

Denise C. Rossa-Feres

Departamento de Zoologia e Botânica. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, SP.

Itamar Alves Martins

Departamento de Biologia, Universidade de Taubaté, Taubaté, SP.

Luis Felipe Toledo

Museu de Zoologia Prof. Dr. Adão José Cardoso. Universidade Estadual de Campinas. Campinas, SP.

Magno Vicente Segalla

Laboratório de Herpetologia. Museu de História Natural Capão da Imbuia, Curitiba, PR.

Márcio Martins

Departamento de Zoologia. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Paulo Christiano de Anchietta Garcia

Departamento de Zoologia. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG.

Ricardo J. Sawaya

Laboratório de Ecologia e Evolução. Instituto Butantan, São Paulo, SP.

Vanessa Kruth Verdade

Departamento de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Peixes de água doce

Alexandre Pires Marcenik

Núcleo Integrado de Biotecnologia, Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, SP.

Alexandre Wagner Silva Hilsdorf

Núcleo Integrado de Biotecnologia, Universidade de Mogi das Cruzes, Mogi das Cruzes, SP.

Carla Simone Pavanello

Nupélia (Núcleo de Pesquisa em Limnologia, Ictiologia e Aquicultura). Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR.

Dalton Tavares Bressane Nielsen

Autônomo

Flávio César Thadeo de Lima

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Francisco Langeani

Departamento de Zoologia e Botânica, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", São José do Rio Preto, SP.

Naércio Aquino Menezes

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Oscar Akio Shibatta

Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR.

Osvaldo Takeshi Oyakawa

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Peixes Marinhos

André M. Vaz-dos-Santos

Curso de Ciências Biológicas, Universidade São Judas Tadeu, São Paulo, SP.

Antônio Olinto Ávila-da-Silva

Centro Avançado de Pesquisa Tecnológica do Agronegócio do Pescado Marinho, Instituto de Pesca - SAA/APTA, Santos, SP.

Carmen Lúcia D. B. Rossi-Wongtschowski

Laboratório de Ictiofauna, Instituto Oceanográfico da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

José Lima de Figueiredo

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Marcus R. da Costa

Centro Universitário Módulo, São Paulo, SP.

Naércio Aquino Menezes

Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP.

Rodrigo Leão de Moura

Programa Marinho, Instituto Conservation International do Brasil, Caravelas, BA.

A N E X O 4

Diário Oficial
Estado de São Paulo

Volume 118 • Número 187 • São Paulo, sexta-feira, 3 de outubro de 2008
www.imprensaoficial.com.br

**DECRETO Nº 53.494,
DE 2 DE OUTUBRO DE 2008**

Declara as Espécies da Fauna Silvestre Ameaçadas, as Quase Ameaçadas, as Colapsadas, Sobrexploadas, Ameaçadas de Sobrexplocação e com dados insuficientes para avaliação no Estado de São Paulo e dá providências correlatas

JOSÉ SERRA, Governador do Estado de São Paulo, no uso de suas atribuições legais,

Considerando que ao Estado se impõe o dever de proteger a fauna e a flora, vedadas, na forma da lei, as práticas que coloquem em risco sua função ecológica, provoquem a extinção de espécies ou submetam os animais à crueldade, nos termos do artigo 225, § 1º, VII e do 23, VII, da Constituição Federal;

Considerando o disposto na Lei Federal nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998, e no Decreto Federal nº 6.514, de 22 de julho de 2008, que dispõe sobre a proteção à fauna, cujas condutas anteriormente definidas como contravenções foram criminalizadas;

Considerando que a primeira lista das espécies da fauna silvestre ameaçadas de extinção e as provavelmente ameaçadas de extinção no Estado de São Paulo foi publicada em fevereiro de 1998, pelo Decreto nº 42.838, de 4 de fevereiro de 1998;

Considerando a necessidade de atualização desta lista periodicamente; e

Considerando que a realização dos procedimentos para a atualização do Decreto nº 42.838, de 4 de fevereiro de 1998, foi efetivada no âmbito do Projeto Ambiental Estratégico Fauna Silvestre e do Programa de Proteção à Fauna Silvestre do Estado de São Paulo, sob coordenação da Fundação Parque Zoológico de São Paulo, no período de abril a setembro de 2008, com a colaboração de especialistas, e apresentou como resultado final a atualização das espécies ameaçadas de extinção em território paulista, baseados nos critérios da União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN),

Decreta:

Artigo 1º - Ficam declaradas ameaçadas de extinção no território paulista:

I - como espécies de vertebrados da fauna silvestre, as constantes do Anexo I deste decreto;

II - como espécies colapsadas, sobrexploadas e ameaçadas de sobrexplocação, as constantes do Anexo II deste decreto;

III - como espécies quase ameaçadas, as constantes do Anexo III deste decreto;

IV - como espécies que não se possue informações suficientes para análise do seu grau de conservação, as constantes do Anexo IV deste decreto;

V - como espécies de invertebrados ameaçados, as constantes do Anexo V deste decreto.

Artigo 2º - Para os efeitos deste decreto considera-se:

I - "táxon": qualquer unidade taxonômica, sem especificação da categoria, podendo ser gênero, espécie, subespécie, variedade;

II - "regionalmente extinto" (RE): um táxon está extinto em uma determinada região, quando não há dúvida de que o último indivíduo morreu, presumindo-se que um táxon esteja extinto quando inventários exaustivos em seu "habitat" conhecido e/ou esperado em tempos apropriados ao longo de toda a sua distribuição histórica não registram qualquer indivíduo;

III - "criticamente em perigo" (CR): espécies que apresentam um risco extremamente alto de extinção na natureza em futuro muito próximo, sendo que esta situação é decorrente de profundas alterações ambientais ou de alta redução populacional ou, ainda, de intensa diminuição da área de distribuição do táxon em questão (Anexo I);

IV - "em perigo" (EN): espécies que apresentam um risco muito alto de extinção na natureza, sendo que esta situação é decorrente de grandes alterações ambientais ou de significativa redução populacional ou ainda de grande diminuição da área de distribuição do táxon em questão (Anexo I);

V - "vulnerável" (VU): espécies que apresentam um alto risco de extinção a médio prazo, sendo que esta situação é decorrente de alterações ambientais preocupantes ou da redução populacional ou ainda da diminuição da área de distribuição do "táxon" em questão (Anexo I);

VI - "colapsadas" (CO): aquelas cuja exploração foi tão intensa que reduziu a um nível crítico a biomassa, o potencial de reprodução e as capturas, comprometendo severamente uma eventual recuperação (Anexo II);

VII - “sobrexploados” (SE): aquelas cuja exploração foi tão intensa que reduziu significativamente a biomassa, o potencial de reprodução e as capturas ou aquelas cujo “habitat” foi tão intensamente degradado que reduziu a presença a poucas localidades, em ambos os casos podendo colapsar caso o monitoramento e medidas de gestão não sejam efetivamente implementados (Anexo II);

VIII - “ameaçadas de sobrexploatação” (AS): aquelas cuja redução da biomassa ou do potencial de reprodução ou das capturas ou da área de ocorrência é evidente, requerendo monitoramento e medidas de gestão (Anexo II);

IX - “quase ameaçada” (NT): um táxon está quase ameaçado quando sua avaliação quanto aos critérios da IUCN não o qualifica para as categorias de ameaça acima citadas, mas mostra que ele está em vias de integrá-las em futuro próximo (Anexo III);

X - “deficiente de dados” (DD): o táxon qualifica-se como deficiente de dados quando as informações existentes sobre ele são inadequadas para se fazer uma avaliação direta ou indireta sobre seu risco de extinção com base em sua distribuição e/ou estado de conservação de suas populações, de forma que a colocação de um táxon nessa categoria indica que mais informações são necessárias sobre ele, reconhecendo-se a possibilidade de futuras pesquisas mostrarem que o táxon se enquadra em alguma das categorias de ameaça (Anexo IV);

XI - “habitat crítico”: área terrestre ou água interior em condições naturais primitivas, regeneradas ou em regeneração e mapeada, onde ocorrem ou existem evidências objetivas de ocorrência, devidamente comprovadas pelos órgãos e instituições competentes, espécies da fauna silvestre ameaçadas de extinção, constantes dos Anexos a este decreto, ou que podem ser importantes para a sobrevivência das mesmas.

§ 1º - Os inventários a que alude o inciso II deste artigo devem ser feitos em uma escala de tempo apropriada ao ciclo e à forma de vida do táxon.

§ 2º - No caso das espécies de peixes marinhos, são consideradas

regionalmente extintas, as espécies das quais não há registro de captura nos últimos vinte anos nas águas interiores marinhas do Estado de São Paulo (Anexos I e II).

Artigo 3º - No caso de programas específicos aprovados pelo órgão competente para reintrodução de espécies de fauna ictiológica autóctones e aloctônes, atrelados a projetos de recuperação, nas áreas definidas, não se aplicam as categorias de ameaça.

Artigo 4º - Para efeitos da aplicação do inciso XI do artigo 2º deste decreto, poderá o órgão de licenciamento ambiental, mediante decisão fundamentada, condicionar o licenciamento de atividades nos “habitats” críticos à prévia avaliação de impactos ambientais que comprove que a mesma não redundará em ameaça adicional à espécie em questão.

Artigo 5º - Cabe à Secretaria do Meio Ambiente atualizar a cada 4 (quatro) anos os Anexos deste decreto.

Parágrafo único - Especificamente o Anexo V constante do inciso V do artigo 1º deste decreto, que trata dos invertebrados, deverá ser atualizado em até 2 (dois) anos, a contar da publicação deste decreto.

Artigo 6º - Este decreto entra em vigor na data de sua publicação, ficando revogado o Decreto nº 42.838, de 4 de fevereiro de 1998.

Palácio dos Bandeirantes, 2 de outubro de 2008

JOSÉ SERRA
Francisco Graziano Neto
Secretário do Meio Ambiente

Aloysio Nunes Ferreira Filho
Secretário-Chefe da Casa Civil

Publicado na Casa Civil, aos 2 de outubro de 2008.

Anexo I

a que se refere o artigo 1º, inciso I, do
Decreto nº 53.494, de 2 de outubro de 2008
Espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes de água doce ameaçados de extinção no Estado de São Paulo.

Anexo II

a que se refere o artigo 1º, inciso II, do
Decreto nº 53.494, de 2 de outubro de 2008
Espécies de peixes marinhos ameaçadas no estado de São Paulo.

Anexo III

a que se refere o artigo 1º, inciso III do
Decreto nº 53.494, de 2 de outubro de 2008
Espécies de Vertebrados Quase Ameaçadas no estado de São Paulo(NT).

Anexo IV

a que se refere o artigo 1º, inciso IV do
Decreto nº 53.494, de 2 de outubro de 2008
Espécies de mamíferos, aves, répteis, anfíbios e peixes de água doce com Dados Deficientes no estado de São Paulo(DD).

Anexo V

a que se refere o artigo 1º, inciso V do
Decreto nº 53.494, de 2 de outubro de 2008
Invertebrados Ameaçados do Estado de São Paulo.

Observação: verifique as listas completas nos anexos deste capítulo.

ANEXO 5

Mamíferos do Estado de São Paulo

Mario de Vivo; Ana Paula Carmignotto;
Renato Gregorin; Erika Hingst-Zaher;
Gilson E. Iack-Ximenes; Michel Miretzki;
Alexandre R. Percequillo; Mário M. Rollo Jr.;
Rogério V. Rossi; Valdir A. Taddei.

Mamíferos do Estado de São Paulo

DIDELPHIMORPHIA

Didelphidae

<i>Caluromys lanatus</i> (Olfers, 1818)	NT
<i>Caluromys philander</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Chironectes minimus</i> (Zimmermann, 1780)	NT
<i>Cryptonanus agricolai</i> (Moojen, 1943)	LC
<i>Didelphis albiventris</i> Lund, 1840	LC
<i>Didelphis aurita</i> (Wied-Neuwied, 1826)	LC
<i>Gracilinanus agilis</i> (Burmeister, 1854)	NT
<i>Gracilinanus microtarsus</i> (Wagner, 1842)	LC
<i>Lutreolina crassicaudata</i> (Desmarest, 1804)	LC
<i>Marmosops incanus</i> (Lund, 1840)	NT
<i>Marmosops paulensis</i> (Tate, 1931)	VU
<i>Metachirus nudicaudatus</i> (É. Geoffroy, 1803)	NT
<i>Micoureus paraguayanus</i> (Tate, 1931)	LC
<i>Monodelphis americana</i> (Müller, 1776)	NT
<i>Monodelphis iheringi</i> (Thomas, 1888)	VU
<i>Monodelphis kunsi</i> Pine, 1975	LC
<i>Monodelphis scalops</i> (Thomas, 1888)	NT
<i>Monodelphis sorex</i> (Hensel, 1872)	LC
<i>Monodelphis theresa</i> Thomas, 1921	DD
<i>Monodelphis unistriata</i> (Wagner, 1842)	LC
<i>Philander frenatus</i> (Olfers, 1818)	LC
<i>Thylamys velutinus</i> (Wagner, 1842)	VU

CINGULATA

Dasypodidae

<i>Dasypus novemcinctus</i> Linnaeus, 1758	LC
<i>Dasypus septemcinctus</i> Linnaeus, 1758	LC
<i>Euphractus sexcinctus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Cabassous tatouay</i> (Desmarest, 1804)	DD
<i>Priodontes maximus</i> (Kerr, 1792)	CR

PILOSA

Bradypodidae

<i>Bradypus variegatus</i> Schinz, 1825	LC
---	----

Myrmecophagidae

<i>Myrmecophaga tridactyla</i> Linnaeus, 1758	VU
<i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758)	LC

PRIMATES

Cebidae

<i>Callithrix aurita</i> (É. Geoffroy, 1812)	VU
<i>Callithrix jacchus</i> (Linnaeus, 1758)	X*
<i>Callithrix penicillata</i> (É. Geoffroy, 1812)	LC
<i>Leontopithecus caissara</i> Lorini & Persson, 1990	CR
<i>Leontopithecus chrysopygus</i> (Mikan, 1823)	EN
<i>Cebus libidinosus</i> Spix, 1823	DD
<i>Cebus nigritus</i> (Goldfuss, 1809)	NT

Pitheciidae

<i>Callicebus nigrifrons</i> (Spix, 1823)	NT
---	----

Atelidae

<i>Alouatta caraya</i> (Humboldt, 1812)	VU
<i>Alouatta clamitans</i> Cabrera, 1940	NT
<i>Brachyteles arachnoides</i> (É. Geoffroy, 1806)	EN

LAGOMORPHA

Leporidae

<i>Sylvilagus brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Lepus europaeus</i> Pallas, 1778	X*

CHIROPTERA

Emballonuridae

<i>Didelurus scutatus</i> Peters, 1869	DD
<i>Pteropteryx kappleri</i> Peters, 1867	LC
<i>Pteropteryx macrotis</i> (Wagner, 1843)	LC
<i>Rhynchonycteris naso</i> (Wied-Neuwied, 1820)	LC
<i>Saccopteryx bilineata</i> (Temminck, 1838)	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Mamíferos do Estado de São Paulo

Phyllostomidae

<i>Desmodus rotundus</i> (É. Geoffroy, 1810)	LC
<i>Diaemus youngi</i> (Jentink, 1893)	VU
<i>Diphylla ecaudata</i> Spix, 1823	VU
<i>Anoura caudifer</i> (É. Geoffroy, 1818)	LC
<i>Anoura geoffroyi</i> Gray, 1838	LC
<i>Glossophaga soricina</i> (Pallas, 1766)	LC
<i>Chrotopterus auritus</i> (Peters, 1856)	LC
<i>Glyonycteris sylvestris</i> Thomas, 1896	DD
<i>Lampronycteris brachyotis</i> (Dobson, 1879)	DD
<i>Lonchorhina aurita</i> Tomes, 1863	LC
<i>Macrophyllum macrophyllum</i> (Schinz, 1821)	DD
<i>Micronycteris brosseti</i> Simmons & Voss, 1998	DD
<i>Micronycteris megalotis</i> (Gray, 1842)	LC
<i>Micronycteris minuta</i> (Gervais, 1856)	LC
<i>Mimon bennettii</i> (Gray, 1838)	LC
<i>Mimon crenulatum</i> (É. Geoffroy, 1803)	LC
<i>Phylloderma stenops</i> Peters, 1865	DD
<i>Phyllostomus discolor</i> Wagner, 1843	LC
<i>Phyllostomus hastatus</i> (Pallas, 1767)	LC
<i>Tonatia bidens</i> (Spix, 1823)	LC
<i>Trachops cirrhosus</i> (Spix, 1823)	LC
<i>Carollia brevicauda</i> (Schinz, 1821)	LC
<i>Carollia perspicillata</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Artibeus cinereus</i> (Gervais, 1856)	LC
<i>Artibeus fimbriatus</i> Gray, 1838	LC
<i>Artibeus jamaicensis</i> Leach, 1821	LC
<i>Artibeus lituratus</i> (Olfers, 1818)	LC
<i>Artibeus obscurus</i> (Schinz, 1821)	LC
<i>Chiroderma doriae</i> Thomas, 1891	LC
<i>Chiroderma villosum</i> Peters, 1860	DD
<i>Platyrrhinus helleri</i> (Peters, 1866)	LC
<i>Platyrrhinus lineatus</i> (É. Geoffroy, 1810)	LC
<i>Platyrrhinus recifinus</i> (Thomas, 1901)	DD
<i>Pygoderma bilabiatum</i> (Wagner, 1843)	LC
<i>Sturnira lilium</i> (É. Geoffroy, 1810)	LC
<i>Sturnira tildae</i> de la Torre, 1959	LC

Uroderma bilobatum Peters, 1866

DD

Vampyressa pusilla (Wagner, 1843)

LC

Noctilionidae

Noctilio albiventris Desmarest, 1818

LC

Noctilio leporinus (Linnaeus, 1758)

LC

Furipteridae

Furipterus horrens (F. Cuvier, 1828)

NT

Thyropteridae

Thyroptera tricolor Spix, 1823

VU

Natalidae

Natalus stramineus Gray, 1838

VU

Molossidae

Cynomops abrasus (Temminck, 1826)

LC

Cynomops planirostris (Peters, 1866)

DD

Eumops auripendulus (Shaw, 1800)

DD

Eumops bonariensis (Peters, 1874)

DD

Eumops glaucinus (Wagner, 1843)

DD

Eumops hansae Sanborn, 1932

DD

Eumops maurus (Thomas, 1901)

LC

Eumops patagonicus Thomas, 1924

LC

Eumops perotis (Schinz, 1821)

DD

Molossops neglectus Williams & Genoways, 1980

DD

Molossops temminckii (Burmeister, 1854)

DD

Molossus molossus (Pallas, 1766)

LC

Molossus rufus É. Geoffroy, 1805

LC

Nyctinomops aurispinosus (Peale, 1848)

DD

Nyctinomops laticaudatus (É. Geoffroy, 1805)

DD

Nyctinomops macrotis (Gray, 1840)

DD

Promops nasutus (Spix, 1823)

DD

Tadarida brasiliensis (I. Geoffroy, 1824)

LC

Mamíferos do Estado de São Paulo

Vespertilionidae

<i>Eptesicus brasiliensis</i> (Desmarest, 1819)	LC
<i>Eptesicus diminutus</i> Osgood, 1915	LC
<i>Eptesicus furinalis</i> (d'Orbigny, 1847)	LC
<i>Eptesicus taddeii</i> Miranda, Bernardi & Passos, 2006	LC
<i>Histiotus velatus</i> (I. Geoffroy, 1824)	LC
<i>Lasiurus blossevillii</i> (Lesson & Garnot, 1826)	LC
<i>Lasiurus cinereus</i> (Beauvois, 1796)	LC
<i>Lasiurus ebenus</i> Fazzolari-Corrêa, 1994	DD
<i>Lasiurus ega</i> (Gervais, 1856)	LC
<i>Lasiurus egregius</i> (Peters, 1870)	LC
<i>Rhogeessa hussoni</i> Genoways & Baker, 1996	DD
<i>Rhogeessa io</i> Thomas, 1903	LC
<i>Myotis albescens</i> (É. Geoffroy, 1806)	DD
<i>Myotis levis</i> (I. Geoffroy, 1824)	DD
<i>Myotis nigricans</i> (Schinz, 1821)	LC
<i>Myotis riparius</i> Handley, 1960	LC
<i>Myotis ruber</i> (É. Geoffroy, 1806)	LC

CARNIVORA

Felidae

<i>Leopardus colocolo</i> (Molina, 1782)	DD
<i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758)	VU
<i>Leopardus tigrinus</i> (Schreber, 1775)	VU
<i>Leopardus wiedii</i> (Schinz, 1821)	EN
<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)	VU
<i>Puma yagouaroundi</i> (É. Geoffroy, 1803)	LC
<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758)	CR

Canidae

<i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Chrysocyon brachyurus</i> (Illiger, 1815)	VU
<i>Lycalopex vetulus</i> (Lund, 1842)	VU
<i>Speothos venaticus</i> (Lund, 1842)	DD

Mustelidae

<i>Lontra longicaudis</i> (Olfers, 1818)	NT
<i>Pteronura brasiliensis</i> (Gmelin, 1788)	CR
<i>Eira barbara</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Galictis cuja</i> (Molina, 1782)	DD

Mephitidae

<i>Conepatus chinga</i> (Molina, 1782)	LC
<i>Conepatus semistriatus</i> (Boddaert, 1785)	DD

Procyonidae

<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Procyon cancrivorus</i> (G. Cuvier, 1798)	LC

PERISSODACTYLA

Tapiridae

<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)	VU
--	----

ARTIODACTYLA

Suidae

<i>Sus scrofa</i> Linnaeus, 1758	X*
----------------------------------	----

Tayassuidae

<i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)	NT
<i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795)	EN

Cervidae

<i>Blastocerus dichotomus</i> (Illiger, 1815)	CR
<i>Mazama americana</i> (Erxleben, 1777)	VU
<i>Mazama bororo</i> Duarte, 1996	VU
<i>Mazama gouazoubira</i> (Fischer, 1814)	LC
<i>Mazama nana</i> (Hensel, 1872)	CR
<i>Ozotoceros bezoarticus</i> (Linnaeus, 1758)	CR

Mamíferos do Estado de São Paulo

CETACEA

Balaenidae

<i>Eubalaena australis</i> (Desmoulins, 1822)	DD
---	----

Balaenopteridae

<i>Balaenoptera acutorostrata</i> Lacépède, 1804	DD
<i>Balaenoptera edeni</i> Anderson, 1879	DD
<i>Balaenoptera musculus</i> (Linnaeus, 1758)	CR
<i>Balaenoptera physalus</i> (Linnaeus, 1758)	CR
<i>Megaptera novaengliae</i> (Borowski, 1781)	DD

Delphinidae

<i>Delphinus capensis</i> Gray, 1828	DD
<i>Feresa attenuata</i> Gray, 1874	LC
<i>Globicephala macrorhynchus</i> Gray, 1846	LC
<i>Lissodelphis peronii</i> (Lacépède, 1804)	LC
<i>Orcinus orca</i> (Linnaeus, 1758)	DD
<i>Pseudorca crassidens</i> (Owen, 1846)	LC
<i>Sotalia guianensis</i> (Van Béneden, 1864)	NT
<i>Stenella frontalis</i> (Cuvier, 1829)	DD
<i>Stenella longirostris</i> (Gray, 1828)	LC
<i>Steno bredanensis</i> (Cuvier, in Lesson, 1828)	DD
<i>Tursiops truncatus</i> (Montagu, 1821)	DD

Physeteridae

<i>Kogia breviceps</i> (Blainville, 1838)	LC
<i>Kogia sima</i> (Owen, 1866)	LC
<i>Physeter macrocephalus</i> Linnaeus, 1758	DD

Iniidae

<i>Pontoporia blainvilliei</i> (Gervais & d'Orbigny, 1844)	EN
--	----

Ziphiidae

<i>Berardius arnuxii</i> Duvernoy, 1851	LC
<i>Mesoplodon europaeus</i> (Gervais, 1855)	LC
<i>Mesoplodon mirus</i> True, 1913	LC
<i>Ziphius cavirostris</i> Cuvier, 1823	LC

RODENTIA

Sciuridae

<i>Guerlinguetus ingrami</i> (Thomas, 1901)	LC
---	----

Cricetidae

<i>Abrawayaomys ruschii</i> Cunha & Cruz, 1979	NT
<i>Akodon cursor</i> (Winge, 1887)	LC
<i>Akodon montensis</i> Thomas, 1913	LC
<i>Akodon paranaensis</i> Christoff, Fagundes, Sbalqueiro, Mattevi & Yonenaga-Yassuda, 2000	DD
<i>Akodon reigi</i> González, Langguth & Oliveira, 1998	DD
<i>Akodon sanctipaulensis</i> Hershkovitz, 1990	DD
<i>Akodon serrensis</i> Thomas, 1902	NT
<i>Bibimys labiosus</i> (Winge, 1887)	LC
<i>Blarinomys breviceps</i> (Winge, 1887)	DD
<i>Brucepattersonius igniventris</i> Hershkovitz, 1998	DD
<i>Brucepattersonius soricinus</i> Hershkovitz, 1998	NT
<i>Calomys tener</i> (Winge, 1887)	LC
<i>Cerradomys scotti</i> (Langguth & Bonvicino, 2002)	VU
<i>Cerradomys subflavus</i> (Wagner, 1842)	LC
<i>Delomys dorsalis</i> (Hensel, 1873)	NT
<i>Delomys sublineatus</i> (Thomas, 1903)	NT
<i>Euryoryzomys russatus</i> (Wagner, 1848)	VU
<i>Hylaeamys megacephalus</i> (Fischer, 1814)	LC
<i>Holochilus brasiliensis</i> (Desmarest, 1819)	DD
<i>Juliomys pictipes</i> (Osgood, 1933)	LC
<i>Juliomys ossitenuis</i> Costa, Pavan, Leite & Fagundes, 2007	DD
<i>Necromys lasiurus</i> (Lund, 1840)	LC
<i>Nectomys squamipes</i> (Brants, 1827)	LC
<i>Oecomys catherinae</i> Thomas, 1909.	DD
<i>Oligoryzomys flavescens</i> (Waterhouse, 1837)	LC
<i>Oligoryzomys fornesi</i> (Massoia, 1973)	DD
<i>Oligoryzomys nigripes</i> (Olfers, 1818)	LC
<i>Oxymycterus dasytrichus</i> (Schinz, 1821)	LC
<i>Oxymycterus delator</i> Thomas, 1903	LC
<i>Oxymycterus judex</i> Thomas, 1909	LC
<i>Phaenomys ferrugineus</i> (Thomas, 1894)	VU
<i>Pseudoryzomys simplex</i> (Winge, 1887)	VU

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Mamíferos do Estado de São Paulo

<i>Rhagomys rufescens</i> (Thomas, 1886)	DD	Dasyproctidae	
<i>Rhipidomys macrurus</i> (Gervais, 1855)	LC	<i>Dasyprocta aguti</i> (Linnaeus, 1766)	NT
<i>Rhipidomys mastacalis</i> (Lund, 1840)	NT	<i>Dasyprocta azarae</i> Lichtenstein, 1823	LC
<i>Sooretamys angouya</i> (Fischer, 1814)	LC		
<i>Thaptomys nigrita</i> (Lichtenstein, 1829)	VU		
<hr/>			
Muridae			
<i>Mus musculus</i> Linnaeus, 1758	X*		
<i>Rattus norvegicus</i> (Berkenhout, 1769)	X*		
<i>Rattus rattus</i> (Linnaeus, 1758)	X*		
<hr/>			
Erethizontidae			
<i>Sphiggurus spinosus</i> (F. Cuvier, 1823)	LC		
<i>Sphiggurus villosus</i> (F. Cuvier, 1823)	LC		
<hr/>			
Caviidae			
<i>Cavia aperea</i> Erxleben, 1777	LC		
<i>Cavia fulgida</i> Wagler, 1831	LC		
<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)	LC		
<hr/>			
Dasyproctidae			
<i>Dasyprocta aguti</i> (Linnaeus, 1766)			
<i>Dasyprocta azarae</i> Lichtenstein, 1823			
<hr/>			
Cuniculidae			
<i>Cuniculus paca</i> (Linnaeus, 1766)			NT
<hr/>			
Echimyidae			
<i>Kannabateomys amblyonyx</i> (Wagner, 1845)			DD
<i>Phyllomys kerri</i> (Moojen, 1950)			DD
<i>Phyllomys medioides</i> (Thomas, 1909)			DD
<i>Phyllomys nigrispinus</i> (Wagner, 1842)			LC
<i>Phyllomys sulinus</i> Leite, Christoff & Fagundes, 2008			LC
<i>Phyllomys pattoni</i> Emmons, Leite, Kock & Costa, 2002			LC
<i>Phyllomys thomasi</i> (Ihering, 1897)			EN
<i>Clyomys laticeps</i> (Thomas, 1909)			DD
<i>Euryzygomatomys spinosus</i> (Fischer, 1814)			DD
<i>Thrichomys apereoides</i> (Lund, 1839)			LC
<i>Trinomys dimidiatus</i> (Günther, 1877)			DD
<i>Trinomys iheringi</i> (Thomas, 1911)			LC

Observação: É importante que fique claro que algumas espécies consideradas como DD no presente documento, tais como *Diclidurus scutatus*, *Eumops bonariensis*, *Rhogeessa hussoni*, *Leopardus colocolo*, *Speothos venaticus*, *Conepatus semistriatus* e *Akodon reigi*, ainda carecem de confirmação definitiva de sua presença no Estado de São Paulo, com base em espécimes testemunho depositados em coleções científicas ou outros registros confiáveis: os registros de sua presença são históricos, apenas anedóticos ou decorrentes de problemas de definição das espécies dos gêneros aos quais pertencem. Esse fato reforça a argumentação do quanto ainda falta por conhecer da mastofauna no estado.

A N E X O 6

Aves do Estado de São Paulo

Luís Fábio Silveira; Luiz Fernando de Andrade
Figueiredo; Alexander Zamorano Antunes;
Giulyana Althmann Benedicto; Fábio Schunck;
Pedro Ferreira Develey; Herculano Marcos Ferraz
Alvarenga; Angélica Midori Sugieda;
Cláudia T. Schaalmann

Aves do Estado de São Paulo

STRUTHIONIFORMES

Rheidae

<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)	CR
--	----

TINAMIFORMES

Tinamidae

<i>Tinamus solitarius</i> (Vieillot, 1819)	VU
<i>Crypturellus obsoletus</i> (Temminck, 1815)	LC
<i>Crypturellus undulatus</i> (Temminck, 1815)	EN
<i>Crypturellus noctivagus</i> (Wied, 1820)	EN
<i>Crypturellus parvirostris</i> (Wagler, 1827)	LC
<i>Crypturellus tataupa</i> (Temminck, 1815)	LC
<i>Rhynchosciurus rufescens</i> (Temminck, 1815)	VU
<i>Nothura minor</i> (Spix, 1825)	CR
<i>Nothura maculosa</i> (Temminck, 1815)	LC
<i>Taoniscus nanus</i> (Temminck, 1815)	CR

ANSERIFORMES

Anhimidae

<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)	CR
<i>Chauna torquata</i> (Oken, 1816)	DD

Anatidae

<i>Dendrocygna bicolor</i> (Vieillot, 1816)	LC
<i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Dendrocygna autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Cygnus melancoryphus</i> (Molina, 1782)	DD
<i>Neochen jubata</i> (Spix, 1825)	CR
<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Sarkidiornis sylvicola</i> Ihering & Ihering, 1907	EN
<i>Callonetta leucophrys</i> (Vieillot, 1816)	DD
<i>Amazonetta brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Anas flavirostris</i> Vieillot, 1816	LC
<i>Anas georgica</i> Gmelin, 1789	LC
<i>Anas bahamensis</i> Linnaeus, 1758	LC

Anas versicolor Vieillot, 1816

LC

Anas discors Linnaeus, 1766

LC

Netta erythrophthalma (Wied, 1832)

LC

Netta peposaca (Vieillot, 1816)

LC

Mergus octosetaceus Vieillot, 1817

RE

Nomonyx dominica (Linnaeus, 1766)

NT

GALLIFORMES

Cracidae

<i>Ortalis guttata</i> (Spix, 1825)	CR
<i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815	NT
<i>Penelope obscura</i> Temminck, 1815	NT
<i>Aburria jacutinga</i> (Spix, 1825)	CR
<i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825	CR

Odontophoridae

<i>Odontophorus capueira</i> (Spix, 1825)	LC
---	----

PODICIPEDIFORMES

Podicipedidae

<i>Rollandia rolland</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	LC
<i>Tachybaptus dominicus</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Podilymbus podiceps</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Podicephorus major</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Podiceps occipitalis</i> Garnot, 1826	LC

SPHENISCIFORMES

Spheniscidae

<i>Spheniscus magellanicus</i> (Forster, 1781)	LC
--	----

Aves do Estado de São Paulo

PROCELLARIIFORMES

Diomedeidae

<i>Phoebetria fusca</i> (Hilsenberg, 1822)	LC
<i>Thalassarche chlororhynchos</i> (Gmelin, 1789)	VU
<i>Thalassarche melanophris</i> (Temminck, 1828)	VU
<i>Thalassarche chrysostoma</i> (Forster, 1785)	DD
<i>Diomedea exulans</i> Linnaeus, 1758	VU
<i>Diomedea dabbenena</i> Mathews, 1929	EN

Procellariidae

<i>Macronectes giganteus</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Macronectes halli</i> Mathews, 1912	LC
<i>Fulmarus glacialisoides</i> (Smith, 1840)	LC
<i>Daption capense</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Pterodroma incerta</i> (Schlegel, 1863)	VU
<i>Pachyptila desolata</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Pachyptila belcheri</i> (Mathews, 1912)	LC
<i>Procellaria aequinoctialis</i> Linnaeus, 1758	VU
<i>Procellaria conspicillata</i> Gould, 1844	VU
<i>Calonectris borealis</i> (Cory, 1881)	LC
<i>Puffinus griseus</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Puffinus gravis</i> (O'Reilly, 1818)	LC
<i>Puffinus puffinus</i> (Brünnich, 1764)	LC

Hydrobatidae

<i>Fregetta grallaria</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Oceanites oceanicus</i> (Kuhl, 1820)	LC

PELECANIFORMES

Sulidae

<i>Sula dactylatra</i> Lesson, 1831	LC
<i>Sula leucogaster</i> (Boddaert, 1783)	LC

Phalacrocoracidae

<i>Phalacrocorax brasiliensis</i> (Gmelin, 1789)	LC
--	----

Anhingidae

<i>Anhinga anhinga</i> (Linnaeus, 1766)	LC
---	----

Fregatidae

<i>Fregata magnificens</i> Mathews, 1914	LC
--	----

CICONIIFORMES

Ardeidae

<i>Tigrisoma lineatum</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Tigrisoma fasciatum</i> (Such, 1825)	CR
<i>Cochlearius cochlearius</i> (Linnaeus, 1766)	EN
<i>Botaurus pinnatus</i> (Wagler, 1829)	LC
<i>Ixobrychus exilis</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Ixobrychus involucris</i> (Vieillot, 1823)	LC
<i>Nycticorax nycticorax</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Nyctanassa violacea</i> (Linnaeus, 1758)	VU
<i>Butorides striata</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Bubulcus ibis</i> (Linnaeus, 1758)	X*
<i>Ardea cocoi</i> Linnaeus, 1766	LC
<i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758	LC
<i>Syrrhax sibilatrix</i> (Temminck, 1824)	LC
<i>Pilherodius pileatus</i> (Boddaert, 1783)	VU
<i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)	LC
<i>Egretta caerulea</i> (Linnaeus, 1758)	LC

Threskiornithidae

<i>Eudocimus ruber</i> (Linnaeus, 1758)	EN
<i>Plegadis chihi</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Phimosus infuscatus</i> (Lichtenstein, 1823)	LC
<i>Theristicus caudatus</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Platalea ajaja</i> Linnaeus, 1758	LC

Aves do Estado de São Paulo

CICONIIDAE

<i>Ciconia maguari</i> (Gmelin, 1789)	CR
<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)	EN
<i>Mycteria americana</i> Linnaeus, 1758	NT

PHOENICOPTERIFORMES

Phoenicopteridae

<i>Phoenicopterus chilensis</i> Molina, 1782	LC
--	----

CATHARTIFORMES

Cathartidae

<i>Cathartes aura</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Cathartes burrovianus</i> Cassin, 1845	VU
<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)	LC
<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)	EN

FALCONIFORMES

Pandionidae

<i>Pandion haliaetus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
---	----

Accipitridae

<i>Leptodon cayanensis</i> (Latham, 1790)	NT
<i>Chondrohierax uncinatus</i> (Temminck, 1822)	LC
<i>Elanoides forficatus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Gampsonyx swainsonii</i> Vigors, 1825	LC
<i>Elanus leucurus</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Rostrhamus sociabilis</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Harpagus diodon</i> (Temminck, 1823)	LC
<i>Ictinia plumbea</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Circus cinereus</i> Vieillot, 1816	VU
<i>Circus buffoni</i> (Gmelin, 1788)	CR
<i>Accipiter poliogaster</i> (Temminck, 1824)	NT
<i>Accipiter superciliosus</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Accipiter striatus</i> Vieillot, 1808	LC

Accipitridae

<i>Accipiter bicolor</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Geranospiza caerulescens</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Leucopternis lacernulatus</i> (Temminck, 1827)	VU
<i>Leucopternis polionotus</i> (Kaup, 1847)	VU
<i>Buteogallus aequinoctialis</i> (Gmelin, 1788)	CR
<i>Buteogallus urubitinga</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Heterospizias meridionalis</i> (Latham, 1790)	LC
<i>Harpyhaliaetus coronatus</i> (Vieillot, 1817)	CR
<i>Busarellus nigricollis</i> (Latham, 1790)	CR
<i>Parabuteo unicinctus</i> (Temminck, 1824)	VU
<i>Perchnohierax leucorrhous</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	DD
<i>Rupornis magnirostris</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Buteo albicaudatus</i> Vieillot, 1816	LC
<i>Buteo nitidus</i> (Latham, 1790)	LC
<i>Buteo swainsoni</i> Bonaparte, 1838	LC
<i>Buteo brachyurus</i> Vieillot, 1816	LC
<i>Buteo albonotatus</i> Kaup, 1847	LC
<i>Morphnus guianensis</i> (Daudin, 1800)	CR
<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)	CR
<i>Spizaetus tyrannus</i> (Wied, 1820)	VU
<i>Spizaetus melanoleucus</i> (Vieillot, 1816)	CR
<i>Spizaetus ornatus</i> (Daudin, 1800)	CR

Falconidae

<i>Ibycter americanus</i> (Boddaert, 1783)	CR
<i>Caracara plancus</i> (Miller, 1777)	LC
<i>Milvago chimachima</i> (Vieillot, 1816)	LC
<i>Milvago chimango</i> (Vieillot, 1816)	LC
<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Micrastur ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Micrastur semitorquatus</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Falco sparverius</i> Linnaeus, 1758	LC
<i>Falco rufigularis</i> Daudin, 1800	EN
<i>Falco deiroleucus</i> Temminck, 1825	DD
<i>Falco femoralis</i> Temminck, 1822	LC
<i>Falco peregrinus</i> Tunstall, 1771	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Aves do Estado de São Paulo

GRUIFORMES

Aramidae

<i>Aramus guarauna</i> (Linnaeus, 1766)	LC
---	----

Rallidae

<i>Coturnicops notatus</i> (Gould, 1841)	DD
<i>Micropygia schomburgkii</i> (Schomburgk, 1848)	CR
<i>Rallus longirostris</i> Boddaert, 1783	LC
<i>Aramides mangle</i> (Spix, 1825)	DD
<i>Aramides cajanea</i> (Statius Muller, 1776)	LC
<i>Aramides saracura</i> (Spix, 1825)	LC
<i>Amaurolimnas concolor</i> (Gosse, 1847)	LC
<i>Laterallus viridis</i> (Statius Muller, 1776)	LC
<i>Laterallus melanophaius</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Laterallus exilis</i> (Temminck, 1831)	DD
<i>Laterallus leucopyrrhus</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Laterallus xenopterus</i> Conover, 1934	CR
<i>Porzana flavigaster</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Porzana albicollis</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Neocrex erythrops</i> (Sclater, 1867)	DD
<i>Pardirallus maculatus</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Pardirallus nigricans</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Pardirallus sanguinolentus</i> (Swainson, 1837)	LC
<i>Gallinula chloropus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Gallinula melanops</i> (Vieillot, 1819)	VU
<i>Porphyrio martinica</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Porphyrio flavirostris</i> (Gmelin, 1789)	DD
<i>Fulica armillata</i> Vieillot, 1817	NT
<i>Fulica rufifrons</i> Philippi & Landbeck, 1861	LC
<i>Fulica leucoptera</i> Vieillot, 1817	LC

Heliorhithidae

<i>Heliorhynchus fulica</i> (Boddaert, 1783)	CR
--	----

Cariamidae

<i>Cariama cristata</i> (Linnaeus, 1766)	LC
--	----

CHARADRIIFORMES

Charadriidae

<i>Vanellus cayanus</i> (Latham, 1790)	CR
<i>Vanellus chilensis</i> (Molina, 1782)	LC
<i>Pluvialis dominica</i> (Statius Muller, 1776)	NT
<i>Pluvialis squatarola</i> (Linnaeus, 1758)	NT
<i>Charadrius semipalmatus</i> Bonaparte, 1825	LC
<i>Charadrius wilsonia</i> Ord, 1814	LC
<i>Charadrius collaris</i> Vieillot, 1818	LC
<i>Charadrius falklandicus</i> Latham, 1790	LC
<i>Charadrius modestus</i> Lichtenstein, 1823	LC

Haematopodidae

<i>Haematopus palliatus</i> Temminck, 1820	VU
--	----

Recurvirostridae

<i>Himantopus melanurus</i> Vieillot, 1817	LC
--	----

Scolopacidae

<i>Gallinago paraguaiae</i> (Vieillot, 1816)	LC
<i>Gallinago undulata</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Limosa haemastica</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Numenius borealis</i> (Forster, 1772)	CR
<i>Numenius phaeopus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Bartramia longicauda</i> (Bechstein, 1812)	NT
<i>Actitis macularius</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Tringa solitaria</i> Wilson, 1813	LC
<i>Tringa melanoleuca</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Tringa semipalmata</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Tringa flavipes</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Arenaria interpres</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Calidris canutus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Calidris alba</i> (Pallas, 1764)	LC
<i>Calidris pusilla</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Calidris minutilla</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Calidris fuscicollis</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Calidris bairdii</i> (Coues, 1861)	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Aves do Estado de São Paulo

<i>Calidris melanotos</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Calidris himantopus</i> (Bonaparte, 1826)	LC
<i>Tryngites subruficollis</i> (Vieillot, 1819)	DD
<i>Phalaropus tricolor</i> (Vieillot, 1819)	LC

Jacanidae

<i>Jacana jacana</i> (Linnaeus, 1766)	LC
---------------------------------------	----

Rostratulidae

<i>Nycticryphes semicollaris</i> (Vieillot, 1816)	DD
---	----

Stercorariidae

<i>Stercorarius skua</i> (Brünnich, 1764)	LC
<i>Stercorarius maccormicki</i> Saunders, 1893	LC
<i>Stercorarius pomarinus</i> (Temminck, 1815)	LC
<i>Stercorarius parasiticus</i> (Linnaeus, 1758)	LC

Laridae

<i>Chroicocephalus maculipennis</i> (Lichtenstein, 1823)	LC
<i>Larus dominicanus</i> Lichtenstein, 1823	LC

Sternidae

<i>Sternula superciliaris</i> (Vieillot, 1819)	VU
<i>Phaetusa simplex</i> (Gmelin, 1789)	VU
<i>Gelochelidon nilotica</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Sterna hirundo</i> Linnaeus, 1758	LC
<i>Sterna paradisaea</i> Pontoppidan, 1763	LC
<i>Sterna hirundinacea</i> Lesson, 1831	NT
<i>Sterna trudeaui</i> Audubon, 1838	LC
<i>Thalasseus sandvicensis</i> (Latham, 1787)	VU
<i>Thalasseus maximus</i> (Boddaert, 1783)	VU

Rynchopidae

<i>Rynchops niger</i> Linnaeus, 1758	LC
--------------------------------------	----

COLUMBIFORMES

Columbidae

<i>Columba livia</i> Gmelin, 1789	X*
<i>Columbina minuta</i> (Linnaeus, 1766)	VU
<i>Columbina talpacoti</i> (Temminck, 1811)	LC
<i>Columbina squammata</i> (Lesson, 1831)	LC
<i>Columbina picui</i> (Temminck, 1813)	LC
<i>Columbina cyanopis</i> (Pelzeln, 1870)	CR
<i>Claravis pretiosa</i> (Ferrari-Perez, 1886)	LC
<i>Claravis goedefrida</i> (Temminck, 1811)	CR
<i>Patagioenas speciosa</i> (Gmelin, 1789)	EN
<i>Patagioenas picazuro</i> (Temminck, 1813)	LC
<i>Patagioenas cayennensis</i> (Bonnaterre, 1792)	LC
<i>Patagioenas plumbea</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Zenaida auriculata</i> (Des Murs, 1847)	LC
<i>Leptotila verreauxi</i> Bonaparte, 1855	LC
<i>Leptotila rufaxilla</i> (Richard & Bernard, 1792)	LC
<i>Geotrygon violacea</i> (Temminck, 1809)	EN
<i>Geotrygon montana</i> (Linnaeus, 1758)	LC

PSITTACIFORMES

Psittacidae

<i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758)	CR
<i>Ara chloropterus</i> Gray, 1859	CR
<i>Orthopsittaca manilata</i> (Boddaert, 1783)	CR
<i>Primolius maracana</i> (Vieillot, 1816)	EN
<i>Diopsittaca nobilis</i> (Linnaeus, 1758)	CR
<i>Aratinga leucophthalma</i> (Statius Muller, 1776)	LC
<i>Aratinga auricapillus</i> (Kuhl, 1820)	LC
<i>Aratinga aurea</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Pyrrhura frontalis</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Myiopsitta monachus</i> (Boddaert, 1783)	X*
<i>Forpus xanthopterygius</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Brotogeris tirica</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Brotogeris chiriri</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Touit melanotus</i> (Wied, 1820)	VU

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Aves do Estado de São Paulo

<i>Pionopsitta pileata</i> (Scopoli, 1769)	LC	<i>Strix virgata</i> (Cassin, 1849)	LC
<i>Alipiopsitta xanthops</i> (Spix, 1824)	CR	<i>Strix huhula</i> Daudin, 1800	DD
<i>Pionus maximiliani</i> (Kuhl, 1820)	LC	<i>Glaucidium minutissimum</i> (Wied, 1830)	LC
<i>Amazona brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)	EN	<i>Glaucidium brasilianum</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Amazona aestiva</i> (Linnaeus, 1758)	NT	<i>Athene cunicularia</i> (Molina, 1782)	LC
<i>Amazona amazonica</i> (Linnaeus, 1766)	VU	<i>Aegolius harrisii</i> (Cassin, 1849)	DD
<i>Amazona farinosa</i> (Boddaert, 1783)	CR	<i>Rhinopteryx clamator</i> (Vieillot, 1808)	LC
<i>Amazona vinacea</i> (Kuhl, 1820)	EN	<i>Asio stygius</i> (Wagler, 1832)	LC
<i>Trichoglossus malachitaceus</i> (Spix, 1824)	VU	<i>Asio flammeus</i> (Pontoppidan, 1763)	EN

CUCULIFORMES

Cuculidae

<i>Micrococcyx cinereus</i> (Vieillot, 1817)	DD
<i>Piaya cayana</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Coccyzus melacoryphus</i> Vieillot, 1817	LC
<i>Coccyzus americanus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Coccyzus euleri</i> Cabanis, 1873	LC
<i>Crotophaga major</i> Gmelin, 1788	VU
<i>Crotophaga ani</i> Linnaeus, 1758	LC
<i>Guira guira</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Tapera naevia</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Dromococcyx phasianellus</i> (Spix, 1824)	CR
<i>Dromococcyx pavoninus</i> Pelzeln, 1870	LC

STRIGIFORMES

Tytonidae

<i>Tyto alba</i> (Scopoli, 1769)	LC
----------------------------------	----

Strigidae

<i>Megascops choliba</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Megascops atricapilla</i> (Temminck, 1822)	LC
<i>Pulsatrix perspicillata</i> (Latham, 1790)	DD
<i>Pulsatrix koeniswaldiana</i> (Bertoni & Bertoni, 1901)	LC
<i>Bubo virginianus</i> (Gmelin, 1788)	VU
<i>Strix hylophila</i> Temminck, 1825	LC

CAPRIMULGIFORMES

Nyctibiidae

<i>Nyctibius grandis</i> (Gmelin, 1789)	CR
<i>Nyctibius aethereus</i> (Wied, 1820)	CR
<i>Nyctibius griseus</i> (Gmelin, 1789)	LC

Caprimulgidae

<i>Lurocalis semitorquatus</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Chordeiles acutipennis</i> (Hermann, 1783)	LC
<i>Chordeiles minor</i> (Forster, 1771)	LC
<i>Podager nacunda</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Nyctidromus albicollis</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Nyctiphrynus ocellatus</i> (Tschudi, 1844)	LC
<i>Caprimulgus rufus</i> Boddaert, 1783	LC
<i>Caprimulgus sericocaudatus</i> (Cassin, 1849)	CR
<i>Caprimulgus longirostris</i> Bonaparte, 1825	LC
<i>Caprimulgus maculicaudus</i> (Lawrence, 1862)	VU
<i>Caprimulgus parvulus</i> Gould, 1837	LC
<i>Hydropsalis torquata</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Macropsalis forcipata</i> (Nitzsch, 1840)	NT
<i>Eleothreptus anomalus</i> (Gould, 1838)	CR
<i>Eleothreptus candicans</i> (Pelzeln, 1867)	CR

Aves do Estado de São Paulo

APODIFORMES

Apodidae

<i>Cypseloides fumigatus</i> (Streubel, 1848)	DD
<i>Cypseloides senex</i> (Temminck, 1826)	NT
<i>Streptoprocne zonaris</i> (Shaw, 1796)	LC
<i>Streptoprocne biscutata</i> (Sclater, 1866)	NT
<i>Chaetura cinereiventris</i> Sclater, 1862	LC
<i>Chaetura meridionalis</i> Hellmayr, 1907	LC
<i>Tachornis squamata</i> (Cassin, 1853)	VU
<i>Panyptila cayennensis</i> (Gmelin, 1789)	DD

Trochilidae

<i>Ramphodon naevius</i> (Dumont, 1818)	LC
<i>Glaucis hirsutus</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Phaethornis squalidus</i> (Temminck, 1822)	LC
<i>Phaethornis ruber</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Phaethornis pretrei</i> (Lesson & Delattre, 1839)	LC
<i>Phaethornis eurynome</i> (Lesson, 1832)	LC
<i>Eupetomena macroura</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Aphantochroa cirrochloris</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Florisuga fusca</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Colibri serrirostris</i> (Vieillot, 1816)	LC
<i>Anthracothorax nigricollis</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Chrysolampis mosquitos</i> (Linnaeus, 1758)	DD
<i>Stephanoxis lalandi</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Lophornis magnificus</i> (Vieillot, 1817)	VU
<i>Lophornis chalybeus</i> (Vieillot, 1822)	LC
<i>Chlorostilbon lucidus</i> (Shaw, 1812)	LC
<i>Thalurania furcata</i> (Gmelin, 1788)	VU
<i>Thalurania glaukopis</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Hylocharis sapphirina</i> (Gmelin, 1788)	VU
<i>Hylocharis cyanus</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Hylocharis chrysura</i> (Shaw, 1812)	LC
<i>Leucochloris albicollis</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Polytmus guainumbi</i> (Pallas, 1764)	VU
<i>Amazilia versicolor</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Amazilia brevirostris</i> (Lesson, 1829)	LC

<i>Amazilia fimbriata</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Amazilia lactea</i> (Lesson, 1832)	LC
<i>Clytolaema rubricauda</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Heliothryx auritus</i> (Gmelin, 1788)	NT
<i>Heliactin bilophus</i> (Temminck, 1820)	CR
<i>Heliomaster longirostris</i> (Audebert & Vieillot, 1801)	LC
<i>Heliomaster squamosus</i> (Temminck, 1823)	LC
<i>Calliphlox amethystina</i> (Boddaert, 1783)	LC

TROGONIFORMES

Trogonidae

<i>Trogon viridis</i> Linnaeus, 1766	LC
<i>Trogon surrucura</i> Vieillot, 1817	LC
<i>Trogon rufus</i> Gmelin, 1788	LC

CORACIFORMES

Alcedinidae

<i>Megaceryle torquata</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Chloroceryle amazona</i> (Latham, 1790)	LC
<i>Chloroceryle aenea</i> (Pallas, 1764)	NT
<i>Chloroceryle americana</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Chloroceryle indica</i> (Linnaeus, 1766)	LC

Momotidae

<i>Baryphthengus ruficapillus</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Momotus momota</i> (Linnaeus, 1766)	VU

GALBULIFORMES

Galbulidae

<i>Brachygalba lugubris</i> (Swainson, 1838)	CR
<i>Jacamaralcyon tridactyla</i> (Vieillot, 1817)	CR
<i>Galbulula ruficauda</i> Cuvier, 1816	LC

Aves do Estado de São Paulo

Bucconidae

<i>Notharchus swainsoni</i> (Gray, 1846)	NT
<i>Nystalus chacuru</i> (Vieillot, 1816)	LC
<i>Nystalus maculatus</i> (Gmelin, 1788)	NT
<i>Malacoptila striata</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Nonnula rubecula</i> (Spix, 1824)	VU
<i>Monasa nigrifrons</i> (Spix, 1824)	CR
<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (Pallas, 1782)	CR

Dryocopus lineatus (Linnaeus, 1766)

LC

Campephilus robustus (Lichtenstein, 1818)

NT

Campephilus melanoleucus (Gmelin, 1788)

VU

PICIFORMES

Ramphastidae

<i>Ramphastos toco</i> Statius Muller, 1776	LC
<i>Ramphastos vitellinus pintoi</i> Peters, 1945	CR
<i>Ramphastos vitellinus ariel</i> Vigors, 1826	LC
<i>Ramphastos dicolorus</i> Linnaeus, 1766	LC
<i>Selenidera maculirostris</i> (Lichtenstein, 1823)	NT
<i>Pteroglossus bailloni</i> (Vieillot, 1819)	VU
<i>Pteroglossus aracari</i> (Linnaeus, 1758)	CR
<i>Pteroglossus castanotis</i> Gould, 1834	CR

Thamnophilidae

Hypoedaleus guttatus (Vieillot, 1816)

LC

Batara cinerea (Vieillot, 1819)

LC

Mackenziaena leachii (Such, 1825)

LC

Mackenziaena severa (Lichtenstein, 1823)

LC

Taraba major (Vieillot, 1816)

LC

Biatas nigropectus (Lafresnaye, 1850)

EN

Thamnophilus doliatus (Linnaeus, 1764)

LC

Thamnophilus ruficapillus Vieillot, 1816

LC

Thamnophilus torquatus Swainson, 1825

NT

Thamnophilus palliatus (Lichtenstein, 1823)

LC

Thamnophilus pelzelni Hellmayr, 1924

LC

Thamnophilus caerulescens Vieillot, 1816

LC

Dysithamnus stictothorax (Temminck, 1823)

NT

Dysithamnus mentalis (Temminck, 1823)

LC

Dysithamnus xanthopterus Burmeister, 1856

LC

Myrmotherula gularis (Spix, 1825)

LC

Myrmotherula minor Salvadori, 1864

VU

Myrmotherula unicolor (Ménétriès, 1835)

VU

Herpsilochmus atricapillus Pelzeln, 1868

LC

Herpsilochmus longirostris Pelzeln, 1868

EN

Herpsilochmus rufimarginatus (Temminck, 1822)

LC

Formicivora melanogaster Pelzeln, 1868

VU

Formicivora rufa (Wied, 1831)

LC

Formicivora aff. acutirostris

CR

Drymophila ferruginea (Temminck, 1822)

LC

Drymophila rubricollis (Bertoni, 1901)

LC

Drymophila genei (Filippi, 1847)

NT

Picidae

<i>Picumnus cirratus</i> Temminck, 1825	LC
<i>Picumnus temminckii</i> Lafresnaye, 1845	LC
<i>Picumnus albosquamatus</i> d'Orbigny, 1840	LC
<i>Melanerpes candidus</i> (Otto, 1796)	LC
<i>Melanerpes flavifrons</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Veniliornis maculifrons</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Veniliornis passerinus</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Veniliornis spilogaster</i> (Wagler, 1827)	LC
<i>Veniliornis mixtus</i> (Boddaert, 1783)	CR
<i>Piculus flavigula</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Piculus aurulentus</i> (Temminck, 1821)	LC
<i>Colaptes melanochloros</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Colaptes campestris</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Celeus flavescens</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Dryocopus galeatus</i> (Temminck, 1822)	EN

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Aves do Estado de São Paulo

<i>Drymophila ochropyga</i> (Hellmayr, 1906)	NT	<i>Dendrocolaptes platyrostris</i> Spix, 1825	LC
<i>Drymophila malura</i> (Temminck, 1825)	LC	<i>Xiphorhynchus fuscus</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Drymophila squamata</i> (Lichtenstein, 1823)	LC	<i>Lepidocolaptes angustirostris</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Terenura maculata</i> (Wied, 1831)	LC	<i>Lepidocolaptes squamatus</i> (Lichtenstein, 1822)	LC
<i>Pyriglenia leucoptera</i> (Vieillot, 1818)	LC	<i>Lepidocolaptes falcinellus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	LC
<i>Myrmeciza loricata</i> (Lichtenstein, 1823)	LC	<i>Campylorhamphus trochilirostris</i> (Lichtenstein, 1820)	CR
<i>Myrmeciza squamosa</i> Pelzeln, 1868	LC	<i>Campylorhamphus falcirostris</i> (Vieillot, 1822)	LC
Conopophagidae			
<i>Conopophaga lineata</i> (Wied, 1831)	LC	<i>Furnarius figulus</i> (Lichtenstein, 1823)	LC
<i>Conopophaga melanops</i> (Vieillot, 1818)	LC	<i>Furnarius rufus</i> (Gmelin, 1788)	LC
Grallariidae			
<i>Grallaria varia</i> (Boddaert, 1783)	LC	<i>Phleocryptes melanops</i> (Vieillot, 1817)	VU
<i>Hylopezus nattereri</i> (Pinto, 1937)	LC	<i>Leptasthenura setaria</i> (Temminck, 1824)	LC
Rhinocryptidae			
<i>Psilorhamphus guttatus</i> (Ménétriès, 1835)	LC	<i>Oreophylax moreirae</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)	EN
<i>Merulaxis ater</i> Lesson, 1830	NT	<i>Schoeniophylax phryganophilus</i> (Vieillot, 1817)	DD
<i>Scytalopus notorius</i> Raposo, Stopiglia, Loskot & Kirwan, 2006	LC	<i>Synallaxis ruficapilla</i> Vieillot, 1819	LC
<i>Scytalopus indigoticus</i> (Wied, 1831)	LC	<i>Synallaxis cinerascens</i> Temminck, 1823	LC
Formicariidae			
<i>Formicarius colma</i> Boddaert, 1783	LC	<i>Synallaxis frontalis</i> Pelzeln, 1859	LC
<i>Chamaezza campanisona</i> (Lichtenstein, 1823)	LC	<i>Synallaxis albescens</i> Temminck, 1823	NT
<i>Chamaezza meruloides</i> Vigors, 1825	LC	<i>Synallaxis spixi</i> Sclater, 1856	LC
<i>Chamaezza ruficauda</i> (Cabanis & Heine, 1859)	LC	<i>Synallaxis hypospodia</i> Sclater, 1874	EN
Scleruridae			
<i>Sclerurus mexicanus</i> Sclater, 1857	VU	<i>Synallaxis scutata</i> Sclater, 1859	EN
<i>Sclerurus scanor</i> (Ménétriès, 1835)	LC	<i>Cranioleuca vulpina</i> (Pelzeln, 1856)	LC
<i>Geositta poeciloptera</i> (Wied, 1830)	CR	<i>Cranioleuca obsoleta</i> (Reichenbach, 1853)	DD
Dendrocolaptidae			
<i>Dendrocicla turdina</i> (Lichtenstein, 1820)	LC	<i>Cranioleuca pallida</i> (Wied, 1831)	LC
<i>Sittasomus griseicapillus</i> (Vieillot, 1818)	LC	<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Xiphocolaptes albicollis</i> (Vieillot, 1818)	LC	<i>Phacellodomus rufifrons</i> (Wied, 1821)	LC
		<i>Phacellodomus ruber</i> (Vieillot, 1817)	LC
		<i>Phacellodomus erythrophthalmus</i> (Wied, 1821)	LC
		<i>Phacellodomus ferrugineigula</i> (Pelzeln, 1858)	LC
		<i>Clibanornis dendrocolaptoides</i> (Pelzeln, 1859)	DD
		<i>Anumbius annumbi</i> (Vieillot, 1817)	NT
		<i>Anabacerthia amaurotis</i> (Temminck, 1823)	LC
		<i>Syndactyla rufosuperciliata</i> (Lafresnaye, 1832)	LC
		<i>Philydor lichtensteini</i> Cabanis & Heine, 1859	LC
		<i>Philydor atricapillus</i> (Wied, 1821)	LC
		<i>Philydor rufum</i> (Vieillot, 1818)	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Aves do Estado de São Paulo

<i>Anabazenops fuscus</i> (Vieillot, 1816)	LC	<i>Elaenia chiriquensis</i> Lawrence, 1865	LC
<i>Cichlocolaptes leucophrus</i> (Jardine & Selby, 1830)	LC	<i>Elaenia obscura</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	LC
<i>Automolus leucophthalmus</i> (Wied, 1821)	LC	<i>Camptostoma obsoletum</i> (Temminck, 1824)	LC
<i>Hylocrepus rectirostris</i> (Wied, 1831)	NT	<i>Suiriri suiriri</i> (Vieillot, 1818)	CR
<i>Lochmias nematura</i> (Lichtenstein, 1823)	LC	<i>Serpophaga nigricans</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Heliobletus contaminatus</i> Berlepsch, 1885	LC	<i>Serpophaga subcristata</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Xenops minutus</i> (Sparrman, 1788)	LC	<i>Phaeomyias murina</i> (Spix, 1825)	LC
<i>Xenops rutilans</i> Temminck, 1821	LC	<i>Capsiempis flaveola</i> (Lichtenstein, 1823)	LC
Tyrannidae			
<i>Mionectes rufiventris</i> Cabanis, 1846	LC	<i>Polystictus pectoralis</i> (Vieillot, 1817)	CR
<i>Leptopogon amaurocephalus</i> Tschudi, 1846	LC	<i>Polystictus superciliaris</i> (Wied, 1831)	LC
<i>Corythopis delalandi</i> (Lesson, 1830)	LC	<i>Pseudocolopteryx flaviventris</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	DD
<i>Hemitriccus diops</i> (Temminck, 1822)	LC	<i>Euscarthmus meloryphus</i> Wied, 1831	LC
<i>Hemitriccus obsoletus</i> (Miranda-Ribeiro, 1906)	LC	<i>Euscarthmus rufomarginatus</i> (Pelzeln, 1868)	CR
<i>Hemitriccus orbitatus</i> (Wied, 1831)	LC	<i>Phylloscartes eximius</i> (Temminck, 1822)	VU
<i>Hemitriccus nidipendulus</i> (Wied, 1831)	LC	<i>Phylloscartes ventralis</i> (Temminck, 1824)	LC
<i>Hemitriccus margaritaceiventer</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	LC	<i>Phylloscartes kronei</i> Willis & Oniki, 1992	VU
<i>Hemitriccus furcatus</i> (Lafresnaye, 1846)	VU	<i>Phylloscartes paulista</i> Ihering & Ihering, 1907	VU
<i>Myiornis auricularis</i> (Vieillot, 1818)	LC	<i>Phylloscartes oustaleti</i> (Slater, 1887)	LC
<i>Poecilotriccus plumbeiceps</i> (Lafresnaye, 1846)	LC	<i>Phylloscartes difficilis</i> (Ihering & Ihering, 1907)	NT
<i>Poecilotriccus latirostris</i> (Pelzeln, 1868)	NT	<i>Phylloscartes sylviolus</i> (Cabanis & Heine, 1859)	NT
<i>Todirostrum poliocephalum</i> (Wied, 1831)	LC	<i>Sublegatus modestus</i> (Wied, 1831)	EN
<i>Todirostrum cinereum</i> (Linnaeus, 1766)	LC	<i>Tachuris rubrigastra</i> (Vieillot, 1817)	DD
<i>Phyllomyias burmeisteri</i> Cabanis & Heine, 1859	LC	<i>Culicivora caudacuta</i> (Vieillot, 1818)	CR
<i>Phyllomyias virescens</i> (Temminck, 1824)	LC	<i>Tolmomyias sulphurescens</i> (Spix, 1825)	LC
<i>Phyllomyias fasciatus</i> (Thunberg, 1822)	LC	<i>Platyrinchus mystaceus</i> Vieillot, 1818	LC
<i>Phyllomyias griseocapilla</i> Sclater, 1862	LC	<i>Platyrinchus leucoryphus</i> Wied, 1831	VU
<i>Myiopagis gaimardi</i> (d'Orbigny, 1839)	VU	<i>Onychorhynchus swainsoni</i> (Pelzeln, 1858)	VU
<i>Myiopagis caniceps</i> (Swainson, 1835)	LC	<i>Myiophobus fasciatus</i> (Statius Muller, 1776)	LC
<i>Myiopagis viridicata</i> (Vieillot, 1817)	LC	<i>Myiobius barbatus</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Elaenia flavogaster</i> (Thunberg, 1822)	LC	<i>Myiobius atricaudus</i> Lawrence, 1863	LC
<i>Elaenia spectabilis</i> Pelzeln, 1868	LC	<i>Hirundinea ferruginea</i> (Gmelin, 1788)	LC
<i>Elaenia albiceps</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	LC	<i>Lathrotriccus euleri</i> (Cabanis, 1868)	LC
<i>Elaenia parvirostris</i> Pelzeln, 1868	LC	<i>Cnemotriccus fuscatus</i> (Wied, 1831)	LC
<i>Elaenia mesoleuca</i> (Deppe, 1830)	LC	<i>Contopus cooperi</i> (Nuttall, 1831)	LC
<i>Elaenia cristata</i> Pelzeln, 1868	EN	<i>Contopus virens</i> (Linnaeus, 1766)	LC
		<i>Contopus cinereus</i> (Spix, 1825)	LC
		<i>Pyrocephalus rubinus</i> (Boddaert, 1783)	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Aves do Estado de São Paulo

<i>Lessonia rufa</i> (Gmelin, 1789)	LC	<i>Attila rufus</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Knipolegus cyanirostris</i> (Vieillot, 1818)	LC		
<i>Knipolegus lophotes</i> Boie, 1828	LC		
<i>Knipolegus nigerrimus</i> (Vieillot, 1818)	LC		
<i>Hymenops perspicillatus</i> (Gmelin, 1789)	LC		
<i>Satrapa icterophrys</i> (Vieillot, 1818)	LC		
<i>Xolmis cinereus</i> (Vieillot, 1816)	LC		
<i>Xolmis velatus</i> (Lichtenstein, 1823)	LC		
<i>Gubernetes yetapa</i> (Vieillot, 1818)	LC		
<i>Muscipipra vetula</i> (Lichtenstein, 1823)	LC		
<i>Fluvicola albiventer</i> (Spix, 1825)	LC		
<i>Fluvicola nengeta</i> (Linnaeus, 1766)	LC		
<i>Arundinicola leucocephala</i> (Linnaeus, 1764)	LC		
<i>Alectrurus tricolor</i> (Vieillot, 1816)	CR		
<i>Colonia colonus</i> (Vieillot, 1818)	LC		
<i>Machetornis rixosa</i> (Vieillot, 1819)	LC		
<i>Legatus leucophaius</i> (Vieillot, 1818)	LC		
<i>Myiozetetes cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	LC		
<i>Myiozetetes similis</i> (Spix, 1825)	LC		
<i>Pitangus sulphuratus</i> (Linnaeus, 1766)	LC		
<i>Philohydor lictor</i> (Lichtenstein, 1823)	LC		
<i>Conopias trivirgatus</i> (Wied, 1831)	LC		
<i>Myiodynastes maculatus</i> (Statius Muller, 1776)	LC		
<i>Megarynchus pitangua</i> (Linnaeus, 1766)	LC		
<i>Empidonax varius</i> (Vieillot, 1818)	LC		
<i>Griseotyrannus aurantioatrocristatus</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	LC		
<i>Tyrannus albogularis</i> Burmeister, 1856	LC		
<i>Tyrannus melancholicus</i> Vieillot, 1819	LC		
<i>Tyrannus savana</i> Vieillot, 1808	LC		
<i>Rhytipterna simplex</i> (Lichtenstein, 1823)	LC		
<i>Sirystes sibilator</i> (Vieillot, 1818)	LC		
<i>Casiornis rufus</i> (Vieillot, 1816)	NT		
<i>Myiarchus swainsoni</i> Cabanis & Heine, 1859	LC		
<i>Myiarchus ferox</i> (Gmelin, 1789)	LC		
<i>Myiarchus tyrannulus</i> (Statius Muller, 1776)	LC		
<i>Ramphotrigon megacephalum</i> (Swainson, 1835)	LC		
<i>Attila phoenicurus</i> Pelzeln, 1868	LC		
<hr/>			
Cotingidae			
<i>Phibalura flavirostris</i> Vieillot, 1816	NT		
<i>Carpornis cucullata</i> (Swainson, 1821)	LC		
<i>Carpornis melanocephala</i> (Wied, 1820)	CR		
<i>Procnias nudicollis</i> (Vieillot, 1817)	VU		
<i>Tijuca atra</i> Ferrusac, 1829	NT		
<i>Lipaagus lanioides</i> (Lesson, 1844)	VU		
<i>Pyroderus scutatus</i> (Shaw, 1792)	VU		
<hr/>			
Pipridae			
<i>Neopelma pallescens</i> (Lafresnaye, 1853)	VU		
<i>Neopelma chrysolophum</i> Pinto, 1944	LC		
<i>Piprites chloris</i> (Temminck, 1822)	LC		
<i>Piprites pileata</i> (Temminck, 1822)	VU		
<i>Ilicura militaris</i> (Shaw & Nodder, 1809)	LC		
<i>Manacus manacus</i> (Linnaeus, 1766)	LC		
<i>Antilophia galeata</i> (Lichtenstein, 1823)	NT		
<i>Chiroxiphia caudata</i> (Shaw & Nodder, 1793)	LC		
<i>Pipra fasciicauda</i> Hellmayr, 1906	VU		
<hr/>			
Tityridae			
<i>Oxyruncus cristatus</i> Swainson, 1821	LC		
<i>Schiffornis virescens</i> (Lafresnaye, 1838)	LC		
<i>Laniisoma elegans</i> (Thunberg, 1823)	VU		
<i>Iodopleura pipra</i> (Lesson, 1831)	EN		
<i>Tityra inquisitor</i> (Lichtenstein, 1823)	LC		
<i>Tityra cayana</i> (Linnaeus, 1766)	LC		
<i>Pachyramphus viridis</i> (Vieillot, 1816)	LC		
<i>Pachyramphus castaneus</i> (Jardine & Selby, 1827)	LC		
<i>Pachyramphus polychopterus</i> (Vieillot, 1818)	LC		
<i>Pachyramphus marginatus</i> (Lichtenstein, 1823)	NT		
<i>Pachyramphus validus</i> (Lichtenstein, 1823)	LC		
<hr/>			

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Aves do Estado de São Paulo

Vireonidae

<i>Cyclarhis gujanensis</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Vireo olivaceus</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Hylophilus amaurocephalus</i> (Nordmann, 1835)	LC
<i>Hylophilus poicilotis</i> Temminck, 1822	LC
<i>Hylophilus thoracicus</i> Temminck, 1822	DD

Corvidae

<i>Cyanocorax cyanomelas</i> (Vieillot, 1818)	DD
<i>Cyanocorax caeruleus</i> (Vieillot, 1818)	NT
<i>Cyanocorax cristatellus</i> (Temminck, 1823)	LC
<i>Cyanocorax chrysops</i> (Vieillot, 1818)	LC

Hirundinidae

<i>Pygochelidon cyanoleuca</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Alopochelidon fucata</i> (Temminck, 1822)	LC
<i>Atticora tibialis</i> (Cassin, 1853)	LC
<i>Stelgidopteryx ruficollis</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Progne tapera</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Progne subis</i> (Linnaeus, 1758)	NT
<i>Progne chalybea</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Tachycineta albiventer</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Tachycineta leucorrhoa</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Riparia riparia</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Hirundo rustica</i> Linnaeus, 1758	LC
<i>Petrochelidon pyrrhonota</i> (Vieillot, 1817)	LC

Troglodytidae

<i>Troglodytes musculus</i> Naumann, 1823	LC
<i>Cistothorus platensis</i> (Latham, 1790)	CR
<i>Cantorchilus leucotis</i> (Lafresnaye, 1845)	LC
<i>Cantorchilus longirostris</i> (Vieillot, 1819)	LC

Donacobiidae

<i>Donacobius atricapilla</i> (Linnaeus, 1766)	LC
--	----

Polioptilidae

<i>Ramphocaenus melanurus</i> Vieillot, 1819	LC
<i>Polioptila lactea</i> Sharpe, 1885	NT
<i>Polioptila dumicola</i> (Vieillot, 1817)	LC

Turdidae

<i>Catharus fuscescens</i> (Stephens, 1817)	LC
<i>Catharus ustulatus</i> (Nuttall, 1840)	LC
<i>Turdus flavipes</i> Vieillot, 1818	LC
<i>Turdus rufiventris</i> Vieillot, 1818	LC
<i>Turdus leucomelas</i> Vieillot, 1818	LC
<i>Turdus amaurochalinus</i> Cabanis, 1850	LC
<i>Turdus subalaris</i> (Seebold, 1887)	LC
<i>Turdus albicollis</i> Vieillot, 1818	LC

Mimidae

<i>Mimus saturninus</i> (Lichtenstein, 1823)	LC
<i>Mimus triurus</i> (Vieillot, 1818)	LC

Motacillidae

<i>Anthus lutecens</i> Pucheran, 1855	LC
<i>Anthus correndera</i> Vieillot, 1818	LC
<i>Anthus nattereri</i> Sclater, 1878	CR
<i>Anthus hellmayri</i> Hartert, 1909	NT

Coerebidae

<i>Coereba flaveola</i> (Linnaeus, 1758)	LC
--	----

Thraupidae

<i>Orchesticus abeillei</i> (Lesson, 1839)	NT
<i>Schistochlamys melanopis</i> (Latham, 1790)	EN
<i>Schistochlamys ruficapillus</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Cissopis leverianus</i> (Gmelin, 1788)	NT
<i>Neothraupis fasciata</i> (Lichtenstein, 1823)	EN
<i>Nemosia pileata</i> (Boddaert, 1783)	LC
<i>Orthogonyx chloricterus</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Thlypopsis sordida</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Aves do Estado de São Paulo

		Emberizidae	
<i>Pyrrhocoma ruficeps</i> (Strickland, 1844)	LC	<i>Zonotrichia capensis</i> (Statius Muller, 1776)	LC
<i>Cypsnagra hirundinacea</i> (Lesson, 1831)	EN	<i>Ammodramus humeralis</i> (Bosc, 1792)	LC
<i>Trichothraupis melanops</i> (Vieillot, 1818)	LC	<i>Haplospiza unicolor</i> Cabanis, 1851	LC
<i>Piranga flava</i> (Vieillot, 1822)	LC	<i>Donacospiza albifrons</i> (Vieillot, 1817)	VU
<i>Habia rubica</i> (Vieillot, 1817)	LC	<i>Poospiza thoracica</i> (Nordmann, 1835)	LC
<i>Eucometis penicillata</i> (Spix, 1825)	EN	<i>Poospiza lateralis</i> (Nordmann, 1835)	LC
<i>Tachyphonus cristatus</i> (Linnaeus, 1766)	LC	<i>Poospiza cabanisi</i> Bonaparte, 1850	LC
<i>Tachyphonus coronatus</i> (Vieillot, 1822)	LC	<i>Poospiza cinerea</i> Bonaparte, 1850	CR
<i>Tachyphonus rufus</i> (Boddaert, 1783)	VU	<i>Sicalis citrina</i> Pelzeln, 1870	NT
<i>Ramphocelus carbo</i> (Pallas, 1764)	LC	<i>Sicalis flaveola</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Ramphocelus bresilius</i> (Linnaeus, 1766)	LC	<i>Sicalis luteola</i> (Sparrman, 1789)	LC
<i>Thraupis sayaca</i> (Linnaeus, 1766)	LC	<i>Emberizoides herbicola</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Thraupis cyanoptera</i> (Vieillot, 1817)	LC	<i>Emberizoides ypiranganus</i> Ihering & Ihering, 1907	VU
<i>Thraupis ornata</i> (Sparrman, 1789)	LC	<i>Embernagra platensis</i> (Gmelin, 1789)	VU
<i>Thraupis palmarum</i> (Wied, 1823)	LC	<i>Volatinia jacarina</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Stephanophorus diadematus</i> (Temminck, 1823)	LC	<i>Sporophila frontalis</i> (Verreaux, 1869)	CR
<i>Pipraeidea melanonota</i> (Vieillot, 1819)	LC	<i>Sporophila falcirostris</i> (Temminck, 1820)	CR
<i>Tangara seledon</i> (Statius Muller, 1776)	LC	<i>Sporophila plumbea</i> (Wied, 1830)	EN
<i>Tangara cyanocephala</i> (Statius Muller, 1776)	LC	<i>Sporophila collaris</i> (Boddaert, 1783)	VU
<i>Tangara desmaresti</i> (Vieillot, 1819)	LC	<i>Sporophila lineola</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Tangara cyanoventris</i> (Vieillot, 1819)	LC	<i>Sporophila nigricollis</i> (Vieillot, 1823)	LC
<i>Tangara cayana</i> (Linnaeus, 1766)	LC	<i>Sporophila caerulescens</i> (Vieillot, 1823)	LC
<i>Tangara peruviana</i> (Desmarest, 1806)	EN	<i>Sporophila leucoptera</i> (Vieillot, 1817)	LC
<i>Tangara preciosa</i> (Cabanis, 1850)	LC	<i>Sporophila bouvreuil</i> (Statius Muller, 1776)	VU
<i>Tersina viridis</i> (Illiger, 1811)	LC	<i>Sporophila pileata</i> (Sclater, 1864)	EN
<i>Dacnis nigripes</i> Pelzeln, 1856	VU	<i>Sporophila hypoxantha</i> Cabanis, 1851	CR
<i>Dacnis cayana</i> (Linnaeus, 1766)	LC	<i>Sporophila ruficollis</i> Cabanis, 1851	CR
<i>Cyanerpes cyaneus</i> (Linnaeus, 1766)	DD	<i>Sporophila palustris</i> (Barrows, 1883)	CR
<i>Chlorophanes spiza</i> (Linnaeus, 1758)	LC	<i>Sporophila cinnamomea</i> (Lafresnaye, 1839)	CR
<i>Hemithraupis guira</i> (Linnaeus, 1766)	LC	<i>Sporophila melanogaster</i> (Pelzeln, 1870)	CR
<i>Hemithraupis ruficapilla</i> (Vieillot, 1818)	LC	<i>Sporophila angolensis</i> (Linnaeus, 1766)	VU
<i>Conirostrum speciosum</i> (Temminck, 1824)	LC	<i>Sporophila maximiliani</i> (Cabanis, 1851)	CR
<i>Conirostrum bicolor</i> (Vieillot, 1809)	LC	<i>Tiaris fuliginosus</i> (Wied, 1830)	LC
		<i>Arremon semitorquatus</i> Swainson, 1838	LC
		<i>Arremon flavirostris</i> Swainson, 1838	LC
		<i>Charitospiza eu cosma</i> Oberholser, 1905	CR

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Aves do Estado de São Paulo

<i>Coryphaspiza melanotis</i> (Temminck, 1822)	CR	Icteridae	
<i>Coryphospingus cucullatus</i> (Statius Muller, 1776)	LC	<i>Psarocolius decumanus</i> (Pallas, 1769)	LC
<i>Paroaria coronata</i> (Miller, 1776)	X*	<i>Procacicus solitarius</i> (Vieillot, 1816)	DD
<i>Paroaria capitata</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	DD	<i>Cacus chrysopterus</i> (Vigors, 1825)	LC
Cardinalidae		<i>Cacus haemorrhous</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Saltator fuliginosus</i> (Daudin, 1800)	LC	<i>Icterus cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Saltator maximus</i> (Statius Muller, 1776)	DD	<i>Icterus croconotus</i> (Wagler, 1829)	LC
<i>Saltator similis</i> d'Orbigny & Lafresnaye, 1837	LC	<i>Gnorimopsar chopi</i> (Vieillot, 1819)	NT
<i>Saltator maxillosus</i> Cabanis, 1851	NT	<i>Amblyramphus holosericeus</i> (Scopoli, 1786)	LC
<i>Saltator aurantiirostris</i> Vieillot, 1817	LC	<i>Agelasticus cyanopus</i> (Vieillot, 1819)	NT
<i>Saltator atricollis</i> Vieillot, 1817	VU	<i>Chrysomus ruficapillus</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Cyanoloxia moesta</i> (Hartlaub, 1853)	VU	<i>Pseudoleistes guirahuro</i> (Vieillot, 1819)	LC
<i>Cyanoloxia brissonii</i> (Lichtenstein, 1823)	VU	<i>Molothrus rufoaxillaris</i> Cassin, 1866	LC
<i>Cyanoloxia glaucoerulea</i> (d'Orbigny & Lafresnaye, 1837)	LC	<i>Molothrus oryzivorus</i> (Gmelin, 1788)	LC
		<i>Molothrus bonariensis</i> (Gmelin, 1789)	LC
		<i>Sturnella superciliaris</i> (Bonaparte, 1850)	LC
Parulidae			
<i>Parula pitiayumi</i> (Vieillot, 1817)	LC	Fringillidae	
<i>Dendroica striata</i> (Forster, 1772)	LC	<i>Carduelis magellanica</i> (Vieillot, 1805)	LC
<i>Dendroica cerulea</i> (Wilson, 1810)	DD	<i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Geothlypis aequinoctialis</i> (Gmelin, 1789)	LC	<i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Basileuterus culicivorus</i> (Deppe, 1830)	LC	<i>Euphonia chalybea</i> (Mikan, 1825)	VU
<i>Basileuterus hypoleucus</i> Bonaparte, 1830	LC	<i>Euphonia cyanocephala</i> (Vieillot, 1818)	LC
<i>Basileuterus flaveolus</i> (Baird, 1865)	LC	<i>Euphonia pectoralis</i> (Latham, 1801)	LC
<i>Basileuterus leucoblepharus</i> (Vieillot, 1817)	LC	<i>Chlorophonia cyanea</i> (Thunberg, 1822)	LC
<i>Basileuterus leucophrys</i> Pelzeln, 1868	EN		
<i>Phaeothlypis rivularis</i> (Wied, 1821)	LC		
		Estrildidae	
		<i>Estrilda astrild</i> (Linnaeus, 1758)	X*
		Passeridae	
		<i>Passer domesticus</i> (Linnaeus, 1758)	X*

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Espécies de aves retiradas da lista de aves de São Paulo por não apresentarem registros documentados

Espécie	Justificativa
<i>Buteo melanoleucus</i>	Não apresenta registros confiáveis, embora seja de ocorrência provável, especialmente na região noroeste.
<i>Aramides ypecaha</i>	Não apresenta qualquer registro documentado no Estado de São Paulo.
<i>Touit surdus</i>	Espécie de difícil identificação, podendo ser facilmente confundida com <i>Touit melanotus</i> , que possui diversos registros documentados em São Paulo. Sua inclusão na lista de São Paulo aguarda dados de melhor qualidade.
<i>Amazona rhodocorytha</i>	O registro desta espécie foi realizado no estado do Rio de Janeiro ($23^{\circ} 17' 24.20''\text{S}$ e $44^{\circ} 38' 30.21''\text{W}$; P. Martuscelli, com. pess.) e erroneamente “transferido” para São Paulo por ser algo próximo da divisa (~20 km) entre os dois estados. Não foi registrado em São Paulo.
<i>Chordeiles pusillus</i>	Registro sem documentação, embora haja a possibilidade de sua ocorrência na região noroeste do estado.
<i>Discosura langsdorffi</i>	Espécie rara de beija-flor, cujo limite sul é o estado do Rio de Janeiro. A inclusão desta espécie na lista de São Paulo baseia-se em uma única observação, sem documentação. Sua inclusão na lista de São Paulo aguarda dados de melhor qualidade.
<i>Cercomacra brasiliiana</i>	O registro foi realizado no Rio de Janeiro, próximo à fronteira com São Paulo. Nunca foi observada no Estado.
<i>Pseudocolopteryx sclateri</i>	Espécie de difícil identificação, podendo ser facilmente confundida com outras espécies do gênero. É necessária melhor documentação para que faça parte da lista de São Paulo.
<i>Tolmomyias flaviventris</i>	Límite sul da distribuição no Rio de Janeiro. Não foi registrado de maneira definitiva em São Paulo.
<i>Calyptura cristata</i>	Eventualmente citado por observadores de aves como ocorrente na região de Ubatuba, mas nunca contou com qualquer documentação do registro. Uma das aves mais raras e enigmáticas do Neotrópico; registros documentados e confiáveis só foram realizados no estado do Rio de Janeiro. A inclusão desta espécie na lista de São Paulo aguarda dados de melhor qualidade.

A N E X O 7

Répteis do Estado de São Paulo

Renato S. Bérnuls; Ricardo J. Sawaya;
Cristiano C. Nogueira; Otavio A. V. Marques;
Hebert Ferrarezzi; Francisco L. Franco;
Valdir J. Germano; Miguel T. U. Rodrigues;
Hussam E. Zaher; Flávio B. Molina; Marcio Martins

Répteis do Estado de São Paulo

TESTUDINES

Chelidae

<i>Acanthochelys radiolata</i> (Mikan, 1820)	DD
<i>Acanthochelys spixii</i> (Duméril & Bibron, 1835)	LC
<i>Hydromedusa maximiliani</i> (Mikan, 1820)	LC
<i>Hydromedusa tectifera</i> Cope, 1869	LC
<i>Mesoclemmys vanderhaegei</i> (Bour, 1973)	DD
<i>Phrynos geoffroanus</i> (Schweigger, 1812)	LC

Cheloniidae

<i>Caretta caretta</i> (Linnaeus, 1758)	VU
<i>Chelonia mydas</i> (Linnaeus, 1758)	VU
<i>Eretmochelys imbricata</i> (Linnaeus, 1766)	EN
<i>Lepidochelys olivacea</i> (Eschscholtz, 1829)	EN

Dermochelyidae

<i>Dermochelys coriacea</i> (Linnaeus, 1766)	CR
--	----

CROCODYLIA

Alligatoridae

<i>Caiman latirostris</i> (Daudin, 1802)	LC
<i>Caiman yacare</i> (Daudin, 1802)	LC
<i>Paleosuchus palpebrosus</i> (Cuvier, 1807)	DD

SQUAMATA

Amphisbaenidae

<i>Amphisbaena alba</i> Linnaeus, 1758	LC
<i>Amphisbaena dubia</i> Müller, 1924	LC
<i>Amphisbaena hogei</i> Vanzolini, 1950	LC
<i>Amphisbaena mertensi</i> Strauch, 1881	LC
<i>Amphisbaena prunicolor</i> (Cope, 1885)	LC
<i>Amphisbaena sanctaeritae</i> Vanzolini, 1994	VU
<i>Amphisbaena trachura</i> Cope, 1885	LC
<i>Cercophis roberti</i> (Gans, 1964)	LC
<i>Leposternon microcephalum</i> Wagler, 1824	LC

Anguidae

<i>Diploglossus fasciatus</i> (Gray, 1831)	LC
<i>Ophiodes fragilis</i> (Raddi, 1820)	LC
<i>Ophiodes</i> sp.nov. 1	LC
<i>Ophiodes</i> sp.nov. 2	LC
<i>Ophiodes striatus</i> (Spix, 1824)	LC

Gekkonidae

<i>Gymnodactylus darwini</i> (Gray, 1845)	LC
<i>Hemidactylus mabouia</i> (Moreau de Jonnès, 1818)	X*

Leiosauridae

<i>Anisolepis grilli</i> Boulenger, 1891	LC
<i>Enyalius iheringii</i> Boulenger, 1885	LC
<i>Enyalius perditus</i> Jackson, 1978	LC
<i>Urostrophus vautieri</i> Duméril & Bibron, 1837	LC

Polychrotidae

<i>Anolis meridionalis</i> Boettger, 1885	VU
<i>Anolis nitens brasiliensis</i> Vanzolini & Williams, 1970	DD
<i>Anolis punctatus</i> Daudin, 1802	DD
<i>Hoplocercus spinosus</i> Fitzinger, 1843	LC
<i>Polychrus acutirostris</i> Spix, 1825	LC
<i>Polychrus marmoratus</i> (Linnaeus, 1758)	DD

Tropiduridae

<i>Stenocercus azureus</i> (Müller, 1882)	EN
<i>Tropidurus itambere</i> Rodrigues, 1987	LC
<i>Tropidurus torquatus</i> (Wied, 1820)	LC

Scincidae

<i>Mabuya bistrigata</i> (Spix, 1825)	LC
<i>Mabuya caissara</i> Rebouças-Spieker, 1974	EN
<i>Mabuya dorsivittata</i> Cope, 1862	LC
<i>Mabuya frenata</i> (Cope, 1862)	LC
<i>Mabuya guaporicola</i> Dunn, 1936	VU
<i>Mabuya macrorhyncha</i> Hoge, 1947	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Répteis do Estado de São Paulo

Gymnophthalmidae

<i>Bachia bresslaui</i> (Amaral, 1935)	VU
<i>Cercosaura ocellata</i> Wagler, 1830	LC
<i>Cercosaura quadrilineata</i> (Boettger, 1876)	LC
<i>Cercosaura schreibersii albostrigata</i> (Griffin, 1917)	VU
<i>Cercosaura schreibersii schreibersii</i> Wiegmann, 1834	LC
<i>Colobodactylus dalcyanus</i> Vanzolini & Ramos, 1977	NT
<i>Colobodactylus taunayi</i> (Amaral, 1933)	LC
<i>Colobosaura modesta</i> (Reinhardt & Luetken, 1862)	LC
<i>Ecpleopus gaudichaudii</i> Duméril & Bibron, 1839	LC
<i>Heterodactylus imbricatus</i> Spix, 1825	LC
<i>Micrablepharus atticolus</i> Rodrigues, 1996	VU
<i>Placosoma cordylinum champsonotus</i> (Werner, 1910)	DD
<i>Placosoma cordylinum cordylinum</i> Tschudi, 1847	LC
<i>Placosoma glabellum</i> (Peters, 1870)	LC

Teiidae

<i>Ameiva ameiva</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Cnemidophorus aff. lacertoides</i>	VU
<i>Cnemidophorus ocellifer</i> (Spix, 1825)	LC
<i>Kentropyx paulensis</i> Boettger, 1893	VU
<i>Teius oculatus</i> (D'Orbigny & Bibron, 1837)	DD
<i>Tupinambis merianae</i> (Duméril & Bibron, 1839)	LC
<i>Tupinambis palustris</i> Manzani & Abe, 2002	LC

Anomalepididae

<i>Liotyphlops</i> sp. nov. aff. <i>beui</i>	DD
<i>Liotyphlops beui</i> (Amaral, 1924)	LC
<i>Liotyphlops schubarti</i> Vanzolini, 1948	VU
<i>Liotyphlops ternetzii</i> (Boulenger, 1896)	LC

Leptotyphlopidae

<i>Leptotyphlops koppesi</i> Amaral, 1955	LC
---	----

Typhlopidae

<i>Typhlops bronversmianus</i> Vanzolini, 1976	LC
--	----

Boidae

<i>Boa constrictor amarali</i> (Stull, 1932)	LC
<i>Boa constrictor constrictor</i> Linnaeus, 1758	DD
<i>Corallus cropanii</i> (Hoge, 1953)	EN
<i>Corallus hortulanus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Epicrates cenchria crassus</i> Cope, 1862	LC
<i>Eunectes murinus</i> (Linnaeus, 1758)	LC

Tropidophiidae

<i>Tropidophis paucisquamis</i> (Müller, 1901)	LC
--	----

Colubridae

<i>Apostolepis assimilis</i> (Reinhardt, 1861)	LC
<i>Apostolepis dimidiata</i> (Jan, 1862)	LC
<i>Atractus pantostictus</i> Fernandes & Puerto, 1993	LC
<i>Atractus reticulatus</i> (Boulenger, 1885)	LC
<i>Atractus serranus</i> Amaral, 1930	LC
<i>Atractus trihedrurus</i> Amaral, 1926	LC
<i>Atractus zebrinus</i> (Jan, 1862)	LC
<i>Boiruna maculata</i> (Boulenger, 1896)	LC
<i>Chironius bicarinatus</i> (Wied, 1820)	LC
<i>Chironius exoletus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Chironius flavolineatus</i> (Boettger, 1885)	LC
<i>Chironius foveatus</i> Bailey, 1955	LC
<i>Chironius fuscus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Chironius laevicollis</i> (Wied, 1824)	LC
<i>Chironius quadricarinatus</i> (Boie, 1827)	LC
<i>Clelia</i> sp. nov. aff. <i>rustica</i>	VU
<i>Clelia montana</i> Franco, Marques & Puerto, 1997	VU
<i>Clelia plumbea</i> (Wied, 1820)	LC
<i>Clelia quimi</i> Franco, Marques & Puerto, 1997	LC
<i>Clelia rustica</i> (Cope, 1878)	DD
<i>Dipsas albifrons</i> (Sauvage, 1884)	LC
<i>Dipsas alternans</i> (Fischer, 1885)	LC
<i>Dipsas indica bucephala</i> (Shaw, 1802)	LC
<i>Dipsas indica petersi</i> Hoge & Romano, 1976	LC
<i>Dipsas neivai</i> (Amaral, 1926)	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Répteis do Estado de São Paulo

<i>Ditaxodon taeniatus</i> (Peters in Hensel, 1868)	VU	<i>Oxyrhopus petola digitalis</i> (Reuss, 1834)	LC
<i>Drymarchon corais</i> (Boie, 1827)	LC	<i>Oxyrhopus rhombifer rhombifer</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	LC
<i>Drymoluber brazili</i> (Gomes, 1918)	LC	<i>Oxyrhopus trigeminus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	LC
<i>Echinanthera amoena</i> (Jan, 1863)	LC	<i>Phalotris lativittatus</i> Ferrarelli, 1994	LC
<i>Echinanthera cephalostriata</i> Di-Bernardo, 1996	LC	<i>Phalotris matogrossensis</i> Lema, D'Agostini & Cappellari, 2005	DD
<i>Echinanthera cyanopleura</i> (Cope, 1885)	LC	<i>Phalotris mertensi</i> (Hoge, 1955)	LC
<i>Echinanthera melanostigma</i> (Wagler, 1824)	LC	<i>Phalotris multipunctatus</i> Puerto & Ferrarelli, 1994	EN
<i>Echinanthera undulata</i> (Wied, 1824)	LC	<i>Phalotris nasutus</i> (Gomes, 1915)	EN
<i>Elapomorphus quinquelineatus</i> (Raddi, 1820)	LC	<i>Phalotris reticulatus</i> (Peters, 1860)	NT
<i>Erythrolamprus aesculapii venustissimus</i> (Wied, 1821)	LC	<i>Philodryas aestiva aestiva</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	LC
<i>Gomesophis brasiliensis</i> (Gomes, 1918)	LC	<i>Philodryas arnaldoi</i> (Amaral, 1932)	EN
<i>Helicops carinicaudus</i> (Wied, 1825)	LC	<i>Philodryas livida</i> (Amaral, 1923)	VU
<i>Helicops gomesi</i> Amaral, 1921	LC	<i>Philodryas mattogrossensis</i> Koslowsky, 1898	DD
<i>Helicops infrataeniatus</i> (Jan, 1865)	LC	<i>Philodryas nattereri</i> Steindachner, 1870	LC
<i>Helicops modestus</i> Günther, 1861	LC	<i>Philodryas olfersii herbeus</i> (Wied, 1825)	DD
<i>Hydrodynastes bicinctus schultzi</i> Hoge, 1966	LC	<i>Philodryas olfersii olfersii</i> (Lichtenstein, 1823)	LC
<i>Hydrodynastes gigas</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	LC	<i>Philodryas patagoniensis</i> (Girard, 1857)	LC
<i>Imantodes cenchoa</i> (Linnaeus, 1758)	LC	<i>Phimophis guerini</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	LC
<i>Leptodeira annulata annulata</i> (Linnaeus, 1758)	LC	<i>Pseudablabes agassizii</i> (Jan, 1863)	VU
<i>Leptodeira annulata pulchriceps</i> Duellman, 1958	LC	<i>Pseudoboa haasi</i> (Boettger, 1905)	LC
<i>Leptophis ahaetulla marginatus</i> (Cope, 1862)	LC	<i>Pseudoboa nigra</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	LC
<i>Liophis almadensis</i> (Wagler, 1824)	LC	<i>Pseudoboa serrana</i> Morato, Moura-Leite, Prudente & Bérnails, 1995	LC
<i>Liophis amarali</i> Wettstein, 1930	VU	<i>Pseustes sulphureus</i> (Wagler, 1824)	DD
<i>Liophis atraventer</i> Dixon & Thomas, 1985	LC	<i>Rhachidelus brazili</i> Boulenger, 1908	LC
<i>Liophis flavifrenatus</i> (Cope, 1862)	LC	<i>Sibynomorphus mikanii</i> (Schlegel, 1837)	LC
<i>Liophis frenatus</i> (Werner, 1909)	LC	<i>Sibynomorphus neuwiedi</i> (Ihering, 1911)	LC
<i>Liophis jaegeri jaegeri</i> (Günther, 1858)	LC	<i>Sibynomorphus ventrimaculatus</i> (Boulenger, 1885)	DD
<i>Liophis meridionalis</i> (Schenkel, 1901)	LC	<i>Simophis rhinostoma</i> (Schlegel, 1837)	LC
<i>Liophis miliaris orinus</i> (Griffin, 1915)	LC	<i>Siphlophis longicaudatus</i> (Andersson, 1901)	LC
<i>Liophis poecilogyrus poecilogyrus</i> (Wied, 1944)	LC	<i>Siphlophis pulcher</i> (Raddi, 1820)	LC
<i>Liophis poecilogyrus schottii</i> (Schlegel, 1837)	LC	<i>Sordellina punctata</i> (Peters, 1880)	LC
<i>Liophis reginae macrosoma</i> (Amaral, 1935)	LC	<i>Spilotes pullatus anomalepis</i> Bocourt, 1888	LC
<i>Liophis typhlus brachyurus</i> (Cope, 1887)	LC	<i>Taeniothallus affinis</i> (Günther, 1858)	LC
<i>Lystrophis nattereri</i> (Steindachner, 1867)	VU	<i>Taeniothallus bilineatus</i> (Fischer, 1885)	LC
<i>Mastigodryas bifossatus bifossatus</i> (Raddi, 1820)	LC	<i>Taeniothallus occipitalis</i> (Jan, 1863)	LC
<i>Oxyrhopus clathratus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	LC	<i>Taeniothallus persimilis</i> (Cope, 1869)	LC
<i>Oxyrhopus guibei</i> Hoge & Romano, 1977	LC	<i>Tantilla melanocephala</i> (Linnaeus, 1758)	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Répteis do Estado de São Paulo

<i>Thamnodynastes cf. nattereri</i> (Mikan, 1828)	LC	
<i>Thamnodynastes hypoconia</i> (Cope, 1860)	LC	
<i>Thamnodynastes longicaudus</i> Franco, Ferreira, Marques & Sazima, 2003	LC	
<i>Thamnodynastes rutilus</i> (Prado, 1942)	DD	
<i>Thamnodynastes strigatus</i> (Günther, 1858)	LC	
<i>Tomodon dorsatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	LC	
<i>Tropidodryas serra</i> (Schlegel, 1837)	LC	
<i>Tropidodryas striaticeps</i> (Cope, 1869)	LC	
<i>Uromacerina ricardinii</i> (Peracca, 1897)	LC	
<i>Waglerophis merremii</i> (Wagler, 1824)	LC	
<i>Xenodon neuwiedii</i> Günther, 1863	LC	
<i>Xenopholis scalaris</i> (Wucherer, 1861)	LC	
<i>Xenopholis undulatus</i> (Jensen, 1900)	VU	
Elapidae		
<i>Micrurus corallinus</i> (Merrem, 1820)	LC	
<i>Micrurus decoratus</i> (Jan, 1858)	LC	
<i>Micrurus frontalis</i> (Duméril, Bibron & Duméril, 1854)	LC	
<i>Micrurus lemniscatus carvalhoi</i> Roze, 1967	LC	
Viperidae		
<i>Bothrops alcatraz</i> Marques, Martins & Sazima, 2002	CR	
<i>Bothrops alternatus</i> Duméril, Bibron & Duméril, 1854	LC	
<i>Bothrops cotiara</i> (Gomes, 1913)	EN	
<i>Bothrops diporus</i> (Cope, 1862)	DD	
<i>Bothrops fonsecai</i> Hoge & Belluomini, 1959	VU	
<i>Bothrops insularis</i> (Amaral, 1921)	CR	
<i>Bothrops itapetiningae</i> (Boulenger, 1907)	VU	
<i>Bothrops jararaca</i> (Wied, 1824)	LC	
<i>Bothrops jararacussu</i> Lacerda, 1884	LC	
<i>Bothrops lutzi</i> (Miranda-Ribeiro, 1915)	LC	
<i>Bothrops mattogrossensis</i> Amaral, 1925	LC	
<i>Bothrops moojeni</i> Hoge, 1966	LC	
<i>Bothrops neuwiedi</i> Wagler, 1824	LC	
<i>Bothrops pauloensis</i> Amaral, 1925	LC	
<i>Crotalus durissus collilineatus</i> Amaral, 1926	LC	
<i>Crotalus durissus terrificus</i> (Laurenti, 1768)	LC	

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

A N E X O 8

Anfíbios do Estado de São Paulo

Paulo C. A. Garcia; Ricardo J. Sawaya;
Bianca M. Berneck; Célio F. B. Haddad;
Itamar A. Martins; Marcio Martins;
Cynthia P. A. Prado; Denise C. Rossa-Feres;
Magno V. Segalla; Luis Felipe Toledo;
Vanessa K. Verdade

Anfíbios do Estado de São Paulo

ANURA

Amphignathodontidae

<i>Flectonotus fissilis</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	LC
<i>Flectonotus goeldii</i> (Boulenger, 1895)	NE
<i>Flectonotus ohausi</i> (Wandolleck, 1907)	LC
<i>Gastrotheca albolineata</i> (Lutz and Lutz, 1939)	DD
<i>Gastrotheca microdiscus</i> (Andersson in Lönnberg & Andersson, 1910)	LC

Brachycephalidae

<i>Brachycephalus ephippium</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Brachycephalus hermogenesi</i> (Giareta & Sawaya, 1998)	LC
<i>Brachycephalus nodoterga</i> Miranda-Ribeiro, 1920	DD
<i>Brachycephalus vertebralis</i> Pombal, 2001	DD
<i>Ischnocnema bolbodactyla</i> (Lutz, 1925)	LC
<i>Ischnocnema gehrti</i> (Miranda-Ribeiro, 1926)	LC
<i>Ischnocnema guentheri</i> (Steindachner, 1864)	LC
<i>Ischnocnema hoehnei</i> (Lutz, 1958)	DD
<i>Ischnocnema juipoca</i> (Sazima & Cardoso, 1978)	LC
<i>Ischnocnema lactea</i> (Miranda-Ribeiro, 1923)	LC
<i>Ischnocnema nasuta</i> (Lutz, 1925)	DD
<i>Ischnocnema nigriventris</i> (Lutz, 1925)	LC
<i>Ischnocnema parva</i> (Girard, 1853)	LC
<i>Ischnocnema pusilla</i> Bokermann, 1967	DD
<i>Ischnocnema randorum</i> (Heyer, 1985)	LC
<i>Ischnocnema spanios</i> (Heyer, 1985)	LC

Bufoñidae

<i>Dendrophryniscus brevipollicatus</i> Jiménez de la Espada, 1870	LC
<i>Dendrophryniscus leucomystax</i> Izecksohn, 1968	LC
<i>Melanophryniscus moreirae</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	DD
<i>Rhinella hoogmoedi</i> Caramaschi & Pombal, 2006	LC
<i>Rhinella icterica</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Rhinella ornata</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Rhinella rubescens</i> (Lutz, 1925)	DD
<i>Rhinella schneideri</i> (Werner, 1894)	LC

Centrolenidae

<i>Hyalinobatrachium eurygnathum</i> (Lutz, 1925)	LC
<i>Hyalinobatrachium uranoscopum</i> (Müller, 1924)	LC

Ceratopryidae

<i>Ceratophrys aurita</i> (Raddi, 1823)	LC
---	----

Craugastoridae

<i>Haddadus binotatus</i> (Spix, 1824)	LC
--	----

Cycloramphidae

<i>Cycloramphus acangatan</i> Verdade & Rodrigues, 2003	LC
<i>Cycloramphus boraceiensis</i> Heyer, 1983	DD
<i>Cycloramphus carvalhoi</i> Heyer, 1983	DD
<i>Cycloramphus dubius</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	NT
<i>Cycloramphus eleutherodactylus</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	LC
<i>Cycloramphus faustoi</i> Brasileiro, Haddad, Sawaya & Sazima, 2007	CR
<i>Cycloramphus granulosus</i> Lutz, 1929	LC
<i>Cycloramphus izecksohni</i> Heyer, 1983	DD
<i>Cycloramphus juimirim</i> Haddad & Sazima, 1989	NT
<i>Cycloramphus lutzorum</i> Heyer, 1983	LC
<i>Cycloramphus semipalmatus</i> (Miranda-Ribeiro, 1920)	VU
<i>Cycloramphus stejnegeri</i> (Noble, 1924)	DD
<i>Macrogenioglossus alipioi</i> Carvalho, 1946	LC
<i>Odontophrynus americanus</i> (Duméril & Bibron, 1841)	LC
<i>Odontophrynus cultripes</i> Reinhardt & Lütken, 1862	LC
<i>Odontophrynus moratoi</i> Jim & Caramaschi, 1980	VU
<i>Proceratophrys appendiculata</i> (Günther, 1873)	LC
<i>Proceratophrys boiei</i> (Wied-Neuwied, 1824)	LC
<i>Proceratophrys melanopogon</i> (Miranda-Ribeiro, 1926)	LC
<i>Thoropa miliaris</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Thoropa petropolitana</i> (Wandolleck, 1907)	DD
<i>Thoropa taophora</i> (Miranda-Ribeiro, 1923)	LC
<i>Zachaeus parvulus</i> (Girard, 1853)	DD

Anfíbios do Estado de São Paulo

Hylidae

<i>Aparasphenodon bokermanni</i> Pombal, 1993	LC	<i>Hypsiboas caipora</i> Antunes, Faivovich & Haddad, 2008	LC
<i>Aparasphenodon brunoi</i> Miranda-Ribeiro, 1920	LC	<i>Hypsiboas cymbalum</i> (Bokermann, 1963)	CR
<i>Aplastodiscus albosignatus</i> (Lutz & Lutz, 1938)	LC	<i>Hypsiboas faber</i> (Wied-Neuwied, 1821)	LC
<i>Aplastodiscus arildae</i> (Cruz & Peixoto, 1987)	LC	<i>Hypsiboas latistriatus</i> (Caramaschi & Cruz, 2004)	LC
<i>Aplastodiscus callipygius</i> (Cruz & Peixoto, 1985)	LC	<i>Hypsiboas lundii</i> (Burmeister, 1856)	LC
<i>Aplastodiscus ehrhardti</i> (Müller, 1924)	DD	<i>Hypsiboas pardalis</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Aplastodiscus eugenioi</i> (Carvalho e Silva & Carvalho e Silva, 2005)	LC	<i>Hypsiboas polytaenius</i> (Cope, 1870)	LC
<i>Aplastodiscus leucopygius</i> (Cruz & Peixoto, 1985)	LC	<i>Hypsiboas prasinus</i> (Burmeister, 1856)	LC
<i>Aplastodiscus pervaridis</i> Lutz in Lutz, 1950	LC	<i>Hypsiboas punctatus</i> (Schneider, 1799)	DD
<i>Bokermannohyla ahenea</i> (Napoli & Caramaschi, 2004)	NT	<i>Hypsiboas raniceps</i> Cope, 1862	LC
<i>Bokermannohyla astartea</i> (Bokermann, 1967)	LC	<i>Hypsiboas semilineatus</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Bokermannohyla circumdata</i> (Cope, 1871)	LC	<i>Itapotihyla langsdorffii</i> (Duméril & Bibron, 1841)	LC
<i>Bokermannohyla clepsydra</i> (Lutz, 1925)	DD	<i>Phasmahyla cochranae</i> (Bokermann, 1966)	LC
<i>Bokermannohyla hylax</i> (Heyer, 1985)	LC	<i>Phasmahyla guttata</i> (Lutz, 1924)	LC
<i>Bokermannohyla izecksohni</i> (Jim & Caramaschi, 1979)	LC	<i>Phrynomedusa bokermanni</i> Cruz, 1991	DD
<i>Bokermannohyla luctuosa</i> (Pombal & Haddad, 1993)	LC	<i>Phrynomedusa fimbriata</i> Miranda-Ribeiro, 1923	EX
<i>Bokermannohyla sazimai</i> (Cardoso & Andrade, 1982)	DD	<i>Phrynomedusa marginata</i> (Izecksohn & Cruz, 1976)	LC
<i>Dendropsophus anceps</i> (Lutz, 1929)	LC	<i>Phrynomedusa vanzolinii</i> Cruz, 1991	DD
<i>Dendropsophus berthalutzae</i> (Bokermann, 1962)	LC	<i>Phyllomedusa ayeaye</i> (Lutz, 1966)	DD
<i>Dendropsophus decipiens</i> (Lutz, 1925)	LC	<i>Phyllomedusa azurea</i> Cope, 1862	DD
<i>Dendropsophus elegans</i> (Wied-Neuwied, 1824)	LC	<i>Phyllomedusa burmeisteri</i> Boulenger, 1882	LC
<i>Dendropsophus elianeae</i> (Napoli & Caramaschi, 2000)	LC	<i>Phyllomedusa distincta</i> Lutz, 1950	LC
<i>Dendropsophus giesleri</i> (Mertens, 1950)	LC	<i>Phyllomedusa rohdei</i> Mertens, 1926	LC
<i>Dendropsophus jimi</i> (Napoli & Caramaschi, 1999)	LC	<i>Phyllomedusa tetraploidea</i> Pombal & Haddad, 1992	LC
<i>Dendropsophus limai</i> (Bokermann, 1962)	DD	<i>Pseudis platensis</i> Gallardo, 1961	LC
<i>Dendropsophus microps</i> (Peters, 1872)	LC	<i>Scinax alcatraz</i> (Lutz, 1973)	CR
<i>Dendropsophus minutus</i> (Peters, 1872)	LC	<i>Scinax alter</i> (Lutz, 1973)	LC
<i>Dendropsophus nanus</i> (Boulenger, 1889)	LC	<i>Scinax angrensis</i> Lutz, 1973	LC
<i>Dendropsophus rhea</i> (Napoli & Caramaschi, 1999)	DD	<i>Scinax argyreornatus</i> (Miranda-Ribeiro, 1926)	LC
<i>Dendropsophus sanborni</i> (Schmidt, 1944)	LC	<i>Scinax ariadne</i> (Bokermann, 1967)	DD
<i>Dendropsophus seniculus</i> (Cope, 1868)	LC	<i>Scinax atratus</i> (Peixoto, 1989)	DD
<i>Dendropsophus werneri</i> (Cochran, 1952)	LC	<i>Scinax berthae</i> (Barrio, 1962)	LC
<i>Hypsiboas albomarginatus</i> (Spix, 1824)	LC	<i>Scinax brieni</i> (De Witte, 1930)	DD
<i>Hypsiboas albopunctatus</i> (Spix, 1824)	LC	<i>Scinax caldarium</i> (Lutz, 1968)	LC
<i>Hypsiboas bischoffi</i> (Boulenger, 1887)	LC	<i>Scinax crospedospilus</i> (Lutz, 1925)	LC
<i>Hypsiboas caingua</i> (Carrizo, 1991)	LC	<i>Scinax eurydice</i> (Bokermann, 1968)	LC
		<i>Scinax faivovichi</i> Brasileiro, Oyamaguchi & Haddad, 2007	CR

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Anfíbios do Estado de São Paulo

<i>Scinax flavoguttatus</i> (Lutz & Lutz, 1939)	LC	<i>Hylodes phyllodes</i> Heyer & Crocroft, 1986	LC
<i>Scinax fuscomarginatus</i> (Lutz, 1925)	LC	<i>Hylodes sazimai</i> Haddad & Pombal, 1995	LC
<i>Scinax fuscovarius</i> Lutz, 1925	LC	<i>Megaelosia bocainensis</i> Giaretta, Bokermann & Haddad, 1993	DD
<i>Scinax granulatus</i> (Peters, 1871)	LC	<i>Megaelosia boticariana</i> Giaretta & Aguiar, 1998	LC
<i>Scinax hayii</i> (Barbour, 1909)	LC	<i>Megaelosia goeldii</i> (Baumann, 1912)	LC
<i>Scinax hiemalis</i> (Haddad & Pombal, 1987)	LC	<i>Megaelosia jordanensis</i> (Heyer, 1983)	DD
<i>Scinax jureia</i> (Pombal & Gordo, 1991)	DD	<i>Megaelosia massarti</i> (De Witte, 1930)	NT
<i>Scinax littoralis</i> (Pombal & Gordo, 1991)	LC		
<i>Scinax nasicus</i> (Cope, 1862)	LC		
<i>Scinax obtriangulatus</i> (Lutz, 1973)	LC	<i>Eupemphix nattereri</i> Steindachner, 1863	LC
<i>Scinax peixotoi</i> Brasileiro, Haddad, Sawaya & Martins, 2007	VU	<i>Physalaemus aff. gracilis</i>	LC
<i>Scinax perereca</i> Pombal, Haddad & Kasahara, 1995	LC	<i>Physalaemus atlanticus</i> Haddad & Sazima, 2004	LC
<i>Scinax perpusillus</i> (Lutz & Lutz, 1939)	LC	<i>Physalaemus barrioi</i> Bokermann, 1967	NT
<i>Scinax rizibilis</i> (Bokermann, 1964)	LC	<i>Physalaemus bokermanni</i> Cardoso & Haddad, 1985	LC
<i>Scinax similis</i> (Cochran, 1952)	LC	<i>Physalaemus centralis</i> Bokermann, 1962	LC
<i>Scinax squalirostris</i> (Lutz, 1925)	LC	<i>Physalaemus cuvieri</i> Fitzinger, 1826	LC
<i>Scinax trapicheiroi</i> (A. Lutz & B. Lutz in Lutz, 1954)	LC	<i>Physalaemus jordanensis</i> Bokermann, 1967	NT
<i>Sphaenorhynchus caramaschii</i> Toledo, Garcia, Lingnau & Haddad, 2007	LC	<i>Physalaemus maculiventris</i> (Lutz, 1925)	LC
<i>Sphaenorhynchus surdus</i> (Cochran, 1953)	LC	<i>Physalaemus marmoratus</i> (Reinhardt & Lütken, 1862)	LC
<i>Trachycephalus imitatrix</i> (Miranda-Ribeiro, 1926)	DD	<i>Physalaemus moreirae</i> (Miranda-Ribeiro, 1937)	LC
<i>Trachycephalus lepidus</i> (Pombal, Haddad & Cruz, 2003)	DD	<i>Physalaemus olfersii</i> (Lichtenstein & Martens, 1856)	LC
<i>Trachycephalus mesophaeus</i> (Hensel, 1867)	LC	<i>Physalaemus signifer</i> (Girard, 1853)	DD
<i>Trachycephalus venulosus</i> (Laurenti, 1768)	LC	<i>Physalaemus spiniger</i> (Miranda-Ribeiro, 1926)	LC
		<i>Pseudopaludicola falcipes</i> (Hensel, 1867)	LC
		<i>Pseudopaludicola mystacalis</i> (Cope, 1887)	LC
		<i>Pseudopaludicola riopiedadensis</i> Mercadal de Barrio & Barrio, 1994	DD
		<i>Pseudopaludicola saltica</i> (Cope, 1887)	LC
Hylodidae			
<i>Crossodactylus caramaschii</i> Bastos & Pombal, 1995	LC	<i>Leptodactylidae</i>	
<i>Crossodactylus dispar</i> Lutz, 1925	EN	<i>Leptodactylus ajurauna</i> Berneck, Costa & Garcia, 2008	LC
<i>Crossodactylus gaudichaudii</i> Duméril & Bibron, 1841	DD	<i>Leptodactylus bokermanni</i> Heyer, 1973	LC
<i>Crossodactylus grandis</i> Lutz, 1951	DD	<i>Leptodactylus chaquensis</i> Cei, 1950	LC
<i>Hylodes aff. ornatus</i>	DD	<i>Leptodactylus flavopictus</i> Lutz, 1926	LC
<i>Hylodes asper</i> (Müller, 1924)	LC	<i>Leptodactylus furnarius</i> Sazima & Bokermann, 1978	LC
<i>Hylodes cardosoi</i> Lingnau, Canedo & Pombal, 2008	LC	<i>Leptodactylus fuscus</i> (Schneider, 1799)	LC
<i>Hylodes cf. lateristrigatus</i>	DD	<i>Leptodactylus jolyi</i> Sazima & Bokermann, 1978	LC
<i>Hylodes dactylocinus</i> Pavan, Narvaes & Rodrigues, 2001	NT	<i>Leptodactylus labyrinthicus</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Hylodes heyeri</i> Haddad, Pombal & Bastos, 1996	LC		
<i>Hylodes magalhaesi</i> (Bokermann, 1964)	VU		
<i>Hylodes mertensi</i> (Bokermann, 1956)	DD		

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Anfíbios do Estado de São Paulo

<i>Leptodactylus marmoratus</i> (Steindachner, 1867)	LC
<i>Leptodactylus mystaceus</i> (Spix, 1824)	LC
<i>Leptodactylus mystacinus</i> (Burmeister, 1861)	LC
<i>Leptodactylus nootaktaeus</i> Heyer, 1978	LC
<i>Leptodactylus ocellatus</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Leptodactylus podicipinus</i> (Cope, 1862)	LC
<i>Paratelmatobius cardosoi</i> Pombal & Haddad, 1999	LC
<i>Paratelmatobius gaigeae</i> (Cochran, 1938)	VU
<i>Paratelmatobius mantiqueira</i> Pombal & Haddad, 1999	DD
<i>Paratelmatobius poecilogaster</i> Giareta & Castanho, 1990	LC
Microhylidae	
<i>Arcovomer passarelli</i> Carvalho, 1954	DD
<i>Chiasmocleis albopunctata</i> (Boettger, 1885)	LC
<i>Chiasmocleis atlantica</i> Cruz, Caramaschi & Izecksohn, 1997	LC
<i>Chiasmocleis carvalhoi</i> Cruz, Caramaschi & Izecksohn, 1997	DD
<i>Chiasmocleis leucosticta</i> (Boulenger, 1888)	LC
<i>Chiasmocleis mantiqueira</i> Cruz, Feio & Cassini, 2007	DD
<i>Dermatonotus muelleri</i> (Boettger, 1885)	LC
<i>Elachistocleis ovalis</i> (Schneider, 1799)	LC
<i>Myersiella microps</i> (Duméril & Bibron, 1841)	LC
<i>Stereocyclops parkeri</i> (Wettstein, 1934)	EN

Ranidae	
<i>Lithobates catesbeianus</i> (Shaw, 1802)	X*
Strabomantidae	
<i>Barycholos ternetzi</i> (Miranda-Ribeiro, 1937)	DD
<i>Holoaden luederwaldti</i> Miranda-Ribeiro, 1920	DD
GYMNOPHIONA	
Caeciliidae	
<i>Luetkenotyphlus brasiliensis</i> (Lütken, 1851)	NE
<i>Microcaecilia supernumeraria</i> Taylor, 1969	NE
<i>Siphonops annulatus</i> (Mikan, 1820)	LC
<i>Siphonops hardyi</i> Boulenger, 1888	NE
<i>Siphonops insulanus</i> Ihering, 1911	NE
<i>Siphonops paulensis</i> Boettger, 1892	LC

A N E X O 9

Peixes de água doce do Estado de São Paulo

Osvaldo T. Oyakawa; Naércio A. Menezes;
Oscar A. Shibatta; Flávio C.T. Lima;
Francisco Langeani; Carla S. Pavanelli;
Dalton T.B. Nielsen; Alexandre W.S. Hilsdorf

Peixes de água doce do Estado de São Paulo

RAJIFORMES

Potamotrygonidae

<i>Potamotrygon falkneri</i> Castex & Maciel, 1963	X*
<i>Potamotrygon motoro</i> (Müller & Henle, 1841)	X*

CLUPEIFORMES

Clupeidae

<i>Platanichthys platana</i> (Regan, 1917)	X*
--	----

CYPRINIFORMES

Cyprinidae

<i>Aristichthys nobilis</i> (Richardson, 1845)	X*
<i>Ctenopharyngodon idella</i> (Valenciennes, 1844)	X*
<i>Cyprinus carpio</i> Linnaeus, 1758	X*

CHARACIFORMES

Acestrorhynchidae

<i>Acestrorhynchus lacustris</i> (Lütken, 1875)	LC
---	----

Anostomidae

<i>Leporellus vittatus</i> (Valenciennes, 1850)	LC
<i>Leporinus aguapeiensis</i> Amaral Campos, 1945	LC
<i>Leporinus amblyrhynchus</i> Garavello & Britski, 1987	LC
<i>Leporinus conirostris</i> Steindachner, 1875	LC
<i>Leporinus copelandii</i> Steindachner, 1875	LC
<i>Leporinus friderici</i> (Bloch, 1794)	LC
<i>Leporinus lacustris</i> Campos, 1945	LC
<i>Leporinus mormyrops</i> Steindachner, 1875	LC
<i>Leporinus obtusidens</i> (Valenciennes, 1836)	LC
<i>Leporinus octofasciatus</i> Steindachner, 1915	LC
<i>Leporinus paranensis</i> Garavello & Britski, 1987	LC
<i>Leporinus striatus</i> Kner, 1858	LC
<i>Leporinus thayeri</i> Borodin, 1929	CR
<i>Schizodon altoparanae</i> Garavello & Britski, 1990	LC

Schizodon intermedius Garavello & Britski, 1990

DD

Schizodon nasutus Kner, 1858

LC

Characidae

<i>Aphyocharax dentatus</i> Eigenmann & Kennedy, 1903	LC
<i>Aphyocheirodon hemigrammus</i> Eigenmann, 1915	LC
<i>Astyanax altiparanae</i> Garutt & Britski, 2000	LC
<i>Astyanax biotae</i> Castro & Vari, 2004	LC
<i>Astyanax bockmanni</i> Vari & Castro, 2007	LC
<i>Astyanax fasciatus</i> (Cuvier, 1819)	LC
<i>Astyanax intermedius</i> Eigemann, 1908	LC
<i>Astyanax janeiroensis</i> Eigenmann, 1908	LC
<i>Astyanax parahybae</i> Eigenmann, 1908	LC
<i>Astyanax paranae</i> Eigenmann, 1914	LC
<i>Astyanax ribeirae</i> Eigenmann, 1911	LC
<i>Astyanax schubarti</i> Britski, 1964	LC
<i>Astyanax taeniatus</i> (Jenyns, 1842)	LC
<i>Astyanax trierythropterus</i> Godoy, 1970	EN
<i>Brycon insignis</i> Steindachner, 1876	CR
<i>Brycon nattereri</i> Günther, 1864	CR
<i>Brycon opalinus</i> (Cuvier, 1817)	VU
<i>Brycon orbignyanus</i> (Valenciennes in Cuvier & Valenciennes, 1850)	CR
<i>Bryconamericus iheringii</i> (Boulenger, 1887)	LC
<i>Bryconamericus microcephalus</i> (Ribeiro, 1908)	LC
<i>Bryconamericus stramineus</i> Eigenmann, 1908	LC
<i>Bryconamericus turiuba</i> Langeani, Lucena, Pedrini & Tarelho-Pereira, 2005	LC
<i>Cheirodon stenodon</i> Eigenmann, 1915	LC
<i>Colosomma macropomum</i> (Cuvier, 1818)	LC
<i>Coptobrycon bilineatus</i> (Ellis, 1911)	EN
<i>Deuterodon iguape</i> Eigenmann, 1907	LC
<i>Galeocharax kneri</i> (Steindachner, 1879)	LC
<i>Glandulocauda melanogenys</i> Eigenmann, 1911	VU
<i>Hasemania hansenii</i> (Fowler, 1949)	LC
<i>Hemigrammus marginatus</i> Ellis, 1911	LC
<i>Hollandichthys multifasciatus</i> (Eigenmann & Norris, 1900)	LC
<i>Hyphessobrycon anisitsi</i> (Eigenmann, 1907)	LC
<i>Hyphessobrycon bifasciatus</i> Ellis, 1911	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Peixes de água doce do Estado de São Paulo

<i>Hypseobrycon duragenys</i> Ellis, 1911	EN	Crenuchidae	
<i>Hypseobrycon eques</i> (Steindachner, 1882)	LC	<i>Characidium alipioi</i> Travassos, 1955	LC
<i>Hypseobrycon flammeus</i> Myers, 1924	EN	<i>Characidium fasciatum</i> Reinhardt, 1866	LC
<i>Hypseobrycon griemi</i> Hoedeman, 1957	LC	<i>Characidium gomesi</i> Travassos, 1956	LC
<i>Hypseobrycon luetkenii</i> (Boulenger, 1887)	LC	<i>Characidium japuhybense</i> Travassos, 1949	LC
<i>Hypseobrycon reticulatus</i> Ellis, 1911	LC	<i>Characidium lanei</i> Travassos, 1967	LC
<i>Knodus moenkhausii</i> (Eigenmann & Kennedy, 1903)	LC	<i>Characidium lauroi</i> Travassos, 1949	LC
<i>Metinnys cf. maculatus</i> (Kner, 1858)		<i>Characidium oiticicai</i> Travassos, 1967	LC
<i>Mimagoniates lateralis</i> (Nichols, 1913)	EN	<i>Characidium pterostictum</i> Gomes, 1947	LC
<i>Mimagoniates microlepis</i> (Steindachner, 1876)	LC	<i>Characidium schubarti</i> Travassos, 1955	LC
<i>Moenkhausia intermedia</i> Eigenmann, 1908	LC	<i>Characidium zebra</i> Eigenmann, 1909	LC
<i>Moenkhausia sanctaefilomenae</i> (Steindachner, 1907)	LC		
<i>Myleus tiete</i> (Eigenmann & Norris, 1900)	EN	Curimatidae	
<i>Odontostilbe microcephalus</i> Eigenmann, 1907	DD	<i>Cyphocharax gilbert</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	LC
<i>Oligobrycon microstomus</i> Eigenmann, 1915	LC	<i>Cyphocharax modestus</i> (Fernández-Yépez, 1948)	LC
<i>Oligosarcus hepsetus</i> (Cuvier, 1817)	LC	<i>Cyphocharax nagelii</i> (Steindachner, 1881)	LC
<i>Oligosarcus paranensis</i> Menezes & Géry, 1983	LC	<i>Cyphocharax santacatarinae</i> (Fernandez-Yepez, 1948)	LC
<i>Oligosarcus pintoi</i> Campos, 1945	LC	<i>Cyphocharax vanderi</i> (Britski, 1980)	LC
<i>Piabina anhembi</i> Silva & Kaefer, 2003	LC	<i>Steindachnerina corumbae</i> Pavanelli & Britsi, 1999	LC
<i>Piabina argentea</i> Reinhardt, 1867	LC	<i>Steindachnerina insculpta</i> (Fernández-Yépez, 1948)	LC
<i>Piaractus mesopotamicus</i> (Holmberg, 1887)	CR		
<i>Planaltina britskii</i> Menezes, Weitzman & Burns, 2003	LC	Cynodontidae	
<i>Planaltina glandipedis</i> Menezes; Weitzman & Burns, 2003	LC	<i>Rhaphiodon vulpinus</i> Agassiz, 1829	LC
<i>Probolodus heterostomus</i> Eigenmann, 1911	LC		
<i>Pseudocorynopoma heterandria</i> Eigenmann, 1914	VU	Erythrinidae	
<i>Rachoviscus crassiseps</i> Myers, 1926	CR	<i>Erythrinus erythrinus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	LC
<i>Salminus brasiliensis</i> (Cuvier, 1816)	NT	<i>Hoplerithrinus unitaeniatus</i> (Agassiz, 1829)	LC
<i>Salminus hilarii</i> Valenciennes, 1850	NT	<i>Hoplias intermedius</i> Günther, 1864	LC
<i>Serrapinnus heterodon</i> (Eigenmann, 1915)	LC	<i>Hoplias lacerdae</i> Miranda-Ribeiro, 1908	VU
<i>Serrapinnus notomelas</i> (Eigenmann, 1915)	LC	<i>Hoplias malabaricus</i> (Bloch, 1794)	LC
<i>Serrasalmus maculatus</i> Kner, 1858	LC		
<i>Spintherobolus broccae</i> Myers, 1925	VU	Lebiasinidae	
<i>Spintherobolus leptoura</i> Weitzman & Malabarba, 1999	VU	<i>Pyrrhulina australis</i> Eigenmann & Kennedy, 1903	LC
<i>Spintherobolus papilliferus</i> Eigenmann, 1911	CR		
<i>Triplophysa nematurus</i> (Kner, 1858)	LC		

Peixes de água doce do Estado de São Paulo

Parodontidae

<i>Apareiodon affinis</i> (Steindachner, 1879)	LC
<i>Apareiodon ibitiensis</i> Amaral Campos, 1944	LC
<i>Apareiodon piracicabae</i> (Eigenmann, 1907)	LC
<i>Parodon moreirai</i> Ingenito & Buckup, 2005	LC
<i>Parodon nasus</i> Kner, 1859	LC

Prochilodontidae

<i>Prochilodus lineatus</i> (Valenciennes, 1836)	LC
<i>Prochilodus vimboides</i> Kner, 1859	VU

GYMNOTIFORMES

Apteronotidae

<i>Apteronotus brasiliensis</i> (Reinhardt, 1852)	DD
<i>Sternarchella curvioperculata</i> Godoy, 1968	VU
<i>Sternarchorhynchus britskii</i> Campos-da-Paz, 2000	VU
<i>Temebeassu marauna</i> Triques, 1988	EN

Gymnotidae

<i>Gymnotus carapo</i> Linnaeus, 1758	LC
<i>Gymnotus pantherinus</i> (Steindachner, 1908)	LC
<i>Gymnotus sylvius</i> Albert & Fernandes-Matioli, 1999	LC

Hypopomidae

<i>Brachyhypopomus jureiae</i> Triques & Khamis, 2003	VU
<i>Brachyhypopomus pinnicaudatus</i> (Hopkins, 1990)	LC

Rhamphichthyidae

<i>Rhamphichthys hahni</i> (Meinken, 1937)	LC
--	----

Sternopygidae

<i>Eigenmannia trilineata</i> López & Castello, 1966	LC
<i>Eigenmannia virescens</i> (Valenciennes, 1836)	LC
<i>Sternopygus macrurus</i> (Bloch & Schneider, 1801)	LC

SILURIFORMES

Aspredinidae

<i>Bunocephalus iheringii</i> Boulenger, 1891	DD
<i>Bunocephalus larai</i> Ihering, 1930	VU

Auchenipteridae

<i>Ageneiosus militaris</i> Valenciennes, 1836	LC
<i>Glanidium cesarpintoi</i> Ihering, 1928	DD
<i>Glanidium melanopterum</i> Miranda-Ribeiro, 1918	LC
<i>Parauchenipterus galeatus</i> (Linnaeus, 1766)	LC
<i>Tatia neivai</i> (Ihering, 1930)	LC
<i>Trachelyopterus coriaceus</i> Valenciennes, 1840	LC

Callichthyidae

<i>Aspidoras fuscoguttatus</i> Nijssen & Isbrücker, 1976	LC
<i>Callichthys callichthys</i> (Linnaeus, 1758)	LC
<i>Corydoras aeneus</i> (Gill, 1858)	LC
<i>Corydoras difluviatilis</i> Britto & Castro, 2002	LC
<i>Corydoras ehrhardti</i> Steindachner, 1910	LC
<i>Corydoras flaveolus</i> Ihering, 1911	LC
<i>Corydoras nattereri</i> Steindachner, 1877	LC
<i>Hoplosternum littorale</i> (Hancock, 1828)	
<i>Scleromystax barbatus</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	LC
<i>Scleromystax macropterus</i> Regan, 1913	VU
<i>Scleromystax prionotos</i> (Nijssen & Isbrücker, 1980)	VU

Cetopsidae

<i>Cetopsis gobiooides</i> Kner, 1857	DD
---------------------------------------	----

Clariidae

<i>Clarias gariepinus</i> (Burchell, 1822)	X*
--	----

Peixes de água doce do Estado de São Paulo

Doradidae

<i>Platydoras armatus</i> (Valenciennes, 1840)	X*
<i>Pterodoras granulosus</i> (Valenciennes, 1821)	X*
<i>Oxydoras eigenmanni</i> Boulenger, 1895	X*
<i>Rhinodoras dorbignyi</i> (Kner, 1855)	LC
<i>Trachydoras paraguayensis</i> (Eigenmann & Ward, 1907)	X*

Heptapteridae

<i>Acentronichthys leptos</i> Eigenmann & Eigenmann, 1889	LC
<i>Cetopsorhamdia iheringi</i> Schubart & Gomes, 1959	LC
<i>Chasmocranus brachynema</i> Gomes & Schubart, 1958	VU
<i>Chasmocranus lopezi</i> (Miranda-Ribeiro, 1968)	LC
<i>Heptapterus multiradiatus</i> Ihering, 1907	CR
<i>Imparfinis borodini</i> Mees & Cala, 1989	LC
<i>Imparfinis minutus</i> (Lütken, 1874)	LC
<i>Imparfinis mirini</i> Haseman, 1911	LC
<i>Imparfinis piperatus</i> Eigenmann & Norris, 1900	LC
<i>Imparfinis schubarti</i> (Gomes, 1956)	LC
<i>Phenacorhamdia tenebrosa</i> (Schubart, 1964)	LC
<i>Pimelodella avanhandavae</i> Eigenmann, 1917	LC
<i>Pimelodella boschmai</i> Van der Stigchel, 1964	LC
<i>Pimelodella gracilis</i> (Valenciennes, 1835)	LC
<i>Pimelodella kronei</i> (Ribeiro, 1907)	EN
<i>Pimelodella lateristriga</i> (Lichtenstein, 1823)	LC
<i>Pimelodella meeki</i> Eigenmann, 1910	DD
<i>Pimelodella rudolphi</i> Miranda-Ribeiro, 1918	LC
<i>Pimelodella transitoria</i> (Miranda-Ribeiro, 1907)	LC
<i>Rhamdella longipinnis</i> Borodin, 1927	LC
<i>Rhamdia quelen</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	LC
<i>Rhamdioglanis frenatus</i> Ihering, 1907	LC
<i>Rhamdioglanis trans fasciatus</i> Miranda-Ribeiro, 1908	LC
<i>Rhamdiopsis microcephala</i> (Lütken, 1874)	NT
<i>Rhamdiopsis moreirai</i> Haseman, 1911	LC
<i>Taunaya bifasciata</i> (Eigenmann & Norris, 1900)	VU

Ictaluridae

<i>Ictalurus punctatus</i> (Rafinesque, 1818)	X*
---	----

Loricariidae

<i>Ancistrus cirrhosus</i> (Valenciennes, 1836)	LC
<i>Ancistrus multispinis</i> (Regan, 1912)	LC
<i>Corumbataia cuestae</i> Britski, 1997	VU
<i>Harttia carvalhoi</i> Miranda-Ribeiro, 1939	LC
<i>Harttia gracilis</i> Oyakawa, 1993	VU
<i>Harttia kronei</i> Miranda-Ribeiro, 1908	LC
<i>Harttia loricariformis</i> Steindachner, 1877	VU
<i>Hemipsilichthys gobio</i> (Lütken, 1874)	VU
<i>Hisonotus depressicauda</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)	LC
<i>Hisonotus depressinotus</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)	LC
<i>Hisonotus francirochai</i> (Ihering, 1928)	LC
<i>Hisonotus insperatus</i> Britski & Garavello, 2003	LC
<i>Hisonotus leucofrenatus</i> (Miranda-Ribeiro, 1908)	LC
<i>Hisonotus notatus</i> Eigenmann & Eigenmann, 1889	LC
<i>Hisonotus paulinus</i> (Regan, 1908)	LC
<i>Hypostomus affinis</i> (Steindachner, 1877)	LC
<i>Hypostomus agna</i> (Miranda-Ribeiro, 1907)	LC
<i>Hypostomus albopunctatus</i> (Regan, 1908)	LC
<i>Hypostomus ancistroides</i> (Ihering, 1911)	LC
<i>Hypostomus brevis</i> (Nichols, 1919)	LC
<i>Hypostomus hermanni</i> (Ihering, 1905)	LC
<i>Hypostomus iheringii</i> (Regan, 1908)	LC
<i>Hypostomus interruptus</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)	LC
<i>Hypostomus lexi</i> (Ihering, 1911)	LC
<i>Hypostomus margaritifer</i> (Regan, 1908)	LC
<i>Hypostomus meleagris</i> (Marini, Nichols & La Monte, 1933)	LC
<i>Hypostomus microstomus</i> Weber, 1987	LC
<i>Hypostomus multidens</i> Jerep, Shibatta & Zawadzki, 2007	LC
<i>Hypostomus nigromaculatus</i> (Schubart, 1964)	LC
<i>Hypostomus paulinus</i> (Ihering, 1905)	LC
<i>Hypostomus regani</i> (Ihering, 1905)	LC
<i>Hypostomus scaphiceps</i> (Nichols, 1919)	LC
<i>Hypostomus strigaticeps</i> (Regan, 1908)	LC
<i>Hypostomus tapijara</i> Oyakawa, Akama & Zanata, 2005	LC
<i>Hypostomus ternetzi</i> (Boulenger, 1895)	LC
<i>Hypostomus tietensis</i> (Ihering, 1905)	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Peixes de água doce do Estado de São Paulo

<i>Hypostomus topavae</i> (Godoy, 1969)	LC	<i>Schizolecis guntheri</i> (Ribeiro, 1918)	LC
<i>Hypostomus variipictus</i> (Ihering, 1911)	LC		
<i>Isbrueckerichthys alipionis</i> (Gosline, 1947)	LC		
<i>Isbrueckerichthys duseni</i> (Miranda-Ribeiro, 1907)	VU		
<i>Isbrueckerichthys epakmos</i> Pereira & Oyakawa, 2003	VU		
<i>Ituglanis parahybae</i> (Eigenmann, 1918)	LC		
<i>Ituglanis proops</i> (Miranda-Ribeiro, 1908)	LC		
<i>Kronichthys heylandi</i> (Boulenger, 1900)	LC		
<i>Kronichthys lacerta</i> (Nichols, 1919)	LC		
<i>Kronichthys subteres</i> Miranda-Ribeiro, 1908	LC		
<i>Lampiella gibbosa</i> (Miranda Ribeiro, 1908)	NT		
<i>Loricaria piracabae</i> Ihering, 1907	LC		
<i>Loricariichthys castaneus</i> (Castelnau, 1855)	LC		
<i>Megalancistrus parananus</i> (Peters, 1881)	LC		
<i>Neoplecostomus microps</i> (Steindachner, 1877)	LC		
<i>Neoplecostomus paranensis</i> Langeani, 1990	VU		
<i>Neoplecostomus ribeirensis</i> Langeani, 1990	LC		
<i>Neoplecostomus selenae</i> Zawadzki, Pavanelli & Langeani, 2008	VU		
<i>Otocinclus affinis</i> Steindachner, 1877	LC		
<i>Otothyris juquiae</i> Garavello, Britski & Schaefer, 1998	VU		
<i>Otothyropsis marapoama</i> Ribeiro; Carvalho & Melo, 2005	NT		
<i>Pareiorhina brachyrhyncha</i> Chamon, Aranda & Buckup, 2005	VU		
<i>Pareiorhina rudolphi</i> (Miranda-Ribeiro, 1911)	VU		
<i>Parotocinclus maculicauda</i> (Steindachner, 1877)	LC		
<i>Proloricaria lentiginosa</i> (Isbrücker, 1979)	LC		
<i>Proloricaria prolixa</i> (Isbrücker & Nijssen, 1978)	LC		
<i>Pseudotocinclus juquiae</i> Takako, Oliveira & Oyakawa, 2005	EN		
<i>Pseudotocinclus parahybae</i> Takako, Oliveira & Oyakawa, 2005	CR		
<i>Pseudotocinclus tietensis</i> (Ihering, 1907)	VU		
<i>Pseudotothyris obtusa</i> (Ribeiro, 1911)	LC		
<i>Pterygoplichthys ambrosetti</i> (Holmberg, 1893)	LC		
<i>Rhinelepis aspera</i> Spix & Agassiz, 1829	LC		
<i>Rineloricaria kronei</i> (Miranda-Ribeiro, 1911)	LC		
<i>Rineloricaria latirostris</i> (Boulenger, 1900)	LC		
<i>Rineloricaria lima</i> (Kner, 1853)	LC		
<i>Rineloricaria nigricauda</i> (Regan, 1904)	LC		
<i>Rineloricaria pentamaculata</i> Langeani & Araújo, 1994	NT		
Pimelodidae			
		<i>Hemisorubim platyrhynchos</i> (Valenciennes, 1840)	VU
		<i>Hypophthalmus edentatus</i> Spix & Agassiz, 1829	X*
		<i>Iheringichthys labrosus</i> (Lütken, 1874)	LC
		<i>Megalonema platanum</i> (Günther, 1880)	DD
		<i>Pimelodus fur</i> (Lütken, 1874)	LC
		<i>Pimelodus heraldoi</i> Azpelicueta, 2001	LC
		<i>Pimelodus maculatus</i> La Cepède, 1803	LC
		<i>Pimelodus paranaensis</i> Britski & Langeani, 1988	VU
		<i>Pimelodus platicirris</i> Borodin, 1927	LC
		<i>Pinirampus pirinampu</i> (Spix & Agassiz, 1829)	LC
		<i>Pseudoplatystoma corruscans</i> (Spix & Agassiz, 1829)	VU
		<i>Pseudoplatystoma fasciatum</i> (Linnaeus, 1766)	LC
		<i>Steindachneridion parahybae</i> (Steindachner, 1877)	RE
		<i>Steindachneridion punctatum</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)	CR
		<i>Steindachneridion scriptum</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)	EN
		<i>Zungaro jahu</i> (Ihering, 1898)	EN
Pseudopimelodidae			
		<i>Microglanis cottooides</i> (Boulenger, 1891)	LC
		<i>Microglanis garavelloi</i> Shibatta & Benine, 2005	LC
		<i>Microglanis parahybae</i> (Steindachner, 1880)	LC
		<i>Pseudopimelodus aff. pulcher</i> (Boulenger, 1887)	LC
		<i>Pseudopimelodus mangurus</i> (Valenciennes, 1835)	VU
Trichomycteridae			
		<i>Homodiaetus graciosa</i> Koch, 2002	VU
		<i>Listrura camposi</i> (Miranda-Ribeiro, 1957)	EN
		<i>Listrura nematoperyx</i> de Pinna, 1988	LC
		<i>Listrura picinguabae</i> Villa-Verde & Costa, 2006	CR
		<i>Microcambeva ribeirae</i> Costa, Lima & Bizerril, 2004	NT
		<i>Parastegophilus paulensis</i> (Miranda-Ribeiro, 1918)	DD
		<i>Paravandellia oxyptera</i> Miranda-Ribeiro, 1912	LC
		<i>Trichogenys longipinnis</i> Britski & Ortega, 1983	EN
		<i>Trichomycterus alternatus</i> (Eigenmann, 1917)	LC

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Peixes de água doce do Estado de São Paulo

<i>Trichomycterus davisii</i> (Haseman, 1911)	LC	<i>Kryptolebias caudomarginatus</i> (Seegers, 1984)	DD
<i>Trichomycterus diabolus</i> Bockmann, Casatti & de Pinna, 2004	DD	<i>Leptolebias aureoguttatus</i> Cruz, 1974	VU
<i>Trichomycterus iheringi</i> (Eigenmann, 1917)	LC	<i>Leptolebias itanhaensis</i> Costa, 2008	CR
<i>Trichomycterus immaculatus</i> (Eigenmann & Eigenmann, 1889)	LC	<i>Rivulus apiamici</i> Costa, 1989	LC
<i>Trichomycterus jacupiranga</i> Wosiacki & Oyakawa, 2005	DD	<i>Rivulus santensis</i> Köhler, 1906	LC
<i>Trichomycterus mimonha</i> Costa, 1992	DD		
<i>Trichomycterus paolense</i> (Eigenmann, 1917)	EN		
<i>Trichomycterus triguttatus</i> (Eigenmann, 1918)	DD		
<i>Trichomycterus tupinamba</i> Wosiacki & Oyakawa, 2005	DD		
<i>Trichomycterus zonatus</i> (Eigenmann, 1918)	LC		

ATHERINIFORMES

Atherinopsidae

<i>Odonthestes bonariensis</i> (Valenciennes, 1835)	X*
---	----

CYPRINODONTIFORMES

Poeciliidae

<i>Cnesterodon iguape</i> Lucinda, 2005	EN
<i>Pamphorichthys hollandi</i> (Henn, 1916)	LC
<i>Phalloceros harpagos</i> Lucinda, 2008	LC
<i>Phalloceros lucenorum</i> Lucinda, 2008	LC
<i>Phalloceros reisi</i> Lucinda, 2008	LC
<i>Phalloceros tupinamba</i> Lucinda, 2008	LC
<i>Phalloptychus januarius</i> (Hensel, 1868)	LC
<i>Phallotorynus fasciolatus</i> Henn, 1916	CR
<i>Phallotorynus jucundus</i> Ihering, 1930	EN
<i>Poecilia reticulata</i> Peters, 1859	X*
<i>Poecilia vivipara</i> Bloch & Schneider, 1801	X*
<i>Xiphophorus helleri</i> Heckel, 1848	X*
<i>Xiphophorus maculatus</i> (Günther, 1866)	X*

Rivulidae

<i>Campellolebias dorsimaculatus</i> Costa, Lacerda & Brasil, 1989	CR
<i>Campellolebias intermedius</i> Costa & De Luca, 2006	CR
<i>Kryptolebias ocellatus</i> (Hensel, 1868)	DD

SYNBRANCHIFORMES

Synbranchidae

<i>Synbranchus marmoratus</i> Bloch, 1795	LC
---	----

PERCIFORMES

Centrarchidae

<i>Micropterus salmoides</i> (La Cepède, 1802)	X*
--	----

Cichlidae

<i>Australoheros facetus</i> (Jenyns, 1842)	LC
<i>Australoheros ribeirae</i> Ottoni, Oyakawa & Costa, 2008	LC
<i>Cichla kelberi</i> Kullander & Ferreira, 2006	X*
<i>Cichla piquiti</i> Kullander & Ferreira, 2006	X*
<i>Cichlasoma paranaense</i> Kullander, 1983	LC
<i>Crenicichla britskii</i> Kullander, 1982	LC
<i>Crenicichla haroldoi</i> Luengo & Britski, 1974	LC
<i>Crenicichla iguapina</i> Kullander & Lucena, 2006	LC
<i>Crenicichla jaguarensis</i> Haseman, 1911	LC
<i>Crenicichla jupiaensis</i> Britski & Luengo, 1968	CR
<i>Crenicichla lacustris</i> (Castelnau, 1855)	DD
<i>Geophagus brasiliensis</i> (Quoy & Gaimard, 1824)	LC
<i>Geophagus iporangensis</i> Haseman, 1911	LC
<i>Geophagus proximus</i> (Castelnau, 1855)	X*
<i>Oreochromis niloticus</i> (Linnaeus, 1758)	X*
<i>Satanoperca pappaterra</i> (Heckel, 1840)	X*
<i>Tilapia rendalli</i> (Boulenger, 1897)	X*

CR = Criticamente em Perigo | EN = Em Perigo | VU = Vulnerável | NT = Quase Ameaçada | RE = Regionalmente Extinta | LC = De Menor Risco | DD = Dados Deficientes | NE = Não avaliada | X* = espécie exótica introduzida no Estado de São Paulo

Peixes de água doce do Estado de São Paulo

Blenniidae

<i>Lupinoblennius paivai</i> (Pinto, 1958)	LC
--	----

Eleotridae

<i>Dormitator maculatus</i> (Bloch, 1792)	LC
<i>Eleotris pisonis</i> (Gmelin, 1789)	LC
<i>Guavina guavina</i> (Valenciennes, 1837)	LC

Gobiidae

<i>Awaous tajasica</i> (Lichtenstein, 1822)	LC
<i>Ctenogobius shufeldti</i> (Jordan & Eigenmann, 1887)	LC

Sciaenidae

<i>Plagioscion squamosissimus</i> (Heckel, 1840)	X*
--	----

PLEURONECTIFORMES

Achiridae

<i>Catathyridium jenynsii</i> (Günther, 1862)	X*
---	----

Este livro foi impresso em papel fabricado com madeira de reflorestamento certificado
com o selo do FSC (Conselho de Manejo Florestal) e de outras fontes controladas.
A certificação segue padrões internacionais de controles ambientais e sociais.





ZOOLÓGICO DE SÃO PAULO

SECRETARIA DO
MEIO AMBIENTE

